

Castigar a rir.

O humor na imprensa periódica em Portugal (1797-1835)

João Pedro Rosa Ferreira

**Tese de Doutoramento em História e Teoria das Ideias,
especialidade Pensamento, Cultura e Política**

Vol. II - ANEXOS

Janeiro 2018

Índice do Volume II

I. ALMOCREVE DE PETAS (<i>excertos</i>).....	1
TOMO I.....	2
PROLOGO.....	2
PARTE I.....	3
PARTE II.....	4
PARTE III.....	5
PARTE IV.....	5
PARTE V.....	5
PARTE VIII.....	7
PARTE XI.....	7
PARTE XIII.....	8
PARTE XIV.....	9
PARTE XVI.....	9
PARTE XVIII.....	12
PARTE XX.....	13
PARTE XXVII.....	13
PARTE XXVIII.....	14
PARTE XXX.....	15
PARTE XXXI.....	16
PARTE XXXV.....	17
PARTE XXXVII.....	17
PARTE XL.....	20
TOMO II.....	20
PARTE XLVII.....	21
PARTE XLVIII.....	22
PARTE LV.....	23
PARTE LVI.....	25
PARTE LVII.....	25
PARTE LVIII.....	26
PARTE LIX.....	28
PARTE LX.....	28
PARTE LXI.....	31

PARTE LXIII.....	32
PARTE LXIV.....	33
PARTE LXV.....	35
PARTE LXVI.....	36
PARTE LXVII.....	39
PARTE LXX.....	42
PARTE LXXI.....	43
PARTE LXXIV.....	45
PARTE LXXV.....	46
PARTE LXXVIII.....	47
PARTE LXXIX.....	50
PARTE LXXX.....	51
PARTE LXXXI.....	53
PARTE LXXXII.....	54
PARTE LXXXIII.....	56
PARTE LXXXIV.....	57
PARTE LXXXV.....	61
PARTE LXXXVII.....	64
PARTE LXXXIX.....	65
TOMO III.....	67
PARTE XC.....	67
PARTE XCI.....	68
PARTE XCIV.....	69
PARTE XCVII.....	72
PARTE XCVIII.....	73
PARTE XCIX.....	74
PARTE C.....	75
PARTE CI.....	75
PARTE CII.....	77
PARTE CIII.....	78
PARTE CIV.....	80
PARTE CVI.....	80
PARTE CVII.....	82
PARTE CVIII.....	82
PARTE CX.....	83
PARTE CXI.....	85

PARTE CXII.....	86
PARTE CXIII.....	88
PARTE CXIV.	89
PARTE CXV.....	90
PARTE CXVI.	91
PARTE CXVII.	92
PARTE CXVIII.....	93
PARTE CXIX.	93
PARTE CXXI.	93
PARTE CXXIII.....	94
PARTE CXXV.....	96
PARTE CXXVI.....	97
PARTE CXXVII.	97
PARTE CXIX.	97
PARTE CXXX.....	98
PARTE CXXXI.....	99
PARTE CXXXII.	99
PARTE CXXXIII.....	101
PARTE CXXXIV.....	103
PARTE CXXXV.....	104
PARTE CXXXVII.	105
PARTE CXXXIX.....	107
PARTE CXL.	108
2. <i>COMBOY DE MENTIRAS (excertos)</i>	110
COMBOY 1	111
2	113
3	114
4	115
5	117
6	120
7	120
8	121
9	124
10	125
11	127
12	130

13	132
14	133
15	134
16	136
17	138
18	139
19	142
20	143
21	144
*22 *	146
23	147
24	149
3. <i>O ESPREITADOR DO MUNDO NOVO (excertos)</i>	152
FOLHETO = 1. JANEIRO	153
O ESPREITADOR NA PRAÇA	154
FOLHETO = 2. FEVEREIRO	157
O ESPREITADOR NOS CAFÉS	157
FOLHETO = 3. MARÇO	160
O ESPREITADOR NAS FEIRAS	160
FOLHETO = 4. ABRIL	161
O ESPREITADOR NAS CASAS	161
FOLHETO = 5. MAIO	164
O ESPREITADOR NAS CADEIAS	164
FOLHETO = 6. JUNHO	166
O ESPREITADOR NA IGREJA	166
FOLHETO = 7. JULHO	169
O ESPREITADOR NOS PASSEIOS	169
FOLHETO = 8. AGOSTO	173
O ESPREITADOR NA ROMARIA	173
FOLHETO = 9. SETEMBRO	175
O ESPREITADOR NOS TOUROS	175
FOLHETO = 10. OUTUBRO	176
O ESPECTADOR NAS ASSEMBLÉAS	176
FOLHETO = 11. NOVEMBRO	179
O ESPREITADOR NA ÓPERA	179
FOLHETO = 12. DEZEMBRO	182

O ESPREITADOR EM GERAL.....	182
4. <i>BARCO DA CARREIRA DOS TOLOS (excertos)</i>	186
FOLHETO = I. JANEIRO.	187
CARREIRA DOS TOLOS MODISTAS	188
FOLHETO = II. FEVEREIRO.....	190
CARREIRA DOS TOLOS NAMORADOS.....	190
FOLHETO III. = MARÇO.....	192
CARREIRA DOS TOLOS MAL CASADOS.	192
FOLHETO = IV. ABRIL.....	194
CARREIRA DOS TOLOS MAL CREADOS.	194
FOLHETO = V. MAIO.....	195
CARREIRA DOS TOLOS VELHACOS ENCOBERTOS.	195
FOLHETO = VI. JUNHO.....	197
CARREIRA DOS TOLOS BEBEDOS.....	197
FOLHETO = VII. JULHO.....	199
CARREIRA DOS TOLOS SOBERBOS.	199
FOLHETO = VIII. AGOSTO.....	201
CARREIRA DOS TOLOS PRESUMIDOS.....	201
FOLHETO = IX. SETEMBRO.....	202
CARREIRA DOS TOLOS QUEIXOSOS DA FORTUNA.....	202
FOLHETO = X. OITUBRO.....	203
CARREIRA DOS TOLOS CREDULOS.....	203
FOLHETO = XI. NOVEMBRO.....	205
CARREIRA DOS TOLOS, QUE EM TUDO SE METTEM.....	205
FOLHETO = XII. DEZEMBRO.....	207
CARREIRA DAS CABEÇAS VÃS EM GERAL.....	207
5. <i>HOSPITAL DO MUNDO (excertos)</i>	209
FOLHETO I = JANEIRO.....	210
FOLHETO VI = JUNHO.....	212
FOLHETO VII. = JULHO.....	214
FOLHETO IX. = SETEMBRO.....	215
FOLHETO XII. = DEZEMBRO.....	215
6. <i>CAMARA OPTICA (excertos)</i>	217
FOLHETO I.....	218
FOLHETO II.....	224
FOLHETO III.....	229

FOLHETO IV.	232
FOLHETO V.....	233
FOLHETO VI.	234
FOLHETO VII.	236
FOLHETO VIII.....	239
FOLHETO IX.	243
FOLHETO X.....	245
FOLHETO XI.	246
FOLHETO XII.	248
7. <i>O PIOLHO VIAJANTE (excertos)</i>	252
TOMO I.....	253
PROLOGO	253
INTRODUÇÃO.....	253
I	254
CARAPUÇA IV	255
CARAPUÇA V	256
CARAPUÇA VI.....	257
CARAPUÇA VII.....	257
CARAPUÇA VIII	257
CARAPUÇA IX.....	259
CARAPUÇA X	259
CARAPUÇA XI.....	260
CARAPUÇA XII.....	261
CARAPUÇA XIII	261
CARAPUÇA XIV	262
CARAPUÇA XV	262
CARAPUÇA XVI.....	263
CARAPUÇA XVII.....	264
CARAPUÇA XVIII	265
CARAPUÇA XIX.....	266
CARAPUÇA XX	266
CARAPUÇA XXI.....	267
CARAPUÇA XXII.....	268
TOMO II	268
PROLOGO	268
CARAPUÇA XXIII	272

CARAPUÇA XXIV	273
CARAPUÇA XXV	274
CARAPUÇA XXVI.....	275
CARAPUÇA XXVII.....	276
CARAPUÇA XXVIII	276
CARAPUÇA XXIX	277
CARAPUÇA XXX	278
CARAPUÇA XXXI	279
CARAPUÇA XXXII.....	280
CARAPUÇA XXXIII	282
CARAPUÇA XXXIV	283
CARAPUÇA XXXV.....	285
CARAPUÇA XXXVI	286
CARAPUÇA XXXVII.....	286
CARAPUÇA XXXVIII.....	287
TOMO III.....	288
PROLOGO	288
CARAPUÇA XXXIX	291
CARAPUÇA XL.....	292
CARAPUÇA XLI	293
CARAPUÇA XLII	294
CARAPUÇA XLIII.....	295
CARAPUÇA XLIV.....	297
CARAPUÇA XLV	298
CARAPUÇA XLVI.....	299
CARAPUÇA XLVII	301
CARAPUÇA XLVIII.....	303
CARAPUÇA XLIX.....	304
CARAPUÇA L.....	306
CARAPUÇA LI	307
CARAPUÇA LII.....	309
TOMO IV.....	310
PROLOGO	310
CARAPUÇA LII	312
CARAPUÇA LIII.....	313
CARAPUÇA LIV	313

CARAPUÇA LV	314
CARAPUÇA LVI	315
CARAPUÇA LVII	315
CARAPUÇA LVIII	316
CARAPUÇA LIX	317
CARAPUÇA LX	317
CARAPUÇA LXI	319
CARAPUÇA LXII	320
CARAPUÇA LXIII	321
CARAPUÇA LXIV	322
CARAPUÇA LXV	324
CARAPUÇA LXVI	327
CARAPUÇA LXVII	328
CARAPUÇA LXVIII	328
CARAPUÇA LXIX	329
CARAPUÇA LXX	330
CARAPUÇA LXXI	331
CARAPUÇA LXXII	332
8. <i>A TRIPA VIRADA (excertos)</i>	335
N.º 1	335
N.º 2	339
S. Miguel, e os Diabos.	339
N.º 3	343
Alimpem a mão á parede	343
9. <i>TRIPA POR HUMA VEZ (excertos)</i>	348
10. <i>A BESTA ESFOLADA (excertos)</i>	369
N.º 1	369
N.º 2.º	374
AS MANHAS DA BESTA.	374
N.º 3	382
N.º 4	386
N.º 5	391
— COUCES — 1.º Couce	391
N.º 6	394
Couce 2º.	394
N.º 7	396

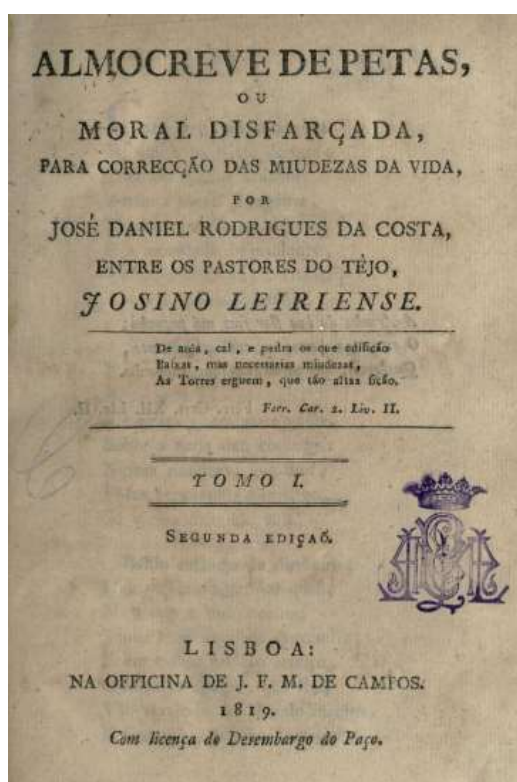
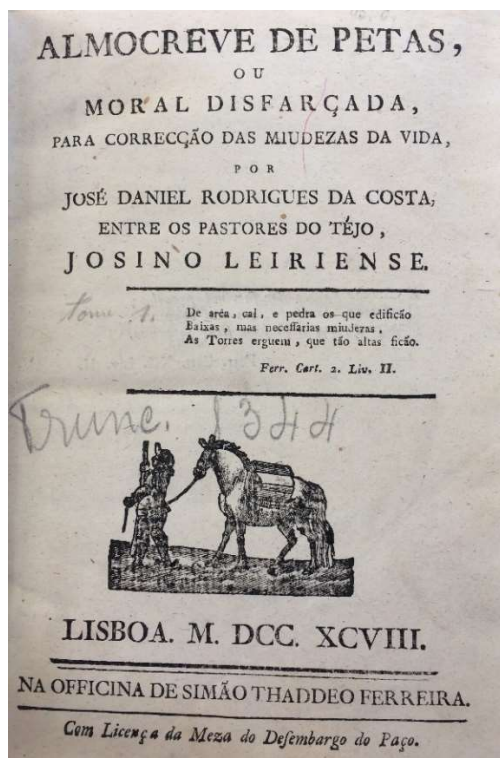
Couce 3.º	396
N.º 8.	397
A PATADA.....	397
N.º 9.	400
COUCE DUPLEX.....	400
N.º 10.	403
COUCE GERAL.	403
N.º 11.....	406
ESPOJOU-SE!!	406
N.º 12.	411
ESPOJOU-SE DE LOMBO.	411
N.º 13.....	416
DENTADA.	416
N.º 14.....	418
DENTADA.	418
N.º 15.....	421
AINDA MORDE.....	421
N.º 16.....	427
RINCHA!	427
N.º 17.....	428
PEGOU-SE.	428
N.º 18.	431
Os dous focinhos da Besta.	431
N.º 19.	433
Dêo-lhe a Mosca.....	433
N.º 20.	436
Não despega a Mosca.	436
N.º 21.	437
Passeio militar da Besta.....	437
N.º 22.	441
A Besta em serviço.....	441
N.º 23.	445
A Besta ao Verde.....	445
N.º 24.	448
A Besta com duas bocas, boca grande, e boca pequena.	448
N.º 25.	451

A Besta com môrmo, e arestins.....	451
N.º 26.	455
As Mataduras.	455
(Numero inedito, que seu Auctor não chegou a concluir.).....	458
PARIO A BESTA.	458
11. O DESENGANO (<i>excertos</i>).....	463
Nº 1.....	464
INTRODUCCÃO.....	464
N.º 2.....	466
Que cousa he Revolução?	466
N.º 3.....	467
Pretextos das Revoluções.	467
N.º 4.....	467
Os Revolucionarios mentem sempre.....	467
N.º 5.....	468
Consequencias da Revolução.	468
N.º 6.....	470
Doutrinas da Revolução.	470
N.º 7.....	472
Qual he o fim da Revolução.....	472
N.º 8.....	474
Salvo conducto das Revoluções.	474
N.º 9.....	475
Pés de lã da Revolução.....	475
N.º 10.....	476
Insolencia da Revolução.....	476
N.º 11.....	481
A Escada voltada na revolução.	481
N.º 12.....	484
A Casa dos Orates na Revolução.	484
N.º 13.....	487
Os Cães ladradores, e os Cães derramados na Revolução.....	487
N.º 14.....	490
O Frasquinho de Balsamo, ou os Charlatães da Revolução.....	490
N.º 15.....	493
Ensaio filosofico sobre as Malhas.	493

N.º 16.....	497
Confusão de sentimentos politicos, ou, o que querem os homens?.....	497
N.º 17.....	499
Quem são os Architectores das Revoluções? Os Ladrões.....	499
APENDIX AO DESENGANO.	500
N.º 18.....	502
Teima invencivel.	502
N.º 19.....	503
A desgraça universal.	503
N.º 20.....	505
O Maçonismo com outra cara.	505
N.º 21.....	507
Continuação do Maçonismo com outra cara.	507
N.º 22.....	510
Continuação do Maçonismo com outra cara.	510
N.º 23.....	513
Que cousa he hum Malhado?	513
N.º 24.....	517
A força unida obra prodigios.....	517
N.º 25.....	520
Não foi desta, nem vai d’outra.	520
N.º 26.....	524
Origem do Mal.	524
N.º 27.....	526
A cegueira pertinaz.....	526
ULTIMO DESENGANO,.....	528
Dedicado aos verdadeiros Amigos da Legitimidade, e da Realeza.....	528
12. <i>CHEGOU O PAPÃO (excertos)</i>	529
13. <i>CHEGOU O PAPÃO OU ADVERTENCIA Á ADVERTENCIA POLITICA DE 13 DE DEZEMBRO ULTIMO (excertos)</i>	532
§ 1.....	533
§ 2.....	533
§ 3.....	535
§ 5.....	535
§ 6.....	536
§ 7.....	536

[2ª PARTE]	539
§. 6.....	540
§ 8.....	540
§ 9.....	541
§ 10.....	541
§ 11.....	542
§ 12.....	542
14. <i>O QUINQUILHEIRO (excertos)</i>	543
N.º 1.....	543
N.º 2.....	545
N.º 3.....	546
N.º 4.....	548
N.º 5.....	549
N.º 6.....	550

1. *ALMOCREVE DE PETAS* (excertos)¹



¹ A primeira edição foi publicada em dois tomos, com as partes numeradas de I a LXXXVIII do 1º tomo e I a LII do segundo tomo. A segunda edição foi publicada em três tomos, com as partes numeradas de I a CXL. Os excertos publicados são da 2ª edição, salvo indicação em contrário. Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

ALMOCREVE DE PETAS,
OU
MORAL DISFARÇADA,
PARA CORRECÇÃO DAS MIUDEZAS DA VIDA,
POR
JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA,
ENTRE OS PASTORES DO TEJO,
JOSINO LEIRIENSE.

SEGUNDA EDIÇÃO.
LISBOA:
NA OFFICINA DE J. F. M. DE CAMPOS.
1819.
Com licença do Desembargo do Paço.

No verso da folha de rosto, a epígrafe:
A Aranha da boa flor faz má peçonha;/ O estômago damnado, em mal converte,/
Qualquer, que nelle bom licor supponha.
Ferr. Cart. XII. Liv. II.

TOMO I.

PROLOGO.

Como a pirula amargosa/ Se doura ao triste doente,/ Para ser menos tediosa;/
Assim á moral pungente,/ Doura huma frase jocosa:/ E a mocidade imprudente,/ Vendo-
a dourada, e vistosa,/ A toma insensivelmente.//

Guindados Heróes não sigo,/ Nigromantico não sou,/ Altos voos não porsigo;/
Ás vezes quem mais voou,/ Sobre as terras deo comsigo:/ Nestas noticias, que dou,/
Fôfas expressões não digo,/ Só vícios cortando vou.//

Baldo estando de dinheiro,/ Hum officio aprender quis,/ Metti-me a
carapuceiro;/ Tinha hum anno de Aprendiz,/ E em talhar fui tão arteiro,/ Que as
carapuças, que fiz,/ Vão servindo ao Mundo inteiro,/ E ficão,... que he hum beliz.



PARTE I.

Leitor applicado, e curioso, o Homem occupado dos negocios mais sérios se encontra na rua o Urso bailando; não se dispensa de lhe botar os olhos, se he que não pára, dando o seu sorriso: o Homem cheio de afflicções, que vê no Rocio o Pobre tocando viola com os pés, demora-se, gosta, e ás vezes larga os seus cobres; finalmente a Camara-Optica, a Alenterna Magica, tudo isto attrahe o Homem mais sisudo; pois assim como a vista necessita da variedade das cores, e dos differentes objectos, igualmente o Espirito precisa variar de ponderações, e de assumptos, que o molestem; isto mesmo nos dá a entender o sabio Esopo no célebre conto, que traduzido se segue: razão porque me disponho a dar-vos a presente Obra para desafogo das horas vagas, em que ambos teremos o nosso recreio, eu em compôr, e vós em comprar (I, p. 1).

PROTESTAÇÃO DO AUTHOR.

Assegura, e protesta o Escriitor desta Obra, que não he sua intenção remoquear, ou alludir a pessoa alguma em particular com as palavras, e narrações ficticias, e jocosas, de que nella se serve, pois só procura facilitar por este modo a recreação do espirito, e ainda a lição de muitas cousas miudas da vida, pois os casos, que contém, são de mera invenção, sem satyras, ou invectivas aos Leitores, etc. (I, p. 8).

PARTE II.

Moiraria 24 de Fevereiro.

Hontem á noite hia aqui succedendo huma desgraça formidável; juntárão-se em huma casa varios ranchos de Senhoras, para fazerem as comadres, havião alguns Margalhudos apaixonados, destes que campão pelos cabedaes, e nao pela sciencia, cujas cabeças são mais tabuletas de modas, que estantes de livros, e tomarão á sua conta a despeza de toda a cêa; mandarão ao Pasteleiro fazer com arroz hum gordo peru, em quanto o Padre Lyeu os ajudava, e lhes apanhava os cavaquinhos, para fazerem filhozes: houverao empadas de pimentão, coscorões de estopa, e outras muitas peças, que a alegria Bacchanal lhes suggerio; chegarão-se as horas da cêa, e mandarão hum galucho, criado de hum Morgado do rancho, buscar a merendolla, eis que dous maganões sem casca (porque erao descascados) atracão o Galego, para lhe tirar o alguidar que levava o arroz, e o peru; e não obstante os gritos do mesmo Galego, elles mais espertos tiverão léo de lhe tirar o peru, e metter em seu lugar enterrado pelo arroz dentro hum gato morto, que acharão na rua: o Galego não via esta substituição, e mui lampeiro foi para casa poz-se a meza, veio sellada, azeitonas, vinhos, &c., e o esperado peru, para que todos tinham a guella aparelhada; foi o Morgado, amo do Galego, o eleito trinchante que entrou a talhar as pernas do gato, que estava encoberto no arroz, e as Senhoras, que comião, pasmavao, dizendo, que inda não tinham visto perus calçados, foi o trinchante abrindo a praça no referido alguidar, e ao mesmo tempo, descobrindo o corpo do pasmoso gato, que por estar ainda fresco, não deixava de fazer appetite; porém Senhoras, que quasi todas são de má boca, humas cuspião fora, outras tapavão o nariz com os lenços, a isto se ouvirão os apaixonados, *café para a Senhora D. Fulana, licor á Senhora D. Sicrana*, fumaças a humas, ventosas a outras, foi tal o labyrintho, que a bulha dos vômitos, e a bulha que fizerão os que acudirão, transtornou a casa da Assembléa em enfermaria de doidos porque de ordinário nas aflicções faz mais bulha

quem acode, que quem padece; os visinhos de baixo, não sabendo do estratagemas, já se achavão roucos de gritar pelos chuços, porém os filhos da chuxa não quizerão sahir, por se não constiparem; e como em casa onde não ha pão, todos ralhão, ninguem tem razão, brigarão as comadres, descobrirão-se as verdades, e aqui temos nova bulha; porque hum dos meus Senhores da função, por tolo, cahio em descobrir ser elle hum dos que vendêrão gato por lebre, de que se seguio miarem-lhe todos, e ficar muito bem arranhado de pescoções ; e he para acreditar, que não tornará a ser inventor de peças, porque gato escaldado, &c. (II, p. 3-4).

PARTE III.

Remulares 30 de Abril.

He para admirar a robustez, e esperteza, com que neste bairro morreo hum homem, que contava de idade cento e quatorze annos, sabendo-se com toda a certeza, que já mais bebeo outra agoa, que não fosse a da fonte da pipa [...] na ultima hora da sua vida chamou ao pé de si hum neto, que tinha, e depois de alguns dictames de razão, com que o instruio de palavra, lhe entregou hum papel de maximas, que escrevêra nos serões, a fim de que seu neto se soubesse lovrar das ninharias deste mundo, cujas maximas aqui se copiarão fielmente, e se dividem pelas partes seguintes desta Obra.

Maximas do Velho de Remulares [...] (III, p. 4-5).

PARTE IV.

Lisboa 12 de Maio.

A casa do Editor do Almocreve das petas chegou hontem pela meia noite hum rapaz de vestia azul, colete amarello, cabello ruivo, olho pardo, pata grande, e definado [sic] de fome, que disse ser moço de hum Poeta, de quem vinha summamente queixoso, por lhe faltar com o sustento, e com a soldada [...] O dito moço trazia hum *Idyllio* para vender, dizendo, que seu amo lho tinha dado em desconto da soldada do mez passado; mas como o Editor receasse pelo preço ser furtado, o expõe ao público, para que no caso que se saiba ser furto, desabrir mão dlle, e não o comprar (IV, p. 4).

PARTE V.

Lisboa 12 de Março.

A Maior parte dos Sabios desta Capital lamentão quasi sem remedio a grande perdição a que chegou a Senhora D. Lingua Portuguesa; esta nobre Senhora, que já não tem nada de menina, enviuvou de hum Cavalheiro chamado Sal Attico, desconhecido de muitos, e presado por poucos; esta boa Viuva por morte de seu Marido ficou totalmente desamparada, pois tudo quanto tinha de melhor, andava por mãos alheias, e tão pouco seguras, que a tudo lhe dêrão fim; passado algum tempo, vários Cavalheiros modernos, que a tomarão á sua conta, concorrendo-lhe com tudo, vestirão-na toda de escuro, como pedia o seu miserável estado, fizerão-lhe hum vestido de *Nigri mestos, e pelentifes crepes*; dêrão-lhe huns brincos de *trimilumes espelhantes chapas*; não lhe faltando fumos para ornatos na cabeça, cujos enfeites, ainda que fúnebres, a tem feito á primeira vista muito formosa, e Mr. Gallecismo tem com ella despendido grandes sommas; além deste beneficio, alguns Estrangeiros mais lhe [1-2] tem consignado duzias, e duzias de palavras par a sua sustentação; caridade esta, que a vai arruinando de todo; porque mais não cuidará em resarcir o perdido, fiada no que lhe tem consignado; porém a pezar de tantos socorros, todos a estranhão pela melancolia em que se acha, quando inda há bem poucos annos se azia celebre, pelos seus bons ditos, graça, e descrição (V, p. 1-2).

Cunhal das Bolas 25 de Fevereiro.

Certo morador deste Bairro, tendo passado pelo desgosto de lhe furtarem hum bilhete da Loteria da Misericordia, comprou segundo; e para o acautelar de outro igual desastre, o pegou com massa na cabeceira do leito [...] teve este homem a felicidade de lhe sahirem 300\$000 réis, e querendo apromptar o bilhete para a cobrança, achou por mais facil chamar um Galego, que á cabeça lhe conduzisse a taboa do Leito; porém no caminho vindo pela travessa da Queimada, succedeo, que ao mesmo tempo que o Galego passava, de huma janella huma bruta criatura botava fóra em bacias a agoa de hum banho, e de mão tão certa, que alagou o Galego, e a taboa, que levava o bilhete; inda isto não causou tanto prejuízo, como a descompostura, que o dito Galego fez para a janella, que com a força dos ralhos lhe cahio a taboa na lama, ficando o bilhete tão enxuvalhado, que mal se lia: o pobre Dono querendo com a ponta do capote aperfeiçoallo, conseguiu materialmente deixar a taboa limpa, tanto de lama, como de bilhete. Não sabemos ainda a resolução, que tomou este infeliz (V, p. 2).

PARTE VIII.

Oeiras 10 de Maio.

Com o engodo do ganho hum Genovez, que vendia Alfeloia, e Jerzelim, sahio de Lisboa para adoçar a boca aos Cascarejos, topou no caminho outro amigo, que ganhava a sua vida com hum macaco, que fazia muita bujiaria, e momices, e tinha a habilidade de entreter o miudo povo de Lisboa horas e horas [...] com a vinda da noute se apartarão cada hum para seu pólo, e o pobre Genovez, por entrar a chover [...] se vio na precisão de pedir agasalho na primeira casa, que topou [de uma velha que vivia com cinco netos...]. A velha deo-lhe agasalho [...] querendo comprar primeiro cinco réis de Alfeloia para repartir pelos rapazes, a que o Estrangeiro usou da sua generosidade, não querendo acceitar dinheiro; porém os pequenos, que erão o demonio de gulosos, e travessos, erguêrão-se de noute, e forão ao taboleiro do Genovez, e o despejarão, dando-lhe no bandulho com quanto levava. Pela manhã cada hum delles amanheceo com hum feverão desabalado, o Estrangeiro a gritar que o roubarão [...]; a velha vendo a febre dos netos, a clamar em altos berros contra o Estrangeiro, que lhe tinha morto os rapazes; e foi tal a gritaria [...] que a visinhança pensou que era fogo, e vierão com bilhas d'agoa huns pela chaminé, outros pela janella, outros pela porta do quintal; até que lha arrombarão, mas quando virão o Estrangeiro com a velha, assentárão que era ladrão, e foi corrido a caxeira (VIII, p. 1-2).

PARTE XI.

Belém 6 de Julho.

Hontem succedeeo neste Bairro hum divertido encontro. Huma Senhora muito vaidosa da sua formosura, mas a quem a natureza dotou de huns pés muito grandes em extremo, necessitando de huns çapatos, mandou chamar hum Mestre çapateiro, o qual tinha hum nariz da maior grandeza que se tem visto; appareceo este bom homem, ainda que grosseiro nas suas expressões, para lhe tomar medida. Fez a Senhora a sua exposição de como queria a obra, ajoelhou o Mestre com a craveira na mão para lhe tomar a medida, porém apenas a fregueza lhe apresentou o pé, elle com a maior sinceridade disse: *Arre, como a Senhora tem o pé comprido!* A dita Senhora injuriada não tanto do tosco termo, que usou o Mestre, como de lhe fazer patente o defeito, muito séria lhe respondeo: *Não se cance, Mestre, em me tomar medida, no seu nariz leva a fôrma do meu calçado.* He de acreditar que viria outro fazer a obra (XI, p. 4).

PARTE XIII.

Praça da feira 25 de Junho.

Hontém pelas sete horas da manhã na rua das Pretas, estavam dois Tafúes , segurando huma esquina com as costas, vendo os ranchos que hião, e vinhão do Passeio público, como he costume em dia de S. João: erão Tafúes chefes da moda, destes que de rua em rua [...] *Andão todos topetudos,/ Ora em moleiras rapadas,/ Já em pernas descarnadas,/ Já feitos galos calçados.*

E a tempo que elles estavam na sua maior elevação, escrevendo com os bambus na terra; eis-que passa hum Saloyo montado em asnal cavalgadura, a qual chegando junto dos ditos Tafúes parou, e entrou a zurrar; elles querendo motejar o cavalleiro, e ao mesmo tempo mostrarem-se discretos, disserão para o Saloyo: *Porque não ensinas tu melhor o teu jumento, que zurra tão fora de tempo?* respondeo-lhes o Saloyo: *O meu jumento he muito esperto, e bem ensinado; porque não somente faz tudo o que se lhe manda, mas todas as vezes que encontra algum de seus irmãos, em sinal do seu contentamento solfeja, e trina, como Vv. mm. acabão de ouvir.* O Saloyo seguiu o seu caminho, e os dous Tafúes ficarão com mais de hum palmo de beijo cahido (XIII, p. 2-3).

Não obstante a acceitação, e benevolencia, que esta obra tem achado no público; com tudo como ha paladares tão finos, que quasi tudo lhes empece, e enjôa, não faltará quem della desdenhe, e mofe, julgando talvez ser capaz de lhe dar mais brilhantismo, e graça no entrexo dos casos ficticios, de que se compõe; porém se o quizesse por em prática, veria a difficuldade, porque fazer hum até dous papeis, a muitos seria fácil, mas continuar, conservando o mesmo equilibrio, he quasi hum impossivel.

Esta obra he huma imitação dos folhetos, que em 1731 sahião todas as semanas, e não obstante o seu Author disfrutar hum espirito mais desafojado, nem por isso seguiu outro trilho; a sua elocução he baixa, e jocosa; porque hum papel de petas não he susceptivel de huma frase grandíloqua, e guindada: Esopo não escreveo no estilo de Pindaro, e nem por isso se faz delle menos apreço; por cujo motivo não se deve esperar de huma tal obra os traços de hum Poema, a Unidade de huma Tragedia, ou os Voos de huma Ode: os estilos devem-se proporcionar aos assumptos, fazer o contrario he

commetter hum crime pelas Leis do critico Romano. (*) [EM RODAPÉ: *Descriptas servare vices, operumque colores*. Horacio in Arte Poet. V. 86].

E porque o Editor se impoz á obrigação de entreter, e divertir as horas vagas dos génios menos embuídos na misantropia, parece que a justiça deve o Público descontar alguma sensaboria, que vir, pois que em hum papel successivo, achão os protegidos, e amantes das Musas obras Métricas, com que se entre[te]nhão; os génios juvenaes assumptos jocosos, com que se divirtão; os prudentes a moralidade no amago das ficções brulescas, que se transcrevem; e os que não sabem lêr achão a vinheta do Almocreve levando o Cavallinho pela arriata; vindo a colligir-se, que tanta coisa por trinta réis, he o mesmo que hum ôvo por hum real (Parte XIII, p. 7-8).

PARTE XIV.

AVISOS.

[...] Por detraz das casas, que ficão da parte da Praia, defronte de huma tenda, que terá batatas á porta, no segundo andar á esquerda, se estabeleceo huma Aula de fallar perfeitamente a Língua de Preto, de Algarve, e de Galego, com explicações da Lingua Portugueza, aonde se faz ver, com a maior facilidade, a origem de algumas frases, como por exemplo: *disse das bogas: barbas te deo Maio: tem dente de coelho: aqui torce a porca o rabo*, etc. As pessoas, que lá não quizerem hir, o poderão fazer (XIV, p. 8).

PARTE XVI.

Ribeira Velha 5 de Agosto.

Tudo tem sua desforra, e hum gaiato sempre achou outro gaiato: serão onze horas da manhã, mais quarto, menos quarto, quando os dias passados saltou em terra do barco da carreira de Aldegalega hum sujeito Alentejão, nariz grande, olho pequeno, mas muito vivo, estatura mediana, cabello cortado, com casaca de saragoça, colete encarnado, calção de tripé azul, de botas, e esporas; porém com certo ar de sincero pelo traje: Por aqui que ha mirones tão labercos, que he consciência chamar-lhes por tu, capazes de pregar gatasios na cabeça de hum tinhoso, apenas o pobre homem poz os pés no Cães, entrou a olhar espantado, porque não sabia para onde havia tomar a sua direcção, quando se chega a elle hum dos tolineiros, e lhe exclama: *Oh meu grande amigo, que he isto, V.m. por cá? como he possível, que eu tenha o gosto de o tornar a*

ver! que he feito do Senhor seu Pai, que era hum santo homem? devi-lhe muita obrigação; estive em sua casa muitos tempos; lembra-se V.m., mas não se ha de lembrar, que era muito creança, na verdade era seu Pai o homem mais divertido, que eu tenho encontrado; que funções! que brincadeiras! ainda choro aquelle bello tempo; ora diga-me, sua Avó ainda he viva? boa mulher! boa mulher! que o trouxe a esta Corte? o pobre Alentejão perplexo de ouvir tanta amizade junta, muito sincero lhe entrou a dar parte de toda a sua vida, e do motivo a que vinha a Lisboa; *ora pois, meu grande amigo, lhe diz o laberco Lisbonense, V. m. ha de vir para minha casa, que não he justo, que hum filho de hum tão grande amigo meu vá gastar quanto tem para huma Estalagem.* O Alentejão depois de alguma cerimonia, reduzio-se a acceitar; respondeo-lhe o tolineiro, *isto he tarde, eu moro longe, vamos jantar aqui a alguma casa de pasto,* e foi levando o hospede para a tasca mais assejada, e mais perto, que via; mandou vir tudo o melhor, que na dita houvesse, e depois de cheia a pança, perguntou quanto devia, metteo a mão na algibeira, fingio-se assustado, e disse: *Não está má esta, ficou-me a bolsa em cima do balcão daquelle Confeiteiro, aonde ainda agora estive comprando assucar para casa, deixem-me lá ir depressa, não ma bifassem, faça o favor, meu rico amigo, de esperar, que eu já venho;* e dito isto, fez vispore, ou em Portuguez, desapareceo; o Alentejão esperou, esperou, nada de novo; a dona da casa veio ter com elle, e disse-lhe meia desconfiada, *o seu amigo já cá não virá hoje? oh essa he boa,* lhe respondeo elle, *o meu amigo he homem de todo o porte,* e foi-se mettendo de gorra com mais preambulos, dizendo á mulher donde era, e a fallar dos usos, e costumes da sua terra, onde vierão á bailha varios jogos, que lá se jogavão nas noites de inverno, poz-se a ensinar hum jogo chamado do Estalajadeiro, que se jogava de chapéo na cabeça, para o que poz o seu; e depois disto disse, *mas de todos os jogos, que lá se jogão, o mais bonito he este, dê-me cá duas maçarocas,* foi a filha da dona da casa buscallas, então elle deo a ponta do fio á filha, e a da outra maçaroca á mãe, e disse-lhes, *reparem bem,* foi recuando, e desembrulhando as maçarocas, até que chegou á porta da rua, e assim que se pillhou de fóra, metteo pernas, que parecia huma corça, foi para o Cáes, onde desembarcou, e encontrou o amigo laberco, o qual desculpando-se-lhe, disse: *agora hia eu para lá, achei a bolsa por milagre, e hia sattsifazer:* o que o Alentejão atalhou, respondendo, *não precisa ter esse incommodo, tudo está pago, por sinal eu não tinha trôco, nem a mulher, e lá lhe deixei huma peça, que por lá hei de ir logo buscar o resto:* o bom esperto Lisbonense logo fez muito por se despedir d'elle, e foi á Estalagem, aonde tinham comido, dizendo, que o seu companheiro mandava pedir a demasia daquella

peça, qjue lá tinha deixado: a pobre mulher, que entendeo a móca, disse-lhe, que sim, que entrasse; e apenas o pilhou de dentro, chamou o marido, que já tinha vindo de fóra, e com alguns visinhos, agarrarão nelle, para que pagasse o jantar caloteado: o miserável, que não levava real, não teve mais remedio, que deixar as fivellas de prata dos çapatos, succedendo-lhe o mesmo, que succedeo ao Amado, que foi buscar lâ, e veio tosqueado (XVI, p. 1-3).

Rua dos Remedios 15 de Julho. Martha Sofia, mulher de setenta annos, foi ter com hum sua visinha, a fim de que esta lhe respondesse a hum Carta, que lhe tinha escrito hum Neto do Brazil , trabalho de que a visinha se não pôde escusar ; porque tinha levado rasca no presente, que acompanhou a Carta recebida, e serião sete horas da noite, quando á luz de hum candéa, a pobre velha de óculos no nariz, e roca na sinta, babando-se de saudades, se poz a notar, e a visinha a escrever, a seguinte Carta:

CARTA.

Meu Neto , cá arrecebi as tuas perniciosas letras, que muito sinto por saber, que tens passado alguns, incomios, indas que antances me incherão de grólia as tuas impressões: cá me contou Gerolmo Fagulha, filho da Agachada, que tinha embarcado no Trintão, que tu já tinhas chegado ao Posto de Grumbete, e que já estavas nisto des-[pp. 3-4] ne as oitavas do S. João passado, ao que eu logo dixei, em nome de benta hora, por muitos annos e bons, figas para os máos olhos: Anda vai andando no teu labuto, que has de ser a deshonra da nossa geração; tu em pequeno já davas esperanças, que havias de ser hum azebixe de esperto; inda malembra, que cando tinhas seis annos, sabias o A. X. como hum Pacagaio; cantavas o dá-lhe, dá-lhe, que se vai, que era bum pasmo; ora pois porta-te com aquelle perperamento, que eu espero de ti; bem sabes, que não tens ninguém cá, e eu estou para cada hora, com os pés para a cova, estou hum trave podre, desne que te alzentastes, tenho sido hum maré magra de queixas, arreberentárão-me duas Parrochias no pescoço, e andei chocando, chocando sem lhe fazer nada, de sorte que cando veio o Alveitar, já tinhao Ercoles, que foi preciso retalhallas; logo também me nasceo hum Lourenço aqui n'hum quadril, que me hia tomando a águeda toda, salvo seja: estive dez dias a caldos, e eu que tinha a natureza muito fraca; cando me ergui, parecia a estatula da morte, agora estou com pataratas nos olhos de fórmula , que he preciso ólicos para enxergar: cando arrecebi a outra tua Carta, estava com hum pedroluiz n'hum ilharga, que apanhei em Janeiro nas Encospias do Castello de sorte, que todos dizem, *Martha morre, Martha morre*, não me querião dar de comer, mas erguime,

e fui ao almario, e dixe, morra Martha, morra farta, e dei na pá do bucho com meio arratli de assucari mesmo crú, que pilhei; mas inda aqui estou, e só tenho de novidade, o ter hum pé como hum trambolho, de gota serena, que me faz humas dores, que as de parir são hum ranho á vista dellas: Cá me pedio a Comadre Geltrudes, que tagradecesse da sua banda o melaço, e o Macaquinbo, que as tuas davitas sempre se parecêrão comtigo, eu também te agradeço os coucos, e a farinha, e em arrecompensa tenho cá para te mandar huma quarta de pinhões, e duas duzias de xoiriços, de hum porquinho que matei ha dois annos, que se me atraveçava na goella, salmentes na lembrança, que não provavas delle: a Comadre também te acabou dois pares de meias, e coitada, até te foi comprar quatro varas de linhage para huma camisa, de alguma cousa te servirá; na primeira incazião que tiveres, manda cá o Capitão do Navio, para tudo te ir por mão propria, a respeito desta terra, a novidade mais fresca he, que a filha da Xixra casou com o Primo do Bulaio, e ao fazer desta achei furtadas todas as gallinhas que creava: a Deos meu rico Neto, abençoado sejas, e livre de perseguições, adiante vás como te deseja:

Tua Avó

Martha Sofia (XVI, p.3-5).

PARTE XVIII.

Rocio 6 de Junho.

Pelas ultimas cartas vindas de Coimbra, consta de huma grande Feira, que se fizera na Ponte Domingo passado, a qual se compunha toda de Batinas novas: quasi todos os Estudantes enfeirarão pelo módico preço porque se vendião: Houve novato que á sua parte, fez sortimento de meia dúzia dellas, e a todos causou admiração o diluvio de Batinas, que pejava as guardas da ponte; porém como sempre ha más lingoas que badalem, soube-se, que toda esta Batinada era o despojo de hum Estudante veterano, que comprava as Batinas velhas por quasi nada, aos que acabavão os estudos; e em vendo novato de Batina nova mettia-lhe na cabeça, que para se livrar das investidas, e parecer veterano, trouxesse sempre Batina velha, e taes lérias lhe encaixava, que chuppando-lhe a nova, lhe impingia huma velha, recebendo tornas ainda em sima (XVIII, p. 2-3).

PARTE XX.

Val escuro, 29 de Junho.

Hontem em hum Quintal deste sitio illuminado, se accendeo huma pasmosa fogueira , e convivêrão vários ranchos muito luzidos, houve cêa depois da meia noite, onde se tirárao os ventres de miséria, e não obstante alguns dos arranchados terem mandado seus perús, pombos, e frangos, appareceo na meza hum formidável pato á custa do dono do Quintal, que he esta a ave, que sempre costumão pagar bem, os que fazem funções em sua casa; cantou-se muita modinha, houverão duas rebecas, e huma guitarra, seguindo-se em tudo a mais decente ordem. Achava-se nesta companhia hum sujeito muito feio, quasi anão; muito asseado, e presumido, o qual foi tirado para dançar por huma Senhora muito formosa, e esta eleição o deixou a elle na maior vaidade, e tanto que dizendo-lhe suas finezas de namorado, não se pôde ter, que lhe não perguntasse, que motivo a obrigou a elegello para seu par, estando alli tantas pessoas de muito merecimento; ao que com o maior desembaraço lhe respondeo a Senhora: *A razão, que me obrigou, foi dizer-me meu marido, o qual he alguma coisa cioso, que não elegeisse para meu par, senão pessoa que lhe tirasse toda a suspeita; e como a mais feia, e informe figura, que aqui se acha, he V. m., não quiz deixar de fazer a vontade ao meu homem*, absteve-se o sujeito da confiança, que hia tomando, e continuou a brincar, por não motivar dissabor, ficando muito certo em nunca mais dizer graças, a quem não conhecer. Neste mesmo ajuntamento tratando-se de idades em conversa, se perguntou a huma Senhora, que idade tinha, ao que respondeo muita vermelha, *que trinta annos*; então outro sujeito da companhia, botando conta ao tempo, lhe disse: *Que assim devia ser, porque havia dezesete annos que ella lhe tinha dito, que tinha trinta e quatro* (XX, p. 1-2).

PARTE XXVII.

Cruz de Santa Helena 9 de Outubro.

Já está na rua, louvado o Ceo ! Muito lhe soffreo seu Amo! Não se topa criado mais asno. Era capaz de intisicar hum hydrópico na parte inchada. Quando este Amo tomou este moço para casa, para que andasse aceado, ajustou, além do salário, vestillo, e calçallo, para apparecer com decencia ás visitas, que o procurassem, visto ser criado de escada acima. Ficou o moço em casa, protestando cumprir com a sua obrigação. No dia seguinte derão oito horas, derão nove, derão dez, e o bom do mocinho mettido na

cama. O Amo, cansado de esperar por elle, entrou no seu quarto, pensando que estaria morto: Quando entrou, vio-o com o olho muito aberto, e logo se sentou nú em cima da cama, dizendo ao Amo: *Ora graças a Deos, que já appareceo! Se eu alguma vez tardar com a minha obrigação, V. m. he quem dá o exemplo.* O Amo ficou estupefacto do que lhe ouvia; e perguntou-lhe, o que vinha a dizer naquellas palavras? *Oi: lhe torna o mocinho: Pois V. m. não ajustou comigo vestir-me, e calçar-me? Estava esperando que mo viesse fazer.* Ao mesmo tempo que isto deo vontade de rir ao Amo, não deixou de o agoniá, por vêr a simplicidade do marmanjo. Explicou-lhe a equivocação, e mandou-lhe que se erguesse. Passou-se o dia, e ao deitar na cama, disse-lhe o Amo, que se queria levantar muito cedo, e que o chamasse pelas seis horas da manhã. O moço, que era muito vigilante, naquella noite não se deitou, para cumprir com os seus deveres; e mal que ouviu dar quatro horas, foi á cama do Amo, acordando-o, e lhe disse: *Ó Senhor meu Amo, Senhor meu Amo; ainda póde dormir mais duas horas, porque agora derão quatro.* O pobre dono da casa tanto se impacientou com a simplicidade, que lhe atirou com hum orinol á cabeça; pôz-se a pé, ajustou-lhe a conta, e mandou-o embora (XXVII, p. 1-2).

PARTE XXVIII.

Rua Aurea 30 de Outubro.

Quanto não são infelices os homens, que se casão! he hum soldado terror do inimigo, e não teme a morte, mas teme a mulher, se esta tem o nariz torcido, e afiada a ponta da língua [...] hum Çapateiro neste bairro Domingo passado andava com hum par de botas na mão, gritando que as daria a quem sendo casado não tivesse medo da mulher: já tinha passado parte do dia sem que apparecesse hum só heróe, quando no meio da tarde hum Saloio desejoso do premio se lhe apresentou, dizendo, que elle não tinha medo nenhum da sua, porque em ella lhe respingando, lhe chegava aos narizes hum remédio, que elle tinha, chamado moxinga, com o qual logo ficava boa. O Çapateiro então lhe entregou as botas, dizendo-lhe: *Aqui as tem, calce-as, com tanto que ha de depois cumprir com o que eu lhe disser, que não he cousa que o moleste [...]* *Ora pois o ajuste he este, que V. m. ha de mandar pelo meu aprendiz dizer a sua casa, que não vai lá estas duas noites.* Eis o Saloio muito vermelho respondeo: *Isso he cousa, que eu não faço, porque minha mulher, se eu tal fazia, em lhe apparecendo esganava-me cheia de ciúmes, desesperada; não senhor, eu não fasso isso, tenha paciência: aqui*

o Çapateiro arguindo a sua justiça diante de immenso povo, que se juntou, lhe fez descalçar as botas, por que o Saloio não só faltou ao ajuste, mas até mostrou que a mulher o dominava; e o pobre homem consta que foi para casa descalço esperar pelo pobre, a quem fez a esmola, como quem espera por çapatos de defuntos (XXVIII, p. 1-2).

PARTE XXX.

Mouraria 12 de Novembro.

Ha, com perdão de VV. mm., neste Bairro hum Paz d'alma tão politico; que todo se desfaz em cortezias; ainda até aqui ninguém o vio senão á canha da pessoa, com quem passeia: á meza sempre he o ultimo que tira para o prato: de Inverno anda todo cheio de chocas, porque sempre quer passar pela parte da lama; em fim come cortezias, e sonha atenções. Hum dia destes alugou hum arenque com pernas, para ir a Bemfica, e lá encontrando o Senhorio das suas casas, que tinha ido a passeio feito Picador de calçadas, de botas, e esporas, não quiz consentir que elle viesse a pé, para o que lhe offereceo o cavallo: O Senhorio recusou, dizendo, que não havia vir a cavallo, e deixar o seu amigo a pé: elle por vir na sua companhia determinou que então viessem ambos juntos no cavallo; e porque hum havia de vir de ancas, o politico escolheo este lugar para si, por ser o mais inferior: chegarão ambos a casa, e querendo-se apear o Senhorio disse ao que vinha de ancas, que se apeasse, para elle também o poder fazer; porém, o outro julgando ser crime de lesa politica apear-se primeiro, lhe disse, que elle não fazia tal, porque a devida atenção assim o pedia: o Senhorio teimou por não poder descer-se, e o camarada firme não quiz ceder, até que cheio de cólera o Senhorio indo a apear-se, lhe pregou com a roseta da espora na cara, e lhe fez hum tal gilvaz, que lhe rasgou a face, e lhe botou hum dente fóra. O miserável politico gritou, dizendo: *perdoe, meu rico amigo o eu não desviar a cara, a tempo para V. m. não tropeçar nella, perdoe-me, perdoe-me por quem he.* O cavallo, que se vio sem governo, e inda carregado de anca, entrou a saltar; e como era noite, e o triste cavalleiro attencioso via pouco, pregou comsigo em hum esquina, e cahio redondamente no meio do chão, vindo a ter ainda em cima da quéda couce. Levárão-no semimorto para casa, onde ainda quando o Cirurgião entra, quer levantar-se por effeito de politica, e no fim da cura, se he de noite, vai mesmo em camisa, de véla na mão, acompanhallo á escada: julga-se que morrerá gravemente pela muita atenção, com que trata a todos (XXX. p. 2).

Rua Formosa 14 de Novembro.

Entrou em huma casa de pasto desta rua hum Estrangeiro, que mostrava ser Flamengo, seria meio dia, (que se fosse á meia noite, não diria, porque os não conheço) pedio de jantar, e o patrão depois da sôpa, e vaca trouxe-lhe hum leitãozinho assado. O Flamengo gostou tanto, que pedio mais daquelle guizote; e porque não sabia fallar Portuguez, por ser novato na terra, e queria quando jantasse em outra parte pedir, pelo bem que lhe soube o mesmo guizado, pelo seu proprio nome, perguntou ao dono da casa apontando para o leitão o que era, o Patrão entendendo que elle perguntava com que se pelava, respondeo-lhe: *que com agua quente*, repisou o Estrangeiro: *agua quente, agua quente*: decorou o nome, e no outro dia entrou em outra casa de pasto para jantar, e vindo hum moço perguntar-lhe o que queria comer; respondeo: *agua quente*. O moço, que lhe fez expectação, replicou *agua quente, Senhor?* Elle vendo que lhe replicavão, puxou pela bolsa todo enfadado, dando a entender por acções que pagava com o seu dinheiro, e que podia comer o que quizesse. O moço calou-se e foi-lhe aqueitar a agua, e trouxe-lhe huma grande panella de cobre com a dita agua a ferver. O Flamengo entendendo que dentro vinha o leitão, pegou no garfo, entrou a Metello dentro da panella, desesperado de não achar dentro della cousa alguma. O moço, que entendeo, que elle queria comer agua quente com garfo, entrou ás gargalhadas; o Estrangeiro, que não achou peixe na pescaria, que fez dentro da panella, e vio o moço ás risadas; desconfiou deveras, e pega na panella, e atira com ella á cabeça do moço: engalfinhárão-se ambos, ferveo o soco veho, acudio gente, levárão-nos presos; porém o moço, como estava ferido foi solto, e o Flamengo está ás grades do limoeiro aprendendo a dizer leitão (XXX, p. 3).

PARTE XXXI.

GLOSA

Entre madrinha, e afilhada

Madrinha: Amesendada á janella,/ Toda engomada e brunida,/ De Tafula fazes vida? [...]/ Haja ou não haja despeza,/ Trajas á moda Franceza;/ Andas louca por costume;/ Isto só faz, quem presume/ *De que tem rara belleza.*//

Afilhada: Madrinha, ouvio, se está tonta,/ Não estou para a soffrer,/ Quero andar, como eu quizer,/ Que não he da sua conta:/ Anda comigo de ponta,/ Por eu á moda me

pôr;/ Inda que seja uma flor,/ Qualquer menina d'agora,/ Se he Jarreta, e não namora,/ Fica perdendo o valor.//

Madrinha: Que feia tafularia,/ Cabellos desgadelhados!/ Traje, qual o de enforcados,/ E há quem se case hoje em dia!/ Já ser firme he grifaria!/ Vestir à séria he pobreza!//

Afilh: Madrinha, tenha a certeza,/ Que Amante a nenhuma falha,/ Se vestir bem á bandalha,/ *Se for falta de firmeza* (XXXI, p. 6-7).

PARTE XXXV.

Calçada da Estrella o 1º de Dezembro.

Aqui aconteceu hontem hum caso, que ao mesmo tempo que podia encher todos de compaixão, era capaz de fazer rir huma pedra; chegou em hum Navio Sueco hum Ragusano coxo, o qual querendo vir á Corte tratar de seus negócios, para lhe não verem o defeito, que tinhya na perna, mandou alugar hum cavallo, de que mal se sérvio neste dia; pois montando, partio para a Esperança, onde mesmo acavallo fallou com hum sujeito, e voltou a este sitio. Tropeçou o cavallo na calçada, deitou o pobre coxo no chão, e fugio. O miserável entrou a gritar com as dores, a que acudio muita gente a socorrello: pozerão-no em pé, e como o virão coxiar muito, cuidarão que isto lhe provinha da queda: desabotoarão-no, descalçarão-lhe a bota, e entrarão-lhe a puxar pela perna. O miserável mais gritava, dizendo como podia, que a queda lhe não tinha feito aquelle mal, que elle era coxo ha muitos annos, porém como ninguem o entendia, julgavão que elle dizia, que lhe puxassem mais, e o fazião com tanta mais anciã, quanto mais elle gritava [...] e já estava tanto povo de roda, que parecia dia de Feira, até que chegou hum Negociante, que lhe entendia a lingua, e livrou o infeliz coxo das garras dos caritativos importunos, que querião emendar-lhe o defeito da natureza, e que se pôde vêr o quanto em Paiz Estrangeiro he nocivo ignorar a língua commum, onde as boas intenções muitas vezes fomentão damnos (XXXV, p. 3-4).

PARTE XXXVII.

BENIGNOS, SABIOS, E CURIOSOS LEITORES.

Principia-se com esta Obra o presente anno, e não se pode dizer ao Editor, que até aqui o fez como se esperava; porque ninguém esperou 36 folhetos, nesta materia ligada ao respeito do Publico; á decência das sérias, e judiciosas censuras; e ao preceito

da juvenalidade para desempenho do titulo; porém como ainda ha, como lá dizem, panno para mangas, organizarei os mais que puder, fiado na boa acceitação que tem tido, para se completar o jôgo deste recreio de horas vagas: não me accuso de que esta Obra até ao presente, com bem o diga, offenda pessoa alguma de hum, ou de outro sexo no seu particular; e quando succeda algum encontro nos casos que conto, (de que Deos me livre) desde já vai condemnado o tal encontro por mim mesmo, como hum erro do Juizo, se he que tenho desta fazenda algum retalho, commettendo esse absurdo sem participação da vontade: se me notarem erros de outra natureza desculpem-me, que a preça não dá lugar a emendas, e talvez que muitos sejam filhos legitimos do meu Impressor, ou dos seus Officiaes, de que eu nunca fui Padrinho. E com isto não enfado mais a vv. mm, que vou aparar pennas para os Folhetos seguintes, esperando dos seus briosos génios, por esta Obra, os 40 reis do costume, que com a maior vontade tenho acceitado, acceito, e acceitarei, e vv. mm, dirão se os Valle (XXXVII, p. 1-2).

Cálculo da despeza que incensivelmente faz na roda do dia todo o que não tem cara estanhada, e vive exposto aos acipipes da Sociedade, fóra dos gastos caseiros, para servir de norma a todas as pessoas, que não vivem amarradas ao cepo da casa, com a cadêa do Matrimonio.

Mal que rompe a manhã sahe o Tافل para fora de sua casa, e logo na primeira rua por onde vai passando por *hum cara de choro* acompanhada de muitos elogios, conhecimentos antigos, e exposições de necessidades, pedindo emprestado para o jantar daquelle dia; 240

Por hum está pago a hum Amigo que se encontrou na loja de bebidas, quando se estava almoçando entre *Café, Torradas, e biscoitos*, ----- 200

De esmola *aos pobres, e duas crianças*, que em quanto se almoçou não deixarão cahir as moscas no Café, -- 50

Por *hum Fogareiro* que se quebrou a hum Açadeira de castanhas hindo-se a fugir de hum sege que vinha á desfilada, ----- 60

De entrada *em hum rifa* a que se não pôde faltar, ficando-se sem o traste, e sem dinheiro, --2000

Porque fez frio *Cópo de ponxe*, ou porque fez calma *Cópo de Limonada bem feito*, ---- 30

Porque já deo hum hora, e se está longe de casa correndo a boa feição do Amigo que se encontrou, e vão dar fundo os dous Cuteres *a hum casa de Pasto*, aonde

vindo tudo por amostras não vai a colher duas vezes á boca com o mesmo guizado; porque não há com que dar Caput, entre os cumprimentos de não pague vossê, porque eu he que pago, ---- 600

E porque se quizerão mais *humas bufas de Gallinha mexidas, e huns bifes de Vacca* assados, ---240

À *Servente* por servir com aptidão, aceio, e formosura, - - - - 120

E porque na loja de tal, e tal se faz primoroso Café *por duas chávenas*, ----- 60

De hum *Frasquinho de Licor* para corroborar o estomago, e encher o vaccuo que ainda ficou do jantar, 40

Por huma *Caixa de rapé* que ficou em cima de huma das bancas, e huma pobre a levou desgraçadamente sem que o caixeiro a visse, - - - - 2400

Por hum *Cópo de Filipina* pelas 6 horas da tarde se he Inverno, ou hum *Cópo de Neve* se he Verão, 200

De frete a hum GalJego que trouxe de casa a tal sítio, ou chapéo de Oliado para a chuva, ou capote com que se repare o frio quando se sahir da partida, -- 80

Por hum *eu mereço mais, que v. m. mora longe, e corri todas as ruas primeiro que dêsse com a porta*, 20

Ao criado do dono da casa que vem acompanhando o individuo de archote a que são mãos perdidas untarem-se as mãos, - - - - - 240

Somma a despesa extraordinaria na Tafularia indispensavel, - - - - - 6580

Por piedade omittimos, ou mettemos no escuro a *Sege de aluguer, a Tarde dos Touros, a Platea na Opera, a perda do Jogo, a despesa em huma Feira com Madamas*, e quando Deos quer como debaixo dos pés se levantão os... *tanto de Sala livre, tanto de Carceragem, Mandarins , etc.* que tudo está muito caro; e todas estas despesas juntas com as da casa se ha familia, he necessário para a sua sustentação *tres mil Cruzados de renda*; com tudo ha laberco, que não tendo tres reis de seu, não falta a nada disto; assentão os Politicos que como o *Cavalheiro Pinete* andou por este mundo, deitou tantos Discipulos, quantos são os Pelotiqueiros que sem nada fazem tanto (XXXVII, p. 3-5).

PARTE XL.

AVISOS.

Sahio á luz o *primeiro Tomo da Historia da Caroxinha*, com tudo quanto lhe pertence, e traduzida por hum genio habil para divertimento da mocidade, e tem no fim hum bonito *Epicedio á morte de João Ratão*; fica-se apromptando a continuação desta Obra, se vv. mm. quizerem (XL, p. 8).

TOMO II.

AOS LEITORES TAFUES.

De vós Tafúes de luneta,/ Inimigos do Almocreve,/ Vejo mais petas n'um dia,/ Que n'um anno a penna escreve:// Acho-vos bastante graça/ Em desdenhardes das petas,/ Mas eu teimando em narrallas/ Vos cravo dobradas setas: // Sabei que ha casos immensos,/ Que sem deslustrar ninguém,/ Que se escrevão, que se imprimão/ À mocidade convém:// Tenho petas a faltar, / Em quanto o mundo for mundo,/ Como ha tôlos, e discretos,/ Já sabeis em que me fundo?// Mas se ainda duvidaes/ Da abundância, que relato,/ Vamos fazer huma aposta,/ Veremos quem paga o Pato:// Apostemos qual primeiro/Nas petas ha de cançar,/ Se hei de ser eu de as compôr,/ Se haveis ser vós de as comprar:// Eu aposto a Collecção,/ Vós apostareis o importe;/ Porque assim he que se vê/ Quem he fraco, ou quem he forte:// Houve hum homem que apostou/ Com outro, de hum golpe só,/ Cortar-lhe fóra as goellas,/ Mesmo por baixo do nó:// Entrarão logo na empreza,/ Depositando a quantia,/ E porque a somma era grande,/ Perder cada qual temia:// Lançou-lhe o ferro á garganta,/ Mas topando-lhe n'um osso,/ Inda a cabeça do triste,/ Ficou pegada ao pescoço:// E como depois do golpe,/ Hum momento inda viveo,/ Gritou com voz de pipia,/ *Ponha , ponha , que perdeo*:// Ora no caso que eu falte/ A cumprir a dita aposta,/ Dareis c'o a bolça vazia,/ Gritando *a mesma resposta*:// Fica o nosso ajuste feito,/ Agora nem xus, nem bus,/ Vou pacear pelo mundo,/ A escolher petas... de truz.

PARTE XLVII.

Calçada do Duque 24 de Fevereiro.

Foi para chorar, e para rir, hum caso succedido ha três dias nesta calçada. Os nossos antigos bem fallarão, quando disserão, que quem não tem ventura, na cama quebra as pernas. Tinha hum sujeito Tafúl de se ajuntar com hum rancho de Meninas, que de burrinhos hião botar huma câ fora a certa quinta; o Tafúl justo, e firme na promessa, que tinha feito de acompanhar o rancho, veio ao Arco de S. Roque alugar hum Cavallo, achou-o, montou, e de Pantalonas muito justas fazia huma figura admirável. Não sabemos de certo, se era a terceira vez na sua vida, que punha esporas nos pés, porém sabe-se com certeza, que no tempo da sua maior rapaziada, a que chamamos verduras da mocidade, andara duas semanas a cavallo, vestido de varias côres, com sua mascara, capacete, escudo, e ferrugenta, acompanhando certo individuo, que põe Editaes para aquella função, que se faz no tempo do calor, em huma Praça, que está no Salitre, bem defronte de huma horta, e huma loja de bebidas; esta he a raiz do nosso heróe, vamos á folhagem; para vermos que fruto tirou da sua nova funçanata. Montou com effeito, e o moço, que serve a loja dos cavallos de aluguer, largou tudo, para vir fazer-lhe as honras de pegar no estribo, concertar casaca, apertar loros, e tudo o mais que espremido ás mãos, apenas dá hum copo de Água-ardente. Vindo porém o bom Tafúl pela calçada abaixo com muito sentido, para tomar huma das Travessas, e vir sahir ao Carmo, não sei que diabrura alli se metteo de permeio, que cavallo, e cavalleiro, tudo veio a terra; de que ficou o pobre rapaz a gritar com huma perna torcida, e a outra magoada; sem poder dar mais passo. Acodio logo a compaixão de vários, pegarão nelle, e levárão-no para o primeiro andar de humas casas, onde estavam algumas senhoras muito sérias; e lastimadas da infelicidade, lhe derão acolhimento, para lhe ministrarem cerveja preta, que havia na casa, e os Ajudantes compassivos lhe desabotoárão a perna á Pantalona, para se ver se tinha desmanchado, ou quebrado a mesma perna, lance de que elle não podia fugir, mas ai que dores padeceo então este miseravel Tafúl! quando appareceo metade de huma meia, e o resto supprido com hum guardanapo sujo em cada perna, enleados com o seu orello novo, para encher a forma da bem justa, e talhada Pantalona! o certo he que ninguém sabe para que sahe fôra de sua casa (XLVII, p. 1-2).

Aqui trouxe o Moço do Poeta hum Soneto, que fizera á Máquina Aerostatica, novamente aperfeiçoada em outros Reinos; em allusao a huma conversa, que ouvira em certa casa a huns Tafues, que já se estavam ensaiando para fazer viagens aérias, protestando de mandar á gaita as podres seges de aluguer, que se alugão pelo que valem em tempo de feiras, e por mais ás vezes; e nas funções de campo, pôr de participantes os burros de cadeira, que sem terem falta de vista, usarão de cangalhas (XLVII, p. 6).

SONETO.

Em corpo, e alma irei aos Ceos voando./ Na maquina do ar, feito cometa,/ Que ainda que pareça estranha a peta:/ Se em obra se puzer, fico campando:// Lá no cimo das nuvens passeando,/ Verei o baixo Mundo por luneta;/ E porque ha de haver lá muito Estafeta,/ Noticias do que vir, logo cá mando:// Entendendo os Tafúes, que a moda he boa,/ Andarão como bandos de estorninhos,/ De Feira em Feira , pelo ar á tóa:// Veremos crescer malvas nos caminhos;/ Farão *vispre* nas súcias de Lisboa/ Botes, seges, cavallos, e burrinhos (XLVII, p. 7).

PARTE XLVIII.

Rua dos Fanqueiros 21 de Março.

Ha nesta rua hum morador muito sagaz com seus laivos de Coimbra, e tintura de sciencia; que para se prevenir dos calotes do mundo, pelo seguro, de tudo suppõe mal, já mais houve para elle Alfaiate, que não roubasse na fazenda, çapateiro, que não o deteriorasse no cabedal, e outros muitos officios, de que a sociedade dos homens precisa para a sua subsistencia: ora o mez passado, procurando elle hum moço para o servir, lhe appareceo hum pobre lôrpa, que se foi ajustar com este esperto amo. Disse-lhe este o trabalho, que tinha a sua casa, e a poucos passos tratarão de preço; e disse-lhe o amo, *que primeiro que a soldada, queria saber quanto elle lhe havia furtar cada mez nas compras qu fizesse!* o rapaz rio-se muito, assentando ser aquillo huma graça; porém o amo em hum tom mais sério lhe tornou a dizer: *pois, homem, assentemos em que me has de furtar só 30 réis cada dia; estás por isto?* O moço muito humilde disse, *seja o que v. m. quiser.* Metteo-lhe também em partido, que não se devia adiantar a cousa alguma, sem que elle o mandasse: o moço tomou muito sentido, e no dia seguinte foi comprar a carne, que lhe mandarão buscar, e pôz-se na cozinha a olhar para ella: o Amo, que deo com elle em pasmaceira, disse-lhe: *porque não pões a panella ao lume?* Respondeo-lhe o moço; *por me não adiantar: essa he boa,* tornou o Amo, *vai lavar a*

carne, mette-a na panella, e põe-na ao lume. O moço assim o fez sempre muito tímido, não querendo adiantar-se aos mandados de seu Amo; quando pelas dez horas, pouco mais, ou menos, estando o Amo recebendo huma visita, ouve hum formidável estouro, que parecia huma peça; foi dentro, perguntou o que era, respondeo-lhe o moço muito mansso, *foi a panella que estourou:* examinou-a e vio a carne em carvão, e tudo ás sêccas, increpou o moço de ter posto a vaca sem agua ao lume, ao que elle respondeo, *fiz o que v. m. me mandou, não me quiz adiantar.* Benzeo-se o Amo de tal brutalidade, e ainda o soffreo por espasso de hum mez, no fim do qual chamando-o, lhe encaixou na mão tres vinténs, dizendo-lhe: *faz hoje hum mez, que entrastes na minha casa, e que te ajustei por dous cruzados novos, convencionei contigo o furtares-me só 30 réis cada dia, trinta trinta réis são nove tostões, com tres vinténs, que te dou, são 960; estamos de contas justas.* O moço fez beijo de biquinho envolvido em choro a olhar para a miséria, mas com a inspiração da tranca deo a ellas, que parecia huma ventoinha (XLVIII, p. 1-2).

PARTE LV.

Arcos das Aguas Livres 3 de Maio.

A idéa dos homens, que não descança de fazer representações de facilidade, encanta de tal sorte os mesmos homens, que muitos não socegem, em quanto não conseguem o exito, seja qual for, do seguimento dos seus projectos: hum temerário sujeito, porém de agudo engenho, vendo em huma sala pintada em azulejo a ventura de Ícaro voando, em quanto se não derretêrão as azas, e vendo juntamente como Dedalo principiava a formar o seu vôo, sobre o monte, inflammou-se o bom homem de tal sorte com esta vista, que logo alli prometteo a dous amigos, de pôr por obra o mesmo pensamento, sem mais causa; que a presumpção de os desbancar; sahio da sala com a companhia, vierão ao Rocio, entrárão em huma loja de bebidas, almoçarão *café*, hum delles dizendo muitas graças, e muito *jocoso*, e sahindo dalli se encaminharão ás gallinheiras da Ribeira Velha, onde o Amigo entusiasmado fez hum grande sortimento de pennas de Peru, comprou quatro folhas de papelão, cordel de barbante, goma de libeque, foi para casa com este trem, e fez dous canudos com valvulas, e contra valvulas para attracção do ar, teceo sobre elles as azas, fez huma famosa cauda, que atou pela cintura, regulou o pezo de toda a máquina, o qual augmentava, e diminuía com tiras de papel, fez a experiencia, e conheceo que o ar o sustentava librado, e o deixava mostrar

ao mundo, que sem o auxilio do gaz elle se elevava até onde a sua direcção quizesse: escolheu dia para mostrar o promettido, convidou os seus amigos, despedio-se dos que tinha presente, e foi aos ares batendo as azas com tanta felicidade, que todos os apaixonados lhe derão vivas: a esta grita melhorou de animo, dobrou o vôo, e a afouteza, de que era doutado, lhe dava toda a segurança, e em menos de huma hora, entranhando-se pelos ares, desapareceu: passados dous dias, vindo o Almocreve das Petas pela estrada de Bemfica, encontrou o postilhão de Apollo, o qual lhe entregou huma carta do dito voador, que era para hum seu amigo, a quem noticiava a sua jornada, incumbio-se o Almocreve da entrega, que logo fez, cuja carta he a cópia seguinte.

Cópia.

Amigo, por effeitos da emulação causada pelo que vi em hum azulejo, sem me lembrar que hia muito do vivo ao pintado, me dispuz com muito gosto a fazer a minha máqui na para girar a Esfera, de que estou bastante arrependido, pois não tirei o fructo, que pertendia; e querendo baixar, o ar mo não tem permittido; não sei ainda o que farei, por agora me vali do Arco Iris, onde tenho descansado neste intervallo de tempo, servindo-me de consolação ter por cá encontrado muitos, que se tem enganado nos seus projectos, bem como a mim me succedeo. Tenho admirado o ver a fábrica dos raios, as catimploras da Neve, os folles, que agitam o ar, e outras muitas cousas, a pezar de me escapar ver algumas, por não ter óculo de ver ao longe. Aqui me appareceo o *Balão de Boinos Ares*, querendo ligar amizade comigo, offereceo-me *Café*, que era mesmo huma agua de castanhas, que não pude tragar: se me offerecesse licor, mais lho agradeceria, para resistir aos frios, que aqui sinto, porque de *Café sou eu farto lá em Lisboa*, e inda suspiro pela nossa sociedade, que espero que seja cedo. Dareis saudades a todos que por mim perguntarem. Sou vosso servo.

(Assignado) Icaro II (LV, p. 1-3).

AVISOS.

Avisa-se a todas as Senhoras, que por falta de educação não souberem fiar, e quizerem com facilidade aprender esta prenda, pois he a primeira herança dos nossos Pais, que fallem na Ribeira Velha em huma loja de miudezas, a qual tem por cima da porta este letreiro: *hoje não se fia, á manhã sim*; e faz este aviso, porque também tem dias feriados (LV, p. 8).

PARTE LVI.

Arco de S. João da Praça 15 de Maio.

Com as faces amarellas, os olhos estourados, cabelo arripiado, e penugem pela cara, hum avarento usurário sentindo agastamentos, entrou em huma casa de pasto deste sitio, para alimentar o individuo, porém temendo gastar, pedia sómente pão, e caldo. Perguntou-lhe o Patrão, porque não queria huma isca de carne, que a tinha excellente. Escusou-se o aváro, dizendo, que não gostava, por ser muito forte: o Patrão, que conhecia a Alimaria, e sabia quanto era miseravel, levou-lhe huma grande sopeira de caldo com suas folhas de couve; e no fundo impingio-lhe huma posta boa de carne, e poz-se á espreita: então o faminto migando o pão, fez sopas, e poz-se a manducar; porém achando a posta no fundo, disse: *oh!* Como admirado, e gostoso do encontro, e saltando na carne, mamou-a, imaginando que tinha vindo por engano, ou esquecimento; pedio o seu meio quartilho da pinga, e ficou como hum maço, entendendo que não teria gasto mais de 70 réis: bateo na meza, veio o Patrão, e indo a contas da pescaria passada, disse o Patrão deste modo: *hum vintem de pão, outro de caldo, são dous; trinta réis de vinho, faz setenta, e hum tostão de oh, faz oito e meio.* Respondeo o avaro: *de oh? Que guizado he esse! He aquelle que v. m., achou no fundo da sopeira;* disse o dono da casa: *Se v. m. comesse, e não dissesse, oh, não tinha nome, não lhe pedia nada, mas como v. m. me crismou a carne, não me ha de crismar na paga. Pois, Senhor, eu não pago;* disse o avarento, levantando-se com aceleração, mas levando a toalha preza a si, quebrou a sopeira, e a garrafa do vinho. O Patrão pondo mais duas parcellas á conta, fechou-lhe a porta: o pobre homem, que tinha que ir fazer huns rebates, e via que se lhe fazia tarde, pagou, ficando com tal zanga aos *ohs*, que não compra, nem come tâmaras, só porque estas o tem no caroço (LVI, pp. 4).

PARTE LVII.

Alfama, 18 de Maio.

[...] passou hum Arménio muito instruído, e vendo tanto povo ao Edital, demorou-se na explicação daquelle Enigma, porque havia sujeito de tanta curiosidade, que estava olhando para o papel desde as sete horas da manhã até ao meio dia, costume antigo de Lisboa, que em parando hum homem, párao logo meia dúzia ao pé d'elle, e alli ficam sem saberem para que párao (LVII, p. 2).

Entre os papeis do nosso Velho de Romolares se acharão dois, hum das qualidades do homem rico, outro das qualidades do homem pobre, o primeiro se descreve neste folheto, deixando para o folheto seguinte o segundo.

Qualidades de homem rico.

He hum homem rico huma viçosa seára da terra, todos o visitão, os que dependem d'elle em tudo lhe achão graça, fervem os respeitos; achão-lhe animo generoso, grande viveza, espirito nobre, duas fallas que profere são Provérbios de Salomão, he applaudido de grandes, e pequenos, hum dito frio he julgado por huma sentença, hum disparate he tido por enigma, infunde alegria em qualquer parte onde esteja, todos lhe abrem a porta, não tem lugar vedado, a cada momento se lhe estende a geração, porque todos querem ser seus parentes, ainda que seja filho de hum arlequim. Veste-se daquella fazenda, que se vende na rua Augusta, a que chamão Nobreza, a esta corresponde o tratamento, todos d'elle fião tudo, todos os obsequios tem por pequenos, esperando que se multipliquem; come do melhor, veste do mais exquisito, não apanha sol, não teme a calma, não molha os pés, resiste ao frio; a opera o diverte, o banquete o entretém, a Musica o distrahe, as lisonjas o recreão, nada o desgasta, a pompa o segue, o fausto o bafeja, e como arbitro da ventura reparte a sorte aos infelices, ampara Orfãos, sustenta Viuvas, veste mendigos; estes orão por elle em quanto vivo, e depois de morto, ainda o oiro lhe ministra nas esmolas que deixa, nos suffragios que para si reserva, hum proveito eterno, vindo a servir-lhe a riqueza tanto para o corpo, como para a alma, tanto para a vida, como para a morte, se he tão ditoso, que sabe fazer bom uso dos bens que possue, manejando as virtudes com humanidade, como ainda muitos fazem (LVII, p. 5-6).

PARTE LVIII.

Camarate 8 de Março.

Um aprendiz de Tافل, que principiou por jaqueta, e pantalona, e hoje já anda com bandeira no tope, por cuja razão se espera, que este officio venha ainda a ser embandeirado; este bom moço, a quem os poucos teres não deixão respirar livre, vive mettendo agulhas por alfinetes, para poder coalhar algum vintem; não sei de próximo em que negocio se metteo, que pôde ajuntar huns tostões, com os quaes foi comprando hoje hum traste, e á manhã outro, para o aceio do Domingo; e dirigindo-se terça feira á Praça d'Alegria, vio na mão de hum vendilhão huma casaca de felicatacim côr de rosa,

forrada de feliló esbranquiçado, ainda em muito bom uso, porque as nossas Fábricas já hoje fazem fazendas de muita dura, e tinha a tal casaca só o pequeno defeito de huma nódoa de sumo de laranja nas costas: avançou este novo Tافل a ella, e comprou-a por 720: veio para casa, contente como gato com sardinha, e achou-lhe na algibeira hum escrito feito com penna de lapis, que ainda se percebia, que expressava amores, e avisava o dono da casaca, para que fosse á Procissão de Camarate, com mais algumas cousas de signaes; o que o novo Tافل intentou aproveitar, vendo que a casaca lhe servia, e que elle se assemelhava na figura ao primeiro dono, e que faria equivocara tal Senhora do escrito, como se o hábito fizesse o Monge. Chegado o dia da Procissão, alugou hum jumento, que bem desgostos lhe deo pelos anexins, que ouvio a respeito da cavalgada, como *abrande-lhe a redea: tenha dó do pequeno: leve-o ao cólo: mande-o ao Pasteleiro*; e outras investidas deste lote, e logo á entrada do lugar chegarão a elle dois mocetões, e lhe disserão: *Ah seu amigo, a pé que temos que fallar*, ao mesmo tempo disse hum para o outro: *este he o tal, olha por signal lá tem nas costas da casaca a nódoa da laranja*: saltão ao cachação a elle, que o amarrotarão bem á sua vontade, acudio gente, e os dois sempre dizendo: *havemos desancar este bribantão, que anda desinquietando a nossa criada*: consta que o pobre rapaz depois de bem zurzido despio a casaca, e fez della enxerga, vindo em mangas de camiza para Lisboa, por se temer que no caminho aproveitasse mais alguma esmola daquella qualidade, que estivesse guardada para o primeiro corpo que a vestio; e a intenta pôr segunda vez na feira, a ver se ha alguem, que a compre, para ir com ella para o anno a Camarate (LVIII, p. 1-2).

Qualidades do homem pobre, annunciadas no Folheto antecedente, e achadas ao nosso Velho de Romulares.

O homem sem dinheiro he hum corpo dormindo, a todos esquece, confunde todas as suas idéas, representa hum espectro medonho, o semblante he triste, a conversação languida, a companhia pezada, nunca encontra em casa quem visita, quer fallar, he interrompido a cada momento, todos temem delle, que acabe o discurso pedindo esmola, tratão-no de empestado, considerão-no pezo inutil da terra, se tem juizo, nunca tem lugar de o mostrar, se o não tem, he o aJvo dos opprobrios; os de máo humor lhe atirão como a cão damnado: os benignos, quando delle fallão, começam-lhe o elogio por encolher os hombros com huma carinha de fastio, como cousa que desagrada ao paladar: a necessidade o desperta de madrugada, a miséria o acompanha até á noite, todos lhe dão o que menos presta, os Mercadores, e Alfayates querem que como os

primeiros vivos, elle se vista de folhas de figueira; quando compra qualquer cousa, primeiro lhe pedem a paga, se deve algum resto, he velhaco, em quanto o não satisfaz, os rapazes o perseguem, os mesmos cães lhe ladrão, os parentes o desnegão; todo o testemunho principia nelle, todos o detestão, e finalmente he hum mappa de confusão do mundo o mais triste, como diz aquelle Soneto de hum Poeta dos nossos tempos. - *Para traçar a imagem da tristeza*, etc. Mas esta mesma pobreza pode degenerar em fortuna, se encontra no abundante os claros conhecimentos da virtude, nobreza de espirito, compaixão, e prudência, porque não ha regra sem excepção (LVIII, p. 6).

PARTE LIX.

[...] porém o que nós todos sabemos he, que *por Amor*, o rico se faz pobre, o pobre se faz rico: graças aos velhos forretas, que passam mal, e entesourão para o genro depois andar de cavallo; o certo he, que quem diz *Amor*, diz *Loucura*, porque ha pedaço de affecto, que he mesmo hum dor de alma, ver aonde se dirige, a que muitos respondem o adagio vulgar, *que quem o feio ama, bonito lhe parece* (LIX, p. 1).

PARTE LX.

Ginjal 11 de Junho.

Chegado o dia, em que fazia annos a desejadissima, gostosissima, e sempre fresquissima *Senhora D. Fonte da Pipa*, por quem os apaixonados da sua formosura tem tido a gloria de darem com tudo em vasabarriz; todas as Senhoras da sua amizade, parentes, e mais convidados a vierão felicitar, e dar-lhe o gosto de lhe assistirem ao esplendido banquete, que todos os annos lhe apresenta, sendo a profusão das iguarias o justo motivo para a fama das aguas. Os primeiros figurões, que chegarão á outra banda, com aquella decencia, que permittia hum tal dia, forão o *Chafariz das Janellas Verdes*, e o da *Esperança*, pois como mais rapazes, não queriam perder hum instante de hum companhia de tanto sabor: depois chegou o *Chafariz da Praia*, como parente mais chegado, trazendo na sua companhia a *Preclarissima Senhora D. Fonte de Mello* vestida á jaqué, de Melancia de ondas azul celeste, guarnecida de pingos de agua, que com a refracção dos raios do Sol, mostravão o fogo dos brilhantes da Asia: seguio-se o *Chafariz d'Arroios* de botas, e esporas, trazendo pelo braço a *suavissima Ponte do Loiro*, vestida de verde á pastora, guarnecido de espeguilha de prata de reima de

caracol, que lhe estava a matar, acompanhada das suas criadas as *Fontainhas* vestidas á saloya, gibões de hicterra alagartado, feitos nas Caldas, que as fazião tão luzidas, que parecião de vidro; chegou logo o *Chafariz das Amoreiras*, e o do *Rato*, acompanhando a *bellissima Senhora D. Fonte coberta*, que vinha em habitos menores, por ser huma das que havia de servir no banquete, e por isso vinha disfarçada. Seguio-se depois o *Chafariz da Rua Formosa*, que com sua graça dava realce á *estimadissima Senhora D. Fonte Santa*, que vinha vestida de nobreza branca, daquella com que a enriqueceo a natureza, cuja brandura repartia com todos, por ser muito dada, como o tem experimentado muitos, que tem gozado dos seus prazeres. Vinha ella seguida do *Chafariz de S. Pedro de Alcantara*, do *Chafariz do Loreto*, do do *Carmo*, do da *Praça d'Alegria*, do do *Campo de Santa Anna*, e ultimamente do *Chafariz d'ElRei*, acompanhado do seu criado *Chafariz de dentro*, que levava no teliz as Armas, a quem todos vierão buscar á Praia, não pela sua antiguidade, mas pela sua authoridade, tanto em nobreza, como em riqueza, pois he o unico, que tem huma embarcação, em que passeia pelo mar, quando se quer divertir; foi este recebido com aquellas genuflexões, que merece, expressando-lhe todos os seus desejos, e fazendo-lhe sacrificio das suas vontades [...] sómente quem faltou a esta companhia linfatica, foi a *Senhora D. Bica do Çapato*, por velha, e por exhalar de si aquelle pestifero cheiro de suor de pés, achaque, que só a morte lhe póde curar: subirão todos para a grande sala, que se tinha pedido emprestada para este dia ao *Padre Téjo*, que tambem não assistio ao banquete por comprazer com certas *Nynfas*, a quem era preciso administrar a virtude das suas aguas nos banhos, que a Medicina lhes applicou, tomados na Praia da Junqueira; passados os cumprimentos, e politicas, que se praticarão entre a *Senhora D. Fulana*, e a *Senhora D. Fulana*, abraços, beijinhos na face, narrações de algumas moléstias que padecião, conversações de modas sobre *Jaqués*, e *Chapelinhos*, *V. S^a cá*, *V. S^a lá*, seguio-se o jantar, o qual principiou pelas tres horas, e acabou pela meia noite; estava esta grande sala toda guarnecida de quadros, que mostravão a *Historia de Gnido*, a *destruição de Troia*, e os *Sacrificios de Baccho*, tudo em branco; porque a matéria assim o permittia. Estava bem no meio da Sala huma grande meza, feita de huma só concha de Madre Perola, com hum dezer da invenção de *Ganimedes*, em que se vião todas as figuras dos *Heróes Aquaticos*, o *Velho Oceano*, *Neptuno*, *Tritão*, *Glauco*, *Protheo*, *Thetis*, *Amphitrite*, *Dóris*, *Syrene*, *Poternope*, e outros: toda a meza adereçada de ramagem de coral, e conchinhas das mais galantes, que a natureza produz. Seguio-se o primeiro prato, de que todos gostarão, por ser de *agua estufada*, *guarnecido de camarões*, brinde,

que fizera o *Caes de Villa Franca*, já que não pôde vir, por se achar tirando huma devassa sobre huma briga, que tiverão os barqueiros por ocasião dos vinhos novos. Depois veio outro prato de *agua açada no espeto, com molho de filtração*, que teve igual merecimento. Logo outro prato de *Agua de Inglaterra com santolas recheadas de lodo*, que estava hum portento. Este prato veio no Pacote de proposito para esta função, de que todos gostarão, por ser cousa estrangeira. Seguirão-se diferentes pratos huns de *Agua de Melicias feitas em Meleças*, outros de *aguas salutíferas das Caldas*, alguns de *agua da Rainha de Hungria*, que servia em lugar de mostarda para incitar o appetite, e logo depois hum prato de *esperregado de arrãs com seus bixinhos de conta em lugar de alcaparra*. Apareceo muito direita *huma formosa torta de miolos de caracões*, e humas travesinhas Inglezas para guarnição de *cabidella de cágados*, guizado exquisito. Fizerão-se varias saúdes com *agua do Estoril*, e entrarão as sobremezas de *agua de Flor, agua rozada, agua mel, agua de coco, e agua nevada*. Concluido que fosse o jantar, lavarão as mãos em *agua de murta*, e tomarão em lugar de Café *agua-ardente*, para que o estomago fizesse boa digestão. Foi o cozinheiro de toda esta ocharia, *aquelle rapaz neto das aguas*, que sendo todo fogo, misteriosamente fez tudo sem calor, e sem que espirrassem as fagulhas dos zelos, obsequio que lhe mereceo a Senhora, que fazia os annos, finalizando tudo em cantarem duas das *Fontainhas* hum terceto com o *Chafariz da Esperança* a Letra seguinte:

LETRA.

Com tuas aguas,/ Fonte da Pipa,/ Amor suave/ Paixões dissipa.//[...] Em aguas claras/ Tu sahes da rocha;/ E na agoapé/ Te bebem roxa [...].

Assim que se acabou de cantar, todos enriquecêrão com prendas a Senhora *D. Fonte da Pipa*, huns *com anneis d'agua*, outros *com adereces de cristaes d'agua*, e *huma grande flor de peito com huma pedra no meio d'agua marinha, circulada de pingos d'agua*, razão porque se sentio estes primeiros dias huma grande falta de agua nas casas de Lisboa, que se chegou a dar seis vintens por hum barril (LX, p. 1-4).

Maximas do Velho de Romulares.

[...] Ao mesmo Velho de Romulares entre as suas Maximas se achou a seguinte reflexão, sobre as idades do homem, e mostra que

Ao rapaz até á idade de cinco annos, *pergunta-se a outrem pela saude delle.*

Dos cinco até aos dez, *esquece perguntar-se-lhe pela saude.*

Dos dez até aos vinte, *não faz caso de molestias, e por esta razão não ha que perguntar.*

Dos vinte até aos quarenta, *já vai admittindo receitas de outros.*

Dos quarenta até aos cincoenta, *queixa-se de flatos, e já se lhe pergunta como vai isso?*

Dos cincoenta até aos sessenta, *todos lhe dizem cuide em si.*

Dos sessenta por diante, *fallão as molestias por elle* (LX, p. 6).

PARTE LXI.

Calçada das Necessidades 16 de Junho.

Hum maricas², que, desde que se conhece, sempre nadou em dinheiro, e que foi na sua infancia robusto, capaz de levar ás costas, ou na barriga huma pipa de vinho; perfeito, esbelto, cuja engraçada figura elle lhe não deixava crear bolor, porque todos os dias lhe dava ar, passeando-a por quantas ruas , e travessas tem Lisboa, entusiasmado este Adonis, que a sua presença namoraria todas as Senhoras, que olhassem para elle, tem consumido todo o seu tempo com esta mal fundada suspeita, até ao estado em que se acha velho, cheio de rugas, desdentado, e trôpego; porém peralta, e desvanecido: quis ultimamente Amor, para lhe acabar mais depressa o tormento em que vive, que passassem pela ponte d'Alcantara duas Ciganas muito tafulas, a tempo que elle se achava vendo lavar no rio as lavadeiras; e como a sua conducta, por se não poder conter, lhe fizesse dizer das suas costumadas, com offerecimentos cheios de engraçados risos, as duas labercas desprezarão tudo, fazendo primeiramente pouco caso delle, e como continuasse a importunallas, ellas ouvindo as offertas fizeram ponto fixo de as acceitarem, e perguntarão-lhe por onde se hia para as Necessidades. Respondeo elle; *que* estimaria muito a fortuna de as acompanhar, se lhe permittissem licença de as conduzir ao sitio. Acceitirão a expressão com o sentido na tolinha, segundo a basofia que tinham ouvido; aos primeiros passos logo disse huma, que queria agoa, ao que elle respondeo *agoa sem doce, minha senhora, isso he improprio*, e chegando-se a hum Maltez, que estava em cima da Ponte vendendo alfeloas, comprou-lhe trinta réis della, e puxou pela bolsa, que estava recheada de Peças de 6400, deo-lhe huma para que se pagasse. Disse o Maltez, que não tinha trôco, porém que não desconfiava por ser freguez; forão caminhando, e quando entravao a subir a Calçada, huma dellas, que era

² A palavra é usada na acepção de medroso e não de homossexual, como depois se tornou corrente.

finia como hum coral, piscou-lhe hum dente: elle vendo-se favorecido, entrou a arrotar postas de pescada, vitella assada, pasteis, empadas, e tudo o mais que quizessem merendar: a outra, que se lhe forão os olhos atrás da bolsa, como naquella occasião não passasse alguém, deixou-se ficar mais a traz, e com a maior ligeireza sacou-lhe a bolsa, porque a vio recolher na algibeira da casaca, segundo a moda, e a poucos passos esta mesma olhando para traz , vendo que vinha hum Saloyo apregoando cebolas, disse: *Iá vem o Tio João*, acudio a outra dizendo ao velho, *disfarce, e vá andando adiante de nós, espere-nos junto ao Chafariz, que já vamos*, deo elle em andar para sima, e ellas para baixo; chegarão-se ao Saloyo, apressarão-lhe as cebolas, e assim que perdêrão de vista o nosso namorado, safarão-se, tendo-lhe a outra tambem já tirado hum lenço branco. Chegou o tal meu Senhor ao Chafariz, e querendo alimpar o suor com o seu lenço, não o achou; lembra-se da bolsa, despeja as algibeiras, e acha-se roubado, augmenta-se-lhe o suor, e hum flato sobre o coração tão forte, que cahio; acudirão-lhe valeo-lhe então muito estar tão perto do Chafariz, mas sempre o levárão em braços para casa, e espera-se que, ou dê á casca, ou que vá para a Arrábida, se viver, desenganado do Mundo: lição bem empregada, e que devem tomar todos aquelles que crem de leve (LXI, p. 1-2).

O Editor desta obra, pela razão de ter recebido varias Cartas jocosas no Correio, se vê obrigado a declarar que elle não he o Author do *Café jocoso*, nem do papel intitulado *Retorno do Almocreve*, pois não deseja por modo algum usurpar a gloria devida aos seus Authores, contentando-se a penas com a sua composição do *Almocreve de Petas*, com a qual roga a todos a continuação da curiosidade (LXI, p.8).

PARTE LXIII.

Carta que de Coimbra escrevêrão ao Editor.

[...] De próximo chegarão á minha presença huns folhetos feitos no Porto intitulados *Retorno do Almocreve de Petas*, parecêrão-me muito bem, inda que deixão conhecer, que o *Almocreve de v.m.* traz as malas *das Petas* pouco seguras, e creio que algumas abertas, e que vem semeando pela estrada, por descuido, as noticias que traz, de que o *Retorno* se aproveita, principalmente nos *Avisos ao Povo*. He verdade que os ditos folhetos são bastante animados, porém fazem certo aquelle ditado, que *em fallando hum Portuguez, fallão dois, e trez*, mas bom foi ser v. m. o que fallasse primeiro. Também me admira que propondo-se o *Retorno* a ampliaras noticias de v. m.,

deixe muitas no interior de certos folhetos por diante, fazendo degenerar a obra de *Retorno do Almocreve*, em *Almocreve novo*, parecendo que o que prometteo, foi hum gaibão com que se cobrio para se reparar das invernadas da estrada. Se elle se cingisse á ampliação promettida, teria dobrado merecimento, mas dando o seu a seu dono, sou obrigado a confessar, que o tal Editor tem talentos, e propensão para as gracinhas; eu me não descuido de ajuntar huns, e outros folhetos; porque gosto, e o vejo fazer nesta Cidade a muita gente de bom gosto. Deos lhe prolongue a vida para desterro da nossa melancolia, e lhe dê a v. m., e a elle tantos 40 réis, como de petas nos encaixão, sirva-se da minha amizade, que sempre experimentará no seu

Muito Amigo.

Sa Vedra (LXIII, p. 3-5).

PARTE LXIV.

Calculo certo da despeza, que faz hum Senhora para se pôr na rua com a moda, desde os bicos dos pés até á cabeça, na função para que foi convidada, dos annos da Prima.

Dois dias antes do dia Natalicio se apresenta o criado por alcunha o Pataca, com hum escrito da Prima, e hum condecinha de bolinhos das Freiras de tal; cujo escrito, além de tratar da remessa, convida para a função dos annos; e que remédio ha se não dar ao pobre moço \$ 120

Eis-aqui se consulta o penteado, que se ha de levar, e porque se usão muito huns chapelinhos de seda, e papelão entre retrós, e seda 1\$200

Agora entrou a Senhora no appetite de hum cordão de oiro com borlas para a roda da cópa, e gastou-se mais 1\$600

O rosto da Senhora deve nesse dia parecer branco como a própria neve, mas a Senhora he amarella como sidra, e de que forma se ha de remediar isto, ahi manda comprar á loja do Maça de pós de aljofres \$240

Aqui diz a Senhora, que já não quer as Perolas [2-3] de vidro grosso que tinha, porque vio em D. Fulana, e D. Fulana huns fios no pescoço de Turibios, e perolas amarellas douradas, ora vá mais isso, e importão em 2\$400

Temos nova desgraça, que he possuir a Senhora seis vestidos de cambraia, e de seda, e nenhum ser bordado de oiro, entre cá, senhor contrabandista, que aqui ha de

forrrar-se de tomadias, que tem soffrido, cada vara a moeda de oiro, cinco varas faz a obra, abra, Senhor Pai, ou Senhor marido a bolsa, e adeos 24\$000

Queixa-se a Senhora que não tem renda para guarnecer, e não deve por isto ficar imperfeito o vestido, abra-se outra vez a bolsa, e ahi está huma mulher de capa, e lenço, e donaire pejado de rendas de França a 4000 réis a vara, bastão só tres, e importão 12\$000

Para se fingir a cintura logo abaixo da boca do estômago, irremediavelmente se precisa huma fita de veludo preto, a 360 a vara, e vara e meia importou \$540

Esta fita precisa de duas chapinhas de oito para feixos; vamos mais com isto 1\$600

He muito preciso hum jaqué, que não seja qualquer cousa, porque he moda, e abafa muito meias costas, para se não constiparem, e não se fez; visto ser guarnecido de galãozinho com alguns alamares, com menos de 4\$000

Precisa-se hum corte de chinéllas com a musica do Regimento bordada na palla, porque a Senhora he apaixonadissima do Zabumba, e levou a bordadoura pela exquisitice 2\$400

A Senhora tem dez dedos nas mãos, como eu que o digo, precisão-se dez anneis de fisica barata, e entre zabumbas, e outros de pedras 14\$400

Ahi soube agora a Senhora, que ao Capellista fulano Ihe vierão de Inglaterra huns leques, oh que leques de nova invenção! com isto, e aquillo tecidos, e bordados, e porque são da primeira sorte, importa hum 5\$000

Temos a Senhora prompta, porém os annos da Prima cahem por infelicidade em dia de feira, não se acha huma só sege, apenas se descobrio huma com seu ramo de turpor, porém como tudo neste mundo tem sua serventia, vai tomar ar esta tarde, o que não fazia ha muitos tempos, e sahe contra sua vontade, pelo preço nada menos, que de 2\$400

Na função foi infeliz a Senhora, porque na passagem de hum xavão, pegou-se-lhe o vestido de tal sorte, que fez hum rasgão de dois palmos, e será preciso mais huma vara daquella fazenda para remediar o caso, que a succeder assim são mais 4\$800

Somma tudo 76\$700.

Por caridade omittimos a constipação ao metter da sege, depois de vir quente das contradanças, Medico, Cirurgião, Botica, e ás vezes, salva tal lugar, enterro: com tudo importando esta despeza no que se vé, e ouvindo-se por outro lado pelos Pais de famílias huma choradeira continuada, *que tudo está caro, que nada chega, porque estou*

arrastado, he hum louvar a Deos ver a abundância das farofias, e das pessoas de que se compõe. Assentão os Politicos isto não poder ser natural, e que ou ha grande multidão de calotes, ou anda pelo mundo occulta a varinha de condão, com que minha Avó me embalou (LXIV, p. 2-4).

PARTE LXV.

Barca de Sacavem 13 de Julho.

Primeiro encontro que teve o Almocreve de Lisboa com o Retorno do Porto.

Ao passar da Barca quarta feira teve o nosso Almocreve hum encontro com o Retorno, que hia para o Porto buscar novidades ao seu Editor; e como se dessem por amigos, depois da pitada, e do quartilho, se saudarão mutuamente dentro da Estalagem de Sacavém. Perguntou o Retorno do Porto ao Almocreve de Lisboa, como hia com as suas petas, se tinham gasto, porque tinha ouvido fallar dellas certas cousas, que calava por modestia; a que o Almocreve de Lisboa sahio logo dizendo: “olha tu, a fallar a verdade, eu também tenho ouvido fallar tanta cousa do teu Retorno, que até me envergonho de as dizer.” Respondeo-lhe o outro, “pois que defeitos lhe apontão?” disse-lhe o Almocreve, “immensos, o primeiro he que as taes petas do Porto, parte dellas sao as minhas mascaradas; depois meu amo cança-se em buscar os papelinhos mais raros, e trabalhados, como são as Maximas do Velho de Romolares, e outros, e o teu Editor vai á Prosódia copiar aquelles anexins, como: rapaz de escola, que cobre letra secca, ou que escreve por traslado, etc., que não quero ter má língua. Eu não nego que o teu Editor tem algum geito, porém precisa muito desbastado.” Saltou logo o Retorno: “olha tu como fallas, que meu Amo não he ahi qualquer cousa, sabe a Grammatica toda de cór, sabe a Filocofia, sabe a Rethorica, e fez altos em Coimbra dentro de hum anno, e tres mezes, que não foi preciso lá tornar mais, e ouvi dizer em huma taberna, que elle no seu tempo, foi quem levou o “R” grande dos Mestres, que parece, que he hum premio, que lá se dá, sim, Senhor; e lá no Porto vai a todas as Boticas á noite conversar, e todos gostão muito delle: o teu Amigo cá de Lisboa, he que eu já sei, que tirado das petas não vale dez réis, e já me dizem, que para as armar, se anda pegando pelas paredes.” Respondeo-lhe o Almocreve: “Isso assim será, porém elle vai dando conta de si, e muita gente de alto bordo se enganou com elle a este respeito, de sorte que já confissão por ahi, que a tal Obra não he para todos, e que tem dente de coelho fazer os Folhetos, como elle os faz, sem ter ninguem, em que se fie: Teu Amo he que trabalha sobre o trabalho

delle, grande cousa he, meu amigo, deitar-me na cama, que acho feita, e não ter de a fazer, cahindo com somno: Acaba tu de enxugar este copo, que quero partir.” Disse-lhe o Retorno: “Pois hum Café jocoso, que me disserão tinha sahido! ouvi dizer tanto mal delle.... traz lá humas cousas da Matagata, que he daquillo, de que se fazem as Folhinhas, que se conhece quando ha Sol, e quando ha de chover, e dizem que vem tão mal alinhavado... O Author chama-se o... o... valha-me Deos! he o que,..., que... que. . . tenho-lhe o nome debaixo da lingua, ... adiante; todos dizem, que sahira com o tal Café por inveja das tuas petas, mas que ficára logrado.” Tornou-lhe o Almocreve, “meu Amo tem muitos macacos, mas todos andão com o sepo; bem se lhe dá a elle das rãs , que andão nos charcos; adeos Amigo, faze boa jornada, e se me achares alguma cousa pelo caminho, aproveita-te, que meu Amo não faz caso dessas ridicularias: lá vai á tua saúde:” que te preste, adeos:” Respondeo o Retorno, e assim se despedirão até segundo encontro (LXV, p. 2-3).

O Editor desta Obra pela razão de ter recebido varias Cartas jocosas no Correio, torna a declarar, que elle não he o Author do Café jocoso, nem do papel intitulado Retorno do Almocreve; pois não deseja por modo algum usurpar a gloria devida aos seus Authores; contentando-se apenas com a sua composição do Almocreve de Petas, com a qual roga a todos a continuação desta curiosidade; e que lhe rezem pela vida, os que lhe tem rezado pela alma, porque está de saúde perfeita para servir a Vv. mm.” (LXV, p. 7-8).

PARTE LXVI.

Segundo encontro, que teve o Almocreve de Lisboa com o Retorno do Porto, na Ribeira de Santarém.

Serão dez horas da manhã, quando segunda vez se encontrarão o Retorno do Porto com o Almocreve de Lisboa, na Ribeira de Santarém; saudarão-se, e disse o Almocreve: “Tens ahi hum bocado de papel para fazermos hum sigarro?” Respondeo o Retorno, “tenho humas folhas do ultimo Café jocoso, mas como tem letras não he bom para isso; e vierão-me ás mãos, porque succedeo huma cousa galante com este Folheto. Hum sugeito em Leiria comprou o Café numero 12, por lhe dizerem, que tinha muita cousa contra as tuas petas, e contra o seu Editor, custou-lhe três vinténs, e depois de o ler vendeo-o ao seu visinho por 30 réis; o tal principiou-o a ler, e a enjoar de sorte, que

mandou fazer chá de Marcella para tomar, visto que aquelle Café lhe perdia o estomago; deo-lhe hum rasgão, e botou-o fora, de que eu apanhei estas folhas, que são da lauda 317, 320, etc. Deixa ver” (lhe disse o Almocreve), que logo foi lendo nellas, e analisando-as pelo modo seguinte ás gargalhadas: “Diz aqui hum da sua sociedade, que lera hum livro intitulado Escritor sem principios; he livro de que não tenho noticia; o que eu me lembro de ter visto na banca de meu Amo, he hum livro intitulado, Escritor confundido nos seus mesmos principios, de sorte que ainda me recordo de dizer meu Amo huma vez, que os pensamentos daquelle livro representavão os camaroeiros, quando os rapazes no Caes da Fundição os tirão da agua cheios de camarões todos a saltarem huns por sima dos outros em continuada confusão.” Respondeo o Retorno; pois desse lote he o tal Café. “Tornou o Almocreve; “cá vem outra satyra a respeito de meu Amo, sobre os Verbos da Lingua Portugueza; he verdade, que ás orações deste Café não lhes falta Nominativo, Verbo, e Caso, pontos, virgulas, e divisões, porém falta-lhes o melhor, que he a graça. Oh! Cá vem na pagina 329 huma moléstia d’olhos, com suas explicações fysicas, em que o Author amontôa o olho da razão, o olho do coração, olho para aqui, olho para alli, olho torto, olho direito; porém ainda lhe escapou huma qualidade de olho, ao qual ficava mais bem applicada a receita, que traz na pagina 332.” Respondeo-lhe o Retorno, “bem sei, he o olho da rua, para onde se bota o que não presta:” virou o Almocreve, dizendo: “agora he que nós estamos peores, que nunca, que o Author se contentasse só em compôr huma dúzia de folhetos deste Café! paciencia, mas prometter mais, como aqui promete, he peor a promessa, que a primeira composição delle, porém nosso Senhor bem sabe proporcionar os castigos aos mortaes; permite-lhes os terremotos, as chuvas de pedra, as sêccas, e até se vale da peste deste Café, porque tudo lhe merecemos pelos nossos grandes peccados.” Perguntou o Retorno, “que fez teu Amo a este homem para o ingerir nos Folhetos do seu Café?” Respondeo o Almocreve, creio que nunca o offendeo em cousa alguma; porém como prometteo doze folhetos, e já para o fim não tinha com que os encher, tomou-o para a sua Alma com estas semsaborias, porque nesta manta de retalhos todas as cores assentão bem. Tenho visto; todas as gracinhas que tem, vem a páo, e corda, e quer que o Povo lhe pague os três vintens de frete.” A isto puxou o Retorno por hum pão de milho, deo metade ao Almocreve, que acceitou, e disse: “eu he que mando vir a pinga, são horas de partirmos, mas primeiro vamos fazer quatro saudes; á saude dos nossos Amos, e não julgues que fico com odio ao tal Author, que se aqui apparecesse nesta sucia,

tambem o mandava beber, deste vinho; acaba de enxugar este copo, e adeos:” assim se despedirão até mais algum encontro (LXVI, p. 2-4).

Falla do Editor a respeito da curiosidade desta Collecção de Folhetos.

Senhores Portuguezes, Amigos, conhecidos, e desconhecidos, não posso engolir em sêcco, que tendo todos grandes desejos de serem ricos, e os que o são de o serem mais, não desejem tambem ver-me com huma igual riqueza, a troco de huma *parva quantitas*, que ma não dão por meus olhos bellos, pois não tenho merecimentos para isso, mas sim por hum termo licito, termo que faz o distincto character do homem, a que alguns *Doutores* chamão *trabalho*, outros *agencia*; e como eu nesta curiosidade uso della, devo pela ordem da dependencia, que tenho, participar a todos os meus sentimentos, e o modo fácil de me enriquecerem, que não he impossivel; eu nas minhas poucas posses ajudo a todos aquelles, de quem preciso, e não com tão pouco, que não seja com centos, e centos de mil réis todos os annos; e se não haja vista ás partes. Eu enriqueço o *Sombreireiro*, o *Alfaiate*, a *loja de Capella*, a *do Mercador*, a *do Fanqueiro*, o *Fabricante de meias*, o *Çapateiro*, e toda a mais corporação, de que o homem depende para se vestir com decência. Se vamos ao gasto da boca, *hoc opus, hic labor est*, falle essa *Ribeira*, falle o *assougue*, que para isso tem lingua de palmo, *falle o Confeiteiro*, a *Padeira*, a *Mercearia*, e *fallem finalmente os Barcos d’agua acima* nas conduções que me fazem; porém não fallem ao mesmo tempo, que ninguém se entenderá; e veremos aonde isto bota; pois se eu com o meu pouco, desejo enriquecer tantos, quantas são as cousas de que preciso, *ergo* porque não hão de tantos concorrer para eu ser rico com tão pequena porção? Agora estareis vós filosofando com os vossos botões, o modo porque eu quererei a tal *prova*; talvez que vos lembre se será *emprestando-me dinheiros* para nunca mais os pagar, segundo a tarifa; se será *emprestando-me trastes* para nunca mais os restituir, segundo a moda; se será *armando figuras de invenções agradaveis*, com que muitos *ficão de cal, e pedra*, e *cabem nellas como pardal na rede em boca de poço*, segundo as subtilezas de vários papelões; pois não. Senhores, o ponto está na espingarda, e este caso he outro, o modo com que póde ser, sei eu melhor que ninguém; e se não vêde, ha em Portugal milhões, e milhões de casas povoadas de gente, e só bastava, que os habitantes de cada huma, daqui até 29 de Dezembro, que tanto hão de durar estes folhetos, me fizessem o obsequio de hospedar em sua casa o meu Almocreve, por huma só vez, pois me parece, que não custará muito a sustentar; porque panella, que se faz para dois chega a tres, por mais faminta que seja

a casa; e quanto mais elle, que não he comilão, pois ainda que passem os tres dias de hospede nunca enjoa, porque a maior despeza, que vos pode fazer em todo o tempo, he a de 40 réis, e o que se lhe faz não se bota em sacco roto, porque a sua conversa he toleravel, faz rir com as suas demasiadas, e debaixo do sério, de que he revestido, encaixa a sua petta como hum homem: também tem algumas semsaborias, porém são cabellinhos do odre, e esta falta lhe desculpará o paladar sublime, que comer sal ás mãos cheias. Tenho botado o risco, e confio de vós, que mettereis as cores de sorte, que este quadro me seja agradável; hospedai o Almocreve, que eu o que posso fazer da minha parte, he agradecer-vos o bom agazalho, que lhe fizerdes; e de nada importa, que deixeis o Cavallinho ao relento, que a estação para os brutos não vai áspera (LXVI, p. 6-7).

PARTE LXVII.

Rua de São de Paulo 22 de Julho.

Aos homens de senso não faz expectação os extravagantes, e exquisitos penteados das Senhoras Modistas: hontem como serras levantadas, hoje de estradas seguidas até aos confins da Europa, e amanhã de carapetas da secia, que as faz andar em huma roda viva: apparecem porém agora as Senhoras penteadas com ameixas reinoses fora de tempo, como que as trazem a secar na cabeça, para fazerem charopes de prevenção para os defluxos, penteado este, que custa a fazer ameixas de conserva, supportando a Madama, ou da creada que a penteia, ou do mestre Cabelleireiro, huma infallivel queimadura, que se refrigera com hum *v. m. perdoe*, ou delle, ou da creada: eila ahi de cabello á caçadora de Francforte [...] girão estas modas de Paizes em Paizes, e as meninas tudo adoptão, estejam, ou não bem ao parecer. A que he formosa deveria fazer hum penteado, que a não desfeiasse, e a que he feia deveria fazer outro, que lhe chamasse a formosura: ha cousa mais disforme, que hum penteado gordo em cara magra? Não dirão todos, que he ranho em parede? Ora contarei o que succedeo de próximo a certa Senhora a respeito do tal penteado de geringonça: Mandou chamar *Monsieur Serveté*, mestre affamado de perucas, para a pentear no ultimo ponto da moda, pois havia ir aos annos de sua Cunhada D. Galholheira, com caracões soltos: Veio o mestre, pôz-se á chirinola, e disse-lhe: *Senhora, já se não usão pós, o chefe da moda he ir o cabello como azeviche; aqui trago hum vidrinho de oleo de nozes, que he com que o cabello póde ir negro, e lustroso*. Ficou a Senhora saltando de contente, fez-lhe o

mestre toda a cabeça em caracões do tamanho de carambolas de jogo de bilhar, com muita sinalefa pelo meio, e o cabelo escorrendo em oleo, porém preto no ultimo ponto: acabou-se a obra, dirigio-se a Senhora á função na companhia do seu estimavel Esposo, que nesse dia botou hum vestido de seda primorosíssimo; rompeo-se a scena das contradanças, elege o marido para ser par huma galante Senhora, que lá estava; arde Madama em zelos, cahe convulsa, sustenta-a o Esposo nos braços, satisfações para aqui, fumaças para acolá, no fim da festa tanto o marido, como os mais milords, que a segurarão parecião huns azeiteiros; porque aonde a Senhora arrumou a cabeça cheia de oleo de nozes, deixava os vestidos huma miseria. Houve piranga que até chorou por ver o seu vestido perdido; rogando pragas, e dizendo; *que nunca mais acodia a enfermidades de Senhoras, que se o convidassem para algum enterro, ainda, ainda.* (LXVII, p. 1-3).

Terceiro encontro, que teve o Almocreve de Lisboa com o Retorno do Porto, nos Campos da Gollegã.

Encontrados que forão os dois Amigos, o Almocreve de Petas, e o Retorno do Porto, deo o Retorno nos campos da Gollegã algumas horas de pasto á sua cavalgadura, pois que vinha de mais longe, e tanto que deo com o Almocreve, abraçárão-se com muita alegria, e perguntou-lhe o Retorno, *que novidades havião?* Respondeo o Almocreve, “que não sabia cousa de maior, porque algumas de mais supposição vinhão fechadas na mala.” Poz-se a sigarrar, e continuou, dizendo: “agora me lembra huma, que póde dar motivo para o tempo, que aqui nos demorâmos; saberás que ainda quarta feira passada me veio ás mãos o folheto numero onze do Café Jocosso, olha que te seguro, que todo elle he huma sétta contra meu amo:” respondeo o Retorno: “tambem já ouvi fallar nisso, e que fere ainda mais, que aquellas folhas que te eu dei a viagem passada: não ha duvida; que me dizes tu (continuou o Almocreve) ao desembaraço, por lhe não chamar desaforo, com que o Author do tal Café, quem quer que elle seja, ameaça com páos, e com pedras no folheto numero onze na lauda 271 os que não gostão da tal Obra, bemdito seja Deos! ha Authores que, ou a bolça, ou a vida.” Respondeo o Retorno, “e se lhes não comprão as obras vai tudo pelo pó do gato; a mim disserão-me que nesse folheto na primeira folha vem o dia de pantalonas côr de rosa; o Author mostra que estudou, vê tu se elle põe o dia em calças pardas, que desgosto para todos!” Aqui continuou a fallar o Almocreve; “na lauda 284 vem atacar meu Amo, admirando-se muito dos sonhos, que trazem as petas, mas eu assento que he mais natural sonhar

hum homem devéras cousas, que vestir o dia de pantalonas: em que se podia achar algum milagre era no homem dormindo fallar com mais acerto, que elle acordado. Na lauda 298 atira o tal Author outra pedrada, mas não acertou, dizendo, que as petas não tem gasto, quando todos sabem que pelo ter, he que a inveja se poz a moer café. Também promette pa- [4-5] ra o Entrudo hum papel feito a meu Amo, acabando a promessa como Musica de Igreja com tres Améns no fim, como tu poderás ver na lauda 299.” Disse logo o Retorno; “a consolação que póde ter teu Amo he, que pouca gente ha de ver a tal Obra, só se elle a der de graça.” Continuou o Almocreve; “sabes tu que mais, que meu Amo he tão bom homem, que sabendo que ha na loja da Gazeta Café para 300 annos, me fallou por este modo: “tenho visto os folhetos do Café jocoso, se te encontrares em alguma estrada com alguém, e fallarem nesta obra, tudo o máo que disserem, (isto he só da Obra, que do regulamento da vida dos Authores, he falta de honra fallar nisso,) quero que me tragas; e as taes conversas que tiveres, quero-as pôr nos folhetos das petas para ajudarmos o Author do Café, porque o Povo em presentindo complicação, ha de ir comprar os 12 folhetos dessa Obra, para fazer as suas combinações, e fica o pobre homem, coitado, com esse lucro por minha intervenção, e agora mais te advirto a ti, que não penses que por elle cahir na materialidade de se esforçar em trilhar hum caminho para que a natureza o não leva, deixa de ser homem de Letras, pois tem seus rasgos, quem quer que he, pelos quaes mostra dedo de gigante; não precisa certamente, *que o seu amanuense lhe dê luzes*: porém em querer pôr em papelinhos taes, as Filosofias, as Mathematicas, as Theologias; matérias, que tratadas seriamente não são para todos, he em que o tal Author se perde; pois veste huma casaca de brilhante em hum cavador de enxada de botas brancas; e se elle me accommette pelos meus poucos estudos, cuidando que me abate, he quando me forma o meu maior elogio, que com farinha todos amaço.” Respondeo o Retorno, “ora muito me contas, pois a nossa conversa vai ás petas?” Disse o Almocreve, “sim senhor, sim senhor, para fazermos por beneficio vender alguns folhetos do Café jocoso, e adeos que tenho o Cavalinho manco, e he preciso ferrallo.” Tornou o Retorno, “pois dá-me esse sigarro, e adeos; assim se despedirão ambos até outro encontro (LXVII, p. 3-4).

PARTE LXX.

Rua da Cruz 17 de Agosto.

Acabou á cacheirada huma tão celebre função, vejão Vv. mm. o que he a gente estar de má fé, e desconfiar de si! Hum morador desta rua, homem provecto, prezado de lido, e affectador de má boca, alcançando cobrar huma larga somma de dinheiro, de que já não tinha esperanças, determinou celebrar os seus annos, para o que convidou huma grande orquesta, Poetas, muitos amigos, e Senhoras do seu conhecimento. A casa do Bródio ficava por cima de huma loja, onde se recolhia hum burro do mesmo Patrão; e estando a salla prompta, e a noite chegada, entrárão os convidados augurando huma bonita assembléa, já todos esperando tirar a ferrugem ás pernas nos Cotilhões, e Contradanças; rompeo-se a orquesta, e logo que esta acabou os seus deveres surdirão os curiosos de Poesia com Sonetos, Decimas, Quadras, e tudo o mais que se dá por este tempo. Ora, entre estes celebrados Vates, vinha hum aprendiz de Cirurgião, que costumava anatomizar os versos alheios, rapaz que tinha de cór, e sabia salteados quantos versos tinha abortado em festas de Nixo o grande raio, que succedeo ao trovão; desenrolou este Menino hum portocolo, e dizendo: *Ode nos faustos annos do Senhor, &c.* Pôz-se tão influido a ler, e a olhar para o Elogiado, que não dava assenso a mais nada: por acaso neste tempo o burro, que ficava por baixo, entrou descommedidamente a zurrar, e o Elogiado dono da casa, que queria ouvir cantar o seu nome com altisonante voz, disse todo impaciente, *fação calar esse burro*: o inflammado Poeta, que só dava assenso ao que lia, tomando a palavra ao pé da letra, e o freio nos dentes, feixa o papel, ergue-se em pé, e responde, *o tollo sou eu; eu he que sou o desavergonhado em cá vir repetir-lhe obras aos seus annos, que vossê nunca ha de entender.* Hum parente do Patrão, que não soffria injúrias, lançou-se logo ao Poeta, acodem os amigos deste, que tinham hido na sua companhia, razão para aqui, barulho para acolá, rachárão-se cabeças, esmurrárão-se ventas, houve seu dente fóra, as Senhoras com desmaios, humas em convulsões, outras em gritos, as Mães a pedirem agua, alguns a chamarem pelos chuços, até que resultou acudirem estes, e ir o dono da casa com o acompanhamento masculino entre tocheiras, acabar de fazer os seus annos ao Limoeiro, onde fez termo de nunca mais lhe entrarem era casa Poetas colericos, nem burro zurrador (LXX, p. 4-5).

PARTE LXXI.

Passeio Público 30 de Julho.

Ora este bom Velho vendo hum dia de festa dois caxopos seus parentes vestidos da fraqueza, em que quasi todos es Modistas cahem no tempo presente, lhes disse: *Estais galantes figuras de camara optica, vós por acaso sois Suissos ou Portuguezes?* Ao que elles responderão, *isto Senhor Tio são modas que se usão na Cidade, as quais tem grassado entre nós depois que esta Villa serve de recreio a muita gente; V. m. não gosta deste traje? pois elle he bonito, e até faz os Velhos moços; se V. m. for agora á Cidade com o seu antigo vestido será apoupado, e motivará riso a todos que o virem. Que dizeis,* respondeo o Velho rangendo os dentes, *hão de apoupar hum homem porque vai serio sem temerem o seu despique, eu não creio que Lisboa esteja tão alucinada pelos estafermos que vossês me querem capacitar que ha nella. Eu á manhã mesmo me desenganarei, quero partir para Lisboa, e ver lá se os homens deixão de ser homens para serem bonecos.* E com effeito no dia seguinte armou-se com o seu vestido de tres pellos que recebeo na herança de seu quinto Avô, pôz hum chapéo de Braga feito em 1740. armado em triangulo, sem que a thisoura concorresse para a sua prespectiva, cabello cortado como o trazem os do sitio da Nazareth, sua gravata, que as pontas arrematavão na ultima casa da vestia, humas meias, que mais parecião de pregas, que lizas, pelo mal puxadas que estavam; huns çapatos, que ja tinhão beijo na solla de altura de dois dedos, cortados a diante para reparo das topadellas, que lhos fez *Manoel Braz* Mestre çapateiro que foi de *Bento Antonio*, que a maior parte das pessoas conhecêrão, cingio o lado com hum espada capaz de cortar pelo meio a torre do Bogio com tudo quanto tem dentro, e sahindo de madrugada veio jantar a casa do *Talaveiras*. [...] e como lhe tinhão gavado tanto o Passeio Público não quiz passar sem entrar dentro, e ver se correspondia á fama, (aqui forão ellas) pois assim que descortinou este frondoso bosque de Diana, entrou a dar louvores ao Creador pela diversidade de objectos que foi encontrando: aos primeiros passos vio sentada em hum dos assentos de pedra hum figura de mulher toda de branco, e porque lhe vio a cintura junto da garganta chegou-se mais ao pé, e com vozes compassivas lhe perguntou *se fora de nascença aquelle aleijão?* Ao lado desta figura estava outra em pé de idade mais avançada, que lhe virou as costas julgando atrevimento o que era pura sinceridade: Foi dando volta por aquelle delicioso sitio, mas sempre pasmado da confusão, em que via mettida a mocidade, pois não podia analysar o que era moda naquelle concurso de gente, e quando vinha

retirando-se foi hombreado por quatro Tافلões que de proposito vinhão investillo, a quem disserão, *ah sou amigo como vão as searas?* O Velho cortezmente fez huma grande barretada, e saltando todos quatro a rir, desconfiou o Velho, abaixando a vizeira, e não ficou muito pão de trigo; entrarão-no a chasquiar, e então disse elle *ai que os meninos querem festa*, e ao tempo que lhe fizerão hum insulto, os mandou metter mão ás suas espadinhas, e elle metteo mão á sua dizendo *briguem senão dou-lhe*, e não houve mais remédio que defenderem-se, porque o Velho á primeira pranchada, que deo, butou hum a terra, e do mesmo talho, e revez, botou-lhe os alfinetes fora das mãos aos outros, acodirão mais, e o Velho os atarantou a todos, e como os mais delles não tinham com que se defenderem da espada, tira cada hum o seu çapato, que erão destes de bico de lanceta, e saltão á chuçada ao Velho, hum tirou huma judia, e não se lembrou que o canhão das meias era de seda, e o resto de linha crua, e desta fôrma trabalharão o Velho de lustro: elle sim os fez fugir pelo passeio fóra, mas ficou com tantas cisuras no corpo a botar-lhe sangue, quantas forão as estocadas que lhe derão com os çapatos, que parecia que tinha levado bixas (LXXI, p. 1-3).

Rua das Janellas verdes 30 de Agosto.

A que ponto não chega a vaidade das mulheres! Mas a sua inveja he igual á sua vaidade. Nenhuma quer ser excedida por outra, nem ainda nas mesmas faltas, ou defeitos. Juntárão-se huma noite destas em huma casa deste Bairro quatro Senhoras, a qual mais presumida, e invejosa, e porque huma dellas disse que era muito delicada, logo as outras tres o quizerão ser mais do que ella: conversou-se, e vindo a preguiça *ad rem*, todas se quizerão exceder em preguiçosas; daqui entrárão a altercar sobre a delicadeza, e preguiça, de sorte que fizerão largas apostas, e tomárão por Juiz hum Letrado velho, que se achava na dita casa, ao qual expoz a primeira: *Eu sou tão delicada que hindo, haverá quatro mezes ao meu jardim, porque for descuido me cahio huma folha de rosa sobre hum pé, andei tres mezes cocha*: Disse então a segunda. “*Pois eu sou tal que deixando-me por desmazello a minha Aia huma vez huma ruga nos meus lençóes de Hollanda, indo-me, sem o saber, deitar sobre ella, quebrei huma costella, de que estive bem mal; Mais me succedeo a mim*, disse a terceira. “*Porque a minha creada grave o mez passado por descuido, quando me penteou, e apartou o cabello, me deixou mais cinco de huma banda que da outra, ficou-me a pelle da testa inclinada para aquella banda mais de quinze dias*: Ora disse a quarta “*Todas sois muito grosseiras comparadas comigo. He certo que todas vós chorais quando tendes algum motivo, e*

que não vos succede o que a mim me succedeo, que tendo o outro dia causa de chorar, e indo a fazello, a primeira lagrima, que me cahio pela face, me escalavrou a pelle, e me abrio huma chaga, a qual por milagre se curou, porque eu não lhe consenti remédios, temendo que o seu pezo me fizesse nova chaga. O Juiz ficou perplexo em dar a preferencia, e disse “*Que provassem a sua preguiça, para lançar depois a sua sentença.* Eu, tornou outra vez a primeira, *sou tão preguiçosa, que estando sentada no meu jardim, veio huma vespa para me morder, e por não levantar o braço para a enxotar, levei huma ferroadela, que me fez immensas dores:* Disse então a segunda; *Estando eu hum dia encostada ao fê de hum repucho da minha Quinta, rebentou este, e eu não só por não fogir, me deixei alagar, mas estando com sede não abri a boca para beber: Mais tenho eu feito,* disse a terceira; *Levantando-se hum dia hum pé de vento em hum passeio, que dei, e erguendo-se huma grande nuvem de poeira; foi tal a minha preguiça, que por não fechar os olhos, consenti que nelles me entrasse tanta terra que hum mez não pude ver:* Respondeo logo a quarta muito delambida “*Ao meu ver, nenhuma me excede, pois estando sentada em minha casa, por descuido pegou fogo, e eu por preguiça de fugir, hia morrendo queimada, se não viesse gente, que me levou ao collo dalli para fora: Pois, Senhoras,* disse o Juiz, *eu também sou tão delicado, e tão preguiçoso, que não só por ter preguiça, não decido, mas também porque me incha a boca pelo excesso de fallar* (LXXI, p. 6-7).

PARTE LXXIV.

O moço do Poeta hindo huma noite destas assistir a hum casamento da Enteadada do seu çapateiro, para que fora convidado, e vendo que em toda aquella companhia fervião os *Dons*, pois a Irmã do dono da casa era *D. Aniceta*, a mãi viuva *D. Victorina*, huma sobrinha *D. Mauricia*, e até huma criada em honra do Dia, peitou os officiaes, e aprendizes para lhe chamarem *D. Alberta*, desembrulhou-se este maroto daquella praga de *Dons* com o seguinte

S O N E T O.

Senhora *Dona Moda* chegue cá,/ Com *Dona Contradança* venha aqui;/ Porque a *Dona Farofia* agora ouvi/ Dizer, que já sem *Dom Damas* não ha:// A criada que esfrega, ou traz o chá,/ Com *Dom* em certa casa ha pouco vi;/ E se isto vai avante per ahi,/ O toque de *Dom, Dom*, em fogo dá:// Ha muitas que não tem dez réis de pão./ Querendo lhe dem *Dom* sem tom nem som,/ E só do ar do *Dom* vivendo vão:// Nada, meninas, isto

não vai bom!// Porque se acaso as modas nisto dão,/ Não vereis cão nem gato sem ter Dom (LXXIV, p. 6-7).

PARTE LXXV.

Carta que escreveo Theodozia Maria a seu filho, que anda nos Estudos em Coimbra, a qual por artes do Almocreve veio em copia ás mãos do Editor.

Pará 30 de Julho.

Meu caríssimo, e muito amado filho da minha varonica do coração: a minha benção te boto, e te cubra para que sejas hum Santo; do mesmo modo se te recommenda teu Pai, que te não escreve, senão esta, que he feita por mim, pois anda alabutando nas fazendas. Cá a recebi noticias tuas por hum carta, que a recebeo teu Pai, e elle se agastou muito pelo tratares com tantas **rhetolicas, e pyrambulas jaculatorias**. Tinha a tal carta huma letra tão somenos, e enrabiscada, que não lhe escapando hum seítel com a ingrilação da vista, lhe suou o nariz tanto, que **os olicos lhe cahirão inflabilidades de vezes sem lombrigar os teus amantes colloquios**; e como eu estava muito occupada nessa incasião, chamou teu Pai hum menino orfao, nosso visinho, para que lhe puzesse em Portuguez a maldita Carta. Lá lhe mandavas dizer que estavas para entrar no curso do **degráo de Bacharelo**; a isto responde teu Pai que depois de hires correr essa **Nuversidade**, parece mal vires só Bacharelo, porque já cá o eras ingeminado, porque quando teu Pai esbarrou comtigo nessa Terra, era para termos a jubilação de te enxergarmos ó Sirurgião, ó informado na Difficuldade dos Creligos, que os mais, diz teu Pai, que são **Doutores de tibis quocres**: e não desejamos que te chamem por cá quindunho, que não ha cousa mais amazoilada. Também se consumio muito por mudares de nome, pois se eras d'antes Ambrosio Pitorra, para que puzestes no sobrescrito Ambrosio Palhoça: elle jurou-te pelas barbas, chamando-te individuo; e o certo he que vossês outros em se apartando do bafo da saia, logo levantão o olho á coifa sem fazerem mingoa de que ainda trezandão aos coeiros. Teu irmão mais velho já está Precursor da Irmandade, e o pequeno já construiu o outro dia nos olhos de teu Pai a Prezodia; e o tal menino orfão, nosso visinho, não lhe pôde dar hum só quinão nos **deminativos na parte neltra**; e anda agora metendo na cabeça as lambaragens. Não te esqueças de ler naquelles livros, que te dei = Dos contos de Trancoso, = a Plingrinação de Angelica, = e as Canónicas da Ordem de Bertoldo, que sobre tudo são as mais divertidas. Tua Irmã fica muito doente de quebranto, e untada do **unguento saralhôto**.

As novidades, que aqui correm, meu rico filho, são que nas **guelras, que trazem os Turcos com os da nova Apolonia, já pedirão trevas**. Não tenho mais que dizer-te, senão que sejas bom, não tenhas más companhias, coze-te contigo, nem te traves com alguém, e **cuida nos teus estúrdios com aquelle desvario que de ti espero**. Arrecebe a minha benção. Amem.

Tua Mãe, que tanto se **ingemera** em que saias perfeito á luz do Mundo.

(Assignada.) Theodozia Maria. (LXXV, p. 3-4. Negritos meus).

PARTE LXXVIII.

Advertência do Editor aos prudentes, e benignos Leitores.

Com effeito está esta obra do Almocreve de Petas no número 78, e acaba esta primeira collecção no dia 29 de Dezembro do presente anno, para se poder encadernar em hum volume, acompanhado do seu indice, porque os Senhores Curiosos, e as Senhoras Donas Curiosas possão de hum golpe de vista achar no dito Livro as cousas mais notáveis, e que mais lhes derão no gozo, ainda que muitas cousas perdem o sabor da graça, em muitos sugeitos, que lem de tal sorte gaguejando, que ora se lhe figura ser huma asneira huma discrição, ora tem huma discrição por huma asneira; e tão afferrados á sua opinião, com ouvidos de pedra, e cal, que levantão testemunhos a tudo que lem, sem lhes fazer estranheza na orelhinha. Vá em desconto dos nossos peccados o chorrilho de Leitores tão pios, que são capazes de tirar a graça, não digo só dos papeis, mas até do alto do Caracol, onde ella está situada. O Editor não perde da lembrança as querélas, que terá tido por esses Escritorios, por ter acertado com tantas pedradas em immensidade de cabeças; porém discorre que os trabalhos são inseparáveis dos homens, e com isso se consola, levando carta de seguro na boa tenção, com que o tem feito: Os Senhores se queixão das petas, que lhes faz engolir, e no cabo enganão-se, que elle he quem as come, segundo dizem os quarenta réis. Muitos o tem descomposto, dizendo-lhe que as suas letras são mais gordas do que elle, sem se lembrarem que para isso ser assim, pouco basta, pois que o preceito de dar hum folheto cada semana, lhe tem diminuído mais de três arrobas de carne, e isto por divertir a Vv. mm.; pois muitas vezes succedeo ao Editor, na hora em que só tinha motivos para chorar, ir compor petas para os mais se rirem. Todos conhecem este trabalho, todos o gabão, todos delle se admirão, mas as quatro moedas de dez réis para chegarem á loja da Gazeta vão a páo, e corda; este o motivo, porque os Escritores desanimão, e até o Editor desta Obra, que não he

dos mais queixosos, não pelos seus olhos bellos, mas pela benevolência de Vv. Mm., que Deos guarde muitos annos, se vê obrigado a declarar que tem ainda *petas* em abundância, e *verdades peteadas* para continuar com ellas o anno, que vem; porém declara ao mesmo tempo que não as pôde pôr em público, sem que Vv. mm. concorram no prefixo termo de quarenta dias contados do dia de hoje, 20 de Outubro em diante, a assignarem o seu nome na loja da Gazeta por hum anno, a fim, de que se preencha o número de Assignantes, onde se leve certa a receita para a despeza; e fiquem todos de acordo Senhores, e Senhoras, Meninos, e Meninas, velhos, e moços, que **senão houver a certeza destas assignaturas, o Editor vai para a sua Quinta, o Almocreve para a sua terra, e o cavallinho para a Feira** até que seja comprado por algum destes Senhores, que andão a cordões, repicando sinos, com hum bestinha só nos varaes, que também não deixa de ser boa peta. Estes folhetos, supposto sejam de hum ordem baixa, dizem alguns Senhores de oculos, que ainda não sahio hum só, que não trouxesse alguma lembrança, que deixasse de valer os quarenta réis; e ainda que os tempos estão de moletas, quarenta réis não fazem falta a quem vai dar tres peças por hum Camarote, para ouvir no primeiro dia hum voz, que fica cantando todo o anno; e muito menos falta fazem a quem comprou hum arratel de feijão verde por hum cruzado no primeiro dia, que apparecêrão na Ribeira Nova, de que a minha fregueza ficou saltando; e me contou que já comprára á filha mais hum cordão de ouro. Ora Vv. mm. bem entendem este portuguez, e que todas as voltas da enguia vão dar á agoa. Se quizerem *que as petas continuem*, corram á loja da Gazeta a assignarem os seus nomes, que o Editor acceita as boas festas em todo o tempo (LXXVIII, p. 1-3. Negritos meus).

Bairro Alto 14 de Outubro.

Vexado por dinheiro, como succede a muita gente boa, certo Saloyo que era credor a algumas dividas importantes, se encaminhou a casa de hum Letrado deste sitio para se aconselhar, e convir no modo mais fácil de pilhar algum vintém á unha. Entrou pelo Escritório dentro, que achou desembaraçado de gente, e com ser Saloyo não lhe escapou ver que o Escrevente estava com hum canivete cortando tirinhas de papel por não ter que fazer, e o Letrado subido a hum cadeira divertindo-se em sacudir com o lenço do tabaco a poeira dos Livros. Alli se virão dois extremos: o Saloyo a pesar da informação, que tinlia d'elle, ficou mais morto que vivo; e o Doutor creou hum alma nova apenas o vio. Expôz o Saloyo a divida, que lhe devia hum sugeito de Lisboa, parecendo-lhe esta a mais facil de cobrar: ouviu o Letrado todas as confrontações, e

encaixando, com todo o respeito, os óculos no nariz, virou para o Escrevente, e disse-lhe. = *Dobre lá papel para huma petição.* Perguntou-lhe o nome, e continuou = *Diz Antonio Mendes Barrella,* acudio logo o Saloyo dizendo: *Olhe, Senhor Doutor, se se podesse fazer a petição sem ir lá o meu nome, porque eu não queria que o meu devedor soubesse que eu sou o que lhe pesso a divida por Justiça:* Respondeo-lhe o Doutor; *Vossê não sabe o que diz nisso, não tema nada, que como eu estou Senhor do caso eu o defenderei de todo o mal que lhe succeder.* Calou-se o Saloyo, fez-se huma petição de medida grande, e acabada que foi perguntou o Saloyo quanto devia: respondeo o Letrado que doze vintens, metteo o Saloyo a mão na algibeira apalpando muito, e depois de hum grande espaço de tempo, virou para o Letrado, e disse: *Queira o Senhor Doutor deixar ficar a petição até logo, porque não tenho aqui essa quantia.* Conveio o Doutor nisso, porem ao sahir da porta, já de lonje tornou o Saloyo a dizer-lhe: = *Olhe, Senhor Doutor, se eu tardar muito, e vier alguém que a queira por amor de mim não perca venda.* Enfiou pela escada abaixo, deixando ao Escrevente mais aquelle papel para a brincadeira das tirinhas (LXXVIII, p. 4-5).

Sabendo o Editor que o Author do Café Jocosso lhe está respondendo com toda a azafama aos encontros do Almocreve, lhe dirige as seguintes Decimas.

I.

Senhor Author do *Cafê*,/ Já sei que tenho resposta,/ Pois se escreve de mão posta,/ E me dizem que he vossê:/ Muito embora nisso dê,/ Mas veja como emparelha;/ Lembre-se bem, que tem telha;/ Que o andar á chuva molha;/ E que se he filho da folha,/ Eu cá sou filho da velha.

II.

Se eu logo ao talho primeiro/ O não mandar para a Quinta,/ Negra seja a minha tinta,/ Que eu tenho no meu tinteiro:/ Olhe, amigo, o verdadeiro/ He metter-se no seu canto;/ Não lhe causar nada espanto;/ E a ver se a tormenta passa,/ Vá dando o *Cafê* de graça,/ Que talvez não fallem tanto.

III.

De que muito o Povo ardeo,/ Foi *de tres vintens* pagar,/ Sem poder na obra achar/ A causa , porque tal deo:/ De *huma tal obra*, até eu/ Arderia, se a comprasse;/ Mas olhe, não se embarace/ Com cousas de pouca monta,/ Se tem da despeza a conta,/ Vista a razão , dei-lhe hum passe.

IV.

Se tal fez por ver purgado/ Todo o Povo de repente,/ Antes lhe desse agoa quente,/ Com assucar mascavado:/ Mas *café* tão esturrado,/ Que a todos deixa em jejum!/ Disto he que nasce *o rum-rum*,/ Não entra em gente Catholica,/ Querer metter huma cólica/ No buxo de cada hum!

V.

A tal obra o nome mude,/ Se não em trabalhos cahe,/ Que ouço dizer, ha quem vai/ Denuncialo á saude:/ Primeiro que escreva estude/ *Ao Café* termos idoneos;/ Que alguns que não são boloneos,/ Dizem, com boca proterva,/ Não ser *Café de Minerva*,/ Sim de trezentos Demonios.

VI.

Bem conheço, que já agora/ Mui pouco remédio tem;/ Mas o que mais lhe convém/ He ir tomar ares fóra:/ Dar na cabeça huma hora/ De desaffogo aos embates;/ Dormir beber *quantum satis*;/ Cuide em si, se o não fizer/ Receio que inda vá ver/ As cazinhas dos Orates³ (LXXVIII, p. 7-8).

PARTE LXXIX.

Carta, que escreveo Manoel o Trouxa, natural de Guimarães, e assistente em Almada, a huma sua Comadre de Lisboa.

Senhora Anicetra Barba, estimarei que **estas duas regoas** achem a V. m. com todas aquellas, e aquelles, que V. m. desejar para que se sirva de tudo aquillo, que o meu effeito lhe deseja. **Sua Comadre vai gorda como huma vacca**, e manda-lhe muitas alumbranças: O seu afilhado he que tem andado muito moquenco desne que o trouvemos de lá: diz o Alveitar que **são esfregas de sezões, anda tomando esquina**; mas não se acha melhorsinho. **O burro do Senhor Compadre he que vai engordando** com o restolho, e já não manqueja tanto: V. m. lhe dará da minha parte muitos arecados, e diga-lhe que já citei a mulher do vinheiro para a conta dos marmellos. Agora quero pedir a V. m. que he fazer com o Senhor meu Compadre, que me empreste elle aquellas suas botas grossas de montar a cavallo, que he só por cinco, ou seis mezes, em quanto eu não cobro o meu remediosinho, com que faça humas novas, que então lhas voltarei. Cá tive a lumbrança de dizer á minha Francisca que lhe botasse hum ovo na pedrez, que chocou, e já sei que está cheio; porque a vizinha Maria Ratada o vio hontem á candeia: Eu já me tenho pegado para que saia femea, e assim ha de succeder, porque o ovo era

³ Designação corrente para os hospícios.

muito redondinho. Cá tenho dois grillos guardados para o seu menino, e não lhos mando agora porque ainda não fiz a gaiola. E com isto não enfado mais a V. m., beijo a mão de V. m. não ha de que = seu Compadre, e seu servo

(Assignado.) Manoel Trouxa (LXXIX, p. 3-4).

PARTE LXXX.

Escolas Geraes 27 de Outubro.

He boa historia esta! Não ha hum caso assim! O character do homem prevertido, a ordem da natureza alterada! *As Senhoras* vestidas como homens, e *os homens* vestidos como as Senhoras! He boa historia esta! Huma mutação simples, que faz pôr em confusão a mesma natureza! *O homem* exhalando de si afeminados cheiros, e enfeitando-se com melindre! vestido com huma casaca até aos pés, e com roupinhas, parecendo a casaca depois de abotoada huma saia: he boa historia esta! Sugeitando-se para figurar de Senhora, a fiar na força do seu maior negocio; até cozendo pela boa digestão do estomago a sua fornada, com agilidade propriamente mulheril, não só para arrimar hum baú de roupa, mas desarimar dois, ou tres, o ponto he chegar-lhe quando tem vocação; fallando de falcete, e amaricado, figurando em si o mundo ás avessas, sómente por capricho; he boa historia esta! *A Senhora* com o cabello desgadelhado, chapéo na cabeça, lenço no pescoço em ar de gravata, ou pescocinho; capote de mangas, e çapatos de cunha, passeando com varonil desembaraço, indo á Praça da Figueira tratar do seu negocio, se lhe he preciso, mette mão á sua espada, e corta com ella peor que as columbinas, he boa historia esta! Se ha occasião agarra a sua cabelleira como hum homem, fallando com voz de trovão, para affectar homem, figurando de Amazona sómente por liviandade: he boa historia esta! Sexta Feira passada andavao neste sitio os rapazes da escola á aposta com as suas materias, e vendo ao longe huma figura destas, se forao a ella como gato a bofes, e entrão a gritar huns daqui, outros dalli, *senhor homem dê aqui o seu voto nesta materia*, cujos votos senão derão não porque os não soubesse dar a quem os merecesse a tal figura, mas porque hum dos rapazes dos ultimos, que chegarão, desmanchou a festa, pois conhecendo que era huma tia sua a quem estavam pedindo os votos, lhe entrou a dar sorriadas, e então he que conhecêrão que era mulher quando se desembuçou para deitar a benção ao sobrinho; a razão deste engano dos rapazes está conhecida; foi porque a tal figura vinha de chapéo redondo na cabeça, capote de mangas, çapatos de cunha, embuçada, e arregaçada por amor das

lomas, e por isso lhes pareceo que era homem, he boa historia esta! Logo mais abaixo sahindo as raparigas da Mestra se foi huma abraçar por detrás a hum homem destes que representão de saias, pois se enganou com a cor do vestido, e cuidava que abraçava sua Madrinha: he boa historia esta! Ah bom *Simão de Orates*, só tu sabias curar isto sem páo nem pedra; e tudo o mais he historia (LXXX, p. 1-2).

Carta circular a todos os curiosos de ambos os sexos.

Amigos do bom, e barato, o tempo que he precioso não se póde perder hum só instante, que não venha depois a fazer falta: Eu me vejo novamente debaixo de condição meio obrigado de algumas pessoas a relatar mais successos, que no Theatro do Mundo se representão, distribuindo nestes Folhetos *do Almocreve de Petas* as partes próprias com aquella escolha, que requer a acção, sendo a primeira Dama *a muito nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa*, a segunda Dama a Senhora elevada Tafularia da mesma Cidade: *Galans, seu Termo e Arrabaldes*, Lacaia a Astucia da vida, e Gracioso *o calote geral*, razão porque segunda vez os importuno, quando estava já no projecto de vos não molestar, o que certamente virá a succeder, **se no tempo já mencionado, não vindes, ou mandais assignar na loja da Gazeta com cruces, ou cunhos, para continuar no novo anno, a desenrolar as petas, em que muitos cahem, outros practicão, e a malicia descobre, ferindo a todos na ponta da aza, e não matando nenhum, porque não incorra em pena o meu Almocreve, que não faz mais que divertir a Vv. mm. com ella.**

A minha Musa, que não sei quem lhe disse que a obra estava em termos de continuar, vestio-se de manto de seda, e muito Senhora do seu nariz veio ter comigo, dizendo toda empespinhada, com voz de pipia: *veja lá em que se mette se esta obra continúa, e V. m. quer o meu socorro ha de fazer o seu gasto comigo, vestindo-me de ponto em branco*. Logo a traz della seguio-se o Almocreve dizendo-me, com voz de capado, *se a obra continuar, eu tambem quero hum vestido novo*. Pela outra parte sahio-me o Moço com voz de gaita de folles, e disse: *eu tambem quero ser vestido desde os bicos dos pés até á cabeça, porque todo o fato que tinha, tenho gasto nestas jornadas; e o cavallinho tambem fazendo signal com voz de Urço Me mostrou que queria muito ufano/ Huma ração dobrada para o anno*.

Cada hum me allegou o seu trabalho, e eu pasmei a olhar para elles, reflectindo na dúvida em que o lance está para a sua pertença, admirando o gosto, com que elles já

contão com o ovo, que a galinha ha de pôr, estando ainda tudo no mais difficultoso embarço. Eu os desenganei, fazendo-lhes ver as calamidades da Epoca, que para tudo hia fria, e que o não continuar a obra, he porque tinha hum embargo pela moeda, e não porque faltassem petas para o anno; que o dinheiro a cada hum mal chegava para os bocados da boca, quanto mais para comprar huma folha de papel tão ordinario como este por quarenta réis. Então o Almocreve me respondeo com voz de ferro “*ainda ha muito dinheiro, se o não houvesse, não se satisfariaão tantos appetites; aquella sogeito, que V. m. annuncia na Parte 78 desta Obra que comprára os feijões verdes tão caros, comprou dalli a tres dias cinco tomates por doze vintens para os temperar, os quaes nem ainda sumo tinhão e a sua obra sempre tem tal, ou qual chorume.* Ao que promptamente respondi, creio que a obra tem encontrado com muitos, e se alguém diz mal, todos tendes costas, o ponto está que nos não dem nellas. Eu pedi o prazo de quarenta dias para o fim das assignaturas; trabalhemos todos com o mesmo cuidado, e vejamos o que o tempo dá de si. Com que, meus Senhores, o que vos digo, he que vos lembreis de mim, e desta canalha, que me cerca; por cujo beneficio sempre confessarei ser vosso,

EDITOR.

P. S. Saudades aos amigos forretas, e lembrai-lhe que antes ver este Cavalinho do Almocreve, do que ver o Camello, e os Macacos da Praça do Salitre (LXXX, p. 5-7. Negritos meus).

PARTE LXXXI.

Rua da Rosa 1 de Novembro.

D. Brizida Brites da Albrolhota, Senhora casada, e incansavel nisto de contradanças, e cutilhões, que até trazia a Folhinha cotada com os dias repartidos para as funções de tal parte, e de tal parte; systema, que seu marido não levava á paciência: Nas vésperas do dia, em que fazia annos o seu homem, não o largou hum só instante, rogando-lhe continuamente que fizesse huma função em casa no seu dia natalicio: o marido, que tão perseguido se vio della, protestou-lhe que descançasse, que a função estava certa: Não quiz a menina mais ouvir, e passou logo a mandar convidar as suas amigas; porém chegando o mencionado dia, poucas horas antes de entrarem as visitas, pegou o marido em humas baetas pretas, que pedio emprestadas, e em quanto a Senhora estava ao toucador, com ellas forrou as paredes o mais breve que pôde; poz huma vela

grande em hum castiçal sobre huma banquinha ao canto da casa, fechou portas, e janellas, vestio-se de preto, e sentou-se em huma cadeira. Concorrêrão os convidados, entravão, e ficavão esmorecidos, até que veio a dona da casa, que esperando ver cortinas de damasco, vio as tristes baetas; increpou o marido, e todos igualmente lhe instarão pela razão daquelle luto, até que elle respondeo; *que esperavão Vv. Mm. de quem vai caminhando para a morte? Se eu fizesse hum anno de menos, motivo era de alegria; mas fazer huma função porque faço hum anno de mais, e festejar-me, porque fui moço, e me vejo velho, he asneira, em que não caio, que a conta de meus annos me faz entrar em juizo* (LXXXI, p. 4).

Dando certa Mulata de Lisboa muito presumida hum vintem a hum pobre, succedeo o seguinte:

Certa Mulata hum vintém/ Quiz de esmola a hum pobre dar,/ E elle hindo-lhe a pegar,/ Talvez por ser maganão,/ Pegou na esmola, e na mão:/ Fugio-lhe ella, e elle sizudo/Lhe disse “Como sou pobre,/ E tudo he da cor do cobre,/Cuidei que me dava tudo (LXXXI, p. 8).

PARTE LXXXII.

Praça do Commercio 12 de Novembro.

[...] A` hora propria de se entrar para a Opera, entre o povo foi entrando hum Milord Estrangeiro, muito paralta, e ricamente vestido, talvez com o pensamento de aterrar, e metter n`um chinello todos os Figurões daquela terra [...] entrando para a Platea, por desgraça lhe ficou atraz hum sogeito assignalado da natureza, que tinha seis unhas em cada mão, o qual subtilmente lhe foi cortando os botões das pregas da cazaca, e depois passando para o seu lado, lhe foi arrancando o resto. O Milord embebido na Comedia, que se estava representando (e era *Precipicios de Faetonte*) não tinha percebido nada do furto; porém no penúltimo botão, que se lhe arrancava, vio por acaso a mão habil do larapio; disfarçou, e mettendo mão a huma faca que trazia na algibeira, a toda a pressa lhe cortou huma orelha fora: Eis o ladrão aos gritos com as dores. O Taful a lamentar a perda dos seus botões, o povo amotinado, o ladrão lavado em sangue pedindo justiça, a tempo que o Milord já lhe offerecia a orelha, com tanto, que lhe desse os seus botões. Clamava o ladrão, que tornassem as cousas ao estado antigo, que lhe pegasse a orelha, que elle lhe pegaria os botões [...] (LXXXII, p. 2-3).

Rua Nova da Palma 6 de Novembro.

Nesta rua hum Capitão da Ordenança, homem já maior, padecia huma d'aquellas molestias, que em se lhe não sabendo o nome, já se lhe chama flatos, os quaes nem os enfermos, nem os Medicos ainda souberão em que consistião. Padecia, este pobre homem humas vertigens, e humas dores vagas com suas palpitações, esfriavão-lhe os pés, e era então que desconfiando de si, mandava chamar o seu Medico para lhe modificar aquella enfermidade. E como isto era a miudo, tentou o Medico mandallo purgar, sangrar, e adietar, o que com effeito pôz o enfermo bem capaz de durar outros tantos annos; porem o Medico, que era muito perluxo, e lá entendia que ainda a obra não estava perfeita, virou para o doente, e disse: *Amigo, isto vai quasi livre, porem quero dar-lhe hum tom, que ainda se faz preciso. Á manhã ha de tomar hum vomitorio, para o que aqui lhe deixo a receita.* Conformou-se o enfermo, e tomando-o no dia seguinte de manhã, quando erão 4 horas da tarde, foi para a Eternidade com toda a pressa. Hum visinho da mesma escada, que se curava com o mesmo Medico, e padecia huma semelhante molestia, quando acabou da cura, disse-lhe o Medico, que lhe queria ainda dar hum tom, porém o enfermo vendo o exemplo do seu visinho, respondeo-lhe: Olhe Senhor Doutor, deixemo-nos de tom, que eu quero viver mesmo assim desafinado (LXXXII, p. 4-5).

Dissertação do nosso sabio applicado ás experiencias economicas.

[...] Povoou-se Lisboa de Casas de Pasto, querendo todas ser Isidro no nome; porém no mais sem fartura, e sem delicadeza. Temos hum letreiro á porta com o titulo de tudo bom, entra-se dentro, o servente mette nojo, e mette a unha crescida, e negra no molho que conduz, além de a metter igualmente na bolça do hospedado, a toalha parece de chita, e da mais grosseira, os pratos já pelo uso tem o debrum, que a Fabrica lhe não poz, a colher, o garfo, a faca tudo he passado pela caldeira, onde tudo o mais se lava, o azeite he de saibo, o vinagre he turvo, as galhetas são porcas, o queijo he sebo, a fruta, ou he dura de verde, ou he molle de podre, o comer he hum mixto que custa a distinguir, a carne sabe a peixe, o peixe sabe a carne, de sorte que se figura que tudo se coseo junto. Oh paladares valentes! que com tudo investem, para dizerem no fim, *assente lá!* Porém que fructos não tiraria huma casa asseada, com boa ordem, sem dispender mais com o asseio, que o que dispende com a porcaria. Meus alicantineiros da vida não he

esse o modo de chamar o povo aos interesses particulares das vossas traças, e assentemos que fama sem obras he barco sem leme (LXXXII, p. 6).

Anecdotas.

Receitando-se hum purgante a certo doente, pegou no remedio, e guardou-o, sem o querer tomar por mais que o Cirurgião lhe instava que se dispuzesse a isso, até que o enfermo lhe declarou o seu systema, e disse: *Senhor Licenciado, como ainda espero que venha tempo, em que este purgante se não approve, quero-me já prevenir em o não tomar.* Respondeo-lhe o Cirurgião; *hui, Senhor, pois V. m. duvida do meu curativo?* Disse-lheo enfermo, *duvido, sim senhor, assim como Vv. mm. outros duvidão do curativo daquelles, que erão tidos por grandes homens nesta matéria, e fundo-me em que algum dia negavão ao malignado huma sede d'agoa, hoje quanta o enfermo possa beber; prohibião-se laranjas á noite hoje mandão que se coma a toda a hora. Em cima da lagosta, camarão, pepino, melancia, e ovos mandavão fugir d'agoa, como o demo da Cruz, hoje applica-se-lhe agoa, e mais agoa. Os banhos sempre forão de agoa morna, hoje so se querem d'agoa fria; algum dia sangrava-se muito, hoje não se sangra ninguem; nestes termos meu amigo, como o curativo vai por modas, aqui conservarei o purgante até vêr em que ellas párao* (LXXXII, p. 7).

PARTE LXXXIII.

Bairro Alto 14 de Novembro.

Mudou-se estes seis mezes hum sugeito para este Bairro, chamado Sinomino Vaz Mendes por alcunha, o qual falla huma linguagem, que nem o Diabo o poderá entender, ao mesmo tempo que presume de muito sábio, e de manejar a lingua perfeitamente, substituindo ás palavras os sinónimos. Hontem á noite descompoz de rustico, e de ignorante hum seu creado, porque o não entendeo, quando lhe disse, *hoje quero andar de habitação quadrúpede, firmeza, Ison, aquella agora na mesma, que espara frio.* Ora vamos á interpretação, que o nosso **Taful da lingua** deo a esta nigromancia. *Hoje quero andar de habitação quadrupede*, quer dizer *quero andar de cazação*, porque *caza* he o mesmo que *habitação*, e *cão* o mesmo que *quadrupede*. *Firmeza, Ison aquella agora na mesma*, quer dizer *fecha aquella janella*: *firmeza* he o mesmo que *fê*, e *Ison*, o mesmo que *chá*, logo diz *fecha*: *agora* he o mesmo que *já*, e *na mesma* o mesmo que *nella*, logo faz *janella*: *que espara frio* quer dizer que *está frio*;

porque *pára* he o mesmo que *tá* logo *espara* diz *está*, vindo a dizer toda esta perlanga, *hoje quero andar de cazacão, fecha aquella janella, que está frio*. Muitos dos seus amigos vem de longe tomar a sua casa barrigadinhas de riso com esta lingoagem, que elle com toda a seriedade julga perfeita. *Ás nuvens* nunca chama senão *despido aproximaste*, dizendo que *despido* he o mesmo que *nú*, e *aproximaste* he o mesmo que *vens*. *Ao canapé* nunca chama senão *ouco arbusto pata*; porque *cana* he hum *arbusto ouco*, e *pé* he o mesmo que *pata*. Fica-se esperando até á Lua que vem que mude de lingoagem; que senão mudar, sahirá despachado para Lente de lingoa Portugueza, dando-se-lhe casas, e ração gratuita, em quanto viver, no Hospital Real (LXXXIII, p. 1-2. Negritos meus).

PARTE LXXXIV.

Chiado 25 de Novembro.

A soberba do homem fez nos passados seculos confundir em Babylonia a materna linguagem dos nossos primeiros Pais; e a loucura do homem tem feito nos presentes séculos confundir os trages dos nossos primeiros Povoadores. Erão algum dia os Portuguezes conhecidos á legoa em todas as partes do Mundo por onde viajavão, ou por onde a ventura os alongava: Hoje em dia no centro de Lisboa os vemos confundidos huns com os outros, pela sua perspectiva, affectando meios *Portuguezes*, meios *Alemãos*, meios *Inglezes*, meios *Polacos*, meios *Ungaros*, meios *Holandezes*, meios *Suiços*, e meios *Suecos*, e com muita brevidade os espero vêr, no trage, meios *Turcos*, meios *Mahometanos*; pois que tão junto de nós andão os modelos; huns com botas, e çapatos de unha de Grão-besta, outros com os calções, que fazem lembrar o ditado, *Calçotes mana calçotas*, e tudo o mais que serve de compostura ao homem, desorganizado, e fora dos eixos, chapéo, penteado, gravata, casaca, sobrecasaca, e mais huma albardinha, vestia, e calção, meias, e botinhas, tudo sem ordem, tudo a fogir, que nem para se usar dão espera, desafiando de propósito o luxo, para se arruinarem asi, e a todos aquelles, que principião a abrir os olhos da razão, como succedeo, ha oito dias neste Bairro a hum filho de hum Negociante rico, a quem a loucura fez comer mal pelo seu dinheiro. Porque passando o Pai pelo desgosto de lhe dizerem os Amigos, que seu filho já não merecia a pena de lhe chamarem Portuguez, mas sim Arlequim, fez este Velho huma seria reflexão; foi para casa, e como pai honrado chamou o filho, e tudo que era do seu vestuário, cortou, rasgou, esbandalhou, e fez em fanicos. E não satisfeito,

pegou em hum páo, e malhou no filho, como quem malha em senteio verde (LXXXIV, p. 1-2).

Carta que do Porto escreveo hum sugeito a hum seu Amigo de Lisboa, dando-lhe parte do mal que se dava com sua mulher.

Amigo, que muito préso, dou parte a V. m. que estou convencido de que nada ha que ensine melhor o homem, que a experiência, e de que a paixão arrebatada he o precipicio certo do mesmo homem: Infelizmente me acho casado, porque invejando o Matrimonio de alguns Amigos meus, me apaixonei por huma mulher, sem me lembrar da desigualdade de genios, de que se compõe este sexo. Agora vejo bem a meu pesar, que ha mulheres que formão hum composto de labyrintho, onde o homem se não sabe entender, nem entendêlas. Questionarão certos Filósofos, em que tempo a mulher era boa, melhor, e óptima, e assentarão que era boa, quando morria, melhor quando morria logo, e optima se deixava o marido rico. Também questionarão quando era má, pêor, e pessima; e igualmente assentárão, que era má sempre, pêor quando a tratavão bem, e péssima quando a tratavão mal. Vistos estes pareceres, e analysando o que passo, concluo, que poucas merecerão a excepção desta regra. Se lhes dá em serem doentes, os ais são immensos, as queixas são eternas, as convulsões, os estericos, as epicondrias, tudo anda em contínuo gyro de hora a hora, até que huma dóze de Opera, de Quinta, ou de Assembléa tomada a miudo, faz serenar por huma noite aquella tormenta. Se lhes dá em serem soberbas, divinização-se nas fallas, as medidas são de cabeça, como que se arrependem no meio dellas, tudo lhe faz hum dissabor, tudo lhes ha de render vassallagem. Pegar hum botão na casaca de seu marido he hum favor, em que se falla quinze dias, dizendo-se que mal cuidava elle que havia huma senhora pegar-lhe hum botão; e não descança em quanto aquelle beneficio não he remunerado com hum traste do Paquete, o qual depois de recebido he conceituado por huma bagatella. Se lhes dá em serem vaidosas, não querem se não companhias, onde se fação ver; janella, onde todos as cortejem; cumprimentos de Milords, que de minuto a minuto despendão hum chuveiro de lisonjas, e mais que tudo assentando que a belleza dos 20 dura nos 60; e que a roda do tempo parou a seu respeito. Algumas se esquecem do estado, que tem; dos filhos, que crião, e do respeito que devem conciliar. Se lhes dá em serem perguiçosas, a manhã leva-se de cama, a tarde na Quinta, a noite nas visitas; as Comadres são chamadas para engomarem, cozerem, e para tudo o mais preciso, que a troco de dinheiro, e outras dadivas ellas em ar de Mágica apromptão tudo, antes que os logrados

maridos se recolhão, a fim de affectarem que trabalharão muito na sua ausencia. Se lhes dá em serem golosas, sahem humas perfeitas Conserveiras, e chamando a isto governo, não ha doce que não fação; nada avistão que não desejem, e são peiores de que os próprios filhos, quando passeião na Feira por lugares de bonitos de crianças. Se lhes dá em serem enxovalhadas, cuidão só nas apparencias, e todo o interior da casa he hum nojo continuado, os filhos immundos, a cosinha em podridão de cousas guardadas, e nunca revistas, tudo sem ordem, nem amanho. Se lhes dá em serem discretas, de tudo entendem, de tudo fallão, e são logo Mathematicas, Filosoficas, Francezas, e do que mais devião ser, não são, pois não sabem ser humas boas donas de suas casas. Em fim chorão, e riem juntamente, affagão, e escandalisão; desprezão o mesmo que querem, fallão muito pensando que nada fallão; premêão hum favor com hum precipicio; querem ser livres, e que os homens sejam huns escravos. Eis-aqui as condições da desordenada máquina de hum grande parte deste sexo. E como V. m. me tem dado parte do muito que tem passado com sua mulher, para o consolar lhe annuncio também os meus desgostos. Eu não sei, nem posso descobrir o meio mais favoravel de qualquer homem fazer a sua escolha para o santo estado do Matrimonio, porque se o homem se agrada da mulher pela formosura, logo que ella pilhe esta paixão, não ha agrado que não faça, não ha lagrimas, que não derrame; porém apenas se casa, não ha tolice que não mostre, nem desacerto que não obre. Se o homem se agrada da mulher por discreta de lingua, e ella pilha esta paixão, não ha livro, que não peça para ler; a cada lance vêm hum dissertação politica, e engraçada; porém apenas se casa, não se vê nella mais que palanfrorios, lendo de cadeira, e toda a casa á descripção, sem arrumo, nem governo. Se o homem se agrada da mulher porque esta tem alguma cousa de seu, e ella lhe pilha hum tal paixão, faz-se muito humilde, muito meiga, muito extremosa; porém apenas se casa, quer ser fidalga, quer tratamento de ostentação, lançando em rosto que trouxe com que: Hum dote de 200\$ [mil?] réis, quer que fossem 40 mil cruzados: Huma barraca, que trouxe, que seja tida por hum Palácio; hum Quintal por hum Quinta; e desta sorte he lavada a cara do miserável marido seis, e sete vezes no dia com taes infatuações.

Estas puras verdades, de que sem pejo o sexo femenino se ri, tendo-as por petas, são o nosso flagello, e de immensos indivíduos, que se calão, por não agravarem mais as suas feridas; e nós tambem assim faremos, visto que a nossa enfermidade já não tem cura.

Amigo e conpanheiro nos trabalhos

(Assignado) Victorino Aniceto Zagal de Sousa.

A resposta desta Carta foi escrita por huma senhora Esposa do Correspondente acima, que pilhando-a ás mãos intentou despicar valorosamente o seu sexo, pondo nas boxexinhas dos homens o feito, e o por fazer: ficasse copiando no Folheto da semana que vem para igualmente chegar á noticia de todos (LXXXIV, p. 2-5).

O Editor da presente collecção, tendo noticia de huma resposta em defeza do Café Jocososo, contra o Almocreve das Petas, lhe offerece este brazeiro para dar huma fervura ao referido Café.

[...] Se cuida que graça tem,/ Para algum lucro tirar,/ Vai perdido, ha de ficar/
Toda a vida sem vintem:/ Já muita gente, não leiga,/ Affirma que inda ha de vêr-se,/ *Café Jocososo* a vender-se,/ Para se embrulhar manteiga:/ Hum que a méta melhor toca,/ Vendo-lhe o gasto moroso,/ Diz, que ha de o *Café Jocososo*/ Vir a ser Café da Moca;/
Outro que experiencia tem/ De muitos casos antigos,/ Diz que andarás, como os figos/ A tres duzias hum vintem:/ Huma obra sem enfeite,/ Posta a três vintens, escalla,/ Onde não ha huma falla,/ Que nos instrua, ou deleite!/ Eu li-a a humas visinhas,/ Que não poderão soffrê-la,/ Pois quantos fallavão nella/ Parecião Tarquitinhas . . . (*) [Nota do *Almocreve de Petas*: «(*) Tarquitinha hum dos figurões mais approvados, que representa na referida Obra do Café Jocososo»]/ Porém olhe Amigo, attenda,/ Hum remédio lhe vou dar,/ Para o *Café* se gastar,/ Inda que he fraca fazenda:/ Na Turquia ha muita gente,/ E isto lá faz novidade,/ Mandando-se quantidade./ Vem em dinheiro corrente:/ Alli serão bem aceitos/ Os Folhetos do *Café*,/ Que aquella gente lê, lê/ Sem lhe descobrir defeitos [...] (LXXXIV, p. 5-7).

AVISOS.

O *Cavalheiro Podim*, que tem viajado por toda a Europa, chegou, ha quinze dias, a Lisboa e foi descançar á casa de Pasto do Isidro, por achar nella hum tracto civil [...]. Entre o todo, que fórma as suas qualidades, distingue-se de tudo o mais, no suave paladar da sua conversa, falla grammaticalmente na lingua Ingleza, Alemã, Hespanhola, Arabica, Grega, e Portugueza (LXXXIV. p. 8).

PARTE LXXXV.

Resposta que dá huma Senhora á Carta que se publicou no Folheto passado, desaggravando o seu sexo.

Senhor Victorino Aniceto Zagal de Sousa: Vindo á minha mão a sua lastimosa Carta, e sendo para nós outras tão sensível o vermos que quasi todos os homens atirão ao nosso sexo, increpando-nos de defeitos, de que muitas vezes os homens são motivo, passo em nome de todas a advogar nesta causa pela melhor forma de direito, fazendo vêr que o nosso sexo tem assáz toda a razão para mostrar aos olhos do Mundo, e da verdade os homens, por suas culpas, representados na mais triste figura. E se cumprir.

Provará que os homens são huns inquietadores de nós outras, pois ainda não consta que huma só se tirasse de sua casa para hir buscar hum homem, com quem caze, antes elles valendo-se das assembléas, das funções públicas, dos passeios, das introducções nas casas de cada huma; hum porque canta, o outro porque toca, este porque dança, aquelle porque faz versos, e muitos porque são d'aquem e d'além, Morgados disto, e daquillo, até, com bem magoa minha o digo, se valem dos lugares mais sagrados, sómente para o fim de inquietar-nos.

Provará que as molestias sempre forão pensão da humanidade, e que a mulher doente por mais enferma que esteja, não perde da lembrança o governo da sua casa, prevenindo, como póde, as cousas, que lhe pertencem; e que elles homens não sendo feitos de differente massa, são sojeitos a immensos achaques, dando no curativo delles muito mais que fazer, que huma mulher, porque o homem com qualquer dôr de cabeça logo perde o animo, e deseja metter em casa quantos Medicos ha, e quantas Boticas tem Lisboa, julgando-se ás portas da morte para o padecimento da molestia, e nada para a emenda dá desordenada vida.

Provará que elles são huns soberbos, que se levantão com o santo, e com a esmola, pois destroindo quanto a favorecida mulher trouxe, deixão-se a si, e a toda a família pedindo huma esmola, e conservando apenas os fumos da abundancia, que já tiverão, fazem da mulher huma escrava, onde a necessidade augmenta o odio, e fulmina o seu máo comportamento, pensando que isto de receber huma mulher, he o mesmo que alugar humas casas, d'onde se muda, quando se não dá bem.

Provará que a vaidade nasceo nos homens, pois já do primeiro foi a perdição a vaidade de querer saber por meio do pômo, quanto sabe o incomprehensivel Ente, que o creára; Elles se abalanção aos maiores excessos. O solteiro por vaidade julga que todas

lhe querem bem, trazendo enganadas dez, e vinte ao mesmo tempos e he certo que se humas soubessem das outras, nenhuma mulher he tão soffredora, e insensata, que proseguisse na sua paixão; e he igualmente certo que elles na confusão deste labyrintho, nem se canção em fazer escolha: Inquietão a velha, a rapariga, a ama, a creada para brazão da sua grande lista, e bazofia. O viuvo gabando muito a primeira, chorando por ella, anda palpando onde acha maior somma para se conchegar; com a vaidade de ficar melhor, que da primeira vez. O velho com entusiasmo de rapaz he hum baboso continuado, assentando comsigo no fundo do seu coração, que ha de ser hum Nestor na preservação; não se poupando a divertimento algum; certamente não ha para as Madamas hum papel de tanto gosto, como o vêr hum Ginja namorado.

Provará que ha homens de perguiça, e tao poltrões, que aferrados á ociosidade, faltão até aos deveres dos seus officios: hum não sahe hoje, porque chove; outro não sahe porque faz calma, e muitos até deixão de comer algumas vezes, pelo não agencearem a tempo, cuja perguiça os põe em inacção tal, que a mesma casa, em que habitão solteiros, he hum chiqueiro, onde então melhor se mostra a falta daquelle pique, e aninho feminil para o asseio.

Provará que são tão golotões, e appetitosos, que fazendo gasto diario na sua casa, andão pelas de pasto porque ha *bifesteques*, *vitellas de leite*, *podins*, *guizadinhos* fomentadores das boas feições, chegando os individuos ao ponto, até de se recolherem bebados para suas casas, onde nós outras vivemos sacrificadas a ouvir os gritos, a vêr os máos modos, como victimas da bebedeira para que não concorremos.

Provará que são tao enxovalhados, que de contínuo fazem andar a triste familia sempre de ferro na mão; porque a camisa engomada apenas serve hum vez, o colete, o calção, são os estragadores de quanta greda ha; e quanto mais se lhes manifestaria este defeito, se nós, as pobres mulheres os desamparássemos!

Provará que os homens a titulo de discretos, tropeção a cada passo, cobrindo tudo com a fama que adquirirão; observando-se, porém, no particular, que os prezados de mais sabios são os que fazem asneiras aos montes, e taes que o mais rude, e grosseiro não cahe nellas.

Provará que, passando ao fingimento de que somos accusadas, elles homens são muito mais fingidos; em quanto amantes são huns alfenis, em quanto casados huns tigres, em quanto pobres huns servos humildes, em quanto ricos huns Neros tyrannos; elles na dependencia tem lagrimas nos olhos, mel nos beiços, e fel no coração; elles nos seus projectos são como bandeirinha de torre, como navio nas ondas, como Sol de

Inverno; e finalmente huma, e muitas vezes *Provará* o nosso sexo, em defeza propria, com a verdade sabida, que o homem he huma Camera optica, onde com agradáveis côres se mostram os vícios, e as virtudes, em continuada [3-4] confusão; e ou se componhão nesta demanda, refreando a lingua a nosso respeito, ou acharão em mim huma Advogada, que lhes faça com ajustadas razões, mais immortaes no Theatro do Mundo as suas desenvolturas (LXXXV, p. 1-4).

Estalagem do Arco do Caes de Santarem.

O apparato de bandalhice em todas as épocas tem feito que os homens sérios, grifos, ou perluxos desdenhem no principio da estravagancia das modas, adoptando-as, porém depois, insensivelmente as defendem á ponta da espada [...]. Era pelos fins de Agosto quando em Lisboa se apresentou hum basofia a titulo de Morgado, que em duas palhetadas ficou formado na faculdade de Taful [...]. De dia, e de noite foi logo visto, já na sege, já no cavallo, já na Ópera, já na Assembléa [festa particular], já no Isidro, já no Nicola, já na cerveja, já nos licores, e já na neve⁴ [...] ha homens de 60 annos, que largão a cabelleira, e deixão crescer o cabello para se pentearem á marrafa, e que outros sem molestia alguma andão ligados com suspensórios, ou tirantes, só para que o calção platino não faça huma só ruga (LXXXV, p. 5-6).

Falla que fez o Almocreve ao Editor seu Amo, despedindo-se de o servir.

Senhor Editor, tem V. m. daqui a três semanas completado esta obra ao número promettido de 88 Folhetos; e dou-lhe a infeliz noticia que não deve ficar desvanecido de que o Público gostou della, porque a ser assim, concorrerão á loja da Gazeta mil Assignantes para o seu consumo; porém não só deixarão de apparecer os novos, mas ainda os que havia se derriscarão das taes assignaturas: Em parte não he mal feito para lhe quebrar a presumpção, pois já lhe estava parecendo que isto de fazer 88 Folhetos era huma cousa muito rara: Desengane-se que em se acabando este anno, ha muito quem as vá continuar, supprindo a sua falta com mais graça, com mais arte, e com mais natureza: Lisboa está pillhada de sábios modernos, que não fazem caso destas suas redicularias. Ha rapazes muito estudiosos, que se emprehenderem fazer outro tanto neste genero, hão de desempenhar a empresa melhor do que V.m.: Sim senhor; e de mais deve saber, para não estranhar a pouca venda, que hoje a murmuração, o luxo, e o jogo são as

⁴ Gelados.

figuras, com que se abre a scena nas assembléas, e tudo o mais he tratado de bagatella: Já se não dança nas funções, já se não canta, já se não glosa, que estas prendas são grifarias; e veja V. m. nas rodas modernas que valor podião ter as suas verdades peteadas? Se V. m. escrevesse no tempo, em que havião calções, então não digo nada; mas querer V. m. no século das pantalonas metter pelos olhos Livros, e Folhetos para a mocidade lêr, olhe, perdoe-me, isto he ser pacovio; mude de vida, se quer ter algum vintem, negoceie em géneros para a boca, venda por 20 o que lhe custou 5, tome exemplo nessas lojas de Mercearia, lugar onde nada importão as suas sedições petas; e fique sabendo que tenho dado por mal empregado o tempo, que estive com V.m., e que desde já me despeço para ser caixeiro de huma destas lojas, então ver-me-ha daqui a dois dias fazer mil petas ao vivo, muito differentes, e mais rendosas que as suas, que são pintadas; trate de me ajustar a minha conta, e peça ao Público perdão de lhe dar a pagina de lêr huma insulsa folha de papel, tomando-lhe o tempo, e fazendo-lhe gastar 40 réis cada semana; somma, que tão precisa se lhe faz, para quando apparecerem outros macacos, outro urso, e outro camello, que se não mostram de graça, que eu desde já também lhe peço perdão do mal que o tenho servido nas minhas jornadas (LXXXV, p. 7-8).

PARTE LXXXVII.

Derige o Editor ao Author do Café as seguintes sete Oitavas, acabadinhas da agulha, levando cada huma no fim hum Verso de Camões sergido.

Quer o *Author* ao Café puchar a espada,/ Sem vêr que me incitou na obra sua,/ Disponho-me a brigar, não á pancada,/ Que não quero enxovalhos pela rua:/ Prompta a penna terei sempre aparada,/ E vêr pertendo, qual de nós acuda:/ Que eu hei de defender-me em qualquer parte,/ *Se a tanto me ajudar engenho, e arte.* Cam, Cant. I. 8ª. 2.

C'o a primeira jornada do Almocreve,/ Se inflamma o nosso *Author*, de inveja armado,/ Não da baixa matéria, que se escreve,/ Mas sim do invento não lhe ter lembrado:/ Falla desta obra mal, e então prescreve/ Como hum novo Café será traçado,/ Cousas pomposas nas idéas trava,/ *Mas não lhe succedeo como cuidava.* dit. Cant. I, 8ª. 44.

A folheto; e folheto põe na praça,/ Nada menos que doze, e não discorre/ Que isto, além de sciencia, requer graça./ Que onde esta falta, toda a obra morre:/ Havia no

consumo ter desgraça,/ Pois que sem alicerce, fez a torre;/ Palavras fofas, cogitando, e pondo,/ *Que sem comcerto, fazem rudo estrondo.* dit. Cant. 2, 8ª. 96.

Composição que he desta natureza/ Não deve pensamentos ter escuros,/ Porque o Povo grosseiro não os preza,/ Que anda sempre por baixo mais dois furos:/ Pertende que lhes fallem com pureza,/ Devem os argumentos ser seguros;/ De sorte que lhes possam dar valia/ *O Velho inerte, a Mãe que o filho cria.* dit. Cant. I. 8ª. 90.

Mal que o *Café* lhe levantou fervura,/ Juntou-lhe, em ar de leite, a obra minha./ Na *Ilha dos Tafues* depois procura/ Mostrar a todos, que me tem espinha:/ Sem que ninguém lhe louve esta loucura,/ Huma vez que assentou, que lhe convinha,/ *Editor, e Almocreve*, tudo a terra,/ *Derriba, fere, mata, e põe por terra.* Cam. Gant. I, 8ª. 88.

Que importa ao nosso *Author* os meus estudos!/ Dizendo a todos, que são máos, e poucos!/ Solte embora os seus Cantos mais agudos,/ Não faça caso dos meus grasnos roucos:/ Porém queira trocar-nos em miudos,/ Frazes de espuma, pensamentos oucos;/ Que hum Café mal torrado, e pouco quente,/ *Perde a virtude contra tanta gente.* dit. Cant. 4. 8ª. 35.

Ora tome este *Author* no meu conselho/ Huma receita, a mais corroborante;/ Beba hum copazio bom de vinho velho,/ Se o flato de compor lhe for á vante:/ Use da medicina, que aconselho,/ Não me inquiete, fazendo-se secante;/ Se não, por esta amostra a peça veja,/ *Que se resiste, contra si peleja.* dit. Cant. 2. 8ª. 49 (LXXXVII, p. 5-7).

PARTE LXXXIX.

Falla que faz o Editor da presente Collecção.

Ora ninguém se maldiga; quem dissera ao *Author* das Petas, que os Senhores de pantalonas se havião chegar tanto á razão, que a maior parte dos assignantes novos, que concorrerão para o presente anno quasi todos são deste traje! Certo he, que o habito não faz o Monge. Jogava-se o murro secco o mez passado á porta da Loja da Gazeta a qual havia assignar primeiro para o segundo Tomo, que neste Folheto se principia; e isto pelo que! porque virão que as petas trazião aquella *Carta escrita do Porto* contra as Senhoras do presente Século: coitadinhas! não sei como há quem diga mal das pobres Senhoras; eu! o Ceo me defenda de pegar na penna para semelhante fim! e estes Senhores Tafues tanto se esmerão em lhes botar o credito a perder; porém se tem má lingua, lá o acharão; que a mim o que me importa, he fazer o meu papelinho sem entender com pessoa

alguma, e ver se se gasta, para tapar a boca a tanta gente, que me cerca: com effeito parece-me, que daqui em diante não terei razão de queixa: bem me dizia a mim o meu Almocreve: *Trabalhe, Senhor, trabalhe nas Petas, que o consumo he certo*; parece que tem aquelle rapaz natureza de gato pela promptidão com que advinha os ventos: e o certo he, que me fallou muita verdade, porque segundo vejo, já o anno novo vai abrindo para mim o olho direito, se até agora parecia que estava dormindo. Terça feira passada fui á Feira, e nos lugares dos Adellos **andeí a escolher Livros velhos para com elles fazer cousas novas**; pois tirei esta lição das Casas de Pasto de Lisboa, que dos accrescimos de tres, e quatro dias dão aos Tafúes hum banquete no dia seguinte, que parece feito para alli; tanto podem os adubos, a manteiga, os tomates! ora entre os alfarrábios que alli vi peguei casualmente em huns folhetos do *Retorno*, e huns caderninhos da *Ilha dos Tafúes*, e por mais que os quizesse lêr, poz-se hum rapaz por detraz de mim a gritar: *Papagaio Real, Papagaio Real*, com gritos tão desordenados, que não continuei a ver cousa alguma em semelhante lugar; sabida a historia foi porque o tal Adello tinha hum gaiolla com este *passaro* á venda, que era a chamariz de quantos rapazes alli passavão: cheguei-me mais para o fim da Feira, e achei hum pobre mulher viuva, que vendia os papeis, e Livros de seu marido, que tinha sido hum santo homem, segundo confessava a mesma mulher, porque nunca lhe punha mão, e só lhe mostrava a boa vontade; e balbociando de choro muito saudosa me mostrou hum Livro de folio, já com as primeiras folhas fora, que ella lhe tinha tirado para carapuças da roca, mas assim mesmo lho comprei, porque traz muita cousinha para o nosso caso, que hiremos dando ao Público pouco a pouco, que nisto não me affasto de céga opinião de muitos que affirmão, que cousas novas já se não dizem; quero-lhe faltar a vontade, verificar-lhe a sua teima, e chupar-lhe os quarenta réis, que no tempo de hoje he hum mina: farei por agradar, e por cumprir o que prometto, se Cirurgiões, e Boticários não derem cabo de mim primeiro, que são, no meu conceito, huns correios particulares da morte, e muito capazes de me fazerem gastar em vigitaes, e mineraes tudo quanto lucrar nas minhas Petas (LXXXIX, p. 1-2. Negritos meus).

TOMO III.

ALMOCREVE DE PETAS,
OU
MORAL DISFARÇADA,
PARA CORRECÇÃO DAS MIUDEZAS DA VIDA,
POR
JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA,
ENTRE OS PASTORES DO TEJO,
JOSINO LEIRIENSE.

Ao Espelho se compõe/A Dama desvanecida,/Serve a Critica de Espelho,/Á
desordenada vida.

TOMO III.
SEGUNDA EDIÇÃO.
LISBOA:
NA OFFICINA DE J. F. M. DE CAMPOS.
1819.
Com licença do Desembargo do Paço.

AOS LEITORES.

A Verdade descarnada, /N'uma seria reprehensão,/Emenda ás vezes os erros,/Mas
enjôa a pregação:// Com pensamentos agudos,/Ditos em tom jovial,/Não só se divertem
génios,/Melhor se aceita a Moral:// Para destrahir cuidados,/Tão bem isto he bom
remedio;/E na carreira dos vicios,/Faz crear aos vicios tedio://Para tanto lêde Tafues/As
petas, que vou mostrando,/Hide rindo com algumas,/E de outras lições tirando.// Que
em tempos tão apoucados,/E de tão tristes signaes,/Deveis, por proveito vosso,/Fumar
menos e ler mais.// Ha Livros mais importantes,/Do que as petas do Almocreve,/Mas
não deixa de ser util,/Quem por este estillo escreve:// Que em Obras muito
pequenas,/Em Folhetos desperçados,/Muitas vezes tenho lido,/Pensamentos delicados.

PARTE XC

Maximas do Velho de Romulares continuadas na maior parte destes Folhetos.

Mandas fazer hum vestido/ Para o corpo te cubrir,/ Porém, por desvanecido,/ Tafulão e pouco esperto,/ **És tão escravo da moda,**/ Que andas sempre mal cuberto.” (XC, p. 6. Negritos meus).

PARTE XCI.

Chafariz da Praça 19 de Janeiro.

Negras modas, negras tafularias, quantas desordens causaes, *ó tempora, ó mores!* oh tempo das amoras! mas *quod natura datur neno negare potest*, o que se mette nos armários, não se pode pôr atrás dos potes: hontem quasi á noite tinha sahido vestido de ponto em branco hum Taful para ir a huns annos, onde todos os trastes erão do ultimo trinco; hum grande poupinha adiante, no cabello, e atrás hum chicotinho de meio palmo de comprido muito tezo, e pegado ao casco [...] (XCI, p. 1).

Rua do Carvalho 23 de Janeiro.

Antonio, leva teu irmão hoje comtigo, coitado, que tambem he gente, e quer-se divertir, isto dizia D. Brigida a seu filho mais velho, que tinha tanto de esperto, e prudente, quanto o queridinho da Mãi tinha de tolo. *Senhora*, lhe respondeo elle: *V. m. não sabe o que elle he? acaso ignora, que o rapaz não abre boca que não diga asneira, nem faz acção, que não obre parvoíce?* respondeo-lhe a Mãi, a pezar disso, leva-o comtigo, e elle que não falle, nem faça acção que tu lhe não determines (XCI, p. 2).

Indo á Commissão por certos motivos no Tribunal da Razão huns Autos em que letigão os dois sexos [...] nomeou-se Relator hum homem dos mais experientes do jogo do mundo sincero, e desinteressado, servindo-lhe de adjuntos duas Senhoras bastantemente sérias, e prudentes, e desta conferencia sahio o seguinte

ACORDÃO.

Acordão os do Tribunal da Razão, que vistos estes autos de provas, e contraditas em que letigão ambos os sexos, examinando toda a substancia dos mesmos autos se vê a folh., que o Author está bastantemente flagelado pelo feroz genio de sua Esposa, e que os motivos da sua paixão combinados com os pareceres dos Filósofos antigos sobre as qualidades de hum mulher, o allucinou de tal sorte quando narrou o seu flagello, que comprehendendo todas as outras mulheres, devendo fazer alguma excepção; e mostra-se

que destes lances impensados nascem os desacordos, e por isso nesta parte admite toda a desculpa.

[...] Ficção pois manifestas, e convencidas as subtis idéas com que o sexo feminino pertendia anniquillar os homens, para obrigar a compaixão do género humano; o que lhe não pôde de fôrma alguma aproveitar, logo que as mesmas Senhoras são a causa dos seus próprios males, e dos estragos dos homens.

Por tanto, e pelo mais dos autos condemnão ao sexo feminino na perda dos agrados, e namorações adventícias; e a darem voltas a quantos vestidos tiverem, reformando-se no traje, no prefixo termo de oito dias, não apparecendo nas ruas de Lisboa se não ao Domingo, e dias Santos, com o Dono da casa, e toda a mais fragumalha, que tiver das portas para dentro, por evitar deste modo o haverem ruas em que ao dia de semana se encontra maior numero de mulheres, que de homens; e assim mais as condemnão nas custas, que não passam de quarenta réis⁵ “*seculo passado*” *Honestidade*” Mediania (XCI, p. 3-6).

Petição que fez o sexo feminino para embargos á sentença.

Diz huma Dama agravada/ Que se proferio sentença,/ Fazendo-lhe grande offensa/ Na fôrma com que foi dada:/ Pertende seja embargada,/ Pois que em exame se vê,/ Pede, vista se lhe dê,/ Que não passe á revelia/ Da justa razão confia,/ E receberá Mercê.

DESPACHO.

[...] Seja a vista concedida,/ Nos proprios autos, que diz,/ Não grite contra o Juiz,/ Se fica favorecida:/ Ouvir mulher offendida,/ Sempre he tyranno bocado:/ Quanto aqui vai ordenado/ Execute o Escrivão;/ Suspendida a execução,/ Lisboa “*Seculo psassado*” (XCI, p. 6-7).

PARTE XCIV.

Ainda se não acabarão os maganões de bom gosto e não se sabe quando ha de ter fim a multidão de pessas, que se fazem pelo tempo do entrudo: Maria Antonia, mulher preta, e rapariga, cazou nesta rua com hum pretinho muito azevichado, homem que na sua Irmandade já tem servido todos os cargos, e que ainda hoje por acesso anda de pandeiro, e cabelleira, quando ao Domingo, e dia Santo sahe com os companheiros a

⁵ O preço do folheto do *Almocreve de Petas*.

tirar esmolos: preto que baila o lundum no ultimo ponto de perfeição; preto que sendo preto tem posto de ponto em branco meia Lisboa. Pintor de paredes velhas o mais insigne: este mesmo foi o Noivo da nossa Maria Antonia nas vesporas do entrudo: dia em que fizerão huma vòda a mais luzida, tanto em meza, como em companhia: entrar naquelle dia nesta caza, era o mesmo que ir a Guiné por terra, tiverão a politica lembrança de convidarem hum Taful senhorio das suas cazas, hum Barbeiro visinho, hum Cabelleireiro, que teve a habilidade de pregar a Noiva de cabellos, fazendo'lhe hum penteado na carapinha com tanto custo, que quebrou três pentes no rissado, e outros muitos: pelo meio da tarde appareceo o dito Taful com huma idéa, que tendo bastante graça, hia pondo tudo na maior desordem, e confusão: puxou este por huma caixa de cevadilha, e foi dando a todos os convidados, e chegando-se as horas de se sentarem á voda, nunca se vio maior labyrintho do que então se fez, porque todos os que tinham tomado da caixa de minuto a minuto sahião com hum choveiro de espirros: hum daqui espirrava sem se poder suster, outro dalli espirrava sem se poder isentar daquelle lance: houve tal que deo quarenta e três espirros: os Noivos a olharem hum para o outro já tão desconfiados, que chegavão ao ponto de descompor os circunstantes: os convidados matavão-se em satisfações, porém no meio dellas vinhão dez, e doze espirros; e vendo que de todo se não podião conter, alguns sahirão para fóra, outros forão desafiados pelos Padrinhos, a Noiva agarrando o Noivo a gritar: *oh meu rico fio, meu rico fio não perca vozo a vira por meu respeito*; e tanta era a bulha de dentro de casa, quanta a que fazia a multidão de povo, que se lhe ajuntava á porta: a bom salvamento puzerão tudo fóra, fechárão a porta, e só ficárão de dentro os da mesma côr para se não perderem de todo os guizados (XCIV, p. 1-2).

Carta que escreveo Theodozia Maria a seu filho, por este querer seguir outra vida diversa da que lhe destinárão.

Meu rico, e extremecido filho, bem fadado sejas para grolia de teu Pai, e de teu Padrinho Ambrogio Furtado, que bem sabes foi o primeiro que te metteo na mão a Gramathega, e te tirou os beijos com que mamastes, pois até esse tempo eras hum infezado.

Muito me aldemirei que tu indo para essa terra não queiras ser escolar, e antes gastes o teu tempo todo em pentoriscares figuras de Capitães de Calumnias, e retraltos de côres mortas, digendo a todos que queres aprender alquitetulia para vires a ser do tamanho de Raphaello, Miguello Anjo, Bombarrote, e Apellis; mas teu Pai diz, que nada

disso, que não appelles para essas bugiarias, que appelles sim, mas que ha de ser para os teus esturdios: agora eu taconcelho, que não te estramunhes dos diterios de teu Pai, porque se quijeres estrabuxar que te ha de tratar peor que a hum Farragó Rei do Ingito, que se cá te apilhasse te havia pôr as orelhas diante dos olhos; não te faças tolo quando em pequeno eras tão ladino; déveste a lembrar que não tinhas nove annos, quando o nosso visinho paredes e meia o Barata te dixe, que te parecias todo com o Pai na testa, ao que tu por espréto respondestes: *meu Pai anda de cabelleira não tem testa certa*: quem me dixer a mim que havias dezarvolar da criação que te dei, quando em pequeno te vesti com huma lobinha, que alinhavei de hum manto usado de tua Avó, e te levei com ella todo embonecrado com os seus brós defrontes á roda do Coivento das Freiras, que todos já te chamavão o Doitor da Mulla-russa, de sorte que viestes de lá com quebranto, de tão galantinho que estavas, e tirastes de lá mais ovos, e doces do que hum sormitão tira de esmolos: eis-aqui, meu filho, o que me faz criar cabellos brancos, conhecer eu que eras tão apoquentado de abilidade, e que estavas talhado para Crelgo, e dar-te agora na tonta em quereses ser Pintador, e demais a mais nunca escreveres a teu Pai, que elle cá me não venha com este *altremgenero*.

Eu aqui maxo de cama vegitada dos Mecos, e hum delles de Capello muito achacada do estambago, já andão dizendo que estou fisica confirmada, e que isto he em mim huma molestia córnica: o outro dia tomei hum gomitorio, mas não deitei nada, tudo são corrimães de flatos, e ás vezes estou tão estravaliada de juizo, que não sei donde ponho as cousas: o menino orfo já sabe muita retrolica do Latim, e já sabe o que quer digir *domustecro*, pois assim o pregou na boxecha de teu Pai quando espirrou; o que tem de máo he ser muito estraquino, por mais que lhe peleje sempre anda em huma roda viva com teu irmão: tua Tia he que está muito contente, porque já a fortuna a vai ajudando, já o seu home sahio a semana passada por cabo da ronda. Não te quero amolestar mais, não sejas inviçoneiro, não sejas astroligo, cuida nas tuas introduções, e queima-me essas pastanas sobre os tombos dos livros, que dessa massa he que se figerão os Altores de letra redonda. Arrecebe a minha benção, e por esta a de teu Pai,

Tua Mãi que tanto pucha para ti

Theodozia Maria (XCIV, p. 3-4).

PARTE XCVII

Rua dos Alamos 14 de Março.

Pelas ultimas cartas recebidas da Gollegã nos foi noticiada a célebre invenção de um Lavrador matreiro: Erão indisiveis os flagellos que este homem tal, e qual passava com sua mulher, a qual era má como as cobras, e por esta razão intentou desfazer-se della, mas por modo que a Justiça lhe não podesse imputar crime algum; ajustou com huns amigos, e outras mulheres conhecidas, e visinhas, hirem hum Domingo a Santarém, todos de cavallo, ora o tal Lavrador tinha huma mulla nova muito valente, e espantadiça, e três dias antes do mencionado Domingo a teve sem beber agoa: chegada a hora da partida disse-lhe a mulher, que também queria ir, ao que elle de maganão, que lhe conhecia o genio, respondeo: *Que não podia ser, porque mo tinha se não huma mulla, que era muito brava, e hum burro velho, que tropeçava, e que ella não havia querer ir na mulla por ser espantadiça, que sim a levaria no burro, porém que se encommodava muito, e havia dar muita quéda:* a mulher que era huma vibora, logo lhe replicou: *Essas escusas, para mim não valem nada, vossê quer-se apanhar só com o ranchinho para as suas extravagancias, pois desengane-se que na mulla he que eu hei de ir:* *Está bem, está bem não se afflija,* lhe disse o paciente do marido, *depois não se queixe se lhe succeder alguma desgraça. Não me hei de queixar,* lhe tornou ella, *e se a fizer não ha de ser a vossê,* callou-se o marido, albardou-lhe a mulla, segurou-a para ella montar, elle cavalgou no jumentinho, e forão com roda a mais companhia á projectada romagem. Como a mulla estava desesperada com sede, apenas sentio a agoa do Tejo deo em correr a toda a brida saltando troncos, e barrancos, e deo hum pulo por cima de huma rebanceira, que margiava o rio, e precipitadamente se lançou della abaixo, e ficou tão maltratada a mulher que morreo dahi a duas horas: eis-aqui tem vv. mm. o modo muito politico com que este bom varão se desfez da mulher que tinha, que tanto o intisicava, e já se lhe conhece a differença, pois dizem que ha cinco dias que não toma leite de burras, e com tudo já tem engordado outro tanto: **a toda aquella que for de máo genio, com perdão de vv. mm., eu lhe desejo hum marido do mesmo molde** (XCVII, p. 1-2. Negritos meus).

Final Sentença proferida no juizo da Razão pelo litigio que trazem os homens com as Senhoras...

Que ha casas de desgoverno,/ Onde as filhas, quasi todas,/ São Diccionarios de modas,/ Não mulheres de governo:/ Que entra o Taful todo terno,/ Que alli de pródigo affeta... (Assignado) Seculo Passado, Honestidade, Mediana (XCVII, p. 3-6).

PARTE XCVIII.

Belém 3 de Março.

Ahi vem o sioro Arferes, o sioro Arferes o Afiaro ro meu coração: muita festa , muito contentamento, abrio-se a porta da rua, sobio o Senhor Alferes, entrou o Senhor Alferes, comprimntou o Senhor Alferes a dona da casa com a qual tinha sincera amizade; porém havia nesta mesma casa porém havia nesta mesma casa huma **preta cativa já polvilhada pela natureza**, muito vaidosa [...] inteiramente incasquetada de que o Senhor Alferes lhe queria bem; e entrando a tolla vaidade naquelle **monte de graxa**, tomou com elle o parentesco de Madrinha, e Afilhado, dizendo-lhe nos seus á partes que lhe tinha muito amor [...] e elle que contou tudo á Senhora, pediu penna, e papel, e como ás escondidas, fez as seguintes cantigas, que entregou á **chamuscada Madrinha**.

Formosa Madrinha,/ Pois somos leaes,/ Toma quatro petas, / Dar não posso mais.// [...] Por ti dou suspiros;/ Por ti darei ais,/ Dou-te quanto tenho,/ Dar não posso mais.

Recebendo a pretinha dos meus olhos esta trova a titolo de Carta de Amores, foi logo desabafar com sua Senhora velha dizendo: *mia siora, eu vejo que o sioro Arferes me trata com huns amor muito grande, e que me chama D. Domingas, isto não si fazi sem grandes affecto; se mia siora dás licença eu casa com elle*, respondeo a Senhora: *Se elle quizer casar comtigo, eu te darei carta de alforria*: Corre D. Domingas saltando de contente, arde toda aquella **ferruge** na chaminé do Amor, as Criadas da casa tecendo-lhe maior enredo [...] e a dona da casa com a mais familia, que estavam apalavrados [...] O Senhor Alferes [...] virando immediatamente para a preta lhe fez esta decima, que foi com que botou agoa em toda aquella fervura.

Domingas o grande amor,/ Que tenho á negra belleza,/ Passa fóra da grandeza,/ Déssa agigantada flor:/ Copido, esse cão traidor,/ Peior que as feras dos matos,/ Depois de fazer-me tratos,/ Em ti me dá hum thesouro;/ Offerecendo-me o teu couro,/ Para botas, e çapatos.//

Eis-aqui a negrinha desesperada, toma o folgo, cahe no chão, porém sem mudar de côr, mas a poder de bofetões da Senhora tornou a si, rogando muitas pragas ao Senhor Alferes; fervião as risadas em todos, e tomou tal odio aos homens que não quer ver nem o Agoadeiro da casa (XCVIII, p. 4-7. Negritos meus).

PARTE XCIX.

Calculo do tempo que gastão as Senhoras nas despedidas das suas amigas.

[...] preparão-se para a visita toda a tarde, sahirão ás seis, chegarão a casa das amigas ás sete, levantarão-se para se despedirem ás nove, descêrão pela escada ás onze; e chegarão a casa á meia noite; e ainda pelo caminho algumas disserão mal á sua vida por lhe ter esquecido certas cousinhas, que inda lá tinhão que dizer (XCIX, p. 2-4).

Rua do Corrião 25 de Março.

Ficão a perder de vista todas as economias dos antigos, comparadas com as do Senhor *Zanga Sovina Mirra das Dores*, homem bem digno de ser decantado pela boca da lazeira nos hospitaes da fome: este famoso heróe não he economico, grosseiro, a sua delicadeza chega ao maior auge da perfeição: guardar os grãos da pimenta de humas para outras vezes, temperar com o molho da celada do Domingo a celada de toda a semana, etc. são economias, como já disse, grosseiras: *oh Zanga Sovina Mirra das Dores!* Tu podes pôr cadeira, e dar luzes aos mais económicos, só huma das tuas economias será bastante para mostrar a tua arte, e sciencia economica: não lembrarei que **comes com as mãos por não gatares a prata de huma colher que tens**; não direi que tiras as biqueiras ás meias de algodão que compras, para fazeres torcidas á candeia; nem tão pouco publicarei que quando bebes agua aparas a mão por baixo, e tornas a lançar na pucara as gotas que te cahem na palma; isto que fazes, e eu vou contar he maior que tudo: oh viventes ouvi-me, ficareis pasmados; sabeis até onde chega a economia do nosso *Zanga Sovina Mirra das Dores*? chega a **não por pontinhos nos ii quando escreve, por não gastar a tinta** (XCIX, p. 4).

Anecdotas achadas ao nosso Velho do Romulares no seu curioso peculio.

[...] Perguntou-se a hum Pai de família, qual era o peor traste que tinha em casa? respondeo, *que a filha*, porque para lha levarem era preciso dar dinheiro em cima.

[...] Cahindo huma mosca em hum copo de vinho á meza, se conhecem os circunstantes a que nação pertencem, se que fallem; porque o *Alemão* assopra-a, e bebe, o *Inglez* bebe, e bota a mosca fóra com os beijos, o *Francez* antes que beba a vai tirar

com o dedo minimo, e o *Portuguez* bota fóra aquelle vinho, e toma outro para beber (XCIX, p. 5).

PARTE C.

Carta do Correspondente de Lisboa escrita a D. Sonho Sonhé, Cavalheiro annuciado nos Sonhos de alguns folhetos desta Obra.

[...] Lisboa está em muitas cousas transtornada, e mui differente do tempo em que v. m. aqui esteve: he o Caes da Pedra o sitio onde melhor se annalysão as differentes figuras, que a povoão: nestas tardes, e noites de verão se ajunta aquella variedade de vestidos, e penteados que não deixão de ter sua graça pela mescilanea que fórmão: entre Senhoras, e homens he galantissimo o rompimento daquella scena; hum se veste á Franceza, outra se pentea á Turca; hum affecta de Inglez no passeio, outra de Chinezinha no traje; e elles, e ellas põe tudo em tal confusão, que custa a perceber de donde são naturaes: nas ruas da Cidade nova mudou tudo de tom; vê-se hum porta tendo as paredes por fóra guarnecidas de taboas pintadas, vai-se a examinar, e acha-se ser hum loja de ferragem, com mais fazenda pintada por fóra do que tem dentro em vulto; o dono he tratado por Negociante, e vai aos pulos daqui para cima, quando algum dia hum ceira de prégos á porta, com duas escovas he que figuravão de taboleta, hoje he hum frontispicio que parece hum portal da Praça dos Touros: vemos mais adiante outra loja que tem por dentro as paredes guarnecidas de garrafas [...] isto he guardado por fóra com hum respeitavel cancella tinta de cinzento á Ingleza; e chama-se a isto casa de negocio de vinhos; quando algum dia se lhe chamava Taberna com meias portas de incerado, que tinham de pintura garrafa, e copos [...] Por este pequeno extracto verá v. m. que tudo tem tido mudança (C, p. 5-6).

PARTE CI.

Largo da Esperança 23 de Abril.

Haverá seis mezes que hum rapaz de dezoito annos bem puxados acabou de preencher o tempo dos seus annos, que dava a hum Estrangeiro, que lhe ensinou a manufacturar luvas para os pés das Senhoras, cujo rapaz sahio tão perito, que deixou o Estrangeiro a perder de vista, andando por isto nas palmas de todas as suas freguezas [...]. Principiou a tufar como peru, e até arrastando a aza, com grandes desejos de ser hum completo Tafulão [...]. Vendo entrar e sahir os Chefes da peraltice, gostando do

feitio do vestido á Paqueta, azul com golla encarnada, ou amarello com golla verde, fingindo os que trazem os Agentes das Nações Estrangeiras: de tarde no Caes das Columnas vai ver como ligados passeão tres amigos á Ingleza, de Leste a Oeste, entrando hum no centro, e o outro sahindo ao lado; passagem esta, que elle tem posto em praxe com tres formas para saber passear com outros, quando a occasião se offereça; á noite vai pelas famosas Casas do Café, aonde só a barafunda de pedir ponxe, filipina, capilé, e licores fôrma hum alarido, que confunde o mais habil Caixeiro; e decorando os nomes das bebidas para as pedir com aquella arrogância, e liberdade com que qualquer Tافل, fazendo huma carinha de anojado entra, pede, bebe, e satisfaz o ambicioso bandulho [...] ultimamente deo comsigo na Opera do Salitre, onde fez pateada com a mais Padaria, e á voz de *dá cápo* dizia ele muito presumido *dá cabo, dá cabo*: concluida a primeira scena vio que sahia muita gente, sahio elle tambem porque não queria ficar atraz; e como estava afflicto com o calor, e com o pezo da casaca, foi como hum raio á loja de bebidas fronteira a tempo que hum alli pedio café com leite; e elle para o imitar pedio limonada com leite; rirão-se muito os que o ouvirão, e o bom do caixeiro lhe perguntou como queria aquelle ingrediente? Ao que elle respondeo, que queria o leite quente, e a limonada fria, mas tudo junto: assim se lhe fez, bebeo o rapaz, e estantaneamente se lhe poz o ventre em huma desordem, entrando logo a fazer versos, huns curtos, e outros compridos, deo a Opera por acabada, e a bom salvamento dizem que escapou de morrer de bexigas, por ser bebida muito boa para sarampo (CI, p. 2-3).

Rua das Pretas 19 de Abril.

Assiste bem no meio desta rua Luzia da Penha, **mulher de preta côr, a qual tem huma filha Crioila, linda como o ouro preto, muito formosa (pois neste genero tambem ha formosura)** muito rosada, e muito branca, não só em acções, como no nome, porque se chama Clara da Luz, que com ella faz ver que o seu sangue tambem he vermelho, ainda que muitos dizem que nunca lhe virão fazer a face desta côr [...] hum rapaz moço de servir, filho da Chamusca [...] intentou casar com ella [...] logo que casou, escreveo elle á sua gente avisando-a de que tinha casado em Lisboa com huma rapariga muito formosa [...] apenas souberão disto os seus parentes, vierão logo visitallo [...] e olhando para ella todos, disse huma das Irmãs, *pois ella he preta? Não podéra ser azul respondeo a Noiva muito airoso, esta cor foi um accidente, eu não tenho mais nem menos que as outras mulheres; o Senhor Benedicto Bonifacio o estimo como se fora hum Fidalgo, e as minhas qualidades não merecião menos; e se o*

Senhor Benedicto Bonifacio se vir em algum vexame, eu, e minha Mãe valem muito para o socorrer-mos. Isto foi dito com tanta graça, que **todos os Cunhados invejaram a ventura do Noivo** (CI, p. 4-5. Negritos meus).

PARTE CII.

Alfama 29 de Abril.

Não querem crer que ha Bruxas, ha, e mais que ha; que importa que estes Senhores modernos com as suas modernas filosofias filosofando á moderna, se façam todos pirrónicos, duvidando de tudo, se a experiencia, e a tradição dos nossos velhos conscriptos nos mostram o contrario? Quem poderá negar, que a minha Avó quando era pequena viu hum negrinho de mão furada, com o seu barrete encarnado, sahir-lhe debaixo da chaminé bailando as chigansas? [...] Os Duendes, ou Vampiros são certíssimos; o que tem he que **nunca apparecem se não a pessoas de poucos estudos**, e alguma cousa fanáticas; mas isto mesmo he gyria nos taes Vampiros, por se livrarem de argumentos, **porque se apparecessem a algum sábio, este lhe provaria, que elles não existião, e que era só hum delirio da imaginação dos que os vião** (CII, p. 1. Negritos meus).

AVISOS.

Toda a Senhora que desejar em público apparecer córada não use de cor artificial, porque se tem visto o grande damno, que tem feito essas mixordias; na delicada cutis do rosto, mas peça a sua Mãe que lhe dê meia duzia de bofetadas tezas, que verá como logo fica rubicunda, e sem a menor despeza (CII, p. 7-8).

O Senhor Rós-Bife, e Madama Batata de Nação Britanica chegarão a esta Corte ha oito dias, depois de circularem as Cidades da Europa, aonde na companhia de pessoas de grande qualidade merecerão hum geral applauso, mandando-os muitas vezes dar cápo, porque davão no gôto a todos: elles tocando nas teclas do paladar fazem huma excellente harmonia, e dizem muitos, que não ha bocado melhor: quem quizer saber se elles desempenhão o mesmo que annuncião, vá á casa de Pasto de Boinos Ayres da huma para as duas da tarde, e tenha a certeza de que se não acha lá só; basta que leve para entrar dois *xelins*, e quatro *Penes*, porque elles ainda não estão certos no dinheiro do Paiz (CII, p. 8).

PARTE CIII.

S. João dos Bem-Casados 30 d'Abril.

Havia neste bairro huma Senhora viuva de cincoenta e quatro annos de idade, a quem a arte de compôr ajudava a desfarçar os defeitos do tempo, e da natureza, era voz constante entre todos a fama de rica, segundo se colligia do seu tratamento, por cuja razão era igualmente requestada de immensos pertendentes para segundas Nupcias, que se effeituárão sem o menor embaraço com hum sugeito que foi, entre tantos que digo, quem roubou os agrados da concumitancia do affecto a este Filis dos nossos dias: chegado finalmente o ditoso dia, concluiu-se este acto com a reunião de vontades dos dois Contrahentes, houve naquelle lance muita festa para a festa, as Aias, e os criados, todos de galla nova, o Noivo, e a Noiva de pannos largos, porque assim o pedia a função: terminada esta com a alta noite achava se o Noivo muito atflicto por ter reparado, que a Noiva todo o dia não tinha tirado a mão esquerda da cintura, e que de hum olho era a vista mais espantada que do outro, porém disfarçou o caso até chegar o tempo de tomar conta da casa, inda que já tinha recebido da mão da Noiva huma bolça com cem moedas de ouro por prenda, para qualquer despeza que se lhe offerecesse; e como chegasse a hora de se recolherem, chamou a Senhora os criados, distribuiu-lhes as ordens do que havião fazer no outro dia, porque o Noivo ainda não estava inteiramente Senhor do bôlo, e chamou a sua Aia para a despir, e destoucar: pôz-se o Noivo de olho vivo meio desconfiado, porque sempre queria ver quantos pães fazião hum alqueire; foi a Aia destoucando-a, e desenrolou-lhe hum horroso crescente de cabello achorinado, que a deixou calva de todo, e o Noivo vendo aquella desarmação ficou traspassado, depois, tirou-lhe a Aia hum olho de vidro, e o Noivo ficou para não viver, porque se lhe hia alli a menina dos seus olhos; passou depois a tirar-lhe o queixo debaixo, que deixou o Noivo de queixo cahido; e antes de lhe tirar o vestido principiou a Aia a alargar-lhe os laços de huma ligadura da banda do hombro direito que he donde prendia hum braço de páo, esquerdo, que suppria o que não tinha: o Noivo que se não podia já suster, acudio a isto dizendo: *minha Senhora, ousa-me antes que se desfaça de todo; se se desarma por meu respeito, escusa ter esse incommodo, porque pela manhã ha de custar a soldar tanto bocado junto: eu a despenso de tudo, e por tudo, e conceda-me licença:* pegou immediatamente no chapéo, e desceo pela escada abaixo: já dizem que se passou ao Alem-Téjo a contratar em presuntos com as cem moedas que recebêra, deixando a noiva ás boas noites (CIII, p. 1-2).

Travessa do Forno 7 de Maio.

Mora nesta rua huma alma grande, porém alguma coisa desalmada, que poucos são os dias que não prove do summo da sepa a satisfazer, e a botar por fóra; o que faz que vá o fato á rua todos os dias em casa, porque se inflamma, arma desordens com a mulher de tal sorte, que hum louco, que seja professor de loucura, não o desbanca; pratos, tigellas, panellas, pote, púcaro, frascos, garrafas, copos, facas, garfos, colheres, bancos, cadeiras, mulher, e filhos, tudo vai pelo pó do gato para a rua; huns pela porta, outros pela janella: ora como a sua visinhança haverá vinte annos, que está na posse deste divertimento, já não estranha, antes toma barrigadas de riso, e ha tal no bairro, que sente do tempo que dorme, porque queria sempre estar de olho vivo á pesca daquelle scena, comparada á destruição de Troia; porém a semana passada [...] passou miseravelmente a bebedeira para a liberalidade, dando cachações em huns, bofetadas, e murros em outros, de sorte que até muitos que forão acudir hindo buscar lâ, vierão tosquiados; a mulher pegou em hum páo, e não podendo já soffrer o marido massou-o como pôde, razão porque elle desgostoso daquelle atrevimento chegou a tal ponto, que se determinou desquitar, para o que foi a casa do Juiz, expôr a sua razão, em que o mesmo Juiz não achou razão alguma, e respondeo por este modo: *se V. m. não tem outro motivo para se desquitar de sua mulher, he louco*; tornou-lhe o queixoso, *Senhor eu nunca poderei viver bem com tal mulher*: instou-lhe o Juiz que a conhecia, *se ella he bonita, discreta, e virtuosa, bem aparentada, e descendendo de pessoas de bem, e tem alguma cousa de seu, não lhe louvo o fazer semelhante desacerto*: tornou este mesmo homem; *não Senhor, bem que me não queixo de nada disso, ainda que v.m. diga o que disser das suas qualidades, viver eu com ella nunca mais: em huma palavra, Senhor, hontem vindo o meu çapateiro trazer-me huns çapatos novos, e tendo-os eu calçado desgostei-me delles, mas perguntei ao Mestre, (que tanto se tinha fatigado em mos gabar) que vos parece estes çapatos lá na vossa estimação? respondeo-me, parecem-me huma luva, bom cabedal, bem cozidos, aramados no chefe da moda, e assente v. m. que ninguem o servia como eu: apesar disso, meu Mestre, eu lhe repliquei, torne a levar os çapatos, porque só eu cá sei onde elles me molestão*: rio-se o juiz da comparação, e protestou nunca mais metter a fouce em seara alheia (CIII, p. 2-3).

PARTE CIV.

Travessa das Freiras 15 de Maio.

He nesta Travessa que assiste em casa de seu Pai huma menina de idade de vinte e dois anos, formosa como o Sol [...] ora padece esta menina há mezes huns frenezins sobre naturaes [...] humas vezes põe-se a rir como huma perdida, e outras vezes põe-se a chorar como huma criança; humas vezes põe-se a cantar [...] outras vezes põe-se a gritar como huma regateira da Ribeira [...] huns dias até está muito conversadeira, e outros tão serumbatica [...] Medicos, Cirurgiões, Boticarios, e mais a familia, tudo, tudo tem andado a tres tornos; não podendo algum, por mais experiente que seja, conhecer de que procede a inconstancia de huma tal doença: todos os instantes está mudando de symptomas [...] na ultima Junta que se lhe fez, já depois de se terem debatido muitos Senhores Medicos [...] assentavão que a menina *estava mordida da Tarantula*, ou da bixa das sete cabeças [...] a veneranda Avó da menina [...] voltando o encrespado rosto para os Medicos continuou: *não se cansem vv. mm., porque quem mordeo a minha neta não foi a Tarantóla, foi o Tarantôlo*; o mal que ella padece he *o mal Cupidista*, que *lho pegou hum Taful destes de mil e setecentos e noventa e oito, o qual passeava por esta travessa fazendo-lhe mil gaifonas, e esta pobre innocente a cahir como hum patinho: porém a semana passada soube de huma Prima sua que elle era casado, e apaixonou-se de tal sorte, que se pôz no estado em que a vêmos*. Apenas o Pai ouvio isto despedio os Medicos; dizendo, que em huma tal Botica, que tinha em casa, conservava hum remedio famoso para aquelle contagio. Sabe-se hoje que lho vai applicando em pequenas doses, segundo os gritos que se ouvem em casa. Todo o Pai de familia se deve prevenir em ter Botica sua de curiosidade, porque póde dar este mal fóra de horas, e sempre he incommodo andar batendo de noite pelas Boticas do Bairro (CIV, p. 3-4).

PARTE CVI.

Arreitella 25 de Maio.

Ha sem duvida homens tão destros, que até fundão a sua felicidade nos prejuizos, e caprichos dos outros, valendo-se dos ignorantes para tirarem delles o seu partido, para se fazerem célebres pelo modo o mais extravagante. Chegou a esta terra Monsieur Wilbeaulk, Medico de Nação desconhecida, o qual tem merecido os maiores applausos nos outros Paizes por onde tem viajado, executando a sua Arte com suma

pericia, e habilidade. Elle anathomisa, sarja, receita, cura, e finalmente he daquella celeberrima escolla dos que não sabendo fazer cousa alguma querem fazer tudo. Havendo este sábio homem esgotado já todos os estratagemas da impostura, e feito enloquecer a muitos pela immensidade de logros, e calotes, que tem pregado, achou com tudo o segredo de enganar os velhos, a quem a experiencia, havia muito, tinha tornado independentes do seu soccorro; com effeito o tal Doutorado na Faculdade de *venha a nós*, affixou Editaes por letra sua, em que avisava de ter elle descoberto a maravilhosa invenção de remoçar a gente, e encurtar as idades, cujas papeletas fizeram huma tal impressão que todos os velhos se babarão de gosto, assentando fixamente que não só tornariam a gozar o bello tempo que haviam passado na sua mocidade, porém até por este modo seria muito fácil a conservação dos trastes; cuja necessaria economia tanto concorria para o augmento, e gordura das suas cavalgadas menores. Parece muitas vezes, que o acaso concorre para o ajuste; o certo he, que todos os que acudirão á isca forão justamente os que a tollice pôde pescar: juntos elles na presença do nosso habil Licenciado, elle lhe excitou novamente o appetite, e lho confirmou com as certidões das curas, e com os Diplomas das Universidades, que frequentára, accrescentando-lhes, que a cura radical havia ser feita no outro dia, e que para o seu preparatorio devia dar cada hum *tres mil e duzentos réis*, porque a paga formal reservava elle para o fim da cura, e que escrevessem os nomes, e as idades, que respectivamente tinham: o que todos fizeram promptamente, ainda mesmo os que não sabião escrever, sem que antecedesse procuração alguma. Surrupiado o dinheiro em que consistia toda a medicina, e alistados os nomes dos invalidos abalarão com os cachimbos os taes velhinhos da minha alma desejando, que voasse o dia para ver o tal milagre, ou para melhor dizer o fructo da sua tollice, e ignorancia: raiou a final o dia mais comprido, que nunca os taes ginjaes virão, e já haviam alguns a quem o luar da noite tinha eludido, pensando ser a aurora: (tanto a imaginação nos persegue) derão as horas aprasadas, e logo subitamente appareceo o Senhor Doutor perguntando se estavam alli todos os seus bemfeitores; e como lhe respondessem que sim, chegou-se a elles, e lhes disse: *Meus amigos, tenho o prazer de expôr-vos em que consiste o famoso remédio, que hoje quero applicar-vos, e pelo qual em breves horas vos tornareis a pôr no vosso antigo, e robusto vigor, ainda que com a sensível infelicidade de perder [4-5] huma grande parte do meu trabalho, pois que a lista em que os vossos nomes, e idades estavam escritos não sei porque incidente se me perdeu, que me não foi possível encontralla, depois de a haver sellado, e guardado; porém he cousa que facilmente se*

*restitue: consiste o segredo em ser queimado vivo aquelle que for mais velho, e as suas cinzas misturadas em certo Elixir hão de ser bebidas pelos outros; e assim ficarão certamente na idade que quizerem; advertindo que não poderá ser dos trinta e cinco para baixo, que he o ponto fundamental do segredo; e como de dois males sempre se deve escolher o menor, mais he serem todos velhos, que morrer hum só para os outros se tornarem moços, e ficarem sãos; e nestes termos escrevão vv. mm. de novo os seus nomes, e idades. Cahirão por fim no logro persuadidos de que como do mais velho he que a sorte fazia o seu alvo, atrazando cada hum a idade, e diminuindo todo o tempo que mamarão, por este modo ficavão isentos da fatal fogueira, e logo se despozerão a descrever as idades com a diminuição, que hoje costumão fazer as Senhoras, quando se lhes pergunta que annos tem, que sempre estão nos dezesete. Acabada a escrituração puxa o tal engana tolos pela lista, que fingidamente se perdêra, e combinando os nomes, e as idades, que nella estavam escritos com os da que presentemente se havia feito, achou quasi todos mais novos trinta annos pelo menos, sem precisar recorrer aos ingredientes, accrescentando muito alegre, que havia feito o que promettêra; e elogiando ao mesmo tempo a finura da sua sagacidade, sendo-lhe preciso na peroração do discurso saltar para hum quintal, quando não a massa enorme da tal velhada já com o sangue outra vez na guelrra o obrigarião a sahir pela janela fora. Com que já he grande o número das Testemunhas, que tem vindo jurar na devassa, que se anda tirando, não só sobre quem era o tal marmanjo, mas para depôrem quem forão os logrados, porque os que ficarão de fóra jurão-lhe pelas barbas, *si vera est fama* (CVI, p. 3-5).*

PARTE CVII.

“Dissertação do nosso Amigo applicado ás experiencias economicas.

A organização admiravel do homem, o riso por onde lhe chamão Animal Risivel, e mais que tudo a razão, o põe superior a todos os outros animaes (CVII, p. 5).

PARTE CVIII.

Fundição 9 de Junho.

De cada vez se vai augmentando, e enriquecendo mais a nossa lingua Portugueza, com adagios de carregação, huns que vem nos comboios nas bocas da equipagem dos Navios, outros compostos pelos brejeiros cá Nascionaes, que tanta honra dão á Praia de Santos, e ás tabernas de Lisboa: que sequito não teve, *Está bom José põe*

*lá? quanto se não louvou: ó carinhas vamos ás Barraquinhas? que immensas vezes se não repetio por mofa aos Valentes: tenha dó que faz a creança em pó? Porque bocas não andou: pois sim mata-te bem que a macaca logo vem? Onde fica a memoria: de Izabel Beata com o seu treliquetim, treliquetim, treliquitó, onde fica: Poe a meza Louricá com o seu Zigue Zágue? Ora se estes, e outros diterios tem merecido a maior approvação nesta incansavel qualidade de gente, porque não descobriremos a origem de hum novo ditado que hoje domina em todas as ruas: Ó Paisinho compra o Melrro? Foi o caso: Soavão as trombetas, as rabecas, os tambores, as trompas, as castanholas, e as marimbas [...] a gritaria [...] que acompanhava o instrumental tudo deixava perceber, que era festa de Pretos: hum Mestre Çapateiro curioso de todos os quatro costados, que se não dava hum espirro na rua, que elle não soubesse logo quem o tinha dado [...] destrancou a porta, para ver o que aquillo era, mas como sentisse que a folia hia para diante, foi acompanhar o farrancho, e com o escuro da noite introduzio-se na manada [...] depois de uma grande balharota, e tocadella, se determinou o brequefesta⁶ da côdea [...] deu hum espirro, aqui encordoarão todos, repararão no intruzo, e disserão; *que quer cá este Merro*. O Mestresinho enfeitou-se logo, e respondeo: *Este Melrro vende-se, se algum tem barbas de o comprar ha de lhe custar caro*, huns algarves que estavam pelo mar, dentro de hum bote entrarão a gritar, *ó Paisinho compra o Melrro*: enfureceo-se o Çapateiro, prega hum bofetão em hum dos pretos, atirão-lhe estes com as garrafas, chama-se pela ronda, fojem os festeiros, e foi o pobre Mestre com cara de bezerro para o Limoeiro; e daqui vem que quando se diz a hum preto *ó Paisinho compra o Melrro?* elle muito soberbo responde: *tem gaiora?* Que he o mesmo que dizer *quer cadeia a horas de ceia* (CVIII, p. 1-2).*

PARTE CX.

Rocio 23 de Junho.

Com o clarão, que fizerão as fogueiras, esteve a noite de S. João alegre em todo o Portugal, porém a terra, com o pezo das contradanças com que se divertirão as súcias, gemeo [...] só *Almada*, a consternada, e triste *Almada* nesta noite veio para a borda do mar com fúnebre semblante a olhar para asa aguas, e a lembrar-se do seu tempo, que mettia compaixão, discorendo no que foi, e a solidão em que presentemente se via; lembranças, que hão de dar cabo della pouco a pouco; anda cahindo a pedaços [...] por

⁶ Corruptela de *breakfast*.

toda a parte nos valles retumbarão os estrondosos ecos das bombas, e buscapés: nos ares esturgia, e assustava a continuada algazarra de rapazes: o Tejo mormurou com grande susurro, pelo espalhafato que nas suas aguas fizerão os extravagantes: os Póllos estremecerão com a vozeria das asneiras, que desenrolarão os vagabundos.

E as Avós que os seus netos embalavão,/ De susto do que ouvião , não cantavão.

Pelas ruas de Lisboa se apresentavão ranchos de Senhoras, e homens, tudo gente de boa feição; huns para baixo, outros para cima até dar meia noite; tempo em que muitos ainda sustentão pela parte da superstição, porque esperão que decida a sorte do seu destino, e o que servia a huns de passatempo, a outros servia de desgosto; pois por entre estes andava hum galante rapaz fóra da baralha com duas bandurrinhas na mão sem lhe saber dar uso, porque tinha perdido de vista o seu rancho nas encruzilhadas da rua dos Cegos, e passeava no meio do Rocio, onde encontrou outro com igual fortuna, ou não sei se diga com menos, porque este nem sabia dar razão de si; lances que nesta noite passão por muitos avisados: fallou o primeiro, e disse: *Tu aqui F...* a que o outro respondeo: *e tu porque estás ahi?* Tornou o primeiro, *eu estou ardendo, e fóra de mim, porque fiz despeza de 3\$115 para desfrutar esta noite na companhia de hum rancho de Senhoras, e fiquei sem ceia, perdi-me do rancho, e perdi hum çapato, que não sei a estas horas quem me hade acudir com hum chinelo para ir para casa; se eu calçar mais á moda, em çapato seja eu feito.* Respondeo-lhe o outro: *pois meu Amigo eu ceei selada, e creio, que por isso estou tão fresco: gastei huma moeda só na esperança de passar esta noite com huma companhia estimável, e na Rua nova da Palma desapareceo-me o ranchinho, e o mais he que emprestei o meu Chapêo redondo a huma das Senhoras, que se queixava de frio na cabeça, e não tive mais remédio senão atar este lenço branco, que pareço hum ferido que sahio do Hospital.* Assim se lastimavão estes dois gemios da miséria, quando neste momento vinha hum rancho de sete, que andão cobrando a decima dos que se recolhem da meia noite por diante; e como os dois infelices se não achassem com dinheiro, derão bens á penhora de tal sorte, que ficarão em camiza e calções: foi pena não terem alli a cama feita porque estavam já meios despidos para se metterem nella (CX, p. 1-3).

Salitre 18 de Junho.

Gyra pelas ruas de Lisboa, becos, e travessas hum namorado de Maio, a quem os seus amigos chamão Morgado da Barraca [...] tinha-se-lhe affeçoado certa criada de servir [...] e todos os dias á noitinha o fazia ir ao caldo á sua portaria [...] e neste lance

he que ella lhe dava tudo quanto podia surrupiar, como por exemplo, presunto, ovos, fruta, e algumas demazias [...] ex que chega o Amo [...] pé ante pé, e dá com os dois estafermos [...] préga-me com elle [...] pela escada abaixo [...] fez hum grande terremoto á Criada, e despedio-a [...] de sorte que o pobre rapaz não he senhor de passar pelo Salitre, que não ouça das janellas: *ó Giraldo qués mais caldo* (Parte CX, p. 3-4)

Dissertação do nosso Amigo applicado a experiencias economicas.

He o tempo voraz destruidor da natureza [...] tem o tempo huma constante influencia em tudo criado [...] os humanos tem transmittido aos animaes irracionais muitas das suas artes, e attributos; elles trouxerão o jugo ao boi de antes ferocissimo, fizerão o gato social, dantes indomável [...] mas isto he nos principios da sua existencia, quando o corpo está vigoroso, as idéas vivas, e capazes de poderem receber as impressões, que lhes intímão, porque na idade da decadencia, esfria o sangue, nubla-se o cérebro, e as potencias da alma desvigorizam-se, e destas primicias se tira, que **burro velho não aprende lingua** (CX, p. 4-5. Negritos meus).

AVISOS.

[...] Sahio á luz o novo Methodo *para fazer a barba sem dizer palavra*, obra muito necessaria aos Senhores Barbeiros, que costumão enjoar os Freguezes com historias sedições, sem ar, nem graça; e que por força lhe hão de ser ouvidas a ferro frio (CX, p. 8).

PARTE CXI.

Passeio Público 29 de Junho.

[...] já se achavão á porta do Passeio Público tres rapazolas, rodeados de sectarios da escola moderna, a quem não tinha mordido a pulga, por ser esta huma das noites em que ninguem vai á cama, como o tem mostrado a experiencia em todos os seculos: elles estavam vestidos não só ao gosto estrangeiro, como ao desafogo de fóra da terra, chapéus redondos, e na frente, em lugar de fivela, que aperta a cópa, medalhas com os retratos das suas Cloris de cachimbo, por elles serem de sigarro; çapatinhos de ponta de passador, com seus laços de fitas de côres, argolas nas orelhas, signal para serem achados, no caso de se perderem; e como a manhã ainda não estava de todo clara,

a quantos ranchos de Senhoras entravão, e sahião assestavão humas lunetas de quasi tres quartos de palmo de circumferencia, a quem dizião por graça, a Senhora he esta, a Senhora he aquella [...] hum filho da velha, que vinha á latre de huma filha, e da Mãi que vinha em sua companhia [...] vendo que os Tafues de orelha furada lhe investião as Madames com mais algum atrevimento [...] tirou de huma espada columbrina, que ainda as ha, e fez-se logo conhecer [...] os Sectarios derão ás chenellas, os tres forão acutilados, e nos fragmentos da função achárão-se as orelhas de todos tres tão confundidas humas com as outras no chão, que seus donos as não conhecerião senão fosse a providencia das argollas de oiro que tinhão com differentes feitios, as quaes se ficão outra vez sirgindo com a perfeição possivel (CXI, p. 2).

Carta que escreveo hum rapaz amante, a huma Senhora, para a persuadir a que casasse com elle, e isto no Bairro de S. José.

[...] Sou de V. m., ou de V. Senhoria

P. S.

Como não sei se v. m. tem Senhoria, por não cahir no seu desagrado, puz ambas as cousas (CXI, p. 5).

PARTE CXII.

Porto 9 de Julho.

Hum Vossa Senhoria (de humas, que ha sem pés, nem cabeça) que vivia já enfasiado de Senhoria, e tinha grandissimos desejos de arrogar a si hum Vossa Excellencia, entrou a filosofar como a poderia ingerir sem muito custo, ou repugnancia; e lembrando-se, que para ter o exito que elle pertendia devêra principiar esta pelos seus domesticos, isto he, instruindo-os para que lha dessem: chamou o seu Criado grave, e conduzindo-o á guarda roupa separou huns calções, huma vestia, e huma casaca, e disse-lhe: *ahi tens esse fato [...] devo-te agora avisar para que de hoje em diante me dêes o tratamento de Excellencia, este mesmo aviso farás aos moços da seje, e o comunicarás ás pessoas que me procurarem [...]* Sahio logo o criadinho para fóra com as dadivas na mão, porém dando-lhe muito em que entender a quem ficaria a Senhoria, que seu Amo deixava; **e porque não levava a bem que huma Senhoria deixada em tão bom uso se perdesse, tomou o partido de se cobrir com ella;** foi descendo para a loja, e disse aos moços: *olhem vossês que de hoje em diante devem*

tratar nosso Amo por Excellencia, e a mim por Senhoria [...] assentarão os moços [...] que em tendo barriga farta, e paga prompta até dará Reverendissima se o obrigarem a isso, callarão-se, e forão cumprindo á risca o que lhes determinou [...] a horas de jantar, quando a mesa estava guarnecida de muita gente [...] chega o boleeiro, e diz para o tal criadinho, ó Senhor Ignacio de Lemos, está alli hum rapaz, que procura a V. Senhoria; ficarão todos os circunstantes estupefactos, e o dono da casa muito mais; e zangado da asneira perguntou ao Criado para quem fora aquella Senhoria? a que o Senhor Ignacio de Lemos respondeo promptamente: foi para mim: e por onde te vem esse tratamento novo? disse o Amo: tornou-lhe o Criado: como sempre vi que os Criados tem todo o direito a tudo que seus Amos deixão, e V. Excellencia deixou a Senhoria de que usava, achei que não escandalisava a V. Excellencia em querer esta Senhoria para mim; porém se V. Excellencia inda tem tenção de se aproveitar da tal Senhoria, e leva isto a mal, eu não devo usar de huma cousa contra vontade de seu dono: perdoe V. Excellencia, e eu largo a Senhoria outra vez, com a mesma brevidade com que V. Excellencia a deixou. Rirão-se todos muito, porém o Amo ficou com a Excellencia, e Senhoria atravessada na garganta de tal sorte, que não pôde mais naquella hora engolir bocado: Consta porém que como a Excellencia, e a Senhoria forão enxertadas, e o anno para enxertos, pelos frios que houverão tem corrido contrario, nem huma nem outra pegou (CXII, p. 1-2. Negritos meus).

Dissertação do nosso Amigo applicado a experiencias economicas.

Que républica tão bem ordenada he a das abelhas! ensinando aos homens o castigo da ociosidade, e dando-lhes exemplos de trabalharem com frequencia; os animaes todos pensão, cogitão, tem reminiscencia, descobre-se-lhes memoria, entendimento, e vontade; em vão quiz o innovador Descartes reputa-los por meros authômatos, porque as ímpias consequencias, que se deduzião da sua these lha destruição: Os cães tem hum raciocinio vivissimo [...] A cada momento observamos immensas provas; todos os animaes conservão idéas como já disse, e tem reminiscência, ou maior, ou menor conforme a disposição, ou organização do animal mais, ou menos perfeito, buscando cada hum o bem, e temendo, ou fugindo ao mal; por cujo motivo se prova, *que o gato escaldado da agoa fria tem medo* (CXII, p. 4).

PARTE CXIII.

AVISOS.

Sahio á luz *hum Diccionario com barbas, e dentes*, o qual contém a primeira idade dos *Nominativos*, para o uso daquelles, e aquellas, que fallão as línguas Estrangeiras ás apalpadellas, obra de faca, e calhão, analysada ao pé da letra tim tim por tim tim contém o que adiante se segue, para se demonstrar melhor a qualidade da obra.

D I C C I O N A R I O.

A a =: B b, etc.

A letra A = he = a = A letra B = he =b, etc.

Estas letras são bem conhecidas daquelles que sabem muita letra; porém os que as não conhecem, devem forcejar para saberem dizer = beabá; porque Bamebões há muitos, segundo ensina esta Grammatica, a qual he a seguinte:

Inglez.

Aireru sá⁷,

Veregute sá⁸,

Verilitil⁹,

Ópí veriuel¹⁰,

Adjectivos Inglezes.

Veruel são favas. = Verigute são feijões.

Portuguez.

Arroz do Sá.

Verdades do Sá.

Bom leite.

Ao pé do tonel.

Hollandez.

Menere?

Ya menere?

Ya Madama

Nite frestan

Nimidal

Os *Adjectivos* Hollandezes

são

Bem te conheço Flamengo.

Portuguez.

Manoel.

Como estás Manoel.

Jogar as damas.

Sahio pela fresta.

Morreo o pardal.

⁷ How are you, Sir?

⁸ Very good, Sir.

⁹ Very little.

¹⁰ Hope yo're very well.

Italiano.

Pio caro,

Altro giorno,

Mia roba,

Sono bellissimo,

Os Adjectivos desta excellentissima língua são compostos de tal docilidade, que se desfazem na boca como torrões de assucar.

Portuguez.

Os pintos vão caros.

Ainda está morno.

Meia arroba.

O Senhor Veríssimo.

Turco.

Alá,alá,

Amoina, amoina,

Salé malé¹¹,

Os Adjectivos desta língua de trapos são trágicos, por que fazem engasgar até os Nacionaes.

Portuguez.

Podem alar.

Os que andão á moina.

Ainda não he maré.

Quem quizer saber o mais que este Livro contém, compre-o, porque a taixa he mais barata que o prego (CXIII, p. 7-8).

PARTE CXIV.

Carta que escreveo Bento Barboza Botelho a huma sua prima que estava em Lisboa feita Regateira pedindo-lhe que voltasse para a Beira para a companhia do Marido.

Esta Carta foi escrita com o vicio da Patria, que he o pronunciarem o =v=por=b, que se todos os homens escrevessem assim, podião-se mandar os bb á tábua. Todas as palavras de v vão em grifo.

Senhora *Varvora Vonifacia* vem pode sua mvc. *voscar* outra vida, que esta não he *voa*, pôr-se a vendedeira de *Vezugos* e *Vogas* na *Riveira Velha*, isso he *vom*, e *vonito*, por isso o *Vras dezavrio* mão de sua mce, o outro dia eu o vi no meu *vairro* a cavallo em hum *vurro vranco* [...]

Hoje *Savado*, *Veira vaxa*, vinte *Outubro*.

(Assignado) *Vento*, *Varvoza Votelho* (CXIV, p. 4-5).

Dissertação do nosso Amigo applicado a experiencias economicas.

¹¹ Salaam Aleikum.

Quando a natureza excede, ou transcende os limites taxados, ou marcados pela mesma natureza, as suas produções são mais fracas, ainda que sobresaíam em tamanho: as pessoas de figura agigantada quasi sempre são pusilamines [...] assim o espirito proprio para animar huma pessoa mediana em estatura; enserrado em corpo pequeno, fica muito opprimido, e quer por todas as partes rebentar: este he o motivo porque gente pequena tem sempre o coração ao pé da boca: ora como estes argumentos servem para ambos os sexos, e igualmente para os animaes, os quaes tambem são dotados de huma alma irracional, mas que opera com analogia á nossa, se prova claramente que não errão os sábios quando dizem que *da mulher, e da sardinha, nem da maior, nem da mais pequenina* (CXIV, p. 5-6).

AVISOS.

Pimentel Torrado da Costa avisa ao público, que vista a grande falsificação de bordões, que hoje se vendem para os instrumentos, elle tem huma grande partida delles, que são verdadeiros, e bons, pois apenas falla, diz mais de cem vezes: = *foi elle* = *com effeito* = *vai se não quando* = *não tem dúvida*: além de outros que tem ajuntado de varias pessoas, como por exemplo = *vamos ao que importa*: = *ora pois*: = *quero dizer*: = *tal sim senhor, e cousa que o valha*: = *todavia*: = *deixe-me assim dizer*: = *por exemplo*: = *faça v. m. de conta*, etc. toda a pessoa que delles precizar **fique sem elles, se os não quizer** (CXIV, p. 8).

PARTE CXV.

Falla do Editor, 3 de Agosto.

Ora atinem lá com o gosto do Povo, onde cada hum discorre por seu feitio, e tem diverso paladar! Tem-me vindo aos ouvidos as differentes approvações, e desapprovações sobre a presente Obra do *Almocreve de Petas* [...] fazem esta Obra em selada, sem se lembrarem que neste genero de composição não pode ser tudo igual [...] não me servem de menos defeza contra os juizos temerarios os livros de Anedoctas, e contos galantes Francezes, e de outras Nações, onde leio immensas paginas insulsas para vir achar hum conto, ou caso, que tenha algum merecimento [...] onde eu mais me capacito da difficuldade, que tem a composição desta obra, he em ter recebido nos correios de varias terras, casos para o *Almocreve*, e de cem aproveitar-me só de tres, ou quatro; porque immensos são fundados em motivos tão particulares, que só olhe pode

achar graça a família aonde o caso se passou. Quizerão muitos no principio deste anno, que eu mudasse o Titulo a esta obra para não ser sempre o mesmo; ora julguem vv. mm. senão erra muito quem assim pensa? Mostrando, que o merecimento da obra está no titulo; se eu fosse cosinheiro, e tivesse entre mãos em lugar de *Almocreve de Petas* por exemplo *bacalhão*, era saudável o conselho, porque albardado, picado, cosido, de sabolada, etc. disfarçava o maganão de mil modos para se poder tragar [...]

Tenho pois concluído metade do presente anno, e neste folheto principio a satisfazer ao resto, até que chegue ao número 140, de que ha de constar esta Collecção, acompanhado do seu Índice, e folha de principio, que seda na loja da Gazeta só ás pessoas, que constar fazerem collecção, sejam ou não Assignantes; e se os Senhores teimosos em descomporem a Obra lhe não acharem outro defeito mais, que o de ser muito baixa, nas suas mãos está o remedio, fazendo-me o obsequio de pôrem estes folhetos, por exemplo, ou em cima de *humas torres de S. Vicente*, ou por cima *do Arco maior das agoas livres*, **com tanto que sejam primeiro pagos; porque esta fazenda não se dá a risco** (CXV, p. 1-3. Negreitos meus).

Carta, que escreveo Theodozia Maria a seu filho, que anda em Coimbra.

[...] agora as novidades são, que há guelras com o filho da Impenatriz das Russas, e que o **General Bacamarte**, que fez tanta ostrução naquella gente, que he mesmo huma cousa, porém dizem que morrêra fysico no cabiz baixo, **lá para as bandas do Presepio**, e estas novidades são certas que as disse hum Crelgo, que he Padre, e mora paredes mesmas comnosco (CXV, p. 4. Negritos meus).

Dissertação do nosso Amigo applicado a experiencias economicas.

[...] o homem intelligente combina, e deduz das primicias o conclusão das cousas, segue-se, **que para o bom entendedor meia palavra basta** (CXV, p. 5. Negritos meus).

PARTE CXVI.

As armas, e os Varões assignalados.

Tinha esta pedra nos lados outra inscripção em *lingoa Balbina*, que pela era que já mal se lê [...] Que traduzido isto ao pé da letra, quer dizer = *O luxo ha de vir a ser a destruição das gentes*. Vejão vv. mm. té onde se estendião as vistas daquelle Povo pois

fallavão já deste modo, como se elles podessem naquelle tempo já fazer a combinação da modéstia de então, com a desenvoltura de agora no Compendio das modas; parece que adivinhavão aquellas gentes, que havia vir hum tempo de pantalonas, e de Senhoras aleijadas para lhe verificar o pensamento daquella inscripção! não menos andarão com juizo em descreverem naquelle lugar o verso de Camões = *As armas, e os Varões assignalados* = pois vemos que os homens hoje se assignalão pelos trajas (CXVI, p. 3).

Braga 7 de Agosto.

Em casa de *D. Sonho Sonhé*, Cavalheiro de Braga, está de hospede presentemente hum Militar, que por casos adversos se retirou em outro tempo deste Reino, e sendo agora restituído, não cessa de contar as frequentes raridades, que lhe succedêrão nos differentes Paizes por onde viajou; e por ser toda a sua derrota digna de attenção da curiosidade dos meus Leitores, o mesmo Cavalheiro que o tem hospedado, o obriga por amizade, a que elle me escreva todos os progressos da sua jornada, a fim de que esta seja dividida por alguns destes folhetos; e com estilo lacónico, elle já principiou do modo seguinte.

No presente anno de 1799 em que o Inverno foi o mais rigoroso, e o mais pezado por toda a Europa, eu accommettido de trabalhos, caminhava para a Russia: justamente o gelo endurecido como pedra, fazia estradas desconhecidas, que enganavão o mais desembaraçado viajante. Eu bem montado em hum soberbo cavallo tremendo de frio, e vendo sobre mim huma espessa geada, que em toda a parte cahia, pensei que hum acelerado movimento me minorava o ardor, que sentia por força da frialdade, e me dispuz a hum galope todo o dia, até que po escuro da noite lhe poz termo [...] *Continuar-se-ha* (CXVI, p. 6).

PARTE CXVII.

Barreiro 14 de Agosto.

O certo he que a finura, e as idéas delicadas se tem hoje estendido até aos mais remotos lugares, achando-se até nas pessoas mais rusticas o modo mais subtil de enganar, e de prevenir os lances mais arriscados [...] a pobre rapariga encobrio ao Pai a sua leviandade. Ora julguem vv. mm. quando na gente rude, e baixa se encontra hum subtileza destas, que farão estas Senhoras polidas, vestidas á trágica, onde as lunetas andão sempre nos olhos, e as filosofias na ponta da lingua! (CXVII, p. 2-3).

PARTE CXVIII.

S. Paulo 18 de Agosto.

A esperteza, e a vilhacaria quasi sempre andão annexas aos moços de servir, únicos dotes com que a natureza os enriqueceo (CXVIII, p. 1).

PARTE CXIX.

Largo das Amoreiras 15 de Maio.

[...] Ora julguem vv. mm. que figura faria a *Senhora D. Eduviges Angelica*, alta, trigueira, magra, torta, bexigosa, aleijada de hum pé, e demais a mais por entusiasmos de bella com a boca á banda, encolhida dos hombros, e puchada das sobrancelhas, com huma cabelleira da moda, que lhe estava mal como a fortuna [...] que se apresentou no meio da casa a figura mais rata que se podia dar [...] por vaidosa [...] O Pai sahio fóra a chamar hum Cirurgião, que quando veio já achou aquelle inigma descoberto; e o taul, que foi a causa destes cuidados a tombos de riso passou a palra a todos de tal sorte, que fez trocar toda aquella compaixão em gargalhadas: quando o Pai tal soube desafiou o sujeito, o qual por não querer historias sumio-se; e o miseravel velho virou para a *Senhora D. Eduviges Angelica*, e mais familia, e fez levantar tudo pondo-se a andar para casa; e **quanto pilhou ás unhas de trastes da moda, pagando humas pelas outras, foi feito em estilhas**. Cuidem muito as Senhoras Tafulas em conservarem a muita, ou pouca belleza, que Deos lhes deo, e não farão pouco, porque a que quer affectar mais do que tem, vem a fazer-se peor do que era (CXIX, p. 1-3. Negritos meus).

PARTE CXXI.

Da grande *Fabrica das mentiras*, que de novo começa a trabalhar, cita no districto do bairro alto, sahirão agora do trinque os seguintes lotes.

Mentiras do primeiro lote.

Fizerão-se alli para S. Crespim humas casas de cinco andares sem escada, nem porta de rua [...].

Na rua direita de S. Paulo cahio hum homem de hum andame, e quebrou hum a perna, levárão-no a gritar com dores para o hospital; porém nem elle mesmo sabe qual das duas quebrou [...].

Em monte agudo pregou hum Soldado huma facada em hum marujo, que lhe betou as tripas fora; porém este com todo o animo pegando no bandulho, o deo a guardar alli a huma sua visinha, e foi correndo atraz do Soldado, e logo que o pilhou deo-lhe hum murro na nuca com tanta força, que lhe fez saltar os dois olhos fora; os quaes pelo ímpeto com que saltarão, forão bater na testa a huma velha que vinha pelo caminho, que a fez cahir para traz (CXXI, p. 5-6).

AVISOS.

Por Decreto da moda de 10 do dito forão condemnadas a queima publica todas as popas, espartilhos, bolças pretas, aventais, anquinhas, baijus, etc. Todas as Donas destes trastes, que não apparecerem com elles, para o dito fim, serão banidas dos ranchos das Tafulas, e condemnadas a serem gatas borralheiras por toda a sua vida.

Sahio á luz hum livro intitulado *compendio de apegadilhos*, em que se mostram os que há em muitas conversas, como por exemplo, = *neste cumenos* = *á certa confita* = [p. 7-8] *vai senão quando* = *havéra de fazer* = *tim tim por tim tim* = *nanja que eu tal diga* = *o meu creto perdido* = *eu truve para aqui* = *ouvisto dizer* = *má ochas* = *heide ir em cata delle* = *ora faça v. m. de conta* = *bonda isto* = *salva tal lugar* = e outros muitos desta natureza, recheando estas conversas com mais de trezentos, *e dahi, e dahi, e dahi*; quem se quizer estruir nesta linguagem, compre o livro, e eu delle, que o mais he botar o seu dinheiro na rua (CXXI, p. 7-8).

PARTE CXXIII.

Rua da Cruz 25 de Setembro.

He certo que **nunca temos culpa dos defeitos com que nascemos, mas** ha casos que de ordinário concorrem para serem a causa de jogarmos as cristas huns com os outros: Ha nesta rua huma casa onde mora hum cavalheiro casado, que he gago, tendo de mais a mais o acerto da Senhora tambem o ser, não ficando no escuro huma prima, que tambem o he; e por não se perder a igualdade, quis a sorte, que hum criado que servia a casa o fosse tambem. Antes de hontem succedeo vir hum sujeito procurar o dono da casa, cujo sujeito lhe pegava falla, que o fazia gago no ultimo ponto: bateo á porta, e perguntou, *está em, em, em, em taza o tinhor pê pê pê Pedro tá tá tá Tavares*: como viesse o criado saber quem era que alli estava, perguntou, *e o que que que que ter o tinhor*: persuade-se o homem, que o criado o arremedava, enfurece-se, préga-lhe hum

bofetão; salta-me o mocinho nelle aos murros, apparece o dono da casa, dizendo, *que que que itória he éta?* Vem a Senhora de dentro, e diz, *pô pô pô pôca vergonha de de de dezafoó*: a Prima, que vio todos engasalhados chega á janella, e grita *áque que que que dêdei, ó du du du du susso*: em fim, foi tal o labyrintho, porque para mais ajuda até o cabo dos Chuços era tataro, que cresceo a desordem gritando o cabo, *etão pê pê pê pezos, botem tátátá pa fóa êêê effes maotos*: acudio gente immensa, que não desejando que a prisão se effectuasse, só gostavão que a comedia tivesse sete, ou oito actos. De então para cá tomou esta familia hum lingua [tradutor, intérprete] para casa, de sorte que lhe fallão em segredo tudo o que he preciso, para elle depois verter em boa linguagem. Consta porém que ás vezes se transtorna o sentido da oração porque o lingua he surdo (CXXIII, p. 1-2).

Cruz de Santa Elena 23 de Setembro

[...] Ainda agora nos chega á noticia este caso succedido o S. João passado: Havia nesta rua huma Senhora, que cheia de hum desvanecimento bastardo, respirava certa porção de fofice, que por demasiada dose lhe punha alguma cousa em duvida a sua qualidade, que era acompanhada de hum génio fogoso, e bastante ardente, rebatido este hum, e muitas vezes pela prudência, e bondade de seu marido [...] tem vivido esta menina na companhia de seu esposo, disfrutando a posse de fazer delle gato çapato; porém abusou de tal sorte do seu soffrimento, que chegou finalmente ao ponto de fazer rebentar a mina, e ir tudo por esses ares: Intentou o marido no mez de Junho próximo passado, por motivos de utilidade á sua occupação mudar-se das casas em que ha dezeseis annos assistia: a Senhora que tinha tido a sagacidade de inxirir, com reverendas falsas no seu nome num grande Dom logo no principio delle, era attenção a seu marido ser fiel de feitos, foi chupando esta cana de assucar de toda a sua visinhança; e entrou no empenho de não querer mudar-se batendo com o pé na casa, dizendo ao marido: *Não Senhor; não Senhor; daqui não me quero mudar; porque aonde me conhecem honra me fazem, só se for para casas, que quem passar por ellas conheça, que a gente que mora dentro tem Dom*: respondeo-lhe o marido, *não se agonie, que tudo se póde remediar; em se pondo hum letreiro em cima da porta, que diga, aqui mora quem tem Dom, já todos ficão de aviso; e para isto não he preciso escolha de bairro*: amofinou-se a Senhora muito com a mangação, e elle pela surdina perdendo o temor ás fumaças do fogo devorador de sua mulher, querendo mostrar que a casa cheirava a homem, sem páo nem pedra a castigou, alugando casas em hum beco da rua suja, que vai sahir ao

Colleginho, tanto pelo cómodo da sua vida, como da sua bolça; porém agora de novo nos consta, que o homem tirou huma grande utilidade desta resolução, porque a Senhora fez hum rol das amigas que tinha; e repartindo os dias da semana por ellas, apenas rompe a manhã enfeita-se, e com a sua criada vai papar o jantar fóra, aonde fica todo o dia, porque diz não pode aturar os vapores da sua rua: elle como pode também lá se arranja; estratagemas este, que tem consolado muito o senhorio das casas, porque tem toda a certeza, que lhe não ha de pegar fogo na chaminé (CXXIII, p. 2-3).

PARTE CXXV.

America 17 de Setembro.

Por cartas vindas da America em hum balão, que de lá partio no mencionado dia, avisão algumas pessoas de todo o credito, hum fenomeno que lá succedêra nos suburbios do Rio de Janeiro, o qual tem merecido o espanto geral daquelles habitantes [...]. Propondo-se tres irmãos, todos tres naturaes do Pará, a roubar hum Cavalheiro bastantemente rico, [...] effectuarão o dito roubo [...] saqueando cabedal bastante em peças de ouro, e pedras preciosas, como tambem alguma prata, vierão para hum retiro de grande solidão, a fim de repartir o furto [...] os dois mais velhos mandarão antes de se apartarem os quinhões, o irmão mais moço, para que fosse buscar, ou comprar alguma cousa para comerem [...] como os dois se vissem sós, calcularão por huma grande asneira repartirem por tres, o que podia ficar entre elles dois, e determinarão-se sem mais reflexão a matar o outro irmão logo que chegasse; não foi isto nelles pensamento novo; porque o irmão mais pequeno [...] assentou em envenenar o alimento, que fôra comprar para os irmãos comerem [...] Apenas chegou o comer, saltarão os dois mais velhos no mais pequeno, e com hum punhal lhe tirarão a vida: feita esta triste função, forão muito contentes matar a fome, que os apertava, no brodio, que o morto tinha trazido, porém dalli a poucos espaços, quando já estavam a fazer os quinhões, cahirão para a banda em ancias, e alli ficarão sem vida [...] conhecendo-se por este modo a ruina daquelles tres irmãos, e que **se a ambição os enriqueceo, a mesma ambição os devorou**. Agora nada duvido que todos me perguntem, como sube eu para contar o projecto dos tres irmãos, se todos tres morrerão, e se matarão em hum sitio tão solitário, que não estava com elles pessoa alguma presente? responderei, que nesse lugar he que a minha petta está fazendo figura, visto que com pettas me comprometti a encher estes folhetos (CXXV, p. 4-5).

PARTE CXXVI.

Maximas do Velho de Romulares continuadas na maior parte destes folhetos.
[...] Todo o homem maricas, funéca,/ Com perfumes, e pós pela cara,/ Descendente dos Grandes de Meca,/ Que em tregeitos, e mômos não pára;/ Deve andar de manteo pela rua,/ E ser dos prudentes mandado á tábua (CXXVI, p. 6).

PARTE CXXVII.

Maximas do Velho de Romulares continuadas na maior parte destes folhetos....
Criado que se faz amo;/ Cabo que se faz Alferes;/ Mulher que em si põe o ramo;/ Tendeirinho com seus teres;/ Arrotão tantos poderes;/ Vomitação tanta pancada;/ Que do vomito no impulso/ Té vem postas de pescada (CXXVII, p. 5).

PARTE CXIX.

Janellas Verdes 7 de Novembro.

Por hum proprio, que veio por terra das Janellas Verdes a casa do Editor, se soube com a maior certeza, que naquelle Bairro endoidecêra hum sujeito, que era bastantemente sabio, e por isso mais **acerrimo em querer indagar a razão da razão**. He indisivel a impressão que fez na massa do Juizo deste homem hum **pregão** que ouvio na sua rua, que dizia: *Tinta fina de escrever, ferros de engomar, e alfazema*: o desanexado destas três cousas, tão dissimilhantes humas das outras, tem posto este miseravel no maior trabalho de discurso, porque por mais que discorra não lhe tem sido possivel descobrir quem inventou tal pregão, tão usado era Lisboa; **não tendo estas três cousas parentesco humas com as outras**. Diz elle nos seus artigos: *“Passão na roda do dia por esta rua immensos Vendilhões, e nenhum me tem posto no estado, em que me poz o que pregoou Tinta fina de escrever, ferros de engomar, e Alfazema. Ouço apregoar chitas, cassas, fitas e leques, e acho-lhe toda a razão porque são ornatos de Senhoras; ouço gritar outro com alfeloas, gergelim, e não me altero, porque ambas as cousas vejo que são cousas de comer; ouço huma voz agulhas, alfinetes e dedaes, e outras cousinhas mais, e fico sem fazer a menor admiração por ver que he hum nexo igual [...] colheres, fuzos, palitos, rocas [...] he tudo feito de páo [...] folhinhas de porta, e de algibeira, folhinhas de reza, e autos curiosos, fico consolado porque tudo*

he para se ler [...] *ferro velho, estanho e latão*, e convenho nisso por serem tres metaes, que **tem correlação huns com os outros**; mas *tinta fina de escrever, ferros de engomar, e Alfazema!* quem diacho inventaria tal pregão? Assim se lastima ainda hoje o pobre homem alucinado: nestes termos se houver algum dos applicados modernos, que possa atinar, e pôr clara a razão de andarem juntos á *tinta de escrever, os ferros de engomar, e a alfazema*; será bem compensado por concorrer para o descanso daquelle pobre homem (CXXIX, p. 1-2. Negritos meus).

Anedotas achadas no livro da Viuva, mencionado nos folhetos antecedentes.

[...] Em huma sociedade, aonde se estava lendo a gazeta, e se achavão duas Senhoras, perguntou huma aos circunstantes de donde erão os *Inglezes*, disse-lhe o Leitor, que erão *de Inglaterra* assim como os Genovezes de Génova, os *Holandezes de Holanda*, etc. tornou a mesma Senhora a perguntar, *e os Estrangeiros de donde serão?* O sugeito que já achava impertinencia nas perguntas; respondeo-lhe muito sério, *são de Estranja, minha Senhora* (CXXIX, p. 7).

PARTE CXXX.

Rua de S. Vicente 14 de Novembro.

[...] eu vejo-me doido! isto então crianças que ainda o outro dia cheiravão aos coeiros, e hoje estão dando Leis, e razões que só ellas entendem; em fim saber, e ver até morrer [...] he verdade que as filhas erão menos prendadas nisto de cantarolas, e danças altas, mas assim mesmo bixos do mato, sabia o Noivo o que levava em matéria de governo; porém hoje já as vão criando á moderna, metendo a sua colherada em tudo que se falla, mas sem saberem caiar huma casa, nem desmanchar hum porco [...] nem sabem para si, nem para ensinar ás criadas quando chegão a ser Senhoras do seu nariz [...] finalmente ha muitas que nem sabem fazer huma camisa, porque os Pais só as vão emestrando em calculos, e multiplicações geograficas, cousinhas que lhes fazem andar a cabeça á roda; no cabo em se pilhando sabias, entrão a dissertar nos secantes, e tangentes, sem que se lhe seque a prosa, e tangendo bem com engano aquelles, que por infelicidade lhes cahirão nas unhas (CXXX, p. 1-2).

Travessa das Trinas 11 de Novembro

[...] recomendando [...] que se livrasse de coxos, cegos, e calvos; porque não sei que demo tem estes **assignalados da natureza**, que quasi sempre ninguém quer nada com eles [...] Senhor coxo, aqui verá que sou calvo, e que em idéas sempre os calvos levárão a primazia aos coxos (CXXX, p. 3-5. Negritos meus).

PARTE CXXXI.

Aveiro 7 de Novembro.

O interesse he a móla da sociedade, e a dependência a mestra das humiliações, e cortezias: quantos marmanjos, que costumavão almoçar espetos por se não dobrarem a ninguém, hoje dependendo, parece que jantárão arroxos, por se não endireitarem de cortezes! o presente caso succedido na terra do mexilhão de fama, exemplificará esta verdade; porque sempre hum exemplo, como lá dizem, aclara muito hum calcanhar: Estava hum gordo ex Juiz da Vintena em huma terra visinha daquela Cidade, para atravessar hum rio, que pelas cheias se via preia mar; as passadeiras estavam cobertas de agua, era impossivel o transito, quando appareceu, também para passar, hum bom homem, que lhe tinham prezo na vespóra hum Irmão por liberal, isto he por gostar de dar; então o pobre Camponez entendendo, que ainda o margalhudo servia de Juiz, e que lhe poderia valer na sua afflicção, descalsou immediatamente as botas, e não quiz que o Senhor Juiz passasse senão ás suas costas; elle agradecido quando hia já no meio do Rio, disse: *Ora deixe v. m. estar, que se eu tornar outra vez a ser Juiz, eu me lembrarei de v. m.: Ui*, disse o dependente, que hia ajojado com o pezo do salvage, *pois v. m. já não he Juiz?* já não, lhe hia a responder o outro, quando de repente se vio de pernas para o ar, mais estendido na agoa do que huma arraia, e o que até alli tão humilde se mostrou, só enchia a boca de pragas por ter o tal Morgado consentido, que elle o levasse ás costas, sem já ter Cargo de Juiz, tanto póde a dependencia! (CXXXI, p. 2-3).

PARTE CXXXII.

Poiaes de S. Bento 29 de Novembro.

Chegámos finalmente á época da maior parte dos homens casados se fazerem doidos; não bastava aos tristes o flagelo de andarem grangeando os vinténs, para as cousas da maior necessidade, se não também vir inquietallos a multidão de modas das desvanecidas mulheres! [...] Elles maridos já se não sabem entender com tal chorrilho, vendo crescer o luxo, e diminuir a renda. Hum destes dias chegou certo marido de fóra,

onde andou tres mezes, [...] cá, e lá más fadas ha, porque por toda a parte encontrou Senhoras vestidas de todas as Nações, calçadas de çapatos de salto razo, e isto em algumas tão velhas, que mais parecião fantasmas, que Senhoras. [...] Com que, chegou o pobre homem aturdido, e se quando foi já as modas erão tantas, dobrada quantidade achou quando veio: Mas oh que lance [...] quando entrou pela sua porta dentro, e vio a Mãi, e as filhas! Justamente perguntou assustado; *que he isto que succedeo na minha casa? Coitadinhas das minhas ricas filhas [...] Vossês por compaixão me querem occultar o que cá se passou na minha ausencia, mas eu o infiro pelo que vejo, paciencia, são molestias que Deos dá, devemos ter toda a conformidade; já sei que saltarão as malinas na minha casa, e corrêrão por todas vossês, que se virão obrigadas a cortar os seus ricos cabellos, e a botar cabelleiras, inda que mo negassem as suas cabeças o estão mostrando, mas humas coifas fazião o mesmo.* Porém que transporte foi o deste homem, quando a mulher lhe disse, que por causa da moda he que tinhamo cortado o cabello, e usado de crespa cabelleira! [...] Consta-nos, que as referidas cabelleiras ajudarão a fazer o jantar do dia seguinte, que ha tal reforma nesta casa, que já Mãi, e filhas são o fiel modelo das antigas, e modestas Portuguezas, á custa do Pai servir naquelles primeiros dias de Guardaportão da sua casa, a despedir os Tafues franxinotes, que hião conviver com as prendas das Meninas, todas as noites de Mandolins, e Guitarras (CXXXII, p. 1-2).

Loires 13 de Novembro.

Mortuus est, e foi-se como hum passarinho; bom homem, bom homem, o único defeito que tinha era gostar da sua pinguinha [...] não comia quasi nada, todo o seu sustento era vinho, e tinha com elle contrahido tal amizade, que lhe queria mais que á sua propria mulher; e porque quem ama a Beltrão ama o seu cão, conservava tanto amor á agua-ardente por ser filha do seu amigo, que desejava metella toda nas suas entranhas: este excesso de amizade o fazia andar mais magro do que hum espeto [...] o nosso doente, a quem se tinha prohibido o uso de bebidas, descendentes da cepa [...] chamou [...] a mulher, *oh Maria, oh Maria, enche-me a minha borracha de vinho, e pendura-ma aqui fora, porque já que o não bebo por não morrer, ao menos quero vê-lo.* Depois que a Maria lhe fez a vontade, pedio-lhe elle hum caldo, e em quanto ella foi dentro, levantou-se o doente, agarrou na borracha, pôla á boca, e disse, *adeos Maria, reza-me por alma.* Consta que não foi desta, mas pouco durou (CXXXII, p. 4).

Mudando-se o S. João passado o moço do Poeta, com seu Amo, para a escada do Senhor Zanga Sovina Mirra das Dores, mencionado em alguns destes folhetos, e sabendo o rapaz té onde chega a mofinaria deste economico visinho, do qual se rosna que tem seu par de mil cruzados na escondida burra, lhe fez os seguintes versos.

Ao Avarento.

O cofre chapeado,/ Escondido no fúnebre aposento,/ Com dez chaves fechado,/ Encerra dentro em si o pensamento,/ E **a alma vil do sórdido Avarento.**// **Negra frugalidade,/ Cobre a faminta meza noite, e dia;** Nunca sente a vontade/ Que a lei da Natureza nos envia;/ Antes com a lembrança se agoniza.// [...] Quanto melhor te fôra/ Teres no mundo honesto passadio,/ Comer á tua hora!/ Acautelar no inverno o negro frio,/ Pervenir o calor do ardente estio!// [...] De que serve o dinheiro?/ **Escravo da penúria desgraçado!** O vigilante herdeiro,/ Que espia a tua morte arrenegado/ Da tua duração tem blasfemado.// Se tu, oh feia Morte,/ Quando a foice a seus olhos arremessas,/ Suspendesses o corte,/ Levada de enormissimas promessas,/ Ou por vinte cartuxos de cem peças!// Razão era bastante/ Para ter a avareza o seu Thesouro,/ Guardando-o vigilante;/ Mas que serve a ambição do metal loiro,/ Se a terra para ti he mais que o oiro? (CXXXII, pp. 5-7).

PARTE CXXXIII.

Cálculo da despesa da guerra dos Calotes, que tem havido em Lisboa, e seu Termo, segundo a variedade do modo de os pregar; e isto desde Janeiro de 1798 até 30 de Dezembro de 1799.

Calotes politicos.

De veja V. m. se me póde ajustar dez moedas, que as hei de dar hoje infallivelmente, e ámanhã pela tarde, que me ha de chegar o meu Rendeiro, satisfarei com toda a promptidão . 316\$800

De empreste-me v. m. sobre este relógio tanto, vindo buscar-se no fim de 15 dias, a titulo de se vender; porque está desgostoso delle, *não apparecendo mais, nem relógio, nem dinheiro.* 96\$200

De assente lá, até que chegue o meu quartel, para o qual apparecem no fim sete procurações . 96\$200

De dê-me tanto de fazenda, aqui fica tanto
somma e segue 509\$200 [...]

Despeza dos Calotes descarados.

[...] De empreste-me tanto sobre isto, cujo traste anda de empenho em empenho, subindo em cada mão a quantia do empréstimo, *como quem conta hum conto, que sempre lhe accrescenta hum ponto*, quando na primeira mão foi empenhado por seu dono por três moedas de oiro 74\$000 [...]

De deixe vossê estar, que eu lhe alcanço huma cousa assim pelo mesmo preço, que me custou esta; *e depois gato por lebre, em que o pobre homem ficou prejudicado* 50\$300 [...]

Faça bom proveito a quem comer.

Somma o total 6.151\$100

Os queixosos poderão ampliar esta conta á medida do que lhe tem passado pela porta, visto que o Editor não está muito certo na conta de quebrados (CXXXIII, p. 1-3)

Continuação dos acasos acontecidos na jornada do Hospede de D. Sonho Sonhé, Cavalheiro de Braga.

[...] Com effeito de terra em terra, com todos estes prazeres, e experiencias do mundo me acho ma minha Patria; quando depois de ver, experimentar, e ler tanta cousa boa, vim a cahir em ser assignante de hum papel, que corre nessa Cidade de Lisboa, intitulado *Almocreve de Petas*; mas confesso, que equivalle ás minhas aventuras a aventura do Author em fazer tanta abundancia destes folhetos; porém elle vai melhor do que eu; porque as minhas não me rendem nada, e as delle ainda hoje lhe rendem *quarenta réis* (CXXXIII, p. 4-5).

A casa do Editor mandou huma Senhora moradora na rua de S. Domingos a seguinte Carta, que recebera de hum Peraltinha destes de quatro ao vintem, o qual a desinquietara para passa-tempo de seus amores; e como a mesma Senhora pelo seu bom comportamento sabe desempenhar os deveres do seu estado, mandou pôr neste folheto a referida carta, para vergonha do Namorado, e debique de quem a ler.

C A R T A.

Mesentropica Deidade, Astro sublime da decantada Eccliptica, raro assombro da Etiopia, emulação feliz do monte Ida; tu que acceitas debaixo da tua protecção; os torneados indícios, que te dedicação as minhas fadigas, escuta as delicadas expressões deste macabuzio amante, que te adora [...] (CXXXIII, p. 5).

PARTE CXXXIV.

12 de Dezembro.

Justos motivos que tem dado causa á fermentação da guerra dos Calotes, a qual inda hoje se vê bem lonje da paz geral a este respeito, por ter crescido o numero dos Mandriões, flagello eterno dos animos honrados, que tanto se empregão em adquirir o que tem, com o suor do seu rosto.

Sabido he de todos que a ociosidade he a raiz lamentavel de todos os vicios, e que o homem cuidadoso da sua casa, do seu estado, e ainda da utilidade publica, não descança em huma contínua applicação, de adquirir para si, e para todos aquelles, que tem arrogado hum innegavel direito, ao seu acolhimento; e como a este lhe seja forçoso valer-se dos meios honrados, segundo as suas boas qualidades para o referido fim, aqui o temos pondo em agitação a sua argencia, para a qual cooperão os seus estudos, e a sua habilidade, em que elle utiliza, e o Público igualmente com elle; porque se vale dos seus inventos, com que se enriquecem as Artes mecanicas, ou aproveita o subtil, e judicioso modo do seu pensar nas Obras que compõe, com que se augmenta o thesouro das sciencias.

Ora quam differentes se nos representam immensos individuos, que entregues a huma languidez se deixão cahir de preguiça nos braços da miseria, levados pelas mãos de seus enormes vicios!

Ha em Lisboa nada menos que duas mil casas de café; cada casa destas tem quatro Assignantes effectivos da palestra de manhã, de tarde, e á noite recostados a huma meza, feitos esponjas dos abrasantes licores, que lhes servem de almoço, lantar, e ceia: Sendo pois as lojas duas mil, e estas a quatro palestrantes cada huma, temos infallivelmente **oito mil homens ociosos**, e humas esfaimadas **sanguexugas**, que de continuo se lanção a chupar o sangue [dos] que trabalham para o seu honesto, e decente passadio. [...]

O auge a que tem chegado o luxo, não he ramo menos importante para a fermentação dos calotes, e nesta parte vão melhor os Peraltinhas do tempo, porque hoje figurão mais pelos trajes, que pela bolsa [...] porque casar por casar, sem meios para a subsistencia, quando o luxo está no seu quarto crescente, he querer pôr a familia em mingoante, e alistar-se o Noivinho no rol dos valorosos caloteiros mais dia menos dia. [...] dizem alguns politicos, que a mesma necessidade de ostentar, faltando os meios, ha de accender nesses frouxos genios huns vivos desejos de se botarem ao trabalho util,

conforme a sua esfera; porém pela regra *de quem hum geito tomou nunca mais se endireitou*. Esta noticia precisa de confirmação (CXXXIV, p. 3).

Rua dos Confeiteiros 3 de Dezembro.

Neste instante nos chega á noticia hum caso succedido no dia 31 de Agosto, dia memoravel, porque foi aquelle em que derão fim os caniculares do presente anno; na noite deste dia, ou neste dia á noite, era lusque fusque, já tinham dado Ave-marias na Sé havia cousa de hum quarto, e a lua parecia huma talhada de melancia sem miolo, por signal fazia hum luar tão reles, que se não enxergava quasi nada [...] Quando o grande *Semeão de Bulhões*, homem Camponio, porque assistia no campo, tendo vindo pela primeira vez a Lisboa para se livrar de huma coima, que lhe pregarão, quis tambem dar uma volta [...] sahio por tomar ar fresco da baiuca, onde se tinha alapardado, quando ao voltar de huma esquina encontrou huma Tafula, vestida toda de branco, com estes vestidos que começam com cintura ao pescoço, com huma barretina na cabeça, feita de palhinha, que parecia ametade de hum melão com a pevide fóra, e justamente o nosso *Semeão de Bulhões*, pois que nunca tal tinha visto, ajuizou, que aquella Senhora era doida, e que vinha em camisa pela rua fóra; e como se persuadissem disto, no mesmo momento em que a vio, *pro honestitate*, tira o gabão dos hombros e bota-lho por cima. A Senhora, que inopinadamente vê cahir sobre si aquella montanha de çaragoça, e baeta, igualmente assentou, que aquelle homem era doido, e pôz-se a gritar *segurem neste doido, agarrem neste doido*: ele para outro lado a bradar, *agarrem nesta doida: segurem nesta doida*: foi-se juntando gente de roda a ver a scena, até que a prudencia de alguns circunstantes fez serenar a tempestade, e cada hum foi para sua parte; ella protestando de nunca mais se pôr em corpo na rua, vestida de branco, e elle jurando de nunca se espantar do que visse nesta lôba (CXXXIV, p. 5-6).

PARTE CXXXV.

*Ponte de Alcantara 1º de Janeiro.*¹²

Neste dia 1 de Janeiro da era de dezoito tostões, que he mil e oitocentos [...] formalizando-se huma bulha porca, porque pela brevidade entrarão a atirar huns aos outros com tudo quanto achávão na rua: porque o calor da acção não dava lugar a fazer

¹² Na primeira edição parte XLVII do segundo tomo, com a indicação no título: «Ponte de Alcantara 1º de Janeiro de 1800». Na mesma edição, o cólofon deste folheto e dos seguintes continua a trazer a data de 1799.

separações: foi-se ajuntando gente de todos os bairros, e em menos de hum quarto de hora já se não sabia os que erão da bulha, porque o soco, e a paulada foi geral, e tão basta, que basta que diga a vv. mm. que bastará o que lhe conto para discorrerem de seu vagar, a que ponto chegou a desordem; porém sabe-se de certo, que de mortes, e feridas escapárão todos (CXXXV, p. 2).

PARTE CXXXVII.

Permanbuco 30 de Maio.

Carta que de Pernambuco remettêrão ao Editor, a qual foi recebida em 7 de Janeiro.

Senhor Editor dos Almocreves das Petas. Prepare v. m. não os ouvidos, nem o pasmo, mas sim a sua constancia, para poder soffrer a rigorosa descarga da assestada artilharia, que daqui lhe disparo [...] v. m. não pensa que está sugeito aos olhos do mundo para arrogar a si a confiança de debater as modas tão approvadas pelas Nações cultas? o que eu colijo dos seus folhetos, e o que por cá me dizem os meus Collegas, que o conhecem dessa Capital, he que v. m. he o chefe da tafularia, que reprova; que todas as carapuças que faz, em nenhuma cabeça assentão tão bem como na sua: o certo he, Senhor Editor, que ninguem vê o argueiro no seu olho! [...] não sabe que as Nações Estrangeiras todas differem no gosto, e nas modas; que a Hespanha o seu forte he o pimentão; Napoles a enxova; Genova o espernegado do cucumelo; Veneza o mujangué da forçura; Alemanha a salxixa; Italia o macarrão; Ungria a sua espirituosa agua; Prussia o podim; Paizes-baixos o rim de fricacé; Inglaterra o rosbife; Hollanda o grote; Dinamarca as ostras; Suecia os arenques de molho; Polonia as bringellas estufadas; Russia a mal assada; a America o pirão; a Asia o Xá; e a Africa os cuscus? Não sabe que Portugal, em quanto não adoptou estes gostos, sempre passou com a sua assorda d'alho; e isto naquelle mesmo tempo em que em todos os Paizes se comia ao gosto, e se vestia ao uso? Logo como quer v. m. que tornemos a esse tempo? Em hum tempo em que as cousas estão todas alteradas? Engana-se se intenta quartar, que as Senhoras Portuguezas deixem o uso das mantilhas Hespanholas, dos xales Napolitanos, das capuchinhas Genovezas; dos jaques Venezianos; das luvas Alemãs; das fitas Italianas; das xinellas Ungaras; das capoteiras Prussianas; das tapa-feias Moguncias; dos chapelinhos Inglezes; das toucas Hollandezas; das casaquinhas suecas; dos saiotes Polacos; dos crós Dinamarquezes; das desestradas Russianas; das roupas Turcas; das

cintas Asiaticas; e de outras cosinhas que todos sabem que enfeitão muito; v. m. deve saber, que este Paiz he composto de differentes gostos, e gostos que não são presistentes; e por consequencia cada pessoa se vê obrigada a ser arlequim de modas, porque se não já a Senhora não he estimada, já o taul se não preza [...] com efeito dou-lhe de conselho, que se não atreva a atacar mais a tafularia de portas a dentro; metta a viola no sacco, e não dê mais descantes, que lhe podem metter os tampos dentro; para o chefe da peraltice, ou a roda dos tafues ficar castigada não precisa dos seus folhetos, basta-lhe para castigo, entregarem ao appetite das modas quantos vintens ganhão, tem ganhado, e hão de ganhar. Não me leve a mal o conselho, que eu sempre me confesso ser seu amigo com especial affecto. Assignado (*Heroe futuro.*) (CXXXVII, p. 1-3).

Exame critico feito no modo com que presentemente se cria huma Menina em todas as idades, de sorte que vem a ser depois o chefe das invenções, e denguiques.

Como a criação antiga he tida hoje contra toda a razão, por bisonharia, no conceito da desenvolta peraltice, mudão-se os tempos, mudão-se os costumes, e por consequência temos novas educações, e ainda mal que a que vou descrever, se encontra por tanta parte, no presente seculo! Logo que a Senhora se desmama, ou começa a fallar, já a Mãi, ou a sua Aia, lhe principia a inspirar toda a espécie de melindres, e abusos [...] que quando a menina sente de noite cães na rua a ladrar, se lhe diz que he o papão, e vai-se-lhe fallando em bruxas, que entrão pelo buraco da chave, para chuxarem as crianças, etc. depois que a menina fica no costume de ter medo de tudo [...] de criança se vai costumando a queixar-se toda a sua vida, para que este habito tão essencial no melindre de huma Senhora, se vá arraigando [...] chovem os desdens ao fallar, as invenções ao comer, as nequices ao vestir, as impertinencias ao pentear, os medos ao sahir fóra, e finalmente os montões de exquisitices em todas as suas acções: se lhe vão á mão á sua vontade, he logo sorprendida de letargos, convulsões, e desesperos [...] se chega a desposar-se trata o bem aventurado com hum génio de velubidade, trata-o de resto, só cuida nos próprios enfeites, e mostra huma total desplicencia para os trastes do Marido [...] e no fim do mez manda-lhe hum rol de alto abaixo da divida do Capellista, e Mercador: se acaso ha filhos, já a Senhora lhe não pega ao colo, por se não amarrotar, nem os leva comsigo fora, por se não dizer, que já he Mãi de filhos; que esta he agora a ultima moda: na idade avançada fica atreita a flatos, e erzipula , que nunca se lhe despede, e tão rabugenta de genio, que ninguém a

póde aturar, até que Deos compadecido de nós a leva para si, ficando o mundo livre de mais este flagello.

Ora muito estimaria eu estar de parte quando alguma Senhora lê-se este papel, para lhe dizer ao ouvido, que isto não he com todas, he com algumas, e seria o melhor modo de eu conhecer com quem fallava, porque aquella que se infurecesse comigo, justamente era huma das deste numero (CXXXVII, pp. 5-7).

PARTE CXXXIX.

Segunda carta, que mandou o amigo de Leiria ao Editor destes folhetos.

Senhor Editor do Almocreve das Petas = Como me consta que v. m. dá por acabada a *Collecção dos Almocreves* nestes três Tomos, rogo-lhe se queira lembrar de outra exhibição para nos divertir, já que v. m. cahio na desgraça de ser Author [...] Author! he o mesmo que hum odre que se põe na Praça dos touros muito inchado, para que os bois o tragão de ponta, e o derrubem ainda que o não matem. Author! he como hum homem que vai apartar huma bulha, e leva o seu gilvaz pelos narizes. Author! he como o cavalleiro novato, em potro novo, que se o affaga rincha-lhe, e se o pica dá-lhe dois couces; na verdade foi huma loucura fazer-se v. m. Author no tempo, em que quasi todos tem cara de Réos. Se v. m. se queria entreter, faltão nessa Côrte casas de pasto, aonde se debóxe; Assembléas, e partidas, onde se passe o tempo; Feiras onde se tafule; e outros entretenimentos para onde a mocidade de agora caminha a toda a brida? Ter juizo he cousa boa, mas tempere lá com elle a olha da panella, e veja o que aduba? Estamos no caso de hum Poeta, que he o mesmo para muita gente que hum contagio de peste [...] Assente v. m. que ser Poeta he o mesmo que ser pobretão; e quando depende, a moeda que logo se lhe dá, he hum *perdoe*, que o deixa com ar de estupor, tolhendo-lhe a falla; moeda esta, que por mais velha que seja, nunca he safada, antes he a que logo corre [...] está o negocio feito; mas ha de riscar de si o nome de Poeta para ser servido [...] Em fim meu querido amigo, a poder-se imprimir tudo quanto elles conversão, assim em letra garrafal, dava-se que fazer todo o anno a hum cego por Lisboa, na venda destes cartapacios, com que o mesmo cego se podia sustentar, e o seu moço em huma sege a cordões, sem pôr mão em sanfona, e ainda deixar-nos algum ganho [...]

(Assignado) *Pedinte Méco da Fonseca* (CXXXIX, p. 2-4).

Anecdotas achadas no livro da Viuva, como se refere nos folhetos antecedentes.

[...] Perguntou hum Cavalheiro a hum rustico em huma Aldêa, qual era o tempo no anno da sua maior alegria, respondeo-lhe o rustico que o tempo da castanha, porque á noite as assavão ó fogão conversando muito, e comendo-as, e depois se hião deitar: disse-lhe o Cavalheiro, *sois vós justamente como os porcos, que se deitão depois de fartos*; tornou-lhe o rústico: *ora Senhor, se tanto vos mereço, haveis dizer-me também qual he o tempo do vosso maior gosto*: disse-lhe o Cavalheiro, *nós outros gostamos muito da Primavera, principalmente do mez de Maio, porque he muito agradável ouvirem-se cantar as aves, ver os campos floridos, e nisso temos o maior contentamento*: respondeo-lhe então o rustico: *pois Senhor sois vós justamente como o meu burro, que tambem no mez de Maio se enche da maior alegria a zurrar muito.* (CXXXIX, p. 6-7).

PARTE CXL.

*Falla de despedida do Editor desta Obra*¹³.

Presadissimos Portuguezes, antigos, e modernos, masculinos, e femininos, tenho a honra de lhes fazer ver, que finalisa neste anno o decimo oitavo seculo, que he o mesmo que mil e oitocentos, assim no presente mez as Petas do meu Almocreve, que pouco mais ou menos andarão pela mesma conta, podem agora botar as linguas de remolho para outra ocasião, os immensos inimigos que tiverão as pobres petas, desde que vierão á luz em onze de Janeiro de 1797 que á maneira dos pintos tiverão a felicidade de ir com a mãe ao poleiro: louvado Deos! Confesso que me custou muito enxotar os milhafres, que de longe, e de perto as accommettião, porque os maganões descascados, e os de casca tão dura que nada lhes entra [...] não cessavão de abocanhar o miseravel almocreve [...] fazião tal mixordia de criticas, que elles mesmos se não entendião; o certo he, que alguma razão tiverão em satyrisarem estes folhetos, pois **fui tão louco, que devendo-lhes chamar correio das verdades, lhe puz Almocreve de Petas**; mas fica-me a gloria de não ter desperdiçado o meu tempo, porque se não compuz huma Obra pensamenteada, sublime, energica, e grandiloca, onde a imaginação võe, e o discurso se extasie [...] ao menos **compuz hum papel, que me aqueitou a algibeira**, e arranjou alguns negalhos, que me fez huma arrumação como lhe não sei dizer; além

¹³ Na primeira edição vem numerada como Parte LII do segundo tomo e acrescenta a data no título: «Falla de despedida do Editor desta Obra em 10 de Março de 1800».

disso o meu alfaiate, o meu çapateiro, o meu barbeiro, o galucho que serve a casa, que também sabe ler, sendo todos cabisbaixos, sorumbaticos, e tristes como o *noite bó*, divertirão-se tanto, que lhe servirão estes folhetos de agua de cerejas pretas contra os flatos hipicondriacos; e elles mesmos me confessarão, que já estavam enjoados de ler Carlos Magno [...] e como não ha cousa que deixe de valer sempre alguma cousa, por isso lhe puz o preço de quarenta réis, que á vista da carestia a que chegou a bala de papel, foi o mais pequeno balasio que lhe pude arrumar: agora só me resta pedir perdão ás Senhoras do pouco que fallei nellas em toda a Obra [...] devo igualmente bemquistar-me com os meus Leitores, dando-lhe a entender, que terei o maior gosto em que algum delles continue estes folhetos, munindo-os daquella graça, que se não tem achado nos meus, e com isto não devo incomodallos mais; tenham tantas felicidades, como de quarenta réis me mettêrão na algibeira: ora sem cerimonia = Adeos = Adeos = cá para nós não he preciso tantos cumprimentos [...] (CXL, p. 1-3. Negritos meus).

AVISOS.

[...] O Dissertista applicado a experiências economicas avisa, que elle foi o incumbido de administrar a mobilia do Almocreve de Petas, por cujo motivo a 3 de Março da huma para as duas horas da noite, na Praça do Salitre, ha de pôr em Leilão tudo o que pertencia ao mesmo Almocreve, a saber; *o cavalinho, albarda, enxerga, cabresto, atafaes, malas, chicote, botas, e esporas*; se houver algum arreeiro velho, bem instruido em petas, que se queira aproveitar destes fragmentos, acuda-lhe porque tudo se ha de arrematar a quem mais der, se não houverem affrontamentos pela debilidade das bolças (CXL, p. 7).

Não prossegue o Almocreve como d'antes,/ Não por falta *de petas*,/ Mas sim porque lhe faltão assignantes:/ Se hum Leitor a ler obras se propõe,/ He preciso animar a quem compõe;/ Que dizer *he bonito*, e ler de graça,/ Basta, que o meu barbeiro o mesmo faça:/ Se no anno seguinte houver quem queira,/ Metta-me assignaturas na algibeira;/ Sem trezentas haver conta não faz,/ Não quero trabalhar, fiquem-se em paz (CXL, p. 8).

2. *COMBOY DE MENTIRAS* (excertos)¹⁴



COMBOY DE MENTIRAS,

VINDO DO REINO PETISTA

COM A FRAGATA

VERDADE ENCOBERTA

POR CAPITANIA

COMBOY I

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA

LISBOA MDCCCI

NA OFF. DE SIMÃO THADEO FERREIRA

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

¹⁴ Os excertos publicados são da 1ª edição, salvo indicação em contrário. Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

COMBOY 1

Geme o prelo com Obras d'alta estima,/ Guindadas producções de prosa, e rima:/ Eu podia tambem metter em provas/ Hum bom recheio de palavras novas:/ Mas porque tudo entenda, o que relato,/ Fallo como meu Pai, que he mais barato.

Anon... em certo manusc...

PROLOGO AO LEITOR

Discreto, Leal, e Curioso Leitor, tomando na minha consideração o grande apreço que fizeste do meu *Almocreve de Petas*, de que fiquei tão enfatuado, como aquelle que leva em Coimbra hum *Nemine discrepante*, eu me resolvi a apromptar este *Comboy de mentiras*, munido de todos os aprestos, que concorrem para ultimar os tres fins, que o devem conduzir com vento em poupa; o *utile dulci*, e de mais a mais o venha a nós; desde já protesto aos meus respeitaveis curiosos não fazer a minha carga com generos, que empestem a boa ordem, nem que offendão a decencia, com que se condecora o Sábio Público, antes farei todo o esforço, para que deleite, e traga á memoria os bons costumes, **adoçando a reprehensão dos vicios** com a **jovialidade**. O presente *Comboy* nos dias 15, e 30 de cada mez entrará pela nossa Barra dentro com a felicidade, que se espera, trazendo por vélas duas folhas de papel, importando toda a carregação *sincoenta réis*. Estimarei que a vinda destes Navios produza o mesmo prazer nos animos de todos, que produzião em Lisboa *as Frotas* de algum dia, e se vir que he bem acceita a minha lembrança, eu não me affastarei por mar do methodo, que segui por terra. Tenho **Poesias, Maximas, Casos, e Avisos** de todos os lotes, para satisfazer a vossa curiosidade por hum anno sómente em 24 Folhetos destes. Quando nesta composição houverem algumas graças insonsas, não obrigo os meus Leitores a que se rião dellas no mesmo dia, em que sahirem, bastará que se rião dahi a oito dias, porque eu não tenho maior pressa das gargalhadas, e se de todo lhe não acharem graça, rião-se de mim para terem sempre de que se rir, porém não percão de vista humas palavrinhas, que disse Horacio, quando andou pelo Mundo...:

...Quid rides? Mutato nomine, de te/ Fabula narratur....

Espero com tudo, que a má vontade, e a má condição, não prevaleção á justiça, que se me deve fazer, porque criticar sem ter critica Judiciosa, he contra todo o Direito da sociedade, e mostrar que se não conhece o **difficultoso** desta, ainda que baixa, galante composição; e em huma palavra, roer papel, he mostrar natureza de rato. O Ceo permitta a boa viagem deste *Comboy*, e dos mais que se esperão, livrando-os dos

caxopos, que tudo despedação, e dos Corsarios, que a tudo abalroão, a fim de que com humanidade o prudente Leitor possa confessar, que para as horas vagas, sempre huma Obra destas, o seu tanto, ou quanto, Vale (p. 3-4).

Gaziva Baixa 1 de Janeiro de 1801.

Mora nesta Cidade hum Alfaiate, homem desalmado, pois quer que os seus aprendizes fação calções, e vestias por Musica, porque de continuo lhes está batendo o compasso: hontem porém, que bateo demaziadamente forte a hum aprendiz ainda pequeno, e que segundo se diz, he engeitado (raça infeliz, que em todos os empregos acha sempre o mesmo desvélo) pouco faltou para succeder huma morte, porque o rapaz desesperado, não podendo já soffrer tanta Musica de dous por quatro, quando tocada com os bordões, sahio pela porta fóra, prometendo que se hia afogar; felizmente voltou hoje pela manhã, e dizendo-lhe o Mestre, *hui! não te foste affogar!* Que havia responder o rapaz, Sim Senhor, se a agoa não estivesse tão fria, v. m. veria se eu me afogava, ou não, tanto o Mestre, como os Officiaes soltárão a sua risada, mas conhecendo sempre, que se a agoa estivesse mais quente, infallivelmente succedia huma desgraça (p. 4-5).

Xalaça Nova 12 de Dezembro.

[...] Cópos, pratos, chicaras, cafeteiras, tudo andou pelos ares, e até os circunstantes servindo-lhes de gaz os dentes do cão, e as unhas do gato, se elevavão com mais brevidade, que o Capitão Lunardi no seu Balão (p. 9).

Como o nosso antigo *Velho do Romulares* tivesse hum Neto, que já de pequeno dava grandes esperanças, e mostrava o tino do Avô este rapaz se applicou á Navegação com tão feliz successo, que sahio hum perfeito Piloto da Barra, e he deste grande talento, que havemos ouvir as maximas, pois assim como encaminha a salvamento este Comboy, de igual modo se faz Piloto da vida, para que esta não dê nos caxopos da perdição.

Maximas do Piloto da Barra, Neto do Velho do Rumolares.

As maximas da verdade/ No coração do prudente/ Vão dispôr a honestidade:/
Não ha vida mais contente,/ Nem mais saborosa idade,/ Se por caminho decente/ Se conduz a mocidade.// [...] Andão os genios activos/ Da ociosidade fugindo,/ Presidem nas Livrarias,/ Folheando e reflectindo:/ Discorrem,

cansão-se, e muitos,/ Inda assim, acertão mal;/ Como quer, em caso tal,/ Frôxo, e inerte
mandrião,/ Pelas lojas de bebidas,/ C'huma vida de Poltrão,/ Encostado nos bofetes,/
Com licores, e cafés,/ Governar os gabinetes (p. 9-11).

Aqui se mandou a huma Menina de onze anos a seguinte obra feita por hum
Cavalheiro, que lhe era afeiçoado; e porque neste género se faz digna de estimação se
publica.

Pastorinha o Ceo reparte/ Os dotes como lhe praz,/ De qualquer dote do Ceo/
Qualquer idade he capaz.// [...] Fallo do Amor virtuoso;/ Nescia paixão me cegára,/ Se
Amor fosse em mim paixão,/ Se acaso eu cégo te amára.// Sempre fixo na virtude,/
Singello sempre em te amar,/ No liso tronco de hum Cedro/ Eu vou teu nome gravar.//
O mais remoto vindouro/ Suspenda os passos, e lêa,/ *Este cedro Consagrado/ Foi por
Josino a Tirsea* (p. 12-16).

*2*¹⁵

Mandando huma Senhora de fóra da terra huma carta, ao Author, em que lhe
mostrava os grandes desejos, que tinha de ver, e conhecer quem fazia os Almocreves de
Petas, este vendo a distancia, em que ambos estavam, e que só por hum retrato podia
saciar aquelle desejo, se retratou nas seguintes quadras.

Illustrissima Senhora,/ Se desejais conhecer-me,/ Sabei que sou tão bonito,/ Que
se enjôa a gente ao ver-me.// Não vos gabo esse desejo,/ Pois he tal minha figura,/ Que
sou peor visto ao vivo,/ Do que visto por pintura.// [...]
Na Cidade de Leiria,/ Diz minha Mãi, que eu nasci;/ [...] Em quanto á idade, que
tenho,/ Para os sincoenta caminho;/ [...] Nasci no anno de horrores:/ Quando Lisboa
tremeo,/ Minha Mãi tremeo com dores.// [...] Tão curto de yista sou,/ Quando não tenho
vintem,/ Que ás vezes nem hum mosquito/ Vejo na banda d'além.// Nada desejo que
alcance,/ E sou sempre em certos modos/ Reportorio de desgraças,/ Que faço fugir a
todos.// Occupo-me noite, e dia,/ Lendo diversos assumptos;/ Porque como os vivos
fogem,/ Vou conversar c'os defuntos.// [...] Não pintarei o cabello,/ Que elle mesmo vai
cuidando,/ Sem que nada se lhe faça/ Em se ir c'o tempo pintando.// [...] He nariz de tal
grandeza,/ E tão pouco tem de fraco,/ Que he bem capaz de sorver/ Todo o jardim do

¹⁵ Os excertos do 2º folheto são da 2ª edição, impressa em Lisboa, na oficina de J. F. M. de Campos, 1820.

tabaco.// [...] Na côr sou perinho pardo,/ Não porque mulato seja,/ Mas porque me tem tostado/ Quem dá a côr á cereja.// [...] Nas costas não sei que tenho,/ Sinto hum pezo desmedido;/ O que he foi de nascença;/ E não lhe assenta o vestido.// [...] Em quanto ás prendas que tenho,/ Durmo, bebo, como, e fallo,/ Toco, canto, faço versos,/ Fora outras cousas que callo.// Tenho hum remedio excellente,/ Para tirar máos costumes,/ E faço fomentações/ A convulções de ciúmes.// Namoro soffrivelmente,/ Sei murmurar meu bocado/ Para tratar com Senhoras Sou bastante delicado.// Não fui rico, nem fui pobre,/ Mas tive o vicio do jogo,/ Que me hia fazendo o mesmo,/ Que faz n'huma casa hum fogo.// E sou quando digo graças/ A's sardinhas comparado/ Huns dizem que sou sem sal,/ Outros achão-me salgado.// [...] Senhora, eis o meu retrato,/ Em pedir outro não teime;/ Vai de fresco acabadinho,/ Que está comei-me, comei-me (p. 6-12).

AVISOS.

Não só no sitio do Cavaco, mas em outros muitos desta Cidade, ha pessoas que o dão pelo unico interesse de sustentar huma zanga; os que se considerarem mal cavacados, e quizerem ficar sem este defeito, concorrão aos ditos lugares, e lá lhe farão as contas.

Falla-se muito, em que a pinpinela he a femea do pepino (p. 12).

3

Folia 20 de Janeiro.

Negra tafularia, a quantos funestos accidentes não conduz os seus sectarios! Hontem succedeo em huma casa o caso mais galante; e vem a ser, convida certa Senhora para festejo do Natalicio de huma sua filha as Senhoras da sua amizade, as quaes concorrêrão em grande número, porque para estas funções ninguem se exime. Tremulavão sobre as cabeças de todas as Madamas mil galantes plumas, e airosos martinetes; passeavão pela casa esfaimados Peraltas, esperando anciosos a occasião, em que atolassem o faminto dente (p. 10).

Máximas do Piloto da Barra, Neto do Velho do Romulares.

Destes pensamentos nós,/ Sem bellezas, sem enfeite/ Sempre o homem se aproveite,/ Que verdades descobrindo,/ Como me forão sahindo,/ Se escreverão (p. 12).

Falla do Editor 1 de Fevereiro de 1801.

A Grande sabedoria, e juízo, de que forão dotados Horacio, Virgilio, Ovídio, e outros [...] elles inda hoje nos persuadem a Leitura, affirmando que para o homem sábio, he o ler meio sustento; (que prevenção para o seculo presente, em que as comedorias estão pela hora da morte!) com effeito, não nos enganarão, quando tal disserão; porque eu mesmo muitas vezes em jornadas diverti a fome com *Allivio de Tristes, Carlos, e Rosaura, Roda da Fortuna, Retiro de Cuidados*, e varias outras Novellas, que no meu tempo bailavão na maromba, e então conheci que o ler era pasto d'alma; porém os tempos em tudo mudarão, mudarão-se os genios aos homens, e ainda ás bellas Senhoras (p. 1-2).

Aos Tafues do tempo presente.

SONETO.

Cabello com rabicho sem se ver,/ Chapéo redondo, que mal póde entrar,/ O pescoço d'alporcas a tufar,/ Colete anão, com calças de crescer:// Em rabão de selim sempre a correr,/ Chicote de trombeta, a dar, a dar,/ Quanto ao trato, dever, e não pagar;/ Quanto ao genio, ser tollo, e não o crer:// Trazer romba a cabeça, e o pé agudo¹⁶,/ De entender o Francez mui presumido;/ Fallar sempre de gesto carrancudo;// A isto hum Portuguez he reduzido,/ Aqui se mostra bem pelo miudo,/ O que he hoje hum Tافل, Inglez fundido.

Ás Senhoras Tafulas do tempo.

SONETO.

Cabeça de alcaxofra tosqueada,/ Posta entre palhas, qual torrão de gello;/ De argolões de metal, brinco amarello,/ Que pela orelha a leva agrilhoada:// Os braços nús, de peitos decotada,/ Onde a medalha cahe do Adonis bello;/ Hum citoyen, que chega ao tornozello,/ Raza chinella de comprida entrada:// Eis de huma Dama, a fofa compostura,/ Com cortinas no rosto em ar de nicho,/ A moda confundindo co'a loucura:// Anda o luxo ao descoco sempre fixo,/ E ignora quem divisa tal figura,/ Se he homem, se mulher, fantasma, ou bicho (p. 3-4).

SONETO.

¹⁶ 2ª edição: «o pé bicudo».

Eu estou noutro Mundo! Ah que d'ElRei!/ Este não he o Mundo, em que eu nasci;/ Sério, e verdade forão-se daqui,/ Perdeu-se a honra, a boa fé, e a lei [...] (p. 5).

Aqui vemos não serem fabulosos por nossos grandes peccados, os tristes effeitos, que pouco, e pouco vai causando a carestia de tudo, pela qual até eu me sujeito a ligar-me com o Público, promettendo-lhe o divertimento *deste Folhetos* por hum anno; e pois que não tive a fortuna de ser Morgado, e daquelles, que por morte dos Pais, achão em que metter a mão com mil cruzados na burra, e fazendas á quem, e além, devo como honrado buscar os meios para subsistir, e achei este o mais proprio; porque me utiliso, e utiliso os outros, de que os Pais de famílias podem tirar duas vantagens, não pequenas: primeira, desembaraçar-se o filho de menor idade, em ler estes *Folhetos*; porque mais depressa ha de pegar nesta obra para rir, que em uma séria para moralisar: segunda, a dona da casa, filhas, e criadas entretidas em ouvir ler estas **petas**, com ellas levarão parte da noite, até que pouco, e pouco adormeção, de sorte que meias tontas do somno, que com esta obra conciliarem, hirão daIli para a cama, esquecendo-lhes a ceia. Eu faço todo o esforço, para que se possa nesta Obra achar algum sal; e se pensarem que estes Folhetos só tem differença do meu *Almocreve de Petas* na mudança do Titulo, não me criminem; porque eu fiz o mesmo que fez o anno passado o *Impresario dos Touros*, que para lhe acudir gente, chamou nos cartazes a um Touro *Marujo*, a outro *Disertor*¹⁷, a outro *Chibante*, etc. E o mais he, que fez melhor negocio do que eu; porque aquella idéa, como lá dizem, sempre he de quem sabe o nome aos Bois. Ora fiquemos de acordo em moderarmos a desordem dos nossos excessos, que se assim succeder haverão mais criadas de servir, os filhos serão a gloria de seus Pais, o contrabando irá para o Gentio, as casas dos nossos artífices serão fartas, sem que o dono da casa peça esmola, nem a filha tenha tempo para trazer a reboque os tafues do bairro; e eu, que com estas proclamações concorro para a boa harmonia da sociedade, ficarei de peor partido, e chegarei a tempo de não ter um assumptosinho para fazer-vos hum Folheto; porém não importa, pene embora hum, com tanto que soceguem mil (p. 6-7).

Calibre de tres peças 5 de Fevereiro.

[...] ouve hum maganão de bom gosto, que acariou o sempre famigerado *Dom João da Falperra*, para se vestir de mulher, sem que lhe faltasse um só pontinho das modas do tempo, e apresentar-se diante do *macaco*, o qual demostrou bem em visagens,

¹⁷ 2ª edição: «Desertor».

e galanterias, o affecto, com que ficou á supposta *Dama*, e eis-aqui o que deo lugar a todo aquelle motim, e alaridos, que nas ruas se ouvirão; porque ainda se não vio huma figura mais importante, que *Dom João da Falperra* de barretina, de vestido á tragica, decotado, de braços nús, de brincos nas orelhas, de leque na mão, ensaiando-se a cada passo no mimo, e garbos da mais airosa Senhora; dando mil satisfações, que provocavão a riso, das quaes nascia a maior algazarra, bem como touro de rapazes, quando foge da praça. Chegou pois neste ar ao sitio onde se achava o macaco, e este tão inquieto se vio com a desvanecida *Madama Falperra*, que se soltou, e por demonstrações da maior amizade, lhe esculpio pela cara quantos dentes tinha, por cuja razão se acha bastantemente enfermo, e jura vingar-se do bruto, se melhorar daquella macacoa (p. 9).

5

Carta, que do Reino Petista mandou hum sujeito ao seu Correspondente em Lisboa, a respeito do estado, em que se achava huma nova moda de trajar nas Senhoras daquelle Reino.

Valle de Carapuças 29 de Fevereiro de 1801.

[...] a essa minha Senhora, que tanto respeito pelas bellas qualidades, que a acompanhão, que em nada se assemelha ás deste *Reino Petista*, em que vivo. As de cá são o flagello dos homens por todos os feitios, o que não tem as Portuguezas, que são a inveja de todas as Nações, por civilisadas, honestas, prudentes, discretas, e moderadas [...].

Primeiramente vejo, que huma Senhora Portugueza no trafego da sua casa mostra o maior arranjo, não perdendo hora, nem instante, em que cesse de trabalhar, ainda aquellas, que pouco precisão grangear a subsistência [...].

Porém, quanto differem as Damas deste *Reino Petista*, em que vivo! Não ha, meu estimavel amigo, maior desenvoltura, nem peor creação, do que aquella, que aqui se lhes dá! As mulheres aqui vivem mais na rua, que em casa: apparecem pelas praças ornadas com tanta quinquilharia, que chegão ao extremo de se ignorar, se he mulher, que vai passando; e ainda que tudo, que comsigo levão, inculca o maior asseio, se lhes forem a casa, então se ha de ver, e admirar o maior desarranjo, enxovalho, e desalinho [...] O pai o que quer he dinheiro, seja, ou não grangeado com usura: a mãe o que pertende he ser senhora da sua vontade, e não apparecer somenos, que as outras, venha elle de donde vier: a filha o seu paraíso cá no mundo, he a barretina bem encanastrada

de labores: hum citoyen de barra de palmo, e as mais transformações de modas para representar a sua scena no lamentavel theatro da Tafularia. Este he o ridiculo estado de algumas Damas deste Paiz. Feliz de V. m., que está vivendo com as civis, e honestas Portuguezas. Não lhe sei explicar a multidão, e variedade de modas, que neste Reino Petista a cada passo se estão usando [...]. (*assignado*) Pesquisador Censorino (p. 1-5).

Villa de petas 11 de Janeiro.

[...] Ninguém ignora o como se tomão os banhos, não só neste sitio, mas tambem nas *Caldas de Portugal, Estoril &c.* nem menos se ignora o quanto as meninas do nosso tempo são agradecidas aos descobridores deste remédio, pois por este meio... *cala-te boca...* Não tardou muito, que em casa das seis filhas do *Senhor Antunes da Fonseca* se ajuntassem outras tantas, e mais Senhoras, e com ellas muitos destes Tafues, que tem tomado por tarefa o serem importunos cumprimenteiros, e curiosos indagadores da saude de quem lhes não importa, levando escondida debaixo da capa da Politica muitas, e muitas vezes a [r]uina das familias. O chá, o jogo, a dança, as modinhas, os versos, as ceas, tudo fazia huma grande parte da cura das seis meninas, que maldizião a sua desventura, por não ser cada huma das noites huma noite de Lamego, onde durassem por mais tempo as *Senhorias*, e *Excellencias*, que lhes pespegavão nas bochechas. O *Ginja*, que estava na Cidade cuidando na sua vida, determinou-se a vir visitar aqui a sua família, e passar com ella a noite do Sabbado para o Domingo, e do Domingo para a segunda feira. Não foi muito bem vista esta resolução: mas em fim, que remedio! Chegada a hora, começam a apparecer as Senhoras, e Senhores da sociedade, que o *velho* comprimentava ao principio de boa catadura: porém vendo, que os visitantes excedião já o número dos assentos, e que elle por sua causa hia ficando sem elle, começou tambem a fazer focinho, recebendo já com riso sardonico, e cara de fastio, os que entravão. Por fim ficou o velho sem assento, e obrigado a estar em pé. Ora junto a elle succedeo ficar outro *Ginja*, que ou por genio, ou por necessidade levava tudo em ar de zanga, e neste tom sussurrava com o *Senhor Antunes*. Dizia pois o *Senhor Antunes* ao outro velho: *Irra, hei de ficar aqui de pé toda a noite, e as meninas, mais esses paravilhos muito assentados?* Respondia o velho, que tambem estava de pé: *He patifaria! nem de Vossa Senhoria fazem caso, sendo Vossa Senhoria o dono da casa:* respondia o *Senhor Antunes*: *Qual Senhoria, nem meia Senhoria, eu não tenho cá isso, nem me importão essas asneiras: o que eu queria era assentar-me.* Veio o chá, foi a

menina mais nova, que era a menina dos olhos do *Senhor Antunes*, fazer o chá, e com ella hum Ajudante d'Ordens de agua quente, com hum Escudeiro feito á ligeira para ministrar. O *Senhor Antunes*, vendo que ficava para traz de todos, e que se servião primeiro os mais Senhores, sem se lembrarem de que estava alli quem pagava o pato, rosnava com o velho: *Que me diz a esta? Todos tem tomado chá á sua vontade, e sentados, e eu que sou o dono da casa, sem chá, esem cadeira posto em pé como hum negro [...]* Acabado o chá, fizeram-se os pares, dispoz-se a contradança; e como a casa fosse pequena, mandárão-se tirar a maior parte dos assentos [...] completou-se a dança, batêrão-se aspalmas, e feitos os cumprimentos, pedio-se hum modinha cantada a duo [...] Acabou-se a cantoria, derão-se muitos vivas, gritou-se pela cea, e foi toda a sucia para a meza. O *Senhor Antunes* foi o ultimo dos chamados [...] Veio peixe fresco guizado por vários modos, e aqui se renovavam as magoas ao *Senhor Antunes* em se lembrar, que tinha passado toda a semana com bacalhão, e que toda a sua poupança redundava naquelle desperdicio, passando mal, para os outros passarem bem [...] e quando a conversação durava, cahe hum bocadinho de ferro em hum relógio de repetição *sobre as duas*, de que resultou tal motim, que todos abalárão em cinco minutos. O *Senhor Antunes*, que se vio só com a família (como Juiz em cauza própria) ex abrupto lançou a Sentença: *Já, e no mesmo instante vão enfeixar toda a mobilia para irmos para a Cidade logo pela manhã: comer eu bacalhao, para as barrigas aventureiras se fartarem de peixe fresco; estar em pé ao canto da casa, como figura de Botica em cima do balcão; tomar chá da ultima lavagem do bule; comer o que he meu mettido n'hum imprensa ao pé de hum barriga [...]. Chamando-se a isto tudo enfermidade das meninas: ellas tomando banhos, e eu purgado na bolsa, vendo-me obrigado a vomitar estas, e outras injúrias: he pouca vergonha, e he patifaria!* Vendo as filhas aquelle eloquente discurso, tão persuasivo de seu pai o *Senhor Antunes da Fonseca*, lavadas em lagrimas muito caladinhas, cada hum entrouxou o seu fato para cumprirem sem dilação aquelle mandado de despejo. Diz-se, que para o anno cada hum beberá em jejum o seu cópo de agua fria, que he hum banho por dentro, já que os de fóra forão tão mal succedidos (p. 6-10).

6

AVISOS.

[...] Quem não achar galantaria neste Folheto, compre logo o que se lhe segue, e vá fazendo o mesmo aos outros, que lá virá hum, que lhe dê no gotto (p. 16).

7

Farfalhada 1.º de Abril de 1801.

Enfastiado de aturar criados brancos, e outros (com o devido respeito) desaforados, mandou o Senhor Lucas Lobinho vir da sua terra hum rapaz caloiro, não se lhe dando que viesse em bruto, porque elle queria tomar á sua conta polir-lhe o juizo, e fazello a seu geito, pondo-o em termos taes, e tão intelligente, que pudesse entender seu Amo, até por acenos, de sorte que pondo o Amo os dedos das mãos em certas figuras, o moço aprendesse de cór, e salteado tudo, em que o Amo quizesse ser servido [...] (p. 1).

Bagatella 4 de Abril.

Por cartas vindas do Mundo novo (porque as trouxerão) se tem sabido muitas particularidades, que servem para encher papel, divertir os curiosos, e fazer-lhes exhibir o meio tostão, que custa este Folheto, que he o custo dos miólos de vacca presentemente, que já levantarão dez réis, que sempre cuidei que esquecessem, visto que a carestia anda entretida com tanta cousa, que mudou de preço. Nas mesmas cartas, que se recebêrão, vem relatada a seguinte particularidade. No *lugar de Varejas* faleceo huma menina de idade de dois annos, sete mezes, cinco dias, quatro horas, dez minutos, dois segundos, menos tres instantes e meio; foi irreparavel a perda do muito que pela duração da sua vida se podia esperar de vantagem, porque se esta menina, vivendo, se casasse aos quatorze annos, e fosse fecunda, daria á luz, no decurso de cinco annos, pelo menos, cinco filhos, e se continuasse a viver até á idade de cento e sessenta e tres annos, como já se vio em hum homem da Noruega, conseguiria ter cento e quarenta e oito filhos [...] Ora pelo mesmo Calculo he evidente, que se a tal menina falecida enviuvasse de cinco em cinco annos, contaria chegando aos cento e sessenta e tres annos, vinte e nove maridos [...] e se neste tempo lhe não tirassem, ou cahisse algum dente, os conservaria todos até morrer; de igual modo se não se lhe fizesse o cabello branco, iria com elle preto para a sepultura; em huma palavra, se ella não

morresse então, ainda hoje seria viva, porém como tudo vai das hipoteses, falhando estas, falhou tudo; este caso não deixa de dar alguma lição a todas aquellas pessoas, que paixão por huma seara, e arrancão huma espiga verde, ou botão abaixo hum fructo verde de huma arvore, sem se lembrarem, que a perda daquelle grão, caroço, ou pevide priva a multiplicação, que podião produzir, bem como a morte cortou de hum golpe na vida desta menina a producção de tantas vidas (p. 5-7).

Máximas do Piloto da Barra, Neto do Velho de Romulares.

Outro de trafico eterno,/ Que vive por **geringonça**,/ Ornado de cara sonça/
Sempre n'um confuso trato, /Parece **não quebra hum prato**,/
Dá na loiça (p. 7).

AVISOS.

Vende-se esta Obra com os Folhetos, que vão sahindo.

Na Loja da Gazeta.

No Campo de S. Anna, no Botequim de Fernando Timotheo Xavier.

Aos Paulistas, no Livreiro Luiz José de Carvalho.

No Rocio, no Botequim do Madre de Deos.

Ao Collegio dos Nobres, no Livreiro Thomaz José da Guerra.

Em Alcantara, no Livreiro defronte do Livramento.

Em Belém, na Loja de Capella de José Tiburcio (p. 16).

8

Folhaje Crespa 15 de Abril de 1801.

Como não se deva esperar do character destes Folhetos, mais do que permite a extravagancia delles, e do seu titulo, sendo o fim, que nelles se propõe, divertir toda a qualidade de gente com **petas** de todo o calibre; he por esta razão, que não devo deixar no esquecimento humas decahidas de algumas Senhoras rhetoricas, politicas,

metafysicas, fysicas, logicas, astronomicas, methaforicas, algebricas, mathematicas, e outras cousas, que acabão em othicas, e athicas, como espadim, manteiga, cotovelos, e calções, cuja instrucção, quando excede os lemites, **faz logo produzir huma gargalhada**. No presente Comboy me remettêrão do Reino Petista as seguintes infelizes lembranças, ou pensamentos soltos, de algumas Madamas esbeltas, que não só fazem andar hum homem com a cabeça á roda; mas até fazem andar a língua Portugueza por esses ares, affectadas de Doutoradas, a quem a barretina serve de borla, e o citoyen de capello. [...]

Huma criada grave, que mettendo-se em restia nas companhias, ouviu duas palavrinhas a hum sogeito de que gostou muito, as quaes lá vinhão applicadas a certo fim; ella as decorou por tal forma, que a torto, e a direito em toda a conversa, que tinha, as embutia, para merecer os creditos de estudiosa; e dizendo-lhe huma vez sua Ama, que visse da janella como estava a noite, respondeo muito presumida, valendo-se das duas palavrinhas. A noite está muito *especificada de sorte que se está vendo o Ceo por antenomazia, e o Respostacio dá chuva este quarto de Lua*. Depois de hum farto jantar, que se deo em huma casa, perguntou-se a huma Senhora do rancho: *a Senhora quer café?* ao que ella respondeo com igual seriedade, e desdem, *comerei huma perninha*.

[...] Hindo hum ranxinho de Madamas [...] a certo caes, de passeio [...] levantou-se huma [...] querendo expressar seus sentimentos [...] disse muito espevitada = *ó Prima, que agradavel vista está fazendo a Lua, veribrando na suplicia da agoa*. [...] notou huma Senhora, que o tempo estava mudado [...] *vou buscar o Burro méetro do mano Piloto, que esse he que desengana, que mostra o tempo, pelos seus degráos*.

Em hum dia de anos, sendo convidadas humas Senhoras para certa quinta, entrando todas nas casas, chegou á janella da primeira salla huma das mesmas Senhoras, e porque gostou muito da grande vista de campo, que a salla tinha disse *ó Mana, que bonito retalho de Direito Natural*.

[...] He por ora, o que me veio á noticia, mas descansem os meus curiosos Leitores, que em se sabendo mais alguma, a hei de pôr logo na praça, cuidem as Madamas em reflectir no que dizem, porque eu ando de ronda, e encontrando estes rasgos de erudicção, não lhes perdo-o (p. 1-4).

Entalação 16 de Abril.

Este maldito costume, que os amantes ainda hoje conservão, de andarem annos, e annos com paixões affectadas, incommodos desabridos; riscos perigosos, e outras muitas cousas, tem dado lugar a mil dezastres, e muitas vezes a não se acabar a contenda, sem hum fim funesto, o que tudo se podia fazer sem tanto estrondo, huma yez que hum homem namorasse huma rapariga, e que elle tivesse de seu, e fosse no seu tanto igual a ella. Que cousa mais bonita, que chegar hum homem ao pai da Senhora, pedir-lha para casamento; dizer-lhe o pai que dará a resposta, informar-se este, e no fim de tres dias, ou inda de oito, ultimar-se o contracto, e hirem ambos para a sua casa na benção do Senhor? a maior parte das vezes pelas delongas, que se soffrem; pelos apertos, em que são pilhados, elles quando se vão receber, já vão com a espinhela cahida, ou de maçadas, ou de quedas, que tem dado de noite; e ellas, ou vão tísicas confirmadas, pelas paixões, que tem metido em si, ou vão rheumaticas, e gotosas, pelos serenos, que tem pilhado nas janellas! (p. 5-6).

Hum desesperado da fortuna conhecendo os odiosos attributos da desgraça, fez o seguinte

SONETO.

Rota, nojenta, inquieta, macerada,/ Pálida, triste, debil, lacrimosa,/ Cortez, humilde, inutil, temerosa,/ Feia, tolla, faminta, desprezada:// Sempre com tudo, e todos odeada,/ Dos bens, que o mundo tem pouco mimosa,/ Em sujeitos honrados vergonhosa,/ E nos que não tem honra descarada:// Ruina da virtude, e nascimento,/ Sem voto, sem razão, sem inteireza,/ Verdugo do incansavel pensamento:// Estrago do valor, eda nobreza./ Sórdida habitação do abatimento,/ Eis o quadro da misera **pobreza** (p. 12).

ANECDOTAS.

Estando hum sujeito para casar, e sendo pobre, não queria dar a saber á sogra a sua pobreza, e a mesma sogra presumia delle hum grande estabelecimento; porém para não ser depois arguido por falso, na vespera do casamento entrou muito triste a passear pela casa; a sogra que reparou nisto, perguntou-lhe por tres, ou quatro vezes, *Senhor, que tem vossa merce?* ao que elle sempre lhes respondeo, *não tenho nada Senhora, não*

tenho nada; feito o casamento, e verificado, que elle era hum pobretão, saltou-lhe a sogra, (como a maior parte dellas costumão) a arguillo de enganador, porém elle se valia desta defeza, *vossa merce não me perguntou muitas vezes, o que eu tinha, inda na vespera do casamento? e eu não lhe respondi sempre que não tinha nada? então de que se queixa?* (p. 15-16).

AVISOS.

Sahio á luz o A. B. C. em verso, para maior facilidade de se decorar, com as regras geraes do A. X., a fim de se mortificarem com esta embrulhada os meninos, e reduziilos pelo flagelo da palmatoria, ao desgosto das primeiras letras; esta obra he illustrada com varias notas; e estampas abertas a golpe de disciplinas.

Quem não poder engolir em molhado, engula em secco (p. 16).

9

Arenga Velha 1 de Maio de 1801.

São bem pouco gostosas as noticias que se recebem desta parte do nosso continente [...] O Sobrinho da *Senhora Dona Violante Marroquina de Villar Sotto Pantoja Palmeira de Galvão*, Condecorado na ordem da tafularia, ou taful nos ossos, que este he o nome que se tem adoptado in genere, aos novos alistados no congresso das asneiras, tem sido o objecto de todas as desordens, por se ter dado a conhecer, e muito mais porque pertendendo que hum Senhora deste sitio cedesse á ociosidade, com que a namorava, depois de repetidos ataques á fortaleza; conseguiu finalmente o introduzir-lhe hum carta, em a qual a persuadia do extremo, com que a amava; desbulhava-se o rapa em affectos, derretia-se em lagrimas [...]. Ella que não comia mócas, e sabia muito bem, que nem tudo o que luz he ouro, para dar ao Tafulão hum solemne desengano, lhe mandou dizer que só podia condescender com os seus desejos, na noite seguinte ás tantas horas, com a condição delle se sujeitar a subir hum alto muro do quintal, onde ella o esperava; porém para que não fosse conhecido, que se vestisse de mulher [...]. Tinha a Senhora hum preto bastantemente azevichado, e tão colerico de gesto, que em se lhe dizendo, ó paisinho compra o melro, já tudo hia pelos ares: foi este o convocado para desempenhar a acção, em que a Senhora se tinha metido; e como esta o instruisse do que havia de fazer, partio com elle para o sitio da contenda [...] principia o Taful a trepar pela parte de fóra, e ao mesmo tempo subia o preto pela parte de dentro por huma escada de mão; porém com algum vagar, para que o Taful vencesse toda a altura; e apenas este chegou acima, aparece-lhe de repente o preto com os olhos arregalados,

fazendo taes tregeitos com a cara, que o Taful julgando ser o Diabo em carne, concebeo tal medo, que perdeo os sentidos, e deo com o escalete em terra de toda aquella altura; a cabeça foi ferida em tres partes para ser remontada já segunda vez, desnocou hum braço; hum cão que dormia, e despertou com o baque, foi amolando os dentes com toda a furia no fato [...] verificando-se neste individuo, que a maior parte da Tafularia mal amanhada, he por dentro pão bolorento, e por fóra cordas de viola (p. 1-5).

[...] Com o maior segredo se communica a vossas merces o presente enigma, para se entreterem na sua verdadeira intelligencia, e como isto se publica muito em particular, espero de vossas merces, que não dem com a língua nos dentes, que então fica o caldo entornado.

Enigma.

Quem he esa que nasceo/ Preza entre duas paredes?/ E tal graça Deos lhe deo,/ Que posto que não a vedes,/ Está tocando no Ceo?/ Tem á porta gente armada,/ Mas isto de nada importa,/ Só por si mesmo he guardada,/ Pois se quer sahir da porta,/ As armas não valem nada (p. 16).

10

Mata Brava 12 de Maio de 1801.

Nesta mesma Villa se acha hum Cavalheiro, vivendo escolasticamente em companhia de hum criado, que tem mais de tollo, do que eu de dinheiro, e vendo-se o Amo obrigado a convidar para jantar comsigo hum Primo seu, mandou ao criado, que lhe puzesse a meza; e como aquella Casa se achava inda mui falta de roupa, se o moço havia de fazer o que agora se vê na casa de pasto do Carrilho, que he pôr hum oliado preto em lugar de toalha: pegou em huma toalha suja, e muito rota, unica que havia em casa, e veio muito lepido pôr a meza com ella. Agoniou-se muito o Amo, e chamou-o de parte, e disse-lhe: *Ora dize-me salvagem, porque não deste ao menos huma desculpa, quando vieste pôr a toalha, dizendo, que as outras estavam na lavandeira?* (p. 1-2).

Patacoada 14 de Maio.

Não há cousa, que mais faça trabalhar as idéas do homem, do que a falta de dinheiro: esta falta faz pulir o juizo, e faz trazer á memoria, huma variedade de cousas, as quaes o mesmo homem abraça, logo que se dirijão a produzir moeda corrente, seja porque meio for; porque assim como a boca não tem fiador, tambem as precisões muitas

vezes não admittem aquelles estímulos de honra, que algum dia avermelhava a face de meu avô; tudo isto quer dizer que mesmo agora agora, ainda não ha hum mez, succedeo nesta Cidade hum lance, que mette compaixão; e ao mesmo tempo não deixa de causar huma gargalhada. José Conrado de Alfarrobeira, Cavalheiro falido nas rendas do vinculo, nobre por natureza, e pobre por arte; porque tudo quanto tinha, lhe levou a cheia dos vicios, assentando lá de si para si que devia de vez em quando pregar hum calotesinho, para poder subsistir á custa alheia, dando mil voltas ao miolo, para poder adquirir huns vintens; fez o estratagema seguinte [...] *Expliquem-me o que isto foi, porque eu enganei-me com Vossas Mercês, e Vossas Mercês enganarão-se comigo; porque ainda que tenho côr parda, sou casada, e nunca fui cativa de pessoa alguma; tenho a minha casa, sou bem conhecida, e vivo de ser engomadeira, e nunca julguei, que eu seria aqui conduzida para, ser ultrajada por semelhante modo.* Cahio o dono da casa em si, declarou-lhe que a tinha comprado ao tal Cavalheiro; e fazendo-lhe pezo no juizo, tudo o que a mulata lhe dizia, a toda a pressa mandou pôr a sege, e foi elle mesmo com ella restituilla a sua casa, para melhor se certificar se se tinha completado a logração, e se era certo, o que ouvia alegar; e achando tudo verdadeiro, foi como hum raio procurar o seu amigo, porém com tanta infelicidade, que naquelle mesmo dia tinha sahido no Comboy (p. 5-6).

Maximas do Piloto da Barra, Neto do Velho do Remulares.

Quem a vez primeira cai,/ E vai cahir na segunda,/ O seu nome não confunda,/ Por mais, que innocencia affecte,/ Que o nome, que lhe compete,/ He de tollo (p. 8).

Definição de huma mulher.

S O N E T O.

He a mulher hum bem, que o homem préza,/ E as vezes he hum mal, que o homem sente,/ Com agrados a vida faz contente,/ Causa a morte, na falta de firmeza:// Nos loucos appetites, sempre leza,/ Mas dá conselhos bons, quando he prudente,/ Prende co'a formosura a livre gente,/ Por varia como estima, assim despreza:// Ella nos alimenta, ella nos cria;/ Mas tem por natureza o ser ingrata,/ Quando confia mais, mais desconfia:// Quando mais amor tem, mais nos maltrata;/ Vem a mulher a ser como a sangria,/ Que ás vezes dá saude, ás vezes mata (p. 12).

AVISOS.

[...] Á Loja da Gazeta chegou ontem huma Menina, dizendo que o enigma do Folheto passado, que principia *Quem he esta que nasceo*, era a *lingua*, quem lha salpicára com pimenta! para não ser abelhuda, quem lhe perguntava lá por isso? e o mais he que acertou (p. 15).

Na Loja da Gazeta onde se vendem estes Folhetos, se vende tambem do mesmo Author hum Livro intitulado o Jogo dos Dotes; no qual se tirão com hum baralho de cartas galantes sortes de ambos os sexos; além do referido Jogo novo, que entretem huma companhia de 4, 6, ou 8 pessoas; ha com o mesmo Livro quarenta perguntas, e quarenta respostas, que baralhadas todas as respostas servem a todas as perguntas (p. 16).

11

Prova de Bomba 1.º de Junho de 1801.

Tem dado grande cuidado em toda esta Villa a chegada de hum sujeito, que encerra em si extraordinarias qualidades, e que tem posto os habitantes na maior desinquietação, e sobresalto. Não he possivel sacar-se-lhe do buxo onde he a sua Pátria; porém todos assentão ser Francez de Nação; ninguem póde indagar delle quem forão seus pais: a sua estatura he levantada, o semblante vivo, a barba vermelha, com algumas malhas brancas, o seu ar he tão sério, que nunca se ri, nem chora, por mais que o estimulem. [...]

São estas as mais circunstanciadas noções, que por ora se podem dar a respeito deste sujeito; e como cada huma de per si he bastante para excitar a curiosidade de saber com toda a exactidão quanto interessa acerca de tão extraordinaria personagem, fica ao nosso cuidado applicar todas a diligencias para este fim; e o resultado se fará publico no Folheto seguinte (p. 1-4).

Já Vossas Mercês virão em outro tempo huma idéa, ou formalidade de se fazerem Decimas com huns dados, o que bem explicou o *Retorno do meu Almocreve das Petas*; e a mesma galantaria sahio tambem ha pouco á luz em hum Livro intitulado *Acasos da Fortuna*, mas o que Vossas Mercês ainda não virão he huma forma de fazer *Sonetos* toda, e qualquer pessoa, ou saiba, ou não, fazer versos; e isto com hum dado só.

(5)

M A P P A.

Núm. do dado	1. Quadra.	Núm. do dado	2. Quadra.	Núm. do dado	3. Terceto.	Núm. do dado	4. Terceto.
1	10	1	1	1	1	1	1
2	18	2	2	2	2	2	2
3	44	3	3	3	3	3	3
4	47	4	4	4	4	4	4
5	46	5	5	5	5	5	5
6	14	6	6	6	6	6	6
1. Columna para o 1. verso.	14	1. Columna para o 1. verso.	14	1. Columna para o 1. verso.	14	1. Columna para o 1. verso.	14
2. Columna para o 2. verso.	15	2. Columna para o 2. verso.	15	2. Columna para o 2. verso.	15	2. Columna para o 2. verso.	15
3. Columna para o 3. verso.	1	3. Columna para o 3. verso.	1	3. Columna para o 3. verso.	1	3. Columna para o 3. verso.	1
4. Columna para o 4. verso.	19	4. Columna para o 4. verso.	19	4. Columna para o 4. verso.	19	4. Columna para o 4. verso.	19
5. Columna para o 5. verso.	18	5. Columna para o 5. verso.	18	5. Columna para o 5. verso.	18	5. Columna para o 5. verso.	18
6. Columna para o 6. verso.	17	6. Columna para o 6. verso.	17	6. Columna para o 6. verso.	17	6. Columna para o 6. verso.	17
7. Columna para o 7. verso.	16	7. Columna para o 7. verso.	16	7. Columna para o 7. verso.	16	7. Columna para o 7. verso.	16
8. Columna para o 8. verso.	15	8. Columna para o 8. verso.	15	8. Columna para o 8. verso.	15	8. Columna para o 8. verso.	15
9. Columna para o 9. verso.	14	9. Columna para o 9. verso.	14	9. Columna para o 9. verso.	14	9. Columna para o 9. verso.	14
10. Columna para o 10. verso.	13	10. Columna para o 10. verso.	13	10. Columna para o 10. verso.	13	10. Columna para o 10. verso.	13
11. Columna para o 11. verso.	12	11. Columna para o 11. verso.	12	11. Columna para o 11. verso.	12	11. Columna para o 11. verso.	12
12. Columna para o 12. verso.	11	12. Columna para o 12. verso.	11	12. Columna para o 12. verso.	11	12. Columna para o 12. verso.	11
13. Columna para o 13. verso.	10	13. Columna para o 13. verso.	10	13. Columna para o 13. verso.	10	13. Columna para o 13. verso.	10
14. Columna para o 14. verso.	9	14. Columna para o 14. verso.	9	14. Columna para o 14. verso.	9	14. Columna para o 14. verso.	9

Explicação do modo, com que se usa do Mappa que vai neste Folheto.

Neste Mappa de números se achão *quatro columnas ao comprido*, para a *primeira quadra do Soneto*; e de igual modo *outras quatro para a segunda*, e mais *tres columnas para o primeiro terceto*, com *outras tres para o segundo*, como aponta o mesmo Mappa.

Agora bota-se o dado, e sahio, por exemplo, huns – 3 — vai-se á *primeira columna* da primeira quadra, e defronte do número do dado se acha o número —44— então se deve ir buscar na *Pauta dos Versos* o verso, que tem – 44 – que he, *Ver finezas, e amor tudo baldado*.

[...] Está completa a *primeira quadra* do Soneto, e assim mesmo se tira a *segunda quadra*, e o *primeiro*, e *segundo terceto*; pois que estudado o Mappa dos números com as declarações, que tem; **he preciso que o Leitor seja de hum juizo muito rombo, para deixar de atinar com este divertimento** (p. 4-6).

(6)

Pauta dos versos com os seus números para se buscarem.

1 N Em o dia sair veré gostoso.
2 Dos passados prazeres recordado.
3 E as vozes da prudencia surdos são.
4 Faz dar suspiros, faz andar queixoso.
5 Quem não quizer entre afflicções morrer.
6 E a não valer-lhe hum braço poderoso.
7 E a não o soccorrer o Ceo piedoso.
8 Ou seja com razão, ou sem razão.
9 Quem sua vida alegre quizer ver.
10 Trazer hum bem perdido no coudado.
11 Nem quanto se lhe offrega, terá gosto.
12 Cançar-se o sofrimento he mal torçoso.
13 Quem quizer evitar o desprazer.
14 Quem ser lédo no Mundo pertender.
15 Em funebres idéas engolfado.
16 Que dignos sois, mortaes, de compaixão.
17 E a faltar-lhe hum auxilio milagroso.
18 Viver dos seus amores desprezado.
19 Fuja aos laços, que tece huma mulher.
20 Demais o coração cançado ancioso.
21 Fuja aos laços d'amor quanto poder.
22 Cahirá de suicida no attentado.
23 Ah! desgraçada, humana geração.
24 Misera raça do culpado Adão.
25 Todos querem seus gostos promover.
26 Fuja de dar ouvidos á paixão.
27 O ver-se de hum falsa mil tratado.
28 Aquelle, a quem tal pena der seu fado.
29 Quem para tal soffrer foi destinado.
30 Todos querem fortuna, e gloria ter.
31 He flagello de hum peito generoso.
32 Quem socego na vida, e paz quizer.
33 He martyrio cruel, e o mais penoso.
34 Ser amante, e não ser recompensado.
35 O que para esta dor creou seu fado.

(7)

36 Porque a dita vem tarde, e se vier.
37 Nem veré do prazer o rosto airoso.
38 Dos homens quanto he triste a condição!
39 Arranca amargo pranto lastimoso.
40 Seu peito rasgará de allucinado.
41 Que assim razão o manda, o Ceo o quer.
42 Nem pôde hum só momento ser ditoso.
43 O seu pezar se torna mais furioso.
44 Ver finezas, e amor tudo baldado.
45 A si se matará desesperado.
46 Andar sempre em ciúmes abrasado.
47 Mas acertados passos poucos dão.
48 Faz andar noite, e dia peraroso.
49 Foja sempre da amante inclinação.
50 Nem pôde ter hum dia venturoso.
51 Quem se vir por desgraça em tal estado.
52 Quem para afflicção tal já foi creado.
53 E se o mal não saia o Ceo piedoso.
54 Transtorna o coração mais valeroso.
55 Todos correm a pôz o seu querer.
56 Entre as ditas d'amor querem viver.
57 Negue sempre os seus braços á prisão.
58 Da ventura, que teve, então lembrado.
59 Cresce o seu mal, passando a pavoroso.
60 Lembra-lhe então a gloria do passado.
61 A idéas tristes tão sómente dado.
62 Nem ter pôde socego, bem precioso.
63 Quem for tão infeliz, tão desgraçado.
64 E a não ser hum soccorro portentoso.
65 E se o fado prosegue por teimoso.
66 De tristes pensamentos rodeado.
67 Querem todos lograr dita, e prazer.
68 Por terra cahirá desanimado.
69 Que no fugir de amor está vencer.
70 Porém por meios rectos isso não.
71 Morrerá triste, afflicto, angustiado.
72 Fuja de ir arrastar duro grilhão.
73 Aos smantos encantos dê de mão.
74 Que só fugindo evita o padecer.

ANECDOTAS GALANTES.

[...] Certo sujeito de hum genio jovial percorrendo nos incómodos, que o homem padece por não ter tres cousas ao seu geito; dizia que o mesmo homem seria feliz, se viesse ao Mundo com cabeça de parafuso, armario no estomago, e com as barrigas das pernas para diante, porque assim seria mais senhor da cabeça; concertar-se-hião as entranhas sem ser por advinhação, e não terião tanto perigo as canelladas.

[...] Em certo ajuntamento de homens applicados se assentou que tres cousas são superfluas no Mundo, e vem a ser; *pentear hum calvo; lavar hum preto, e alumiar a hum cego.*

[...] Conversando huma Dama Franceza com outra Italiana, presumia aquella de sustentar a conversação em a lingua da segunda, de que sabia alguma cousa; querendo porém agradecer huma expressão obsequiosa, que lhe fizera a Italiana, dizendo que não tinha tanto merecimento como ella, se explicou assim: *Non sono tanto meretrice como vostre Signoria* (p. 13).

Maximas do Piloto da Barra, Neto do Velho do Remulares.

Trate estas cousas por sérias,/ Quem dellas faz pouco apreço;/ Que muita gente eu conheço,/ Que isto tem por secatura,/ **Não gostão da Moral pura,**/ **Querem rir** (p. 14).

Decima

Com razão tomas, Doutor,/ Da caça o novo exercicio,/ Pouco differe no officio/
Medico de Caçador:/ O Mundo por matador/ A hum, e a outro respeita;/ Se matar caça
te ageita?/ Este meu conselho guarda;/ Não lhe apontes a espingarda,/ Escreve-lhe huma
receita (p. 16).

AVISOS.

Na rua direita, que tem dois becos da parte esquerda, bem defronte de huma porta grande, que tem para dentro hum corredor, se fazem insignes moletas para versos mancos, e com abundancia narizes de cera para comprimentos, e cartas de amores para Tafues de pouco miolo; porém as moletas annunciadas vendem-se mais caras, porque sempre he outra qualidade de obra (p. 16).

12

Tarelhisse 20 de Junho.

Nesta Villa acaba de succeder hum facto, que produs lição, e gargalhadas. O pezar, que me acompanha nesta Historia, he ser ella succedida com huma mulher, porque o sexo feminino, que com toda a razão me ha de ter tomado para a sua alma, certamente a estas horas, ouvindo ler este papel, me ha de desejar beber o sangue. Ora eu tenho dó das pobresinhas, mas não está mais na minha mão, he genio, não me posso contrafazer; eu bem sei que podia muito bem occultar este caso, porém que querem Vossas Mercês que eu faça, se elle me foi remettido do Reino Petista com tres logos logos, e o porte pago. Lá vai com sua licença [...] (p. 6).

Funchela 18 de Junho.

No Rio desta Cidade, se achava o casco de hum Navio velho encalhado na praia, e porque as aguas alli fazião a maior impressão, o hião desmantelando a ponto da pobreza se aproveitar de alguma lenha, e ferragem: a semana passada surrateiramente, forão alguns pobres tirar-lhe algumas taboas, que se achavão mais podres para queimar,

visto que a lenha tem subido de preço, e nas estancias se vendem palitos por achas, e hum dos pobres notou, que de volta com a agua, nas cavernas do mesmo casco, estava hum vulto, que suppoz ser algum peixe, e com effeito não se enganou; chamou os Companheiros, forão buscar hum archote, e virão nada menos, que este fenomeno. Era o vulto bastantemente grande, hum peixe, que tinha na metade superior, a figura de huma menina, muito gentil, e na metade inferior figurava huma piramide com a ponta para baixo toda coberta com escamas. Dois velhos, que se achavão no rancho, logo atinárão em dizer, que era huma sereia ainda moça, e muito contentes pegárão nella, e a levárão para hum tanque de agua, para não esmorecer de todo, até darem parte. Hum Cavalheiro da terra a comprou, e cara, porque já canta alguma cousa; e o que mais se nota nella, he entoar perfeitamente as chiganças, e o minuete da Rosinha; e como o canto das sereias, preocupa com a boa harmonia a quem o ouve, algumas pessoas temem esse risco. Mas a pezar disto, como he novidade, todos concorrem a ella, e seu dono a empresta para ir cantar ao Theatro dentro de huma tina, inda que ha ordem para que os espectadores levem os ouvidos tapados com algodão, a fim de se evitar alguma desgraça causada pela doçura da voz (p. 8-9).

SONETO.

Rotos papeis da traça salpicados,/ Vestes antigas, colchas preciosas,/ Velhos escudos, lanças carunchosas,/ Pálidos pergaminhos enrolados:// Mausoléos nas Igrejas collocados,/ Tradições quasi sempre mentirosas,/ Contos de velhas, sobre acções gloriosas,/ Que forão pelos Godos inventados:// Isto não he nobreza, he sim loucura;/ Pois só tem os mortaes hum nascimento,/ Huma passagem, e huma sepultura:// Ninguém herda o esplendor, e o luzimento;/ **He só nobre no Mundo quem procura,/ Ser nobre, pelo bom procedimento** (p. 12).

AVISOS.

Sahio á luz **methodo novo de ler, sem abrir livros; e de escrever sem pegar em penna, obra muito util, para todos os Doutoraços de orelha**, e muito recommendavel pelas excellentes notas, de hum Anonimo, que **falla em tudo, e de tudo sem saber de nada**; não se vende, porque ainda se não sabe se se dará de graça (p. 15).

Langará o 1º de Julho de 1801.

Vistos os autos grandes, que alguns indivíduos fazem neste Paiz, fazendo tambem consistir no seu nome todo o seu capital, porque vivem de imaginadas rendas no contracto da basofia; e como aqui seja o dinheiro muito caro, pois quem quer hum arratel de cruzados novos em prata, ha de lhe custar certamente, tres, ou quatro moedas; vindo a seguir-se, que quem não tiver, com que os compre ficará sem elles, e he então que por elles supprem mil arrotos de fidalguia, e tudo nada entre dois pratos: prova-se, e até he de sciencia certa, que para os desta qualidade, em tudo são mais as vozes, que as nozes. Ora deste número he o Senhor Taciturno Tacito Tartarino, homem, que depois de passar pelos incómodos acima ditos, passou ha pouco tempo, a ser a execução desta regra; porque hoje tem dinheiro, e supposto seja economico, não pode neste tempo, nem botar a agua as mãos ao Senhor Zanga Suvina Mirra das Dores, apontado no célebre *Almocreve de Petas*. Este corcomido tartaruga, adquerio os presentes bens traficados pelo modo seguinte [...] Como os charlatões ratoneiros, e mais individuos, que vivem do alheio, fazendo tudo á unha, em sentindo homem que tenha de seu, aqui estou ás suas ordens (creio que bem me percebem) e este meu Senhor com estas, e outras bogiarias grangeou vintens, a ponto de estar hoje, adeos luzes, que se apagam as candeias, isto he chineiro; não perderão os melquitrefes de vista o modo de o cravarem; para o que fizerão suas conferencias, e sahio dellas o seguinte estratagema, a que elle não pôde escapar, a pezar da sua finura. Huma noite bastantemente ventosa, chuvosa, tormentosa, e trovuosa (perdoem os sábios se isto he palavrinha nova) baterão-lhe á porta dois homens, com quatro canastras [...] dizendo-lhe [...] trazemos aqui duas canastrinhas de presuntos de Melgaço, presente, que lhe manda hum seu amigo de fóra [...] igualmente lhe rogamos o favor de nos dar hum quarto [...] para no mesmo quarto recolhermos estas duas canastras grandes, em que trazemos mais presuntos, para vendermos [...]. Pareceo isto ao velho muito natural. [...] Fez hum grande comprimento aos portadores, confiou-lhes a chave de hum quarto, e foi-se deitar [...]. Lá pela noite velha, não por arte mágica, mas por arte de ladroeira, surgirão das duas canastras grandes, dois grandes ladrões [...] forão-se ao leito do miseravel, pedirão-lhe as chaves de tudo, e limparão-lhe a casa (p. 1-4).

SONETO.

Illustres filhos do feroz Mavorte,/ Luzitanos Heroes, á guerra, á guerra!/ He tempo de mostrar, que á Luza terra,/ Não assusta o rugir do Leão forte:// Quem sabe triunfar da crua morte,/ Com pequenas desgraças não se aterra:/ A posse de vencer, que em vós se encerra,/ Loiros ha de arrancar das mãos da sorte:// Defender Throno, e Pátria he causa justa;/ Pagnar pela razão, sublime empreza;/ Resguardar o que he proprio, a ninguem custa:// Oppressores crueis da natureza,/ Que nos vem atacar com guerra injusta,/ Sacrificai á Gloria Portugueza.

de J. D. R. da C. (p. 15).

14

Certos observadores, que ha neste Reino Petista, tomárão por sua curiosidade a empreza de descortinarem as varias qualidades a que são propensos os homens, dos sinaes apontados da lista seguinte; e aqui se remette para cada hum de per si ver se está nella incluído.

O homem que dá por valente	<i>Tambem apanha.</i>
O que ameaça muito	<i>Ninguem o teme.</i>
O que falia nos nascimentos alheios , e se esquece de si	<i>Ninguem o respeita.</i>
O que em tudo se mette sem princípios	<i>He bobo da Comedia.</i>
O que só de serve de comer, e fazer cortesias	<i>Faz-se inutil.</i>
O que acode ao seu semelhante	<i>Faz o que deve.</i>
O dissimulado	<i>Esperem-lhe a pancada</i>
O que embarca, e vem da India	<i>He hum Comboy de Mentiras</i>

Note-se que nenhuma destas cousas he huma verdade tão infallivel, que não possa admittir excepções. No Folheto seguinte podem as Meninas Tafulas esperar hum descante semelhante, por não ser justo que fiquem de fóra da contemplação dos curiosos observadores, pois com a sua lembrança, podem todas contar na ordem dos seus privilegios (p. 7-9).

Na Cidade de Sanfaçon no Reino de Pagapatão, veio no presente Comboy hum Mappa geral dos jogos que alli se jogão, o qual se offerece aos curiosos da Cidade de Lisboa, e suas annexas, escrito ha dois mil e quatorze anos pelo celebrado *Solimão Rosalgar* discipulo de *Senica* na Universidade de Antidoto, e traduzido no nosso idioma pelo modo seguinte.

Se Platão esse famoso Mestre da Mãe das sciencias fez ver ao Mundo quatro especies de doidisse, eu que tenho investigado a origem de todos os jogos, farei igualmente ver estes repartidos em quatro classes, notando as épocas das suas criações, seus Authores, e Pátria, e o nome de cada hum em particular, dividido os mesmos jogos, *em jogos innocentes , jogos adolescentes, jogos imprudentes, e jogos lícitos.*

MAPPA.

Jogos innocentes.

Esta classe de jogos compete somente aos meninos de seis, até nove annos , onde a malicia não faz os seus terriveis effeitos, mas sim se lhe observa huma natural inclinação de brincar, pela condescendencia dos que se ajuntão, e cooperão para a mesma acção, em que a perda consiste apenas só no tempo, em que elles muitas vezes lucrão meia dúzia de bordoadas, pouco mais, ou menos quando se descuidão, e fazem falta a seus Pais, ou Mestres que os educação. Seja o primeiro jogo de que se falle.

A bilharda [...] A atissa [...] Pião [...] Contra [...] (p. 9-11).

AVISOS.

[...] Alfices não são pepinos (p. 16).

15

Noticias que chegão até 11 de Agosto de 1801.

A Fragata Verdade Incoberta, que dava Comboy a este Comboy de Mentiras, em que vem hum navio denominado o Paroleiro, no dia 7 de Julho na altura do cabo da ronda, deo cassa grossa, e fina (porque a trazia de sobreceleste) a dois navios, que divisou a sota vento; por presumir fossem inimigos da boa sociedade, cujo pensamento ficou desterrado, quando o Commandante da Fragata vio a seu bordo, com submissão os Capitães dos ditos navios, os quaes erão Jaossiannos, e os seus passaportes erão verdadeiros passados pela porta do Sol, debaixo das condições da neutralidade, entre as Nações alliadas, e sociáveis. Dos livros das suas cargas, pelo que nellas se continha, se tirava toda a suspeita de traição, ou engano. Carregava hum dos navios mercadorias Platonicas, e as transportava á Europa, aonde tem hum consumo consideravel. Consistião estas em duzentos e sinco fardos de volantes de furta cores, fabricados de escumas de sabão, próprios para lavar, e ornar cabeças leves, que por preguiça andão sujas [...] Temos toda a certeza da chegada dos ditos navios a salvamento, e

isto por cartas de amores, vindas por terceira pessoa. Os mesmos navios, **estão fazendo quarentena, que he o que se manda fazer a huma historia, quando tem visos de mentira; assim como esta**, que vai á presença de Vossas Mercês (p. 1-4).

Supposto o character destes Folhetos seja de mentir, com tudo nunca se falta ao que se promete; e por esta razão vejão algumas Senhoras as suas qualidades, visto que os machacazes já forão servidos no Folheto antecedente.

A mulher que falla pouco	<i>Não se deixa conhecer.</i>
A que se assusta de tudo	<i>Faz desconfiar.</i>
A que presume de esperta	<i>Ter mão nella</i>
A que por sonça não quebra hum prato	<i>Dá que entender....</i>
A que he feia e tolla	<i>Peza mais que o chumbo</i>
A que incurta a idade	<i>O tempo lha acrescenta</i>
A beata pública	<i>He doidinha no particular</i> (p. 4-6).

Continuação das quatro classes dos jogos.

Canastras.

Foi este jogo inventado pelos aprendizes dos canasteiros de Casellas, no 4º anno das testemunhas falsas, em que seus mestres por causa deste jogo lhes tem feito ver por muitas vezes o fundo da canastra; e deste mesmo jogo se tirou o termo politico de cada hum dizer no meio da sua ira, **olha que te vou ao canastro**.

Cabra céga.

Este jogo ainda que muito innocente, tem malicia, foi inventado pelos ladroes em Itaca [...] (p. 10-13).

Aqui apparecêrão dois Sonetos bem capazes de divertir o Público pelos assumptos, a que forão feitos; e quando este Folheto, que custa meio tostão, não tenha nada em prosa, que mereça o dinheiro, parece que estes dois Sonetos, valem muito bem a referida quantia, a vinte cinco réis cada hum.

Soneto á confusão de Lisboa.

Quem vio Lisboa nesse tempo antigo,/Pasma agora de a ver, quem tal dissera!/
Estalagem do Mundo a considera,/ Onde toda a mixordia tem abrigo.// Peixes, carnes,
azeites, ervas, trigo,/ Tudo n'um dia o seu consumo espera,/ O luxo, a moda, o jogo, que

a lascera,/ A conduzem de novo, a novo prigo.// Desertores de toda a qualidade,/ Gente de embustes, traças, e refolhos,/ Tornão outra Babel esta Cidade.// Letreiro ás portas põe, que dá nos olhos:/ Elixir para toda a enfermidade,/ Pós para matar pulgas, e piolhos.

Soneto á presumpção da velhice.

Homem gasta a simples mocidade,/ /Nutrido sempre de aparente gosto;/ Depois mostrando vai no baixo rosto,/ Signaes da injúria, que lhe fez a idade.// Inda rendando cultos á maldade,/ Busca o descanso por caminho opposto/ E querendo á velhice dar encosto,/ De folgasão capricha, e faz vaidade.// Dança, namora, sôlta o seu diterio,/ Derrete-se d'amor na brincadeira,/ Mostrando sobre a morte ter imperio.// Vamos a analisar tanta cegueira,/ He hum tal desertor, que ao cimiterio,/ Hum feixe de ossos deve, huma caveira (p. 15-16).

AVISO.

Sahio á luz huma nova Taboada Mercantil, obra interessante a todo o genero de Commercio, que pelo modo mais facil reduz todas as contas a dois modos, que vem a ser, multiplicar os preços, e deminuir os generos (p. 16).

16

Cartazana Larga 22 de Agosto de 1801.

Nesta populosa Cidade caxeirava hum mancebo de vinte e sinco anos [...]. Este mancebo teve seus principios de Gótica, em que seu pai gastou rios de dinheiro, na esperança de ver seu filho hum perfeito Godo, visto que já era Francez no genio, Inglez no traje, Italiano na voz, e Grego no procedimento; porém a Gôta inimiga capital daquella sciencia, a quem o mancebo tinha huma efficaz inclinação, o atacou de modo, que o impossibilitou de seguir os seus estudos. Vendo o seu Pai aquelle desmancho gotoso, consequencia de huma eterna madraçaria; huma tarde, que emprehendeo applicar o remédio á moléstia, chamou-o á sua presença, e meneando 32 vezes a cabeça o a demoestou severamente [...] (p. 1-2).

Olho vivo 23 de Agosto.

Assim como ha homens, que nas mulheres encontram a sua perdição, vendendo, comprando, e traficando para o fim de as sustentar com aquillo, com que se comprão os

melões, que faz saltar o cão, e cantar o cego, a que *os da Beira chamão chelpa, os de Italia quatrini, os de França argent, os Galegos bintens, os da antiga Roma pecunia, e eu a varinha de condão*; assim tambem ha homens, que na falta dellas, encontram mil ruinas, e prejuizos, já perdendo-lhe a lavandeira a roupa, indo-se-lhe a meia pela malha, a casaca pelo cotovelo, a camiza pela manga, o calção pelo joelho: e tal acontece aqui a hum patricio meu, que detestava tudo, o que era saia, ou pela sua muita economia, ou como lá se diz, porque *hum gato escaldado da agua fria tem medo* [...] havia três dias que tinha saído do ninho da sua terrinha [...] **às oito horas da noite, veio o costumado ajuntamento, para o divertido Jogo dos Dotes (que he hum Livro novo, que por cá sahio á luz, e jogo, que agora se usa muito, na maior parte das sociedades, pelo muito que entretém)** e chegando-se a hora do chá, perguntou o amo ao moço, se o sabia fazer, respondeo o galuxo que sim, lembrando-se dos cozimentos, que na sua terra se fazião para as constipações [...] *que diabo de mixordia deitastes na franga maldito! Ai que eu morro, dá-me huma bacia*; agora o vereis! Vomitou tres quartos de hora, e em tanta abundancia, que despejou o estomago, de toda a cólera de que estava infartado, sentindo-se logo com muitos alivios, e com a febre em despedida. Acudirão-lhe os visinhos da escada: e o criadinho sem ser Medico, ficou com o desvanecimento de livrar seu amo, por aquelle caso, de alguma funesta maligna, deixando neste successo o exemplo, que para vomitorio, nada chega a hum caldo de franga, com huma posta de peixe espada frito. Tal succeda a Vossas Mercês, em iguaes circumstancias; porque se livra de dar huma peça ao Medico, pela receita de hum só vomitorio, com duas apalpadellas de pulço (p. 4-8).

Continuação das 4 classes de jogos.

Sape na barba.

Nasceo este jogo em Cassilhas, inventado pela viuva de hum ferreiro, que estando a fregir humas sardinhas, e hum filho de sinco annos a metter-lhe a mão no prato das fritas por de traz della; a mãe com toda a vigilancia, com huma mão fregia, e com a outra dava na mão do filho, sem nunca a poder pilhar, de que o rapaz gostou tanto, que percorrendo como podia ensinou aos outros o tal joguinho [...]

Jogos adolescentes.

Esta segunda classe de jogos, he propria dos larapios, nação de donde descendem a maior parte dos moços de servir, e pretos de 10 até 20 annos, principiando estes a exercitarem-se nos taes joguinhos pelos botões da vestia, quando são de metal,

bifação de dinheiro aos pais, demasias aos amos, e sisas aos Senhores: de cujos principios, tem sahido famosos povoadores da Asia, e Africa, etc. [...] (p. 8-11).

Aqui succedeo hum caso, que contado em prosa occuparia este Folheto todo, e **por não dar tanto trabalho aos Leitores**, se resumio de tal sorte, que em verso apenas botou quatorze regras, que se lhe não pôde fazer por menos, visto que delle se fez hum SONETO.

Velho, que nunca a rir se lhe vio dente,/ De inchadas pernas, que já mal mechia,/ [...].// Cuchada velha com risonha frente,/ trombeta de catarro noite, e dia,/ [...].// Mal o dia das núpcias vem luzindo,/ Foi ella mui direita,/ elle mui sério,/ De sege á Freguezia rebolindo:// O arrieiro soffreo muito diterio,/ Porém á vinda a porta errar fingindo,/ Pregou co'santo par no cimiterio (p. 14).

17

Continuação das quatro classes dos jogos.

Pedrada.

Jogo guerreiro, porém com sua nota, inventado pelos dois irmãos, Romulo, e Remo em Val de Colheira 43 annos antes do roubo das Sabinas [...]

Chinquilho.

Foi este jogo inventado pelos Cabazeiros da Costa, e Trafarianos, para se entreterem em quanto esperão que se recolhão os pescadores, para lhe atravessarem o peixe em prejuízo dos habitantes de Lisboa, entretenimento este, que faz dar muito gasto aos vinhos da Outra Banda [...]

Malha.

Foi este jogo huma invenção dos Salvagens da Sicilia, nas faldas do Monte Visuvio, no anno, em que morreo o gigante Polifemo [...]

Jogos imprudentes.

Esta terceira classe de jogos, he muito propria de homens, que se dão á boa vida, e que estabelecem o seu capital no gatunismo, pesquisando sitios, aonde appareção alguns **innocentes, ou patos**, que paguem hum só, a quem facilitão no jogo, os primeiros ganhos, para depois lhe cahirem na rede, até lhe ganharem as orelhas, e senão diga-o eu que já fui alveitar [...]

Banca.

Este jogo sempre foi de muita subtileza, inventado pelos Marceneiros da Grecia no anno de 44 da morte de Sollon. Pegou de tal sorte este divertimento, que tem tirado muito homem fóra de si, deixando por hum dia de jogo de Banca, as cousas mais importantes da ordem da sua vida. Tem-se descoberto neste jogo, que elle deverte a fome; porque com o sentido no interesse ficão muitos sem jantar, nem ceia. Tambem se lhe descobre, que espalha o somno; porque pelo mesmo motivo, perdem muitos a noite com o olho muito vivo para a cartada: tem produzido alguns feiticeiros, que advinhão a carta que ha de sahir: he a ruina de todos os teimosos, porque perdem a primeira, e a segunda, e teimão na terceira, e na quarta, em que se depenão, largando quanto levão, perdendo o dinheiro, o brio, a honra, o seu, e o alheio, até ficarem citados para bestas (p. 7-11).

18

Falla do Editor 6 de Setembro de 1801.

Senhor Mundo, Vossa Mercê, Vossa Senhoria, ou Vossa Excellencia, quem quer que seja, com quem eu falle: Dou-lhe a saber que com felicidade estou já quasi quasi desobrigado da promessa, que lhe fiz, porque apenas me faltão seis Folhetos para preencher o número, que delles prometi aos meus benignos curiosos, e discretos assignantes; igualmente o devo fazer sabedor dos debates, que tenho tido com gente de orelha grande, que disputão sem alma, nem consciencia sobre alguma frioleira, que nos meus Folhetos encontrão, como se cada hum dos ditos, não tivesse sempre comsigo o **valor de meio tostão, em algum pensamento agudo, exposto em prosa, ou em verso**. Escreve o Letrado sinco e seis cadernos de papel, leva dez moedas pelas razões, e ás vezes perde a demanda, cujos autos apenas vão por longos annos compôr a estante do Escrivão. Ora diga-me de que serve aquelle papel, e aquella escrita? Escreve o namorado na roda do anno sincoenta cartas de amores á esquiva dama, e vai pagallas, se he bolonio , ao seu mentor muitas vezes a 480 réis cada huma, se he que não leva de encontro tambem adiantado pela prosa, que tem, algum calote; e no fim desta lida ella casa com outro, e elle fica de queixo cahido, e amaldiçoando o tempo , em que andou na rede. Ora diga-me agora de que servio tanta carta, e tanta despeza? calcule, e veja **qual val mais**, se o que fica exposto, **se hum Folheto dos meus por meio tostão**, nos quaes em muitas paginas se achão **verdades puras**, Poesias, que deleitão, e Maximas, que instruem. Não digo que esta Obra seja do primeiro lote, mas sim que entre as inferiores

tem hum lugar mais distincto. Cançado estou já de rebater criticas, feitas por pessoas, que fallão só por ouvir dizer; porque de ordinario quem moteja esta Obra, são os que não a lem. A estes máos paladares devo lembrar, que tecer hum Folheto destes cada semana por quatro annos, sem que se encontrem huns com os outros, he muito difficultoso; e o que mais me põe a cobertor de todas as satiras são as imensas frioleiras, que se encontrão em livros Francezes desta natureza, *Contes arire ; le Remede preservatif contre les Trifles; ELITE De Bons Mots; Manajiana, etc.* nos quaes livros se torpeça com semsaborias aos montes, e depois de quarenta paginas, he que apparece huma lembrança com algum geito. Apesar disto estes livros são celebrados, e tidos ainda em Portugal por muito divertidos; porém nada disto me admira, porque eu vejo nos Theatros públicos, acabada a Comedia, baterem-se muito as palmas, e incansavelmente, só porque venha á scena alguma das figuras fazer huma visagem, e achão nisto, todo o gosto: a moralidade da obra escapa dos ouvidos de parte do auditorio, e só se fica louvando muitas vezes hum piparote, que o gracioso deo no bastidor. Estes, e outros genios estragados são o flagello da minha Obra, e de outras muitas; de sorte que receia a gente sahir a público, porque já falta a paciencia para os soffrer. Diz hum, *olhem com que cá vem! esta historia (ou esta petta) já eu ouvi ha dez annos*; e não se lembra quando tal diz, que os que nascêrão depois ainda querem ouvir alguma cousa. Diz outro, *já estou enfastiado de ouvir petas deste homem*, sem se recordar, que mais val ver, e ouvir as que eu escrevo, que aturar as que elle prega, e muitas vezes na minha bolsa (que essa he a desgraça.) A proposito me lembra por estes individuos insensatos, hum, com quem me enganei, quando com elle principiei amizade. Affectava de sabio, e com este character me entrou em casa. Huma vez vendo a minha livraria me disse: *Ora vossê ha de me emprestar bum livro para ler ás noites [...]* Então lhe dei os dois livros; e soube que nessa tarde se forão vender a hum alfarrabio cégo, onde casualmente os encontrei, e os resgatei. Appareceo-me no outro dia o mesmo Advogado dos desabusos, e disse-me: *Ora ontem fui á Opera a Rua dos Condes, de que gostei muito.* Perguntei-lhe que obra se tinha representado? Respondeo-me muito sério: *He huma, que tem no fim o Entremez da Beata. Ó homem!* lhe disse eu, *que tem lá o Entremez com a Comedia?* Torna elle a dizer-me: *He huma chamada o Sabio... o Sabio... elle não he de Hespanha, nem de Londres, nem da Russia, he... já me lembra, o Sabio de Caconda.* Repliquei-lhe: *de Caconda! isso he o Sabio de Babylonia. E que enredo tinha?* Respondeo o tal fulano: *eu não tomei sentido no enredo, mas he muito bonita [...]* Entao he que ergui as mãos ao Ceo por ver neste Tافل o simbolo da

innocencia. Não cuidem Vossas Mercês, que era algum pedante, porque também traz citoié, pantalona, chapéo redondo, e argumenta em toda a parte em tudo, que não entende, mettendo-se em restia. Estes são os papelões, de que os prudentes se achão cercados a cada passo. Depois que o Mundo deo em se mexer tanto, com medo de se esturrar, estragárão-se os genios, mudou tudo de face, e a vaidade metteo-se tanto pelas sciencias, que as poz a pedir huma esmola; causada esta ruina pelas tres razões, que aponta hum livro critico, que há pouco sahio á luz intitulado *Crates Mallotes*¹⁸, em que o seu Author com bastante singeleza, e verdade faz ver, o quanto a mocidade d'agora foge aos princípios Moraes, e seguros para o bom comportamento do homem. Se os meus Ópios, que se imprimirão ha doze annos fossem posteriores a este novo livro, eu me desvaneceria muito de me dizerem, que para os fazer, eu delle me tinha aproveitado. Hum livro tal, he que por certo se deve dar, a quem pede hum livro de desabusar a gente; e praza a Deos, que os Pais de familias lhe dessem a extracção, que merece. Finalmente se os meus antagonistas me perseguem, para ver se me desgostão, baldão o seu tempo; pois como os sabios me louvão, e só os pedantes me criticão, vou para a parte da sombra, e deixo a do Sol entregue ao seu costumado frenesim, causado pela emulação, com a qual se fazem verdugos de si mesmos; e he quanto baste para ficar vingado, que os prudentes, a quem respeito, e que me estimão, me dizem que nos Sonetos infamatórios, que os meus zoilos me tecem, quando cuidão que me retratão, insensivelmente a si se pintão. Ora eu, que sou muito amante da paz de espirito, rogo-lhes, que se não cansem com satiras; antes se acharem alguma **peta mais dura**, a botem de molho, para ficar mais tenra, que **eu fico pedindo ao Ceo, que lhe achem tanta graça como eu acho aos sincoenta réis, que recebo por cada Folheto** (p. 1-6).

Come em vão 10 de Setembro.

He huma grande prenda fazer versos; mas porque vexames não passa quem o faz! Desgraçada vida! **Quantos Poetas ha, que de boamente trocarião a sua sorte pela do seu çapateiro**, inda que vivessem em prosa toda a sua vida! Fazer humas chinellas, armar huma cómmoda, polir huma espingarda, talhar huma casaca, fazer huma tocha, pentear huma cabeleira, fundir huns tinteiros, lavrar hum pente, fazer huma barba, lustrar hum chapeo, até mesmo fazer albardas, tudo isto val mais na presente era, que huma Tragedia em verso solto, e que hum Poema em verso rimado. Todas as obras

¹⁸ *Crates Mallotes ou Critica Dialogistica dos Grammaticos Defunctos Contra a Pedantaria do Tempo*. Escrita por Guliver. Lisboa: Na Offic. de João Procopio Correa da Silva, 1800.

acima ditas admitem molhadura, e ás vezes preço alto no seu custo; porém versos apenas tem huma palmada nas ancas, quando a sorte não dá de rosto; porque então he o fructo do trabalho huma luneta assestada, e hum focinho torcido, como quem diz *não gostei*. Ainda se admira outra circumstancia, que nas obras já nomeadas só mettem dente os do mesmo officio, cada hum na sua classe; porém em versos todos mettem a mão, compõe, e descompõe, louvão, e desacreditão; e muitos como o cégo, que na opera ri, porque ouve rir. Não succederia assim se esta Arte tivesse Juiz de Officio, que condemnasse o pedante, e premiasse o discreto (p. 6-7).

19

Zigue zague 9 de Outubro.

Ha meninos por esse Mundo velho, que mais lhes valia não nascerem. He possivel que o dinheiro traga tão apoquentado o animo dos homens, que os faça comer mal, e passar mal com o seu mesmo dinheiro? He possível que hum homem rico durma no chão por não comprar huma barra? Que não mande vir a lavadeira, senão de tres em tres mezes? Que em quanto achar atum, e sardinhas, não ponha a boca em herozes, nem em pescada? Que em quanto morar defronte de algum nicho, que tenha alenterna, não acenda candieiro em sua casa? [...] Pouco admira, que sejam tão ladinos os homens mesquinhos, porque a sua mesma avareza lhes traz á memoria todas as idéas, e prevenções para lograrem os outros, e nunca serem logrados (p. 4-5).

Continuação das quatro Classes de Jogos.

[...] Laranjinha.

Jogo inventado pelos estudantes antigos, não se lhe sabe a era, porém he certo que com elle se entretinhão no tempo das ferias, quando hião de Coimbra para casa de seus pais. [...]

Damas.

Este jogo foi inventado em Pekim pelo Cadi Vanzik no anno, em que passarão á Europa as laranjas da China; descobre-se-lhe a virtude de ser hum jogo, que abre muito a vontade de comer (p. 7-9).

Maximas do Piloto da Barra, Neto do Velho do Romulares.

Quem da agua ardente se toma,/ Fica de todo perdido,/ Arrastado, e desvalido,/ Perde o brio, honra, e conceito,/ Morre com o bofe desfeito,/ Não de velho (p. 11).

20

Espalha ventos 28 de Outubro de 1801.

[...] huma menina destas, que fazem meia á janella, esmerando-se na cantoria, para quem passa lhe gabar a garganta. (Mas eu assim como sou capaz de ser Pai, se fosse Mãe, e filha minha cantasse da janella abaixo, por cada trinado, havia de ter hum horroroso caxação: nosso Senhor me perdoe se ainda não digo tudo, o que huma destas merece.) (p. 2).

Mata-brava 30 de Outubro.

Mal hajão as desconfianças, e os genios ciosos, que tem sido a causa de tantas desordens: ninguém está seguro, nem na sua mesma casa: debaixo dos pés, se levantão os trabalhos; he forte cousa! Ora vejão Vossas Mercês, por causa de hum **ciúme**, o que succedeo a hum çapateiro desta Villa. Eu bem vejo que os homens sendo ciosos, nunca se póde viver bem com elles; porém quasi sempre as mulheres tem a culpa deste sestro; porque, ou dão causa, ou pelo seu genio forte fazem lembrar, o que não lembra, e botar veneno, naquillo mesmo que não o devia ter. Eu vou a contar fielmente o labyrintho, em que se achou a casa deste pobre homem, o vexame em que elle se vio, e o que soffreo á idra de sua mulher, que se chama Brazilia Godinha. Para se contar melhor este caso, temos Poesia, e temos Prosa; porém ainda, que mais difficultoso, achei por melhor contállo em verso, e **Vossas Mercês dirão no fim da obra, se tive boa eleição, e se ficou bem desempenhado.**

Eu canto huma varôa çapateira,/ Que empunhando na mão bucho cingêlo,/ Temeraria metteu, e delampeira,/ Hum Author de çapatos n'hum chinelo./ A Musa de obra grossa chocharreira¹⁹,/ Ao miolo me chegue, nunca ao pelo;/ Receba esta buchatica harmonia,/ O Numen Tutellar da Padaria (p. 4-5).

ANECDOTAS.

[...] Havendo na Cidade de Lisboa dois irmãos, muito parecidos hum com o outro, e que se vestião ambos da mesma côr, de sorte que não fazião differença alguma;

¹⁹ Na 2ª edição: «chocarreira».

houve hum sujeito da sua amisade, que encontrando-os na rua, sem lhes dizer palavra, se pôz a cheirallos pelos braços, ao que elles disserão, *que exhibição he essa?* respondeo-lhe o amigo, *he que como vosses são duas galhetas irmãs, queria conhecer pelo cheiro qual era a do azeite, qual a do vinagre* (p. 13).

AVISOS.

[...] *Charlon Manixe Ramalho*, hum dos mais famigerados inventores de cousas uteis para a economia da vida, de novo se apresenta nesta Cidade, onde faz ver por hum deminuto preço huma invenção sua, para com muita facilidade se poderem conservar de reserva, gargalhadas de riso, que muita gente dá fora de tempo, para se poderem aproveitar, quando forem precisas, sem que entre nellas alguma corrupção. Quem lhe quizer fallar faça-se práctico, que elle não he de quimeras (p. 16).

*Adivinhação*²⁰.

[...] A todos faço chorar.

Quem pasmar desta adivinhação, ponha huma cebola diante de si (p. 16).

21

Fofice 1º de Novembro de 1801.

Não ha cousa, que mais occupe os cuidados do homem infatuado, do que a vaidade da fidalguia; e quanto de mais pequena descendencia vem qualquer individuo, tanto maiores fumos concebe desta mania. Conhecido este vicio, ha homens de certa classe, que espreitando a balda dos outros, os vão levando por ellas, até ao ultimo ponto; e há materiaes que dão tudo quanto tem ás sanguixugas, que os procurão, para viverem de tolã á custa das mesmas baldas, como por exemplo, huma *Senhoria* diante de muita gente; hum *bem conheci seu Pai, na nossa terra não o havia mais fidalgo* [...] Eis-aqui o que succede mais, ou menos, **a quem se não contém nos seus limites**. A pressa, com que muita gente quer ser rica, e nobre, he que faz estes revezes. **Quem funileiro for, funileiro seja e deixe o resto do mundo aos outros**, que o homem, que quer ser tudo, em cinco minutos se lhe mostra, que não he nada; porque assim como ha Genealogicos astuciosos, ha Astrologos infernaes, que dão desgraças todo o anno, e fazem ás vezes na

²⁰ Na 2ª edição: «Adivinhação».

cara da gente hum reportorio das passadas, e futuras, que he huma feira da ladra, pondo os trapinhos ao Sol (p. 1-5).

Continuação das quatro Classes de jogos.

[...] *Jogo dos Dotes.*

Composto pelo Edictor do Almocreve das Petas, no anno, em que entrou em Lisboa o primeiro Comboy de Mentiras, o qual jogo ainda padece suas dúvidas na intelligencia de algumas pessoas; porém o seu Author como sabe quaes ellas são, as tem posto mais claras, na loja da Gazeta, a fim de que se não jogue errado, e lá mesmo podem recorrer as pessoas, que se quizerem certificar, que gratuitamente se lhes decide a dúvida, que tiverem (p. 6).

A vós Leitor que tendes advinhado, e posto a claro quantos Enigmas trouxe a esta Corte o meu Almocreve de Petas, e inda alguns destes Comboys; a vós he que se offerecem os seguintes vinte Enigmas com huma Decima no fim, que os descobre a todos, ainda que com algum trabalho, que nisso he que está o divertimento, porque todas as palavras que a Decima tem em grifo, são as significações dos referidos Enigmas. O segredo está em saber dar a cada Enigma a sua significação propria, e como aqui vão todos juntos, e a Decima os explica, lá tomarei ao vosso cuidado, fazer-lhe a combinação (p. 6-7).

Vinte Enigmas curiosos [...] (p. 7-11).

Explicação dos vinte Enigmas na seguinte Decima.
Muleta, Barba, Pepino,/ Pezo, óculos, A. B. C,/ Ponte, Penna, Pente, Pé,/ Condeça, e o
mais que imagino,/ Por hum Porco vos ensino,/ Onde os segredos estão;/ Luz, Tabaco,
Escuridão,/ Espingarda, Língua, Trigo,/ Vinho, e papel, nisto digo,/ Quaes os vinte
Enigmas são (p. 11).

Tem-se augmentado consideravelmente a lista das materialidades, em que algumas Senhoras cahem quando fallão, e principia deste modo.

Ouvindo huma Senhora dizer a hum sujeito, que elle era hum Ente muito capaz de desempenhar todas aquellas cousas, que cabião nos limites do homem, gostou tanto a Senhora da palavra = Ente = que mostrando-se-lhe hum bordado de huma Menina de treze annos, e negando-se-lhe, que ella o podesse fazer assim, respondeo = *Porque? eu não sou huma* = Enta = *capaz de desempenhar tudo o que cabe nos limites de huma mulher.*

Outra, tratando-se de frutas, respondeo, que todas as frutas erão boas, mas que para o seu gosto não havia nada como as maçãs baunetas. Outra mostrando o estrago, em que estava o seu estomago, disse, que nada de comer se lhe conservava; que havia dia, em que só passava com duas colheres de chita escaiola, depois he que se soube que erão duas colheres de doce chilacaiota.

Outra lamentando com as suas amigas, ser hum poço de molestias, disse: *Não ha desgraça como a minha, pois além da fisga, que tenho neste olho, veio-me agora huma verruma ao tornozelo do braço esquerdo, que me dá bem cuidado.* Outra, conversando-se em enfermidades, escandalizada, de seu Pai lhe morrer, sem lhe concederem que bebesse hum cópo de agua, quando estava com huma ardente febre, respondeo muito espevitada, que os Medicos de algum dia erão huns materiaes, que hoje a Mathematica, e a Prosodia estavam tão apuradas, que tinham feito com que os Medicos modernos dessem já agua nas malinas aos enfermos (p. 11-12).

Ultimas Maximas do Piloto da Barra, Neto do Velho do Romulares.

Traja á Turca, traja á Goda,/ Mulher do tempo presente,/ Até julga lhe he decente,/ D'homem mostrar a figura,/ Que a feia desenvoltura/ Tira o pejo.// [...] Tenha cautela c'o Mundo,/ Quem for de familias Pai,/ Vigie o filho onde vai,/ Tenha as filhas recatadas,/ Se as vir muito namoradas/ Toque a fogo (p. 13).

AVISO.

Sahio á luz *Arte de fallar Portuguez por espaço de duas horas sem se entender palavra*, segundo o affectado modernismo: o mais fica para a vista (p. 16).

***22 ***

Por noticias de Constantinopla, **se sabe com toda a certeza, se não for mentira**, que os captivos daquele Reino se fintarão para fazerem hum rico presente ao Grão Senhor, a fim de lhes moderar o rigor do captiveiro, em que se achavão. Elles fizeram suas conferencias, nas quaes por superioridade de votos, resolvêrão offerter huma alampada para o Templo de Meca de extraordinaria grandeza, toda de prata guarnecida de pedras preciosas; porém de tal circunferencia, que posta no Templo, os Menistros delle para a accenderem, ou aticarem, lhes he preciso despirem-se, e deitarem-se a nado no azeite para chegarem á luz (p. 11-12).

Á tafularia do Reino Petista.

SONETO.

Quem diz do tempo de hoje, raios mil,/ Por quebrar o negocio, e ouvir gemer,/ Por ver calotes, muita usura ver,/ He hum tollo, hum perverso, e até hum vil:// Muita gente por calculo subtil,/ Não vemos, sem ter nada, hoje viver?/ Não vemos tanto os generos crescer?/ Era melhor o tempo do seitel?// Não vão os Pais nas quintas funções dar?/ As filhas não mudarão já de tom?/ Não sabe hum çapateiro bem trajar?// Não ha **mil Senhorias, tanto Dom,**/ *Traquitanas, jaquez, luxo a fartar?*/ Digão lá que este tempo não he bom? (p. 12).

AVISOS.

[...] Aqui appareceo hum homem galantissimo na sua conversação, pelo bordão que tem, em tudo quanto conta, pois apenas principia huma historia introduz pelo meio della o bordão seguinte: *Tem para o mar, tem para a terra, vento em popa, maré de rosas, deixemos caçar a foroa, o que he nosso á mão nos ha de vir, estamos despachados, tudo mais juntamente, da mesma sorte, cousa nenhuma, nem nada, tal sim Senhor, e cousa que o valha.* E he de tal sorte injoativo nesta repetição, que em elle começando com ella, já os amigos no meio da historia vão dar seu pãcio²¹ até elle acabar o bordão (p. 15).

Esta obra do Comboy de Mentiras fica-se vendendo sempre na loja da Gazeta tanto em Folhetos avulsos como em colecção inteira, assim como o Almocreve de Petas do mesmo Author, e igualmente dois Livros das suas Rimas, e outro intitulado Theatro Comico de pequenas peças jocosas, e hum Livro do Jogo dos Dotes, em que se tirão lindas sortes em verso com hum Folheto do Espelho de Jogadores, &c. (p. 16).

23

Linguiça fresca 2 de Dezembro de 1801.

Se bem soubesse o damno, que causa quem tem má lingua, por certo que mudaria de comportamento; que ha bocas tão damnadas, que enredão familias, maculão honras, e dispõe a gente até para a perdição da vida. Ha huma certa classe de gentinha de porta de rua, que não lhe dem outro officio, mais do que badelar com a tramella, pene quem penar no credito; a filha da vizinha vem á balha, já porque veste bem, já porque

²¹ Na 2ª edição: «passeio».

olha muito para fulano, já porque a mãe descende desta, e daquela, já porque o pai he hum jangodes: lá empenhão, lá venderão, lá se lhe fez pinhora; e guarde Vossa Mercê segredo disto tudo: segredo este, que assim mesmo se conta pelas tendas do bairro, e pela rua toda de alto abaixo; porém sempre no fim deste aransel, o remate he: guarde Vossa Mercê segredo disto tudo [...] Entre esta ordem de gente, entrão vendedeiras, e vendilhoas, que andão pelas casas, e também comadres pobres, que para que as socorrão de melhor vontade, descortinão pela mistica o feito, e o por fazer das casas onde tem entrada; porém ellas não tem tanta culpa no meu conceito, como tem quem lhes dá ouvidos; e o mais lhe que também ha homens com este mesmo sestro (p. 1-3).

He admiravel a Glosa de huma Decima que já sahio nos Folhetos antecedentes glosada por outro modo; porém agora huma menina de vinte annos, benza-aDeos! que tanto tem de feia, como tem de discreta, desejando ao menos ser enteada de Apóllo, pegou na penna, e glosou a mesma Decima pelo modo seguinte, que tem muito valor, principalmente por ser obra de huma Senhora, que vaidosa de ser Authora, me mandou de mimo meia duzia de queijadas, em agradecimento de lhe fazer publica a sua producção (p. 4).

Alhada 6 de Dezembro.

O certo he, que os tolos fazem tolos os que vivem com eles.[...] Havia nesta Villa huma pobre mulher, pobre de dinheiro, e de juízo, que estimando muito a seu marido, e vendo-o metido em huma ardente febre [...] catou logo de lhe chamar o Medico [...] Tornou-lhe a mulher, *Pois Senhor Doutor, não lhe hei de fazer nada?* E tão exesperado se vio o Medico pela impertinente enfermeira, que lhe respondeo já meio infadado, *Mulher, faze um caldo, d'alho.* Ficou a mulher mais contente [...] pegou em seis cabeças de alhos, machucou-as no almofariz, e pondo-as ao lume a ferver, tirou dellas hum caldo, que só cheirallo faria fastio a quem estivesse são [...] Elle coutado ao principio lá recusava; porém como ella lhe certificava que era receita do Medico, conformou-se e meteu aquella mixordia no bandulho. Logo depois cresceo a febre, e as ancias em toda aquella noite o fizerão ir para a eternidade. Veio o Medico no outro dia [...] e a mulher em gritos clamando contra o pobre Medico [...] *Senhor Doutor, que Diabo de receita foi a sua, que apenas fiz o que me disse logo o meu marido se pôz ás portas da morte?* Defendia-se o Doutor dizendo: *Eu mulher não te mandei fazer mais do que hum caldo simplesmente, e que lho desses.* A mulher incitada, perguntou-lhe:

Pois Vossa Mercê não me disse que fizesse um caldo d'alho? Não mulher, lhe respondeo o Medico, eu o que dizia era que fizesses hum caldo, e lho desses, e disseo por estas palavras, = mulher faze hum caldo, d'alho. Aqui a mulher dobrando-se-lhe a paixão em altos berreiros clamava contra a sua tolice, e materialidade [...]. Inda agora o Medico se benze de semelhante engano (p. 10-12).

SONETO.

Ausente de teus olhos triste morro.

GLOSA.

Meu bem, longe de ti tenho catarro,/ Pois quando por ti choro, sempre espirro,/ E se nesta tristeza ausente embirro,/ Nas cavernas da morte cégo esbarro [...] (p. 13).

24

Aguas vivas 29 de Dezembro de 1801.

Do Reino Petista sahio em nove de Janeiro de mil oitocentos e hum a Náo Cruja de trezentas peças, em que hia embarcado o Senhor *Piparote Fundão*, encarregado de hum negocio de costa acima á Corte das mentiras, o qual era saber, se se achava nella hum homem, que se atrevesse a confessar a verdade, que estava em artigos de morte. [...] e começou a fazer viagem para Oeste, e de lá para o Norte, até que no dia vinte, chegou á Corte das Mentiras, e de lá se encaminhou para Portugal, trazendo debaixo do seu commando hum grande Comboy dellas, que na Cidade de Lisboa cada dia se vão descarregando em grandes fardos para surtimento das lojas de café, Casas de pasto, Caes da pedra, Passeio público, e outros muitos lugares; que sem ellas não são nada (p. 1-4).

Zeriguitá de Val de Tombos 18 de Dezembro.

Nesta Cidade acaba de se ver hum acontecimento tragico, que talvez em lugar de compaixão provoque a riso, que ordinariamente as desgraças de gente tola desafião mais as gargalhadas, que as lagrimas; foi o caso [...].

Aqui appareceo huma dissertação feita por hum homem de talentos, na qual descobre a origem do luxo, que presentemente se vê neste Reino Petista [...] Logo todas as meninas do presente seculo entrarão com emulação invejosas dos novos atavios, a adoptar os mesmos enfeites, como se para serem bellas não bastasse a natureza sem tanta arte. Foi então que os Pais, irmãos, e maridos sentirão a maior ruina; porque se

estão fazendo de fel, e vinagre para apromptarem os ganduxos das ridiculas modas, que tanto desnaturalizão o Mundo da sua ordem, e o põe na decadencia, em que o vemos. Dizem elles: Não bastava a debilidade, em que nos achamos pela carestia de tudo? [...] Não bastava a chusma de calotes, com que nos devoramos huns aos outros? Não bastava a immensidade de Casas de pasto, que cada dia nos levão mais do que grangeamos cada semana? Não bastava o invento do café, e licores, a que toda a tafularia está sujeita? Não bastava o preceito do compromisso de ter casa, e quinta fora da terra apenas aponta o verão? Não bastava a maldição das rifas, a que por nossos peccados não faltamos, sem que as leve quem nellas entra? [...] Não bastava o excesso, a que chegarão as seges de aluguel, que cada dia de função vai a família nellas pezada a ouro? Não bastava a falsificação, em que se acha tudo quanto se compra? [...] Finalmente não bastavam as calamidades do tempo, era preciso que nossas esposas, nossas filhas, e irmãs, augmentassem os nossos flagelos com os inventos diarios das suas negregadas modas, sem discorrerem que o Capellista, o Ourives, o Mercador, e a Estrangeira, todos estes de sustentão de quem muitas vezes não tem para si? Assim declamão os miseraveis homens desta era oprimidos do jogo da tafularia. Porém assim, como tal vida, tal morte; assim taes vicios, taes castigos; terremotos, sêccas, e epidemias, não são só estes os instrumentos, de que o Ceo se serve para abater a altivez do Mundo, insensivelmente com estes damnos, apoquentas as creaturas, a ver se assim trilhão a estrada da razão; porque na verdade se não pode viver em hum Mundo, onde a mocidade vive á redea solta; onde a velhice se faz cada vez mais tola; onde os homens nadão em terra para os seus interesses, dando com os cotovellos para trás nos outros homens, perca-se quem se perder; e onde as mulheres com o desembaraço de homem, tração os fatinhos, e correm a Cidade toda, como o Diabo com botas.

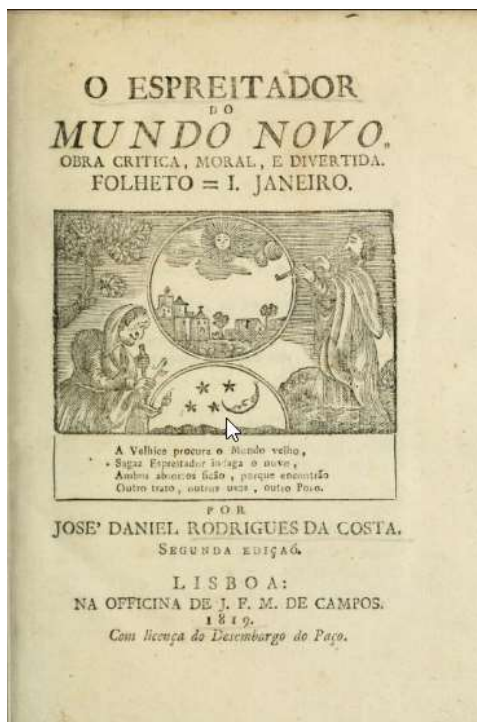
Dêrão fim os Comboys neste ultimo Folheto; e quizesse o Ceo que dessem fim as mentiras, que he tinha, que fica pegada por muita gente (p. 4-11).

O Edictor desta Obra lembra a todas as pessoas curiosas, que já se lhe fez saber que para o ano de 1802 hão de sahir outros Folhetos bastantemente divertidos, intitulados = O Espreitador do Mundo Novo = E porque os gastos de papel, e imprensa chegão a duzentos e sincoenta mil réis, que tanto importou a impressão deste Comboy; roga o Edictor a quem houver de fazer a sua assignatura, pelos mesmos dez tostões, que a faça em todo este mez de Dezembro, para a referida Obra se poder apromptar a tempo,

que he de quatro folhas de papel cada Folheto, e hum cada mez. Na loja da Gazeta se acceitão estas assignaturas, &c²² (p. 16).

²² Na 2ª edição: «Vende-se esta Obra a 1\$200 em broch. nas Lojas seguintes: Na de Viuva Bretrand, e Filhos ao Chiado, junto á Igreja de N. S. dos Martyres, N. 45: Na de Francisco Xavier de Carvalho ao Chiado defronte da rua de S. Francisco: Na de João Henriques na rua Augusta, N. 1: Na de Antonio Manoel Polycarpo na Arcada do Senado: Na de Desiderio Marques Leão ao Calhariz, N. 12: Na de Antonio Pedro Lopes na rua Aurea junto á da Gazeta: na de Leal em Alcantara: e em Belém na de Capella de José Tiburcio. Nas mesmas Lojas se acha á venda o Almocreve de Petas, 3 vol. em 4.º: o Espreitador do Mundo novo 1 vol. em 4.º 1\$200 em broch.» (p. 12).

3. O ESPREITADOR DO MUNDO NOVO (excertos)²³



O ESPREITADOR

DO

MUNDO NOVO.

OBRA CRÍTICA, MORAL, E DIVERTIDA.

FOLHETO = I. JANEIRO.

A Velhice procura o Mundo velho,

Sagaz Espreitor indaga o novo,

Ambos absorcos ficão porque encontrão,

Outro trato, outros usos, outro Povo.

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

SEGUNDA EDIÇÃO.

LISBOA:

NA OFFICINA DE J. F. M. DE CAMPOS.

1819.

Com licença do Desembargo do Paço.

²³ Os excertos publicados são da 2ª edição, salvo indicação em contrário. Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

Quid verum, atque decens, turo & rogo, & omnis in hoc sum/ Condo, & compono, que mox depromere possim.

Horat. Epist. I. L. I. v. 11 e 12.

Cuido em ser verdadeiro, em ser decente,/ Pergunto, vejo, observo, e tudo guardo:/ Reflexiono depois, de nada abuso,/ E de quanto indaguei, faço bom uso.

FOLHETO = 1. JANEIRO.

AO LEITOR.

Eu não trato de prometter nestes Folhetos cousas grandes, porque **os meus talentos são pequenos**; e não quero que me digão, que promettendo muito, não dou nada. **O que asseguro he não escandalisar os ouvidos dos Leitores, seja Homem, ou Senhora**, porque os hei de fazer confessar, que **he verdade, o que digo, e que pinto ao natural**, o que se está vendo; além de servir de lição para que os dois séxos se acautelem de tratantes, vindo por todos os lados esta Obra a ser util. Nella **envolverei com o sério a juvenalidade, que huma critica tal poder admittir, reprehendendo os vícios**, e dando hum refrigerio aos genios melancólicos.

Nestes termos, meu curioso Leitor, esta composição, que ponho na tua respeitavel presença, ou julgando-te prudente, ou sabio, ou critico, e desarrasoado, vai ornada de sentimentos moraes que servem de alicerce a este edificio. E **se muitos me chamarem prégador importuno, lembrem-se, que a verdade, e a moral, devem-se estimar, como se estima o Sol, que não enjôa por apparecer todos os dias**. E muito embora me tenham por hum impertinente indagador dos costumes, que a generalidade com que fallo, não deixa lugar para que pessoa alguma se offenda. Eu não fallo de todas, fallo de muitas, e não conheço huma só, que podesse apontar, quando isso me fosse licito. Pelos effeitos he que estou convencido, que os bons costumes se prevertêrão. Quando fallo de muitos homens, igualmente ouço queixarem-se outros tantos, e pela mesma fraze com que eu fallo.

[...] Se fosse possível, que os nossos antigos resuscitassem, elles se cobririão de pejo, logo que vissem os seus descendentes envolvidos nos **rediculos trages d'agora**, nos desenvoltos comportamentos de ambos os séxos, nas desenfreadas creações da mocidade, nas faltas de palavra do tempo presente, na pouca lisura dos negocios, nos

estragadores debóches, nas boas feições das sociedades, e nas sem-ceremonias, com que hoje se tratão ainda aquellas mesmas cousas, que merecem o maior respeito.

A pezar de confusão, em que o Mundo se acha, não ha hum só facto certo nos que aqui se pintão, **o fim he meramente corrigir os vicios**, que a cada passo podem apparecer, não só vistos por este Espreitor, mas por outros muitos, em todos os Reinos, de que se compõe o Mundo.

Os homens são os que praticão os vicios, e a reprehensão delles com mais, ou menos geito, mais séria, ou mais jovial, não póde assentar bem sem se fazer menção delles.

Por este motivo fica bem entendido, que **não he da minha intenção, como já disse, atacar pessoa alguma**; porque no meu *Almocreve de Petas*, nos meus *Ópios*, no meu *Comboy de Mentiras*, no meu *Espelho de Jogadores*, e em todas as minhas *Obras* cuido muito em guardar esta mesma decencia, e **Deos sabe se nestes mesmo vicios, que pinto, e reprehendo, a mim mesmo me reprehendo, e pinto!**

Para o fim que me proponho, tratando o benigno Público, a quem vivo obrigado, com o respeito, que lhe he devido, ponho em huma Praça um *Espreitor*, e em outros muitos lugares; e que bellissimos assumptos elle não acha, para admirar, e corrigir!

Ora pois, ao Author não se nega o geito para a crítica, os Leitores mostram curiosidade, ahi vai a Obra (p. 5-9).

O ESPREITADOR NA PRAÇA.

He nesta mesma Praça, que se estão vendo dois homens, hum delles muito afflicto pedindo certa quantia sobre humas casas, e quinta, para remir o vexame de huma letra, que hum maganão de boa fé, e palavra de honra fantastica sacou sobre elle. Então o valedor do conflicto, valendo-se tambem daquella aberta para a sua usura, teima em querer pelo seu juro cincoenta por cento, com todas as apparencias de fineza, que lhe faz, e até lhe diz que se demore hum instante para ultimar o negocio, porque está sem Missa, que tocão a ella, e que não a quer perder. Mascarada devoção! que não se lembra que o usurario nunca come na sua meza outra cousa, que não seja as lagrimas dos infelices, sendo estes os homens que fazem a ruina dos outros homens: o pródigo, e o usurario podem dar as mãos (p. 12).

[...] He nesta mesma Praça, que apparecem a hum canto tres monopolistas, conversando cheios de alegrias nos lucros, que tirarão do monopolio que fizerão de trigo, arroz e azeite; no qual ganhão quantidade de mil cruzados; hum delles se gaba, que fizera com os lucros huma preciosa propriedade de casas; o outro, que comprara

hum Navio, que lhe está agora a chegar com huma carregação de generos, com que ha de fazer fome ao povo, e ser senhor do dinheiro, que cada hum ganha. As risadas são immensas, alli se ajustão e dão as mãos para a continuação do monopolio, mas nesta confusão de alegria, ouve-se huma peça na Barra, e ao mesmo tempo tocar a fogo. Não he nada, chega a noticia de dois desastres, hum he que está ardendo pelo descuido de huma criada, a propriedade do Negociante Fulano; o outro he, que está hum Navio perdido na Barra a pedir socorro [...] He então que os monopolistas mudão de côr, e o povo falla como lhe parece, vendo toda aquella ambição, parte dando nos cachopos, parte ardendo em chammas (p. 13).

[...] He nesta mesma Praça que se divisão tres Negociantes, dos muitos que ainda ha de juizo, honra e prudencia [...] mas ao mesmo tempo se ouve a murmuração de outros genios mal intencionados, e defamadores das vidas alheias, pela inveja, que lhes causa a brevidade com que o negocio fez felices aquelles [...] Dizem os mumuradores: *He possivel que ha dois dias estes Negociantes não representassem cousa alguma, e hoje estejam fazendo tanto vulto!* Mas que imprudente reparo? Por ventura he de menos valor o que ajunta o seu dinheiro, e caminha para Nobre á custa da sua agencia, do que aquelle que o herdou da Nobreza, e cofres de seus Avós? [...] (p. 14-15).

He nesta mesma Praça que se vê o filho de hum Negociante contratando tres apólices, que roubou da carteira de seu Pai, dando-as com o prejuizo de quarenta por cento, para ir fielmente entregar toda a quantia na sempre abominavel casa de jogo [...] (p. 15).

Se algum sábio de condição mais rigorosa proferir que estas quatro folhas de papel trazem tambem algumas cousas insonsas, lembre-se por caridade, (e até para não perder a reputação da sua sabedoria) que **esta Obra he para divertimento de gente de todas as classes**, e que se se escrevesse só para meia duzia de pessoas, seria mais elegante, mas tocaria assumptos de outra natureza, pelos quaes desmerecesse o Author daquelle louvor, que todos lhe dão por acautelado, e modesto. E para fugir desse perigo, he que elle só na sua correcção comprehende os vicios em geral, que andão mais vulgares; porque **logo que mudasse de estilo, baldaria o seu trabalho, a Obra não se gastava, e a Deos tostão! Ora segurando por este modo o Editor o seu interesse, elle igualmente segura o interesse do Público na util correcção de costumes** [...] E porque parece justo não seguir sempre o mesmo detalhe, que até aqui se observou no

Almocreve de Petas, e Comboy em pôr Avisos no fim dos Folhetos. Querendo o Editor satisfazer a hum grande número de pessoas, que lhe rogão reimprima os seus Ópios, porque não os ha, e muita gente inda os não viu, e os quer, elle os reparte todos, por esta Obra, em lugar dos ditos Avisos, vindo o Público a ficar com duas peças divertidas, em prosa, e em verso. [...] E como estão divididos em seis partes , virá meia parte no fim de cada Folheto, que justamente preencherão o número de 12, de quatro folhas de papel cada hum, e hum cada mez, pelo modico preço de cem réis para a parte da sombra, e de tostão para a parte do Sol. Não reparem nesta fraze, porque o Editor ao fazer deste Aviso, quando hia já no fim d'elle, achou-lhe tom de edital de toiros; e para lhe tirar este pequeno defeito o acaba com dois dedos de latim

Ridentem dicere verum

Quid vetat?

Horat. Sat. I. Liv. I. v. 24 e 25 (p. 20-21).

OPIADA

DIVIDIDA EM SEIS PARTES,

E

REPARTIDA PELOS DOZE FOLHETOS,

DE

QUE ESTA OBRA HA DE CONSTAR.

Não são isto, que fallo conjecturas,/ Oxalá forão fabulas sonhadas/ Da solta liberdade/ Mas ainda mal em fim, porque he verdade!

Eccol. de Fer. na Vid. de Cam.

PARTE I.

Eu canto o luxo estafador das gentes,/ Que perde o louco Mundo;/ Mil pinturas farei por varios modos,/ Oução todos o mal, que toca a todos.// Sempre do luxo foi o ópio filho,/ Que em todos se sustenta;/ Todo o que vive de ópio lhe dá vida,/ A troco de palavra mal cumprida.// [...] Da parte do meu ópio principio,/ A castigar os vicios;/ E como o que eu disser, verdades são/ Queira o Ceo, que aproveite a pregação.// Eu não vou criticar vidas alheias,/ Sim os ópios do Mundo;/ A minha correcção o Mundo ature,/ E quem tiver a queixa, que se cure.// [...] Da nudez fazem hoje alto capricho,/ Nos mais publico actos;/ O peito á véla todo, as cotas nuas,/ Como quem a açoiar vai plas ruas//

Junto á boca do estômago a cintura,/ He o chefe da moda;/ Com taes usos calar-me já não posso,/ Feijões da India postos ao pescoço.// Então a cinturinha delicada,/ He mettida em huma sacca;/ Ou de cassa bordada, ou cassa lisa,/ Que nos passos que dão, se rasga, e pisa (p. 23-32).

FOLHETO = 2. FEVEREIRO.

O ESPREITADOR NOS CAFÉS.

Na confusão de immensas lojas de bebidas, que assim lhe chamava o Mundo velho no tempo, em que os homens só se servião dellas para hum refrigerio das horas de maior calma, ou para mofificarem algum flato, com hum cópo de ponche, ou copinho de rosasolis, apparecem hoje estas mesmas lojas, com o debuchado letreiro de *Café Nacional*, pintadas, prateadas, e douradas para appetite dos concorrentes. Por ellas entra hum sagaz *Espreitador*, e divisa quatro bancas guarnecidas de povo. Em huma se disputa a guerra, e a paz; em outra vem o Parnaso em pêso prezidir aos famosos pensamentos de tres, ou quatro Poetas, que de olhos esbugalhados, acções apaixonadissimas, e tregeitos enfurecidos, desenvolvem poesias, que as imprensas todas a trabalhar para as imprimir gastarião vinte annos; acolá se murmura, e se corta largamente pelas vidas de cada hum; e na ultima banca apparecem cartas de amores, casamentos fantasticos, brigas, e desafios caprichosos, e tudo o mais que he proprio da presente mocidade. [...]

Os da paz, e da guerra he hum gosto serem ouvidos, primeiro lamentão o labyrintho, em que se acha o Mundo, e tão depressa elevão os Francezes, como os precipitão; profetisão cousas grandes, de cousas muito pequenas; enredão a Prussia; concedem hum ar da sua graça aos Russianos; põe nas nuvens a America Ingleza; dão baldões a Inglaterra; põe as Italias em penitencia; e virando-se para Portugal, cada hum dos Minores he hum General, e hum Conselheiro; dão, e tirão; levantão e abaixão; riscão, e desriscão; e andão neste conflictto ás apalpadellas como o menino, que joga a cabra-cega; sem verem que a mesma politica pede o segredo das cousas; e que nem o Letrado, nem o Ministro, podem arrasoar nem sentenciar huns autos, sem que por elles sejam bem revistos. Entre aquella miscellanea de papagaios de má terra, ou falladores de éco, hum tomou chá na noite antecedente com pessoas de respeito, que lhe asseverou lá humas cousas, que elle só sabe. Outro foi visitado de personagem, que lhe abrio os

olhos em certos pontos, que só com elle ficão. Outro tem lá um çapateiro vivissimo seu visinho, que embarcando outro dia para Cassilhas, ouvio ao arraes da embarcação huns projectos, que o arraes tambem pescou em certa taberna, ao Cabo da ronda do bairro, e finalmente, he o tal ajuntamento hum composto de novidades, de tal sorte, que ninguem se dáa conselho (p. 1-3).

He neste mesmo café, que a banca poetica está trabalhando, de que se ouvem urros tão fortes, que tudo estremece; diz hum, repetindo huma Ode...

Os tremilumes da espelhante malha/ D'auriverde Quadriga auricrinita/ Os Fulgores refletem...

Gritão os da companhia *bonito, bonito, bravo, bravo, he insigne neste genero, tem muito geito para a pastoril [...]* (p. 4).

[...] ao Entrudo.

SONETO.

Filhoz, fatias, sonhos, mal-assadas,/ Galinhas, porco, vacca, bom carneiro,/ Os peruns em poder o Pasteleiro,/ Esguichar, deitar pulhas, laranjadas:// Muitos pós, rabo-levas, mil risadas,/ Para pouco, gastar muito dinheiro,/ Não ter aos a medir o taberneiro,/ Com réstias de sebolas dar pancadas:// Da janella a tirar tanhos á gente,/ Querer em hum só dia comer tudo,/ Fazer cousas peores, que hum demente:// Mil petas, em que esbarra o mais sisudo,/ Acabar-se a função, ficar doente,/ Eis as festinhas, do gabado Entrudo (p. 7).

[...]a hum fogo que hum estudante teve na sua casa em Coimbra [...] huma Decima, que hum Brasileiro fez em resposta ao dito Soneto, para consolar o seu amigo estudante.

DACIMA [sic].

Tão profundo, e discursivo/ Pintais o incendio passado,/ Que das luzes do pintado,/ Vem a ser sombras o vivo:/ Sois Apeles tão activo,/ Que eu attento, e circumspecto,/ Lendo o segundo terceto,/ Vi tão perto, o fogo a arder,/ Que assoprei, por entender,/ Que se queimava o Soneto (p. 9).

[...] He neste mesmo café, que a terceira banca tira inquirições a todo o genero humano, e se põe á viola quantos vicios se sabem de alguns individuos; e das suas virtudes não se faz alli menção. **Porque o odio sempre teve mais lingoas, que a fama;**

que aquelle falla pelas suas obras, e esta pelas alheias. Hum alli traz á memoria, que fulano de tal, está minado de dividas [...] porque elle mesmo não póde hoje passar com quatro centos mil réis, que tem de renda; quando seu Avô passava com cem, muito á vontade em outro tempo. A isto lhe acode logo outro da companhia, decifrando-lhe este enigma, dizendo-lhe, que no tempo de seu Avô, cada hum se continha nos limites, em que o seu nascimento o punha; e hoje que os criados, querem ser amos; os officiaes, mestres; os caixeiros, patrões; os escreventes, Letrados; os Alcaldes, Ministros; e os filhos, donos da casa. Que praticando-se esta mesma desigualdade em ambos os séxos, consiste a tal bruxaria, em furtarmos huns aos outros, com mais, ou menos maxima (p. 17-18).

[...] He neste mesmo café, que o espreitador se põe á mira da quarta banca. Oh Ceos! Que fumaças de valentias, e que cartinhas de Senhoras alli se não desenrollão! [...] Aqui temos o primeiro não bebendo; porque está prohibido pelo seu Medico; pois com dois mezes de casado, teve certo encontro, a que não pôde faltar, e tinha a Senhora hum álito tão pestifero, que está cravado de sarna. Porque se não lembrou, que a mulher pública he como o Povo com o Cavalleiro na Praça; sahe o Cavalleiro ás cortezas, todos o comprimentão, batem-se-lhe as palmas, tira-se-lhe o chapéo, e tudo são agrados, e respeitos, porém ás evoluções do segundo touro, hum lhe diz *fôra maroto*, outro lhe põe huma alcunha, laranjas, e cascas, tudo se lhe emprega, e ficão as ceremonias acabadas. Ora de igual modo he o proceder de huma mundana mulher: nas entradas affagos, carícias, disvellos, e sujeições; e depois intrevações, calamidades, medicamentos, dores, e até descomposturas (p. 20-21).

[...] e acaba aquella esquentada conferencia com muitas risadas, e parcialidades, em que são admittidos até rapazes de quatorze annos, que ás escondidas de seus Pais primeiro, que vão para o estudo vão buscar naquella oração, *Nominativo, Verbo, e Caso* (p. 21-22).

Continuação da primeira Parte dos Ópios.

[...] Todo o homem que he porco por costume,/Tambem nos dá seu ópio;/ Anda desmazelado noite, e dia,/ E chama a isto sã Filosofia (p. 28).

FOLHETO = 3. MARÇO.

O ESPREITADOR NAS FEIRAS.

[...] He nesta mesma Feira, que anda huma mulher com seu marido, mas tão ciosa, que o desvia de todas as barracas, onde estão mais Senhoras. Vão ambos passeando, e se o pobre por acaso olhou para alguma com olhos de carneiro morto, adeos minhas encomendas! leva da mulher cada beliscão, que te parto. De sorte, que já o braço direito vai em vergões de cima abaixo; e o tollo em ancias, soffrendo com a maior resignação aquella penitencia (p. 3-4).

[...] He nesta mesma Feira, que **o caxeiro de certa corporação, que em outro tempo nunca montou mais, que em hum burro, quando veio da terra, hoje se apresentou em hum soberbo cavallo**, ajaezado de selim, sem saber de picaria, e querendo ser Picador [...] Montou á Ingleza, para morrer á Portugueza, como qualquer homem. Porque tantos forão os pulos, e tantas as cabriolas, que pararão todas em hum salto mortal; pois, como huma pella, foi o caixeirinho despedido pelo bruto ao meio do chão, onde se quebrou hum braço, e abriu a cabeça. Em semelhantes casos assentão os menores, que **antes huma albarda, que hum selim**. Contentassem-se os homens com as selas Portuguezas, em que encaixados podião até bailar a fofa á sua vontade, que logo se não exporião a semelhantes desastres, que já pela moda dos selins não tem succedido poucos (p. 10-11).

[...] He nesta mesma Feira, que se vê quanto mesquinhos são os ânimos de gente saloya (p. 13).

[...] He nesta mesma Feira, que se vê entrar huma sege de aluguel tão desmembrada, e mal segura, que mais parece carroça da lama, que carruagem de dia de função [...] e pelos óculos, já sem vidros, se pesquisava huma Senhora, ou para melhor dizer hum estupor cheio de cor, e alvaiade, já com sessenta annos no bucho, a cara encrespada a ferro, a boca negra, os dentes amarellos, e toda ella a Bicha de sete cabeças; mas que desgraça! Pilha a sege huma sobre roda, tomba-se e sahe aquelle monstro de dentro, mas de gatinhas, com tanta infelicidade, que cahindo-lhe com o balanço da quêda a cabelleira de canudinhos, que levava, appareceo de calva muito lisa como a palma da mão. Dêrão-lhe agua por causa do susto, e nas afflicções, querendo-se affectar convulsa, forão tantos os tregeitos que fez, e momices, que todos arrebutarão com riso daquela lastima; e o que mais divertia o povo, era o brejeiro do boleiro

arremedando-a nas caretas, com tanta propriedade, que tudo se escangalhava com galhofa (p. 15-16).

CONTINUAÇÃO

DA

OPIADA.

PARTE II.

[...] Medicos, Cirurgiões, e Boticarios,/São ópios infalliveis;/ E fora d'horas já ninguém descobre/ Medico a visitar enfermo pobre.// Tem-se por antigualha a capa, e volta/ Dos Medicos antigos;/ Mas erão sem soberba desta gente/ Pobre, e rico tratados igualmente (p. 30-31).

FOLHETO = 4. ABRIL.

O ESPREITADOR NAS CASAS.

He na casa de hum Cavalheiro solteiro, das Ilhas, da Provincia, ou da Côrte, onde entra este bom Espreitador [...] Acorda o Senhor na cama pelas oito horas, esfrega os olhos, e desenrolla debaixo do travesseiro *Rimas de Fulano, Bacharel formado nisto, e naquillo*. Abre o livro, e lê em tom alto, e apaixonado, huma Ode bastantemente crespa, e tão crespa, que elle mesmo gabando a a não entende. (que este he o preceito das Odes do nosso tempo) Abre a caixa, e a cada estrofe toma rapé, escarra, e enfadado da Ode, lê este Soneto critico [...] Dá mais duas demãos ao Livro, e repete outro Soneto, e esta quadra.

SONETO.

De hum apaixonado da pinga.

Entre as bebidas singulares, he/ O bom vinho, a melhor de quantas ha,/ Porque faz cozimento, como o chá,/ E nutre ainda melhor, do que o café.// Eu confesso, que o ponche tem seu que,/ Porém, sem vinho, nunca venha cá;/ De orxata, e capilé não se me dá;/ E que zanga não tenho a agua pé!// Angelica, agua ardente, e outras assim,/ São mui quentes, no tempo do verão,/ Leite faz flatos, e he vilão ruim.// Chocolate só para indigestão,/ O sorvete he mui frio, em quanto a mim!/ Sem vinho, he qual enterro, huma função (p. 1-3).

[...] No em tanto revolve o Cavalheiro, e o seu Amigo, as obras de dois Poetas de nome, e a traducção de outro em verso solto, e manda-se apanhar cavacos a *Camões*; dá-se huma figa para *Francisco Rodrigues Lobo*, e duas para *Sá de Miranda*; porque em havendo hoje meia duzia de Odes, e tres Cantatas, com dois Dytirambos, está a livraria prompta para todas as faculdades; e se se falla no *Almocreve das Petas*, *Comboyo de Mentiras*, ou *Espreitador do Mundo Novo*, faz-se huma cara de fastio e diz-se: *Que semsaborões são estes Folhetos! O meu criado os faria, se lhos encommendassem*; mas elle Amo sempre se acautela em não dizer que se atreve a tanto (p. 7-8).

[...] Cortezia a hum; *pára, pára*, a outro; diz ao moço, *abre aqui, pega alli*; apea-se no café, temos a Academia armada. Move-se hum argumento; por exemplo: os flagellos da guerra; e larga logo estas palavras certas. *O direito das gentes não soffre ver gemer a humanidade*. Porque estas palavras ditas com algum império, e crespidão de sobrançelhas, inculcão sciencia, impõe soberania, e tem servido a muita gente, que não sabe falar em cousa alguma. Demora-se alli muito pouco, e vai girar, até que se recolhe pela meia noite, para de novo principiar igual mania (p. 9).

He n'outro bairro, que em outra casa se observa huma perdição continua; porque tendo sido aquella familia em outro tempo abastada, entrou o Pai a cuidar toda a sua vida no rumo, que havia de dar aos filhos, projectando grandes empregos a huns, e grandes casamentos a outras. Neste meio tempo morre este homem; e cada qual, dando cabo do que lhe pertencia, ficarão por fim arrastados, e só com a lembrança da Fidalguia passada [...] (p. 10).

He nesta mesma rua, que se ouvem gritos em huma casa de hum marido, que está dando em sua mulher, porque esta lhe não dá dinheiro para sustentar os vicios, que tem; e mulher, sôgro, e sógra, tudo vai raso com pancadaria, e até de raiva abre a cabeça a hum filho; e quando o querem prender, pucha por estes, e aquelles privilegios, que tem, que só naquella intalação he que se lembra, que he homem de bem, e o quer persuadir aos outros (p. 11).

He em outro bairro, que em certa casa, se vê huma viuva com cinco filhos já homens, sem officio, nem beneficio, campando de tafues, dormindo de dia, vellando de noite [...] fogem da milicia, quando nella serião bem empregados. São os defensores de delictos, quando o deverião ser da Pátria: em lugar de hum capacete, apresentam hum chapelinho redondo posto meio no ar: em lugar de hum peito de aço, trazem hum

coletinho de mimoso fustão pintado: em lugar de huma farda, que lhes dê honra, vestem huma casaquinha de quartos tizicos, que parecem da cintura para baixo duas badanas de bacalhão, que lhe batem nas curvas: em lugar de banda, hum tremendo cós de riscada pantalona: em lugar de espada, hum páosinho esgalhado com a cabeça de hum Turco, que só feita de pão lhe podia vir ás mãos; e aqui temos exactamente o rediculo trage destes cinco figurões. [...] Muito desgraçado he o homem arreigado na indolencia, que vem ao mundo, e não póde mostrar ao que veio, em huma só cousa util, que fizesse; antes, minando-se de vicios, pervertendo os outros homens, ainda em cima se queixa da fortuna! (p. 11-12).

[...] Conclui disto o vivo Espreitor, que os gostosos apetites dos homens, são os instrumentos, com que dão fim da sua vida. E que o homem he bem comparado ao peixe, que debaixo da agua brinca com o anzol, que o mata (p. 16).

[...] He neste mesmo bairro, que o Espreitor vê em huma casa Mãi, Pai, duas filhas, e seis rapazes; não se encontra segundo desarranjo! Desde que aquella familia alli mora, que se contão 14 annos nunca mais as paredes virão cal, nem o sobrado vio agua, mais do que aquella que por desmazello se entorna. O fartum logo que se entra tomba [...] Alli não ha systema de vida, nem governo, janta-se quando se deve cear, e cêa-se quando se deve almoçar. O que se guarda em huma cómmoda com muito recato, são humas patentes antigas, por onde veio o Dom arrastado áquella família [...] A Mãi na janella he quem regista os amantes das filhas. Tristes consequencias, infeliz desarranjo! Maldita criação, desmazelado Pai! [...] A boa educação vale mais do que a nobreza. Rapazes entregues somente á materialidade, qual será o seu fim? Conheça quem os tem á sua conta, que a mocidade quer indispensavelmente tres P.P., pão para o sustento, pão para o castigo, e panno para se vestir. Honrados Pais são aquelles, que cuidão mais na educação de seus filhos, que em si próprios [...] (p. 20-21).

Continuação da segunda Parte dos Ópios.

[....] Que scena tão galante he ver a dama,/ De lenço na cabeça;/ Assentando, que a moda bem lhe fica,/ Como a preta, que vende fava rica (p. 25).

[...] Hoje vestem-se todas de retalhos,/ Como pobres de porta,/ Huma manga he cinzenta, outra encarnada,/ O corpo azul, a saia esbranquiçada.// Muitas tirinhas, muitas filagranas,/ Armadas de andarilhas;/ Pulceiras, braceletes, e medalha,/ Mil ganduxos, que a moda louca espalha (p. 27).

[...] Senhoras, vão deixando as assembléas,/ Tragem com meio termo,/ Seão nos seus agrados mais escacas,/ Que Lisboa, não he já para graças.// E vós altos tafues, que andais na roda,/ Andai com mais cautela;/ Se inda vos não servir meu desengano,/ Para mais carapuças tenho panno (p. 31).

FOLHETO = 5. MAIO.

O ESPREITADOR NAS CADEIAS.

Que scenas horrorosas se nos apresentam á vista neste pavoroso Theatro de misérias! (p. 1).

[...] **Tres cousas são encarregadas ao bom Vassallo, amor ao Throno, submissão ás leis, e respeito aos Magistrados;** perdida esta ordem, temos o Mundo reduzido á confusão de Babel. **Ora como os homens velhacos, quasi sempre vivem pobres,** que assim lho permite a Providencia, para venderem baratos os seus delictos, observa este Espreitador em tão lastimoso concurso as figuras seguintes (p. 4).

[...] He nesta mesma cadêa, que entra huma mulher Regente de hum famoso Collegio de ladrões, que tinha na sua casa. Nem na Praça da Alegria á terça feira se há de ajuntar em tempo algum tanta fatiota, e moveis alheios, como os que tinha esta infeliz depositaria em seu poder. Até se lhe achou hum baú cheio de pistolas, que erão os livros por onde os seus meninos hião de noite estudar a lição fora de casa.

Tudo está mudado: no tempo do Mundo Velho havião immensos tocadores de viola, agora aquelles mesmos mudarão para guitarra: de igual modo os ladrões do Mundo Velho exercião a sua maldita occupação com facas; e agora os do Mundo Novo, para fazerem disto moda, só com pistólas he que атаção [...] Quando a prendêrão, escapou o capitão dos ladrões por huma janella nú em pelle: foi galantissimo correr elle por huma rua naquelle estado em outro Bairro, aonde se encontrou com uma ronda; e porque lhe não pegassem, já de longe hia gritando que lhe acodissem, que o tinham roubado. Então o Escrivão das Armas, chegando-se ao pé delle, e ouvindo as lamentações, que o vilhaco fazia, de que huns ladrões alli adiante o tinham despido, encheo-se de ternura, cobrio-o com hum citoyé novo que trazia, e deixou-o ir. Eis-aqui hum bom ladrão, que ainda naquelle estado, se recorda dos atrasados, e no maior conflicto nunca perde de memoria a arte de furtar (p. 9-10).

He nesta mesma cadêa que se apresenta hum rapaz de vinte e hum annos, a ponto de ir degradado para a India, por ser hum menino dos da qualidade de bem nascidos, e muito mal creados; sendo o seu crime o ter dado veneno a sua mulher [...] E quando se procurava a origem da desordem, sempre se achava ser feita pelo tal Adonis, em huma briga continuada com a sua Esposa, em que as mais das vezes fervião os bofetões, as pauladas, e as descomposturas; por ter sido este casamento desigual em tudo, desigual na idade, desigual nos genios, desigual nos teres, e desigual no juizo; porque a Senhora tinha setenta e dois annos, quando casou, e elle Cupidinho da moda tinha vinte. Triste casamento, que os pôz a ambos em hum horroroso inferno. Ella era rica, elle pobre: ella pretendia ser querida, elle queria ser respeitado: ella queria governar o que era seu, elle queria ser Senhor do que não tinha: ella era ciosa pela idade, em que o via, elle amava-lhe o interesse, e aborrecia-lhe a pessoa: ella amorosa queria ser tratada, como se fora rapariga, elle bandalho descompunha-a de velha. He então que chovia o murro com suas trovoadas de cachações; acodia a visinhança, e andavão neste desassocego, sem ninguém lhes poder valer [...] hum dia á cêa preparou elle á miserável mulher hum prato de arroz, adubado com vidro moído, e outros temperos desta identidade, que estava huma consolação; mas a pobre Senhora, que já andava meia desconfiava [sic] delle, pelas persuasões de huma fiel criada, logo ao primeiro bocado teve seus enjoamentos de estomago, e exgotando-se-lhe de todo a paciência, com a ajuda dos visinhos pregou com elle prezo; e desde então para cá, tem-se-lhe descoberto não pequenas farças; e para curar estes achaques, vai até á India tomar ares; e se não se achar melhor, he muito natural que dê a casca, pagando a offerta ao Parocho de lá (p. 12-14).

He nesta mesma cadêa, que entrão dois marujos amarrados, com os crimes de contrabandistas, e ladrões de subtileza. Ouvião-se contar pelas Praças de Lisboa mil historias de astutas ladroeiras, e ninguém conhecia os tratantes, donde ellas emanavão, até que felizmente se descobrio a malhada; porque andando aquelles dois indivíduos accomettendo de dia algumas pessoas de bem, para que lhes comprassem latas grandes de chá, em huma compra, que se fez de quatro latas das mesmas, veio o sujeito comprador muito contente á loja de um Capellista seu amigo, sem se faltar de gabar o acerto, que tivera, tanto por ser muito barato, como pela boa qualidade [...] juntarão-se mais alguns Cavalheiros, fizerão roda de sociedade, e forão todos encertar as latas [...] porém como cada lata só trazia ao de cima tres arrateis de chá bom, ainda agora está nas

balanças a sahir serradura, que he o que vinha por baixo. Aqui cresceo a galhofa, e o comprador agoniado [...] sahio da loja, e ainda teve a felicidade de encontrar naquelle dia os reprovados negoceadores, que fez logo prender: de que se tem seguido confessarem toda a qualidade de crime; e o mesmo que succedeo com o chá, succedia com rapé, com açúcar, e com toda a qualidade de género, que pudesse admittir semelhante engano. Nunca se vio em Lisboa serradura mais cara, nem negociantes mais francos na venda (p. 14-15).

He com esta scena, que o Espreitador acaba de ver as diversidades de huma cadêa, aonde tudo são desgraças, gemidos e horrores. E como **eu sei que alguns Leitores achão alguns destes Folhetos com poucos motivos para rirem**, devo lembrar-lhes que o Espreitador das scenas do mundo muitas, e muitas vezes se acha em partes, onde **sómente apparecem as verdades núas**; e quando ellas são da natureza das que se pintão neste Folheto, poucas, ou nenhuma graças podem admittir, porque então seria transtornar a ordem, que esta Obra deve ter.

A Moral por si só em muitos lugares he brilhante, sem precisar para isso de enfeite [...].

Ou estes Folhetos sejam em parte mais jocosos, ou mais sérios, com tudo sempre são mais uteis, que sátiras determinadas, com que alguns Poetas se degolão huns aos outros; e ainda do que versos amatorios, de que se não tira fruto algum. Quem assignala o homem no Mundo por máo, ou por bom, são as virtudes, ou os vicios; e por isso não há tempo mais bem empregado, do que quando se louvão aquellas, e reprehendem estes (p. 20-21).

FOLHETO = 6. JUNHO.

O ESPREITADOR NA IGREJA.

[...] Rompendo a multidão de Povo, dando encontrões nos mais, que estão accommodados, entra hum grande Tافل enteriçado de pescoço, e todo o seu forte he querer ouvir Missa bem ao pé das Senhoras, que nisso he que lhe dá a devoção. Não tomou agua benta, por não constipar o dedo, nem ajoelha logo no principio, porque a justa pantalona lhe não dá lugar a isso; e huma vez que o faça, arrebetão no mesmo instante as costurar todas: e por isso só com hum joelho no ar, fazendo toda a força no

esgalhado bordão, que he quem paga as favas, assim principia, e assim acaba aquelle acto. Para se benzer, põe-se em pé, porque não póde acodir com as mãos a tudo; mas com taes momos, com taes carrancas, concertos, e desconcertos, vijagens, e pantomimas, que quando se chega a benzer, bem podem os outros todos benzer-se delle (p. 2).

[...] Acabou a Missa da Festa, a que assistirão indecentemente aquelles joviaes individuos, com trejeitos, desembaraços, e namorações: e são estes os primeiros que sahem fóra, fazendo duas alas ás Mães, e filhas, onde trovejão as risadas, chovem os ditos, e relampejão os olhos com taes geitinhos, que por milagre do Ceo não ficão tortos de huma vez [...] alli vem tres delambidas, e tão grulhas, que parecem gralhas na fallacia, que se lhes ouve: huma deixa cahir o leque nos degrãos do adro, fingindo descuido, e logo acha hum prompto mestre de ceremonias para lho levantar; outra finge que no lugar, em que estava, lhe ficara hum lenço, só para tornar a traz, e receber em hum escrito novas de seu avô torto. Hum rancho he seguido de longe por huns Tafues, de tal sorte, que dão motivo a que a prevista Mãe vá aos safanões ás filhas, para que andem para diante: e he deste modo que aquella gente indiscreta fecha aquelle pio acto. Porém ninguém ignora, que a causa deste escandaloso comportamento nasce da mocidade d'agora estar em hum tempo, em que só se conduz pelo vicio, pela moda, pelo capricho, e pelas occasiões (p. 6).

[...] Acaba-se a Missa, vem aquelas duas figuras pelo meio da Igreja, com a boca do estomago á vela, desfazendo-se em misuras para os Altares, bambaleando o corpo todo, até chegarem ao adro, aonde se achão postados os estafermos aguados, que as vão seguindo, como cães, quando tomão o faro (p. 8).

Ora Senhor Terremoto, v.m. a fez, como eu não esperava! Antes de v.m. abalar Lisboa, os homens tinham juízo, e honra; e as mulheres tinham gravidade, e recto; porém depois que v.m. embrulhou quasi tudo, embrulhárão-se quasi todos, e já não lembra Santa Barbara, senão quando faz trovões: os homens vivião, sem tantos conhecimentos do Mundo, com mais acerto, as mulheres vivião, sem tanto luxo, com mais decencia. He verdade que ellas não sabião tanto, como agora sabem, sem serem já donas de sua casa; e hoje de quinze annos, e de menos com os vestidinhos traçados, correm quantos becos tem a Cidade, humas vezes sós, e outras mal

acompanhadas. He verdade que os homens desse tempo, se vissem os bonecos authómatos, que estiverão nas salas da Opera em São Carlos, terião por bruxaria andar hum boneco por si mesmo, e não serião tão senhores das causas naturaes, como hoje que lhes servem para tudo, quaes charopes de botica; porém he certo que se não disfiguravão as cousas, como hoje se disfigurão em todo o sentido (p. 9).

Carta que mandarão pelo Correio ao Editor.

Évora, 15 de Abril de 1802.

[...] (*Assignado*) Niquilis Tavaris (p. 13-15).

Resposta do Editor á carta antecedente.

[...] Diga-me porque não pôz o seu nome verdadeiro no fim da sua carta? Apezar desta cautela, eu parece-me que o conheço: v.m. he certamente... valha-me Deos, tenho o seu Nome debaixo da lingua, e a modestia mo não deixa pronunciar. [...]

Meu Amigo, trabalhe a inveja como quizer, que lhe não posso chamar outra cousa: hei de escrever, hei de compôr, e hei de lucrar, huma vez que o Ceo me pôz nesta ordem de vida para a minha subsistencia: não devo desprezar, nem pôr em inacção esta pouca habilidade, que foi servido conferir-me; e quem não faz isto, faz outras cousas improprias da honra dos homens, e prejudiciaes ao Público. [...]

Se dá por mal empregado o dinheiro, que tem gastado nas minhas obras, alugue huma cavalgadura, venha a Lisboa, e debaixo d'Arcada do Terreiro do Paço há cegos, que ainda lhe hão de dar alguma cousa por ellas. Ora veja como he diverso o nosso pensar! V. m. arrepende-se das compras, que tem feito; e eu se soubesse aonde se vendião as suas obras, vendia, e empenhava tudo quanto tenho, para ser Senhor dellas: então he que ficava hum homem de juízo, se as lesse paciência... V. m. com o silencio dellas quer privar o genero humano de possuir esse thesouro... Não seja tão avarento com as suas producções, queira dar-nos hum dia grande com o parto do seu engenho [...]

(p. 15-19).

Continuação da terceira Parte dos Ópios.

[...] Marrafa crespa posta n'huma fita/ Toda a testa circula:/ Onde o sobrolho então mal se descobre,/ Qual grenha de leão, que os olhos cobre (p. 22) .

[...] Lá vem Dona Pulcheria Macilenta,/ Lá vem Dona Alforréca;/ Dona Pafucia, mana, vem bisarra?/ Da plateia o meu Primo nos escarra (p. 24).

CONTINUAÇÃO

DA

OPIADA.

PARTE IV.

[...] Eu vi certo marido lamentando/ Os enganos que teve:/ Pois foi prender-se em amorosos laços,/ Depois vio a mulher feita em pedaços.// **He possível, dizia este homem,/ Que eu casasse co'as modas?/ Que buscando mulher, nestes instantes/ Não ache mais que fitas, e volantes!// Que visse huma mulher, fazendo vulto/ Anafada, e vistosa!// Que depois de casar, neste conflicto/ Em lugar de mulher, ache hum palito.**// Por este modo o triste se queixava,/ Como espelho dos outros:/ *Ninguém busque casar, sem mais exames,/ C'huma mulher armada por arames.*// [...] Quando encontro em funções estas Meninas,/ Presença de fantasmas,/ E lhes ponho estes ópios na lembrança/ Respondem, **que isto mesmo he moda em França** (p. 31-32).

FOLHETO = 7. JULHO.

O ESPREITADOR NOS PASSEIOS.

Era no Passeio Público á sombra das frondosas arvores que se achavão assentadas em hum banco de pedra quatro meninas estrangeiras, que pela sua meia lingua estavam murmurando de tudo quanto entrava, ou sahia.

[...] Que lhe parece, Madama Tarilêta, aquella que acolá vem naquelle rancho vestida à Lafayeta? Respondeo-lhe a outra: ella bem quer affectar de estrangeira; porém falta-lhe a graça natural, que nós temos. Continuou a outra: nós he que nascemos para ser estrangeiras: qualquer trapinho nos está bem. Disse a quarta: pois se o trapinho he inventado por nós, posto em nós, e ainda que seja feito de nós, assenta em nós, como ouro sobre azul! Ó Madama Cintilina, não se lembra quando eu melhorei das bexigas, e fiquei sem cabello, que a touca, que puz na cabeça guarneçada de flores, me estava a matar? pois a primeira vez, que sahi fora com ella, agradou tanto a minha vista, que todas, as que ma virão na cabeça, julgarão ser hum novo enfeite; e logo se vio na Cidade toda, propagada a invenção das toucas na cabeça [...] (p. 1-2).

Tendo o Espreitorador neste passo concluido o passeio daquelle dia, muito satisfeito se retirava, por ser já lusco-fusco. E como se demorasse em fallar com huns amigos, fechou-se a noite com hum escuro grande, e vindo para sua casa, alli junto do

antigo Talaveiras ouve ao longe hum alarido de vozes desencontradas [...] Quando de repente vio que huma familia numerosa vinha do Rocio, correndo espavorida para a parte do Passeio Público: homens, mulheres, e rapazes, tudo fugia, e com tal sussurro, que não se entendiam huns aos outros. Hum homem destes vinha com as mãos na cabeça, e tão preocupado na sua fuga, que se foi encontrar com as cangalhas de huma mula [...] Hum gallego vinha já de longe esconjurando as bruxas [...].

O Espreitador ouvindo estes despropositos, entrou a rir comsigo mesmo. A tempo que huma velha vinha lançando os bofes pela boca fóra, de correr, **gritando que no Rocio havia bruxas, que ella mesma vira muitos lumezinhos, que ora se accendião huns, ora se apagavão outros**, e que até ouvira dellas muitas risadas [...]. Quanto mais a velha affirmava, mais o Espreitador se soffocava de riso: quando sabidas as contas, **as tais bruxasinhas erão alguns quatorze, ou quinze Aulistas, e Militares, que vinhão em fileira rindo, e conversando, todos de cigarro na boca, da nova invenção accesos, que com o escuro apparecião os lumes em fileira, e occultavão-se os vultos**. Custou a desenganar desta verdade toda aquella espavorida gente, e nisto se mostra bem de que côr são os testemunhos do nosso tempo: succedeo isto em Dezembro, mas, **graças ao Ceo, que estamos livres que torne a succeder; porque já os candeeiros, e o luar não dão lugar a semelhantes enganos** (p. 3-5).

[...] Continúa o Espreitador o seu passeio, e encontra alguns homens applicados, que projectão pôr em público as suas composições; e por falta de meios para os gastos excessivos da imprensa, se valem de procurar assignaturas. Mas porque vexames não passam estes, quando muitos daqueles, a quem fallão para assignar, ainda a mais módica quantia, lhes respondem huns, que lhes não importão obras litterarias; outros que o seu aborrecimento he lerem! [...] He por estes vivos exemplos, que **poucos se querem arriscar a pegar em penna sabendo que não tirão nem a despeza da impressão**. Mas a pezar desta fúnebre pintura, o mesmo Editor destes Folhetos não deixa de confessar, que tem sido muito feliz com o Público, e que há muitos homens sábios, illuminados pela sciencia, e pela razão, que já mais se eximem destas protecções; porém como o Mundo he grande, e hum composto de diversidades de genios, quando se encontrão os que são mesquinhos, fazem desanimar os applicados, e **tudo vai do errado caminho, que trilha a mocidade d'agora, onde a presumida esperteza decide dos livros pelas capas, ou pelos titulos**. E ver huns meninos destes em materias de estudos, he o mesmo que ver uma rica tapeçaria pelo avesso (p. 6-7).

[...] Serião cinco horas da tarde, quando vinha por huma rua hum asseado rapaz, com cara de moribundo, amparado por tres figurões destes de chapéo redondo, brinco na orelha, e cabeça de cão d'agua, sem se poder ter nas pernas, nem governar a cabeça. [...] o desgraçadinho Tافل era filho de hum Pai honrado, e homem muito de bem; e que fôra feito bêbado por força, pelas más companhias, com que andava; porque sendo hum rapaz bem morigerado, até com Officio público, indo jantar a huma casa de pasto, guiado por cabeças de avelãs, o mettêrão no fim do jantar em huma grande diversidade de licores, não faltando *charotos*, que em Portugal se chamão cigarros, com que o fizerão fumar contra sua vontade: seguiu-se daqui ficar como bebado com o espirito das bebidas, e com a diabolica fumadura: de sorte, que fumando hum charoto inteiro, ficou de profundis, e a clamar com tantos despropósitos, que parecia berrarem-lhe nas tripas os diabos todos: ora queria brigar, ora camava nomes injuriosos á companhia, de fôrma que se obrigarão os seus collegas a levarem-no a casa naquelle misero estado (p. 7-8).

Eis-aqui de que serve trajarem as mulheres, como os homens: livrem-se lá os homens casados de huma destas! [...]

Ora o nosso heróe agente desta oração, era casado com huma Senhora muito tafula de modas, e **de cara (deixe-me-lhe assim dizer, creio que todos entendem) muito formosa**. Tinha este bom homem huma banquinha ao pé da cabeceira da cama, onde mulher, e marido, quando se descalçavão, punhão as chinellas. E como [...] se quiz o marido levantar, ainda de noite, e dormião sem luz, apenas abriu hum postigo da vidraça, foi-se vestindo, calçou-se, preparou-se de todo, e foi para a rua, a tempo que pouco, e pouco pelo caminho lhe foi amanhecendo. Mas oh fatilidade [sic]! quem dissera que havia de succeder hum tal engano!

Logo que a luz da manhã deo lugar a distinguir de côres, olha o pobre homem para si, já distante da sua casa, e vê nos pé humas chinellas de pellica, cor de goivo, com estrellinhas roxas, debruadas de fita branca, com a sua fivêla de móla em cima; porque, como se vestio ás escuras, miseravelmente calçou as chinellas da mulher em lugar das suas. Eis-aqui o que estas endeabradas fazem, em calçarem tambem com o nosso çapateiro: usassem ellas dos çapatinhos d'algum dia, que logo não causarião destes descómmodos (p. 13-14).

Neste mesmo dia, seriam dez horas da manhã quando o nosso Espreitor se encaminhou para a Praça d'Alegria; e como visse na esquina da frente da Praça hum

grande ajuntamento de povo [...] achou hum pobre homem, chorando a sua magoa [...] era hum, que vendia barretinas de palha pelas ruas em hum grande cesto; e como fosse do seu costume beber hum copinho do café, pôz o cesto á porta da loja [...]. Porém, como logo em outra porta immediata estava preza huma mula de huma lavadeira, a mulinha apertada da fome, estendia o pescoço, por lhe cheirar a palha, e tasquinha a sua barretina soffrivelmente, como se ella estivesse á mangedoura; e assim mesmo por debique comeo cinco, e abocanhou duas [...]. E como as barretinas não erão suas, estava na maior afflicção, por ter de as pagar a sua dona. Vejão vv. mm. em que perigo se acha huma Peralta d'agora, se passar com barretina de palha ao pé de alguma cavalgadura esfaimada: isto he o que nunca succedeo aos honestos mantos, que encobrião a feia, e fazião mais appetecida a formosa (p. 14-15).

Foi neste mesmo dia pelas oito horas da noite, que o nosso bom Espreitor encontrou no largo de S. Roque hum ajuntamento, onde vinha hum rapaz muito aseado vestido em corpo com duas estocadas, desgraça esta, que fazia horror, por se ver o infeliz tão ensanguentado, e desfalecido, caminhando encostado nos braços de dois sujeitos, que por humanidade o conduzião. [...] Pergunta-se a causa deste desastre, e acha-se que elle mesmo concorre para a sua perdição; porque tinha o depravado costume de ser pouco honesto nas suas fallas em presença de Senhoras, e era um tólo o mais conhecido, que se tem visto, e atrevido com todas as meninas nas casas dos seus conhecimentos. Seguindo pela rua todos os ranchos de Senhoras, que via, sem medir a qualidade, sem respeito a quem as acompanhava, a tudo investia, feito hum sarilho, para traz, para diante, dizendo palavrinhas picantes, e descompostas. E hindo por aquella rua huma familia, com duas meninas bastantemente sérias, o tólo assentando que hião morrendo de amores por elle, tal graça lhe disse, e tão obscena, que hum tio, que as acompanhava, inflammando-se, e puxando do seu espadim, lhe deo duas estocadas. Eis o premio dos atrevidos [...] (p. 16-17).

Continuação da quarta parte dos Ópios.

[...] Ninguém se entende neste Mundo novo/ C'o feminino gado:/ Se d'antes por milagre huma se via,/ Hoje do Mundo as ver já se enfastia.// Vão renovando as modas de hora, a hora,/ Nada tem resistencia;/ E por certa rotina quasi todas/ São mudaveis no amor, como nas modas (p. 26).

[...] **Se em nada vos faltou a natureza,/ Se em Portugal nascesteis:/ Porque comprais com toda a confiança/ A cabeça d'Italia, o cú de França** (p. 27)

[...] Eu não sei onde vão já buscar modas,/ E modas tão horrendas:/ D'inventar modas já nenhuma cança,/ E dizem todas: *Isto he moda em França* (p.28).

FOLHETO = 8. AGOSTO.

O ESPREITADOR NA ROMARIA.

Álerta alerta Senhor Espreitor do Mundo novo: olhe que V. m. anda-se cansando debalde, porque o mundo acha-se nas mesmas torturas; e de mais a mais veja que as suas descobertas brevemente serão imitadas por outro Author com mais, ou menos graça: olhe que hum Piolho sagaz lhe vai fazer huma guerra semelhante á que faz na camisa do pobre. **Acautele-se, Senhor Espreitor, que estão para sahir á luz huns Folhetos intitulados: O Piolho Viajante: de hum Author, a quem V. m. abriu caminho com as suas joviaes producções.** Tenha em vistas que **o tal Piolhinho tem andado ao pasto no seu Almocreve de Petas, no seu Comboy de Mentiras, e nas suas espreitaduras;** cuidado, cuidado, que ha quem faça negocio com as suas graças, virando-lhes as guardas. Assim fallou huma visão ao nosso Espreitor em hum sonho, que teve a noite passada. Ao que elle mesmo dormindo diz que respondera: vivamos todos: o Piolho já me não faz guerra, porque eu descanso de espreitar no fim deste anno. **Se se aproveita das minhas graças he porque as achou dignas do applauso commum; e faz o mesmo comigo, que eu tenho já feito com outros:** elle aproveita muitos dos meus pensamentos, e eu tenho-me aproveitado de muitas lembranças dos nossos antigos: **esta he a cadeia do mundo: nós somos os ecos huns dos outros.** Se eu me queixasse do Piolhinho, muitos engenhos, que estão já nas sepulturas, também se queixariam de mim, se podessem. A longa serie dos tempos, que tem decorrido, tem feito com que **já se não digão cousas novas:** o mais a que os Authores avançam he á critica dos costumes da sua época, que pouco, ou muito brincada, vem a dar no mesmo, que já muitos disserão (p. 1-2).

Cem mil réis de renda ter,/ Pagar de casas sessenta;/ Depois vestir e comer/
D'aquelles tristes quarenta;/ Como se póde fazer/ Hum calculo, que dê nisto?/ Eu não sei entender isto! (p. 6).

[...] Foi a cinco deste mez, que cinco sujeitos de fabrica moderna convierão em fazer huma função de romaria ao sitio da Costa, por quererem tirar o ventre de miséria de peixe: e onde se poderia pilhar mais fresco, do que alli ao tirar da rede? Oh gostosa caldeirada, ferve, e toma o gosto dos temperos, até que estas barrigas se vão cevar no teu protentoso molho! Esperem os pargos, detenhão-se os roballos, não appareção por ora os gorazes, nem os congros, em quanto estes cinco viajantes se não põem a caminho para os tirar do lanço!

[...] Pelas seis horas da manhã embarcou o rancho no Caes da Pedra com excessivo contentamento; e de alforje sómente hum cruzado novo de pão. Cantarão-se modinhas pelo mar, houve muitas risadas; porém todos em jejum para poderem abranger a grandeza da caldeirada.

Chegarão a Cacilhas [...]. Apenas o rancho saltou no Caes, saltarão tambem no rancho vinte e dois garotos de grande marca, offerecendo burros ás Senhoras. [...] Tantas erão as Senhoras, tantas forão as quedas, que se derão. Hum dos Tafues, que levava huma garrafinha de mostarda n'algibeira para despertar o appetite da caldeirada, infelizmente, quando huma Senhora cahio, elle descendo-se com mais brevidade, para lhe acodir, tal geito deo, que fez a garrafa em farinha, e aqui temos dentro d'algibeira nada menos que outra caldeirada, que consta de bocados de vidro, hum lenço branco finissimo ensopado em mostarda, ou forro de casaca perdido, e huma caixa de rapé quebrada, da qual o retrato não tinha custado pouco. Que grandeza d'alma não he precisa a hum destes, para não fazer caso de semelhante desastre! O que lhe dava alguma consolação era saber que a Senhora, sua apaixonada tudo lhe havia de levar em conta.

Continuou tudo em socego depois desta mixórdia, quando a poucos espaços o machinho de sella, que era manhoso, se pôz aos couces de forma que sacudio o cavalleiro, abrindo-lhe a cabeça na esquina de huma pedra. [...] Chovem lenços a apertar a cabeça do enfermo, elle branco como a cal da parede, esforça-se por não se mostrar maricas [...],

Chegou o rancho á Costa, e dado á costa com fome do tamanho de todo aquelle areal [...] o mar encapellado, e negro, relampagos successivos, trovões amiudados, e agua a cantaros, fazia tudo huma caldeirada, que se não podia tragar. [...]

Desenganado pois o rancho de que não havia com que matar a fome, já corrião as barracas daquelle sitio, onde não acharão mais que duas postas de bacalháo muita

[sic] encortiçado, e quatro cebôlas cozidas [...]. As Meninas lá se accommodarão com o pão do alforje [...].

Desconsoladamente votou o rancho das Senhoras em marchar logo daquellas praias, e pondo-se tudo outra vez a caminho com caras de Monges d'Arrabida, se até alli as tinhão de Anjinhos de presepio, chegarão a Cacilhas pingando: e naquelle lugar, com carapáos fritos, que foi o que se achou, puzerão huma rolha na boca á fome. Houve suas descomposturas [...] e mais palavra, menos palavra, affretou-se huma falúa para ser transportado o rancho para Lisboa. Vinhão aquellas almas capazes de se pedir para ellas; porque vinhão ensopadas, agoniadas, esfaimadas, enxovalhadas, zangadas, e tudo o mais, que aqui se lhes poder ajuntar, que acabe em *adas*. [...] E a final nesta confusão de miserias chegou tudo a salvo ao Caes da Pedra.

Forão para casa, quasi como a páo, e corda, e dois mezes a fio se fallou na função a todos, que as visitavão (p. 8-13).

FOLHETO = 9. SETEMBRO.

O ESPREITADOR NOS TOUROS.

Já muita gente dirá, que he mais que impertinencia neste Espreitador andar-se mettendo por toda a parte, sem que lhe escape cousa alguma. Porém se já custa a soffrer, por pouco está o penhor, e não era justo, que elle se descuidasse de entrar em hum sitio, como he huma praça de Touros, divertimento bárbaro, objecto, que sendo para rir, muitas vezes faz chorar. E como se tem promettido nesta obra atacar os vicios, preciso se faz, que o nosso Espreitador comprehenda na sua correcção este imprudente recreio, que principia por huma trópa de mandriões mascarados, que annuncião nas ante-vesperas o fastidioso combate ao som de desconsolados instrumentos, e destemperados timballes, tocados por fingidos Chins em cima de bestas de ribeirinhos (p. 1-2).

Em quanto as Mães muitas vezes estão em casa remendando huns calções de seus filhos, estes estão na Praça rasgando a vestia, a camisa, e até o mesmo corpo. Lá foi hum ao ar, sacudido por hum boi matreiro: lá ficou outro sem hum olho: lá se quebrou huma perna: viva a função, nunca houve huma manhã, em que se brincasse mais. [...]

Concorrem ao sanguinolento espectaculo immensa gente de ambos os sexos, e de differentes graduações. Não fallão alli os propagadores da algazarra, isto he, rapazes de todos os bairros, que deixão os porteiros estafados; porque hum mette-se, como furão, e foge-lhes para dentro, outro guinda-se por traves acima, e escapa-lhes pelo telhado, outro conduz hum gozo arvorado em cão de fila, e quer entrar pela prenda; e finalmente até se vio já hum mandrião taludo pedir esmola, para ir ver os Touros (p. 3).

Sahio o primeiro Touro, e assim como sete alfaiates quizerão matar huma aranha, e ella escapou de ser morta, assim o Touro tendo quatro rojões contra si, por felicidade nenhum lhe chegou, porque se errarão todas as sortes; mas isto são sinas, com que os animaes nascem; e ás duas por tres não se conhecia quem era o Touro, cavallo, ou Cavalleiro, porque todos andavão com as mãos no chão (p. 4-5).

[...] saltou hum Touro á trincheira, depois de ter já estripado hum vaqueiro, morto hum preto, quebrado huma perna a hum dos Cavalleiros, e aberto a cabeça a hum curioso peralvilho de casaca, que sem entender nada daquillo, se metteo a esperto [...] Não havia mãos a medir para levar corpos para dentro, porque a Praça estava fazendo a vista de hum cemiterio. Foi então que o Espreitador ouvio a muita gente: *Nunca houve huma tarde mais divertida do que esta!* E até houve huma alma damnada, que disse: *Muito gostei, quando vi morrer o preto, forte Touro! pilhou-o bem em cheio; tive dó de o matarem á espada, eis-alli hum Touro, que devia ser guardado para outras occasiões* (p. 7-8).

FOLHETO = 10. OUTUBRO.

O ESPECTADOR NAS ASSEMBLÉAS.

He pasmar ver as drogas, de que se compõe muitas Assembléas. Foi a vinte e tres de Setembro, que a Senhora Dona Belarmina Bombarda Alhosvedros se dispôz a fazer em sua casa huma Assembléa em honra, e louvor dos seus desencadernados cincoenta annos. Limou-se a salla, puzerão-se papeis cortados nos castiçaes, pedirão-se cadeiras pela visinhança para accomodação dos devotos; e ainda que se tinha sacudido a poeira a tudo, tudo andava em huma poeira. [...]

Dêrão a sua entrada com hum sem número de beijos, e abraços; huma dizia com boca de quem come favas [...]. Outra, que era tática, e fanhosa, querendo também fazer o seu comprimento, principiava com estas palavras: *Te Vomecê tizé ateditá pô cincéo o meu todação, não teiçadá de me sê affetta, po o munto, que a etimo, e tesejo, e a seu tepeito é t'eu atóda ati venho, paa te muntos annos tonte tom munta fotuna.* [...]

De outro lado se via hum velho impertinente, e namorado, teimoso em querer, que huma das senhoras lhe tenha amor; e tão doudinho estava o bom do velho, que já passava os limites da civilidade, cahindo em atrevido, e alguma cousa insoffrivel de palavras, parecendo-lhe, que por aquelle modo faria o barco agua, sem se lembrar, que o homem ao abrigo da velhice, nunca deve perder os bons costumes, pois que já mais nada lhe resta, do que partir da velhice para a morte; e por isso deveria discorrer, que os moços nos seus vícios tem que combater só a razão, e os velhos a razão, e a vergonha. Porém como no tempo de hoje velhos, e moços, grandes, e pequenos, tudo he hum mólho de misturadas, que fazem o mesmo pratinho de esperregado, vitor feição, vitor galhofa, fique a tristeza para o demo, e galhofemos todos sem distinção de idade.

[...] aqui temos outra desordem; porque havia nesta função homens casados, namorando outras de fora, e algumas já com filhos sustentando o mesmo systema. Havia alguns mais commedidos, que se moldavão ao tempo, namorando pela sonça, e sem escândalo; outros contentavão-se de longe só com algumas gargalhadas: e esta namoricação risonha he a que os Tafues de bom gosto adoptão presentemente por menos trabalhosa; porque estamos em hum tempo, em que as Senhoras já não precisam escritos, feitiços, desmaios, e falladuras de noite: bastão os olhos d'agora, que a certos geitos dizem *amo-te.* [...] (p. 1-6).

Não passou muito tempo, que o nosso Espreitor se não introduzisse em outra Assembléa, para que foi convidado. E indagando elle quem éráo os donos da casa, logo achou quem lhe dissesse, que era huma viuva, que tinha seis filhas, as quaes se sustentavão de huma razão, que lhes mandava huma gente do seu conhecimento. Porém como todas cantavão, e bailavão bem o lundum, davão todos os dias a sua partida em casa, com chá, fatias, e modinhas Brasileiras, e a Mãe muito gostosa de ver as meninas tão obsequiadas dos concorrentes. Era hum gosto ver os differentes estafermos, que alli se juntavão; nunca se vio pobreza mais alegre; espera-se, que em poucos mezes saião á luz todas casadas, levando por dote as encantadoras prendas.

Serião dez horas da noite, quando estando a salla bem guarnecida [...] se ouvirão huns gritos no quintal das mesmas casas, de mulher afflicta. Descêrão todos

[...] e dão com a criada da casa, entalada pelos hombros, em huma fresta, que tinha o muro do dito quintal. Foi o caso: que namorando aquella criada [...] hum Lapidario, que morava no quintal visinho, este lhe pediu naquela noite, que quizesse ella passar por aquella fresta, a fim de lhe falar: e a tôla [...] ficou entalada de tal sorte, que nem para lá, nem para cá se podia mover [...] foi preciso vir hum pedreiro botar parte do muro abaixo. [...] e fique de exemplo a toda a criada de servir, que namorar, que a ratoeira do amor he mui subtil [...] (p.7-8).

Foi no dia seguinte que o nosso Espreitor na companhia de alguns amigos, com arte, e subtileza entrou em outra Assembléa [...]. Nesta mesma casa he que o Espreitor observou cousas galantissimas. Primeiramente achou todas as senhoras apegadas a hum Dom, que não tinha mais de hum anno; porque a que era até alli Felicia dos Anjos, já se achava feita a Senhora *D. Felicia dos Anjos Vilarina Alperce de Torlaya* [...] outra já velha, e meia desdentada [...] contou que no dia dos seus annos fizera huma função de estrondo, explicando-se deste modo: *Olhe, Senhora D. Felicia, no dia dos meus anos levarão-me a casa hum curioso, que glosava, que era hum portento!* [...] *Já no fim da noite glosou huma = Ódia = toda em verso, que era estar a gente pasmada com a boca aberta: elle glosou = Senetes, = elle glosou Estroffas, = fez cações =, que era hum dilúvio: ninguém podia fallar em elle fallando, bastou elle para encher toda a função* (p. 8-11).

[...] a hum canto da casa estava hum bom velho [...] que vendo lá hum Tافل, filho de hum amigo seu, com elle armou conversa [...] *Adeos Senhor Fulano, como está seu Pai? benza-o Deos. Respondeo-lhe o Tافل O meu tartaruga bom, mas cada vez mais impertinente [...] quer que eu lhe dê conta de quantos passos dou cá por fóra [...] não sou senhor de ficar huma ou duas noites fóra de casa [...] O andar por estas funções he o meu divertimento: Se V. m. gosta tambem destas Assembléas, eu tenho huma perfeita Môça alli para o Bairro Alto, que faz annos quinta feira, se V. m. quizer hir á função, que eu lá faço, ha de se divertir, que V. m. pelo que vejo não he tão grifo, como o ginja de meu Pai.*

Apenas o bom velho ouviu isto, virou para o Tافل, e disse: *Ora não seja ridiculo, pedaço d'asno: que confiança tem V. m. comigo, para me fazer taes convites? Tratando hum homem de bem, como seu pai, com tanta falta de respeito [...] e fazendo gala da peralvelhice, em que vive. [...]* Eis-que o Tافل ouviu semelhante reprehensão,

encheo-se de cólera, e quiz saltar no velho. Levantou o velhinho da bangalla, vermelho como hum cravo d'arrochella, e atirou-lhe duas bangalladas. O Taful, que se queria defender, e a necessidade o obrigava a murro seco, porque já se não usam floretes, pegou n'huma cadeira, para lhe atirar com ella. Huma Senhora para alli gritando *Á que d'ElRei*; a velha avó mettida em hum convulsão, com o pescoço estendido, que era hum molho de nervos, deo com a cabeça, e com os braços em hum peanoforte, e ficou debaixo delle: toda a mais Tafullaria a apartarem os dois, foi tal o barulho, forão taes os gritos, e tanta a desordem, que se deo tudo por acabado (p. 16).

FOLHETO = 11. NOVEMBRO.

O ESPREITADOR NA ÓPERA.

Pasma huma grande parte do Mundo novo, e pasmaria, se podesse, o Mundo velho, de ver os differentes effeitos, que fazem os nossos Theatros nos animos de algumas pessoas. Sempre as representaçõers Theatraes se consentirão para deleitar, e instruir; porém os homens as vão pondo em hum estado tão miseravel, que poucas vezes instruem, e muitas vezes destróem; e isto nasce da má escolha de peças, e das pessimas traducções, que dellas se fazem.

Nunca ornárão bem a estimavel moral pulhas de arreeiros, e equivocas obcenidades, que só servem de inverter o fim, a que os mesmos Theatros se propuzerão. A graça, para deleitar, ha de ser natural, e decente; a moral para instruir nunca deve eexceder os limites da civilidade, para que não degenerem em sátira; vicio este que o nosso Espreitador, muitas, e muitas vezes tem observado, bem a seu pezar. E o que mais lamenta he chamarem á moralidade pregação, e ás ridiculas graças, bellezas, reputando-as merecedoras de muitas palmas; chegando muitos ao descaramento de olharem para os camarotes a ver, se as Senhoras córão daquellas demasias. Que bonita cousa he reprehender-se o vicio com prudencia, e louvar-se a virtude com juizo! (p. 1-2).

[...] chega a outro camarote huma Senhora, que trouxe consigo, por exemplo, huma velha, huma mulata, e huma pretinha, que era a sua familia. Faz isto hum tal rumor na platéa, que ninguem se entende com o alarido: batem-lhes huma marcha de páos, e coices, fervem os assobios, e a final temos a casa da Ópera tornada em praça de touros [...]

Alli chega outra Senhora, attrahindo a vista de todos, e deixando alguns sem vista; e por este motivo lhe disparão todos seus tiros de luneta: e isto porque vestia huma túnica de transparente cassa, e tão transparente, que muitos a vião por dentro, fazendo esta Madama gala da nudez, em que se via. O que sendo observado pela *magna comitante caterva*, foi constante a assoada, e custoso de accomodar o labyrintho; porém a isto se expõe quem não olha para a sua decencia (p. 3-4).

A este tempo se presenciava nas barandas hum passo bem interessante a respeito de opposições de lugares; porque dizia hum moço de servir de táboa, a outro, que lhe ficou ao pé, da mesma abotoadura, que se chegasse para lá, ou que fosse para traz delle, para que lhe não enxovalhasse a libré, que ainda que não era nova, era virada de fresco; e que aquelles lugares de diante só pertencião ás pessoas da sua qualidade. E isto foi dito com hum tom tão imperial, que instantaneamente produzio sôco de quatro qualidades, a saber: sôco secco, sôco molhado, sôco em falso, e sôco apalavrado: em que cresceo a algazarra de outros, que taes, como se estivessem na taberna, diante daquelles nauseados, que tanto bebem, como vomitão (p. 4-5).

[...] E aqui temos a vistosa Actriz, fazendo das fraquezas forças para agradar; mas que extravagancia não se observa nos Espectadores! Que leve muitas palmas, porque cantou bem, he de justiça applaudir-se; mas ouvir-se hum *dá capo* eterno, em que a miseravel Actriz fica vexada, e indecisa com aquelles despropositos, fazendo-lhe repetir quatro e cinco vezes aquillo mesmo, que já se ouviu, de que ella fica mais morta, que viva, e até estafada no ultimo ponto: he huma loucura, e até deshumanidade! (p. 5).

Não merece menos critica ver dois meninos Espectadores, armados de isca, e fuzil, e postos a cigarrar naquelle lugar, encensando com aquelle pestifero cheiro todo o Auditorio; já hum velho para alli torcendo o nariz, outro para acolá a tussir, e alguns dizendo: *he até onde póde chegar a loucura da moda!*

[...] Houve cousa mais bonita que estar em huma frisura em companhia do seu criado hum velho a dormir todo o tempo, que durou a peça, e ser acordado pelo moço, quando o pano veio abaixo de todo; a que se seguiu perguntar-lhe o criado, se tinha gostado da peça? e elle responder-lhe: *He famosa, disto he que eu gosto, e não dos Italianos, que nunca lhes entendo palavra, e andão rindo, e chorando sempre a cantar, consistindo todas as suas acções em espremer limão. O Theatro Italiano tem muita incoherencia:*

eu ri muito o outro dia de vêr huma Princeza, a quem disserão que fosse depressa acudir a seu filho; que lho matavão, e a pressa, com que lhe foi acudir, foi entrar em huma cantarola de recitado, que levou huma hora, e ainda lhe pespegou huma longa ária no fim: de sorte que se aquelle lanse fosse ao vivo, não só tinha tempo de morrer o filho, mas de morrerem mais de dez, ou doze pessoas (p. 6-7).

He nesta mesma platéa, que o nosso Espreitador vê algumas pessoas tão faltas de juizo, que vão de proposito áquelle lugar por paixão de dar pateada a tudo, e a todos os Comicos, parecendo-lhes que assim lhes abatem o merecimento. Ha outros comprados pelo pequeno preço de hum bilhete, para irem de proposito bater palmas a torto, e a direito; o que succede quasi sempre, quando ha dois Theatros oppostos. Ha outros, que mettidos a espertos, applaudem as frioleiras da Comedia, e chamão á moralidade sermão de lagrimas. Ha tambem Comicos, que apenas entendendo da representação, retalhão as peças, decidem dellas, põe de má fé os Authores, e entrão na vaidade de serem Authores, e Comicos ao mesmo tempo. Ora isto não seria nada impossivel, se fossem ajudados de fundamentaes principios (p. 7).

Jámais deve esquecer o sussurro de impertinente conversação, que perturba o Theatro, e incommoda os ouvidos das pessoas mais cordatas, que se querem divertir com a peça; quando até he falta de politica estar no público fazendo huma tal zoadá, com a qual nada se deixa perceber; e quando a casa da Ópera nunca foi Praça de Commercio [...] e demais a Ópera representa-se para se ouvir, e não para se perturbar (p. 8).

Resposta, que o Author mandou a hum seu amigo, de quem recebêra huma carta, pedindo-lhe novidades de Lisboa.

V. m. me pede novidades desta Côrte, para se divertir com ellas nesse retiro, em que vive; acho-lhe toda a razão, e fallou muito a tempo, porque as tenho fresquinhas, e tão frescas, que para chegarem lá sem se perderem, me he preciso segurallas com aquelle sal attico, que lhes dá o melhor sabor.

[...] O povo de Lisboa para alongar os seus dias deo na fina, que he comer, beber, e passear; e isto se prova com duas mil casas de pasto, e outras tantas de café, que ha na Cidade, sempre cheias a botar gente fóra.

[...] Aqui corre huma nova introdução, que fizeram as Senhoras do tempo presente, as mais opulentas, e tafúlas. Não deixo de lhes achar alguma graça no modo, com que se querem distinguir das que tem poucas posses, e vem a ser, que quando se achão juntas estas senhoras, que andão de carruagens, e traquitanas, e se falla em algumas, que andão a pé, já dizem: Fulana, e Fulana não são da nossa ordem, são da infantaria. E acha-se hoje o sexo femenino dividido em dois regimentos, como trópa de Cupido.

[...] O meu Espreitor me avisa que ha immensas casas, que padecem miserias, por não terem a que se tornem, o que se não via algum dia; e nasce esta infelicidade de chegarmos ao tempo de se verificar aquelle ditado, *que nem tudo o que luz he ouro*; pois que nos nossos antepassados, se havia o vexame de huma importuna doença, hia-se empenhar, ou vender os brincos de ouro, o anel de diamantes, o laço irmão dos brincos, e a salva de prata; e hoje se huma familia se vê em algum flagello, e se quer tornar ao que tem, apenas acha caças de ramos, bordadas de lentejoilas, cadeados de latão para as orelhas, cadêas de cobre, a quem o ouro só emprestou a cor, medalhas de pixisbeque, aparelhos de casquinha para chá, tudo mais proprio para a feira da ladra, que para a loja de hum ourives.

Ora como os tempos vão correndo com escacez, e carestias, tem isto aperfeiçoado muito os professores da economia. Agora de proximo apparece nesta Cidade hum homem, que para se livrar do vicio do tabaco, em lugar de caxa, traz sempre hum palito na mão; e quando lhe lembra tomar a pitada, faz com o mesmo palito humas cócegas no nariz, que o fazem espirrar seis, e sete vezes; e diz elle abertamente, que por effeitos do palito tem conseguido o fim, para que tomava tabaco, sem despeza alguma: e o mais he que até se livra de brindar os seus amigos, porque pitadas daquella qualidade não servem para nariz alheio (p. 9-12).

FOLHETO = 12. DEZEMBRO.

O ESPREITADOR EM GERAL.

[...] assim como ha muitas diversidades de malinas, ha huma epidemia de tolices de differentes lotes: este nosso Espreitor, querendo indagar de onde provém os males, que tanto inquietão os viventes, e desordenão a máquina, achou que todos os damnos tinhão a origem no contagio da tollice; e armando-se de paciência, e vagar, teve

o bom gosto de contar nada menos que dezeseis classes de tôlos, isto he, dos mais circunstanciados, que bem definidos vem a ser: Tôlo bom, tôlo máo: tôlo manso: tôlo bravo: tôlo por arte: tôlo por natureza: tôlo presumido: tôlo de meia idade por diante: tôlo toda a sua vida: tôlo que se emenda: tôlo que julga por si os mais: tôlo que nunca se entende: tôlo que logo se dá a conhecer: tôlo que faz a outra gente tôla: tôlo que em tudo se mette: e tôlo para humas cousas, e de juizo para as outras (p. 2).

Tôlo, que em tudo se mette, tem a cabeça, como huma celha de eirozes vivas; andão-lhe as idéas sempre a ferver, e a saltar. Se tem a manía de Picador, he pouca a cerveja preta, que vem de fóra, para as quédas, que dá; se presume de valente, leva mais maçadas, do que leva o milho na eira; nos negócios, em que navega, a cada passo dá nos cachopos: falla muito, e sempre a quebrar o fio do palanfrorio, como linha podre, quando se doba; quer entrar em toda a parte, e quasi sempre fica, como o rato na ratoeira; grita contra os outros do mal, de que só elle teve culpa; quando vê hum verdadeiro sábio, pensa que vê o seu retrato, sendo tão differente, quanto vai do lume á neve: e finalmente todo elle he hum rebôlo de amolador, que anda, e desanda (p. 9-10).

Tôlo para humas cousas, e de juizo para as outras: desta classe de tôlos he o maior número [...] ha homens, assim como eu, que sabem reprehender tudo, mas cahem miseravelmente no mesmo, que reprehendem: e estes são huns tôlos mais perfeitos, porque de todas estas classes tem hum bocadinho. Porém consola-se o Editor com saber que este Folheto ha de ser lido por muitos de tanto amor próprio, que vendo estas carapuças, hão de julgar que não tem cabeças para ellas, quando talvez lhes encaixem, como esturro em ventas de velha (p. 10).

Acabou de mostrar o nosso Espreitor neste quadro as dezeseis classes de tôlos quadrados, e por isso parece justo, que passe agora a fazer outra differente pintura, qual he a do homem de bem, honrado, e discreto, copiada fielmente de muitos homens, que povôão este Reino, e que pela sua honestidade, e comportamento são bem dignos de serem imitados (p. 10-11).

O homem de bem, que se préza de Portuguez honrado logo mostra no rosto hum ar penetrante, e agradável: a sua figura em nada se faz aborrecivel, porque he revestida da maior politica. Quando falla não se inculca por sábio, e por isso não promette tudo quanto vale; mas sempre mostra que as suas expressões são filhas do entendimento, e da sua probidade [...] e ás vezes tem o dom de se saber explicar com o silencio; não he

pequena virtude no homem mostrar que sabe falar quando cala, e que sabe calar quando falla. Ouve os outros pacificamente, e com facilidade lhes perdoa o terem pouco juízo, com tanto que não pretendão fazer-lhe crer, que tem muito [...]. Olha as ridicularias de alguns homens com indiferença, porque vê que nem todos tem culpa das propensões dos seus génios (p. 11-12).

[...] Não anda mascarado com agrados, mentiras, e fingimentos; com o rosto, com que prometteo, com esse cumpre; no commercio da sociedade nunca teme perder, porque também não quer ganhar muito, e impõe a si proprio a obrigação de cumprir com o que deseja achar nos outros. Este he o caracter do honrado Portuguez; e aquelles, que assim não são, vendo que nesta pintura não tem o seu retrato ao proprio, recorram ás dezeseis classes, já apontadas, que talvez lá o achem (p. 13).

[...] ha de haver maganão do rancho dos meus Leitores, que ha de estar á espera de que este Espreitor diga das Senhoras outro tanto [...]. Porém deve advertir, que a delicadeza deste sexo faz com que elle o trate com o maior respeito; e não parecia bem, que elle dissesse, que as Senhoras usavam agora de coroa, e seta na cabeça, porque a tem tão leve, que já não sabem o que lhe hão de pôr, para lhes fazer pezo [...]. Não havia de certamente lembrar-se de Senhoras, que levam quatro horas a vestir-se em casa, para apparecerem na rua quasi nuas (p. 14-15).

Este Espreitor não sabe ser desattencioso; e por isso se empenha em tratar com muita modestia tudo, que veste saia. Que diria o mundo, se elle puzesse em público, que houve huma Madama, que estando seu marido nos ultimos lances de morte, a chamou, e lhe disse: *Filha, tu ficas viuva, e de mui pouca idade, o que te peço he, que a casares segunda vez, não seja com fulano de tal, porque he homem da minha zanga, e de quem sempre vivi muito scandalizado.* Ao que ella lhe respondeo: *Não, meu filho, morre em paz; não leves esse receio contigo, porque já ha mais de um anno, dei a minha palavra a outro.*

Que odios não grangearia este Espreitor, se elle puzesse em letra redonda, que quasi todas as Senhoras por fallarem muito, fallam muito mal, e dizem muitos destemperos (p. 15-16).

[...] Acabou-se a obra, acabou-se o anno, e sinto a paciencia também quasi extincta com estas Obras Periodicas. Eu bem vejo que o Público necessita de hum divertimento decente, como este; mas esta curiosidade insensivelmente vai arruinando de todo a minha pouca saude. Porém se os meus benignos Assignantes, que tanto me tem lisongeados, e obrigado com as suas promptas assignaturas, quizerem, apesar do

meu incómodo, que eu lhes continue este divertimento, vão pôr com muita pressa outros dez tostões na loja da Gazeta, com os nomes das ruas em que morão, e os números das suas portas, que sempre lhes darei á luz para o anno, que vem de 1803 Folhetos, que mereção esta quantia em huma Obra periódica, intitulada: *O Barco da Carreira dos Tólos*, conduzidos a huma nova Ilha, divididos em doze classes, e huma cada mez (p. 16-17).

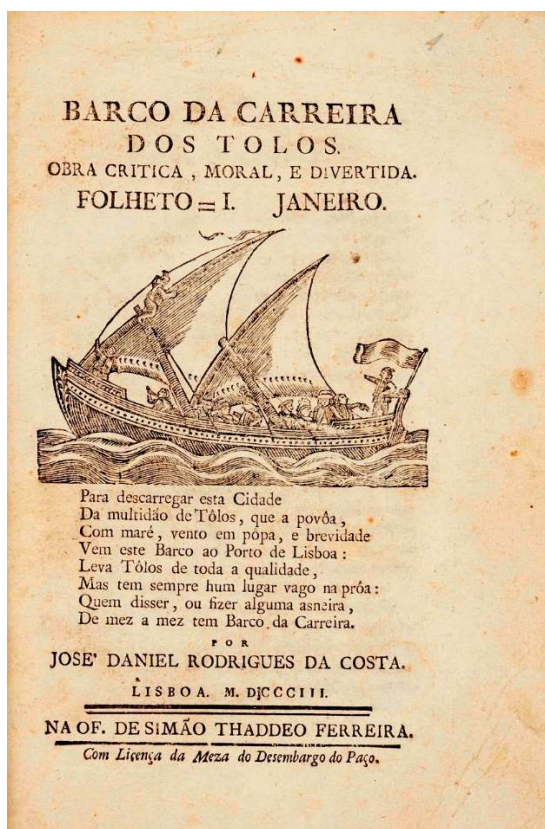
[...] se gostão destas obras, como me tem mostrado, se a benignidade do Público me concede nellas algum merecimento, e se a minha crítica jovial de alguma fórma emenda os vícios, parece que se não dará por mal empregada a módica quantia da referida assignatura.” (p. 17).

[...] Ás Senhoras modernas devo tudo, e tanto, que muito mais, (com perdão das mesmas Senhoras) eu tenho que dizer dellas; e dos productos das obras, que faço, até devia dar alguns dotes ás mais necessitadas, coitadinhas, visto terem sido o instrumento de alguma felicidade minha: isto he, fallando com as que são mais raparigas; porque as de cincoenta annos para cima, nenhuma precisão tem do meu acolhimento.

Alegrem-se todas as velhas do tempo presente, que estão em hum Seculo, em que hão de ter sahida por força, o calculo he bom de fazer, e a razão he esta. Os homens velhos largarão as cabelleiras, que lhes encobrião a idade: pozerão-se de cabello, e cabello tão branco, que parece que trazem na cabeça hum reboco de cal. Nesta situação já as moças não Olhão para hum homem de calva á vela, e de cabello ruço, porque a Cidade está contaminada de meninos amarrados, que sempre são outra qualidade de objectos; e os velhos, vendo que não pertencem a esta classe, aqui os temos namorando as velhas em timbre do desprezo, que as moças lhes fazem. E o mais he que o abandono das cabelleiras pôz insensivelmente a namoração em ordem (p. 18-19).

[...] Aquelle dos meus Leitores, que for tão desconfiado, que se estimule destas pinturas arbitrias, que vão neste Espreitador, fará huma igual figura á daquelles tristes animaes, que se queixarão do Pintor; e até fará ver aos outros homens, que tem em si os vícios, que aqui se apontão. Huma bella cousa será medir cada hum as suas acções, e passos pela correcção destes Folhetos no seu particular; porque, senão he honrado, e os mais o tinhão em outra conta, com a emenda dos vícios melhor póde persuadir, que o era, sem que se conheça o tempo, em que deixou de o ser (p. 21).

4. *BARCO DA CARREIRA DOS TOLOS* (excertos)²⁴



BARCO DA CARREIRA

DOS TOLOS

OBRA CRITICA, MORAL E DIVERTIDA.

FOLHETO = I. JANEIRO.

Para descarregar esta Cidade/
Da multidão de Tôlos, que a povoa,
Com maré, vento em popa, e brevidade/
Vem este Barco ao Porto de Lisboa:
Leva Tôlos de toda a qualidade,
Mas tem sempre hum lugar vago na proa/
Quem disser, ou fizer alguma asneira,
De mez a mez, tem Barco da Carreira.

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

NOVA EDIÇÃO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE ELIAS JOSÉ DA COSTA SANCHES.

Rua da Cruz de Pau mº 12 A. (a Santa Catharina.)

1850.

²⁴ Os excertos publicados são da 3ª edição, salvo indicação em contrário. Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

FOLHETO = I. JANEIRO.

PROLOGO.

Amaveis, e curiosos Leitores, novamente me apresento á vossa curiosidade, e continuo nas minhas pequenas, e vulgares composições, mais fiado na vossa benevolência, que no meu merecimento. [...]

Muita gente do meu génio, admirada desta continuação de Folhetos, já por espaço de seis annos, me pergunta, quando faço estas Obras? Se as faço dormindo, ou acordado? Porém como o dormir, e o acordar he para mim hum abrir, e fechar de olhos, nisto lhes dou a saber, que tenho tempo para tudo; e até para notar a infelicidade da Época, quando ouço os mesmos Livreiros queixarem-se da pouca extracção, que tem as obras, em que contratão, pela falta de gosto, e hum certo dissabor, que a mocidade tomou ás letras. [...]

Toma-se por moda o desprezo, que se faz das obras dos nossos Authores, e assentão comsigo muitos estúpidos, que os livros de fóra são só os que instruem, e deleitão. Nos mesmos Sermões, se há hum Pregador, que se explique de hum modo mais sublime, já a mordacidade lhe diz: *Pregou bem, mas o melhor, que se lhe ouvio, não he seu, aquillo foi tirado de algum Author Francez.* E quasi todos querem, que as composições Francezas sejam, como a agua das Caldas, que serve para tudo.

[...] Mas a maior desgraça, que as letras tem, he que a mais da gente lê para se divertir, e não para se aproveitar, estimando hoje muito mais a riqueza do que a sabedoria [...]. Com tudo no meio das repetidas queixas, que ouço, da pouca applicação, no tempo presente, eu sou o que menos devo gritar contra este erro; porque o grande número, que sempre tenho de honrados Assignantes nas minhas Obras, me não deixa lugar para sentir o que os outros sentem; e fôra ingratidão minha para com o Público não o confessar assim.

[...] Na invenção deste Papel periodico se cortão os vicios, se exalta a virtude, e se provoca o riso naquellas matérias, que admittem huma decente jocosidade, guardando sempre os limites da modestia, e respeito, com que se deve tratar o prudente Leitor. Estas correcções ordinariamente recrêão o homem de bem, e fazem que o vicioso se envergonhe de si mesmo no seu particular; porque assim como hum espelho mostra a feição do rosto, e a igualdade, ou a desigualdade do ornato, assim estas Obras críticas, contempladas como espelho, mostrarão ao homem os erros, e os excessos, em que vive, para se poder emendar; que se cuida, que os seus defeitos estão occultos, e

aqui os vê patentes, represente-se emendado, para que o mesmo espelho o possa representar com a belleza, que deve á restricta obrigação dos seus deveres.[...]

Nestes termos creio que não se dará por perdida a Assignatura desta Obra, ainda que vejo presentemente , que não falta aos homens para que appliquem o dinheiro; porque elles tem o Isidro [casa de pasto], que leva todos os dias seis tostões a huma grande parte de gente, donde ás vezes trazem huma indigestão: elles tem os Touros, que levão oitocentos reis á grande multidão de Povo, que alli concorre [...] elles tem a Menina invisivel, que leva hum cruza- [p. 6-7]do a cada pessoa, sendo nisso que ella mostra a sua maior habilidade: elle tem as figuras de cera, que levão doze vintens ás almas tão sinceras, que assentão serem aquelles huns retratos fiéis, e exactissimos, só porque o Estrangeiro o diz.

Tudo isto concorre para a epidemia do Seculo, de sorte que vai dando o sarampo nas obras, com fastio nos Leitores; porém se a molestia não for a mais, saiba desde já quem assignar esta Obra, que deve, imitando os meus bons, e honrados Assignantes, dar logo os seus dez tostões ao fazera da Assignatura, para lhe ser entregue cada mez hum Folheto de quatro folhas de papel, até completar o número de doze, como fiz com o Espreitador do Mundo novo. Se gostarem, isso me encherá de grande satisfação; e se lhes não contentar, rogo-lhes que se lembrem, que hum homem há seis annos a fallar alguma cousa se lhe deve levar em conta.[...] (p. 3-7).

CARREIRA DOS TOLOS MODISTAS

Depois que o Sábio, e judicioso Erasmo, pôz a ultima demão ao Elogio da loucura, hum heróe dos nossos tempos, que o lêo, ficou tão namorado deste Elogio, que não se achando com cabedal bastante para fazer outro tanto, comprou hum barco, applicou-se á Manobra, e Nautica, e partio a descobrir terra, onde podesse cómodamente alojar em paz a nunca extincta geração dos Tôlos. [...] descobre outra Ilha, povoada de frondosos arvoredos, e pelos seus campos em grande abundancia se observava a herva Lotos, de tanta virtude, que huma vez comida, fazia desde logo esquecer todos os males, e acontecimentos da passada idade, dando hum novo realce á estupidez dos que della se alimentavão [...] e por isto destinou transportar á mesma Ilha os Tôlos que encontrasse pelos diversos Paizes do mundo, para que em pleno repouso podessem gozar livremente da sua Tolice, sem estorvo dos que imaginam ter nascido

para censurar, e emendar o genero humano [...] Os primeiros, que escolheo para transportar á Ilha dos Tôlos, forão os Tôlos com as Modas (p. 9-11).

[...] ha casas em Lisboa, que se arruinão, e nada lhes chega, pela triste negociação de em dois dias comprarem novo, e venderem por velho: estas são as casas, que a Providencia me destina, para eu ter hum pão, que coma, e poder acodir á minha familia: que seria de mim, se não fosse adela de gente appetitosa! (p. 19).

[...] meus Pais mandarão-me a Coimbra, e de lá os fui entretendo, como pude, gastando a mezada em jogos, e funções, rifas, e brincadeiras, e nisto me conservei cinco annos; e em lugar de me formar em alguma Faculdade, insensivelmente sahi formado em Tolice, e cá he que tenho actos grandes [...] Minha mulher, que a pezar das minhas desgraças, não descia da burra de deixar de campar no bairro por sectaria de todas as modas, querendo o que se usava de affectação, e de melhor, pôz-me na consternação de ir vendendo o que tinha em casa (p. 22-23).

Agora quero dar as crescenças deste Folheto no Apologo que se segue [...] porque hum Papel de prosa adubado com os seus versos he hum pratinho de muita estimação, e que nem todos sabem guizar, e conforme a melhor exposição de muitos Doutores, he hum ovo com duas gemmas. A prosa só por si sem mais nada he manteiga com ranço; Poesias, sem a companhia de alguma prosa, são bôlos da esperança, que em se comendo mais de dois até tres, enjôão. Ás vezes succede encontrar-se gente com aborrecimento a huma, e outra cousa; mas então quem não gostar de ler, olhe para o Barquinho, que vai no frontispício da Obra, e veja se se tenta a embarcar (p. 24-25).

ANECDOTAS

Aconselhando hum sujeito a hum seu amigo, que estava para fazer huma impressão de hum livro, *que o imprimisse em papel muito grosso*; o amigo lhe perguntou, para que lhe dava aquelle conselho? A que o outro respondeo: *Para acudir mais ao pezo, quando se vender aos Confeiteiros para embrulhar assucar, que he a morte dos livros presentemente* (p. 31).

FOLHETO = II. FEVEREIRO.

CARREIRA DOS TOLOS NAMORADOS.

[...] hum rapaz vestido em corpo, de calças, botins, e chapelinho redondo [...] nesta Carreira dos Namorados eu devo fazer a primeira figura; porque nesta matéria não ha hum Tôlo mais refinado. Eu sou cabelleireiro, que de manhã penteio os meus freguezes, e de tarde podó-me á moda, faço corte nas praças, e nos cafés: levo as noites ou em salas de dança, ou embrulhado em hum capote, cantando modinhas, e tocando guitarra, com ranchos de outros vadiós, como eu. Dou descantes ás criadas dos meus freguezes, e ás vezes ás amas da casa; porque estas me tem metido na cabeça, que para modas Brasileiras, e lunduns chorados não ha quem me iguale [...]. Escrevo cartas de amores [...] a carta que eu mandei a huma Senhora, que era filha de um freguez meu, e que indo ás mãos do Pai por huma criada da casa, no dia da penteadura fazendo-me elle huma espera, levei da sua mão com hum arrocho, que malhou até se quebrar, de que estive na cama dois mezes [...] (p. 2-4).

Tenho dezessete fixas, humas ricas, e outras pobres; não sabem humas das outras: ando sempre com a algibeira cheia de escriptos amatorios; não me escapa tarde alguma o Passeio-público; nem nos Domingos, ou Dias santos, adro de Igreja. Se encontro rancho sem homem, já vou á roça; por sinal que huma das vezes, que isto fiz, com todo o desembaraço levei de huma Senhora hum horrível bofetão. Se vou á Ópera, ponho-me da platéa ás cortezas para os camarotes, a ver se pega a lábia (p. 5).

[...] Nunca tive outro vicio senão este: em vendo mulher, já se me figurava que me queria bem, ainda que fosse huma preta; deixava-me levar dos agrados, que me fazião, e todas me depenavão (p. 7).

[...] a tempo que chegou huma Tafúla, muito fanhosa, torta, e só com dois dentes podres na boca, tão trigueira, que parecia huma mulata; porém ajaezada á moderna, no último chefe da moda, e disse: Senhor Arrais, aqui venho por ter desempenhado na Cidade de Lisboa o nome de huma tola namorada. Não ha militar, não ha aulista, não ha estudante, caixeiro, guarda-livros, e rapaz, que se preze de tafúl, a quem eu não tenha namorado, porém com minha infelicidade, porque tenho aturado muito desprezo, sem saber a causa; pois eu se me ponho a hum espelho, vejo que não

sou das mais feias; e ainda que tenho trinta e sete annos, digo a todos que tenho vinte (p. 10-11).

Seguirão-se logo dois Tafúes, que erão mesmo dois papelões [...] Tenho namorado, desde que me entendo, quinhaentas e oitenta e cinco Senhoras, cozinheiras cento e noventa e sete, dezoito assadeiras de castanhas, trinta e seis viúvas, fóra alguns encontros de menos apreço (p. 11-12).

[...] sou hum homem casado, mas folgazão; em casa pareço hum santo, mas por fóra não o faço mal para a idade, que tenho. Namoro despropositadamente, de sorte que tenho pilhado meus dissabores: falto á minha casa com o que nella se precisa; mas cuidando minha mulher que he porque me não chega o que tenho, não he assim: he porque tudo estrago com as paixões, que tenho por fóra (p. 12).

[...] Já estava meia barba feita, quando ella me mostrou de lá hum papel. Eu que lhe estava dando atenção, e com a cabeça pelos ares, vou á cara do freguez, sem olhar para ella, e rapo lhe huma sobranceira, cuidando que era barba. Entra o homem a gritar contra mim, quis-me dar, remendou a sobranceira com tinta de escrever; acodio muita gente; sahio para fóra, e logo me protestou, que onde quer que me pilhasse, me havia de matar (p. 20).

[...] chegou huma velha de sessenta e oito annos, muito presumida [...]. O Arrais [...] deo-lhe huma risada, e *disse*: V. m. não faz bem nessa idade, em querer mudar de Paiz; o que V. m. deve procurar, pelos annos em que a vejo, he algum cemiterio; e de mais, V. m. certamente não tem pela sua velhice as qualidades de namorada, que he hoje a tolíce, que embarco nos indivíduos, que vão na minha Carreira. [o outro excluído pela idade: o sarcasmo torna-se humor negro pela alusão ao cemitério e a cruel referência explícita à idade da mulher] Ah Senhor Arrais! *respondeo a velha*, ninguem no mundo tem namorado mais do que eu, ainda hoje faço o que posso [...] Agora vivo hum tanto desconsolada, porque por mais que me affecto de bonita com unturas no rosto, não acho já hum rapaz, que olhe para mim [...] quando dou algum passeio trajada á moda, ajunta-se muita gente para me vêr: então faço os meus tregeitos para aquelle, que mais me agrada, a vêr se cahe na rede, e logo todo o ajuntamento entra ás gargalhadas, admirando-se tudo da minha formosura. [...] *Disse-lhe o Arrais*: Pois Senhora, embarque depressa, que só na terra dos tôlos he que pode ter alguma sahida, ainda que descubro em V. m. tres molestias incuraveis, que he ser tôla, velha, e

presumida; mas console-se que com estes tres achaques ha muita mulher em Lisboa (p. 23-25).

FOLHETO III. = MARÇO.

CARREIRA DOS TOLOS MAL CASADOS.

[...] he uma classe de gente, de que a nossa Cidade se acha bem munida, pela facilidade com que os casamentos se fazem a torto, e a direito. [...] A primeira, que se offereceo, foi huma rapariga de vinte e quatro annos, que por effeitos de huma maçada, que tinha levado, fugira a seu marido [...] Huma vez que sahi fóra por precisão grande, encontrando-me na rua, na mesma rua me deo, e me levou para casa. Acodio logo huma comadre minha [...] não ficou muito contente com aquella visita, porém tanto ralhou, e tanto disse para me incitar, que pegou n'hum páo para vir direito a mim. [...] repartio por tal modo a pancadaria, que eu e a comadre ficámos prostradas por terra. Eu levava o maior quinhão; e a comadre parecendo-lhe aquillo impossivel, julgava por engano as que lhe cabião (p. 2).

Hontem que eu estava em casa muito descansada, sem eu o saber, andava meu marido rondando-me as casas por fóra, a ver se alguem me visitava. E mettendo-se-lhe o diabo na cabeça de que eu tinha alguem comigo; á boca da noite pedio na visinhança huma escada, e arrumou-a á janella da cozinha para querer entrar por ella. Eu desapercebida de tal, que andava lidando, pego na tigela da casa, vou á janella para a vasar n'hum saguão, a tempo que o maldito cioso vinha subindo de mansinho pela escada de mão acima: quem mal não usa, mal não cuida, levou a caldeirada toda em cima de si: gritou, entrou para dentro, e julgando ser de proposito o que fora acaso, pôz-me neste miseravel estado, em que V. m. me vê (p. 3-4).

[...] só depois de casada he que soube, que por uma falsidade, que fez, já tinha estado na Trafaria para ir para Angola [... prisão e degredo] quem o ouvisse fallar, por força se havia de capacitar daquella ponta de lingua! e no cabo não havia vicio, que não tivesse! até tinha cinco amigas, e intentou metter-me huma em casa! (p. 7).

He hum engano dizer-se que quer huma mulher, quando casa, ser dona da sua casa; não he assim: sahimos da liberdade, e vamos para a escravidão. Quasi todos os

homens com suas mulheres os primeiros quinze dias do noivado (se lá chegão) não há Santos, a quem não as encommendem, e depois não ha diabos, a quem não as entreguem (p. 9).

[...] chegava hum mocetôna, que parecia hum soldado de cavallo, córada, gorda, bonita [...] (p. 14).

[...] outra Senhora mais idosa [...] Sou casada com hum Poeta, que me tem destruido o meu dote em funções [festas] com vagabundos, e agora se quero hum vestido para o meu aceio, só acho hum soneto. Á meza não tenho mais do que décimas: são mais as noites, que me fica por fóra, que as que dorme em casa: emprega os seus dias em andar pelos cafés, repetindo versos, feito pregador de Cupido. Em casa não se póde soffrer [suportar]: se a criada lhe vai pedir algum vintem para o gasto diario, e elle está compondo alguma obra, de olhos no tecto a buscar consoantes, dá-lhe hum bofetada, que fica a pobre rapariga atormentada, porque não quer ser estorvado. [...] Anda sempre n'hum roda viva, convidado por estes, e por aquelles, para fazer versos a tudo, e a todos; a troco de hum copo de ponche, e muitas e muitas vezes me entra bebedo para casa, que he o que mais me scandaliza (p. 17).

[...] há muitas razões, porque se fazem versos. Faz bem versos o homem de juizo por seu mesmo divertimento, medindo a occasião. Faz versos o tôlo a torto, e a direito, sem perceber a sua difficuldade, por gabola vaidoso. Faz versos o necessitado, que nunca olha para a belleza, e perfeição delles, **com o sentido no producto**, que he o que lhe importa. Faz versos o vadio, para lhe servirem de isca nos ranchos das suas patuscadas. Faz versos o bebedo pelos vapores do vinho, que o eleva a cousas grandes, sem fundamento. E faz versos o doido, sem elle mesmo saber o que faz (p. 18-19).

O tôlo ou campa com versos alheios, ou faz trovas a tudo, e quasi sempre não se tira de *Cupido, settas, aljavas, laços, feridas, cabras, ovelhas, cajado, e pastores*. O necessitado he bandeirinha de vento, vai para onde o voltão, e he rara a vez, em que deixa de ser mordaz satyrico. O vadio, todo o seu forte são versos chulos, e obscenos. O bêbedo não passa de cantigas, e nellas esgota consoantes altos, e baixos trazidos a páo, e corda, sem arte, ou natureza; porque falla o vinho por elle (p. 19-20).

Senhor Arrais, eu sou casado, e tôlo, desde que casei, em aturar os negros ciumes de minha mulher ha nove annos, sem que se passe hum dia, que não estejamos

como o cão com o gato, pelo maldito genio cioso daquela impertinente. [...] Trouxe para casa huma criada [...] Oh Ceos! vinha a casa abaixo com choros, convulsões, estericos exaltados, espreitando-me continuamente, desconfiando de mim, e fazendo a pobre rapariga victima dos seus furores; e não descansou sem a pôr fóra, e tomar outra; mas aos dois dias entrou no mesmo vexame [...] Não ha muitos dias que por eu visitar huma visinha, se virão os Meninos Orfãos a cavallo: saltou n'huma convulsão, deo murros em todos os que a seguravão, e mesmo convulsa me descompôz; estafoa a visinhança toda nos pulos, que dava, foi tudo hum labyrintho, por aquella falta de prudencia (p. 21-23).

FOLHETO = IV. ABRIL.

CARREIRA DOS TOLOS MAL CREADOS.

[...] huma leva de dois rapazes, hum de doze, outro de quatorze annos, o qual mais bregeiro, e tôlo, filhos de gente bem nascida, e muito mal educada [...] A todos escandalizava aquella familia, por se ver a tafularia do gado feminino, e o desprezo, e má criação daquelles dois rapazes, sem ensino, sem estimação, sem doutrina, cantando pela rua o *José Fideles*, e outras bregeirices impróprias de huma gente de bem; desarranjo este, que a cada canto se encontra por Lisboa (p. 2).

[...] Eu sou um fallador eterno; he rara a conversação, em que me metto, que não produza sete, e oito questões: nas casas de pasto, onde vou jantar, abismo a toda a gente, em eu abrindo a boca, porque no espaço de hum quarto de hora revolvo todas as Sciencias, sempre a fallar, e sem deixar fallar ninguém. Reprovo por systema tudo o que os outros fazem; digo mal do que não entendo [...] argumento com todos em toda a materia; fallo dos gabinetes; levanto a guerra, e faço a paz de Reino, para reino, em quanto esbrugo huma maçã. Sou Poeta, tenho composto muitos versos obscenos, com que faço rir os meus amigos [...]. *A isto respondeo o Arrais*: Tenho percebido: V. m. creio que he hum formal libertino, teve má educação, e com ella se conserva [...] a isso chamarei eu má criação, e peralvilhice (p. 3-4).

[...] sou hum verdadeiro Tافل, e disso me prezo: se fui mal educado por meus Pais, como aprendi depois Mathematica, e Francez, tenho adquirido todos os

conhecimentos; e daqui me provém o fallar tanto, como fallo. [...] não tenho papas na língua (p. 5).

[...] Senhor Arrais, ha de ter paciencia, que hei de embarcar nesta Carreira na companhia de minha filha, já que fui tão tôla na creação, que lhe dei, que veio a sahir hum dragão, com que já me não atrevo. Nunca cuidei que a liberdade, que lhe dava em pequena, deixando-lhe fazer em tudo a sua vontade, fosse o alicerce do precipicio, em que a vejo. Sahio-me a rapariga mais tôla que já mais se tem visto: he huma desarranjada, he huma preguiçosa, he huma desvanecida [...] *A isto respondeo o Arrais:* De si se deve queixar pela má creação, que lhe deo logo de principio: os Pais, e Mães tem toda a culpa da desordem, em que o mundo vive: se V. m. lhe ajustasse as contas em pequena, não acharia o erro dellas tão tarde. [...] Mas que ha de ser, se Pais, e Mães crião hoje os seus filhos n'hum a aura fôfa, sem obediencia, e ás vezes até sem Religião, porque o systema moderno he grangear dinheiro, saia donde sahir, comer a fartar, e luxo sem mediania, nem honestidade: estes são os tres eixos, em que rola hoje huma grande parte de familias (p. 6-7).

[...] esta mulher, que aqui trago, he a mais refinada gulosa, que se tem conhecido. Sou casado ha desesseis annos com ella e não se passa hum só dia em minha casa, em que se não faça doce: muitas, e muitas vezes não se põe a panella de vaca ao lume, só para fazer arroz de leite (p. 8).

FOLHETO = V. MAIO.

CARREIRA DOS TOLOS VELHACOS ENCOBERTOS.

[...] Calote a hum, calote a outro; cara risonha no principio do engano, que tecia, e depois rosto carrancudo em vendo credor á porta; e nisto cumpria com as maximas dos caloteiros, que nunca são iguaes. [...] não parar nas casas mais do que seis mezes, e tambem me mudava antes do tempo, quando se fazia preciso; porque os móveis erão todos leves, segundo o uso do tempo: providencia grande para os caloteiros, que com as cadeiras, e cómmudas de algum dia não podião hoje fazer a mudança, sem que toda a visinhamça sentisse. [...] fazer-se hum homem honrado de hum homem vicioso, he querer tirar mel de hum a pedra, ou querer subir pela Serra da Estrella em noite escura em cavalgadura manca [...] (p. 5-7).

[...] Pois Senhor, *lhe disse o velhaco*, poucos serão os vícios, que haja no mundo, que em mim não estejam recopilados. Em calotes fervo, em moças tenho sido famoso, em vinho, e licôres tenho governado o mundo em falso muitas vezes com a cabeça á roda, em jogos não ha giria, que eu não saiba; e quem me ouvir fallar, nas patranhas que digo, tenho tal intimativa, que ninguem ha de dizer as prendas, que me acompanhão deste lote. [...] puz duas casas de jôgo muito escondidas, huma de dados, e outra de cartas, para os vadios da Cidade: depenei frangãos em quantidade. Armava-lhes huma banquinha com baralhos preparados, de sorte que em duas horas com a isca de dez [p. 8-9] peças, que punha para fundo da banca, estava eu Senhor de quanto dinheiro em metal, e papel os tontos trazião (p. 8-9).

[...] eu sou hum miseravel Procurador de causas: casei ha cinco annos com huma mulher de capa, e lenço; aos dois annos de casada, passou de lenço para hum cró preto: depois usou de barretina; e agora já não sahe fóra sem hum véo na cabeça, cahido pelas costas abaixo: hum vestido como huma túnica, sem pejo do mundo; humas chinellas a cordões sem mais ornato, nem decencia. Sahe para fóra de sua casa sósinha a correr as ruas de Lisboa: sahe pela manhã, recolhe-se á noite; e assenta que ainda me faz muito favor nisso. Quer campar pelo desembaraço: capricha em parecer o que não he: não quer os meus conselhos; apparece todos os dias esta fantasma na rua, sem o meu consentimento, exposta ao atrevimento de muitos homens, que medem pelo traje o seu procedimento. Quando a crimino, diz-me que não se casou para ser cativa; que as grifarias dos antigos já lá vão; que ella não he nenhuma mona, para estar de correntes entre grades: que já que veio ao mundo, quer ver, e ser vista: que me não metta com os seus passos, nem com as suas modas, porque não me pede para ellas coisa alguma. [...] Hei de ver minha mulher feita huma coisa má, ou papãp, que apparece ás crianças, trajada com o que lhe eu não dou, e hei de calar-me?

Respondeo-lhe o Arrais: Deve calar-se, sim Senhor; porque as mulheres, que seguem esse systema, já hoje não admittem nem razões de Pai, nem de marido. Se as advertem, descompõe; se lhes gritão, tambem gritão; e se lhes dão, tambem dão, e cuidam que assim se immortalizão na heroicidade. [...] hoje [...] em sendo inventoras qualquer moda são outras tantas heroínas, cujos nomes são levados pela fama a guardar no archivo das bagatellas (p. 11-13).

[...] Eu, Senhor Arrais, além de caloteiro da primeira ordem, tenho hum vicio, que pouca gente ha de atinar em mo descobrir, pela figura que mostro; mas assim

mesmo, cego de hum olho, aleijado desta perna, com hum dedo menos na mão esquerda de huma briga, em que me metti, sem talentos, sem estudos, fallando meio Gallego por vicio da minha Pátria, assim mesmo com esta figura pouco invejada, namoro ás bandeiras despregadas, e tenho sido sempre feliz nas minhas empresas: he verdade que me não estimão as damas pelas minhas qualidade, mas sim pelo muito que despendo com ellas [...] E como me vejo agora atazanado, e perseguido por toda esta gente para satisfazer as minhas dividas, satisfação, com que eu não posso, vendo-me impossibilitado de passar por estas ruas, aonde hum me dá o prazo de tres dias para o seu pagamento; outro descompõe-me de tolo, sem olhar para si que me fiou a fazenda: hum mostra-me o rol, e somma a conta; outro forma queixas de mim, e diz que me ha de mandar a casa hum recadinho pelo Escrivão da Praça; e ando sempre a tapar estas geiras. [...] hum Fulano, de prosa muito viva, e muito esperto [...] não vivo da minha agencia, mas da agencia alheia: nunca tive occupação [...] em companhia de duas irmãs, que ganhão para si: são muito bonitas, e muito prendadas, eu he que as tenho feito conhecer pela ordem da tafularia, e tenho assim adquirido muitos amigos; não he por serem minhas irmãs, mas são muito galantas! (p. 15-17).

FOLHETO = VI. JUNHO.

CARREIRA DOS TOLOS BEBEDOS.

[...] a classe dos bebedos de todas as qualidades, como por exemplo: bebedo eterno, bebedo infeliz, bebedo solemne, bebedo grave, bebedo por boa feição, bebedo enfatuado, bebedo aventureiro, bebedo que não perde o tino, bebedo a meia rédea, e bebedo só na casa; além de algumas Senhoras [...] a quem acompanhava este vicio, não por costume, mas por descuido (p. 2).

[...] bebedo eterno, o qual por huma desordem da mais vergonhosa paixão da gula, assenta de pedra, e cal comsigo mesmo, que a sua verdadeira felicidade consiste não só em andar algum tanto quente das aguas de Setembro, porém em perder os sentidos, e a razão á força de continuadas, e interminaveis cabelleiras [sic].

Esta qualidade de bebedos não chega a este estado de repente [...] mas a pouco, e pouco, tomando hoje huma bebedeira em Valle-Escuro, amanhã outra em Cacilhas, no outro dia outra mais solemne no Dá-fundo, até que avivando-se-lhe o gosto de ter

sempre humidos os gorgomilos, começa pela estrada da ociosidade a dar agigantados passos, visto que para ser hum perfeito bebedo lhe he preciso abandonar o trem ordinario de vida [...] (p. 3).

Bebedo infeliz he miseravel em tudo, e até na escolha do genero, com que se embebeda. O vinho mais barato, a mistura mais inferior, a agua-pé mais enxovalhada, são os instrumentos de toda a sua ruína. Não dá duas fallas no dia, mesmo em pé ao canto da adega, está em huma contínua somnolencia [...], se tropeça, e cahe, nunca lhe falta huma pedra de esquina, que lhe parta hum sobrolho. Se sobe por huma escada [...] conta logo os degrãos com a cabeça [...] e parece coisa de azar nos bebedos deste lote, que he raro o que não anda sempre de braço ao peito, ou perna quebrada [...] (p. 7).

O bebedo solemne [...] não he bebedo de taberninha, he sim bebedo de armazem grande, com quartos decentes, para que os bebe- [p. 8-9] dos não sejam vistos ao balcão. [...] Senta-se, e de quarto a quarto de hora toma tudo isto: copos de ponche, copos de felippina, vidrinho de genébra outro de marrasquino, licôr de canêla, licôr de ginja, licôr de pêcego, licôr de laranja, licôr de cravo, e até de chinelos velhos, se houvesse curioso, que os fizesse; porque he só o que falta, para se fazer em licôor presentemente (p. 8-9).

[...] Viva a abundancia de licôres, viva o cigarro, que são os instrumentos daquella assembléa; mas quando se acabar o dote da mulher, e ficar o credito, e a honra de todo perdidos, quaes serão as funestas consequencias desta bebedeira! (p. 10).

O bebedo grave envergonha-se de beber públicamente; e por isso procura (por exemplo) huma loja de vinhos engarrafados, e com toda a gravidade pede hum saca-rolhas, abre huma garrafa de vinho do Porto, embrulha nos dentes quatro lasquinhas de queijo, e hum pão de Meleças; e não descança, sem ver por dentro, se o fundo da garrafa he muito ovado. Se encontra sócio na empresa, vem mais huma de Lavradio, e da Chamusca (p. 11).

Bebedo, que não perde o tino, bebe sempre com medo não lhe conheção o descuido, bebe com gravidade, não he descortez nas saudes, que lhe fazem, bebe, e conversa, toca materias de ponderação, ás vezes misturando-as com as ridiculas; mas toma logo conta em si [...] e como o vinho o que lhe faz he alguns esquecimentos, pergunta coisa seis e sete vezes, diz a sua graça, e ainda que ninguem lha ache, elle mesmo se applaude a si [...] (p. 24-25).

Bebedo á meia rédea he aquelle, que ainda pezado da bebedeira he quando faz o que tem a seu cargo com mais promptidão [...]: por exemplo, se tem que escrever, pega na penna, e com seus enganos de letras tira para diante; engana-se n'humas regras, raspadeira, e gomma-graxa no caso, e ás vezes succede ao botar da arêa ir o tinteiro em lugar de areeiro: tambem lhe succede fexhar as cartas ás avessas, metter humas cartas no sobrescrito de outra, remettida a de João para Manoel; mas, coitado, escreve, e faz o que pôde, fazendo das fraquezas forças (p. 26).

O bêbedo caseiro humas vezes he muito divertido, outras vezes he intoleravel. [...] Faz que a mulher beba, que bebão os filhos, sendo delle o maior quinhão; e entra a maior alegria naquellas almas. Pega na viola, toca a fofa, quer que a mulher baile com elle, os filhos entrão na dança, canta como Clerigo, porque o vinho ás vezes faz fallar Latim, repete versos, representa Entremezes, avança a tudo o que lhe lembra [...] Outros principião a bebedeira desta fôrma, porém acabão-na com mais deshonor: dá-lhes o vinho em moer a mulher com pancadas, em quebrar os trastes da casa, em gritar muito com os filhos; e houve já hum, que até pegou fogo ás casas (p. 27-28).

[...] agora me proporia publicar os motivos, porque tambem algumas meninas se embarcarão nesta maré; mas por decencia ao sexo feminino, a quem se deve tratar com algum melindre, o não faço (p. 29).

FOLHETO = VII. JULHO.

CARREIRA DOS TOLOS SOBERBOS.

Amabilissimos Leitores, **isto de augmento de despezas, de carestias de generos, e de adversidades do tempo, sem accrescentamento de rendas, he muito perigoso**, e sempre eu disse cá com os meus botões, que este calculo havia de dar na cabeça a muita gente, entre a qual (a pesar das minhas espertezas) eu estou comprehendido: e eis-aqui temos o poderoso motivo, porque **rogo a Vv. mm., que se cheguem á compra destes Folhetos**: já se completarão seis mezes desta curiosidade: **este he o laço, com que pertendo armar ao dinheiro de Vv. mm.**; pois me canço tanto para agradecer, e divertir a Vv. mm., o que Vv. mm. tem levado muito a bem, e Vv. mm. me tem mostrado na concorrência das assignaturas, por cujo otivo eu me confesso, e confessarei sempre muito obrigado a Vv. mm. (p. 1-2).

[...] Esta **obra, que de ordinario he de Petas no nome, mas verdades infalliveis em substancia, adubadas com o sal da jocosidade**, e até me parece, que dignas da applicação do Leitor mais sério, eu a julgo feita debaixo dos preceitos de Horacio, que foi hum galante sugeito. O mal, de que eu me queixo, he de terem mudado os tempos, de sorte que ninguem os conhece. Lia-se algum dia com gosto tudo o que sahia impresso [...] mas isto acabou, e nada desperta os Senhores ameijoados no jogo, que he presentemente a sua favorita, porque assentárão que o melhor meio de se não conhecer a pobreza, he perder aqui, e ganhar acolá (p. 3).

[...] Este abuso das sociedades faz desanimar os Authores, que escrevem, e imprimem; porque não desejão augmentar o contrato das mexas. Com tudo para que não fique inutil o meu trabalho, nem Vv. mm. aguados, comprem, e lêão, **acharão a repreensão dos vícios, sem determinação de pessoa, e o divertimento decente, que os provoque a riso**, affecto da nossa alma tão preciso, que tem restituído a vida a milhões de pessoas: **estas verdades mascaradas em todos os tempos corrigirão os os vícios** (p. 4).

Se as Senhoras se queixão de mim, pouca razão tem [...]. Tem-me chegado aos ouvidos que as Madamas não estão muito pão de trigo com a minha pessoa, mas eu não o creio; porque se achassem motivos de affronta, já tinhão recorrido á fabrica dos bofetões (p. 5).

[...] hum Cavalheiro Provinciano, a quem a Senhoria, que seus Pais lhe mandavão já dar de pequeno, lhe causava huma tal impressão, que todo elle era hum monte de soberba. Foi creado com o maior mimo; e supposto que estudasse, e fosse a Coimbra, tinha estudos, mas não tinha juízo, porque a soberba lhe não dava lugar a discorrer (p. 6).

[...] *Respondeo-lhe o Arrais*: [...] o homem, que julga os outros homens de differente massa, já mais os póde julgar, como se julgaria a si (p. 8).

[...] chegou huma Senhora toda dengue, toda preciosa, toda alfinim, com touca na cabeça de parteira antiga, o cabello enrolado em trancinhas no coruto do casco, que trazia a lembrança de quem o via, as tranças de tripas de galinha, que se botão no caldo do doente: hum vestido branco muito esguio, hum cordão pela cintura: ella muito alta, e

magra, assestando huma luneta no Arrais, que se assustou de ver huma figura tal toda de branco (p. 11).

[...] Matrona guapíssima [...] huma tafula feita com muita pressa [...] he hum gosto sahir pela rua de vestido de pannos largos com dois dedos de hombreira, de braços nús, véo até os calcanhares, tão bizarra, e tão sécia, que sou o pasmo de toda a vizinhança: desprezo tudo, desprezo todos, a todos julgo meus inferiores (p. 17-18).

[...] Em fim, Senhor; eu endoudeço de ver o estado, a que chegou a tafularia, ou asneira na maior parte das mulheres: está tudo na maior confusão, nem se conhece as que são Senhoras, nem as que o querem ser: nada basta para lhes cohibir os excessos (p. 20).

FOLHETO = VIII. AGOSTO.

CARREIRA DOS TOLOS PRESUMIDOS.

[...] hum taful de corpo direito, muito presumido de ser famoso negociante, e bom calculista, que em quanto o Pai vivia rolando pipas no seu armazem, foçando como humporco para adquirir os mil cruzados, o filho com idéas, e estratagemas de negociante de cascas d'alhos, ia estragando tudo quanto o cansado Pai adquiria, e fallando línguas pelas lojas, enxertado em Inglez, em Francez, em Alemão, em Turco, não era mais que hum perfeito Grego, porque ninguem o entendia (p. 3).

Em seguimento a este se apresentou outro, que toda a sua balda era presumir de bonito, e de ter cara de dama, creado todo assucar em ponto. Já de pequeno o ar lhe fazia mal; não comia senão gallinha, e alguma perdiz; não se molestava com estrudos, por não lhe saltarem bexigas, ou sarampo; porque era filho unico. O Mestre não lhe havia de pôr mão, pelo não obrigara a chorar [...]. Que cuidados, que desvelos não custou áquella tola Mãe o melindre do seu precioso filho! Se por traquinas cahia de hum banco abaixo, vinha logo junta de Medicos (p. 6).

[... eu] sou hum presumido de glotão, e neste vicio vou dando cabo do que tenho [...] sempre caprichei em ter huma casa de verdadeira boa feição, sómente para os meus amigos, com a basofia de que ninguem tinha hum musêo de garrafas, como eu. Sempre tive hum gabinete guarnecido de parteleiras [sic] com todas as qualidades de vinhos: alli

se achava sempre vinho de *Rim, Bordeaux, Champanhe, Malaga, Gerez, Lucena, Monferrato, Cabo, Cidre, Malvazia, S. Jorge, Carcavellos, Barra a Barra, Lavradio, Porto, Monção, Taboado, tinto, branco, e doce*. Tive sempre hum armario com collecção de licôres: alli se achava *Marrasquino, Corcandre, Citronelle, Tenovill, Canella, Café, e Laranja*. Com tudo isto atoei sempre as minhas sociedades: não faltando tambem hum grande presunto de fiambre, hum bom queijo londrino, e huma boa cerveja: os volumes desta livraria sempre me fôrão mais agradáveis; do que a *Monarchia Lusitana*, ou as *Décadas de Barros*. Todas as tardes vinha esta livraria abaixo na gostosa Academia da minha sociedade. [...] Vinha terceira garrafa, movia-se huma questão, e disputavão-se os merecimentos de certas raparigas. [...] A ultima garrafa, que se esgotava, já vinha acompanhada de dois baralhos: fazia-se banca [...] Mudava-se para dados, e então he que me perdia de todo com a s minhas embirrações, ficando esgotado de vinho, e dinheiro (p. 8-9).

[...] a relaxação chegou a tal ponto, que não há nada máo, que se não condecere com estes tres nomes, desembaraço, boa-feição, tafularia, que bem definidos querem dizer, desafôro, má educação, asneira (p. 14).

FOLHETO = IX. SETEMBRO.

CARREIRA DOS TOLOS QUEIXOSOS DA FORTUNA.

[...] Quando aos oito dias de casado me dizem: *quebrou seu sogro*: cuidei eu que era de alguma queda. [...] tinha quebrado na bolça, e no credito. Adeos dote, adeos tudo, e fiquei ás minhas costas com huma Senhora, creada com fausto, toda mettida em desdéns no luxo, na meza, e em todo o tratamento; batendo-me o pé na casa: *Ponha para alli*, dizia ella, *se me não podia tratar, como pede a minha qualidade, não me tirasse da casa* [p. 3-4] *de meu Pai! Você he hum bandalho! Olhe o marido de D. Fulana como trata a sua casa! que copa de prata que tem, só de emprestar dinheiro sobre penhores!* (p. 3-4).

[...] mas que ha de ser! Se hoje os Pais da moda crião as filhas para apparecerem nas visitas, e nos passeios, e não para serem mulheres de sua casa [...] (p. 5).

[...] os meu vicios não são muitos; apenas conservo huma amiga, com quem dispendo algum vintem que ganho (p. 19-20).

PERGUNTAS.

[...] A razão porque ha mais homens calvos, do que mulheres?

A razão porque a acção de fazer cócegas só de longe, faz intimidar a quem as tem?

A razão porque huma pessoa, que abre a boca, faz que os mais tambem a abram?

[...] Se hum gago gagueja, quando falla, porque não gagueja, quando lê, ou quando canta?

Se a faculdade de rir será só propria dos racionais, ou dos irracionais tambem? (p. 22-24).

FOLHETO = X. OITUBRO.

CARREIRA DOS TOLOS CREDULOS.

[...] Hoje por Lisboa são tantas as lojas de Café, como são as de sortes, engano tentativo para todas as cabeças ouças, como a minha; e indo eu a semana passada a huma destas lojas de sortes, tirei com seis vintens quatro moedas. [...] ganhando-as pela manhã, de tarde as fui entregar tão infelizmente em outra loja, que nem hum só premio tirei. Então depois de ter cahido nesta esparrella, he que conhecio que o negocio das sortes he como o barril de agua nas lojas de Bebidas, que rende na limonada, na orchata, no capilé, no café, no chocolate, e algumas vezes até no leite: e que de igual modo se embrulhão as sortes velhas, e vão outra vez á caixa, a fim de renderem para a casa, e seus agentes (p. 4-5).

[...] veio outro tôlo, *que disse*: Senhor Arrais, quero embarcar na sua Carreira, porque comprando ha tres mezes hum relógio aceado, e dando-me a tolice em vendello outra vez, aconselhárão-me huns amigos que o desmanchasse, e vendesse cada rodinha sobre si, que me havia de render mais do que se vendesse o relógio inteiro; e eu

capacitando-me desta asneira, saltei no relógio, e desmanchei-o todo; e em tal estado puz, que só fiz meia moeda nelle, que me tinha custado vinte mil réis (p. 9-10).

Terceira carta do importuno Crítico de Evora, escrita ao Editor, e recebida no 1º de Julho do presente anno de 1803, a qual o Editor faz pública, por meio da Imprensa, com a resposta que se lhe dá.

[...] até me espanto da cegueira do nosso seculo, em que a **gente sem gosto**, sem selecção, sem critério se anda **entretendo com obras tão insulsas, como por exemplo as suas, e outra que gira nesta Cidade feita não sei por quem, intitulada o Piolho Viajante**, onde os erros da língua Portuguesa se encontrão a cada passo, **além do nojo, que inculca semelhante titulo**: alli não vejo a moralidade, senão muito de longe; tudo o mais são chufas, e dicterios de rapaz de escola; e em huma palavra, **mostra o Author que quis imitar a V. m.** que tem cahido nisto mesmo. [...] Assentemos, Senhor Editor, ou Senhor Arrais, que Lisboa está cheia de pedantismo, porque parte das Obras, que hoje se dão ao prelo, da natureza das suas, qualquer rapaz com tres annos de Sacristão as faria: bastava-lhe somente ouvir as conversações das boticas do seu bairro, e ler os papeis velhos de tantos alfarrabios, ou cégos de livros desencadernados, para se fazer a grande descoberta do *Mundo novo, do Almocreve de Petas, do Comboy de Mentiras, do Barco da Carreira dos Tôlos, do Retorno do Almocreve, do Café Jocosso, da Ilha dos Tafues, do Piolho Viajante*, etc. [...] (Assinado) *Niclis Tavares* (p. 11-16).

Resposta que dá o Editor ao Crítico de Evora.

Senhor Niclis, Senhor Nada, Senhor Desertor do bom gosto. [...] Tudo o que V. m. diz a respeito das minhas Obras, nada me estimula; **agora o que me faz acudir o sangue á cara he mexer V. m. no Piolho Viajante**: agora sim, agora he que **pucho da espada em sua defesa**, e vai tudo com trezentas mil pipas; que tem V. m. que dizer áquella Obra? **Se a acha insulsa, não he culpa do Traductor, mas sim de quem a compôz, que he hum Author Alemão** V. m. cuida que era ficção de algum nosso Portuguez? Pois engana-se: **o Traductor, coitadinho, o mais que tem feito he arrumar-lhe alguns dos nossos costumes do tempo presente**; e não soffro que V. m. ponha a culpa a quem não a tem. He verdade que seria melhor que o Piolho mostrasse os diversos modos de pensar das cabeças, por onde passeia; mas **o pobre homem**

traduzio o que achou. Tem muitas chufas, tem muitos dicterios, como V. m. lhe acha, mas **tudo he preciso para fazer rir o Povo de obra grossa.** [...] Agora só me resta ficar pedindo a Deos que defenda a V. m. dos tres inimigos d'alma, e do corpo, que são, Mundo, Diabo, e Carne; e de outros tres, que põe a gente na espinha, **basofia, maledicencia, e vaidade.**” (p. 17-23).

FOLHETO = XI. NOVEMBRO.

CARREIRA DOS TOLOS, QUE EM TUDO SE METTEM.

Foi o primeiro hum taful armadinho muito á ligeira, destes, que em tudo se intromettem, sem saberem fazer nada, porque ha huma tanta qualidade de gente, que presumem entender de tudo, e leva-lhe o diabo o trabalho, porque de tudo sahem mal (p. 2).

Achava-me eu no caes de Belém para embarcar para Lisboa, saltei para huma embarcação [...] e demonstrando eu no meu semblante huma grande esperteza, me offereci, por intromettido, para ir ao leme. Fazia vento bastante; fiz disposições de grande Piloto, peguei na escôta, segurei a todos que não tivessem medo, e tanto os rapazes do bote, como o povo, que ia, assentárão que ião (como lá dizem) n'hum sino. Quando o bote fazia algum bordo, já eu me valia daquellas palavras, que são usuaes nos barqueiros: *não tem dúvida, não tem dúvida.* Eu que sabia tanto de navegação, como sei de fazer melaço, puz-me a contar historias, e levei a embarcação com tanta felicidade, que num embate de hum navio foi o bote cahir na amarra de outro: vira-se de fundo para o ar, crescem os gritos, custou a salvar parte da gente, e eu que devia lá ficar, por fortuna me salvei n'huma lancha, que ia passando (p. 3).

[...] chegou hum velho bastantemente decrepito, de bordão na mão, com algum cabelo branco, e sua calva [...] depois que fiz os setenta, não sei que ar deo em mim, que me pôz tôlo de todo, e intromettido, mettendo-me a ser noivo [...] porém, esta não foi a ultima asneira, que fiz. A segunda, e a maior de todas foi casar-me depois de velho, com huma rapariga, que me fez ser, em lugar de marido, criado da sua casa: dava-me pancadas, gritava-me, punha-me na rua, e eu pagando todas estas finezas por alto preço, com a casa sempre cheia de visitas, que em quanto ellas lá estávão, figurava eu de criado de escada abaixo; mas quem me mandou a mim ir a bordo de tal chaveco!

Toda a minha asneira foi querer mostrar que podia com ella, quando já não podia comigo. Em fim separei-me de semelhante dragão [...] Sim, Senhor, *disse o Arrais*, voto nisso: a asneira de casar velho com mulher moça he quanto basta para ter no meu Barco hum distincto lugar [...] (p. 4-6).

[...] chega hum rapazinho de vinte e seis annos, *e diz* [...] sou daquelles apontados, que em tudo se querem metter, e que não cuidão senão em andar a cavallo, e trazer as raparigas tontas, além de que em toda a materia metto o meu bedelho: fallo no que não sei, affecto o que não sou, digo o que não he, metto-me a nobre com pés de engouços, tenho má língua, prego muitos, e muitos calotes, dou cabo de tudo o que cahe em meu poder, nunca estimei senão os das minhas qualidades [...] em fim sou peça importante de toda a ridicularia [...] (p. 6).

Carta em resposta de huma que o Author recebeo de hum seu amigo, em que lhe mandava pedir noticias, e novidades da Corte.

[...] Os Sábios em outro tempo dava-lhes, como lá dizem, a agua pela barba para se distinguirem nos seus estudos; hoje com tres mezes de casas de pasto, duas semanas de lojas novas de café, dez noites de Ópera de São Carlos, oito dias de cartas, e dados, dão-se por promptos em toda a materia. [...]

Tambem lhe devo dizer que tres coisas fazem ridiculos huns certos homens em Lisboa: a nobreza fingida, a honra affectada, e a valentia apparente. [...]

Em outro tempo em que se dava valor ás coisas, a mulher desenvolta, ou defeituosa era apontada de todos, hoje faz-se mais apetevida, porque recebeo (por nossos peccados) o grão de tafula na Universidade do modernismo.

[...] Tambem não he pequena novidade o ter tudo mudado o nome nas casas de pasto: a sôpa já não he sôpa, he lá huma coisa que elles sabem, assim os mais guizados. He riso ouvir os nomes, que lhes dão [...] até o pão, que no tempo dos nossos Avós era, quando muito, alvo, de rala, e enfarinhado, infelizmente mudou para pão de Meleças, ou luxo, e abiscoitado!

Algum dia huma coisa boa era boa, hoje não, Senhor, apenas se diz: *isso he grande, he de tremer, he como o dente*. [...] poucos são os homens no tempo presente, que vistão calções, a maior parte dos tafues hoje são como os pintos, conhecem-se pela calça.

Já lá vão minuets, e contradanças nas Assembleas [...] **o que anda mais na maroma he huma dança, chamada Valsa, que consiste em andar o homem**

abraçado com a Senhora, apalpada por elle, ao redor de toda a casa, andando sempre para traz, como quasi tudo anda, para condizer o divertimento com o trage d'agora. [...]

Andão por aqui muitos rapazes, que tem adoptado para si o estrondoso nome de tafues, que de bem pequena idade dão conselhos aos velhos, sem os tomarem para si (p. 10-16).

Se Petas não são/ O quanto publico,/ Cuidemos na emenda,/ Calemos o bico (p. 29).

FOLHETO = XII. DEZEMBRO.

CARREIRA DAS CABEÇAS VÃS EM GERAL.

[...] trajei na ultima ridicularia das modas, e arruinei meu marido. Houve occasião em que fiquei sem jantar, e cêa para comprar hum traste da moda. Ainda o mez passado fiz hum asneira, de que estou bastantemente arrependida; pois sahi n'hum dia ao disfarce pela rua Augusta de lenço na mão pedindo para hum Missa, e fui com o dinheiro, que ajuntei, á loja de hum Sirgheiro comprar hum cordão destes da moda, para cingir a cintura, que tanto era o appetite que tinha desta macaquice, e então he que vim no conhecimento da vaidade, que trazia no miolo (p. 3).

[...] essas Senhoras da moda, que V. m. cá deixa, pelas affectações, e nudez, em que se tem posto, crêa vão caminhando para o uso dos nossos primeiros Pais, deixe correr o tempo, que não tardará muito, que não larguem esse pouco fato que trazem, para se cobrirem como Eva, com qualquer folha de figueira (p. 4-5).

Está completa a Carreira em todo o sentido, porque esta he a ultima, que faço neste Porto [...] Agora he preciso mudar de rumo; e se houver algum Satyrico mordaz, que ande por Lisboa disfarçado, murmurando das minhas viagens, cortando-me na minha ausencia, pertendendo deslutar [sic] a boa intenção [...] (p. 18).

Despedida do Author.

Meus estimadissimos Leitores, eu vos agradeço muito e muito o bom acolhimento, que tendes feito ás minhas tenues, e fracas producções [...] recahindo a sua difficuldade em ter fallado de iguaes assumptos por espaço de seis annos. Com tudo

dicta-me a prudencia que eu cesse de compôr Obras periodicas, pois não só pela minha falta de estudos, e talentos poderei decahir, fazendo perder ás obras antecedentes algum merecimento, que me tendes concedido: mas tambem não me achando com forças bastantes para sustentar o pezo deste trabalho, arruinarei de todo a pouca saude, que me resta.

Não me despeço porém de compôr, sem preceito de tempo, alguma obra, que chame o divertimento a quem a lê, e a quem a compõe, pois que me não falta genio, buscarei ocasião mais opportuna, em que este trabalho me recrêe; e esses, que me culpão de eu escrever tão mal para o público, culpem-se a si primeiro de esperarem de mim mais do que devião [...] O que mais me contenta nesta despedida he deixar-vos em campo Obras periodicas de Authores, que eu muito respeito, e de outra natureza, com as quaes vos fiquem as horas vagas entretidas. Rogo-vos me sustenteis sempre a boa fê, em que me tendes conservado; pois conheço que para as minhas obras terem algum valor, dependerão sempre da benevolencia do judicioso Público, a quem em todo o tempo conservarei o devido respeito, que lhe tem consagrado os Authores mais sabios da nossa antiguidade, de quem eu com mais razão, do pouco que figuro em Litteratura, devo seguir o exemplo (p. 29-31).

5. HOSPITAL DO MUNDO (excertos)²⁵

HOSPITAL DO MUNDO, 165
Obra crítica, moral, e divertida, em que he Me-
dico o Desengano, e Enfermeiro o Tempo.

FOR
JOSE DANIEL RODRIGUES DA COSTA.



FOLHETO = I. JANEIRO.

O Desengano, e o Tempo, de mãos dadas,
He que este Mundo enfermo curar podem.
Nas molestias, que tem inveteradas;
Mal de nós, se estes dous nos não acodem!
Dão saude ás pessoas achacadas,
Com tanto que aos remedios se accomodem;
Quem dos vicios tiver a epidemia,
Venha curar-se nesta Enfermaria.

LISBOA: 1824.

NA OFFICINA DE J. F. M. DE CAMPOS.
Com Licença.

HOSPITAL DO MUNDO,

Obra crítica, moral, e divertida, em que he Medico o Desengano, e Enfermeiro o
Tempo.

Por

JOSE DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

FOLHETO I = JANEIRO.

O Desengano, e o Tempo, de mãos dadas,/ He que este Mundo enfermo curar
podem,/ Nas molestias, que tem inveteradas;/ Mal de nós, se estes dous nos não
acodem!./ Dão saude ás pessoas achacadas,/ Com tanto que aos remedios se
accomodem;/ Quem dos vicios tiver a epidemia,/ Venha curar-se nesta Enfermaria.

Lisboa: 1824.

Na Officina de J. F. M. de Campos.

Com Licença.

²⁵ Os excertos publicados são da 2ª edição, salvo indicação em contrário. Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

Ora eu que respeito havendo/ Ao tempo, mais que ao estilo,/ Irei fugindo ao que entendo;/ Farei como os cães do Nilo,/ Que correm, e vão bebendo.

Sá Miranda Carta I. a ElRei D. João III.

FOLHETO I = JANEIRO.

PROLOGO.

Estimaveis Leitores, e Leitoras, (**fallo com ambos os sexos, por me apartar do ranço dos Prologos, que sempre se dirigem aos homens, como se algumas Senhoras não viessem ao Mundo com formosos olhos para lerem, e com juizo para entenderem, e gostarem**) se entre a tafularia moderna houver Tafúl, ou Tafúla, que se não recrée com esta Obra, que vos apresento, **onde o espirito jovial mostra a moralidade da crítica**, que envolve este genero de composição, tudo aquillo , que hoje não agradar a estes meninos solteiros, (como escrevo para todos os tempos) lá virá época, em que depois de casados lhes pareça bem quanto aqui lhes digo, que lhes servirá de lição.

Não obstante ter eu composto o meu Almocreve de Petas, Comboy de Mentiras, Espreitador do Mundo novo, o Barco da Carreira, ainda ha muito mais que dizer, sem me encontrar com o que já disse; e fica-me disso huma satisfação igual á que tenho de levar ao fim toda a Obra, que começo, devendo parte deste prazer aos meus honrados Assignantes, que tanto me tem animado com o louvor, e com a Assignatura: eu seria hum homem por extremo ingrato, se assim o não confessasse.

E porque os tempos já pela carestia do papel, e Imprensa, já pela frouxidão, em que tem posto os animos, exigem dos que me são affeiçãoados a segurança da sua curiosidade, para eu poder cumprir com o que prometto, vou a lembrar por este modo, que a occurrencia dos Assignantes faz a extracção das Obras, e anima os seus Authores a emprehender novos trabalhos.

[...] os gostos differem, como differem os semblantes nas pessoas, e; por isso não estranharei que, este prato não seja agradável ao paladar de todos. Com tudo tenho-me espreitado, e tenho-me conhecido com alguma propensão para Obras deste genero, razão porque me não affasto destes assumptos; e **sempre persistirei neste systêma, em quanto me lembrar, que o carpinteiro de noras não se mette a fazer carruagens.**

[...] Vista a ingenuidade com que fallo, bem se deixa ver que **não pertendo, no que tenho exposto, inculcar-me por hum homem dos mais instruidos, antes a**

minha maior vaidade consiste na vaãgloria de saber que não sei nada, e a maior prova he, que se eu fosse hum homem verdadeiramente sábio, talvez me acobardasse mais, e não fosse tão prompto em compôr, e dar ao Prelo.

[...] Muitos me chamarão mordaz, mas a estes perguntarei, se **fallar verdade, sem prejuizo de terceiro, he hum crime?** Sei de Zoilos, que contra mim tem mudado em cutéllo a sua penna, e já me veio á noticia, que houve hum que se metteo a fazer o Naufragio do meu Barco da Carreira, sendo elle talvez o naufragante, obra que em lugar de ser divertida, e moral, he mais depressa hum libello infamatorio, que dirigindo-se a injuriar-me, pela sua ridicularia justifica a minha razão. Igualmente me noticiárão que ha linguas más, que murmurão dos meus versos, até dizendo que tem alguns pés côxos. O Satyrico que tiver quatro, rogo-lhe por caridade, que me empreste hum para supprir aquella falta. **Tambem sei que se me aponta o defeito de não usar expressões muito subidas nas minhas composições; mas a isto direi que me dicta a razão que a gente falla para se entender; e bem se sabe que quanto maior he o escuro, menos se vê.**

Deixando porém estes reparos, que só se devem discutir no tribunal das ninharias, vou a informar-vos das qualidades da presente Obra. Ella contém hum Hospital do Mundo, onde entrão os enfermos com as molestias, a que tem dado causa os seus mesmos vicios. Achei que o Desengano (que cura tudo) era o melhor Medico para esta Enfermaria; e que de Enfermeiro devia servir o Tempo. A Estampa do frontespicio isto mesmo annuncia. As Enfermidades são grandes, e innumeraveis, em que podia seguir o anno todo, a entreter a vossa curiosidade; porém não me atrevo a tanto, por ver as calamidades do tempo, e a quanto subio o preço do papel. Eu enfeito estes Folhetos com algumas cartas galantes, e alguma Poesia divertida para quem gosta da variedade, não faltando as Adivinhações, que entretem a Mocidade.

[...] já passei ordem na loja da Gazeta para se dar esta Obra a toda a gente que a for comprar. Lembrei-me primeiramente de a dar de graça; mas por nos não pormos em cumprimentos, porque muitos de Vv. mm. se havião de lesar em mandar-me alguns presentes, para se desonerarem da minha generosidade, assentei, por lhes salvar estes incómodos, que era melhor estabelecer-lhe o preço de oito tostões por assignatura, e em Folhetos avulsos sete vinténs por cada hum; só por seis mezes, e no primeiro de cada mez hum Folheto, como este, que ponho nas suas mãos. (p. 3-7)

FOLHETO VI = JUNHO.

Annúncio do Author desta Obra.

Respeitaveis, amabilissimos, e curiosos leitores: aproveitando-me de hum termo novo, que se adoptou agora em Portugal, direi, que estão acabados os primeiros seis mezes destes Folhetos *o melhor possivel*, segundo as minhas forças: eu desejaria muito que estes Folhetos tivessem a fortuna de agradar a toda a gente que os lêsse, mas seria querer hum impossivel; porque os vicios que nelles aponto são praticados pelos dois sexos: carrego a espingarda, nem sempre erra fogo; e como ha de dizer bem da Obra, e do Author, quem recebe o tiro? Quantos proferirão *como sabe este homem estas cousas!* Mas que querem Vv. mm. se o Ceo me não fez torto, mal visto, nem cêgo! No entanto ha muita gente, que tem gostado desta crítica, e da sua moralidade: hum confessa que digo verdades, outro diz que minto, ao segundo responderei, que mentimos ambos, eu em encaixar-lhe petas, e elle em negar-me o louvor; mas ou de hum, ou de outro modo, o certo he que tenho immensos Leitores, que me rogão acabe o anno todo com este Hospital do Mundo, e por este motivo vou a principiar os outros seis mezes, por não ficar a Obra imperfeita; o que espero conseguir como favor do Céu, e o de Vv. mm., senão houver quem faça o que fez hum sугeito estes seis mezes passados de que gostei, por ser a primeira vez, que tal vi; e hei de gostar bem pouco, se succeder segunda, foi o caso: **certo Maganão** (que no meu modo de pensar deve ser Presidente na Academia dos Maganões) **não sei o como pôde pilhar o meu primeiro Folheto, e depois de o ler, levou-o á loja da Gazeta no segundo mez, dizendo que tinha da loja levado o primeiro por engano, que alli o deixava, e que lhe déssem o segundo,** e assim foi fazendo aos mais Folhetos, mandando por diversas pessoas fazer a troca, de sorte que se divertio, e leo a Obra, sem ficar na obrigação a pessoa alguma: discorrão agora Vv. mm se a ha mais bem lembrada! Eu não o conheço, que se o conhecesse dava-lhe os outros seis mezes de graça, pela feliz lembrança: ora se eu tivesse muitos Assignantes desta qualidade não me era preciso mandar imprimir Folhetos, bastavão duas duzias delles, para minar Lisboa, e seu Termo; o que he huma verdade he, **que quem dá tanta pêta deve em consciencia receber alguma, e por isso me conformo,** inda que por este meio já lhe puz a cautela, agora o sугeito que cuide em idéa nova, assim como eu cuido em o divertir.

Estas minhas composições não atacam a pessoa alguma em particular, sigo nestes escritos a crítica dos erros meus, e dos outros, e não tenho culpa de tomar cada hum por

si o que escrevo sem dolosa tenção: conheço muito bem que he passar dos limites da decencia, e da humanidade, matar hum homem, para fazer rir os outros da sua morte; **eu escrevo dos vicios dê onde der**, que he cousa que não posso acautelar: **se o vestido ajustou, a culpa he de quem lhe toma as medidas para lhe servir**; e quem achou que lhe servio, ou cale entre si o prestimo que lhe teve, ou não faça ver aos outros, no seu comportamento, que lhe ficou de molde, **emende-se o ingrato, corrija-se o soberbo, contenha-se o usurario, cohiba-se o monopolista, envergonhe-se o lascivo, confunda-se o caloteiro, modere-se o taul, reforme-se o velhaco, e conheça-se o tólo**; bem vejo que me pódem dizer que ninguem me encomendou o Sermão, porém se gastão tanto dinheiro em cousas que muitas vezes os fazem chorar, que muito he que dêem oito tostões por esta Obra, que os faz rir?

Cada vez estimo mais empregar-me nestes Folhetos, porque me recreio, e applico; e como todos temos obrigação de não sermos ociosos, antes quero que se diga de mim: *muito tem trabalhado este homem!* do que se pergunte, *em que occupa este homem o seu tempo?*

Nestes termos ajudem-me Vv. mm., e verão como me animo á empreza; **a alma do negocio he o segredo, a graça da panella he o sal, a alegria do mundo he o Sol, e a Máquina Electrica dos Authores he o gasto das suas Obras**. Ora não digo que por obrigação todos tomem estes Folhetos, que isto não he real de S. Lazaro, que todas as casas devão ter, mas he hum desfastio de horas vagas, de que todos necessitão.

Attendendo Vv. mm. porém a quanto fica exposto, por tanto, e pelo mais dos Autos, condemna-se o Author em trabalhar com graça, e Vv. mm. que pagem [sic] as custas, reformando as Assignaturas na loja da Gazeta, ou na lista do Author, que elle se dá por muito contente que os Assignantes dos seis mezes passados continuem para os seis mezes futuros, em que no primeiro Folheto ha de vir a resposta que dêrão os tafues de Lisboa á carta daquelle homem muito alto, chamado Gigante voraz, e esponja vivente das bolsas alheias, que valendo muito naquelle tempo pela informação dos Cartazes, presentemente conhecida a patranha nada

Vale (p. 21-23).

FOLHETO VII. = JULHO.

PROLOGO.

[...] O gaz de todos os Authores he o lucro; o trabalho he visivel, e parece-me que custoso; o gasto que eu espero nos Folhetos, he a mola real de toda esta fabrica, e por consequencia bem fallou Fedro quando disse: *Nisi utile est, quod facimus, stulta est gloria.*

[...] Eu conheço muito bem ao que me arrisco, já porque os gostos não são iguaes, já porque todos os Authores tem inimigos, e já porque muitos dos amigos não são tão sinceros, e verdadeiros, como ás vezes parecem. A experiencia me tem mostrado serem os amigos como os melões, que he preciso muitas vezes calar-se hum cento para se achar hum capaz.

Tenho noticia de alguns genios perturbadores da paz dos seus semelhantes, que só por verem se mettem as minhas obras a pique, unicamente pela inveja, que lhes causa a fortuna, que ellas tem tido, estão sempre de penna aparada contra mim, sem se lembrarem que eu fallo dos vicios de todos os homens; e que elles quando de mim fallão, fallão de hum homem só. Atacar huma obra, que tem o nome do seu Author no frontespicio, he atacar o Author, e não a obra (p. 2-3).

ENFERMEIRO.

Aqui está, Senhor Doutor, este homem, que assim como ha muitos, que se sangrão em saude, assim quer elle arrancar todos os dentes da boca, não lhe doendo, nem tendo hum só, que seja podre; e vem aqui para saber se desta operação lhe póde resultar algum prejuízo; porque a perigar a sua vida, então não se quer expôr; mas desenganado de que se lhe não seguirá damno algum, está resolvido a começar a operação. Quando tal lhe ouvi, fiquei mais tôlo do que elle; e querendo indagar a origem de semelhante mania, respondeo-me: que elle possuia huma fazenda muito abundante de nogueiras, as quaes, logo que comprou a dita fazenda, lhe davão lucro sufficiente para a sua subsistencia; porém que ha dois annos a esta parte, lhe não dão as nogueiras nem huma só noz: o que lhe tem feito huma differença grande nos seus interesses. E como sempre ouvira dizer a muita gente: *dú Deos nozes a quem não tem dentes*, he a razão porque quer arrancar os seus, para ver se as nogueiras assim lhe produzem, lembrando-se que do mal o menos, que antes não ter dentes, do que morrer de fome.

MEDICO.

Com effeito custa a crer o que se passa neste Hospital, e a variedade de juizos, que se encontram por esse mundo! Huns querem arrancar os dentes para terem nozes, outros darião quantas nozes ha por terem dentes. Pela informação, vejo que esse homem acha certa antipathia entre as nozes, e os dentes: e com effeito não se engana, que se tem quebrado muitos dentes, por quererem partir nozes. Se elle semeando os seus dentes, lhe nascessem nozes, era justo que arrancasse a dentuça; porém como isto não he da ordem da natureza, e esse homem no seu modo de pensar he hum tôlo de cabeça esquentada *Recipe*. Huns banhos do mar, e estar sempre acompanhado de alguém, que o vigie; porque não succeda pôr os dentes com outro dono; e de repente, sem que elle o saiba, cortem-lhe as nogueiras da fazenda, para lhe fazer perder por este modo o prejuizo, em que está do ditado que ouvio. E se ainda assim persistir na mesma teima, enfermaria dos doudos com elle, que em lugar de nozes, cá se lhe darão as amêndoas (p. 9-10).

[...] *Recipe*. Nunca contrafaça a natureza [...] (p. 17).

FOLHETO IX. = SETEMBRO.

Carta que o Author mandou em resposta de outra, que recebeo de hum seu Amigo, que tendo sessenta e nove annos, lhe mandou pedir hum extracto das ultimas modas, que usavão os tafues, para elle as uzar tambem.

[...] Quer V. m. huma lista das modas, talvez lembrando-se do adagio *enfeitai o cêpo, parecer-vos-ha mancebo*. Que importa que as casas tenham novo o frontespicio, se o madeiramento interior se desfaz em caruncho! Orgão velho, faltando-lhe algumas teclas, tudo quanto sôa he desafinado; e por mais que o pintem por fóra, nem por isso muda de tom. Huma lista de modas, usadas por hum homem de sessenta e nove annos, fazem nelle tanto effeito, como huma véla acceza posta á luz do meio dia (p. 16-20).

FOLHETO XII. = DEZEMBRO.

Despedida do Author desta Obra.

[...] Neste ultimo Folheto lhes dou a minha despedida de Obras periódicas; porque além das Assignaturas, em que me tenho segurado para a despeza, já não corresponde a extracção ao trabalho. Se eu quizesse continuar, não me faltavam assumptos; mas secca-se-me a prosa, porque se vão seccando as bolsas: devo conhecer

os tempos, e que estamos em huma época em que a mocidade já não morre tísica por ler, ou estudar

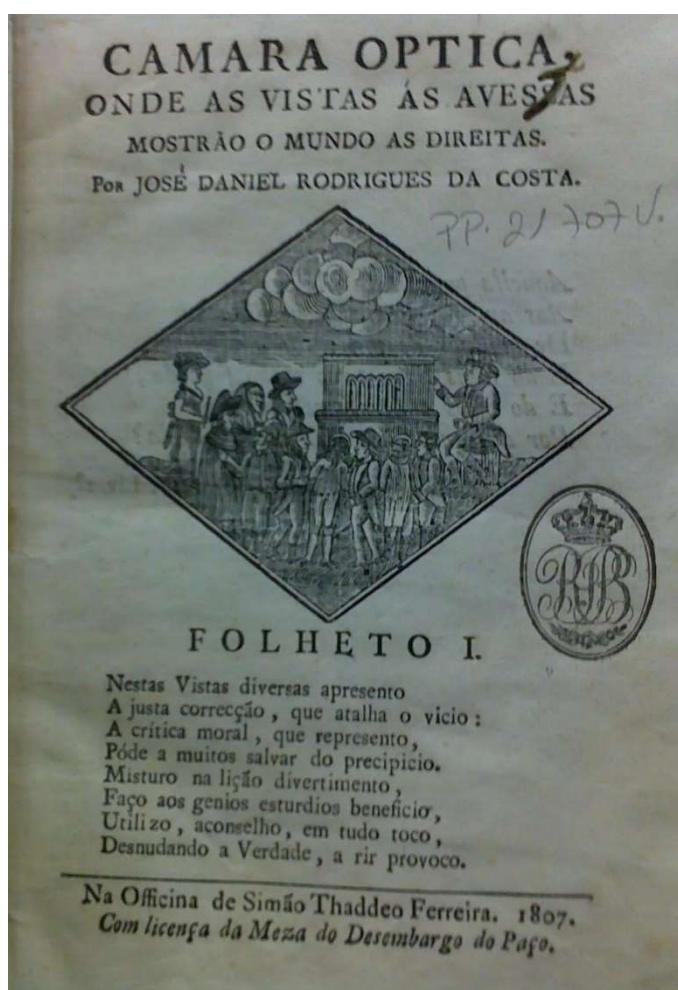
[...] Fico muito contente de saber que ha em campo quem entretenha, e procure saciar a curiosidade pública. Eu livremente affianço a suspensão de obras de prazo fixo; ainda que não deixarei jamais de publicar algumas avulsas; porque a dizer a verdade, ficão-me saudades dos meus applicados Leitores.

He por este modo que vou a livrar-me das onerosas pensões, a que me tenho ligado por espaço de sete annos; mas com a satisfação de que nem ainda pela malevolencia poderei ser arguido de falta de cumprimento ao que annunciei, e prometti.

Com effeito respiro: Já não verei mais hum semblante triste, severo, e mysterioso na entrega de huma assignatura! **Já não entrarei em cuidado sobre a pontualidade da Imprensa, sobre a exacção da entrega, e mais que tudo sobre a acceitação do Público, e sobre as reflexões dos mal intencionados, e dos julgadores, que lião, e não compravão!**

He este o momento, em que devo repousar de tão multiplicadas fadigas; elle chega... Entrego as minhas Patentes, peço a minha Demissão; e se Vv. mm. duvidão conceder-ma, não importa, que eu por muito minha vontade pessoalmente me reformo, e me aposento (p. 22-24).

6. CAMARA OPTICA (excertos)²⁶



CAMARA OPTICA,
ONDE AS VISTAS ÁS AVESSAS
MOSTRÃO O MUNDO ÁS DIREITAS.
Por JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA.
FOLHETO I.

Nestas vistas diversas apresento/ A justa correcção, que atalha o vicio:/ A crítica moral,
que represento,/ Póde a muitos salvar do precipicio./ Misturo na lição divertimento,/
Faço aos genios esturdios beneficio,/ Utilizo, aconselho, em tudo toco,/ Desnudando a
Verdade, a rir provoco.

Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. 1807.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

²⁶ Os excertos publicados são da 1ª edição, salvo indicação em contrário. Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

*Aquella proveitosa liberdade/Aos antigos Poetas concedida,/ De mostrar de mil
erros a verdade,/ E do mais livre povo então sofrida,/ E do mais poderoso receada;/
Por que entre nós sedá [sic] mal recebida?*

Ferreira Cartas V. Liv. 2.

FOLHETO I.

PROLOGO.

Estimaveis Meninos, delicadas Meninas, atafulados Mancebos, moderníssimas Senhoras, respeitaveis Velhos, e venerandas Velhas, com todos fallo (porque não sei com quem fallo) dando-lhes a saber que por mais que eu pedisse a minha dimissão na assembléa das Petas, para deixar de ser Author dellas, não me tem sido possível conseguilla, antes mil vezes me tenho visto perseguido pela curiosidade de innumeraveis pessoas, que levando muito a mal o meu silencio, tinham por huma reprehensivel ociosidade o estar eu callado no decurso de dous annos.

Ha nisto de composições de Petas huma certa confusão, que me obriga a desenvolver os enganos, e equivocacões, que girão nesta materia, só para que nem eu me figure usurpador do merecimento alheio, nem os outros campem á sombra da boa fé, que o respeitavel Público me tem concedido. He verdade que desde que me callei com o Hospital do Mundo, que conclui, tem sahido outras obras periódicas, que querem representar o meu estilo; e ainda que me não pertence analysar a sua bondade, ou apontar os seus defeitos, por não ir á aposta com os mais authores, como costumão fazer os rapazes da escola, com tudo não devo soffrer, que se me imputem obras, que não faço e para de huma vez dissipar esta preocupação, fique o benigno Público desde já na certeza de que obra, que não leve o meu nome, não he minha. Nunca me ageitei a entrar no rol dos Anonymos, porque se a obra sahio feliz, não he desar ter o nome do Author, e se sahio informe, tenho valor, e animo para soffer a sangue frio a crítica merecida.

Senhores, quando me callei foi para dar tempo a que sahissem outros Genios com as suas obras; pois sabia de certo, que alguns estavam de má fé comigo, parecendo-lhes já que eu fallava tanto, que não os deixava fallar a elles. Então lhes cedi os annos de 1806 e 1807, para que neste espaço de tempo podessem dar á luz os felices partos do seu entendimento. E na verdade sahirão grandes cousas, humas que logo se acabarão, outras que não tiverão fim; e eu posto á capa sem dizer palavrinha.

Forte epidemia de Folhetos appareceo no mundo depois da minha Collecção das Petas! Ora estes Senhores Escriptores do parlamento baixo, como eu que lho digo, não se desenganarão do desprezo, que merecem todos aquelles, que se fazem plagiarios? Em certo modo os que me pertendem imitar dão forças ao meu desvanecimento, porque me trazem á memoria que Virgilio imitou a Homero, Camões a Virgilio, e Cicero a Demosthenes; e quem mostra desejos de imitarme, nisso mesmo me concede algum merecimento.

Não me esquecerei agora de fallar na **nova praga de novellas**, que se tem publicado: producções estas, que são huma ruina total da mocidade. Lê huma donzella enthusiasmada alguma daquellas fabulas attractivas, e encontra no meio da historia por exemplo: Que houve huma Senhora, que fugindo da casa de seus pais, fôra disfarçada assentar praça em certo Regimento, no qual chegou ao Posto de Coronel, e depois por grandes façanhas fôra a General fazendo proezas na guerra de tantos. . . Ahi temos a menina leitora já enfatuada, querendo tambem ser General por aquelle caminho, só para vir no calendario das heroínas, que trazem as nove llas com o attributo de alma grande; porque querem agora os modernos que hajão almas de todos os tamanhos, como fato de loja de algibebe. Não approvo similhante lição. Cancem-se os Authores em fusti gar os vicios, onde appareça a Moral com o desfastio das graças, porque se não faça pezada a seriedade, guardando-se sempre a decencia pública, e tendo em vista, o que em verso disse hum Author nosso bem conhecido: Que no mundo não havia mais que virtude, e vicio.

Talvez haja quem me aconselhe que me calle, que deixe viver quem vive, que os outros se trabalhão, he para fazerem os seus interesses, e que eu se me canço he para o mesmo fim. Ora nesta segunda parte não se enganão, que **para lucrar he que trabalho**, já que sou tão infeliz, que se por outros caminhos emprehando alguma cousa, tanto eu como a pertença logo anda tudo com passo de caranguejo: se jogo por me divertir, perco; se me metto em rifas, sempre me ganhão por hum ponto; se entro em loterias, ou me sahe tudo em branco, ou apenas tiro o que arrisquei; e quanto mais calculo, e deito, menos tiro, porque nada acerto: em fim anda a fortuna comigo sempre no grão de color d'agua das Caldas...

Mas esperem, Senhores, agora he que eu advirto que estou escrevendo hum Prologo, e não huma narração das minhas infelicidades: desapeguemo-nos destas cousinhas tristes, e vamos ao essencial.

Depois da instancia, que se me tem feito, para que componha alguma cousa, confesso que passei muitas noites antes da visita do somno a considerar qual seria a obra, com que eu pudesse satisfazer a tantos desejos; e depois de rezar, e apagar a luz (porque o azeite não está para graças) fallava comigo mesmo, e dizia: Eu já apresentei a estes Senhores hum Almocreve, que levava; hum Comboy, que transportava; hum Espreitador, que observava; hum Barco, que conduzia; e hum Hospital, que curava! Que me resta agora? com effeito lembrou-me fazellos pasmar diante de hum Camara-Optica, aonde o mundo fosse visto ás direitas nas vistas postas ás avessas, representando-se nellas as cousas mais notaveis do tempo presente; e eis-aqui, e que se chama pôr a Vossas mercês a ver o Mundo por hum oculo.

Em fim, estimaveis Senhores, quem trabalha he porque necessita; e certo neste principio, **rogo** a Vossas mercês que por effeito da sua curiosidade, **venhão ser meus Assignantes**; e isto confio muito das suas consciencias, ainda que estas, por muito largas no tempo presente, parece que se lhe tem metido alguma nesga. Porém indo assim não se descuidem Vossas mercês que chamem a esta minha rogativa pedir esmola, olhem que o meu pensamento he outro: **tudo se encerra sómente em vender o meu trabalho a quem o quizer comprar**; e se nisto ha caridade, eu he que a faço aos outros. E se me perguntarem quem tem a culpa de **eu ser tão vasto nas Petas, com que tempero tantas verdades**, responderei que as Senhoras, porque ellas mesmas com a macula de chocalheiras, que lhes vem por natureza, me procurão para me contarem cousas deles, e dellas... mais a mim, mais a mim, a qual mais ha de fallar, nutrindo-se todas de verem em praça pública os defeitos das suas semelhantes; e eu neste caso acceitando, e requerendo, porque de tudo me sirvo para dar voltas á vida, visto que os tempos requerem estes tráficos.

A minha Camara-Optica tanto tem que vêr, como que ouvir, porque como toda he figurada na imaginação, e hum representação muda, necessita ser explicada: para maior intelligencia sobre os individuos representados, eu me proponho fazer a extensa narração de costumes, e factos, com que o Leitor fique satisfeito, se não for máo de contentar. Esta obra he periodica por espaço de doze mezes. No principio de cada mez sahe hum Folheto de três folhas de papel, não só com as scenas de Totel Munde, mas tambem ornado de diversas Peças, visto que a variedade de objectos em composições taes he o mais agradavel methodo, que tenho seguido em todas as obras, que tenho composto deste genero. Expuz os meus sentimentos: tenho dado conta da qualidade da obra: nada mais me resta.

Acaba-te Prologo: se fores cahir nas mãos da Mocidade estudiosa, requiescas inpace: a minha benção te cubra, porque em fim és meu filho; e se morreres nas mãos de alguns Leitores destes, que de tudo tem fastio, eu cá de longe te farei os suffragios, mas para te apartares do ranço dos Prologos, nos ultimos instantes, não te despeças de ninguém, nem digas.

Vale (p. 3-10).

CAMARA OPTICA,

Onde nas diferentes scenas joviaes, que nella se mostram, se representam os vícios acompanhados da crítica moral para correcção de hum e outro Sexo.

Cheguem, Senhores, cheguem, e pelos vidros desta Camara Optica observem as extravagantes cousas, que se apresentam aos olhos de quem as quer vêr em quadros de vivas pinturas; e para que estes se percebão, eu com a possivel clareza explicarei miudamente a significação de cada hum, que he quanto está da minha parte.

[...] Sahio aquelle ranchinho a passeio, composto de quatro irmãs, e sua mãe, todas com muita alegria, e desvanecimento de hirem trajadas no ultimo chefe da tafularia. Trazião as quatro Senhoras unicamente huma sainha de paninho, e hum vestidinho de seda muito leve. E porque he moda, e da regra da tafularia arregaçarem-se muito para desafrontarem os calcanhares, hia a irmã mais velha arregaçada com pouco geito, e com alguma demasia, ou por affectação, ou por desestramento. O demo, que se não descuida de armar enredinhos para flagello dos viventes, fez que tres cães pequenos brigassem com sinco cães grandes. Ladravão huns aos outros de tal sorte que ninguém se entendia com a bulha. Dentada para alli, dentada para acolá, principiando a briga á porta da fabrica da seda veio a parar no largo do Rato junto ao rancho das Senhoras, como alli se está vendo.

Gritarão ellas, fugindo; porém a Mana mais velha, ou por mais pezada, ou por mais intrépida, não correo tanto, e mettêrão-se-lhe os cães por entre os pés; e hum deles que hia de boca aberta, com os olhos avinagrados, e com os dentes promptos a pegar na primeira cousa, que encontrasse, achou a perna da pobre Senhora, porque no ímpeto da raiva não achou fato em que pegar; e filando-se o cãesinho nas meias de filó, da meia e da perna tirou huma amostrinha. Eis-aqui o fructo de huma descomposta affectação [...]. Se as Senhoras trouxessem fato, que as defendesse em lances taes, não succederia huma tal infelicidade. O que ha aqui ainda de bom he o não se recear que o cão

estivesse derramado; porque a Senhora antes de mordida, já andava danada por casar (p. 10-12).

Aquelle de Gaforine muito alta, que alli se divisa muito direito , he hum taful que está em ar de quem não pôde comprehender como em outro tempo hum filho de vinte e sinco annos se sujeitava a tomar a benção a seu pai, mãe, avó, e tias quando vinha de fóra! (p. 16).

[...] Como dava a seu pai huma conta miuda da sua vida, consultando com elle, e recebendo delle a pagina dos conselhos para o manejo dos seus projectos, fazendo ver ao pai donde lhe vinha o dinheiro que gastava! Quando os filhos da presente tafularia tem dispensado todas estas ceremonias [...] Alli vemos hum velho atenuado por não poder conhecer o motivo porque os nossos antepassados havião de ter o trabalho, nos encontros de rua de estar tirando e pondo o chapéo, acompanhando esta cortezia com hum *Salve Deos a V. m., guarde Deos a V. m., estimo que passe bem, e toda a sua família; eu vou vivendo como nosso Senhor he servido*. Quando hoje os nossos modernos, passando huns pelos outros mais rapidos que hum relampago, apenas levantão a mão, que deixão no ar, dizendo com muita pressa *Viva*, que corresponde á palavra *prompto* de hum caixeiro de loja de bebidas; bastando aquella solta palavrinha para os amigos entenderem o grão de amizade, em que estão [...] (p. 17-18).

Resposta do Author destes Folhetos a huma Carta que recebeo de hum seu Amigo, em que este lhe mandava pedir huma fiel noticia do pouco, ou muito estrago, que tivesse feito em Lisboa o Tremor de terra, que se sentiu no mez de Junho.

Meu íntimo Amigo, recebi a sua Carta, em que me insta por noticias de Lisboa a respeito dos efeitos do Terremoto de 6 de Junho do presente anno de 1807 [...]. Então me mereceo huma sizuda attenção o abatimento, em que estavam os ânimos de todos; e ainda que os effeitos não forão muito prejudiciaes ás vidas, nem ainda mesmo aos edificios, porque se conservão no mesmo estado, á excepção de pequenas fendas em alguns; com tudo sempre os Terremotos são huns avisos terriveis, que deixão em palidez, e consternação a gente mais animosa [...]

Agora voltando-me para os Naturalistas, Mathematicos, e Profetas, que apparecem feitos á pressa em semelhantes occasiões, cujos discursos, e questões provocão a riso, direi o que vi, e ouvi, que por providencia apparecem sempre daquelles indivíduos para suavisarem a tristeza, em que a gente fica do passado abalo, pela materialidade, que inculcão. Serião 6 horas da tarde quando no mesmo dia cheguei ao

Rocio, e vendo immenso povo a olhar para hum mesmo lado, apressei-me tambem, e vi que todos se entretinhão em admirar huma pedra do fecho do arco do Bandeira, que dizem descera mais com o Terremoto [...] (p. 18-19).

Sinceridades galantes.

[...] Ouvindo huma Senhora a hum Prégador que o homem era hum pégo de maldades, ella querendo em huma assembléa encarecer oquanto era desinquieta huma sobrinha, que tinha, explicou-se deste modo: Minha sobrinha he mesmo huma *pega* de maldades. . . (p. 22-23)

ANECDOTAS.

[...] Disse hum sujeito em argumento, gritando: Eu fallo muito, mas fallo bem. Respondeo-lhe logo o outro: Concordo com V. m. em metade da proposição.

Dizia hum velho jovial que toda a mulher que fosse mulher má, era bom que levasse pancadas da mão de seu marido ao menos duas vezes, a primeira pondo-a em estado de Deos a vir vêr, a segunda della ir vêr a Deos (p. 23).

ADIVINHAÇÃO.

Nada tenho de bonita,/ Porém tenho bom cabelo,/ Gente porca não a soffro,/ Que logo lhe vou ao pello:/ Gente aceada me estima/ Pelo prestimo que tenho,/ Não enjão a quem me busca,/ Porque sempre vou e venho:/ Já sou antiga no mundo;/ Tanto ser velha se prova,/ Que estou por hum és não és/ A cahir sempre na cova. Váo-se cançando que para o mez que vem lhes tirarei as dúvidas (p. 31).

A assignatura desta Obra he de 1600 réis por todo o anno. Obriga-se o Author a mandar hum folheto cada mez a casa dos seus Assignantes. Para este fim se podem fazer as Assignaturas na Casa da Gazeta, ou na mão do Author; e será remetida a Obra para todas as terras do Reino (p. 31).

Fica-se vendendo avulso na mesma Casa da Gazeta; na loja do Madre de Deos ao Rocio; na do livreiro Antonio Pedro na rua do Ouro; na de Luiz José de Carvalho aos Paulistas; em Alcantara onde se vende a Gazeta; e em Belém na de José Tiburcio (p. 32).

FOLHETO II.

Concorrão, Senhores, ao novo divertimento, onde se vê muito, e se gasta pouco: ajudem-me a viver, que o trabalho de andar com huma Camara Optica não he pequeno [...] (p. 1-2)

Agora pensem Vv. mm. que martyrio ha que se possa comparar com o que padece hum homem de bem, que he casado, e que se vê com pouco para gastar muito; havendo taes molherinhas, que por ciosas, ou mais depressa por tolas, querem que o homem faça o que não pode, e gaste o que não tem; e quando os maridos por isto se entristecem, dizem que tem pécora, quando o pobre não tem senão cuidados (p. 3).

Vejão, Senhores, aquella Beata como vai trajada de cores sombrias, que modestia inculca naquelle macilento rosto, abaixando os olhos a tudo, e levantando-os só para o filho de hum negociante, a quem quer apanhar na mystica rede: não canta, nem dá motes quando se acha em alguma companhia, mas perde a noite de S. João a contradançar em louvor do Santo: cança o seu Director com escrúpulos nas consoadas dos jejuns, e por dar hum desafogo ao espirito penitente revolve, e discorre nas vidas alheias, sem lhe faltar hum pontinho, levando, e trazendo entre as suas amigas de humas para outras tudo o que dellas sabe, não só porque não he (como lá dizem) baú de ninguem, mas porque he lá da sua moral publicar os defeitos do seu proximo para cautella dos outros; de sorte que hoje em dia com capa de virtude he a maior lavradora de intrigas, que se conhece nos nossos tempos, porque as semeia, com muita abundancia, e facilidade (p. 7).

Que lindo mocetão taul alli se nos figura da parte direita! he exquisito no seu modo de pensar. Cuidar elle que ha de ir a huma sociedade, e que não ha de ser namorado por alguma Senhora, he tirarem-lhe hum dente da boca (p. 7).

Vejão, Senhores, agora aquella Senhora de vinte e dous annos sentada naquelle jumentinho de cadeirinha, e observem a palidez, com que vai, a magreza e desconsolação, em que vive. Obrigão-na os medicos a passeios todos os dias, pois que tem mal interior, com que eles não podem atinar; e he então quando se valem de leites de burras, e ares de campo em frequentes passeios, e depois de esgotadas todas as boticas, a bolsa, e a paciência.

Procedeo aquella molestia de huma Walça, que aquella triste Senhora dançou. Quem tal havia de dizer que hum recreio produziria hum tão grande desastre! Ora oução Vv. mm. o motivo daquella desgraça.

Sabemos muito bem que todas as cousas tem recuado muito no tempo presente, e que para tudo seguir esta formalidade, até appareceo em Lisboa huma dança nova chamada Walça, em que se anda para traz á roda de huma sala, como anda o caranguejo. Não he tão veloz a véla de hum moinho com vento Norte, como he o par a mover-se nesta dança, a qual só acho propria para tísicos, que são muito leves por falta de carnes. No tempo dos minuets dançavão magras, e gordas; mas hoje se huma gordalhuda se mettesse nessa farofia a respeito de Walça, o homem, que dançasse com ella, era o mesmo que andar puxando por hum cêpo. [...]

Estava ella em huma brilhante companhia, e como tinha a vaidade de que poucas a imitavam na dança da Walça, rogada por hum salta-Martinho, ou hum taful de chinelas, que he o mesmo, sahio a campo para se metter na dança. Trabalhou, a rebecca debaixo do preciso compasso; e principiando-se a Walça, logo na quarta volta, que a Senhora rapidamente deo, encontrou no sobrado a cabeça de hum prégo sahido para fóra do seu lugar, tropeça a infeliz, faz perder o equilibrio do passo ao Monseur saltante, e prégão ambos comsigo em terra.

Não ha hum lance mais desgraçado! Ella como andava para traz, cahio de costas, desmanchou desastradamente huma costella; e elle com a força do baque, rasgou a pantalonas, que ainda se não tinha visto outra mais justa desde que vierão pantalonas á luz do mundo. Mas que ha de ser, se até as casimiras vem agora de fóra tão falsificadas! Nisto entrou logo toda a companhia em desgosto, e todos os espectadores forão promptos em acodir ao delicado par, que tanto prazer causava.

Foi tal o dissabor, que ninguem quiz tomar chá: toda a companhia era hum labyrintho, e consta que se cuidou logo em se fazer a primeira cura. A menina porém ou porque não fôra bem curada de seu principio, ou porque offendêra por dentro mais do que se imaginava, certo he que se foi definando, perdendo as côres, e não tornou a ser o que d'antes era chegando ao mísero estado, em que alli se está vendo. Julga-se que se escapar desta, e for ainda a funções, ficará sempre, por fraca, de ganapé no lugar, em que ficão as avós, as mãis, e tias a cahir com somno á espera de que se mandem pôr as segas (p. 9-12).

[...] Achavão-se na loja de hum barbeiro aquelles dous achados homens fazendo a barba, e nos intervallos, sem se conhecerem, hião conversando hum com o outro: no meio da palestra pegarão nos assumptos do tempo, que são as guerras; e como cada hum era apaixonado por sua parte, fervião as diversas opiniões: erão ambos partidistas acerrimos, e tão teimosos se mostravão, e tão aferrados cada hum ao seu partido, que qualquer deles era huma guerra, e hum montão de triunfos, segundo o seu modo de pensar; porém de quando em quando vinhão ás do cabo.

O pobre barbeiro, e o seu official naquelle conflicto já não sabião o que fizessem para accommodar a desordem, que tanto prejuízo lhes fazia, porque de cada vez que a navalha se tirava da cara, vinha huma negativa no argumento acompanhada de tanta cólera, que hia tudo pelos ares: a toalha cahia, o panno dos cabellos hia ao chão, e o risco de algum desgraçado golpe estava eminente. Tanto teimarão, e tanto gritarão que se desafiarão; e descompondo-se, sahirão para o meio da rua, como alli se estão vendo. Hum delles, que era de cabelleira, sahio sem reflexão com a calva á mostra, a toalha posta, e com a barba feita só de huma banda: o outro sahio sem lenço no pescoço, tambem de toalha, com a barba só feita dos lados, e com o bigode por fazer, ambos tão vermelhos, dizendo tantas injúrias, que parecia que estavam bebados. Já levavão a briga a murro seco, porque nenhum delles tinha arma, com que se defendesse.

Lá está o barbeiro mestre tirando as suas toalhas, e encaixando a cabelleira na cabeça do calvo: lá vem dous soldados a separar os dous impertinentes. Veção Vossas mercês quanto huma teima tira a gente fóra de seus sentidos. Consta que cada hum dos barbeiros fora dar de empreitada a obra a outra loja, porque aquelle barbeiro, além de perder o producto das duas barbas, como já na sua loja succedeo outra similhante, ficou com a fama de que alli nunca se acaba obra, que se principia (p. 13-14).

Estão por hoje acabadas as Vistas desta Camara-Óptica; para o mez que vem se exporão novas scenas ao Público; e para ornato deste Folheto segue-se

Carta em resposta, que o Author mandou a hum seu Amigo, que lhe pedio o seu parecer sobre certo manuscrito, que pertendia imprimir.

Amigo, V.m. me remetteo o seu livro de Novellas jocosas, para serem por mim revistas. [...] **Não ha cousa mais custosa em Bellas Letras, que dizer graças; porque para dizer tolices basta ser tolo; mas para dizer graças com acerto precisa-se de mais juizo, do que para fallar serio; pois se o serio he o natural de todo o homem,**

vem a ser a graça hum dom extraordinario, que poucos possuem; mas que posto em prática com perfeição, faz excitar a rir aquelle, que de sua natureza he triste, o que se deve avaliar por não pequena dificuldade. **A experiencia me tem mostrado que ha dez fórmas de dizer graças.** Ha huns homens que vivem em contínua restituição aos que jazem nas sepulturas, porque se andão fazendo célebres com as graças, que os nossos antigos disserão nos seus tempos, contando em toda a parte ditos agudos, e lembranças jocosas, arrogando-as a si, e querendo os applausos, que os outros devião levar, se fossem vivos. Estes homens não passam de ser huns papagaios, que repetem o que ouvirão.

Ha outros que só fazem consistir a sua graça em obscenidades, e ditos ás vezes tão descompostos, recheados de equívocos indecentes, que se representam bem incapazes de entrarem n'hum sociedade grave; por cuja razão merecem o nome de homens mal criados.

Alguns ha com graça tão arrastada, e escondida, que ninguem lha póde achar: elles só a celebrão julgando em si hum grande merecimento; mas deixando a companhia em desconsolação, porque dalli a ter graça, vai huma distancia immensa! A estes chamaremos huns tolos da primeira ordem.

Encontrão-se muitos, que só fazem consistir as suas graças em dar descompostas gargalhadas, e encontrões com as mãos, a que se segue hum dito mui insonso, com que só elles ficão satisfeitos. Materialidade no caso!

Vejo outros, que por subtileza, **preparão de antemão os lances, em que hão de meter huma graça já estudada, para parecer graça natural, e repentina:** estes já de longe fazem cama na conversação, porque lhes possa cahir bem o dito agudo, ou o equivoco; e tem todo o merecimento para lhes chamar huns **impostores.**

Certos homens ha, que **fazem consistir as graças só em dizer mal dos outros**, determinando pessoas, que são as victimas daquelas linguas. Porém esta qualidade de graça custa muito pouco a sustentar, porque a inclinação da maior parte da gente he murmurar de tudo, e de todos; e como tambem os ouvintes propendem para isso, estão os ânimos dispostos de ambas as partes; e por consequencia tudo o que se disser agrada, porque na satyra tudo se admite, ainda que na opinião dos prudentes vale bem pouco semelhante linguagem, devendo-se chamar a quem assim falla satyrico mordaz.

Tambem me lembro de huns tão excessivos nas graças, que **por não perderem hum dito picante, perdem amizades**, e ás vezes até se botão a perder a si, e a toda a sua casa, só pela ridícula vaidade de fazerem hum pesquim muito análogo ás

circunstancias: em que bem se deixa ver que são estes huns homens de muita subtileza, e de nenhum juízo.

Muitas, e muitas vezes tenho encontrado genios graciosos tão imprudentes, e demasiados, que por lhes approvarem a primeira graça, que o acaso lhes deparou, não se calão com graças a qualquer cousa, e a todos os que concorrem com elles, com muito atrevimento, investindo, e injuriando, e por fim já aborrecendo; persuadidos de que tudo lhes ha de ser por força applaudido: character este pessimo, e o mais arriscado, que assignalla o homem por descarado, e temerario; sendo bem para notar que os graciosos desta natureza são, os que com muita facilidade encordoão a qualquer cousa, que se lhes diz, porque de ordinario querem que todos os soffrão, e nada querem soffrer.

Não me devo esquecer de que nos doudos, e nos bebados ha graças, que muitas vezes não lembrarião ao homem de maior talento; e quem ha de dizer que de cabeças tão desordenadas hão de sahir cousas com acerto? A isto só poderemos chamar acasos com ordem filhos da desordem.

O ultimo grão de graças, que descobri, e que para conciliar o louvor, e attenção de todos deve ser o primeiro, he a graça natural. Parece que para se entender bastaria só dizer-se isto; porém devo demorar-me mais nesta bella qualidade, para V. m. poder fazer melhor a combinação com o seu livro.

O genio estimavel por jovial he aquelle, que na graça, que profere se lembra de si, e se **não esquece da decencia, de quem o ouve**: toda a graça deve ter huma breve reflexão antes de proferir, para salvar circunstancias, que offendão, ainda de longe, algum dos ouvintes. **Devem cahir as graças, como cahe a folha da flor, quando lhe toca o vento, e não como quando a flor he desfolhada por alguém, porque então já entra violencia. A graça deve ser breve, solta, e não repetida.** O que se contenta com huma graça, que disse a tempo, he hum homem de juízo; o que está sempre de graças he hum chocarreiro, que perdeu o merecimento. Diz hum judicioso Author, que consiste a belleza do semblante em ser adornado de dous perfeitos olhos; porém que se tornaria toda a belleza em deformidade se apparecesse todo o semblante cheio de olhos. O pintor põe claros, e escuros, e este mixto faz a perfeição da pintura. O genio jovial assemelhando-se a este pintor, destaca o serio da graciosidade; e eis-aqui para que he preciso a maior prudencia, e discurso.

Não julgue V. m. que eu sou contra **as graças**: ellas **são precisas na sociedade para honesta distracção já do pozo da melancolia, já do trafico da vida**; e tomando-se nellas as medidas, que já disse, prezão-se quando se ouvem, e immortalizão-se

quando se escrevem; mas quem as escrever não deve perder da memoria que **hum livro cheio só de graças, sem que appareça entre ellas a moral, he huma arvore silvestre, ainda que frondosa, sem fructo algum.**

Eis-aqui os preceitos, que, no meu modo de pensar, se devem guardar em dizer graças. Veja V. m. primeiramente se me acha razão; e achando-a, despido de amor proprio, leia o seu livro primeira, e segunda vez, e com tanta attenção, e cuidado, como he o que costuma pôr aquelle, que procura entre muitos hum papel, que não acha. Desta sorte prevenido, pôde ser que V. m. mesmo ache defeitos; e na fiscalisação, que fizer he que me deixará capacitado da acceitação dos meus reparos, ou dos meus louvores por sinceros. Esta ingenua insinuação lhe pode servir de mais huma prova da amizade , com que me confesso ser.

De V. m.

Intimo amigo, e o mais affectuoso.

J. D. R. da C.

Lisboa 15

de Outubro de 1807 (p. 18-25).

ADVINHAÇÃO.

[...] A Adevinhação do Folheto antecedente com facilidade se vê o que he, huma vez que se ajuntem as ultimas syllabas do penultimo, e ultimo verso, que quer dizer *Escova* (p. 32).

FOLHETO III.

Não tardem, Senhores, a se aproximar a esta Camara-Optica, se querem passar hum bocadinho de tempo com gosto. Aqui temos a primeira vista. Vem Vv. mm. aquella nuvem de pó, que parece que algum redemoinho de vento quer levantar a terra toda? pois não he assim, he que anda o diabo solto em casa do Alfacinha, e nasce toda aquella poeira da grande maçada, que aquelle soldado está dando á sua porta naquelle moleiro [...] (p. 2).

Malditas modas, que ellas as mais das vezes são a desordem da sociedade! [...] Vamos agora a tirar de principios a razão, que o rapazinho teve para se equivocar. Elle vio hum homem de azul com murça; figurou-se-lhe o cabelo cortado, porque a lombriga

do rabicho vinha debaixo do cabeção, e isto á boca da noite, foi facil enganar-se; sabido o caso: Era hum grande taful, que vinha mettido n'um capote da moda de pano azul ferrete, com hum cabeção até ao meio das costas, que era o mesmo que ver a murça dos Padres Loyos. E como chovia alguma cousa, vinha o taful abafando-se muito, e puxando a roda toda para diante, de sorte que o resto do capote, que escapou de ser cabeção, fazia figura de habito. Alli se está vendo que qualquer de nós se enganaria, quanto mais hum rapaz, que não tem ainda lição alguma de modas (p. 5-7).

Carta do Author em resposta a hum seu Amigo, que lhe mandou pedir novidades desta Corte.

A novidade mais recente, que se me oferece a participar-lhe he a **grande tormenta de invenções, em que naufragou a nossa Lingua Portuguesa**: infelizmente ella deo á costa, perdendo no naufragio toda a sua riqueza: **faz dó vêr o mísero estado, a que está reduzida**. Quem nos dissera que ella havia de vir a necessitar do socorro da tafularia moderna, quando em outro tempo toda a mocidade della dependia! o certo he que ninguem sabe para o que nasce.

Perdeo esta miseravel as palavras – embriaguez, e bebedeira – e derão-lhe os tafues por esmola a palavrinha *pizorga* para viver com ella em lugar das outras. Perdeo as palavras – lucro, e ganho – e soccorrêrão-na com a palavra *pechincha*. Perdeo as palavras – acerto, e felicidade e para supprillas derão-lhe *cuquenha*. Perdeo – zombaria, e escarneo – derão-lhe em lugar disto *chalaça*. – Perdeo azar, infelicidade, e máo agouro – e derão-lhe *quigilia*. Perdeo – perturbação de sentidos, e impertinencia – e derão-lhe – *moafa*. Perdeo – soberba, e altivez – e derão-lhe *embófea*. – Perdeo logro, e calote – e derão-lhe *caurim*. Perdeo – exotico, e ridicularia – e derão-lhe grifaria. – Perdeo – valente e destimido – e derão-lhe – *pimpão*. Perdeo – tonto, e doudo – e derão-lhe *maluco*. – Perdeo quinhão, e interesse – e derão-lhe *pitéo*. Perdeo – ninharia, e bocadinho – e derão-lhe *petisco*. Perdeo – teimoso, e parvo – e derão-lhe *matuto*. Perdeo – desaparecer, e fugir – e derão-lhe *vispere*. Perdeo – bulha e motim – e derão-lhe *caçoada*. Perdeo – cruzado novo – derão-lhe *pinto*. Perdeo – meio tostão – derão-lhe *caçoquim*. Perdeo – loquaz – derão-lhe *grazinador*. Perdeo – engano e trama – derão-lhe *embaçar*. Perdeo – ganho de jogo – e derão-lhe *espelunca*.

Eis-aqui o que tem recebido a nossa naufragante dos seus bemfeitores, vindo a ser todo o socorro as palavras: *Pizorga* – *pechincha* – *cuquenha* – *chalaça* – *quigilia* –

moafa – embófea – caurim – grifaria – pimpão – maluco – pitéo – petisco – matuto – vispere – caçoada – pinto – caçoquim - grazinador – embaçar – e espelunca.

Se isto lhe parecer Grego, não se admire, que eu também o estou com tanta cousa, que vejo, e ouço: daqui póde V. m. vir no conhecimento de como agora se entende a gente por Lisboa e seu Termo. Se isto andasse só na linguagem da plebe, ainda me accommodava; mas ouvir-se este novo supplemento em meninos, não digo de gravata lavada, porque já não as ha, mas naquelles senhores de casaca, onde as mangas são mais compridas que os quartos, isso he que faz pasmar.

Ninguém pensou que a lingua Portugueza, de que tivemos tão bons Mestres, que em todo o tempo a sua memoria fará honra á nossa Nação, viesse no presente seculo a ser substituida pela linguagem do Gentio! **Mas que devemos esperar de hum tempo; em que os cafés são as aulas da mocidade!** de hum tempo, em que só falta fazer licor de queijo de Montemór, e de queijadas de Cintra! de hum tempo, em que o filho corteja o Pai na rua como se fosse hum visinho! de **hum tempo em que as filhas mandão, e gritão em casa mais que as mãis!** de hum tempo, em que se joga de manhã, de tarde, e á noite! De hum tempo, em que cada qual he só para si! de hum tempo, em que muitos homens trazem o miolo como as orelhas, tudo furado! de hum tempo, em que as botas fazem aos tafúes pernas de pavão! botas, que podião servir para canos de telhado! de hum tempo finalmente, em que tudo se põem ao tempo!

Dispense-me, meu querido Amigo, de outras novidades, porque nem as sei, nem as quero, nem as procuro; vamos com estas, que não offendem ninguem; toco sómente os vícios novos; porque os velhos sabe V. m. muito bem do tempo, em que viveo nesta Corte, na qual estimarei ser-lhe util, e corresponder-lhe por ser

De V. m.

Amigo sincero

J. D. R. da C.

Lisboa 20

de Novembro de 1807 (p. 20-24).

FOLHETO IV.

APOLOGO.

Foge de pores em praça/ Motivos para a desgraça.

*As Arvores*²⁷.

Em frondoso escuro bosque/ Grande susurro se ouvia,/ Luctavão as verdes folhas/ Affrouxando a luz ao dia.// [...] Procedia este rumor/ De vozes amarguradas,/ Que das arvores sahião,/ Por se verem ultrajadas.// Vingança pedião todas/ Contra os homens deshumanos,/ Pois que pelas mãos dos homens/ Soffrião terríveis danos.// Dizia hum sombrio freixo:/ “Nós acaso os maltratamos?/ “Quando junto a nós se chegão/ “Grata sombra não lhes damos?// Alto sobreiro clamava:/ “Nós não vexamos ninguem,/ “Nem d’aqui vamos roubar/ “A cada qual o que tem./ De hum alamo então se ouvia/ Esta sentida expressão:/ “Nem sequer neste retiro/ “Escapamos da ambição!// [...] Huma encanecida faia/ Em altas vozes dizia:/ “Ceos! nos corações dos homens/ Cabe tanta tyrannia!”// [...] Cada tronco enfurecido,/ Pela vingança bradava,/ Meios de dar fim dos homens/ Cada tronco imaginava.// [...] “E quem he que os cabos dá/ “Para os machados servirem?/ “Não somos nós? Logo damos/ “Armas para nos ferirem.// “Deixemos nós de dar troncos,/ “Que prestimo possão ter,/ “E veremos como os homens/ “Sem machados se hão de haver.// Então resoarão vivas,/ Que as mais arvores lhe derão;/ E todas a hum tal discurso/ As suas razões cedêrão.// O loureiro no seu voto/ Foi alli tão applaudido,/ Que ficou naquele bosque/ Por hum oráculo tido.// No mar dos vicios que temos,/ Encontramos a tormenta,/ Muita gente dá motivo/ Para os males, que experimenta (p. 23-29).

Os Senhores Assignantes desta Obra, que se mudárão pelo Natal, deverão fazer saber actualmente onde estão moradores, deixando por escrito no Livreiro Antonio Pedro da rua do Ouro, os seus nomes, o nome da rua, e número da porta para serem indemnizados dos Folhetos, que lhes faltão, e continuarem-se-lhes os mais. Este quarto Folheto, e os mais antecedentes se estão vendendo avulsos na Casa da Gazeta, na loja do Madre de Deos ao Rocio; na do Livreiro Antonio Pedro na rua do Ouro; na de Luiz José de Carvalho aos Paulistas; nos dous Livreiros, que estão em

²⁷ O apólogo «As Árvores» seria mais tarde apontado por José Daniel Rodrigues da Costa como um dos motivos para a interrupção da *Câmara Óptica* durante a ocupação de Lisboa pelo invasor francês. Este folheto é o primeiro em que aparecem referências directas à actualidade política nacional.

Alcantara; na loja de Capella do Garcia na calçada da Ajuda, e na rua direita de Belém na loja de Capella de José Tiburcio (p. 32).

FOLHETO V.

[...] Alli anda passeando agora hum grande preguiçoso, gastando por aquelle modo o que o homem tem de maior estimação, que he o **tempo**, em andar abstracto com as mãos debaixo dos braços. Dizia elle que quanto mais trabalhava, menos tinha; e como não tirava fructo do que fazia, que adoptava ara si o systema de não fazer *nada* (p. 2).

[...] Aqui deste lado se avistão duas visinhas, huma na janella de baixo, e outra na janella de cima mui vermelhas, e muito assanhadas, descompondo-se huma a outra, em cujas descomposturas se descobrem os vexames, e os podres da vida de ambas; e assim mesmo como alli se estão vendo são o retrato de duas que morão na minha rua, que as mandei pintar para pôr na minha Camara-Optica; mas a pezar dos enfados, que mostram, com qualquer negalho de linhas, ou gôta de azeite, que huma peça á outra, fizeram logo as pazes, que isso tem as senhoras vizinhas, que depois de muitas injúrias, toda aquella polvora por qualquer interesse se torna em *nada* (p. 6).

[...] Appliquem agora a vista para aquelles dous Algarvios, que estão jogando murros naquelle cáes. Fervêrão pragas, que parecia vinha tudo abaixo com ellas, depois resolvêrão em sôccos, deque já hum deles tem sangue no nariz; porém assim mesmo com hum quartilho de vinho, que o outro pague ao ferido, acabou-se a querella, e pára tudo em *nada* (p. 8).

[...] Os inimigos mordazes desta Camara-Optica, que não fazem senão morder os folhetos e não ládrão com outros melhores, diz hum vizinho meu, que não faça caso deles, por que não valem *nada*.

Em fim, muitos são os *nadas*, de que poderia fazer immensas pinturas, conhecendo muito bem que eu mesmo *nada* sou em qualquer materia; e que por isso tambem não valho *nada*. Porém **como tenho tambem de acabar este folheto**, acabem-se com elle juntamente os *nadas*; e para o mez que vem se mostrarão outras vistas, que ou serão alguma cousa, ou não serão *nada* (p. 20).

Carta que o Author manda a huma Senhora, que o convidou para seu Padrinho de casamento, se em algum tempo se resolvesse a casar.

Minha Senhora, depois que na sua presença recebi o convite para vir a ser Padrinho das suas nupcias, a todo o tempo que se fizessem (estando o caso tão atrasado que ainda para ellas falta o melhor da festa, que vem a ser a eleição de noivo) entrei a reflectir em que me mettia, e mais de tres vezes disse comigo mesmo: Eu Padrinho de casamento! eu apadrinhar hum acto, que ou póde dar muita gloria, ou muito desgosto! o caso não vai bem [...] (p. 20).

AMPHIGORI.

Famosa Cidade,/ Que luxo, que tinha,/ Se a muitos convinha,/ Nem tudo o que luz he ouro.// O pobre calouro,/ Que vem a Lisboa,/ Se logo se emprôa,/ Adeos minhas encomendas!// [...] Sentido na mana,/ Que sete namora,/ Traz todos na nora,/ Quem desdenha quer comprar.// Se intentas casar,/ Não sejas Quixote,/ Se casas c'o dote,/ Temos historia no bêco!// [...] Tافل, põem-te a pé,/ Que és máo cavalleiro,/ Ferrolha o dinheiro,/ Quem muito come he alarve (p. 26-31).

APIGRAMMA.

Traçar da nua Venus a figura,/ Pintor chegado ha pouco hum dia emprende;/ Mas faltão-lhe modélos donde tire/ Cópia dos membros, que pintar pretende:/ Á porta espera que as Tafulas passem,/ Extrahe de todas o que mais lhe agrada,/ Fica supprida a falta de modelo,/ Porque ellas hoje não escondem nada (p. 32).

FOLHETO VI.

[...] Alli temos hum Tافل em ar de afflicto, por causa de huma maçada, que lhe derão de noite por engano; porque aquella esmola hia para outro. He o traje d'aquelle Tافل, como Vv. mm. estão vendo, bota lustrosa, pantalona de casimira, colete de veludo, e casaca escura de cabeção enchouriçado, que parece que quantos trapos punhão as senhoras algum dia nas fôrmas da cabeça, passárão para os cabeções das casacas dos homens.

Houve hum rapaz atrevido, que namorou a criada de huma casa séria [...] O dono da casa, que percebeo o escândalo, com que elle, e ella se portavão, mandou-lhe

fazer huma espera. Porém como hoje os tafúes no modo de trajar, e até na côr do vestuario andão todos pelo mesmo uniforme, pagou o justo pelo pecador, porque o valente, que levava a encomenda, equivocou-se, e se havia de dalla ao namorado, deo-a áquelle miserável a quem pôz por terra com arrochadas. Ora eis aqui o que se tira de andarem os homens tão parecidos huns com os outros no traje.

Em outro tempo as esperas, que se fazião, erão sempre com sinaes certos, por exemplo: casaca verde ou encarnada [...] Hoje porém já se não podem dar estes sinaes, porque tudo o que aparece he cabello curto, chapéo redondo, casaca preta, pantalona, e botas, de sorte que apenas se póde dizer para se assignalar alguém, que he hum homem de nariz comprido, ou curto, bocca pequena, ou grande, olhos pretos, ou azues; e como de noite se não distinguem as feições, porque *de noite todos os gatos são pardos*, o único sinal, que póde salvar hum engano destes he ser o taul muito baixo, ou muito alto; e a não ser isto todos estão sujeitos de noite a aceitar huma sova, que lhes não pertencia, como carta de correio, que se tira por engano (p. 2-3).

ADIVINHAÇÃO.

Esta adivinhação á primeira vista parece ser muito dificultosa, não o sendo; mas o Author a fez assim, para quebrar o capricho de certa menina, que se desvanece muito de acertar em todas as adivinhações (P. 31).

Na loja da Gazeta se achão as Obras deste Author encadernadas, ou em brochura, a saber:

Almocreve de Petas, dous tomos em brochura com cento e quarenta Folhetos em quarto 3\$800

A mesma obra encadernada 4\$200

O Comboy de Mentiras em brochura 1\$200

Dito encadernado 1\$400

O Espreitador do Mundo Novo em brochura 1\$200

O dito encadernado 1\$400

O Barco da Carreira dos Tolos em brochura 1\$200

Dito encadernado 1\$400

O Hospital do Mundo, em brochura 1\$600

O dito encadernado 1\$800

Ha deste Author hum Livro em oitavo do divertido Jogo dos Dotes; e esta obra da Camara Optica, que ha de constar de doze Folhetos, se vende também na loja da Gazeta, e nas outras lojas já anunciadas (p. 31-32).

FOLHETO VII.

Dizem que a velhice he o desengano dos homens, mas esta regra tem excepção, porque os ha por esse mundo de setenta annos muito namoradiços, muito tafúes, e bem capazes de requestarem até hum pretta de tremoços. [...] ha homens tão desvanecidos de si mesmos, principalmente velhos, que nem conhecem que já tem passado o seu tempo das verduras, nem fazem destinação de gente bandalha e gente seria, apresentou-se aquelle miseravel, que alli se vê trajado á moda com setenta e dous annos no corpo, empunhando hum luneta de madreperla, muito gentil homem, muito direito, muito engomado, muito escanhado, de chinó muito azevichado, e certamente já se persuadia que tinha parado nos seus vinte, e que o tempo não passava por elle [...] Em vendo mulher na rua, estava disposto a seguilla, ainda que ella andasse hum quarto de legoa. [...] Não obstante terem dado Ave Marias, mesmo ás escuras, como sabião as voltas da escada, com medo do velho voávão por ella acima. O velho com a mesma pressa até ao terceiro lance ainda foi bem; porém chegando a huns repartimentos, que a escada tinha, como tudo era escuro, perde o tino, e sem ninguem lhe encommendar que contasse os degrãos, veio abaixo aos trambolhões, pondo as mãos por todos eles, até que chegou ao fim, aonde parou no estado, em que Vv. mm. alli o vem, sem tres dentes, que lhe restavão, com a cabeça aberta, e hum costéla fóra de seu lugar. Desenganem-se os velhos que as escadas de agora não são para estas graças, ou botem-se em casa de escabeche, ou, a pedir-lhe o corpo ainda farofias, namorem alguma assadeira de castanhas, por evitar o perigo das escadas, em quanto viverem allucinados (p. 2-4).

Sabemos que Mafoma prohibindo aos seus devotos o uso da carne de porco, assentou tambem, que lhes devia prohibir o vinho, e nisto foi coherente, porque deixar-lhes comer hum lombo assado, e mandar-lhes beber hum pucaro de agoa em sima, era deshumanidade. Em fim na proibição quiz parecer homem de bem; porque a deixar o uso da carne de porco, havia de deixar o uso do vinho, que assenta nella... assim como Vv. mm. o tem experimentado, porque em cima de porco, nunca se bebeo neve, nem chá. Ora assim fazem muitos **dentistas** que vem a esta Corte. Comem-nos o pão; e **se nos tirão o pão, para que nos servem os dentes** (p. 6).

Nisto se deixa ver quanto differem os costumes antigos dos abusos d'agora! Antes do Terremoto andavão os homens rogando as senhoras, vencendo com muito custo perigosas difficuldades, para alcançarem o *sim* de seus pais para casamento; hoje para tudo variar, andão muitas dellas rogando-os a eles! Mas que se póde esperar de hum seculo, em que os homens largarão as cabelleiras, e as saloyas as carapuças! de hum seculo, em que os cigarros supprem os palitos! de hum seculo, em que perdêrão o valor as esmeraldas, e os topasios, para serem substituídos por chapéos de palha! de hum seculo em que os homens trazem metades de meias dentro das botas, e as senhoras tirarão as mangas ás camizas! Agora á vista disto digão-me que só os que estão no hospital são doudos! (p. 12).

Carta que o Crítico de Evora mandou ao Author desta Obra.

[...] Ora pois como V. m. poz a sua Obra na praça, porque nas praças he que se mostra o Tutile-Mundi, há-de soffrer-me, que eu, como curioso, dou pela sua Obra de muito boa vontade os meus tantos réis, só para ter este desafogo.

[...] Ora para que Deos me tinha guardado! Para ler a Camara-optica de V. m.! Que seja possivel que havendo nas Estações algumas secas extensissimas, que tirão ás bocas do mundo o azeite, o pão, e o vinho, não venha huma por sua casa que lhe faça **fome de petas!** he pasmar! V. m. será alguma **esponja, que chupe a si quantas petas ha** no universo? Ninguém vive como V. m.: estabeleceo em petas todos os seus fundos, e deo-se por seguro.

Senhor, eu sabia que havia **epidemia** de febres, de bexigas, e de sarna; mas **de petas só V. m. foi capaz de descobrir ao povo de Portugal.** [...] Dá V. m. por desculpa de similhante mania o andar o mundo torto; porém diga-me, Senhor; teve alguma ordem da Providencia para o endireitar? lembre-se que he dar cutiladas no vento, que a maior parte dos erros trazem consigo mesmo a emenda. Não pertence á fragilidade de hum só homem a correccão de tantos: deixe viver quem vive: olhe que o bichinho mulher está disposto a morder-lhe; porque V. m. o tem incitado muito. [...]

Quando aqui chegão os seus Folhetos, apenas são lidos, são logo por ellas rasgados, não se vê pelas ruas senão bocadinhos de papeis de petas [...]

Agora despense-me de ser mais extenso, porque neste instante me chegão Folhetos seus de Lisboa, e vou para certa sociedade desta terra, onde se lhe faz huma rigorosa anatomia, que ficão os Folhetinhos retalhados no ultimo ponto [...].

Niquilis Tavares (p. 16-20).

Resposta que dá o Author ao seu perseguidor Critico de Evora, desafiando-se da Carta antecedente.

[...] V. m. me chama hum homem de milagre, porque julga que não durmo de noite a conciderar nas petas; pois não he assim. Lisboa mesmo de dia dá materia vasta para se escrever não doze Folhetos, mas doze volumes; e assim como o Mundo me petêa na minha pouca fortuna, pago-lhe na mesma moeda peteando-o a elle, e a V. m.

Não se deve admirar de que a minha lenga-lenga seja maior do que a dos Estrangeiros, que lhe tem mostrado lanternas mágicas, e camaras-opticas, porque esses amigos são mais faltos de consciencia do que eu, que me canço mais, e por consequencia levo sem o menor escrupulo por mais bem levado o dinheiro de cada hum [...] olhe que as minhas petas quando o tempo está mais escaço em certas cousas, he quando ellas aparecem com mais abundancia [...]. Se for certo que as senhoras dessa Cidade rasgão os meus Folhetos, fico contentissimo, e muito satisfeito, porque para se rasgarem he preciso que se comprem, e para se comprarem he preciso que eu augmente a impressão: ergo rosas [...].

Não me admira que esse Senhor, que V. m. tem por hospede, quem quer que seja, a quem mostrou os meus Folhetos, ficasse muito inteiro sem se rir das minhas jovialidades; porque eu sei que ha homens que tem a taciturnidade por entendimento, a sequidão de palavras por huma profunda sciencia, e a melancolia por virtude [...] faça-me o obsequio de lembrar-lhe da minha parte, que os Naturalistas tem descoberto, que entre os brutos, o animal que tem achado mais serio he o **burro**.

[...] Que haja muitas, e muitas pessoas, a quem não sirvão as minhas carapuças, eu o creio; mas que por isso se não siga haver innumeraveis individuos de ambos os sexos, onde as minhas verdades, temperadas com as petas, fação huma perfeita digestão, não creio (p. 20-25).

APÓLOGO.

*O Caracol, e a Lagartixa*²⁸.

Em huma vinha murada,/ Andava certa velhinha,/ Huns caracões apanhando/
Para huma neta, que tinha.// [...] Hum caracol volumoso,/ Que da velha se temeo/
Como pôde, intimidado,/ Entre folhas se escondeo.// [...] Eis Lagartixa lampeira/
Da funda toca sahia;/ Porém vendo o caracol,/ Perguntou-lhe o que queria?// [...] “Eu,

²⁸ No folheto seguinte, José Daniel revela que a referência à lagartixa foi uma das razões (a outra foi o apólogo «As Árvores», publicado no Folheto IV) para a interrupção da publicação do periódico.

senhora lagartixa,/ “Vejo-me entre mãos lençoes,/ “Porque hum malvada velha/ “Anda a apanhar caracões.// [...] “Se mora aqui, se tem dó/ “De quem taes trabalhos sente,/ “Livre-me pela sua alma,/ “Deste perigo eminente.// [...] A lagartixa, coitada,/ Lá lhe custou consentir;/ Mas por fim entornece-se,/ Não lhe pôde resistir.// [...] “Para escapar de ser morta/ “Eu já busquei iguaes meios,/ “Lembrada dos proprios males/ “Me condôo dos alheios.//, “Mas vê que por muito tempo/ “Te não posso conservar,/ “Que a casca que tens ás costas/ “Me veda na toca entrar.// [...] “Não te demores aqui/ em a velha se indo embora.// Poucas horas se passarão,/ Quando rapazes em bando,/Vinhão sobre a lagartixa/ Mil pedradas atirando.// Ella corre ao seu abrigo,/ O temor não a sufoca;/ Porém inda o caracol/ Lhe estava entulhando a toca./ Repetirão-se as pedradas,/ Tinha o corpo assás ferido,/ E té metade da cauda/ Lhe havia no chão cahido.// Então pasmada, sem forças,/ Ao caracol assim grita:/ “Este lance, em que me vejo/ “A piedade não te excita?// [...] “Se quer por hum breve espaço/ “Dessa entrada te retira,/ “Vê que esta chusma perversa/ “Cruéis pedradas me atira.// [...] “Se eu te fiz hum igual bem,/ “Porque o mesmo não me fazes?// O caracol enfunado/ Estaspalavras soltou:/ “Tambem como tu me temo/ “Já agora daqui não vou.// [...] “Quem bem está, mal escolhe,/ “Queixe-se depois de si.// “Se aos teus lares tens direito,/ “Eu tenho direito á vida,/ “Vai buscar nova morada,/ “Onde estejas escondida.// No meio desta questão/ Seixo escarpado voou, /Que á misera lagartixa/ A cabeça separou.// A muita piedade ás vezes/ Motiva a nossa desgraça;/ He virtude o fazer bem,/ Mas ha pouco a quem se faça (p. 26-31).

FOLHETO VIII.

Estimaveis Curiosos, e honrados Assignantes: **as circumstancias dos tempos, e a malevolencia invejosa fizeram com que se não seguisse esta Obra por espaço de alguns mezes, pois a má intenção disposta a prejudicar-me, por muitas vezes apontou o *Apólogo das Árvores*, que vem no quarto Folheto, e o da Lagartixa, que sahio no Folheto setimo, como duas Obras determinadas contra os nossos cruéis Protectores. Em parte não se enganavão; e como estes Apólogos admittião diversos sentidos, os que intentavam perseguir-me, fulminavão com a sua Analyse o risco de alguns desgostos por fruto do meu curioso trabalho. Então me dictou a prudencia, que seria melhor prevenir, do que emendar, justo motivo para pôr a minha penna em descanso, até que amanhecesse aquelle Dia tão suspirado, de eterna memoria, que a**

Providencia nos concedeo [...] agora porém que se acabou o nosso flagelo, e que **existe a minha responsabilidade para com aquelles, de quem recebi as promptas assignaturas**, vou a continuar esta mesma Obra, que tinha ficado em número sete, até completar o número de doze Folhetos, em que me comprometti com o respeitavel Público. [...] A Imprensa de Coimbra tambem me quiz enfraquecer, reimprimindo a minha primeira Parte da Protecção á Franceza; porém frustrou o seu trabalho, porque, se diminuiu o meu interesse, com tudo fez com que eu creasse algum desvanecimento. Mas a pezar de tantos choques, que tem combatido a minha máquina, a ausência dos lubishomens de camisola me pôz tão forte, que se *Lagarde* ainda hoje existisse no Rocio (salva tal lugar) desafiava-o para ir á aposta com ele a respeito de *Petas*, para ver qual de nós cançava, se eu com as *Petas* dos Folhetos, se elle com as *Petas das Gazetas*. Com effeito os taes figurões mettêrão-me hum vicio no corpo, que he o de falar muito nelles, cada vez que delles me lembro; e agora já me hia embebendo no tal vicio, sem me recordar, que tenho de dar conta de hum Folheto da Camara Optica; e que se me demoro mais com estas cousas, não me fica papel para a continuação da Obra. Já dei a razão da minha falta: aos que intentárão ser meus inimigos, eu lhes perdoo: de *Protecções Junotinas, Lagardenses, e Manetaes* o Ceo defenda as nossas pousadas, e todas as nossas cousas (p. 1-4).

No mez de Outubro succedeo o que vou a mostrar-lhes [...] Observem, Senhores, aquelle Sujeito ás cortezas; o homem mais politico adulator, que se tem visto nesta Praça: anda com todos os ventos; julga-se que na sua infancia aprendeo a Alfaiate, pelo bem que **vira** huma **casaca**. Até ao anno de 1803 era hum Portuguez legitimo, e ao que parecia, honrado: no anno de 1804, 1805, e 1806 fez-se hum libertino da primeira ordem, e agradavam-lhe mais as Nações Estrangeiras, do que a sua, tendo huma particular inclinação á Turquia, por haver naquelle Imperio hum Serralho: no anno de 1807 fez-se Francez nos ossos; quando vio o caldo alguma cousa entornado a respeito de Francezes, fez-se Grego, porque ninguem o entendia, nem era fiel a Portugal, nem á França: na total expulsão dos Francezes, tornou a ser Portuguez, Jacobão no exterior, Jacobino no interior, e todo elle velhaco solapado: dizem por ahi alguns curiosos indagadores, que elle he Juiz d'huma Irmandade, composta de Confrades do mesmo lote: em vendo amigo no galarim, gaba-o muito, e não lhe falta a hum só ponto de politica, nem se farta de dizer delle maravilhas; mas em vendo, que aquelle mesmo decahio de fortuna, vira-se logo para outro, e corta no infeliz como em

carne de cabra, além de nunca mais o procurar: o seu maior gostinho he ver se póde ser affortunado por escada de ossos do seu semelhante: homem retrahido, falso, e disfarçado, de fórma que custa a achar huma condição mais malvada, do que aquella (p. 5-7).

Carta do Author a hum seu Amigo da Villa de Chaves, que lhe mandou pedir algumas novidades do assumpto do tempo.

[...] o mesmo Imperador, que em alguns annos passou por papão das Nações, anda fazendo toda a diligencia por ser agora Papa em Roma; julga-se que para com mais facilidade absolver todas as fragilidades da sua Tropa.

Parece que esta familia Napoleôa não deixa de ter sua inclinação á vida Ecclesiastica; porque o jubilado José Bonaparte tem adquirido a fama de insigne Prégador em Sermões de paixão, ainda que se lhe nota o pequeno defeito de excitar o riso em ligar do pranto.

Aqui se nota que em quanto os Francezes estiverão em Lisboa, não erão tão frequentes as molestias; porque com a rigorosa dieta, em que nos puzerão, cessarão os estupôres, as coloricas, e as indigestões; de que se seguia haver muitas questões, mil vezes debatidas entre os Medicos, e Boticarios, queixando-se huns dos outros, huns por não serem chamados, e outros por lhes faltarem as receitas.

Querido Amigo, deixo a razão a quem a tem, e não quero analysar, se há motivos para vivermos scandalizados dos Francezes. O que eu li, e V. m. poderá ler, he que na Gazeta de 3 de Junho de 1808, no verso da quarta lauda, se achão estas mysteriosas palavras: *Há agora em Portugal bem poucas Povoações pequenas, onde não se encontrem Bibliothecas com livros próprios para illustrar os espiritos, e homens, que mostram havellos lido bem.* Querendo-me informar desta verdade, achei muitas Povoações no estado acima dito [...]. Porém as Bibliothecas, que eu achei, tem muita differença das Bibliothecas de que falla a tal Gazeta; donde venho a colligir, que o Excelentissimo Redactor, certamente se equivocou, porque em lugar de Bibliothecas, quereria dizer beberrotecas, que foi o que nas pequenas Povoações encontrei.

[...] Que semblante tão agradável de General! Confesso-lhe, que quando a gente traz á memoria os bens, que nos fez, tudo se escangalha de gosto. Que alma tão generosa! Só a gracinha, com que nos fazia a honra de acceitar a ridicularia de dez mil cruzados por mez para a sua mesa económica! Além da bondade dos companheiros, que também acceitavão o que podião, e o que pedião: estas virtudes não podem esquecer.

O Grande Imperador nas guerras em que anda, se diz aos seus Vassallos, que he por vingar o sangue Francez, isto mesmo nelle he modestia; que elle porque o faz, he por vingar o pôrem-lhe os Irmãos na rua, fazendo-lhe penhora nos trastes: não declara e não o faz saber: cala-o comsigo, tudo por prudencia.

Nada executa este Senhor sem reflexão; não he como os que andão nas estradas, que dizem com toda a pressa, *ou a bolça, ou a vida*; elle tem vistas mais seguras, e outra madureza. Pede Contribuições aos Reinos para os esgotar, e desgostar os Povos com os seus Monarcas, pela força dos tributos; e depois deste preparativo, quando vê que he tempo, prega-lhes huma Proclamação pelas ventas, prometendo-lhes grandes cousas, as quaes trazem adiante peças, polvora, e bala; e de mistura certos compradores de velhacos, que as mais das vezes, por descuidos, que se não podem acautelar, sempre são mal succedidos.

[...] Sou Portuguez sem confeitão, e de V. M. attento venerador, e criado

Lisboa 27 de De

zembro de 1808.

J.D.R.da C. (p. 20-29)

P.S. Como deseja saber, o que he a Adivinhação, que vem no primeiro Folheto da Protecção à Franceza, participo-lhe que he *Bonaparte* (p. 29).

Lembranças, e Sinceridades galantes (1ª ed. 29-30/2ª ed. 23-24):

[...] Há nesta Cidade huma **Beata** tão **fanática**, que manda fechar as janellas em dia de Sol, porque não lhe entre em casa cousa, que seja do genero masculino (p. 29).

Na loja da Gazeta se vendem os Folhetos antecedentes desta Obra, e a sua continuação até o N. 12: igualmente se vende do mesmo Author a primeira, e a segunda Parte da Protecção á Franceza, cujos dois Folhetos póde quem for curioso mandar encadernar no fim desta Obra, logo que esteja completa: Tambem se vendem estes Folhetos na loja do Madre de Deos ao Rocio: na do Livreiro Antonio Pedro, na Rua do Ouro: na de Paulo José de Oliveira, aos Martyres: na de Luiz José de Carvalho, aos Paulistas: na de Francisco Luiz, em Alcantara; em Belém na loja de José Tiburcio, e **no Porto no Livreiro Apollinario Antonio de Moura** (p. 32).

FOLHETO IX.

Talvez, Senhores, que Vv. mm. cuidem, que o que se mostra nesta Camara-Optica, não seja o que vai pelo mundo, ou que se persuadão que são effeitos dos vidros, que augmentão, diminuem, e descompõe os objectos; pois não he assim: tudo quanto aqui se observa, he o mesmo que realmente acontece na vasta scena do mesmo mundo, onde parece que os dois primeiros, e principaes objectos, de que se compõe a divertida scena são a ridicularia, e a impostura [...] (p.2).

Aqui vou agora expôr aos olhos de Vv. mm. huma grande Praça, na qual desde pela manhã até á noite apparecem huns certos individuos, que se reduzem a huma especie de gente desta, que quer viver á custa daquelles, que sahem de sua casa para aviar o seu negocio, e que passam incautamente por aquelle sitio. São os que se estão vendo, huns ociosos, que entulhão as ruas, sempre attentos, e sempre vigilantes mais que sentinellas em tempo de guerra, e acodem aos bemfeitores como corsarios d'Argelinos aos navios, ou como gaivotas á sardinha. [...] Alli está aquelle de casaca azul ferrete, que foi caixeiro de huma loja, donde foi posto fóra, porque fazia com que a gaveta supprisse as assignaturas das rifas, os bilhetes de beneficios de Opera, os alugueres das seges, e gurgetas, as Isidradas de todos os Domingos, os rabões de selim, as pescarias da Costa, as Procissões da Luz, e Oeiras, as Feiras de Loures, Camarate, e Campo Grande, os passeios das Praias, Sete Rios, e Bemfica, e outras cousinhas mais desta natureza, com que se entretem os rapazes, que por sua honra não querem faltar ao compromisso da tafularia (p. 7-8).

Resposta do Sujeito da Villa de Chaves á Carta do Author, que vem no Folheto antecedente.

Agora com que me não me posso calar he com a sua Carta, que inda conhecendo, que ella foi escrita com huma continuada ironia, com tudo he tal o rancor, que creei aos devotos Protectores, que até acho mal empregado para com elles o disfarce da mesma ironia. Amigo, com esta qualidade de gente nada de cerimoniaes, nem rebuços; com velhaco, velhaco e meio, e prega-se-lhe na bochechinha claramente a maldade, de que se nutrem; principiando pelo Pseudo-Omnipotente Corso, e acabando no mais infimo individuo de semelhante corja.

[...] Não deixo de notar huma grande parvoice no tal Senhor, em se esquecer, de que todo o excesso tem limite, até por huma Lei natural; e que por isso mesmo elle póde muito bem vir aos trambolhões lá dessas alturas, e chegar ao ponto de vir a pôr em alguma feira os trapinhos agaloados, que hoje lhe servem de tanta soberania, e ornato.

[...] Ora analysemos nós desde quando appareceo o machiavelismo neste homem. Elle entra com pés de lã para Consul triennal: diligencêa depois ser Consul perpétuo, já com as vistas no Throno da França: intima aos Póvos igualdade: dá fim de toda a Nobreza: cria nos seus sequazes Fidalgos novos: desenterra os antigos tratamentos: eis-aqui o primeiro laço armado ao Povo.

Promette, como impostor, grandes vantagens aos seus Vassallos, livre independencia, e riqueza; e passa logo a recrutar os moços para o matadouro da guerra, e deixa os velhos a morrer de fome. Nem hum Pelotiqueiro, com mais agilidade, torna tão breve a liberdade em escravidão, e a abundancia em pobreza. Que bello assumpto para huma Comedia de Magica branca!

Seguem-se a isto Gazetas artificiosas do estado aparentemente feliz da França: publica-se nellas, pelos mais Reinos, fantastico prazer do Povo, e engenhosos triunfos; escondendo-se as desgraças, e as perdas, que se alguma vez fazem figura, he com o innocente nome de – *privações momentâneas*. – Ora viva o Senhor Redactor, que de Gazeteiro ha de ir a Duque, ainda que seja por sonhos!

[...] He tal a escravidão, em que aquelle Tyranno põe os seus Vassallos, que nem os deixa chorar, nem sentir os seus males. Querem as familias de França lamentar a falta de seus filhos, e irmãos: querem mostrar por hum luto o seu sentimento; a Policia as suffoca, porque não ha mais do que nascer, crear-se, ir para a guerra, e não se saber mais o fim, que leva cada homem de per si. O que admiro he, como o Povo Francez soffre o cativoiro, que lhe impõe o seu oppressor, e não quebra de huma vez esta cadeia!

[...] Qual seria a pessoa, que não formasse logo hum juizo adequado ao procedimento deste Monstro de crueldades? Convoca o Santo Padre para ser conduzido a França, e lá politicamente dá cabo delle. Maquina fazer subir hum Tio á Dignidade de Cardeal, com dissimuladas vistas, de ser ao depois eleito Papa, para mais a seu salvo papar tudo. Projecta ser sagrado em França pelo Padre Santo de Roma, abraçando as ceremonias de huma Religião, em que nunca creio: ultima-se a Sagração, finge submisso tributar ao Santo Pontifice vivas demonstrações do seu reconhecimento; e com a sua diabolica moral, passa a conquistar Roma, fazendo prender o mesmo, que o sagrou.

Meu bom Amigo, nisto não ha ironia, nem rodeios, he a verdade descarnada o que apparece nesta analyse: assim he que se deve fallar de tal Monstro. E para onde deixa V. m. o imaginar este tôlo, que os Portuguezes havião de comer **petas** proferidas por quem há muito já conhecem por velhaco? Podia nunca succeder achar Napoleão lealdade n'hum **Povo**, que por natureza **he só leal ao seu Príncipe, a quem reconhece por Pai?** [...]

Chaves 18 de

Janeiro de 1809.

A.M.F. (p. 13-24).

DESAFOGO DAS HORAS VAGAS.

Portuguezas do tempo passado,/ Com ricos vestidos eu via luzir;/ Transtornárão-se as cousas de forma,/ Que só d'hum paninho se forão cubrir.// Já n'algumas se via o descôco,/ De andar quasi nuas em todo o festim;/ Dos maridos, e pais era a culpa,/ Que mesmo gostavam de as verem assim (p.29).

Mas deixemos defeitos das Damas,/ Que podem raivosas fallar contra mim,/ Que a mulher vingativa gritando,/ Tem ponta de lingoa, qual outro espadim (p. 31).

ADIVINHAÇÃO.

[...] Não digo que esta seja muito difficultosa de adivinhar; mas assim mesmo, quem for tão esperto, ou esperta, que dê na sua interpretação, póde ir buscar hum premio que se dá, o qual se depositou na mão direita do Senhor General Loison (p. 32).

FOLHETO X.

Ahi se segue agora huma Vista, que demonstra bem o quanto vale huma resolução a tempo, e o como pôde a sagacidade de huma rapariga saloya enganar hum guerreiro *Austerlitzico*, horror de *Jena*, Maria da manta de *Marengo*, e o acceso raio de *Friedland*: são estas quatro cousas no mundo mais fortes, que a mesma agoa forte; e quer dizer tudo isto em poucas palavras que huma rapariga logrou hum Francez (p. 4-5).

[...] Ha nos Brutos odio, amor, vingança, complacencia, tristeza, alegria, etc. E he por isto que no congresso dos cães ha tambem enthusiasmos, e rancores dirigidos contra huma nova especie de feras chamadas Francezes (p. 12).

[...] Cruel velhaco Lagarde,/ Quem te vira de gaiola,/ E depois no Caes do tôjo/
Voar como a Passarola// [...] O grande Duque Junot,/ Mais o Intendente tratante,/
Passarão de lua cheia/ Para quarto minguate.// [...] Para morder no Lagarde/ Vem cães
de muita parelha,/ Té eu vim para o filar,/ Ou de beijo, ou pela orelha.// [...] Parecem-
se co'as formigas/ O Lagarde, e os Companheiros,/ Carregão com quanto furtão,/ Para
fazerem celleiros. (p. 12-14).

DESAFOGO DAS HORAS VAGAS.

Foi hum tempo o ter honra hum tesouro,/ Do pobre indigente, do rico feliz;/
Hoje he honra a soberba, a vingança,/ Traição, impostura, inda crimes mais vis.//
Usurario faminto fazendo/ Rebates de Letras quinhentos por mil;/ Jura ao Ceo, que não
quer por virtude/ Do alheio suor tirar hum seitel.// Nos contratos do tempo presente,/
São tudo enganãos, são tudo huns ardis;/ Falta a fé, a palavra, a verdade,/ Com estes
mordomos ninguem he Juiz.// [...] Pois huns certos velhacos, que roubão/ Com meigas
promessas, com traças subteis;/ Por exemplo, Junot, e Lagarde,/ E o trefo Maneta de
crespo nariz! (p. 22-28).

FOLHETO XI.

[...] Com effeito foi em huma casa, que alli se divisa, que figura ser no Bairro
Alto, onde forão descobertos dois Frarçezes, que alli vivião vestidos de mulher com as
suas apaixonadas, e com aquelle disfarce se davão por seguros; mas havendo huma
denuncia certa dos taes individuos, e parecendo a estes que escaparião sentados na sala
a trabalhar com a mais familia feminina, que havia na casa, hum fazendo meia, e o outro
de roca na cinta fiando; succedeo muito pelo contrario, porque a Justiça, e o Povo tinham
todas as informações dadas por hum agoadeiro, que veio no conhecimento do caso.
Então foi hum gostinho ver sahir da dita casa aquelles dois Hercules, que lá estão elles
pintados de saia, e roupinhas, lenços na cabeça, hum com o cabazinho da meia, o outro
com a roca na cinta, que nesta figura os levirão para bordo; mas isto que parece huma
desigualdade, com tudo foi hum acerto, porque se de França tem vindo mulheres para a
guerra vestidas de soldados, que muito he que vão de Portugal em boa paz soldados
vestidos de mulheres (p. 5-6).

[...] Vejão bem aquella rua, que parece ser a do Loreto, como está povoada de
gente em tumulto, e isto para que? para ver cinco Francezes, Corregedores Móres, que

vem fugindo das terras, onde estavam domiciliados, e todos elles vão fazendo huma ridícula figura. Hum vai da mesma fôrma que fugio da terra onde estava; leva huma perna com bota, e a outra de çapato; o outro vai de pantalonas, e chinelas, e todos cinco com o fatinho ás costas feito n'huma trouxa, e a grande farda rica aniquilada d'aquelle modo fazendo na mesma trouxa a figura d'huma rodilha. Cada hum leva debaixo do braço o seu Código Napoleão, e na mão esquerda hum maço de cartas, e planos de secreta correspondencia, e secretíssimas maximas do secretissimo Mr. Junot. Forte caterva de rapazes de mechas os vai seguindo a ver se lhe comprão a papelada: nunca vi Corregedores mais desgraçados! Ninguem sabe para o que nasce! do mal o menos. Se chegarem á França, e se voltarem outra vez para os seus officios, tem os grandes Generaes quem lhe torne a fazer botas ao seu geito, e o incomparavel Maneta quem lhe faça huma farda análoga ás circumstancias de manga ouca [...] (p. 6-7).

[...] Vejão agora como naquella rua do Alecrim, para onde se encaminha esta gente, se vão encontrar os cinco Janizaros com o seu amado Duque, que está em deshabilhé de lapis e papel na mão á porta do palheiro do Palacio recebendo as rendas do Ducado, que o Povo de Abrantes lhe paga em especie. Lá lhe estão dizendo as desgraças, em que se virão: lá está o Duque já de mãos na cabeça dando por feita a recebedoria da palha, e distribuindo as ordens necessarias para hum Conselho d'Estado, que he o mesmo que huma Junta de Medicos chamada a tempo, em que o enfermo está já com extortor (p. 7-8).

[...] Alli verão Vv. mm. agora aquelle enjoativo homem de casaca azul: quer conversar com todos, e todos vão a fugir d'elle, porque principia a contar huma cousa, e mette logo huma historia de permeio, que não acaba sem principiar outra muito comprida, e muito secante; e quando menos se pensa, temos trinta historias começadas sem se lhe saber o fio, tudo de casos, que lhe tem succedido; e se algum miseravel cahe na desgraça de o aturar, não conte com fazer mais cousa alguma n'aquella manhã, ou tarde, senão ouvillo; e não larga a gente, por mais necessidade que tenha de se retirar quem o escuta. [...] De homens desta qualidade em apertos taes, *libera nos Domine*. Que meninos estes para encontrarem hum amigo com huma dôr! (p. 12-13).

Carta em resposta a hum Amigo do Author, que o consultou se nas actuaes circumstancias deveria ir passar o verão fóra com a sua familia.

[...] A mudança da Cidade para o campo traz logo consigo o introito, por exemplo, de que Dona Brites, filha mais velha, lhe tem o Medico aplicado aguas férreas; e como na maior parte das quintas se tem descoberto esta virtude de aguas, ellas já pouco e pouco vão dando de rosto aos vinhos quinados.

[...] O cálculo está feito, o pobre dono da casa por tres, ou quatro jantares alheios, para que foi convidado com a sua familia, tem de dar em sua casa vinte e tantos almoços, dezoito jantares, e quarenta e tantas partidas, acompanhadas de chá com os seus acólytos, tudo por causa das aguas ferreas, que se endireitão a filha enferma, entortão a casa, e põe o Pai de rastos, o qual além da despeza anda com muita fadiga sempre na estrada a vir á Cidade em ar de burro de carga, ou de comprador de ucharia, para não faltar ao ceremonial da basofia.

[...] Amigo, as quintas de outrem devem servir só para hum dia; e campo aturado acho-o somente muito proprio para tísicos, hydropicos, e outros enfermos, de que as boticas de Lisboa já se tem despedido; o mais não he regalo senão para os de fora. Creio que me tenho explicado, e V. m. que me tem entendido. Nunca se guie pela moda; a moda deve ser sempre o seu cómodo, e a sua grandeza a sua paz de espirito; assim como o gato anda com os ventos, o homem deve andar com os tempos; o mais he procurar appetites com flagellos, que nunca fizerão boa liga. [...]

Lisboa 3 de Ju

nho de 1809 (p. 16-24).

FOLHETO XII.

FALLA DO AUTHOR.

Com effeito cheguei ao fim desta minha Obra da Camara Optica, completando com este os doze Folhetos promettidos, o que estimei muito, porque ha morrer e viver, e não quero deixar no mundo restituições, quando de alguma vez se verifique a minha morte prognosticada, desejada, e apregoada por alguma lingua infernal, e Sebastianistica, como ha bem pouco tempo succedeo, asseverando-se que ao fazer huma obra contra esta mania, eu tinha morrido de repente.

Produzio este rebate falso hum effeito bem digno da minha especção, pelo motivo que vou a dizer: Julgava eu que todas as Senhoras estarião como hum raio contra mim por cousas, e cousinhas de que tenho recheado as minhas obras, que sendo

humas bagatellas, como entendessem com as suas modas, suas fallas, e costumes, objectos da minha crítica, algumas avermelhavam com risos seccos, (e não sei se he certo, porque estamos n'hum tempo, em que se mente tanto como se come) parece que de quando em quando humas com outras lá me rogavam suas praguinhas, com que eu engordava sofrivelmente como se fosse pato. Eis senão quando sei agora com muita verdade que por se espalhar a fantastica noticia da minha morte, tive das mesmas Senhoras muitos suffragios, continuados responsos; e das menos crédulas algumas novenas para que não fosse certa a tal noticia: fica da minha parte pagar estas obrigações nalguma outra obra, que intente imprimir para o futuro.

E tu, malvado Sebastianista, desengana-te que eu hei de andar ao contrario do teu *Encuberto*; porque assim como o julgas vivo sendo morto, em quanto me julgaes morto me has de ver vivo para te dar os agradecimentos do bem que me desejas, o que já principio neste

SONETO.

Lingoa impostora, lingoa excommungada,/ Que me imputaste morte repentina,/ Talvez que dentro em ti rebente a mina/ Ficando a minha vida prolongada:// Quem te vira dos dentes pendurada/ Com herpes, corrupção, febre maligna,/ Até que o vistoril prompto á chacina/ Te deitasse por terra esquartejada!// Sei muito bem que és dos vãos Sebastianistas,/ Que por letras de hum ôvo, invenção d'arte,/ Tem sobre hum Rei defunto grandes vistas:// Posso inda viver muito, inda enterrar-te,/ Vai augurar a morte aos partidistas,/ E leva hum estupor a Bonaparte.

Por tanto qual outro estafeta conduze essa encommenda, e volta, se puderes, para esperares os nevoeiros, huma das circumstancias da tua mania, em quanto eu vou continuando na satisfação que devo dar aos meus estimaveis Assignantes.

Senhores, se tardei mais com este ultimo Folheto, foi porque Bonaparte me mandou dizer que não o imprimisse sem que se celebrassem as suas segundas Nupcias, e que o dedicasse com tres logos logos á sua nova Esposa. Escandalizada a Josefina deste passo, sem perda de tempo me enviou hum Embaixador por ares e ventos em huma daquellas máquinas, que no seculo passado havião de servir para os Francezes fazerem a invasão na Inglaterra, cujo Embaixador se me apresentou, fazendo-me esta Falla.

A minha muito prezada, amofinada, e repudiada Soberana vos envia muito saudar, e por mim vos participa que por modo algum dediqueis o resto da vossa obra á sua rival, que sem mais reflexões passeis a imprimilla, que ella se lembrará de vós em cobrando a sua nova mezada; porque então já estará mais senhora de si do que agora.

Eu que em mezadas de Francezes não creio nada, porque lá estão alguns a quem se promettêrão, e não se derão, e espero mais dia menos dia Bonaparte envenenado por Josefina, ou Josefina por Bonaparte; elle como cão damnado, e ella como cadella raivosa, mandei o Embaixador por mar no Barco da Carreira dos Tôlos; e tratando com o desprezo que merece essa ridicula canalha Napolionica, sahi agora com o meu Folheto, com o qual fico com os meus Assignantes, e com o respeitavel Público em conta corrente; lembrando somente que todo o curioso que mandar encadernar os doze Folhetos desta obra, lhe deve ajuntar no fim a Protecção á Franceza: – o Embarque dos Apaixonados: – o Partidista contra Partidistas: – a Resposta á Proclamação do Pantalão Augereau, e a 1ª e 2ª Parte da Surriada a Macena.

Com esta satisfação acceitem a minha despedida, até que para a impressão de outra obra mudem em mim os tempos, e em Vv. mm. as circumstancias (p. 1-5).

Cheguem, Senhores, para continuarmos neste passatempo da Camara-Optica, que julgo ser hum dinheiro bem empregado, tanto pelas vivas pinturas que nella mostro, como pelo grande trabalho que tomei de as explicar (p. 5).

CONTENDA.

Da Rosa com a Violeta

“Bem como as flores disputão/ Na terra a sua beleza,/ Assim disputão os homens/ O fausto, a gloria, a grandeza.// [...] Da Rosa o fim desastroso/ Póde de espelho servir,/ Ao sanhudo Bonaparte,/ Que está propenso a cahir (p. 20-27).

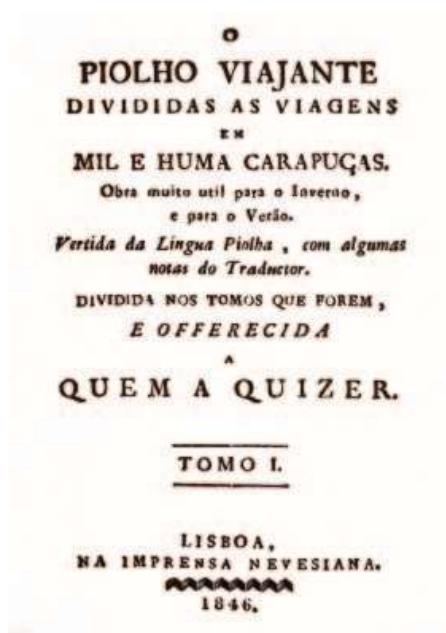
Miscellania de lembranças.

Tem mostrado a experiencia que os Francezes logo no primeiro ímpeto são mais que homens, e depois menos que mulheres. Diz hum jenio jovial que os Reis e Duques, que Bonaparte faz, são como os Juizes das Irmandades, e lugares de Meza, que durão só hum anno. [...]

Quatro males diferentes fazem a morte do homem: mulher de máo genio, – velhice grande, – moléstia aguda, – e Medico novo. [...]

Quatro são as qualidades de Jacobinos: os que sempre andão a dar boas novidades por disfarçados; – os que nunca dão senão as más por terroristas; – os que riscão já por cá os fantasticos projectos de Bonaparte, por advinhões agoureiros, – e os que dizem a todos *tudo vai bem*, sem se explicarem se he por nós, ou por eles, por velhacos (p. 27-31).

7. O PIOLHO VIAJANTE (excertos)²⁹



O

PIOLHO VIAJANTE.

DIVIDIDAS AS VIAGENS

EM

MIL E HUMA CARAPUÇAS.

Obra muito util para o Inverno,
e para o Verão.

*Vertida da Lingua Piolha, com algumas
notas do Traductor.*

DIVIDIDA NOS TOMOS QUE FOREM.

E OFFERECIDA

A

QUEM A QUIZER.

²⁹ Salvo indicação em contrário, os excertos são das seguintes edições: tomo I, edição de 1805, impressa na Nova Oficina de João Rodrigues Neves (cotejada com o mesmo tomo da edição de 1846, impressa na Imprensa Nevesiana); tomo II, edição de 1803, com a indicação: «Segunda edição emendada», impressa na Oficina de António Rodrigues Galhardo (cotejada com o mesmo tomo da edição de 1821, com a indicação: «Nova edição emendada», impressa na Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos); tomo III, edição de 1803, impressa na Oficina de João Procópio Correia da Silva (cotejada com o mesmo tomo da edição de 1854, com a indicação: “Nova edição emendada”, impressa na Tipografia de J. B. Morando); tomo IV, edição de 1804, impressa na Oficina de António Rodrigues Galhardo (cotejada com o mesmo tomo da edição de 1837, com a indicação: “Nova edição emendada”, impressa na Imprensa Nevesiana). Mantiveram-se a ortografia e pontuação originais. Os negritos são meus.

TOMO I.

LISBOA: ANNO M.DCCCXV.

NA NOVA OF. DE JOÃO RODR. NEVES.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

TOMO I.

PROLOGO

Este Prologo não serve mais que encher papel; porquanto = Provará, que como em o folheto estando cheio de letras, cujas letras façam palavras, e destas palavras resulte o Oitavo Sábio, quero dizer, o saboroso dinheirinho, está concluido o negocio. Isto não he enganar ninguém, porque eu não pretendo o suor alheio; guardem-no lá para as suas constipações. Eu o que quero, he dinheiro; e isto por muitas razões: a primeira, porque o preciso (creio, que bastava esta): a segunda, porque gósto delle: a terceira, porque me não dão nada sem ele: a quarta, por... Mas, enfim, para que me canço? tomei-lhe amor, não está mais na minha mão! Que lhe hei de eu agora fazer? São inclinações, e então isto desde creança. Vamos ao caso, e vamos a fallar com os taes, que criticão.

Supponhamos nós, que a obra não presta, que a mordem, que a rasgam, que a queimão: e que tenho eu com isso? Elles não o hão de fazer se não depois de a comprarem.

Meus amigos, façam e digam o que quizerem, que eu de quem me hei de queixar, he dos que se calarem, que he signal de que a não comprarão. Essa he boa! Não ha de a gente poder dizer mal, e fazer o que quizer, do que lhe custou o seu dinheiro! Que lhe importa a cada hum, que eu compre huns çapatos, e que venha para casa cortar-lhe as orelhas? Sim, Senhores, torno-lhe a dizer: se lhes parecer, piquem-na, e botem-lhe sal, que eu só lhes digo, que da obra toda, a pesar de ser volumosa, não risquei trinta palavras; peguei na penna, e fui seguindo. Conto isto, porque neste caso mentir não

Vale.

INTRODUCCÃO

Tendo-me occupado em algumas cousas sérias, nunca me renderão nada. Eu, que sempre fui muito inclinado a traduzir linguas alheias, ainda que, a fallar a verdade, não sei muito bem a minha, encontrando este manuscripto em poder de hum Mouro, que esteve captivo em Argel, e achando os caracteres muito estranhos, porque alguns

parecião-me carangueijos, fui desenganado pelo dito Mouro, mas debaixo de muito segredo, (e o mesmo peço a todos, que este lerem) que era lingua Piolha, obra antiquíssima [...]

Quando a verdade he guia, a linguagem he a da natureza: tal no Piolho, que escreveu esta Historia, pela clareza de modo de explicar-se, e simplicidade de termos: seguiu o genio sem forçar, e todos deveriam assim escrever. Creio, que tenho dado a clareza, que baste para conhecimento da minha traducção, e trabalho: e a grande utilidade que tirará em a ler aquelle, que a ler andar aprendendo; pois como a obra he grande, e de todas as semanas, será muito rude, se não ficar sabendo letra redonda, e sem escrupulo se lhe poderá chama hum redondo...

A murmuração/ He quente de Inverno,/ Fresca de Verão.
Guilganguetas na sua Historia dos Camaffeos, Liv. 100, pag. 30 000, linh. I.

I

Nascimento, Patria, Pais, e educação do Piolho.

Eu nasci lá para a Asia, de hum ajuntamento de huma Piolha e hum Elefante, aindaque houve quem dissesse, que huma Tarântola macha foi, quem me deo o dia: mas fosse, ou não fosse, isso he cousa insignificante; porque como os Piolhos não tem morgados, que herdar, as Piolhas tem pouco escrúpulo de que seja este ou aquele o Pai de seus filhos [...].

Minha mãe quis que eu aprendesse linguas; mas meu pai, que era Piolho prudente, não consentio, dizendo: que em quanto não soubesse perfeitamente a minha, os costumes da minha casta, a obediencia, que se lhe devia, me não queria embrulhar em mais cousas, para no fim ficar hum toleirão, sem nada saber. Ele era áspero de genio, e eu não era muito seu apaixonado. Nunca lhe vi hhm ar de riso para mim: jámais me tratou por *tu*, sempre era um *V. m. para aqui, V. m. para acolá*. De forma que eu não só lhe tinha respeito, mas medo.

[...] e juntos morrêrão debaixo da unha, aonde, por costume nós somos justicados pelos nossos delictos: se he, que he delicto o procurarmos simplesmente o nosso sustento; pois que nós não tiramos o sangue a ninguém para andar em sege nem sustentar vícios.

[...] Esqueci-me de dizer que eu me chamo – X – apesar de não ser queijo Inglez; porquanto o nome de *Piolho* he o geral; assim como o do *Homem*; mas cada indivíduo tem o seu nome particular.

[...] A primeira cabeça, em que puz o pé e o dente, foi de hum **Tinhoso** [...] Este Tinhoso bemfeitor tinha a maior basofia em dizer, que tinha piolhos, por isso mesmo que não tinha cabelos [...] (p. 6-13).

CARAPUÇA IV

[...] O tal **barbeirinho** [...]. Era hum fallador eterno; sabia quanto se passava duzentos passos em redor da loja; de fôrma, que só pelas novidades tinha mais gente na loja, que o resto dos barbeiros do bairro. Não posso deixar de contar hum ópio, que lhe succedeo com hum freguez dos avulsos, que o achei lindo, prioncipalmente a hum que se achava esperto como elle: tomem sentido.

[...] e o maganete safa-se com duas barbas de graça, e duas horas de mangação, que encaixou ao barbeiro, o qual entrou em hum frenezi, que o julguei doido, e ficou tão zangado com homem de barbas grandes, que barba que passasse de huma semana, era como confissão de hum anno, jámais a fazia, ainda que lhe dessem hum tostão [...]

Elle erguia-se pela manhã, bebia um cópo de agua-ardente, e comia o seu dente de alho; assoava-se, lavava o rosto, tocava o seu bocado de viola; se apparecia algum amigo, punha á viola aos outros: era hum bocadinho de lingua que fazia mólho de tudo; depois afiava as suas navalhas; se era dia de freguezes, dava-lhe huma volta, e sempre pedia a algum amigo, que lhe ficasse na loja, para demorar alguém que entrasse, no caso de elle ir perto. O seu comer era sopa, vaca e arroz [Nota do A: Almoçava a sopa, jantava a vaca, e ceava o arroz.]; e não se fartava de dizer aos amigos que era a sua diária: de tarde, quando não tinha que fazer, lia Carlos Magno, ou dizia mal da vizinhança, de fôrma, que estava já tão senhor destes dois Authores, que citava as folhas, e conhecia os vizinhos pelos seus nomes, occupaões, e costumes. Humas inquiriõeszinhas tiradas por elle, não havia nada que lhe chegasse: era hum dos melhores Genealogistas, tinha feito a arvore de geração de Judas; e dava razão porque se não comião as maçãs de Acypreste, e não deixou de não lucrar com isto. Defronte d'elle moravão humas meninas, de quem elle compôz a vida; e antes de a dar ao prélo, derão-lhe uma navalhada na cara, que não deixava de lhe dar sua graça: mas deixou de

compor: ultimamente descompunha qualquer pessoa, por dá cá aquella palha [...] (p. 35-41).

CARAPUÇA V

Que cabeça! Que cabeça! Nunca me vi tão farto, tudo andava untado: se os piolhos tivessem occupação, eu não tomava outra [...]. Eu conto, para pintar, e conhecerem a sua boa alma, hum caso sucedido na sua loja.

Tinha hum caixeirinho, que era hum ladronete; e que fez para furtar ao povo? Na balança opposta á dos pezos, pôz-lhe pela banda de baixo huma bolinha de cera no fundo, e como da outra banda hia o genero, já se sabe, que quanto a bóla pezava, tanto elle furtava em cada pêzo que vendia: vai o **tendeirinho** da minha alma, dá com o furto. Ora, que lhe parecem que elle faria? Pois eu lho digo: salta-me no caixeiro, e fez-lhe confessar, que tempo havia, que elle fazia aquelle furto? O mesmo confessa, que havia cinco mezes: diz o patrão: pois não importa, eu quero pagar o furto que tu fizeste ao Público. Passa-me já essa bóla de cera para a banda dos pezos, e outro tanto tempo quero dar o de Cezar a Cezar, e no mesmo instante fez mudar a bóla; mas tambem mudou os pezos, e continuou a pezar como dantes.

Em huma cabeça destas he que he estar. Então que caridade de homem! Ensinava o público a ser economico, tirava nos mólhos de carqueja ramos para fazer mais e dizia: Quanto mais grandes são, mais gastão. Os queijos para serem mais frescos, punha-os em parte, onde houvesse agoa para receberem aquella humidade, e ainda que entravão mais no pezo, erão menos salgados. [...] Tinha a habilidade de transformar sebo em manteiga. [...] tinha a pachorra, só para fazer bem, de andar procurando óvos que estivessem chocos: comprava-os a trinta réis a duzia, e vendia cada hum por vintem, quando muito por vinte e cinco, hum ovo e hum pinto .

Ouvio dizer huma vez a hum Medico, que a agoa-ardente seccava, e mirrava a gente, por ser um espirito muito forte: olhe lá não a tornasse elle a vender, sem lhe botar primeiro huma terça parte de agoa! [...] não queria ganhar nada com o seu proximo: e dava a razão de dizer: He alimento que só comem pobres.

Tambem dava cre[di]to a alguns officiaes mecanicos; mas não lhes vendia os generos por mais que os vendia aos outros: só apenas no rebate das ferias he que lhe levava sessenta por cento. Sim, senhor, he nesta cabeça, que eu passei huma vida

regalada: chupava-lhe o sangue, e elle nada sentia; supponho, que era por ser alheio (p. 43-48).

CARAPUÇA VI

Boticario jámais dá o que se lhe pede, por isso mesmo sempre vendem gato por lebre, e nunca lhes falta nada na botica. [...] Huma vez, que um Medico receitou sal Inglez para uma purga, exclamou elle: ó tempos! ó costumes! Não se faz caso senão dos generos Estrangeiros; pois não ha de ser assim: fez a purga de sal Portuguez, e o pobre doente esteve a beber agoa todo o dia: sobreveio-lhe hum febre á noite, e no outro dia foi para a Eternidade; mas á Portugueza (p. 50-57).

CARAPUÇA VII

Quem tal advinhára, que nunca a tal cabeça fôra! elle não tinha nem para si, quanto mais para os outros: se me demóro alli, dou cabo da pelle, ou fico doido, ou tisico: o amaldiçoado nem cama tinha; a unica cousa, que tinha á farta erão quinze, ou dezeseis moças, que namorava [...] era felicissimo nos primeiros versos; mas já encalhava nos segundos: o seu forte era pé quebrado, de fôrma, que cousa inteira diante delle tinha muito perigo. [...]

Nunca já mais comeo a horas competentes; comia quando tinha, e era muito parco, comia poucas vezes. [...] O **Poeta** foi convidado para encher o melhor da função pois já se sabe que função sem poeta he o mesmo que baptizado sem padrinho. [...] Fez também um soneto todo em quartetos, botando os tercetos para trás das costas, que teve muita novidade (p. 59-69).

CARAPUÇA VIII

[...] Que cruz que eu tive com este **Avarento**! [...] A vida deste desgraçado era tristissima: nunca na sua vida fez cousa boa, á excepção de morrer, que todos lho louvarão, e agradecerão: tinha somitigarias inteiramente novas: podia compôr neste genero, a pezar dos bons Authores que tem havido: teve a abilidade de ter huns çapatos dezenove annos sempre com as mesmas caras.

[...] Nunca comprava couve, que não fosse espigada, só porque era mais comprida: cebo que as vélas derretião, hia para a panella, e chamava a isto *descubertas economicas*. Alfaca, para ele, nunca teve folha velha: arroz nunca precisou escolhido:

peixe nunca lhe tirou escama, nem guelra, dizia: *Como Deos o creou*. Caroço de cereja, e ginja sempre foi abaixo: cacho que trazia uva podre, chamava-lhe passada: peixe podre nunca lhe cheirou mal, e sempre respondia: *Podre tenho eu os meus pecados*. Era traste de toda a conta. Já mais teve indigestão pessoa que elle sustentasse [...] a agua, com que se lavava tinha seiscentas serventias primeiro, ao depois, lavava a boca, a cara, as mãos, o cachaço, os peitos, o lenço do tabaco, os pés, e botava-a por fim em hum carneiro, e muitas vezes coava-a, e servia-lhe no outro dia.

Tinha um criado universal, era hum Enciclopédia; logo pela manhã era comprador, depois copeiro, dahi mordomo, passava a cosinheiro; de tarde servia de engomadeira; á noite de escudeiro, e seguia no outro dia, a mesma derrota. Tinha dois dias livres na semana, segundas, e quintas, que pedia esmola para ajuda do seu vestuario, por quanto o ordenado era pouco e nunca lho pagavão: até era somitigo com isto, porque ao menos podia prometter-lhe muito, visto não lhe dar nada: mas era tão escrupuloso, que nem assim. [...] fiar he para que nunca teve jeito; não se fiava nem em si [...].

A sua occupação era emprestar dinheiro sobre trastes: mas era muito cheiro de caridade a esse respeito: não emprestava senão a quem tinha fome, para assim soccorrer o seu proximo, e juntamente porque lhe dava quanto elle queria de usura. O seu fato, e da sua familia todo era comprado na feira da ladra, e já hum filhinho pequeno começava a estar tísico. (p. 74-83).

[...] Doía-lhe a elle muito hum dente, que lhe tirava só o dormir; porque o comer isso tirava elle mesmo a si: resolveo-se a tirá-lo, e já de sabe, que hum dente para elle erão dois, porque ter que dar dinheiro era sacarem-lhe hum dente da boca: em fim, depois de muitas dores, muitas consultas, muitas resoluções, foi a casa do Barbeiro [...] Pois, senhor, eu sou hum homem pobre, he o primeiro dente, que tiro: faça-me v. m. o favor de tirar este a contento; e se eu gostar, pagarei os mais pelo preço, que v. m. me diz: o Barbeiro rio-se: manda-me sentar o Freguez, salta-lhe nas costas, e arranca-lhe hum dente queixal: elle, que se vê, com o dente são fóra, ficando-lhe o podre, começa em hum berreiro, blasfemando contra o Mestre: ao que este respondeo muito socegado. V. m. não queria o dente fóra a seu contento? Sim, senhor: Pois eu tirei hum tambem ao meu: se lhe não serve, não torne cá mais, que eu não perco muito no Freguez! (p. 84-87).

CARAPUÇA IX

«He o Officio de **Lavadeira** mais, do que muita gente lhe parece: precisa-se huma grande memoria; saber mentir, e saber furtar. [...] A tal era casada com hum saloio, que de quando em quando dava-lhe muitos bons sôcos, no meio dos quaes eu me achava muitas vezes; porque o seu forte era atirar-lhe á cabeça. [...] O que he o aninho! ella lavava muito bem e tinha muita freguezia: e então o modo com que ella tinha repartido a roupa dos freguezes! sempre lhe ficava huma, ou duas cargas della lavada em casa, para se ir servindo; e assim dava volta por todos, e todos se servião.

[...] ella amassava em casa, e já tinha adquirido s seus tres moios de saccos, sem fazer maior pezo aos seus freguezes; porque não tinha se não furtado hum, a cada hum. Parece, que lhe crescia a roupa nas mãos, trazia a roupa aos freguezes, e ficava-lhe roupa: verdadeiramente era como diz o dictado: *Roupa de Francezes* (p. 89-92).

CARAPUÇA X

Ninguém sabe o que he comprar agua aos barriz, e vende-la aos cópos; he um maná. [...] assucar nunca o comprou, senão áquelles que o furtavão, bem entendido, mais em conta: valha-me Deos, a gente não ha de ser tôla! fazia café de alfarroba torrada, que ninguem o conhecia: antes era gabado pelo cuberto, sem fazerem a descoberta. Tinha huma casa, na qual lhe vendia huma criada velha, chá já fervido, mais³⁰ ainda muito capaz, e não lhe tirava o succo (como diz certo Author) sete vezes o mais a que chegava, era a cinco, e ainda o vendia depois para tirar nódoas.

[...] O chocoláte era a melhor coisa, que ele tinha: botava-lhe graixa, de fôrma, que era gordo, e substancial. Tinha huma receita de fazer pão de ló sem ovos, que muita gente, que jejuava (desta pouco escrupulosa) tomava a sua chicara de chocoláte, e o seu pão de ló, e ficava jejuando.

[...] O ponche á noite era o chafariz d'El-Rei com todas as suas bicas: não havia mãos a medir. [...] e outro, que seccava a gente, para lhe assignarem em huma obra que ele queria imprimir, intitulada *Arte de saccar dinheiro*, que julgo seria obra muito perfeita, porque elle tinha muito geito; inda pilhou alguns, mandou-a imprimir em Salamanca, por ser mais barata a impressão, e estava-lhe tirando as chapas hum Albardeiro, ha de ser bonita obra depois de acabada: queira Deos, que fique bem encadernada!

³⁰ Na 2ª edição: «mas» (p. 86).

[...] Alli havia toda a qualidade de isca, e de anzol, de fôrma, que ultimamente já era homem de bem, já tinha dinheiro, e ninguém perguntava lá, como elle o tinha adquirido: e nisto acho eu a razão: cada hum adquire-o como póde, ou lhe deixão, huns com mais, outros com menos trabalho (p. 99-107).

CARAPUÇA XI

[...] eu me vi nas mãos do meu **Procurador** [...]. Elle era muito habil no seu officio, nunca perdeo causa; quem as perdia erão sempre os seus Constituintes. Levava meia moeda por mez, mas bem empregada. Huma assignação de dez dias na sua mão era para dez annos. Nunca pagou casas, e se os senhorios lhe armavão demanda, muitas vezes pagavão as custas.

[...] he certo, que passava por alguns incommodos de ir á cadêa, mas não se ganhão trutas ás barbas enchutas: elle por fim sempre sahia: no meu tempo estive lá huma vez, mas foi huma injustiça, que lhe fizerão, segundo eu lhe ouvia dizer: Vejão vv. mm. porque: por vender huma demanda!

[...] Quantas vezes dizia elle comsigo mesmo: *Eu merecia estar nas galés pelo que tenho feito*. Era muito espirituoso. Tinha muita habilidade.

[...] Cuidava nas demandas de hum usurário, que nunca emprestou dinheiro, senão a quarenta por cento com hipoteca, e fiador, a noventa sendo a risco: girava com trinta mil cruzados: pois dentro de dez annos deo-lhe o meu Procurador conta do principal, e juros, e estive sete vezes na cadêa, e huma na Trafaria: e ultimamente acabou doido no hospital; e dizia então cá o meu amigo: *a usura sempre acabou mal*.

[...] Mal de muita gente se não fora este bom homem! [...] Ficou por Tutor de hum Menor, que quando chegou á idade, não foi preciso emancipar-se, tudo estava distribuido, e gasto [...]

Só a defuntos fez elle fazer tres testamentos, que todos forão válidos: depois casou com huma viuva, que tinha tres filhos, e bastantes bens: deo cabo da viuva, dos filhos, e dos bens, e ficou muito enxutinho.

Mas em fim, depois de tantos trabalhos fez huma alicantina [trapaça num negócio] de trinta mil réis: e quem tinha escapado de tantas borrascas, affogou-se á vista de terra: deo com hum Juiz sábio, e recto, pregou-lhe com os ossos na cadêa, e lá deo terra, e passou com toda a decência para o cemitério [...] (p. 111-119).

CARAPUÇA XII

Este miseravel era hum dos criminosos, que merecia bem a compaixão dos homens. Elle era jogador, ladrão, vicioso, em fim, hum homem depravado: e debaixo de todos estes defeitos, elle tinha hum coração bem formado. A sua educação, e os seus parentes erão os factores desta obra, e elles não tinham perdido hum instãte de o fazerem desgraçado.

[...] Este **prezo** era bem nascido, mas pobre: os parentes abandonárão-no; e para colorirem esta má acção, fizeram o verniz de outra muito peor: levantárão-lhe testemunhos, para se desfazerem dele.... e se ouvia entrarem todos a dizer que o não querião em casa, que era hum ladrão. O pobre homem, vendo-se sem nada, e com este titulo, muito acanhado de genio, a sua educação tinha sido fraca, a sua precisão era muito forte, entrou a rapinar algumas bagatelas: o animo era pouco, a fome muita; achou sócios [...] achou nos ladrões mais amor que nos parentes: começou a embebedar-se, tomou tabaco de fumo, passou a outros vicios, e em pouco tempo se fez o homem que disse³¹, e foi á cadêa.

[...] Eu não sei como este pobre homem vivia em tanta indigencia, sem cama, e sem soccorro: a caridade era o³² unico refugio; e todos sabem, que este nome de *Caridade* já está muito gasto, mal se lhe percebem as letras, a pezar de que ainda ha muito quem faça a caridade.

[...] Passa hum pobre homem de bom coração, e que teve dó da perlenga, e mette-lhe seis vintens na mão, e vai-se. Ora que lhe ha de dizer este brégeiro? Entra a chamallo, sio, sio, ah senhor? O tolo homem olha para tras; e elle pergunta-lhe com todo o descôco: onde os furtastes esta noite? Cá te espero com brevidade. Era deste lote o amigo (p. 121-126).

CARAPUÇA XIII

[...] já se sabe, que o maior papa o menor! [...] O tal amigo era capaz de enforcar o pai, e botar o cordão á mãi. [...] Tinha muito amigo cõtrabandista que ele mesmo entregava, quando podia. [...] Se v. m. vissem o **quadrilheiro** a sacudir a mão da sua [...] E então, que bom coração! huma ronda feita por ele, ninguém hia á cadêa, só se não traziam dinheiro, que a verdade manda Deos que se diga: elle era tentado com

³¹ Na edição de 1846: «dizião».

³² Na edição de 1846: «o seu».

este metal; e mais não tinha sido criado com elle: e se algum seu companheiro fazia a sua obrigação, como devia, e lhe era mandado, tinha-lhe raiva, e dizia: *Nem tudo se leva á risca*. Sim, senhores, isso tinha elle, não era muito amigo da verdade; e quem a queria, fazia fraco negocio com elle (p. 129-133).

CARAPUÇA XIV

Ora eis aqui me vejo eu na cabeça de hum homem, curto de nós, cara redonda, cabeça grande, o nariz do tamanho de uma bolota, poucas farripas, e muita lendea, sua camisa lavada, colete encarnado, véstia côr de agua-pé, calções de belbute, ligas encarnadas e humas botas côr de tabaco simonte! eis-aqui o meu adonis: simples como hum; malicioso como trinta.

[...] comprou quatro cabras, que lhe davão as suas duas canadas de leite, de cujo almoçava elle, mais a sua familia: fazia queijos, e vendia tres canadas por dia [...]. Era tão déstro no contar, que em hum quarteirão de tomates, contados cara a cara do comprador, furtava os seus oito.

[...] Nunca bebo vinho, que lhe custasse dinheiro; e dizia, que huma unica vez, que o tinha comprado, lhe tinha feito mal.

He verdade, que trêtas tinha-as como ninguém [...] jogava o páo. Quando queria bem a alguma moça, dava-lhe a sua bofetada, e beliscão, que lhe fazia vir as lágrimas aos olhos. Em fim, era **saloio** de tom: sabia todos os xistes: tinha sido bem criado: a mãi deo-lhe de mamar tres annos. Em huma destas funções, a que elle era costumado a ir, foi convidado para ir a³³ huns touros, e humas comedias: brincou-se muito, e houve ciumes por amor de huma saloia, que não quiz bailar senão, com elle; pucharão-se páos, e racharão-lhe a cabeça [...] (p. 138-143).

CARAPUÇA XV

[...] não dormia nem deixava dormir: toda a noite era huma gritaria a decorar o papel, e a accionar defronte de hum espelho. [...] Elle não tinha graça nenhuma, e assentava piamente, que o espelho he quem lha havia de dar. Na noite, em que lhe passei para a cabeça, fez o papel de Belizario [...] O unico **papel, que lhe vi desempenhar** bem, era hum em que elle não fallava nada, e até levou palmas, mas indo-as agradecer com huma cortezia, fê-la com tanta graça, que logo lhe deram

³³ Na edição de 1846, p. 122: «para ver».

pateada. Tambem, senão tivesse outro officio, morreria de fome: mas pintava, e nisso tinha muito gosto. Pintou huma casa a hum amigo, que depois de pintada, mandou-a o amigo cair, e ficou linda com cinco mãos, que lhe derão.

[...] elle tinha huma memoria de gallo; não vi cousa assim! Pedia seis mil e quatrocentos emprestados como agora; dava huma volta: pois já tal cousa lhe não lembrava. [...] andava tanto na estimação de todos, que o trazião nas palmas: apenas elle apparecia, ou palmadas, ou pateadas. Em huma ocasião, quiz elle dar, ou pedir, huma satisfação ao Público: chega ao princípio do Theatro, põe-se sério, e começa: Senhores, (palmadas no caso) eu não sei... (pateada) em que offendi... (assobio) este... (ú, ú, ú) respeitavel... (laranjada), de fórma, que tomou por melhor partido essa noite retirar-se, e não dar o gosto de apparecer. [...] Que injúrias não passou elle ao passar dos bilhetes! [...] Poucos passou a dinheiro, forão a troco de fazenda: o Barbeiro tomou-lhe hum por hum mez de barbas: o Çapateiro pelos tacões de tres mezes; o Alfaiate por huns fundilhos, e assim os demais, etc.

[...] Em huma pessa, em que era preciso transformar hum homem em burro, fello muito bem, e só com o simples trabalho de pôr as mãos no chão, e tudo gritou: Bravo, bravo, e foi a primeira vez que ouvio louvor.

[...] A mulher tinha-lhe fugido, elle desconsolado, sahio por alli fóra, encontrou hum amigo, que era escudeiro, a quem contou a sua desgraça: [1846: este, p. 130] consolou-o³⁴, deo-lhe de cear essa noite, dormirão ambos³⁵ (p. 145-153).

CARAPUÇA XVI

Era vicio ter **Escudeiro**: ella não tinha nem para si. A sege, os lacaios, os machos, o Escudeiro, e ella eram hum Gabinete de Historia Natural no Reino Animal. A caixa da sege tinha huma pintura de Rafael: tudo naquella casa era raro, o mesmo comer, e o dinheiro. [...] Os moços almoçavão café de sevada³⁶, e a ama chixâros. O jantar muitas vezes disfarçava-se, que ninguem o conhecia (p. 155-156).

³⁴ Na edição de 1846, p. 130: «este consolou-o».

³⁵ Na edição de 1846, p. 130: «dormirão ambos juntos».

³⁶ Na edição de 1846, p. 132: «cevada».

CARAPUÇA XVII

Isto sim! Isto he que era cabeça! Nem Diogenes antigo, nem Diogenes moderno lhe chegava aos calcanhares! Elle não fazia caso de nada, e nada tinha: passava sem tudo que não tinha, e não tinha nada. [...] Lavava a cara duas vezes no anno; e igualmente vestia camiza lavada.

Que é comer bem? dizia elle [...] *O comer em passando da garganta para baixo, tanto importa comer palha, como pato* [...] Mas reparava eu no meu **Filosofo**, que se o convidavão para jantar, sempre comia do melhor, que vinha á mesa.

[...] Que diabo de Filosofia he esta?, dizia eu comigo, elle não faz nada do que préga; elle não tem officio de Missionário; elle não lhe dão nada por isto: isto he mania! Vê-lo fallar em huma roda de gente! tudo estava calladinho: elle ora emendava os costumes presentes, ora louvava os passados (não entendia nem huns, nem outros).

[...] Algumas dividas, que tinha, não lhe davão cuidado. Hum Filosofo não se embaraça com bagatelas, e assim não pagava a ninguem: quando o procuravam os crédores: esse era o seu gosto³⁷; nunca os vi levar nem má palavra, nem dinheiro; nunca os desenganava, elles mesmos he, que se desenganavão por si, de fôrma, que já lá não hia ninguem, nem lhe tiravão chapéo.

[...] Mas, quando vi, que elle era Filosofo chapado, foi huma noite, que hum visinho lhe deo huma roda de cachações compridos: ver o socego, e fleima, com que elle levou aquella remessa! o visinho prometteo-lhe mais; e elle, com toda a cortezia, e o seu chapéo na mão, lhe disse, que não tivesse incommodo, que erão sufficientes aquelles. O vizinho arde, salta-lhe outra vez em sima³⁸, bota-lhe dois dentes fóra com hum murro, que elle muito humilde lhe agradeceo, por lhe ter sacádo neste acaso hum, que tinha pôdre, e outro, que era visinho devia estar combalido: o homem enraivêce-se, piza-o a coices, o que elle tambem lhe agradeceo, porque estava muito precisado de estar huns dias na cama, mas que não se resolvia; porém agora, visto o moido, que se sentia, era de necessidade o faze-lo; até que o visinho pôz-se a rir, e entrou aos abraços a elle, e a perguntar-lhe, donde nascia tanto socego? De ser Filosofo, lhe responde, e entrou a capitá-lo, que fosse Filosofo, o que o outro fez, e ficaram ambos Filosofos com a unica differença de ser hum passivo, outro activo (p. 163-179).

³⁷ Na edição de 1846, p. 147: «o seu gosto era ser procurado pelos credores».

³⁸ Na edição de 1846, p. 151: «cima».

CARAPUÇA XVIII

Tomaram muitos ricos passar, como passava este **Pobre!** elle era Negociante de pobres: andavão pobres a pedir esmola por sua conta. [...] Ensinava o methodo de pedir esmola muito, e muito melhor, que o Mestre de Gusmão de Alfarache.

[...] Compôz hum pequeno Tratado, intitulado: *Methodo de pedir esmola a tórto, e a direito*. Cujo³⁹ descrevo aqui por me parecer util, se algum dos meus Leitores cahir em pobreza, ou a mandreice lhe der vocação para isso; porque he bem certo, que a não se ser cêgo, côxo, ou muito velho, ella he quem conduz á relaxação da pedintaria (p. 182-184).

Methodo de pedir esmola a torto, e a direito, pelas differentes classes de pessoas.

Depois de erguer, o que deve ser ainda com luzes accesas, (a pesar de ser cêgo) beberá o seu golo da agoa-ardente, e comerá o seu dente de alho, bafejando depois muito bem a parede, para lhe tirar o cheiro da boca, porque não digão os esmoleres, que logo pela manhã vai bebado.

Se tiver moço, lhe dará logo depois do almoço dois bofetões bem puchados, e depois, com muito amor o instruirá do trabalho daquelle dia, reprehendendo-o dos erros do passado, pois que nunca faltão. Terá a cautella de meter na algibeira trinta moedas de cinco réis, e outras tantas de tres réis por amor do cambio [...] **Nunca lavará a cara em casa, mas sim no chafariz, o que mette muito dó,** e muitas vezes os mesmos agoadeiros (o que parece impossivel) cahem com os seus cinco réis [...].

A homem rico, faça que o não vê; que isso não tem meio termo: se he esmoler, não precisa, que lha peça; se o não he, nada lhe arranca, he perder tempo.

[...] Outra cousa, que me esquecia: nunca assoar a lenço: mão, parede, ou capote de companheiro, se he verdadeiramente cêgo.

[...] **lá pobre, que precise, e que peça por verdadeira necessidade, nada de amizade com elle,** isso são huns pobres, e quasi sempre são tolos, botão a perder o officio, nada, nada [...].

Ha tambem huma descoberta, que eu não devia, nem queria aqui pôr, por ser muito nova, e de muita utilidade. [...] tanto instárão comigo, que fizesse esta caridade, que não tenho outro remedio, senão estendella neste papel [...] Vá, que bem me custa: em fim, vá. Pedir pelas portas, onde fôr, que lhe dem hum bocadinho de papel sujo, que

³⁹ Na edição de 1846, p. 155: «o qual».

he para a primeira cousa, que lhe lembrar. Isto he uma cousa muito grande: **sei de hum pobre, que tirou n'hum dia dois arrateis de papel, que vendeo pelos seus oito vintens**: isto he muito fácil de dar e dá muito de si. Cousa de tocar, e cantar não serve para nada, isso he para os primeiros seis mezes, depois fica-se ás moscas. Boa rhetorica, e boas máximas, que he o sólido.

[...] O pobre, mestre do seu officio, deve fazer este calculo: que se a Capital, que elle habita, tem hum milhão de almas, dentro de dez annos tem tirado dez réis de cada pessoa: porque quando cem mil não dem; tem os outros cem mil dado tres, e quatro vezes, e desta fórma tem elle de Capital cinco contos de réis, que a ser muito perdulario, deve ter gasto hum em dinheiro, e de fundo tem os seus dez mil cruzados, fóra os negocios, que tiver feito: quem pode lá julgar, que hum pobre tira por mez trinta mil réis? como eles se enganão! Ha mez de mais [...]. Deve tambem ter cuidado de morar em casa de porta da rua, e que seja em beco, para que não saibão quando sahe, nem quando entra, etc. (p. 185-201).

CARAPUÇA XIX

Pedro, se chamava o **Preto**. Tinha os seus sincoenta⁴⁰ annos; não o mostrava muito: tinha casado com huma branca, porque havia então muita falta de pretas, a qual se occupava em fazer fatias de parida. Elle caiava; mas era hum Preto tão cordato, que andava fazendo diligencias para entrar para o Caes do carvão, e ser carvoeiro.

[...] Por mais insignificante que seja o officio, he preciso haver natureza! Humas casas caiadas por elle! era o mesmo que forradas de papel pardo. [...] Tinha hum filho chamado Thomé, que já sabia lêr, e escrever, e muitas cousas mais, e tinha apenas vinte e cinco annos. Seus pais tinham tido muito cuidado na sua educação [...]. Já daquella idade se penteava. Vestia, despia, dormia sem precisão de ninguem: era galante criança.

[...] Mas eu vivia muito afflicto; porque não me entendia com aquella qualidade de cabelo, e mais de huma vez me vi no perigo de quebrar as pernas. A única cousa que tinha a meu favor era dormir sempre em lâ [...] (p. 203-206).

CARAPUÇA XX

Eis o Piolho **gaiteiro**! [...] hum dia [...] **passa pela rua huma mulher apregoando chócos frescos: o gaiteiro**, que já estava esquentado, por não entender o

⁴⁰ Na edição de 1846, p. 171: «cincoenta».

que era *pianno forte*, ficou muito peor com os *chócos frescos*, clamando, e **gritando: se elles são chócos, como são frescos? e se elles são frescos, como são chócos?** (p. 212).

CARAPUÇA XXI

Elle verdadeiramente era mais sócio que **caixeiro**: erão três interessados na loja, o patrão, elle, e a gaveta: a ultima quebrou ás duas palhetas; e como era o sócio principal, pódem vv. mm. suppôr, como ficarião os dois! mas sempre o mais culpado foi o socio gaveta pelo seu bom genio, que se ella se não deixasse persuadir, e abrir tantas vezes quantas o meu caixeiro queria, não lhe havia de succeder esta desgraça; porque elles tinham tido muitos bons ganhos; foi huma quebra sensivel a muita gente, e não só aos que elles ficarão devendo, mas mesmo áquelles, a quem elles davão a ganhar.

O pobre patrão não o podia crêr [...] e tudo era com as mãos na cabeça perguntar-lhe, como foi isto? ao que elle respondia, que não lhe dêsse cuidado, que no melhor pano cahia a nódoa, que não era caso, que sóa elle tivesse succedido, e consolava-o, que muitos havia, que tinham quebrado as suas cinco vezes, e que estavam tão inteirinhos, que não se lhes percebia nada [...]

Ora, a gaveta não dava já para hum cópo de limonada, por mais, que a espremessem; porque o tal caixeirinho tinha-a mettido em huma imprensa [prensa], tinha dado tudo. [...] elle achava-se com disposições, e geito para pregar a sua meia duzia de calotes, e tratou de negociar neste genero, mas sem socio, só por sua conta, e muito principalmente por conta daquelles, a quem os pregasse.

[...] metteo-se com hum marujo, que tinha trinta viagens no corpo. Vejão, que tal seria o Melro! Era hum assombro. Passados alguns tempos, tanta amizade tomárão que dormião ambos⁴¹. [...] nessa noite apartárão os prezos [...] no outro dia pela manhã [...] o meu marujo teve licença para acompanhar o seu amigo preso. Chegámos á terra, entrárão a despedir-se, e sou obrigado a dizer: o caixeiro tinha o coração mais duro, que o marujo; nem uma lagrima botou, e o marujo cahião-lhe pelas barbas abaixo. Salta-me nelle aos abraços, que não havia quem os apartasse (p. 216-227).

⁴¹ Na edição de 1846, p. 191: «ambos juntos».

CARAPUÇA XXII

[...] O meu **marujo** [...]. Chamavam-lhe o Catita de alcunha, e era xibante⁴²; não tinham muitas graças com elle: em pondo a mão na ilharga, o pé adiante, o chapéo entre os olhos, e dizendo *não quero, arreda tudo para traz*, tudo lhe fugia diante. Tomava a sua bebedeira como hum homem; e depois de variado, era preciso cuidado com elle, que era capaz de arremetter com a figura da prôa: e sabia bem do officio.

[...] Huma occasião furtou-lhe hum companheiro o biscoito, o vinho, e a agua daquelle dia [...]. O tal era capaz de matar hum, por dá cá aquella palha: mas cá o meu era capaz de matar hum cento, por dá cá aquella aresta.

[...] Assim fui passando a suspirar pela hora, que me visse em terra firme; e eu fiquei sempre desconfiado, que o tal inventor das casinhas, que andão sobre a agua, não era muito boa peça, ou ao menos, que não era muito amigo dos outros homens. Safa com a tal invenção! antes andar pelo ar, que ao menos se se quebra huma perna, anda-se com ella assim, ou ao menos põe-se-lhe huma de páo (p. 229-237).

TOMO II

*Il est plus facile de tromper le monde, que de le de troper*⁴³.

Lettres de Mylord⁴⁴ Chesterfield a son Fils.

PROLOGO

[...] se repararem bem no primeiro folheto, eu lá lhe disse, que o fim era encher papel: logo que este he o fim, o caso está em ir escrevendo a torto, e a direito; e eu sou como algumas mulheres de venda, que o primeiro mez, em quanto estão envergonhadas, respondem bem aos compradores, mas em se avezando cada respostada he uma carretilha: assim estou eu. Os primeiros quatro folhetos fizeram boa viagem, perdi o medo ao mar, adeus minhas encomendas! hão de me aturar tudo quanto me vier á testa, tudo hei de dizer; só hei de ter muito cuidado (e mesmo he do meu genio) **não escandalisar ninguem**, hei de ir pondo as minhas carapuças, mas não quero conhecer os freguezes, e antes hei de perder meia duzia dellas, que talha-las para nenhum individuo em particular. Só tenho a encommenda de huma duzia para cabeça certa, que

⁴² Na edição de 1846, p. 193: «chibante».

⁴³ Na edição de 1821: «*détromper*».

⁴⁴ Na edição de 1821: «Lord».

me está custando bem o faze-las, e são todas para mim, que eu não sou daquelles, com bem o digamos, que tenha só hum defeito: tenho huma duzia! isto é, meus conhecidos: sabe Deos se vv. mm. me descobrirão huma grossa (p. iii-v).

O ter má lingua he o mesmo que andar a cavallo por officio, mais dia menos dia sempre dá queda, ou leva coice. Elle tambem se fossem todos de boa lingua era huma desordem! nem havia nada que dizer?⁴⁵ até mesmo não se precisava falla, para que? [...] não senhor, bom he que hajão estas tisourinhas⁴⁶ que se vão amolando no corpo da gente [...] (p. vi-vii).

[...] supponhão suas mercês, que he o Cavalleiro, que está fazeddo⁴⁷ as cortezias aos assignantes, e o cavallo não quer recuar, que eu tambem não tenho grande lição de picaria [...]. Agora sim, vou-me ao Prologo como gato a bofes. Prologo. Senhores Criticos, eu julgo que vv. mm. estão de acordo comigo. Vv. mm. certamente dizem: *Não presta para nada a obra. Quem metteo na cabeça a este bollas fallar diante de gente, fallar em público? Ele não sabe Portuguez, não tem erudição, não tem engenho, enfada; repete, furta etc.* Eu estou tambem pelo mesmo, e mesmo o tenho dito a mim muitas vezes, não me dão novidade nenhuma [...]. Em fim, tem tudo quanto vv. mm. quizerem de mais, e eu ficarei com tudo de menos, que os Senhores ordenarem, com tanto que não me peção dinheiro [...] (p. ix-x).

Eu não vou fallar a respeito desta minha obra, que he cousa tão pequena, que só merece porem-lhe os olhos de compaixão, ella he uma cousa tão pobre [...]. Mas que posso eu mais aniquila-la, e mostrar-lhe a sua insufficiencia? tendo-lhe chamado pobre, basta; Este nome pobre, he pior que o de cão damnado, todo o mundo lhe foge, e ninguem lhe dá nada. [...] ao pobre não ha dúvida, **logo que se diz pobre, he damnado perfeito, nome sagrado para ninguem lhe bolir, mas infeliz para ser soccorrido.** Eu achava razão a hum Medico lá da Asia, que em lhe cahindo pobre nas unhas *requiescat in pace*, e dizia elle, que era hum beneficio que fazia ao mundo, e ao pobre, concedido desta fórmula: ***O Pobre afflige o mundo, o mundo he o tyrano do Pobre, quem mata a este salva a ambos*** (p. xii-xiii).

Para ser Poeta, he preciso ter nascido Poeta, he preciso genio; para ser Critico he preciso gosto, he preciso ter nascido Critico; os talentos de hum e outro, he hum dom do Ceo. [...] com que, senhor Critico, tome o meu conselho, faça exame da sua

⁴⁵ Na edição de 1821, p. vii: «!»

⁴⁶ Na edição de 1821, p. vii: «tesourinhas».

⁴⁷ Na edição de 1821: p.ix: «fazendo».

consciencia, recolha-se a si mesmo, indague os seus teres, meça bem a extensão do seu genio, de seu gosto, das suas luzes; sonde bem até onde chegam os seus conhecimentos, ponha-lhe huma baliza, e não dê hum só passo adiante, olhe que tem havido muitos que tenho⁴⁸ passado alguns tempos por instruidos, por quererem dar hum pique no passo, adiante do que sabem, tem acabado bem miseravelmente, e até perdido o que tinham adquirido (p. xv-xvi).

A toleima pega logo no fim do juizo, e senão repare v. m. eu lhe faço hum exemplo não para que melhor o entenda, mas para eu melhor me explicar. Supponha v. m. que v. m. tem juizo como o valor de trinta, e que até este número ninguém tem que lhe dizer, em tudo acerta, tudo conclue, tudo arranja; e que em fim tem merecido a atenção do público, pois apesar de tudo isso, em v. m. querendo ser como trinta e hum, começa logo a toleima, e no instante *a* se lhe conhece, porque passou o termo, e hum só fez esta desordem toda, e aqui tem v. m. como **hum discreto até trinta começa a ser tolo, se quer ser trinta e hum.**

A natureza prescreveo justos limites a todas as cousas, **se v. m. sabe o Abecedario até à letra M não se metta, nem tenha inveja áquelle, que o sabe até P,** olhe para traz e console-se, que muitos não passam do *A*, e **não queira que a este *A* lhe juntem mais tres letras e lho digam na cara** (p. xvi-xviii).

Venho a concluir, que no criticar he preciso⁴⁹ três cousas: gosto, juizo, e cabedal; e póde-se-lhe ajuntar sem nojo a quarta, de conhecer bem a materia do que vai criticar: esta minha obra não está nessas circumstancias; coitadinha: ella não vale nada, não merece a pena de algum sabio a lêr senão por hum simples passatempo, sem lhe importar os erros, apenas gostando do genio. Supponhão que he huma donzella pobre, mas fêa⁵⁰, que anda pedindo esmola para se amparar, que, se alguém lha dá, he com a mão para traz, e a cara para a banda [...]. Assim he esta obra: he donzella, he primogenita, he desamparada, he fêa, mas communicada não deixa de ter a sua graça, e póde passar; eu tenho visto em letra redonda muitas peiores, e terem muito boa sahida, sem haver por onde entrar com ellas, mas muitas vezes tem hum Padrinho que as ajuda, hum Compadre, que lhe dá a mão, hum nome alheio etc. Esta minha vai moura, não leva padrinho, nem nome, simplesmente papel, e letra redonda, comprem-na se a quizerem comprar, eu não a hei de metter á cara a ninguém, nem gaballa; porque eu não

⁴⁸ Na edição de 1821, p. xv: «tendo».

⁴⁹ Na edição de 1821, p. xvii: «preciso».

⁵⁰ Na edição de 1821, p. xviii: «feia».

a pertendo casar, o que aqui está, no odre veio; se lhe serve, **dá-se o troco de dinheiro**, se não serve, saude; se v. m. póde passar sem ella, eu tambem passarei sem v. m., e ha muita gente, que sabe lêr, e sabe muita letra: eu tenho um criado de servir, Gallego de Nação e genio, e veio ha pouco da terra, e dou-lhe menos hum cruzado cada mez por lhe deixar lêr a Gazeta, e explicar-lhe o que elle me quer perguntar a respeito della, e o maroto ás vezes tem que perguntar as suas duas horas; com que sim senhor, ha já quem leia, não hei de sentir maior falta, com a falta de v. m. (p. xviii-xxi).

Outra cousa tenho eu mais a dizer: Senhor, ou Senhores criticos: que não sejam vv. mm. daquelles que dizem mal de huma obra de manhã, e a gabão de tarde; e alguns, que nem a lem, e decidem della; outros que apenas a começação botão-a para a banda, e avalião logo o seu merecimento, olhem vv. mm. que o bom Medico não se contenta só com o tomar o pulso, manda botar a lingua fóra, apalpa, pergunta se dorme bem de ambos os lados [...] faz as suas experiencias, dá algum remedio, deixa passar vinte e quatro horas, e reconhece a molestia; com que fação vv. mm. o mesmo, ainda que vejão hum nome rediculo na obra, e hum principio baixo e jocoso, não a desprezem por isso: Demosthenes tambem ria, e por essa mesma boca de rizo sahião as orações as mais eloquentes: não desprezem vv. mm. a obra por pobre, olhem que debaixo de huma ruim capa se encontra um bom bebedor [...] **pode ser que o Leitor seja hum perverso e que, envergonhando-se do que lê, mude os seus costumes [...]**. Tudo no mundo tem dous lados: Alexandre bebia vinho, embriagava-se, mas ninguem lhe chamou senão o Heróe da Asia e o Conquistador do mundo. Vejão que dous lados tão oppostos. Huma obra póde ser cheia de galantarias, e extravagancias, que provoquem a rizo, e ao mesmo tempo ser cheia de lição. A mordedela da Tarantola, que he mortal, cura-se tocando o fandango: o remedio amargoso, que he dado em massa, disfarça-se embrulhado em ouro, e o doente não lhe desagrada ver, o que se mastigasse o affligiria muito, e cura muitas vezes a molestia sem sentir a repugnancia do remedio; igualmente o **jocoso** quando vai **servir de embrulho á verdade**, que se diz, que **muitas vezes aproveita, rindo-se e gostando o que a lê** (p. xxi-xxv).

Que vv. mm. todos comprem esta obra; por quanto não lhe fazendo isto mal nenhum, me faz a mim muito bem, e animão-me para eu ir occupando o tempo, pois, graças a Deos, não tenho muito que fazer, nem muita vontade, que eu tenho alguma propensão⁵¹ para a preguiça, mas se eu entrar a ver dinheiro pelo meu trabalho, eu não

⁵¹ Na edição de 1821, p. xxvi: «propensão».

sou tão tolo que não continue [...] enfim comprem vv. mm. que eu quero fazer a experiencia, se a minha preguiça he natural ou desconsolação, e eu lhe darei parte do successo; mas creio, que se me vejo com dinheiro sou capaz de correr monte e

Vale (p. xxvi-xxvii).

CARAPUÇA XXIII

O meu **gotoso** não passava mal, tomando por desculpa a gota, que ainda lhe não passava dos pés [...]. Sempre estava de dieta, não comia senão carne, e peixe. [...] Tinha tambem huma fabrica de curtir, e curtia dores como ninguem; mas tinha muito pouca extracção [...] que a pegarem as taes dores, não havia ninguem fazer melhor negocio, do que elle. Que gosto não seria poder a gente enviar huma dor a hum seu amigo, ou a qualquer pessoa a quem fosse obrigado? Hum estupor que fosse, quanto mais huma dôr.

[...] Hum negocio em que elle andava metido, se o conseguisse tinha feito a sua fortuna, que era fazer pasteis de inxundia⁵² de galinha, e tinha morto para amor disto mais de mil, e já tinha reduzido a inxundia a nata; andava vendo, se fazia das pennas manteiga, e já as tinha tambem reduzido a leite, a cousa estava por hum triz.

[...] huma noite foi atacado tão fortemente, que o julguei morto; ficou de cama muitos tempos: vinhão então alguns amigos diverti-lo, fazer-lhe companhia, e jogar com elle; entre estes, vinha hum rapaz muito bem feito, e muito bem desempenado, era-lhe obrigado, e diziam as más linguas, que havia de ser seu herdeiro; mas era um jogador acerrimo, não podia estar sem jogar: o gotoso dava-lhe immensos conselhos, e elle fazia-lhe mil protestos, que todos lhe esquecião, mal que dalli sahia. Huma noite, hindo cear com elle, chamou-o ao pé de si e entrou a trata-lo como filho, que muitas lingoas más, como já disse, dizião que sim, e o amor, que lhe mostrava, dava-o bem a entender [...] e supponhamos, que era seu filho, deixa-lo ser, que temos nós com isso, ou que nos importa? nós gastamos alguma cousa com a criação, ou fomos seus Padrinhos para tomar conta na criação? olhe que he forte historia, ha gente que em tudo se mette! [...] seja, ou não seja seu filho, sei que o poz ao pé da cama, e eu não estava para ficar com gota, porque já disse, dizião que se pegava [...] safei-me para a cabeça do tal mocetão [...] (p. 1-8).

⁵² Na edição de 1821, p. 4: «enxundia».

CARAPUÇA XXIV

[...] tenho andado suficientemente por más cabeças. Mas como esta deste **jogador**, nenhuma. Esta era a quinta essencia das más cabeças [...] não se levava por bem, nem por mal; era huma confusão, ninguém se entendia com elle senão algum usurario; e elle não se entendia senão com algum que jogava. O jogo era o seu comer, a sua moça, a sua quinta, o seu tudo: elle não comia a tempo, [9-10] não dormia a horas; não cuidava em cousa nenhuma, que lhe fosse útil (p. 9-10).

[...] chamava **o cão, que lhe chamavão *Noroega* (por ter vindo da America)**... (p. 11-12).

[...] porque he preciso advertir aos meus Leitores, que ainda que eu seja piolho, eu sou dotado de hum bom coração, e ainda que fosse criado (sendo hoje do que vivo) a chuchar sangue, chucho quanto me basta para o meu sustento, e não sou como muitos, que por ahi ha, e mais não são piolhos, nem barbeiros, que levão couro e cabelo (p. 13).

Entra-se-lhe a meter na cabeça, que tinha muita roupa branca, e chama o moço para que lhe vá vender huma duzia de camizas ainda em folha, para acudir áquelle grande vexame, em que está de não ter dinheiro para o jogo; que lá para comer, e pagar dividas, isso não tem maior pressa, o caso he acudir ao indispensavel: o moço entra a grunhir, que não conhece adelo! que sera preciso fiador! O amo enraivece-se⁵³, e o principio da venda começa por dois bofetões: o moço larga a roupa; bota a fugir, começa a gritar, diz que lhe pague, e este que lhe pegue na roupa para lha ir vender: por fim tornão as pazes, e vai o fato á rua, e dahi á feira da ladra, onde he vendido por menos da avaliação, attendendo a não haver fiador, e poder ser furtado, o que justamente he, pois que ainda não está pago, e furtar por força, ou por estratagemas, creio eu que tudo he furtar [...] (p. 21-22).

[...] **huma vez que se vive, he preciso que se sustente, com tanto que para eu me sustentar melhor não seja preciso, que morrão seis á fome**, não senhor, o seu a seu dono; vivamos todos, cada hum com o que lhe pertence [...] (p. 22-23).

[...] pois já se sabe, que em gastando o azeite, apaga-se a candeia, por maior que seja a torcida [...] (p. 24).

⁵³ Na edição de 1821, p. 21: «enraivece-se».

Sim, senhores, **o vicio do jogo he o vicio, que abrange em si os outros vicios**; e eu o provo: o ser ladrão he máo, mas he ser ladrão só: ser matador ainda he peor, mas bem póde ser hum homem matador, e não ser capaz de ser ladrão: ser mentiroso, ninguem se fia nelle, e a perda he só sua: ser bebado he um vicio alegre, e nesta ocasião se podem fazer mil cousas boas: hum bebado entusiasma-se às vezes em hum Heróe, humas vezes é liberal, outras vezes valente, algumas Poeta, e quasi sempre engraçado etc., mas um jogador he hum animal que começa logo por fazer mal a si, gasta o que tem, pede o que não póde pagar, furta quando se lhe acabão estes dous meios, e está prompto para toda a qualidade de má acção só para ter dinheiro, e encher o vicio, **o vicio que reune em si todos os outros** (p. 25-26).

CARAPUÇA XXV

Se eu sei que o **Galego** era de canga, eu não hia á tal cabeça por cousa nenhuma. [...] Quando veio da terra, tinha-lhe dito o pai que não fizesse nada sem lhe pagarem, que tivesse cuidado em não o enganarem, e tomou tão bem a lição, que na vinda, tendo apenas oito annos, encontrando hum homem a cavallo, que teve dó d'elle por o ver a pé, e tão criança, perguntando-lhe para onde hia, e respondendo-lhe, que para Lisboa, lhe disse: queres tu vir a cavallo comigo? Sim senhor, lhe respondeo elle muito contente: mas v. m. quanto me dá? E como o homem teimou em não lhe dar nada, pois que bastante era o beneficio que lhe fazia, elle também teimou, e antes quiz vir a pé, que a cavallo, não ganhando nada (p. 29-30).

Nunca quiz amo certo; quem succedia, quem pagava mais, e antes queria tres vintens, que meio tostão: por dez réis deixava hum freguez. Quando eu lhe passei para a cabeça [...] era a segunda vez que fazia a barba [...] tinha já as suas quatro camisas, e mandado para a terra dinheiro por tres vezes, e estava-se apromptando para ir lá, só para o fim de dar huma maçada na mulher, por ter emprestado a sua burra a hum primo para a jornada de huma legoa; e acabado este negocio voltava, a qual⁵⁴ lhe dava tanto cuidado, que muito pouco dormia, na consideração de que o andava ganhando, e mourijando para o primo lá lhe montar a burra. Hum amigo he que foi a causa disto, que lhe veio metter estas onzonas na cabeça (p. 31-32).

⁵⁴ Na edição de 1821, p. 30: «o que».

Comprou hum pandeiro por trinta réis, e era o seu divertimento; mas não tocava diante dos amigos, tangia sosinho, e dizia a isso; se se querem divertir, que gastem, que tambem eu fiz o mesmo. [...] No que elle andava com muito gosto era em comprar hum relógio, e andava no ajuste de hum, que lho davão por tres mil e duzentos [...] e já promettia tres mil réis, e deo arrancos quando os prometteo; porque reflectia: com tres mil réis compro eu huma quinta com sua estrebaria, e tenho quinta e casa: mas o relógio era só para fazer figas os da sua freguezia, porque só o Abbade, e hum tal Alonço he que o tinham (p. 32-33).

CARAPUÇA XXVI

Não desgostei desta vida, e não he tão pobre como mostra o cabedal: não faz vista mas he sólida, he negocio de seis por cento. O tal ferrosinho velho transtorna-se em ouro, e prata muito nova. Hum lugar de **ferro velho**, que não parece nada, he huma cousa de muita dependencia, e de muitos conhecimentos, e amizades. [...] he hum officio, que compra a ferramenta de todos os officios [...].

Outra regra geral: toda a fazenda, que se compra este anno, he para vender para o que vem; e esta prevenção he, porque se for alguma cousa furtada, ninguem tem a paxorra⁵⁵ de andar dous annos a fio a ver se a encontra, e se a chega a ver, passado hum anno, ou não lhe lembra ou não a conhece, e passa o roubo impunemente; porque o tempo tudo consome.

[...] Senhores, tudo tem tempo, fôrma, e lugar: furtar a tempo, furtar em fôrma, saber escolher o lugar; isto não scandalisa ninguem. Agora ás avessas: furtarem a cella⁵⁶, tendo eu ainda o cavallo, isso he huma asneira, que he fazerem-me andar em osso: pelo contrario, furtarem-me a cabelleira, quando eu já tenho o cabello crescido, he fazerem-me hum favor, que he tirar-me diante dos olhos hum traste, que fazia o meu aborrecimento [...] larguei o ferro velho, e vim-me meter em cavallarias altas: mas eu já desço, e torno á vacca fria, para a qual o meu ferro velho tem muito espeto, que todos tem comprado por dez réis de mel coado (p. 36-47).

⁵⁵ Na edição de 1821, p. 36: «pachorra».

⁵⁶ Na edição de 1821, p. 45: «sella».

CARAPUÇA XXVII⁵⁷

[...] Pássa-se huma vida bella na cabeça de hum **cozinheiro** [...] Elle era cosinheiro de huma casa abundante, e a sua vida era trabalhosa. Elle era obrigado a ir para a cosinha meia hora antes, que os criados se levantassem, para poder aparar os comestiveis sem barulho. Aparava a carne para trazer a febra⁵⁸ para casa, e deixar a gordura e os ossos para o amo, para poder fazer huma boa sopa. A fevera da vacca he desenxabida, não dá gosto nenhum. Aparava o presunto para o mesmo fim; o toucinho, a couve, o carvão, a manteiga, em huma palavra, aparava tudo, que havia em casa: a unica cousa, que o não vi aparar, foi humas pancadas, que lhe quizerão dar; fugio-lhe com o corpo, e não as aparou. [...] Sustentava com estas aparas a sua casa, e a do sogro: e vendia para huma taverna; e a sua ração dava-a por esmola a hum brasileiro, que lhe dava seis mil e quatrocentos por mez. Tinha o seu par de vintens juntos, e bem adquiridos: o amo estava contentissimo com elle, e dizia, que o seu Braz não deixava por cousa nenhuma. [...] Fazia pudins de caroços de azeitonas, que lhe deram muito caroço! [...] O Tio perguntou ao sobrinho; qual era o forte dos seus estudos? Elle respondeo-lhe, que lingua de Preto, e Rhetorica, e que sabia a lingua dos cavallos perfeitamente, porque hum filho de Guliver fôra seu condiscipulo, que lha ensinára em recompensa de elle lhe ter ensinado o jogo do pião.” (p. 50-56).

CARAPUÇA XXVIII

Vou fallar de hum **estudante** que tendo os seus trinta e cinco annos, tinha gasto trinta nos estudos como vou a dizer. Seu pai que não se tinha descuidado na sua educação, apenas lhe contou cinco pregou com elle na escóla, e tinha tanta habilidade, e applicação; que aos quatorze, sabia lêr, escrever, e as quatro espécies [...] passou para a Universidade, foi reprovado em tudo: e vendo-se tão adiantado deixou-se de estudos, e ficou com a alcunha de estudante, que bastante lhe custou, que para a adquirir gastou todo o tempo, que disse. [...] no dia em que eu lhe passei para a caximonia, vendeo elle a Presodia, e os Quintilianos para comprar Bertoldo, humas comedias, e humas pinturas do jogo do páo.

[...] recolhia-se pelo meio da noite, não jantava em casa, zombava do pai, ralhava com a mãe, dava nas irmãs: isto era outro melro: era rapaz de tom. Tافل, moço

⁵⁷ Na edição de 1803 vem indicada como Carapuça XXVIII, mas trata-se de um lapso ou gralha: a carapuça seguinte volta a trazer a numeração correcta.

⁵⁸ Na edição de 1821, p. 49: «fevera».

de gosto, tinha amigos, conhecia muitas senhoras, tinha sociedade, bebia as suas quatro garrafas, caximbava⁵⁹, etc. Tinha distribuido tambem⁶⁰ as horas do dia, que nunca tinha que fazer coisa que lhe fosse util, nem a si, nem aos seus semelhantes. Que rapaz! que moço! que perola! Então o pai, e a mãe concorrião muito para isto, e estavam tão contentes por verem a esperteza do pequeno, que ás vezes, dizia o pai parece impossivel, que este rapaz saiba tanto sem estudar nada [...].

Com estes louvores o rapaz crescia a palmos, e os vícios ás varas [...] e dizem que he preciso estudar? historia: tomára-lhe eu geito, e propensão. Isto de livros he uma séca, e não deixa nada. Quem burro nasce, burro fica: nem eu sei de que sirva hum homem ter huma grande livraria, eu ouvi dizer huma vez a hum de muito boa cabeça, que elle tinha comprado por doze vintens, hum livro de Novellas cujo lhe servia para lêr, e lhe servia para toda a vida, e era o caso, dizia ele. Quando eu chego á ultima pagina do livro já me não lembra nada do principio, e quando torno a começar não sei nada do fim, então para que preciso eu mais livros que hum?

Isto he, que he ser hum homem arrasoado, e de juizo, de que diabo serve estar a lêr, a lêr se eu não entendo o que leio, se me não fica nada na cabeça, ou se acaso fica, e entendo, não sigo as maximas uteis e honradas? Quanto a isto louvo eu o meu estudante, que não se cançava em coisa de que não tirava utilidade.

[...] para que mettem a fouce na seara alheia: quando a gente quer hum conselho paga-o: se o pede a hum amigo escusa-se dizendo: Mais sabe o tollo no seu que o avisado no alheio (p. 58-68) .

CARAPUÇA XXIX

Estou posto em hum **velho**, que tem os seus setenta no bucho, mas com todos os vícios de hum rapaz de vinte: namorava com todos os ff e rr, punha côr, de noite emprensava as mãos e a cara, mettia as pernas em talas para as indireitar, punha dentes postiços, fazia a barba duas vezes no dia, penteava o cabelo, o que não deixava de me dar algum incómodo, trazia laços nos calções, annel no dedo, dois relógios, medalha de senhora entre o colete e a camiza, óculo ao peito suspenso em cordão reto, lugar effectivo na ópera [...] trocos miudos para pobres [...] peças de seis e de quatro para chocalhar: emfim, era hum modello do que já se sabe, etc. [...] dava dezoito vintens por

⁵⁹ Na edição de 1821, p. 62: «cachimbava».

⁶⁰ Na edição de 1821, p. 62: «distribuido tão bem».

dia a hum poeta para lhe fazer as encommendas dos versos, que lhe davam as senhoras (que infeliz arte! o que vendia os escarros ainda ganhava mais).

Elle tinha flatos, e sempre andava a arrotar, e em se lhe acabando estes, tinha então hum sujeito, que lhe vendia arrotos, e punha se então o velho a arrotar fidalguias, quintas, carruagens, criados, dinheiro, etc. [...]

Elle já não ouvia bem: mas não queria dar o seu braço a torcer, era então hum gosto ouvi-lo conversar: perguntava-lhe huma senhora; que annos tem? respondia elle; se lhe quero bem? ainda o duvida ingrata! abra-me este peito! veja este coração, e verá o seu retrato escrito e escarrado nelle.

[...] Depois de tantos trabalhos entra o bom do velho a querer casar: ora isso forão canas, forão mosquitos por cordas: o namoro, os ajustes, as cerimoniaes, que houve de parte a parte, não ha tinta nem papel que chegue para escrever essa historia [...] sobre isto houve suas historias, mas a noiva arrumou os pés á parede [...].

O miseravel estava por tudo, e tudo se fez quanto ella quis [...] em fim assentou-se de pedra e cal, que ella faria o que muito bem lhe parecesse, sem jámais elle lhe ir á mão: e em algumas coisas nem se quer ser ouvido. Dobrou-se a pensão dos alfinetes, ajustou-se mais hum criado, e ella ainda muito de manto de sêda.

Quanto póde a velhice, que he acompanhada de toleima, e vicio. Oh! tambem ajustou, que nunca havia de sahir fóra com elle, nem a pé nem em sege, sem elle primeiro lhe dar meia moeda, vejão que esperanças tinha o basbaque da vida, que havia de passar com a mulher [...] (p. 71-81).

CARAPUÇA XXX

Eu cuidava, que huma **cigana** era uma mulher bem feita, bonita, bello modo, bom juizo, huma boca cheia de rizo; que unindo ao gracioso a verdade, e a singeleza, encantava a gente: mas não, senhores, a tal cigana era huma mulher setentona, e bastante comilona (como diz o Doutor Alcalá) alta, secca de carnes e condição, muito bem talhada para esqueleto, bastante negra; alguma coisa enxovalhada, e muito suficientemente capaz para desmamar hum cento de enjeitados; creio, que não preciso dizer, que era feia: tinha huns dentes grandes, côr de abóbora⁶¹ menina, com as gengives verdes, que lhe davam muita graça.

⁶¹ Na edição de 1821, p. 83: «abóbora».

[...] Era ladra do quinto voto, se fosse preciso sacáva umas siroilas⁶² a um homem sem lhe bulir nos calções. [...]

Ella vivia com huma companhia de ciganos e ciganas, todos da mesma officina, e da mesma pobreza: tinham huma velha, que he a que lhe ensinava as alicantinas, e que era abelha mestra [...]. Todos os dias á tardinha vinhão as ciganitas pequenas para tomarem a lição; que constava de enganar o mundo, quero dizer, a gente que nelle vive [...] ensinava-lhes as tramas para furtar os trastes; e huma das coisas, que a velha mais recommendava, era, que furtassem, ainda que fosse hum esfregão da louça, huma meia sem companheira, emfim, que não devia escapar nada [...].

Tinhão tambem comsigo huma cigana de treze para quatorze annos, linda como o sol, e tinha o maior cuidado em lhe ensinar a fazer redes para armar aos homens: e com effeito ella não precisava muito de ensino, porque além da propensão tinha huns olhos, que se ella jogasse o Voltarete, tinha sempre os matadores nas unhas [...]. A rapariga tomava lições, e tinha ciganices, que ninguem lhe escapava [...] (p. 83-94).

CARAPUÇA XXXI

O Ciume não serve aos homens senão de se atormentarem huns aos outros. Arte de envenenar os prazeres, methodo de comer, e dormir pouco, caldo substancial, que fortalece a vaidade do amavel sexo, em fim remedio, que nunca curou ninguem, e que tem morto muita gente. [...]

Isto de amores, Senhores, he o mesmo, que negociar: he preciso ter dinheiro, bons caixeiros, boas correspondencias, conhecer a intriga, ser politico, mentir com toda a verdade, semear aqui, para colher acolá, conhecer os generos, os terrenos para onde exporta, e importa, os cambios, etc. **E depois de tudo isto, fortuna.** Ha por ahi alguns individuos, que em tendo hum palmo de cara menos má, huma boa perna, hum corpo bem talhado, tem assentado he⁶³ pedra e cal, que devem andar as moças atraz delles: como estão enganados! Coitadinhos! **A praça não se rende pela boa cara do Soldado; mas sim pelo valor, pelo estratagema, e pelo milagroso dinheirinho.** [...] Quem boa cama fizer, nella se deitará: sua alma, sua palma: e demais, aonde has de ir, não has de mentir.

⁶² Na edição de 1821, p. 84: «ceroulas».

⁶³ Na edição de 1821, p. 104: «de».

Partiu enfim o Cioso com a Cigana [...]. Ora que se lhe ha de metter a este homem na cabeça? Querer que a rapariga fosse céga para a ametade do genero humano, que não visse homens. [...]

Ultimamente deo em outra, **queria que ella não soubesse ler nem escrever depois de ter aprendido: ora isto não he frenesi, que merecia azorrague?** [...] a rapariga andava já tão arrenegada, que em vendo outro homem, que não fosse elle, era huma alma nova, que lhe entrava no corpo, e estava já prompta a larga-lo, e saffar-se, indaque⁶⁴ fosse com quem fosse [...].

Veirão quem póde lá amar huma pessoa, que lhe serve de sombra, e que não olha para parte nenhuma, que o não veja! **Por mais que se ame, he preciso liberdade:** tanto o homem, como a mulher tem occasiões de catar a sua pulga, e matar o seu piolho, (por meus peccados) e querem-se ver sós [...] **as mulheres não querem amor platónico; mas tambem não querem hum amor de forçado,** sempre de braga ao pé. **Meio termo, meio termo, meus Senhores,** e antes de menos, que demais, que onde ha menos póde ir a mais, onde ha mais póde ir tocar na impertinencia, e as impertinencias nem no amor se aturão [...] (p. 103-111).

CARAPUÇA XXXII

Esta pobre moça tinha de passar huma vida bem desgraçada: acabava de viver com hum homem, que não lhe deixava a mais pequena acção livre; veio para este, que todas lhe deixava, e não lhe importava nada do que ella fazia. [...]

Eu gostava summamente delle pela pachorra. Não lhe importava a mulher: que ella estivesse á janella, que sahisse fóra, que conversasse com o visinho, que não lhe apparecesse todo o dia, para elle era o mesmo, não conhecia o ciúme [...] A mulher enraivecia-se com isto [...] até que ella lhe disse hum dia: “Marido, eu não posso viver assim. Pois vive de outra fórma. Quem te pega? lhe respondeo elle. Isso não he resposta, que se me dê, tornava ella [...]

Olha, mulher, **eu tenho preguiça de responder a tanta cousa;** mas por te dar gosto, por esta vez, sem exemplo, te responderei a tudo por parcelas, e então tu sommarás a conta como bem te parecer, com tanto porém que não me tornes a tomar estas contas.

⁶⁴ Na edição de 1821, p. 109: «ainda que».

[...] o homem quando casa, não he para aborrecer o resto das mulheres, nem a mulher para aborrecer o resto dos homens he para ter aquele homem por seu, para lhe guardar fé, para o ajudar nos seus trabalhos, e ter parte nos seus prazeres; mas isto não tem nada para viver com o resto do mundo em boa harmonia: não, mulher, eu confio mais em ti, que tu mesmo: descança, vive soccegada, que eu não caso com outra em quanto tu fores viva, olha, de mais a mais, tu tambem já não estás muito para cobiçar, vas-te fazendo feia. Oh, diabo, que tal disseste! Foi o demo em casa do alfacinha, gritou, arrepelou-se, bateo com a cabeça pela parede, jurou que havia de fazer e de acontecer [...] (p. 114-120).

Elle era um preguiçoso celebre [...] dizia [...] **para que he ajuntar dinheiro, para mais do que he preciso: Isso he tirallo aos que precisarem** [...] tenho sentado⁶⁵, que **o trabalhar muito não serve de nada para o que trabalha, sempre he para hum, que não trabalha nada**. V.gr., meu Pai trabalhou muito, deixou-me que comer; eu não trabalho nada: aquelle que eu deixar não lhe ficando nada, elle trabalhará para comer: não, senhor, **o que faz a desordem de huns terem muito trabalho e outros nenhum, he não serem obrigados todos a trabalhar para comer: estão muitas vezes dez ou doze a trabalhar toda a sua vida de pé descalço para hum andar em sege, quando elle nasceo tambem para andar descalço**; mas estes abortos durão pouco tempo, vem muitas vezes hum de lá donde nosso Senhor he servido, anda a mourijar, passa por accesso a usurario, deixa hum filho carregado com oitenta mil cruzados, este anda de sege, gasta-se o dinheiro, morre, e deixa tambem um filho, que torna a andar descalço como seu Avô, em fim, somos terra e em terra nos tornamos.

Este era o modo de pensar do meu preguiçoso, e ninguem o descia da burra: vinha muitas vezes hum amigo, teimava com elle, que fosse tratar de tal, ou tal negocio, respondia-lhe elle muito descançado: e tratando eu pessoalmente desse negocio quanto tempo me levará? respondia-lhe o amigo oito dias. Suponha você, que eu morro á manhã, de que serve ter principiado o tal negocio? [...] n'huma palavra, nunca o poderão tirar do seu modo de viver, todas as diligencias erão baldadas, **e eu gostava daquelle modo de pensar** (p. 121-127).

⁶⁵ Na edição de 1821, p. 124: «assentado».

CARAPUÇA XXXIII

[...] era tão material, que nunca pôde ajuntar tres letras: hum = N = hum = A = e hum = O = para lhe dizer hum = não = [...] Elle era hum homem dos seus trinta annos, e sabia tanto como quando tinha tres: tinha laivos de **nobre**, tinha bens, e huma **ignorancia** tão grande, que para tolo não lhe faltava huma oitava; mas elle **presava-se muito disso pela antiguidade**, em que a asneira andava na sua casa, que havia o melhor de trezentos anos; e mesmo **não estudavam pelo assim mandar o instituidor, e ele não querer perder o vinculo**. E fazia muito bem, que o tempo não está para perder.

Ora o Morgado tinha mais algumas annexas, que erão: ter sempre sete bestas na cavalheriça⁶⁶, ainda que não tivesse que lhes dar a comer, nem isso era o essencial; porque muitos racionaes não comem porque o não tem: se o instituidor mandára ao menos, que fossem pintadas, mas nada, cinco vezes declarava, que havião de ser vivas. Tambem dizia, que no caso de não haver dinheiro para as comprar, as comprassem fiadas, ainda que déssem cem, pelo que valesse dez. Que perdessem a successão, no caso de não andarem em sege, ainda que fosse na trazeira.

Na verdade era muito pensionado o tal morgadinho! **Assim não queria eu, çafa! Deixarem-me alguma cousa, e ao mesmo tempo o modo de o gastar!** Como se todos tivessemos os mesmos humores. Suponhamos nós, que eu tinha uma obstrucção, e que o Medico, e a razão me mandavão andar a pé. Havia por força andar a cavallo? O ser pobre tem muita cousa má; mas tambem tem muita cousa boa: que gosto, tem o pobre em comer pão de rala? Mas come-o á sua vontade. Que felicidade he o viver cada um como pôde, sem se metter em barulho! Eu, pobre piolho, nasci para me sustentar de sangue e de sangue máo, ninguem tem, que me dizer por isso; mas se eu intentar o tomar café com leite, que dirão? Que admiração não causará? Já as lingoinhas más a dizer: Olhem lá o Piolho! Já não pôde passar sem café! Ainda outro dia o conheci na cabeça de hum tinhoso! Nada, nada, cada hum nos seus limites [...] (p. 131-134).

Assim vivia o meu ignorantão, sem saber e sem sabor. [...] Em fim era hum homem, que em lendo os titulos aos Livros decidia do resto. Leo outro, que se intitulava: Arte de furtar, então este he que elle não pôde soffrer. Que precisão temos nós de semelhante Arte, clamava elle, todo esbaforido [...]. Faça-se embora essa arte lá para o sertão, para os Camponios, para os homens, que se alimentão do trabalho de seus braços, mas não para gentes civilisadas, gentes do grande mundo, que sabem de tudo,

⁶⁶ Na edição de 1821, p. 131: «cavallariça».

que lem de cadeira nesta pequena, insignificante, e utilissima Arte. Eu creio que elle lhe chamava insignificante por muito corriqueira [...] a respeito de utilissima, está claro: tudo quanto he venha a nós, he util, lá o modo não faz ao caso, cada hum como póde.

[...] mas para tudo he preciso haver principios, **he preciso murmurar, e criticar para emendar os vicios, mas não para desordenar familias**: hum murmurar de tal fôrma que o mesmo cumplice, se coce e se cale para sua honra: pois quando a murmurar se ganha dinheiro, isso então he bello; ainda que tambem ás vezes as ouvem muito boas, mas valha-me Deos! tudo tem seu desconto: isto de ganhar dinheiro ha de ter algum trabalho; **elles fallão de mim, mas de graça, eu fallo delles por dinheiro** [...] mas estas cousas a mim não me importão, cada hum seu caminho, vivamos todos (p. 136-144).

CARAPUÇA XXXIV

A Grande Arte de **mentir** he a que entre todas as mais tem tido mais acceitação: ella tem chegado ao ultimo ponto da sua perfeição, ella tem sido adoptada por todas as Nações com differentes nomes: apenas temos uso de razão, já nossos pais no-la vão ensinando com todo o cuidado, e vigilancia; e insensivelmente nos entranhamos nella com tanto gosto, que huma pequena conversa, quando não he marchetada com trezentas, ou quatrocentas mentiras, he o mesmo que comer sem sal; não tem graça alguma, e a poucos passos estão todos a dormir.

Huma criança apenas nasce, he logo lançada para fóra dos braços de sua mãe, e da sua ternura; a ama, que toma conta della, a julga huma carga, que só a dinheiro a póde suportar. [...]

Tendo sido criada sem amor, chega a casa dos Pais, extranha-os [...]. Chegada a idade de cinco annos fica entregue ao cuidado de huma criada, porque a Mãe não tem lá tempo para essas coisas [...]. A criada vai-a tratando á proporção do ordenado. [...] Chega a idade de sete annos e a pobre criança não ouve senão mentir: os criados dão Senhoria aos Pais, e he mentira: dá-se dom a huma amiga, e he mentira: procura hum crédor o Pai, diz-se-lhe, que não está em casa, e he mentira, que elle está-se penteando, e divertindo com o Cabelleireiro, que lhe está dando noticia das moças do bairro [...] (p. 152-155).

Elle era de huma boa familia, e todos sabem, que quem não mente não he de boa gente, já seu quinto Avô mentia, e delle até elle não tinha havido quebra na geração. [...]

Era hum gosto ve-lo com qualquer, a quem elle devesse: o que lhe prometia! O que jurava! Em huma palavra o que mentia! Perguntou-lhe huma vez hum sujeito: V. m. não he filho do Senhor Fulano? Não senhor, lhe respondeo logo: o outro que o conhecia muito bem, tornou a instar, pois V. m. não he o Senhor Fulano, filho do Senhor Sicrano, e da Senhora D. Tal? Da Senhora D. Tal, concedo, do Senhor Sicrano, nego. Pois a Senhora sua mãe foi casada outra vez? Não Senhor, mas eu tenho cá minhas desconfianças, que sou filho de cousa mais alta. Basta, basta, meu Senhor, já estou calado.

E o meu mentiroso, antes quiz deixar a honra de sua mãe em dúvida, que a sua mentira.

O mentir he hum vicio, que em se arreigando, he huma especie de cancro, bota tantas raizes e, tão fundadas, que não se arrancão sem muitas dores.

A mentira he huma planta, que se semêa no coração de huma criança: os Pais regão-lha, os criados tirão-lhe o fructo, o terreno he proprio, porque o coração do homem he proprio para todos os vicios, assim como para todas as virtudes (p. 163-165).

[...] **O mentir não he muito antigo, he do tempo que nasceo a Politica** e tomou a sua maior força do tempo, que os homens quizerão passar com mais do que tinham [...].

A semente Luxo he quem produzio os mentirosos. No tempo, que as Matronas Romanas, fiavão e tecião os pannos para seus maridos, estes maridos forão os heróes de Roma. No tempo, que o luxo e a magnificencia entrou em Roma, os Nétos daquellas Matronas, e daquelles heróes, foram flautistas, e rabequistas.

Em fim tudo muda, cada idade traz differentes costumes, e cada costume vai mudando o homem; mas o tempo não vai máo para os piolhos: assim he que **este Seculo he de mais luxo, de mais riqueza, de maior miseria; mas de muito mais porcaria**, que os Seculos passados. Meus pais me contavão, que algum dia todos os Sabbados (1)⁶⁷ o mais tardar, se limpava a cabeça (2)⁶⁸, lavava os pés, e cortava as unhas: hoje não, Senhor! Ha tal que não cuida na cabeça senão de Sabbado a Sabbado, isto he, de

⁶⁷ Nota do Autor: «(1) Isto he, no tempo que havia Sabbados, que hoje tudo são dias santos para alguns, porque nunca trabalham».

⁶⁸ Nota do Autor: «(2) Isto era no tempo que os corpos tinham cabeça».

Alleluia; hoje já ninguém corta as unhas, tomáráo alguns ter mais, ainda sem ter mais dedos; isto de lavar os pés e o corpo he só de verão, porque vão tomar banhos, em se acabando esta moda adeos lavajem⁶⁹ (p.165-168).

[...] Ora que me dizem vv. mm. a tanto destempero, que eu tenho dito? E ainda me hei de scandalizar se não me lerem, e não tiver sahida: he cousa galante! Já mais posso contar cousa, que não lhe metta a minha moralidade, como que eu fosse capaz de dizer alguma cousa: eu que mal sei contar o que passo, e vejo nas cabeças dos mais, tambem quero metter cousas da minha cabeça; Eu estou ouvindo por instantes chamarem-me pedaço de asno, ficando quem mo chamar, já se sabe, com o resto deste pedaço (p. 170).

CARAPUÇA XXXV

Talvez que vv. mm. cuidem, que o tal **homem amigo de todos**, era hum bom homem, pois não, Senhores; Era hum daquelles, como lá dizem, que tinha cabelo no coração. Espreguiçava-se nos males do seu proximo; e chorava com elle, se era preciso, aquelles mesmos males.

Que palavras tão doces, tão brandas. [...] Não fazia senão offerecimentos, mas se o occupavão não era aquella occasião propria para o servir. Espreitava quanto se passava na visinhança, o que no outro dia depunha, chorando a infelicidade daquela pessoa, que Deos lhe acudisse; mas hia contando o que tinha visto. Se via huma rapariga botar hum escrito de huma janela abaixo, contava, que tinha visto subir hum homem por huma janela acima, era tão farto, que cousa que visse nunca a contava senão em dobro [...].

Talhado para huma denuncia como ninguem! [...] quantas vezes a boca está cheia de assucar, e o estomago amarga como fel [...] he preciso cuidado com estes negociantes de palavras de caramello, feito de assucar mascavado: ha tal, que ajoelha para melhor dar huma facada. [...] era hum homem que nunca tinha sido amigo de pessoa alguma, chamava-se Germano, e era inimigo do genero humano (p. 173-187).

⁶⁹ Na edição de 1821, p. 166: «lavagem».

CARAPUÇA XXXVI

Este máo homem, ou este **homem que não era amigo de ninguém**, não era hum verdadeiro misantropo; elle não gostava da sociedade dos homens, e ao mesmo tempo elle não era seu inimigo: elle era duro, mas elle não exercitava essa dureza [...] elle era máo, mas muito e muito melhor que o bom, de quem acabei de fallar: o outro escondia o que era, este deixava-se vêr [...] não os acariciava, mas não os illudia: se lhe pedião huma esmóla, dizia, não quero; mas não dizia, não posso meu irmão, tendo as algibeiras cheias de ouro; não era amigo, mas não dizia, que o era sem o ser. Já mais o ouvi rir nem chorar; era tão aspero, que nem as mulheres o amaciavão [...] (p. 189-190).

CARAPUÇA XXXVII

Cahi na cabeça de hum homem que me parecia muito asseado, e elle era hum porcalhão de todos os quatro costados, tudo era apparencia, á excepção de amor, porque era o mais **amorudo** homem daquelle tempo, e contarei cousas delle gallantissimas, e raras.

Elle tinha ao tempo, que eu lhe cahi na cabeça só quatorze raparigas, coitado⁷⁰ tinha então sua falta dellas, porque eu ouvi-lhe dizer huma vez, que chegou a ter quarenta e cinco, fóra tres velhas, que o andavam perseguindo, e que ainda não tinha decidido se lhes corresponderia ou não. [...]

Tinha passado quarenta e tantos escritos de casamento, e isto foi no tempo, que elle ainda não sabia escrever [...] comia ópios, que ellas lhe pregavão, como quem comia requeijão, e o mais era elle presar-se de muito experto, e que ninguém lhe fazia o ninho atraz da orelha, e ellas lhos fazião na testa sem elle os sentir, se elle era tão papalvo, que em vendo moça, já julgava que estava morrendo por elle, em se surrindo para elle ainda que fosse escarneo já o tomava por amor [...] (p. 192-210).

Meteu-se a namorar huma rapariga sua visinha [...] até que a rapariga se resolveu a contar tudo ao pai [...] que era homem honrado e de bem [...]. Vem o miseravel [...] e cá o meu paisinho a afiar a espada [...] desentoe-lhe [...] huma cutilada com tal ansia que se o pilha parte-o de meio a meio [...] com a força da pancada atormentou-se-lhe a mão, que lhe saltou a espada em casilhas⁷¹, tendo sido o caso no Caes da pedra, mas sem perder tempo, antes que o outro apanhasse a escravelha,

⁷⁰ Na edição de 1821, p. 188: «coitado!»

⁷¹ Na edição de 1821, p. 209: «Cassilhas».

apresentou-lhe com a outra mão hum tão grande bofetão, que fez outra vez lume, porque veio aos olhos de quem o levou; acabou-se a função com mais dous ou tres bofetões e huma roda de pontapés como quem amassa barro.

Recolheo-se para casa moido como sellada, mandou chamar o Cirurgião, que o quiz logo sangrar, mas elle não consentio, porque tinha muito medo, levou então humas bixas nas fontes [...] (p. 210-214).

CARAPUÇA XXXVIII

Cahi na cabeça de huma **velha** que tinha hum - V - de menos, e hum - V - de mais, faltava-lhe virtude, e sobejava-lhe vaidade; ella julgava-se formosa, bem feita, eloquente, e dizia, e até teimava, que ainda não era muito velha, que era entre moça, entrava nas contradanças, botava o seu mote, namorava sufficientemente, notava o seu escrito admiravelmente, vestia-se no ultimo gosto da móda, quero dizer, andava quase nua. [...] era mentirosa no superlativo! [...] fina como hum alambre, sabia a vida, crimes, e milagres de todas as velhas, e moças do seu bairro, que nem hum Escrivão do crime, a quem de officio lhe pertence: aquella sua conhecida, que casasse, era preciso ter cuidado em si para ter os filhos a tempo competente, que ella tinha huma folhinha de luas, que hum parteiro astrologo, e seu parente muito chegado lhe tinha deixado, e não lhe escapavão estas bagatelas.

Que extremos tão oppostos são estes das velhas: as de boa conducta (de que ha muitas), as de probidade, quanto servem para a instrucção da mocidade [...] ás avessas aquellas de huma qualidade como esta, em cuja cabeça eu estou: esta com a sua vaidade, fazia-as vaidosas, com os seus costumes relaxava-lhes o coração (p. 215-218).

[...] Tinha huma Sobrinha [...]. A velha [...] andava sempre a ralhar com a rapariga [...]. Nunca entregues o coração a hum homem, nunca lhe falles verdade, nunca lhe digas os teus sentimentos, e saca-lhe a camiza se poderes [...] em sendo pobre, foge delle, como de peste [...] por isso te aconselho, e digo, que dois amantes são⁷² muito pouco, o menos, o menos, sete: hum que não seja tolo para nos instruir, outro tolo para nos aturar, hum que tenha graça para nos divertir, outro valente para nos desagavar, hum bem feito para o vermos, outro corcovado para nos rirmos, e hum que toque o coração, mas muito ao de leve, mas todos que sejam ricos, já se sabe. Nunca te mettas com visinhos, que he quem bota a perder as raparigas, nada; sempre gente de longe.

⁷² Na edição de 1821, p. 218: «he».

Outra cousa tenho eu a dizer-te. Se casares... mas não, esta guardo eu para mim, o bom mestre sempre guarda o melhor golpe para si, quem sabe ainda o que me succederá; e vocês são humas tolas, e humas chocalheiras que contam tudo ás outras.

Assim fallava a minha velha, que na verdade não tinha pevide na lingoa, e a Sobrinha tomava a lição á risca e era o retrato da Senhora sua Tia (p. 218-224).

TOMO III

PROLOGO

Novo Prologo, novas cousas a dizer, novas as desculpas a dar, ainda que não ha muito de que as pedir; porque eu não metto a Obra á força, ponho-a á venda como já disse; he certo, que poderão dizer: quem o obrigou a compôr? Mas eu posso-lhes responder: e quem os obriga a comprar! E se nós entramos, dize tu, direi eu, então não acabo a obra; e isto huma obra de tanto interesse como esta, principalmente para mim se a comprarem; e para aqueles que quizerem abafar a cabeça com a sua Carapuça; e mais agora, de inverno, que he uma consolação, e então muito baratas, ha folheto, que tem seis Carapuças, fóra o Prologo, e ei-las ahi a menos de trinta réis (p. i-ii).

[...] Esta minha traducção, ou original, ou como vv. mm. lhe quizerem chamar, (que eu estou por tudo, uma vez que me desenganei, que todos tem costas, pena de serem defeituosos), ha de ser bastante volumosa, que ha de botar a quarenta Volumes, e por consequencia ha de ter quarenta Prologos, na fórmula da minha promessa, a que não sou capaz de faltar, máo he que eu tenha prometido [...] torno a dizer, máo será eu prometter, mas não falto; o que eu nunca prometterei he casamento, mas se o chegar a prometter, a hum homem que seja, sou capaz de casar com elle.

[...] Quantos comprão livros, que podem trazer por dentro veneno que faça mal aos olhos, porque elles não os vem senão por fóra, e conforme a encadernação assim o gabão; cada hum do que gosta [...] (p. ii-v).

Succede muitas vezes, porque ha de tudo, haver huns criticos por negocio; por exemplo: hum que pilhou alguma coisa a dente (sem ser erva,) e a vai encaixando por sua: outro furta huma obrasinha, muda-lhe os pés para a cabeça, e como ella vai com o corpo todo, ei-la ahi vai! deixa-la ir, que eu não lhe pego: outro vomita quatro palavras em máo portuguez (assim como nós) e fica tão inchado, que parece um hidropico de eloquencia, e vai passando-as a dinheiro! deixa-las passar: vão estes amigos, vem outra

obra pela prôa, dão-lhe caça, e querem mette-la a pique, receando falta de venda á sua, sem primeiro indagarem se a nova póde passar, se he menos má, que engano! se he má, melhor para a sua; se he boa ainda melhor, que não ha tanto quem a entenda, e menos quem a compre [...] (p. vii-viii).

Com que, Senhores, quem faz obras más, não tenha medo por isso, nem lhe importe as que sahem: sahe hum com hum piolho que ferra nas cabeças; sahe o outro com hum carrapato, que se agarra á carne: eu hei de gostar de ver e não hei de ir esmaga-lo; até mesmo **se me morder de leve, hei de rir, e se me emendar algum vicio hei de chorar pelo não ter emendado antes, que ele mo annunciasse**⁷³.

Com que, Senhores criticos de alcunha, e deste genero, deixem sahir o que sahe, olhem para a rua dos algibebes, e vejão que estão huns ao pé dos outros, e todos dão sahida á fazenda, o caso está em que a obra seja do trinque, que **não mettão obras velhas por novas, que isso tambem não se atura, a gente não he cega, nem tola**.

[...] ás avessas dos Escriitores e Traductores sábios e hábeis, de que ha bastantes no Reino, e que certamente dizem, a obra que vos dou he minha, se vós bons criticos tendes que emendar, emendai-a, e eu vos fico agradecido (p. ix-x).

As maximas⁷⁴ de Rochefoucault⁷⁵ e os caracteres⁷⁶ de La Bruyere são obras preciosas; o primeiro grande observador, e conhecedor do coração humano, satirisou com firmeza, fazendo a satira dos cortezaões, o segundo pintor habil dos costumes, forçou os originaes a envergonharem-se, e a corrigirem-se: com que **se he certo haver defeitos, que mal faço eu em contar esses defeitos**.

[...] Eu pinto hum homem com defeitos, mas eu não sei, quem he este homem, conheço-lhe o vicio, mas não sei aonde elle he morador: **se apparece esse homem, e grita, que eu fallei delle, a culpa he sua porque se deu a conhecer [...]**. Se eu chamar algum destes e lhe disser: vá-se v. m. botar no mar, elle ha de ir? não: e supponhamos nós que vai, não se perdeu nada, que era hum tolo, porque foi.

Senhores criticos, que vv. mm. censurem a obra, quanto ao que he meu, concedo; quanto ao objecto, nego [...]. **Eu fallo verdade, e esta nunca precisou de enfeite**. O Livro dos costumes he hum tratado completo. Traçar o triste retrato da sorte da humanidade, para marcar as differentes épocas, que a politica faz na felicidade pública, he hum serviço, que eu faço á minha Patria. Este genero de historia, ainda que

⁷³ Na edição de 1854, p. ix: «denunciasse».

⁷⁴ Na edição de 1854, p. x: «Maximas».

⁷⁵ *Ibidem*: «La Rochefoucault».

⁷⁶ *Ibidem*: «Caracteres».

não sirva para os presentes, porque a sabem, instruirá os vindouros dos costumes dos seculos passados; e fallos-ha conhecer o que poderá ser, pela experiencia do que tem sido.

Eu poderia inventar huma novella (talvez) cheia de beleza e lances; mas que se tira de hum livro, que nos conta huma viagem pueril, aonde a verdade he sacrificada ao maravilhoso, e o util ao agradavel?

[...] eu vou por caminho mais sólido: os genios mediocres não se apartam nunca das estradas; eu o sou, eu sou muito pouca cousa; se me tiro do caminho direito perco-me, nada de atalhos: **verdades he o que escrevo, costumes he quanto pinto** [...] (p. xi-xv).

[...] segui este estilo para ver se me liam, e oxalá, que nunca tivessem passado por mim muitas práticas do que escrevo! Quantas, e quantas vezes, desviando-me de hum erro, vou cahir em dous! [...] por isso, quem ler nos costumes do tempo os vicios do seu próximo, deve ter a cautela de olha-los com indulgencia [...].

Com que he preciso bastante cautella, e caridade ao ler os vicios dos outros homens, e fazer differença delles, huns não merecem desculpa, outros merecem piedade.

Tornemos á crítica: eu não era bom para critico, porque tenho hum defeito, tudo quanto leio dos outros parece-me melhor do que o que eu faço, e do que he meu (p. xvi-xviii).

Pope diz em hum dos seus pensamentos: Logo que vós examinais hum Author, olhai primeiro que tudo, qual foi o seu fim, porque **vós não deveis exigir do escrito mais do que o Author lhe quis metter**. O meu fim está visto qual foi, se houver outro, que o escreva melhor do que eu (que não precisará muito) eu me calarei. [...] **eu vou escrevendo os vicios do tempo, mas talvez sem methodo, sem ordem, e em máo portuguez; se vier outro que aperfeiçõe, eu sempre serei lembrado como inventor**, ainda que pouco intelligente: a arte de navegar está hoje bastante perfeita, os nomes dos que a inventarão cheia de erros, anda á ilharga dos que a corrigirão.

Eu faço as minhas carapuças, se as côres não são de boa escolha, não he culpa minha, não tenho melhor gosto, he quanto posso: Apelles respondeo a hum artista, que lhe mostrou huma Venus adornada com ricos vestidos, e que de hum ar contente lhe pedio que lhe dissesse o que pensava della: eu vejo, que não podendo fazer tua Venus bella, a fizestes⁷⁷ rica: ás avessas eu, não posso enriquecer as minhas

⁷⁷ Na edição de 1854, p. xvii: «fizeste».

carapuças, mas são bem talhadas: Tenho boa tisoura, mas não coso bem, e **a minha obra verdade seja he mais de descoser.**

Basta de prégação vamos a concluir: a obra não tem hido mal, e **eu estou muito obrigado ao Público, porque a vai comprando, a pezar dos poucos annuncios, que della se tem dado**, e da pouca diligencia para a sua extracção, **e os assignantes serem-no de sua livre vontade**, e para que fiquem mais certos, que se não querem illudir, daqui por diante basta que dem os seus nomes, e que mandem buscar o folheto pelo competente preço dos assignantes; he quanto basta, e he quanto

Vale (p. xx-xxi).

CARAPUÇA XXXIX

Huma **formosa menina** dotada de todas as perfeições da natureza, e acompanhada da mais bella educação, unindo a isto tudo, o mais excellente coração [...] Ella era formosa sem se olhar, e discreta sem se ouvir, era cheia de virtude, e o fundo da sua alma o mais sublime; tinha muito pouca idade; mas estava inteirada dos seus deveres [...] e lembra-me que logo na primeira noite depois de recolhida ao seu quarto [...] tirou de um papel, que leo [...] ‘peço-te hum só momento de poder estar comtigo, e tu ingrata não mo concedes!’ Basta: disse ela, rasgando o papel; eis-aqui em que funda este amante a sua felicidade, diz que me ama, e quer roubar-me a virtude que me adorna, sendo esta a unica causa por que devo ser amada; como os homens estão depravados! Nós infelizes mulheres devemos ter por guia a religião, e vós, monstros, o prazer, e o interesse! Não ingrato tu não me amas, se tu me amasses tu não quizeras, que eu fizesse huma acção contra o meu decoro [...]

Então esta ajuisada, e galante menina se levantou furiosa [...] sentou-se, e escreveo estas poucas palavras [...] ‘eu já te disse, que te amava, assaz fiz bastante: se tu me amasses outro tanto, com quem tinhas agora que fallar era com meus Pais [...] porque eu jámais fugirei da sua obediência [...]’. Acabou de escrever, abriu huma janella, atirou com o escrito ao amante, que debaixo esperava a hora do colloquio, e por mais que lhe pedio com mil carinhos que se demorasse hum só instante, ella lhe não ouviu huma só palavra, fechou outra vez a janella, e deitou-se a dormir com aquelle socego, que só tem o que dorme sem crimes.

Eu estava como fóra de mim, vendo hum tal procedimento, cheguei a dar dous passos para me enganar se dormia, ou estava acordado, isto he possivel, dizia eu a

mim mesmo, isto he caso novo! Huma rapariga de tão pouca idade, e neste seculo ter valor para responder assim a hum rapaz, e a hum rapaz que ama, ah! que se fosse igual a educação, e o character nas raparigas, quanto ellas não seriam mais felizes, não haveria tanto celibatario, e as nações seriam mais populosas, e mais sadias, e eu teria mais cabeças e melhor sangue para meu sustento: os homens não fariam tão pouco caso das mulheres (p. 4-11).

[...] Lembra-me hum célebre caso que succedeo a hum piolho meu amigo, que namorava uma lendea, que morava no alto da cabeça de huma adéla, e lhe pedia, que em sendo meia noite lhe viesse dar huma palavra atraz da orelha esquerda, que era onde elle assistia; a lendea nunca cahio no opio, até que por fim casarão [...] foi dizer o piolho á lendea: olha minha amiga fizeste bem em não condescender com o que eu te pedia em vires fallar-me fora de horas, eu queria-te experimentar, mas se tu o fizesses, eu não estava agora casado comtigo. A lendea lhe respondeo com toda a sinceridade: olha não cahisse eu! não, que eu já estava escaldada. O piolho ficou tão triste, e tão envergonhado da resposta, que essa mesma noite desapareceo, e a mulher dalli a dias foi procurar sua vida, e disserão-me que se pôz a vender coves⁷⁸. Ah raparigas, raparigas, tomai juiso, sereis mais felizes, sereis mais respeitadas, e não ficareis tantas para Tias (p. 12-14).

CARAPUÇA XL

A **criadinha** era huma cabecinha e mais alguma coisa, tinha sete = CC = criada, coxa, chamava-se Clara, era clara de pelle, caridosa, casadoura, e tinha huma cara de pascoa; a criadinha valia hum Reino, até sabia assobiar, que lhe tinha ensinado hum que alugava seges; no tempo que trazia cinco ao socairo: hum moço de casa, hum moço de rua, hum visinho que contratava em aparas, hum primo traste, que nunca falta a estas minhas Senhoras, e hum a quem ella era mais agarrada que negociava em cousas alheias. Ella tinha⁷⁹ todas as prendas de huma boa criada; escutava, era lambareira, golosa, bebia o primeiro caldo da panela, mentia sempre: resto de vinho era seu, se achava algum dinheiro por cima de alguma cousa⁸⁰, não punha escritos pelas esquinas: vestia a roupa das amas quando sahia fóra, tinha a sua pobresinha de todos os sabbados, a quem dava a sua esmóla, do que era seo, a qual tambem servia de lhe levar algumas

⁷⁸ Na edição de 1854, p. 10: «couves».

⁷⁹ Na edição de 1854, p. 14: «Tinha ella».

⁸⁰ *Ibidem*: «mesa».

cousas, e de lhe trazer outras: tinha huma amiga, que lhe lia as cartas, e lhas respondia, que ella tinha a desgraça de não saber ler, nem escrever [...] se pilhava alguém de fóra, dizia mal dos de casa, aos de casa dizia mal dos de fóra, sempre andava cahindo com fome, e dizia que a ama era humas unhas da dita: na sua bocca ninguem havia bom [...]

Eis aqui os costumes da minha bella criada [...] ainda eu lhe não fallei das prendas; porque ella não sabia fazer meia; cozia mal, queimava tudo, que engomava; botava a perder o comer; mas para isso ganhava só cinco moedas e meia, coitadinha! e sendo assim aturavão-na, por que não achavão outra; porque então havia falta deste genero, e lá na Asia todos querem ser servidos, por isso não ha quem sirva [...] (p. 18-25).

CARAPUÇA XLI

Agora tenho para peras, para descrever a balburdia da casa desta nova cabeça; hum Náo em temporal não tem tanta agitação: hum dos negociantes grossos não tem tanto em que cuidar [...]. A cabeça em que eu estava, teria os seus sessenta anos, e tinha mais de sessenta mil crimes. [...] Todo o dia empregava em levar humas a casa deste e daquelle e hir buscar outras a casa daquelle e deste [...] o negocio desta mulher consistia em que o genero passasse a muitas mãos; **havia criada que em oito dias tinha estado em doze casas, e ella de cada huma tinha recebido o seu cruzado novo pela corretajem** (p. 28-30).

[...] e tinha huma labia, que podia andar pedindo para a caridade. Ora outra cousa, os conselhos que dava em casa não erão os mesmos para fóra [...]: olha agora vás⁸¹ para esta casa, não sejas tola, não estejas lá muitos dias: se não houver cousa que faça conta, ou de que tires algum proveito, põe-te ao fresco: ao menos em quanto a gente anda de casa em casa, trabalha menos, e come melhor [...] nada de matar com trabalho, cada um trabalha o que póde; he bom logo po-los em bom costume: nada de amassar, que amassem elles mais quem os embalou [...] oh não te esqueça tambem tomar sentido nos costumes das casas, **conhecer-lhe a vida a fundo**, que isto ás vezes, não parecendo nada, deixa mais que dez annos de serviço, olha lá a Brigida que por tomar o meu conselho sabia aonde o amo escondia os contrabandos, foi denuncia-lo e ganhou alguns duzentos e tantos mil réis honradamente; **bom he saber dos podres alheios**.

⁸¹ Na edição de 1854, p. 22: «vais».

[...] ha cousa que divirta mais, quando a gente se ajunta com as suas companheiras, que ter, e saber que dizer das casas, donde sahio? que o amo era velhaco, que a ama lhe fazia os seus gualdiperios⁸², que os filhos erão ladrões, que alli o que havia bom, apenas erão as criadas, isto he que consola, e he o que distingue humas das outras (p. 30-34).

Esta boa mestra depois de ter ensinado assim huma criada, sahia com ella para a levar a huma casa para onde tinha a encommenda, e depois de ter recebido o cruzio, punha-se-lhe a dar conselhos por outro methodo, e vinha a ser: Ora filha, já que acertastes em tão boa casa conserva-te [...] emfim criada que lhe cahia em casa era ovelha que sahia tosquiada a morrer com frio: muitas já tinham zanga com ella mas não tinham outro remedio: ella era huma mulher bem estabelecida neste negocio, tinha muito conhecimento, e era tão procurada como se fosse huma pessoa de muita dependencia (p. 34-41).

CARAPUÇA XLII⁸³

Hum officio, ou arte, que se aprende por principios, exercita-la por curiosidade, he cousa linda; e o mais he que **muita gente morreo por ter a curiosidade de se curar com este curioso**: tinha cento e tantos livros em manuscrito de remedios caseiros (p. 43).

[...] huma vez lhe ouvi eu dizer este barbarismo, disputando com outro: sim, senhor, eu lhe mostro como curo malignas, e como os outros as curam. Vem hum Medico chamado para huma doença destas, chega, toma o pulso, manda botar a lingua fóra, põe os olhos no teto, faz duas caretas, pede papel = Recipe Tartaro para limpar o estomago causa primaria de todas as molestias = cousa que entre si se contradiz, se houver hum que não coma, ninguem poderá ter o estomago mais limpo: mas ele morre de fome, e a fome he huma grande maligna. Vai o doente a peor, cataplasmas, dieta, quina, causticos, etc. pergunta o interessado na melhora então que me diz Senhor Doutor, que tal vai o nosso doente? ao que este responde em ar de oraculo: veremos, tenho esgotado a medicina, agora a natureza he quem ha de decidir. Eis aqui como cura hum medico; e eu, que faço ponho-o logo de dieta; e sem mais mexurufadas⁸⁴ faço-lhe

⁸² Na edição de 1854, p. 25: «gualdriperios».

⁸³ Na edição de 1803, p. 43, vem numerada erradamente LXII. O erro persiste na carapuça seguinte. A numeração correcta é retomada na XLIV.

⁸⁴ Na edição de 1854, p. 37: «moxinifadas».

logo no principio o que ele fez no fim, deixo á natureza o que he della: não a ajudo, porque não conheço por que banda ella precisa⁸⁵ de amparo; nem me oponho, porque como não sei do que ella gosta, deixo-a ir á sua vontade: ella que verdadeiramente he sábia, não tendo quem a contradiga, faz tudo perfeito; e assim o doente escapa sem o affligir, e se morre, morre com menos dôr porque a natureza menos agitada pelas drogas, que a estróem, (pois a natureza não gosta do que para nada presta) faz as suas funções, levando á morte o que ella com a sua força já não pode sustentar, e ao que forças humanas não se pódem oppôr.

Assim fallava este tunica, de que todos se rião muito; mas eu como nunca entendi de medicina não sabia para qual dos methods me devia encostar, e nós cá os piolhos como somos pobres, nunca chamamos medicos para as nossas molestias, cada hum cura-se conforme póde, o caso está em curar a grande, e má molestia de pobre que mata lentamente; e **o mais a que eu acho graça, he perguntar muita gente de que morreu fulano? Se elle he pobre, ha mais que perguntar: morreo de fome.**

Hum piolho conheci eu muito galante, e de quem eu era muito amigo, elle he que não era tanto meu; porque o tal era mais rico do que eu, e **pobre com rico não faz muito boa liga** (p. 50-53).

CARAPUÇA XLIII

Não cheguei a estar hum mez nesta cabeça, tanto que lhe sube⁸⁶ os segredos mudei logo de casa [...]. O **Dentista** era novo, havia chegado de pouco tempo: apenas chegámos a casa, veio logo a mulher dar-lhe parte de que já lá tinham hum cão morto muito bom; eu fiquei admirado do presente, que lhe annunciavão; mas soube depois pelo que vi, que era para lhe sacar os dentes para os ir enfiando para pôr na janella; porque estes amigos não se canção em trazer dentes de humas para outras terras, nada; apenas chegam vão sacando os dentes aos cães, e a algum burrinho pequeno, e a alguns animaes que melhor se pareçam⁸⁷; e em mudando de terra não levão nada alheio, tornão a deixar os ossinhos, e as dores, e apenas levão o dinheiro. [...]

O tal amigo tambem fazia pós para alimpar⁸⁸ os dentes, e tinha hum criado, que sem pós nem nada limpava as algibeiras aos freguezes, que era hum gosto ver a

⁸⁵ *Ibidem*: «precisa».

⁸⁶ Na edição de 1854, p. 42: «soube».

⁸⁷ Na edição de 1854, p. 43: «ou a outro qualquer animal que melhor lhes pareça».

⁸⁸ *Ibidem*: «preparava pós para limpar».

maravilha do remedio: o amo fazia os pós de madre-perola, que ficavão tão claros, que parecião brancos; em lugar de madre-perola fazia-os de cascas de mexilhões de Aveiro, que são excellentes para isso, ou da pederneira em pó, que fazem o mesmo effeito.

O tal dentista era pessoa de bem, tinha fugido por travessuras que tinha feito na terra sendo huma dellas, ter sacado cinco dentes a um sujeito com huma pedrada (p. 58-61).

[...] appareceu huma moça que queria tirar hum dente e logo disse, eu quero que v. m. antes de me tirar o dente me faça escarne dele [...] o pobre homem, que era estrangeiro e não entendia bem a lingoa, poz-se a olhar para ella, porque não sabia o que era fazer escarne do dente, **a moça que o vio assim em ar de quem queria rir, logo lhe perguntou se aquillo he que era fazer escarne, que se assim era não doia muito; até que houve allí hum que lhe disse, que a senhora o que queria era o dente escarnado**, ou para melhor dizer a gengive, e não escarne do dente, que não merecia que lhe fizessem essa afronta [...] (p. 70-71).

[...] foi huma desgraça em huma feira que não posso deixar de contar, pois que a pezar de ser desgraça teve graça, e he o caso: em huma das feiras notaveis do Reino foi elle a ella exercitar o seu officio (que já vv. mm. tem visto, e ouvido quanto elle era destro nelle) e mostrar a sua grande ligeireza, para por este meio se fazer mais célebre, e conhecido; vio passar por pé de si um pobre homem, que logo lhe conheceo na cara, que não tinha dinheiro, mas que tinha vontade de o ter, propoz-lhe este negocio: quer v. m. ganhar deseseis tostões!⁸⁹ o homem que lhe pareceo vir aquelle dinheiro do Ceo, disse-lhe que sim, e que estava muito prompto para o que lhe mandasse: pois ha de vossemecê fazer huma pequena cousa, que vem a ser, em eu me apresentando na feira em cima da minha banca, depois de ter acabado a minha operação dental, ha de v. m. chegar-se a mim e pedir-me com huma cara de piedade e quasi chorando, que lhe tire hum dente, que não o deixa comer, nem dormir ha tantos dias, e que lhe dizem os dentistas, que he hum dente muito difficil de tirar, por ser o que fica logo debaixo do olho esquerdo! eu então arregaço-me vou-lhe á bocca, finjo que lhe tiro o dente, que hei de mostrar ao público, v. m. ha de então fingir, que me quer beijar os pés, e dar-me os agradecimentos com as lagrimas nos olhos, para o que aqui tem v. m. já oito tostões, e depois de acabada a farça, será embolçado do resto (p. 72-75).

⁸⁹ Na edição de 1854, p. 53: «?»

[...] mas a desgraça quiz, que em quanto o dentista immestrava o discipulo no engano, huns tunantes da terra, gente de bom gosto, e muito liberaes em dar huma roda de páo, quando era preciso, estiverão ouvindo de huma janela toda a perlenga, e apenas os dous se tinham destacado; saltarão-me no dentista, e disserão-lhe: nós estivemos ouvindo tudo o que v. m. disse áquelle pobre homem, nós já o não largamos mais, v. m. vá para a feira, e vá fazer tudo que ajustou, mas só com a differença, que não ha de fingir o tirar-lhe o dente, ha de tirar-lho de veras, nós lá havemos de estar á sua ilharga, e fique certo, que se lho não tira de veras, que v. m. leva huma redonda sova de páo, para o que aqui tem v. m. a amostra, e derão-lhe duas pauladas menos más.

[...] chegou o miseravel ajustado para o divertimento, que acabou em tragicomedia, porque o dente veio á luz; o estrangeiro olhou para as bandas; vio os amigos que lhe tinham promettido o premio, e que já lhe tinham dado signal se elle não tirasse o dente, e com os olhos lhe confirmarão a promessa, não houve outro remedio, botou-se ao homem, e em hum abrir, e fechar de olhos sacou-lhe o primeiro dente em que poz as mãos. Agora ouvireis: tanto que o homem se vio sem o dente, e a bocca toda ensanguentada, clamou contra o dentista, praguejou-o, descompo-lo, contou ao povo todo o caso, que logo, sem a minima demora, saltou a apupar o professor, que sahio dallí em papos de aranha, e nesse mesmo dia deo comsigo em seis legoas de distância, tão suado e medroso, que eu tinha dó dele [...] (p. 75-77).

Aqui nos demoramos algum tempo, e houve bastante que fazer, ainda se sacarão cento e tantos dentes; mas tambem saímos com pressa do sitio, porque o ultimo dente que tirou veio hum bocado de queixo com elle, supponho que era amizade que lhe tinha, ou parentesco; mas a culpa poz-se a quem o tinha tirado: a corda sempre quebra pelo mais fraco, e antes que tambem nos quebrassem os queixos, pozemo-nos ao fresco [...] até que quiz a sôrte, que apparecesse hum seu patricio, e accommodou-se connosco; mas como não sabia tirar dentes, applicou-se a tirar outras cousas: comprou humas poucas de estampas, fez huma caixa, aonde as metteo, poz-lhe seus vidros, e chamava-lhe *tote le munde*⁹⁰, e determinou-se com este trem a ir procurar fortuna [...] (p. 77-79).

CARAPUÇA XLIV

A minha nova morada he huma cabeça interessante, porque em fim he huma cabeça, que **trazia todo o mundo á cabeça**, e elle era senhor de todo o mundo [...] o

⁹⁰ Na edição de 1854, p. 58: «*tutto il mondo*».

negocio he dos melhores, que eu conheço, ninguem o vê senão com hum olho, só o dono o póde ver com dous, além disso tem muito pouco que aprender, porque ninguem repara no que ele falla [...] chegou a huma rua, pôz a ratoeira no chão, armou-a, foram chegando os ratos, pozerão o olho á mira, e elle entrou com huma falla em duas lingoas, puxando por um cordel, e ao mesmo tempo a dizer: agora se vê a grande Cidade de Marrocos com todos os seus edificios [...] cahia o panno abaixo, ficavão os expectadores a coçar o olho, que tinha estado fechado, e com dez réis de menos, sem lhe lembrar nada do que tinhão acabado de vêr: e então, que tal he o negócio! ganhar com cem cinco, faz qualquer tolo, agora ganhar com cinco cem, isto he reservado para outra qualidade de caximonias (p. 81-83).

[...] tomou hum caixeiro para lhe andar com a loja [...] e no fim de outro anno já tinha hum rosinante, em que andava aos domingos, e já fallava, que queria comprar hum Navio: o certo he que elle trespassou a loja a hum parente que lhe veio da terra, e que tinha chegado com o mesmo cabedal que elle trouxe: depois começou a contratar em ferro, no que adquiriu muito ouro: he célebre cousa, que a huns torna-se-lhe o ferro em ouro, e a outros o ouro em ferro [...] eu não sou basofio, não chego lá, confesso a inópia! ultimamente pôs a sua sege, e entrou a dizer que se queria ir embóra, que não se podia aturar similhante terra, que passava mal de saude, que tinha sido um asno por ter sahido da sua; mas eu que o conhecia ao tempo dos dez réis, cada vez que lhe ouvia dizer tal , fincava-lhe uma mordidela, que por minha vontade, se eu pudesse, sacava-lhe o sangue todo, só para o restituir aos donos (p. 84-85)

[...] comprou então hum navio para carregar por sua conta, poz-se ao fresco, dizendo sempre muito mal da terra [...] porém de constipações estava livre o dinheiro do meu patrão pois estava⁹¹ em hum contínuo suadouro pelo abafo, em que sempre estava, e huma boa parte do dinheiro já estava expatriado; mas elle tinha tido o cuidado de o mandar naturalizar na sua terra (p. 86-87).

CARAPUÇA XLV

O amigo, tote le munde⁹² roeo a corda ao **Mestre da espada** [...] mandou-o chamar [...] e disse-lhe estas razões: meu rico patricio, amigo, e quasi parente, eu não teria incómodo algum em lhe dar tres, ou quatro mil cruzados para principio do seu

⁹¹ Na edição de 1854, p. 63: «conservava-o».

⁹² Na edição de 1854, p. 64: «*tutto il mondo*».

estabelecimento; pois quem se recolhe á sua patria com o melhor de trezentos, nenhuma differença lhe faria tão pouca cousa, mas como sou verdadeiramente seu amigo, tenho resolvido não só a não lhe dar nada, mas até mesmo não o recommendar a ninguem por não fazer a sua infelicidade, porque v. m. não sabe o que he a gente fiar-se em dinheiro, ou em protecções, não faz caso de mais nada, descança, e por fim, nada adquirir; ás avessas daquelle que se vê sem meios alguns de subsistir, por que não dorme a excogita-los até acertar [...] além de tudo isto, v. m. está em huma bella terra, porque aqui ha muita perguiça⁹³, e por consequencia muito pouca industria, não se olha mesmo para o necessario, por isso morre muita gente de fome, que podia morrer de fartura, se usassem dos braços que Deos lhes poz no corpo, que bem se deixa vêr que forão para trabalhar, e em vez de com elles abrirem a terra para lhe dar o sustento, pizão-na com os pés, e deitão-se em cima della até que ella cançada de os soffrer, os cobre (p. 89-91).

CARAPUÇA XLVI

Fui para a cabeça deste homem julgando muito mal delle, mas ás duas por tres, mudei de conceito: elle era casado, tinha seis filhos, sustentava treze pessoas, tomava tabaco, bebia a sua gota de vinho, e devia bastante; mas eu tomára que me dissessem quem com doze pessoas ou mais, e um par de demandas a nutrir, não ha de dever os cabellos! pois sou obrigado a dizer era hum homem, que merecia dó, olhadas bem as suas circumstancias: os credores por mais desculpas que elle lhes desse, tomavão tudo por peta. Ora sêde lá Juiz com estes freguezes!

O homem parecia-me ás vezes como hum grão de milho rodeado de formigas a puxarem por elle, assim estava elle com os credores [...] ora vamos nós agora analisar o credor, o qual era hum homem, que passava por muito honrado, e verdadeiro, a quem o **caloteiro** devia trinta moedas, mas a quem este mesmo caloteiro tinha feito ganhar pelas suas mãos em varios negocios, e em menos de tres annos o melhor de setecentos mil réis; e o bom e verdadeiro homem sem reconhecimento nenhum a isto, affligia aquelle mesmo homem, que lhe tinha dado a ganhar muito e muito mais; mas como o credor gritava contra elle, e o devedor se calava pedindo espera, todos lhe chamavão velhaco sem indagar mais circumstancia nenhuma, que isto tem o mundo, se se diz Fulano he máo, todos o approvão, se se diz que he bom, ha muito quem o duvide (p. 101-104).

⁹³ Na edição de 1854, p. 66: «preguiça».

[...] algumas das remessas falirão da boa correspondencia, [104-105] que se esperava; porque se os homens estão presentemente enganando huns aos outros de cara a cara, que fará em estando distantes; por consequencia foi o pobre velhaco pagando aos poucos o que não comeo nem bebeo; quando podia dizer muito bem que não queria pagar, porque não era divida, nem fazenda de Lei, e quem perdeo perdeo, apesar de tudo confessava-a, e pedia espera, mas o credor gritava por toda a parte, que fulano era hum velhaco, que lhe devia tantos e quantos, mas não contava as circumstancias da divida; e todos quantos o ouviam, dizem, he hum velhaco, que não tem alma, nem consciencia, tirando o sangue aos pobres.

Havia outro, a quem o meu velhaco tinha feito mil bens e mil presentes, mas como já não continuava, dizia mal delle com os outros, ainda que com effeito nada lhe devia: pois sou obrigado a dizer, que o fundo deste velhaco era o de hum homem verdadeiro [...] desabafando [...] a renda, que tenho, por ora mal chega para me sustentar; o alimento da familia he hum dos deveres mais sagrados, que tem o homem, eu ou hei de faltar a hum, ou a outro [...] pois então deixar fallar esses máos homens, que virá tempo em que os outros conheção, que eu não sou o que me chamão.

Como o mundo vai errado dizia eu (ainda que piolho) comigo: **quebra hum negociante de má fé, chamão-lhe menino: rouba outro trinta mil cruzados, chamão-lhe experto [...] hum pobre homem**, que he singelo, que não he capaz de negar o alheio, que não furta, que he capaz de valer a hum desgraçado [...] mas **como deve, como tem máos credores, como não póde pagar, fazem-lhe huma carta de nomes, que os amigos todos assignão, e se for preciso ir jurar para o porem na forca, vão como se fossem para uma função**; e então, que vai no mundo?⁹⁴ [...] hoje ninguem indaga nada, todos são papagaios, repetem. Fuão he santo, repetem he santo. Fuão he diabo, he diabo, e assim he que marcha tudo. Anda hum homem em seje, tem criados, dá os seus jantares, dá o seu chá, tem companhia de senhoras, he bom homem, e não se pergunta mais nada [...] outro dalli anda a pé, não dá nem agoa quente, jantares tomara-os elle para si, falla aos amigos sem mandar vir as senhoras para fazer companhia, e ei-lo ahi hum pedinte, hum tratante, hum caloteiro sem brio, nem vergonha: e então que tal vai o mundo, não vai humas natas? [...] Furta hum vinte mil cruzados, e o outro outros vinte, hum escapa, outro he apanhado, o apanhado he ladrão,

⁹⁴ Na edição de 1854, p. 77: «que tal vai o mundo».

o que fugio vivissimo e experto como hum azougue: e então que tal vai o mundo cá pela Asia? (p. 104-111).

[...] ora sabes o que te digo, que tu não és velhaco, és tolo: então porque te consomes tu, porque julgas que te chamão velhaco? [...] por melhor homem, que tu fosses, sempre havião de chamar alguma cousa: presentemente não ha senão dous divertimentos: jogar e dizer mal [...] tudo neste mundo he dividido em duas metades, dizem mal de ti tres⁹⁵, outros tres dirão bem, o principal objecto he que a tua consciência te não condemne, que dèssa he que hum homem se não póde livrar [...] deixa-te de tolices [...] vai bugiar, torna á tua alegria [...] sabes tu huma das cousas que se precisa neste mundo, he saber escolher os credores: o credor honrado pede a sua divida, mas não desacredita o seu devedor, o credor tratante até gosta, que lhe devão só para ter a dizer, deve-me fulano tanto, sicrano tanto, Beltrão isto, Bonifacio aquillo, e muitas vezes, não tem chegado o emprestimo a oito moedas por trinta pessoas (p. 114-116).

CARAPUÇA XLVII

Como o mundo vai errado! como os homens ainda estão nescios! elles não podem conhecer outro homem, e querem saber cousas, que ficão tanto acima delles: a fallarmos a verdade se a Barca dos tolos acarretar huma pequena parte dos que ha, grande trabalho receio ao seu constructor. Vive-se com hum homem toda a vida, julga-se hum virtuoso, e elle he hum vicioso sem limites: conhecer o coração do homem he a sciencia mais difficil: elle muitas vezes não se conhece a si mesmo [...] o nosso amor proprio sempre desculpa os nossos erros: o nosso amor proprio he a mãe do crime [...]. A mãe he a agasalhadora do crime do filho, desvia-o da justiça do pai [...] o amor proprio he igualmente como a mãe elle pinta-nos os vicios, enverniza-nos os defeitos, doura-nos os nossos erros, e quando o nosso máo comportamento nos conduz ao precipicio, chama-lhe desgraça e nunca nos diz que é culpa.

[...] Enfim, Senhores, tudo quanto eu tenho dito quer dizer, que o tal **homem verdadeiro**, em cuja cabeça estou, não he como dizem, mas sim verdadeiro velhaco; he hum velhaco malicioso e feroz (p. 118-121).

[...] fallava a todo o mundo [...] má palavra nunca a deo; na sua boca tudo era doce, ainda que do coração lhe viesse o azedo [...] pagava á risca tudo quanto ajustava,

⁹⁵ Na edição de 1854, p. 81: «tres sujeitos».

dava a sua esmola a pessoas da sua Freguezia, e dizia bem de todo o mundo! e quem diráque estye homem he máo? pois digo-o eu: este homem era hum homem muito rico, o seu dinheiro andava espalhado por toda a parte, os seus negocios ninguem os tinha immediatamente com elle, erão com os seus agentes; como tudo comprava a dinheiro, os mais necessitados erão as suas victimas: huma ocasião salvou hum sujeito de quebrar com trinta mil cruzados, por letras, que tinha a pagar, comprando-lhe a fazenda, que valia sessenta, por trinta [...] muitas vezes succedeo dar hum cruzado novo de esmola áquelle mesmo, que elle tinha chegado⁹⁶ ao estado de a pedir, e quem via dar de esmola um cruzado novo, louvava-lhe a caridade e a liberalidade, mas não conhecia o resto [...] e por amontoar ouro, não se lhe dava de amontoar desgraçados, e póde ser bom homem aquelle, que cheio do metal, daquelle metal, que por nossa desgraça é hoje o pão, o fecha em burras chapeadas de ferro, **sem lhe importar a macilenta fome, pintada no rosto do seu semelhante**, ou julgando que dando-lhe dez réis, tem preenchido os deveres da humanidade. Não, Senhores, **cá para mim este homem he o peor do mundo** (p. 122-125).

[...] e **que chamaremos a hum, que acarreta ouro, ou para melhor dizer, fecha o pão, e deixa-o endurecer em quanto os outros morrem de fome?** Pois he velhaco aquelle, que deve dez, e não paga, e não he velhaco aquelle, que guarda cem, duzentos, mil, trinta mil, (que os valha trinta mil) e não os dá a quem os precisa [...] aquelle, que ajunta mais do que deve, e que tendo já o estabelecimento de seus filhos, **só o ouro he o seu Deos**, não só he velhaco, he [...]. Eis-aqui as circumstancias em que estava o meu verdadeiro: elle não devia nada ao seu proximo, mas roubava o seu proximo, não lhe ficando devendo nada: elle amava o seu proximo, mas elle deixava morrer o seu proximo de fome; e em quanto a sua burra prenhe de ouro vergava sobre os seus sobrados, os estomagos dos seus visinhos estavam vazios de alimento; porque **he a regra quasi geral: aonde mora hum muito rico serem pobres todos, que o cercão**; porque como he arvore maior, chuxa⁹⁷ todos os succos da terra. **O rico, bem comparado, he como o Tubarão**, sempre traz comsigo Romeiros, e Apegadores.

[...] vamos agora ás suas esmolos; não se compadecia dos velhos, dos moços he que tinha mais dó; se huma mãi carregada de annos e trabalhos se chegava a elle, dava-lhe os seus dez réis, mas se esta mesma mãi era acompanhada de huma filha na flor da

⁹⁶ Na edição de 1854, p. 88: «feito chegar».

⁹⁷ Na edição de 1854, p. 90: «chupa».

idade, a sua caridade estendia-se a mais: basta, não fallemos deste verdadeiro [...] (pp. 126-129).

CARAPUÇA XLVIII

[...] o meu **estalajadeiro** [...] perguntou o que havia de cear, ao que a mulher lhe disse: que nada tinha capaz de lhe dar, por quanto ella já o tinha feito⁹⁸ mais a familia; que os ovos que havia todos erão chocos; que a carne era de hum burrinho pequeno, que tinha morrido; que sim havia hum pouco de peixe frito, mas que bem sabia elle, que era frito em azeite de peixe, e que tinha medo de lho dar, não lhe fizesse mal ao estomago; que o melhor, que tinha, era hum gato de mólho de vilão, mas já havia cinco dias que estava feito: ao tempo que a mulher dizia estas ultimas palavras, sentio-se hum estalo, assim de modo de quem fechava huma porta, ao que o marido disse muito contente: aquillo foi rato, que cahio na ratoeira, vão ver se he, e se fôr, vai-mo assar em hum bocadinho de manteiga, com huma canada de vinho está a ceia feita (p. 133-135).

[...] em quanto ceava, perguntou o marido á mulher se tinha havido algum ganho dos extraordinarios na casa, ao que ella lhe respondeo, que sim: que a Marioleta (que era huma das filhas) tinha furtado huma espora de prata a hum passageiro, que ficára alli a noite passada, e poz a culpa a hum criado, que trazia consigo, no qual tinha dado meia duzia de bofetões, e que quanto mais o criado se esconjurava, mais o amo lhe dava de enraivecido. A Catharina em hum troco (isto era a outra filha) furtou dezoito vintens, eu a todos os que comêrão pedi o dobro do valor [...] por ora he o que ha, mas esperâmos ámanhã huma boa remessa, porque esteve aqui hum passeiro⁹⁹, que levava a bolça bem provida, nós avisámos o teu amigo Capitão, que lá foi atraz delle, mais os seus companheiros pedir-lhe para a borracha, e creio, que o homem lhe dará tudo [...] e o nosso Compadre Thomás não he para lhe acceitar menos, nem os seus companheiros são para estas graças [...] e como nós temos o terço desta negociação, sempre nos cahirá pelas minhas contas as nossas dez moedas. [...]

Eu estava admirado de ouvir tal, e dizia comigo, pois he crível que huma casa, que se inventou para cómodo dos viajantes, para bem do público, seja desta qualidade (p. 135-138).

⁹⁸ Na edição de 1854, p. 94: «já tinha ceado».

⁹⁹ Na edição de 1854, p. 96: «passageiro».

[...] Dahi a bocado chegou o tal capitão de ladrões que tinha hido receber aquelle dinheiro, em que a mulher tinha fallado ao marido logo que elle chegou; com effeito trazia a terça parte do adquirido, houve almoço e bebedeira, sem esta segunda, poucas ou nenhuma vez se passava; alli se contáram varias fortunas, que tinha havido daquelle mesmo genero, que não conto por não ser muito fastidioso, não porque não sejam interessantes, mas são hum pouco tristes, e não me parecem proprias em huma Obra que o meu¹⁰⁰ fim he divertir instruindo, e não instruir com afflicções (p. 144-145).

CARAPUÇA XLIX

Este **chefe de ladrões** era hum homem alto, membrudo, muito bem parecido, huma fisionomia, que estava dizendo = bondade = e que certamente ninguem pela cara diria o officio, que exercitava: nem sempre pela cara se conhece quem tem lombrigas. [...] erão vinte companheiros com elle, todos de dar e levar, vivião huma legoa distantes dalli, em hum subterraneo, qual nos pinta Gil Blas¹⁰¹ na sua cóva (p. 146-148).

Elle era hum homem intelligente no seu officio, esforçado, liberal, agasalhador dos seus socios, e na verdade era pena, que não exercitasse o valor, que tinha, a beneficio do Estado; porque o que tinha de máo sendo ladrão, trocado em soldado, seria maravilhoso; vejão como huma pequena mudança faz mudar as cousas, sem tirar a essencia ás mesmas, porque este não precisava mudar de costumes, bastava só que seguisse os que tinha, contra os inimigos da pátria, mas elle pensava de outra fórma, e dizia, que todos os que tinham dinheiro erão seus inimigos capitaes, e que havião de escolher huma de duas, ou dar-lhe a vida, ou o dinheiro; e achava tolos, que quasi sempre lhe davão o segundo, ainda que alguns davão huma e outra. O que mais me admirava era ver como este homem dormia a sono solto sobre hum colção de crimes e homecidios (p. 149-150).

[...] elle rarissimas vezes puxava pela espada, ou atirava tiro [...] não senhores, quasi sempre roubava com o chapéo na mão, e com elle na mão se despedia daquelles, a que muitas vezes nem deixava o chapéo: eu vendo este modo, dizia comigo: valha-me Deus, **este maroto rouba nas estradas como se rouba nas Cortes**, que he com o chapéo na mão, com muitas cortezas, e varios rodeios mais, que não os digo por não ser importuno, ainda que são muito sabidos, e até quasi de ninguem ignorados, porque mais

¹⁰⁰ Na edição de 1854, p. 103: «cujo».

¹⁰¹ Na edição de 1854, p. 105: «Braz».

ou menos tem passado por todos: huns pela activa, outros pela passiva. Tambem se encontrava pobres passageiros, e que nada levavão dava-lhe a sua esmola, e eu clamava outra vez comigo = justamente he como se faz nas Cortes, que furtão os carneiros, e dão os pés pelo amor de Deos: está célebre ladrão! **furta com toda a caridade!** (p. 151-152).

[...] Quem vinha algumas vezes jantar connosco, era o estalajadeiro que tambem era socio no negocio, intitulavão-se¹⁰² = Estalajadeiro, Ladrão, e Companhia, &. (p. 152-153).

[...] Huma occasião apanhárão hum homem de cabello curto, que roubárão, que lhe achei graça, e razão; o tal vinha a cavalo em hum macho, trazia huma mala com cinco mil cruzados, que tinha furtado em huma feira, segundo elle confessou depois, a hum corretor, cujo corretor tambem os tinha furtado a outro em hum negocio, que tiverão, o qual lhos negára depois, e o qual tambem os tinha furtado a hum, cujo hum os tinha furtado a outro, mas esta historia vem mais detraz, por isso me não metto com ella, basta que fiquem sabendo, que os cinco mil cruzados, quando chegárão á mão do capitão já vinhão em quinta mão, e sempre furtados, isto he o que nós sabemos, que sabe Deos se a geanalogia¹⁰³ do furto era mais antiga (p. 154-155).

[...] **Isto de ter muito dinheiro, indagada bem a geração do mesmo, quasi sempre vem por bastardia**, mas dá com bons Pais, porque todos tratão da sua legitimação, e dizem que estes filhos são muito affortunados, e não há dúvida que he assim, porque huma das cousas que eu conheço mais feliz he o dinheiro, ainda que muitos dizem que he inferno, historia! no inferno não póde haver nada bonito, e o dinheiro he cousa muito linda, os mesmos innocentes, que não lhe conhecem o valor, lhe achão graça; **nem elle ha cousa mais innocente que o dinheiro, quem lhe põe a malicia he quem lhe dá o uso**: vejão se ha cousa mais innocente, que comprar com hum vintem hum vintem de pão, (visto não se dar sem isso) vai dacolá hum e compra com outro vintem huma carga de polvora e chumbo, e mata hum amigo (que hoje he os que se matão huns aos outros) porventura o vintem he que teve a culpa? [...] eu quanto a mim não ha nada mais bonito, nem mais innocente que o dinheiro: he tão innocente, que nem sabe quando o furtão: tanto se deixa elle hir com seu dono, como com aquelle, que o não he: esperão-lhe mais bondade? Não, senhores, eu nunca vi enforcar nenhuma faca por dar huma facada [...]. Com que assentámos de não pôr culpa ao dinheiro, mas sim

¹⁰² Na edição de 1854, p. 108: «cuja firma era».

¹⁰³ Na edição de 1854, p. 110: «genealogia».

aos que o tem, e que lhe dão má educação; que o dinheiro por si tem boa indole, e hum genio de hum santo [...] a unica cousa que eu acho de máo no dinheiro he ser muito estranho, a pezar de que he bravio, mas vai á mão de poucos (p. 155-158).

[...] Eu julgo que o furto começou logo no tempo, que os homens se costumárão a vestir (e certamente aos Alfaiates deve-se grande parte desta arte): em quanto andárão nós estou calado, mas depois que tiverão brujaca sou capaz de jurar, que logo começarão a furtar, e creio que houve tempos, que não era tido em má conta quem furtava [...] o caso está em furtar com decencia; mas muitos mettem-se a furtar sem saber; para tudo he preciso haver principios, e principios certos: metter a mão na algibeira a hum homem, e sacar-lhe a bolça, isto he porco, he de quem não sabe o officio: o bom cavaleiro procura o boi em circulo, e não desfila para ele cara a cara (p. 160-161).

CARAPUÇA L

Eu julguei que a cabeça de hum **vinagreiro** era huma cabeça temperada. Elle tinha dado no grande segredo de fazer hum vinagre que temperava tudo. [...] Sabia fazer hum vinagre tão doce que, ainda que se botasse huma canada delle em dez réis de selada¹⁰⁴ não se percebia [...]. De huma pipa de vinagre bem azedo fazia trinta doce, de tal fôrma, que vinagre da sua fábrica nunca azedou o estomago a ninguem, por isso era muito procurado; a unica cousa para que ele não prestava era para conservas; não conservava nada, a unica cousa que conservava era o dono. Tambem sabia fazer hum vinagre de ervas, outro de raizes, outro com madeira, e muitos mais, que a fallar verdade, não erão muito bons para a saúde mas vendia-se bem; e elle destes não os botava no seu comer.

Elle tinha achado no vinagre a pedra filosofal, em tudo o convertia [...] eu se negociasse era no genero em que pegava; vinagre e petas; porque vinagre todo o mundo o bebe, e petas todo o mundo as come: o mais experto, eu, que graças a Deos, não sou dos que tenho mais juizo, tenho pregado os meus opios menos máos. he certo que tambem os tenho mamado de bom calibre: **o mundo he huma cadêa, vão pegando os fuzis huns nos outros e os homens também enganando uns aos outros.** Numa palavra, cada um faz o que pode. Ora eu não estranhava que o meu vinagreiro botasse água no vinagre (p. 167-172).

¹⁰⁴ Na edição de 1854, p. 120: «salada».

CARAPUÇA LI

[...] tenho tanto, que dizer deste machacás, que não sei por onde começar.... ainda algumas pessoas lhe dão v. m.; mas elle coitado he obrigado a dar senhoria a todo o mundo, a pezar de que elle não trata senão tambem com pessoas de v. m.; mas que á força querem em sua casa mais hum furo acima do tratamento usual, e cada hum na sua casa póde querer o que quizer, para isso a paga com o seu dinheiro: nestes termos he que era o meu **caturra** obrigado a dar o tratamento, que já disse: elle vivia de fazer rir as gentes, que gostavão de viver a rir [...] na sua chegada foi tal o alvoroço e alegria, que todos se puzerão a rir antes de o ter visto. [...] disse suas graças á noiva, que se eu fôra o noivo quebrava-lhe duas costelas, mas tudo se tomou em tom de galhofa.

[...] Não havia dia, que não tivéssemos função; conhecia todo o mundo, e concluia muitas vezes negocios, que homens sérios, e de character ficavão chuxando¹⁰⁵ no dedo; vivia com hum fartura, que me parecia hum morgado lá de cima: os presentes fervião, nunca pedio dinheiro, que lho negassem; entrava por toda a parte como cão por porta aberta (p. 186-192).

[...] de tudo elle tinha dependencia¹⁰⁶ sem ter occupação alguma: affectava de valído com algumas pessoas: queria ás vezes fallar em politica, e queria mostrar que se **fingia** tolo, e elle era-o na gema [...] e he certo que eu cheguei a ver pessoas, que não tinham nada de tolas, procurarem o seu patrocínio para várias dependências [...] fazendo-me isto bastante espécie [...] e então como elle respondia, quando lhe apareciam estes pertendentes, com palavras de estalo: veremos; falaremos; porei todas as minhas forças; se houver occasião não me descuidarei do seu peditorio; agora estou muito embaraçado; deixe-me primeiro concluir certo negocio que tenho entre mãos, e depois espero, que também v. m. será servido. Eu ao principio parecia-me tudo isto graça, e até julgava, que ainda que lho pedissem deveras, quem havia de fazer caso de hum homem, que o seu officio era **divertir os outros por dinheiro**, mas ainda mal, que me enganei, vi-o concluir cousas de monta: he possivel, dizia eu, que hum caturra entre em cousa séria, e que se faça caso de hum homem, que só para se zombar delle serve, um homem de rizo!

¹⁰⁵ Na edição de 1854, p. 136: «chuchando».

¹⁰⁶ Na edição de 1854, p. 138: «de tudo tinha dependencias».

[...] as amizades crescião, e andava já como em moda o ter communicação com elle; o bom gosto daquelle tempo era saber-lhe os ditos, para os contar nas companhias, e quem não entrava neste jogo cheirava a ranço. [...] mas elle arrotava de farto; de mais a mais era soberbo, e vaidoso, além de tolo e basofio (p. 194-199).

Muitos [...] não lhe achavão graça nenhuma; mas como era então móda elle ter graça, não havia outro remedio senão achar-lha, ou a tivesse ou não; porque se algum miseravel cahia na desgraça de dizer que ele a não tinha, coitadinho! punhão-no mais razo que o setim, e ficava encartado em tolo, que em dias de sua vida não tornava a restabelecer o seu credito (p. 200).

[...] Ás vezes vinha para casa, e punha-se a pensar no que havia dizer no outro dia, estudava os ditos, encaixava-os ás vezes tão fóra de proposito, que se parecia como hum ovo com hum espeto: e quando elle queria falar a sério com graça! [...] e quando elle dizia algumas cousas porque se lhe devião dar logo meia duzia de bofetões, e ainda por cima se punhão todos a rir! e assim o animavão para fazer e dizer quanto lhe viesse á testa [...] Então a sem cerimonia, com que elle entrava em todos os quartos; todos, e todas brincavão com elle, e ninguem reprava nisso porque era bobo [...] tinha o privilegio de guarda do serralho, sem ter passado pelos incommodos (p. 201-203).

Hum bobo tem que discernir, tem qualidades muito occultas, que nem todos as entendem: he o segredo da abelha, e bem se vê que muitos se querem meter a dizer chufas, e não sahe nada, que preste [...] primeiramente precisa-se ser muito velhaco; precisa-se não ter nem por isso lá muita vergonha [...] porque ás vezes levão a sua meia duzia de sopapos, que he preciso mamá-los com cara alegre[...] outras vezes he preciso conhecer a vontade do que paga as graças, porque ás vezes tambem está, que nem graças as quer ouvir, e isso he o diabo; porque póde render huma roda de páo (p. 203-204).

[...] o ser gracioso por ordenado faz muita differença do gracioso, que não ganha dinheiro; aquelle negocêa com palavras, e este dá-as de graça; este diz o que lhe vem á bocca, e aquelle esquadrinha com todo o cuidado as que melhor poderão agradar, porque como são para vender, he preciso que sejam de escolha, porque se huma vez se cria má fama acabou-se o officio, e acabado o officio acabou-se o comer; porque a hum bobo só dá de comer aquelle, que o tem de mais; aquelle, que não lhe faz incómodo o que incommoda tanta gente (p. 205-206)

[...] o caturra estava revestido de toda a authoridade para poder fazer todas as asneiras, que quizesse, e eu então he que reconheci ser verdade o que dizia hum homem

de juízo, quando se disputava sobre este, ou aquelle ser tolo ou não, acudia elle logo muito depressa, e dizia: = oh lá se he tolo, assim eu o fôra! Eu fazia-me especie a razão porque hum homem, que tinha juízo, desejava ser tolo, mas ao depois vim no conhecimento, que he muito melhor vida [...] (p. 207-208).

[...] até no ser tolo, e ter juízo, he conforme aos tempos, de fôrma, que **hum, que no seculo passado passava por asno, podia muito bem neste seculo ser admittido por douto**, segundo as circumstancias do tempo; e não se querem enganar, que **o tempo he que faz as cousas** [...] assim como as cabeças por fora em differentes eras se lhe puzerão differentes toucados, da mesma fôrma os miolos, que estão por dentro, pensão assim ou assado. Eu, que não sou muito antigo, tenho visto cousas, que no meu tempo erão olhadas com mofa e rizados, e que hoje são muito sérias, e se tratão amigavelmente, e que se olhão para ellas como se tivessem nascido com a gente (p. 209-210).

[...] e eu dizia comigo, isto de ser tolo supponho que he fazenda de contrabando, que tão procurados são para senhoras: vamos com o tempo, elle assim o quer, eu só porém não o posso emendar [...] que me importa a mim que o mundo o queira assim, deixálo querer, **vamos como elle quer, visto elle não querer o que eu quero** (p. 211-212).

[...] quem tiver geito para a vida, que o aproveite [...]. Todos suão, e chorão para ganhar de comer, e este he quasi o unico officio, que se descança, folga, e ri, comendo ao mesmo tempo muito bem; mas he preciso lembrar, a quem se quizer estabelecer nesta occupação, que não procure casas, aonde os donos tenham juízo, procure estes modistas, estes que pilhárão herança grande, e a desejão gastar com muita brevidade, estes que querem ter de tudo, não tendo nada, estes que affectão de enciclopedicos, e elles são, são... o que elles quizerem ser; destes, que gastão trinta tendo dez, sem ninguem lhes escrever os milagres, etc. (p. 212-213).

CARAPUÇA LII

Vou mostrar um **doudo**, que tomárão muitos com juízo pensarem, como elle muitas vezes discorria. [...] Isto de juízo he como as medalhas antigas, he preciso um grande conhecimento porque ha muita falsa, e muitas vezes hum curioso cuida que tem hum gabinete de grande importancia, e indagada bem a antiguidade não vale nada [...] isto de juízo não vai por medida, vai a pêzo, e sem haver hum fiel, que o possa

equilibrar, está tudo perdido [...] he certo, que elle não discorria ás vezes mal; mas tambem tinha infinitas occasiões, em que bem deixava ver o triste desarranjo, em que estava a sua cabeça, ainda que mesmo nessas occasiões elle deixava ver os pensamentos mais acertados, **unindo a moral com o rizo** (p. 217-20).

A sua doudice tinha tido o seu nascimento de huns amores, que elle tinha tido, os quaes, na fórma do costume, o tinhão deixado por outro, que não era melhor do que elle, mas que tinha tido o avanço¹⁰⁷ de apparecer depois d'elle. [...] quem contradança tem infallivelmente inimigos [...] em hum tempo em que ha tanta mulher e huma boa parte dellas andão na dança (p. 220-226).

[...] de noite he que o occupavão mais os amores, que tinha tido com huma tal fulana, a quem elle punha acima das estrelas, e a quem¹⁰⁸ dizia, que era mais formosa do que Venus; mais casta que Diana; e que tinha mais juizo que Minerva: depois de ter dito isto parava, e desdobrava tudo quanto tinha dito, e de novo tornava a dizer: Mas de quem fallo eu? [...] e compará-la eu a Minerva! ainda isso he maior asneira! ella enganou-me! enfeitou-me a cabeça com fitas de osso! aquella cachorra por quem eu morria de amores [...] (p. 226-227).

TOMO IV

PROLOGO

Estamos no quarto Prologo. Ora os meus Leitores certamente hão de dizer, que terá ainda que metter nos seus Prologos este curioso de vidas alheias? Certamente já não ha de ser muito: pois seguro a vv. mm. (perdoem este termo, vv. mm., que eu não sei com quem fallo) que são tantas as cousas que me occorrem, que eu me vejo confuso, sem saber por onde hei de começar; e olhem, que isto não he basofia; e de mais a experiencia he facil de fazer: teimem vv. mm. em comprar, em quanto eu for compondo, e veremos quem vence. Verão como eu com todo o desenfado, em acabando a mil e huma Carapuça, começo com toda a frescura outras mil e huma (p. iii-iv).

[...] Meus Senhores, eu escrevi em muito máo tempo: hum tempo, em que ouço dizer a todos, que tem faltas de memoria, e a ninguem ouço dizer, que tem faltas de juizo! hum tempo, em que ninguem lê, e todos são Authores! [...] Agora vejão lá que

¹⁰⁷ Na edição de 1854, p. 157: «a vantagem».

¹⁰⁸ Na edição de 1854, p. 161: «de quem».

figura póde fazer o meu Piolho no Corpo Literario? querer eu mostrar juizo no tempo que todos o tem, e querer que a minha fazenda tenha extracção, sempre he extravagancia. (p. xv-xvi).

[...] Os meus escritos por ora só são para gente pobre, gente que não tem medo de hum piolho; hum rico até terá medo de ouvir fallar nelle, e fará muito bem em não o ler; porque terá precisão de coçar-se; porque o tal Piolho he muito natural que lhe morda [...] (p. xvi-xvii).

Eu fiz muito mal em dizer que este Piolho era de cá; se eu digo, que he de fóra; se eu tenho tido a habilidade de o ter feito passar o mar, e que tinha tido muito risco para o tirar de bordo, a estas horas tinha comprado com o Piolho tres parelhas de machos novos; apesar disso não me peza: **hum obra, que não tem hum só palavra, que não seja verdade, seria máo que lhe misturasse hum mentira.**

Sim, senhores, o Piolho he Portuguez, he filho de Lisboa; he educado na Pátria, e elle se honra muito disso: elle não inveja a Nação nenhuma, se os meus patricios não fazem caso d'elle por isso mesmo, he por isso mesmo que eu o prézo muito, e não he melhor, que hum Piolho nacional vos morda, dizendo-vos com caridade e ao de leve os vossos erros, do que venha hum de fóra matar-vos, que vos leve o sangue, **que não cuide na vossa emenda**, e que só trate da vossa desgraça, ah! meus amigos, se nós hum dia pensassemos bem, haviamos ter mais dinheiro, e o meu Piolho talvez que não mordesse na minha Pátria, e se fosse divertir nas alheias. [...] Mas ai que me hia esquecendo o melhor e o fim, para que eu tenho acarretado todas estas cousas, que he o salvar a minha obra de alguma doença.

Eu sempre quero capacitar a vv. mm., que a obra não he tão ridicula como a muitos parece: olhem que outras de igual nome tem merecido muita e muita attenção, e que tem figurado na República das letras, como chéfes de obra no seu genero, que não só a sua Nação lhes deo nome, mas que todas as outras as reconhecêrão como taes, olhem que isto não he gabar a minha, mas he dar-lhes hum caldo, para ver se não morre nas mãos de vv. mm.

Ha hum obra intitulada: as viagens de hum pulga, por hum satirico Alemão; e as romarias de hum cadelinha, por hum Francez; e as aventuras de hum meio Guiné, por hum Inglez, que neste genero passam por chéfes de obra, e seus Authores forão felicitados na républica das letras por engenhos raros; sim, senhores, póde ser, que este meu Piolho não parecendo nada, ainda venha a ser hum Piolho nomeado, ao menos eu espero, que lhe não ponhão a unha, salva [tal lugar, Deos me livre de tal desgraça.

Eu agora estava com vontade de ir trincar alguns críticos; mas isto também já parece mal: guardemos para o Prologo que vem, que tenho bocadinhos de ouro para dar aos Leitores; por agora contentemo-nos do que está dito neste Prologo, que parece-me que no seu tanto

Vale (p. xvii-xxii).

CARAPUÇA LII¹⁰⁹

Tornava a cahir em huma melancolia por algum espaço; mas depressa se lembrava de outra cousa, e muitas vezes de cousas muito alegres, que inteiramente o tornavão ao seu ar jocoso [...] Tinha também outra célebre, que era dizer, que não estava doudo, e o seu fim era prova-lo, para o que dizia: Então, em que sou eu doudo? porque me chamão a mim doudo? [...] **doudo era eu quando todos dizião, que eu tinha juizo [...] hoje que não faço metade das asneiras, que então fazia, hoje he que sou o doudo:** algum dia andava sempre em hum pontinho, e todos me chamavão asseado, homem de Corte, que conhecia o trato das gentes, mas era-me preciso muito dinheiro para estes preparos: hoje que não estrago nada, que me dura o fato immenso tempo, chamão-me doudo, mas eu nego tal [...] **sou doudo, porque estes senhores o mandão,** e vejo eu tantos por ahi, que ainda estão muito peiores do que eu, e não os prendem, só porque não ha hum que levante a lebre, e diga: Fulano está doudo! **ter paciencia he o unico refugio do meu mal** (p. 3-6).

[...] nego, e próvo, que o que v. m. passa, he que he o mais afflicto tempo do mundo, e senão, venha cá, responda-me. V. m. imagina, mas não logra? ás avessas eu, que possuo quanto imagino [...] e como neste mundo tudo he huma quiméra, eu me julgava assim feliz, e que mais tem ser feliz doudo ou feliz com juizo, se a cousa dura a mesma quantidade? Se a minha felicidade tendo juizo, durasse mais tempo, então melhor era; mas tanto huma como outra acaba em se acabando a scena, que¹¹⁰ em parte que seja assim ou que seja assado (p. 7-9).

Hum, a quem elle ouvio queixar que gastava muita tinta em escrever, disse-lhe: **porque não escreve v. m. na arêa,** o que bem póde fazer por duas razões: a primeira, porque **o que v. m. escreve, inda que o desmanche o vento não se perde nada, antes**

¹⁰⁹ Continuação.

¹¹⁰ Na edição de 1837, p. 7: «quer».

ganha, para que ao menos depois de morto a sua memoria não soffra injúrias, e a segunda, he porque he asneira escrever, não havendo quem lêa.

O tal que o quiz ouvir, disse-lhe, que para o que elle escrevia, ainda havia muita gente que lesse; porque elle escrevia na lingua nacional. Peor, Senhor, peor! v. m. está doudo, pois hoje póde-se escrever nada bom nessa lingoa¹¹¹, quem se contenta hoje só com hum lingoa! e demais a lingoa nacional está sedição: escreva em lingoa Turca, em lingoa laponia, em lingoa de preto, que **ainda, que v. m. não saiba o que escreve, nem elles as entendão, hão de gaba-lo!** (p. 21-22).

[...] era hum teima, em que estava com todas as mulheres que via passar, que era dizer-lhe: a quantos terás tu enganado! [...] tudo erão ou doudos ou enfermeiros, que pouca differença faz [...] (p. 25).

CARAPUÇA LIII

Lembra-me aquelle de quem falava Gil-Braz: a quem Deos ajudara tanto, que tratando sempre de pobres ficou rico. Pois o meu enfermeiro não sei se lhe succedia isto, mas ao menos succedia-lhe que, tratando com doudos, tinha juizo. [...] se entrava algum doudo recommendado, e que alguma cousa rendia, levava menos pancadas, vejão a força que tem o dinheiro, que até para isto serve. Em tudo que era do seu serviço servia-se delles, como se fossem negros, e tinham lhe hum respeito que nem os olhos levantavão diante delle: elle tinha muito pouco ordenado, mas os emolumentos do officio rendiam quatrupiado¹¹² (p.27-29).

[...] **quem o tira, e não o põe, depressa lhe vê o fim** [...] (p. 30)

CARAPUÇA LIV

Muitos hão de julgar, que já estou cansado de saber as vidas alheias, como se enganão! eu criado com humas velhas, que não fallavão em outra cousa; depois quando tive cinco annos, em lugar de ir para a escola, mandarão-me para a Mestra, que erão outras duas velhas, que não davão ponto, que não levantassem hum testemunho a alguém; depois que passei para outros estudos mais sérios, mettêrão-me logo hum livro na mão, que o seu contheúdo era dize tu direi eu: de indagador passei a arrazoar [...]. Aqui tem vv. mm. donde me vem o costume de querer saber das vidas alheias. E agora

¹¹¹ Na edição de 1837, p. 18: «lingua».

¹¹² Na edição de 1837, p. 25: «quadruplicado».

vamos a tratar do meu **taberneiro**. Era hum homem já dos seus cincoenta annos, jubilado no officio; porque desde pequeno lhe conhecêrão a propensão para o vinho (p. 32-34).

[...] Vinha lá hum seu conhecido alta noite gritar-lhe á porta: ah, senhor aquele, está acordado? respondia elle logo: que he lá isso? faz-me o favor de me vender meia canada, que he para hum remedio? em elle ouvindo falar em remedio já estava no meio da casa: tinha então huma tripa de boi, mettia-a pelo buraco, e dizia ao freguez, que aparasse a bocca se era para beber, ou mettesse a ponta da tripa na garrafa se era para levar, e elle botava-lho de dentro: já não havia ninguem, que não soubesse da moca, e quem queria vinho, de noite, hia á taberna do *bebe-lhe*, que era esta a alcunha que elle tinha [...] (p. 38).

CARAPUÇA LV

De um **bebado** ha muito que dizer, pela immensidade de Authores que ha neste genero; ainda que quase todos tem concordado no mesmo [...] porque o bom Escrivão com toda a pena escreve; e para aquelle que quer tomar a prenda he melhor o bom, porque melhor o engana e o leva ao grande caminho da bebedeira, caminho que a tanta gente boa faz passar a vida suave (p. 43-45).

[...] Vinha ás vezes para casa como hum cacho [...] punha-se a mulher a ralhar com elle, que não tinha dó algum daquelles innocentes, que estavam morrendo com fome, para elle se andar embebedando, perdendo [48-49] o dinheiro e a vergonha! Elle ria-se, e perguntava aos filhos. – Vossês tem fome, rapazes? sim, senhor: lhe respondião elles em chusma, e com huma voz muito miuda. – Ora venhão cá, cheguem-se ao pé de mim. Ora digão-me: vossês cearião agora a sua posta de pescada cada hum? sim, senhor, lhe respondião os rapazes com huma voz mais sahida. Bem. Comerião tambem o seu pratinho de cellada¹¹³? comerião, comerião, que eu bem lhes conheço o genio: não he assim, rapazes? sim senhor, tornavão elles com huma voz mais encorpada: Bem. Tambem não lhes faria mal a sua pinguinha de vinho; não he assim? sim, senhor: muito bem. Ora pois dêm graças a Deos, e vão-se deitar, que hoje não ficou mal a barriguinha? Então mulher, estás descançada, não ceárão os rapazes muito bem, tu queres o mesmo, ou queres mais algum acepipe, falla em quanto eu estou com as mãos na massa. A mulher mordia-se, ralhava, e elle não tomava nada a peito (p. 48-50).

¹¹³ Na edição de 1837, p. 41: «salada».

[...] He certo, que **a pobreza he industriosa, assim como a riqueza he quasi sempre preguiçosa**: eu julgo-me por mim, que em tendo comer para hoje pouco se me dá de amanhã, e o meu bebado seguia a mesma norma: o caso era tê-la tomado hoje, que logo dizia muito satisfeito, *para amanhã Deus dará*. Assim vivia este pobre homem e esta triste mulher com cinco innocentes desgraçados, sendo disto a causa o summo da cepa: huma cousa tão bella como se torna perniciosa pela demazia; em conta conforta, com excesso estraga: em conta anima, com excesso enfraquece: em conta faz a alegria de huma companhia, com excesso, a tristeza de huma familia inteira: **nada de excessos, meus companheiros**, eu vos lhes clamo (p. 54-55).

[...] não, meus senhores, se eu tivesse burra, eu he que lhe havia de mugir o leite, para o repartir pelos doentes que o precisassem; mas alguns em as vendo prenhes guardão-lhe a cria **para os herdeiros**, que muitas vezes em dous dias matão mãe e filho, ou lhe mettem vicios no corpo; porque as ensinão a jogar, e em dous dias passa de hydrópica a tísica (p. 56-57).

CARAPUÇA LVI

O tal amigo era mais cebeiro, que **cirieiro**; porque quando elle comprava quatro arrobas de cêra, comprava ao mesmo tempo dez de cebo; e tinha feito reconciliar huma tal amizade entre o cebo e a cêra, que por fim tudo era cêra; o que faz a boa união? e por tal vendia ambos os generos.

Quando fazia as vélas sempre lhes botava menos no pezo; porque se acaso lhe botava de mais, bem sabem vv. mm. a difficuldade que havia em se lhe tirar, porque era preciso raspar as vélas; e a cêra não he cousa que se lhe dê com huma lixa.

[...] Tinha dous pares de balanças, humas em que pezava a cêra que allugava, e outras em que a pezava quando a recolhia; e dizião por alli as más lingoas, mas era mentira, que os pezos das segundas erão falsificados, historia, disso não era elle capaz [...] (p. 58-60).

CARAPUÇA LVII

Esta cabecinha he do trinque, tem muita novidade, e eu não quero ser como elle¹¹⁴ que acanhava os capotes: eu hei de pôr na Carapuça a fazenda que lhe pertencer [...] Huns calções para hum rapaz de nove annos, calçados pelas suas mãos a hum

¹¹⁴ Na edição de 1837, p. 53: «aquelle».

gallego de trinta, e imbutia-lhes de tal fôrma o gallego nelles, que o pobre só depois de os ter em casa, quando os hia calçar pela sua mão, he que conhecia que lhe não servião nem para traz nem para diante. [...] com meia vara de riscadilho fazia humas calças e hum jalleco, tão justo que a segunda vez que se vestia, arrebetava por todas as ilhargas com riso, por ver o **opio em que cahio quem o comprou** (p. 62-64).

[...] Vendia seus retalhos para carapuças, e destes mesmos he que eu lhe faço a sua, e lhe sei a vida. Grande cousa he andar na cabeça de qualquer individuo, nada nos escapa, só se nós queremos: he certo que o risco he grande, mas a curiosidade he cheia, e como eu estou posto neste costume havia-me de custar muito não saber das vidas alheias; mas graças á minha fortuna, que espero que poucas me escapem, inda¹¹⁵ que muitas hão de ficar em silencio; mas como eu as fico sabendo, este he o ponto essencial; e lá virá outro piolho, que acabe o que eu principiei, e das que eu não escrevo elle escreverá, porque lá diz o dictado = **atrás de mim virá quem bom me fará = inda que sempre he pena conhecê-las eu no meu tempo, e deixa-las no tinteiro**, mas em fim nem tudo vai ao sacco: vamo-nos contentando com o que vai hindo [...]. Tratei de passar de cabeça, mas não queria hir para outro **algibebe** [...] (p. 65-66).

CARAPUÇA LVIII

No meu tempo **tinha duas sejes de alluguer, quatro machos; e logo depois da minha chegada comprou huma parelha de cavallos** por tres moedas e meia, hum delles faltava-lhe hum bocado da mão esquerda, e o outro era doudo; mas o meu amigo pô-lo manso como hum borrego, porque logo o pôz á sexta parte de ração, e eu vim no conhecimento que a fraqueza tira muita furia aos doudos. O que tinha hum bocado de mão menos, vendeo elle a hum principiante de cavallos por oito moedas, e ainda que o comprador lhe reparou no defeito elle capacitou-o, que era hum cavallo de lição, e que aquillo não era cocheiar¹¹⁶, erão curvetas que fazia. Tinha labia como hum homem! Era capaz de enganar hum Santo, e fazer-lhe hum milagre; e he certo que no meu tempo, cavallo que lhe cahia na mão doente sempre o vendia são, ou ao menos por são, que vale quasi o mesmo [...] (p. 68-69).

[...] **quem he tolo pede a Deos que o mate**, nada de somitigarias. [...] Então que alma tinha este homem, quando lhe morria alguma besta: morrêrão em huma semana

¹¹⁵ Na edição de 1837, p. 56: «ainda».

¹¹⁶ Na edição de 1837, p. 59: «coxear».

tres cavallos, que lhe tinhão custado todos tres doze mil réis, pois ficou muito senhor de si, e **disse: morrêrão? he porque estavam vivos.** Muitas vezes donde se não esperão as cousas dahi he que sahem (p. 72-73).

CARAPUÇA LIX

Este **arrieiro**, para onde eu passei, dava-lhe seu amo todos os dias oito vintens, e elle só de vinho bebia tres tostões; porque no meu tempo estava a canada a dous tostões, e elle sempre pelo menos bebia canada e meia, não sendo o freguez desse dia Tافل, que a sê-lo então era bebedeira redonda, e cabelleira de nós. [...] Por mais hum cruzado novo de grujeta não tinha dúvida de matar huma parelha ao amo, a correr nella; mas se via que o freguez era dos ramerrões tambem elle se punha no ramerrão; chegava a andar em tal sorna, que houve freguez, que se poz a pé só por não aturar os tres amigos. [...] e se ralhavão com elle sem lhe darem dinheiro tinha o methodo de dar com o chicote nas bestas, que fazendo muito estrondo, não lhes chegava o açoute, e então virava-se com todo o descanso para o que hia dentro = que quer v. m. que eu lhe faça, as bestas andão trabalhadas, mal comidas, eu igualmente, se pucho por ellas, eu e ellas cahimos (p. 76-77).

[...] ora o arrieiro tambem para besta pouco lhe faltava, se lhe pousessem as mãos no chão, e hum rabo postiço, enganava todo o mundo; não conhecia senão dinheiro e vinho; se fallava sempre dizia arre, e se queria entreter-se em alguma cousa, quando não tinha que fazer, pegava no chicote para dar estalos. [...] Nunca freguez algum ouvia huma risada da sua bocca, antes de lhe dar a grojeta, e tinha risos para diferentes preços [...] (p. 78-80).

CARAPUÇA LX

Valei-me Gil Blaz¹¹⁷! dai-me hum **mordomo** como aquelle, que vós achastes [...] quem não tem ouro tambem gasta prata, e quem não tem prata nem ouro vale-se do cobre, e quem não tem nenhum dos tres chucha no dedo. [...] está por instantes acabando-se a proza, e eu não hei de aqui metter versos; porque isso he huma asneira, e huma asneira de bom lote, ainda que eu tenho feito tantas, que por fazer mais esta, não ficava mais asno.

¹¹⁷ Na edição de 1837, p. 70: «Braz».

[...] o certo he que quem quer dizer sempre tem que dizer, principalmente quando se quer dizer mal; porque lembrão mil cousas, e sempre ha muito quem ajude: para esta causa nunca faltão procuradores nem testemunhas, he muito mais facil pôr hum homem na forca que livra-lo (p. 82-86).

[...] O meu mordomo era hum homem de setenta annos, baixo, cabeça grande, com os olhos olhando para o cachaço, o nariz quebrado de nascença, bastante largo dos hombros [...] tinha quatro dedos em huma mão, e dous delles pegados hum no outro, que vinhão a ser na configuração só tres dedos, deffeito este, que lhe embaraçava muito abrir a bolsa; mas mesmo assim se servia, porque ninguem lha abria. [...] se pachorra fosse coisa que se vendesse, ninguem tinha mais fazenda (p. 89-91).

[...] Este bellissimo homem tinha nascido para governar huma casa, tinha nascido com elle a economia e a industria. A casa, que elle no meu tempo governava, tinha os seus vinte mil cruzados de renda annual, gastava quatorze todos os annos, e todos os annos ficava empenhada em quatro: elle havia cinco que a dirigia, apenas o seu empenho era de vinte [...] e **certamente o dono da casa se não fosse este habil homem, não ficava perdido tão depressa.** Tudo alli andava por calculo, até se sabia pouco mais ou menos quanto huma besta poderia durar em casa; porque como o mordomo não queria que lhe botassem mais que huma oitava de cevada para duas, já sabião os criados, que em huma besta vindo para casa, o mais que chegava era a dezoito mezes: vejão que regímen, que igualdade, e que homem tão honrado! Tambem não queria, que seu amo se valesse de privilegios, todos os generos que comprava para a meza, **tudo pagava cisa, porque tudo passava primeiro pela sua casa,**e era elle casado com huma velha, que se chamava Arpia [...] moravão alli muito perto; não fazia differença ao comprador vir primeiro por lá, se havia alguma differença era na quantidade, porque o demonio da velha tinha hum calor tamanho nas mãos, que tudo nellas se lhe derretia, e o alvar do gallego, que era o que comprava, hia tomando a mesma manha: em que lindas mãos estava mettido o dono da casa.

Os criados fazião-lhe muito mais festa do que ao amo, olhem lá não passasse elle por parte, onde elles estivessem, que logo se não puzessem a prumo, e ao amo muitas vezes nem lhe tiravão o chapéo, e chamavão-lhe tolo; que até aqui verdade seja não lhe levantavão testemunho nenhum.

[...] O pobre dono da casa já hia conhecendo a ladroeira, mas não lhe podia escapar das mãos, porque a esse tempo já lhe estava a dever alguns oito mil cruzados (p. 92-96)

[...] ventou-lhe tanto a fortuna, pelo bem, limpeza e amor com que servia seu amo, que em quatro annos se pôz no estado de ser hum villão ruim perfeito, porque não servia a ninguem; e até mesmo dizia [...] que se estava alli era por compaixão, por não desamparar seu amo [...] porque elle da sua parte não necessitava nada, nem tinha nascido para servir. [...] He assim, que o meu mordomo arrotava postas de pescada [...] (p. 97-99).

[...] quero contar algumas economias, que elle tinha para beneficiar a casa do amo [...] comprava tudo por junto, e vendia-o por pezos pequenos para a cosinha, e o que havia de ganhar o tendeiro, ganhava-o elle, e dizia muito enchuto (que isto era de verão) elle alguem o ha de vender, e alguem o ha de ganhar, pois neste caso antes eu do que elle; e fazia muito bem, quem tem lá culpa de cada hum se não saber governar: Deos reparte com todos, a huns dá o dinheiro, e a outros o governo; assim como a huns dá o juizo e a outros não, inda que eu nunca ouvi queixar ninguem por falta de juizo, o mais que tenho ouvido dizer e queixar, he falta de memoria, mas emfim cada hum contente-se com a sua sorte, **nem a este mordomo se podia chamar ladrão; pois parece não ser furto, quando eu á vista do dono lhe levo o dinheiro, e elle me não diz nada.** Vem hum criado para casa, que apenas traz pés, em que possa metter çapatos quando os tiver, no fim de dous meses já anda de niza, e empresta dinheiro ao amo, e o amo está por isto. [...] em huma palavra **eu não conto senão o que vejo**, se he máo porque he máo, se he bom porque he bom.

[...] Assim hia vivendo este traste do mordomo, feito era, e o amo parede [...] mas ainda estava com desejo de lhe metter huma vez mais o rojão, para lhe dar o ultimo golpe [...] o qual amo esteve por tudo [...] (p. 99-103).

CARAPUÇA LXI

Este **carcunda** era casado com huma mulher muito alta, de fôrma que o marido dava-lhe pela cintura; mas he preciso advertir a vv. mm. que nesse tempo não havia cinturas curtas: era no tempo, que ainda as mulheres nascião com o corpo dividido, metade para baixo metade para cima; hoje presentemente o meio corpo para cima está quasi acabado [...] quando esta familia se punha toda á meza, o dono da casa parecia-me hum frasco posto em cima de huma cadeira. [...] mas na verdade era muito infeliz; tudo lhe hia para traz, além do que já lá tinha. [...] a mulher era muito ladina, e ao mesmo tempo muito governada, e tratava do seu homem com muito cuidado. [...] Porém de que

servia tanto amor se faltava o comer, grande antídoto é a fome para o amor (p. 107-109).

CARAPUÇA LXII

Em hum **homem, com casa de jogo**, raras vezes se encontra huma conducta tão igual: o seu dinheiro era de todos. [...] cousa de jogo prohibido não o consentia, só se era muito ás escondidas para fazer a vontade aos parceiros, se era banca, de cada cartada havia-lhe o banqueiro dar huma de doze, e se era jogo de dados, a quarta parte da parada; e dizia-lhe elle, sabem vv. mm. porque eu lhes tiro tanto? para ver se lhes tiro o vicio; e mesmo pelo perigo que ha; e o dinheiro a risco deve render mais (p. 112-114).

[...] Tinha os seus dous tabuleiros de gamão. Hum delles estava arrendado por dous ginjas [...] erão ambos de cabelleira, hum delles que era o mais baixo tinha huma cabeça do tamanho de huma melancia de Abrantes, destas que custão hum cruzado novo, e o outro mais alto tinha huma cabeça do tamanho de huma melancia de dez réis [...] o que tinha jogado errado, quiz emendar o lance, este não consentio; descompozerão-se, passarão ás mãos, esbofetearão-se, em cujas bulhas forão as cabelleiras de ambos á casa: forão accommodados pelos circumstantes, e tanto trabalharão que os reconciliarão ao ponto de tornarem a jogar: feitas as pazes foi cada hum buscar a sua cabelleira, mas infelizmente pegarão nellas trocadas; porque a raiva do jogo ainda não estava bem dissipada: pozerão as cabelleiras na cabeça, e ficarão galantes; o que tinha a cabeça grande ficou-lhe a cabelleira pequena no alto da cabeça, e o que tinha a cabeça pequena ficou-lhe a cabelleira tapando as orelhas e parte da face, e assim se pozerão a jogar, sem nenhum dar nem pela falta nem pelo sobejo: todo o mundo estava parado para os dous velhos; mas elles tão encarniçados estavam, que se despedirão à noite, e forão com as cabelleiras trocadas para casa e não deram por tal (p. 114-117).

[...] A tal casinha do jogo dava¹¹⁸ para tudo [...] tratava da sua casa, e cumpria com todas as suas obrigações e ainda acodia a huma devoção diaria, em que gastava bons tostões [...] então este amigo até deixava jogar em casa com páo de dous bicos, e era o jogo que ele jogava com todos os parceiros [...] huma roda de amigos verdadeiros, porque largão o que tem, e alguns até o furtão para o ir alli dar; mas o dono da casa não lhe pertence lá indagar se he furtado ou não o que jogão [...] e até era arriscar-se a

¹¹⁸ Na edição de 1837, p. 99: «dava-lhe».

darem-lhe muita bofetada: elle que o joga he porque o tem [...] tinha que ver se nós andavamos a perguntar huns aos outros: donde lhe vem a v. m. o dinheiro? se alguém lhe pertence procurar isso, procure-o, e não cada hum, que tem cá o seu officio [...] habilidade he eu gastar tres mil cruzados tendo só hum, aqui he que está o buzilis, mas isto não he para todos, he cá reservado para **os alquimistas do dinheiro alheio** (p. 117-120).

CARAPUÇA LXIII

[...] então do que eu mais me admirava, era ver hum individuo destes da moda ir alli jantar: o ar com que elle entrava de Mylord pela casa dentro, dava volta pelas casas todas, entrava a chamar, ó Manoel? ó Joaquim? esta casa vai dando em droga, vai sendo muito mal servida: oh rapazes? sentava-se, carregava o chapéo para a ilharga, perna em cima huma da outra, apparecia moço, e a primeira cousa que lhe pedia era: dá cá lume, e vai dizendo o que ha: vinha luz, cachimba na casa¹¹⁹, e entretanto o criado hia vomitando o que havia na casa [...] – Bem: venha do melhor, e não te esqueça o rosbifi, traze vinho do Porto. [...] Depois de petiscar em cada cousa, hum peralvilho destes, deixa mais de metade em sobejos, e muitas vezes em sua casa não sobeja nada, porque falta tudo [...] deixa muitas vezes em casa hum quarteirão de sardinhas para comerem oito pessoas, e elle vem para a casa de pasto comer corvina, e linguado, porque já para pescada elle lhe torce o nariz: ora isto não he huma miseria? pois assim vai o mundo (p. 122-125).

[...] he tudo o mais caro, e o mais barato, porque o dono da casa quando compra não lhe importa se o macarrão está podre, se o presunto tem bicho, se o azeite tem saibo, se a carne he de cavallo, o caso está em que tudo seja o mais barato; e o pobre que o come tudo paga como se tudo fosse do melhor: que fizesse isto hum homem, que está fóra de sua casa e longe da sua terra, paciencia, coutado, bem lhe basta o seu desarranjo, mas que hum passe por sua casa, e vá mais adiante jantar á **casa de pasto** [...] (p. 125-126).

Havia hum, que esse era muito galante, nunca acceitava cobre por demasia, chamava-lhe porcaria; já os moços lhe conheciam a balda: se dava huma peça para se pagarem de hum jantar, trazião-lhe a demasia toda em cobre, e elle dizia muito inchado,

¹¹⁹ Na edição de 1837, p. 104: «cachimbo no caso».

tira lá essa porcaria? rapaz, queres que eu çuje a algibeira? o moço ia-se rindo, e arrecadando (p. 127).

Muitos hião alli jantar, porque alli se encontrava a bella companhia tanto de homens como de mulheres, e alguns cahião em offerecer de jantar ás ditas, a que ellas logo respondião, que não era preciso, que lhe ficavão muito obrigadas, mas hião-se sentando ao pé, e deitava-lhe de quando em quando a sua olhadura, que lhe dava com os pés na alma: o tolo, de novo lhe perguntava muito de mancinho, então a senhora não janta?

[...] ella tornava-lhe com huns olhos muito mais maviosos [...] eu não acceito, porque vim aqui por ver se encontrava huma pessoa com quem precisava fallar, como a não vejo vou-me embora; porque nem eu estou costumada a andar por estas casas. Nada, isso não consinto eu [...] a senhora [...] não se ha de ir sem jantar [...] oh rapaz? jantar para esta senhora, do melhor e o que ella pedir? Eu não peço, mande o senhor vir o que quizer [...]. Em fim, venha cozido, venha assado, venha ave de pena, e sobremezias o que houver. Partia o moço, que nesta occasião esperava grojeta grossa, visto elle ser tão tollo, vinha a prata abaixo, tudo do melhor, e do mais caro. Da primeira garrafa por diante começava o supplicante a indagar onde morava a supplicada, que com hum copo na mão e hum ar de riso, lhe respondia: muito longe, muito longe. Pois não importa, lhe respondia elle fazendo a razão, seja aonde for, hei de ter o gosto de acompanha-la, permittindo-me a senhora licença; com muito gosto, lhe tornava ella, mas eu tenho primeiro, que ir comprar humas cousinhas, em acabando daqui, se v. m. quizer póde-me esperar na esquina de tal rua [...]

Acabava-se o jantar, despedião-se com os sinaes da maior paixão, e hum – Não falte – ella sumia-se e elle ficava pagando os seus quatro pintos, tanto importava o jantar. [...] Sahia dalli esbaforido, hia pôr-se á espera, e sempre podia esperar tres dias e tres noites, porque ella nunca teve tenção de por lá passar. [...] e o mais he que isto rendia muitas vezes mais trinta jantares ao dono da casa; porque o tolo teimava em lá ir, e ver se encontrava aquella Dulcinéa (p. 129-135).

CARAPUÇA LXIV

Isto era o chefe e o primor dos **alfaiates**, e de boa consciencia, fazia a tres freguezes iguaes e da mesma altura tres pares de calças, e a hum levava-lhe covodo e meio de panno, a outro dous covodos, e a outro hum covado e terça; e dizia elle, que

lhas fazia conforme os seus teres: ao mais pobre levava-lhe menos fazenda, ao mais rico mettia-lhe mais a unha, e ao mais tolo carregava-lhe de todo [...] era alfaiate que nunca mentia pois todo o mundo sabia, que em elle prometendo, nunca cumpria a promessa (p. 137-138).

[...] hoje presentemente já ninguém remenda cotovellos, nem bota fundilhos em calções: sabe Deos o que custa a muitos virar vestidos! [...] hoje o gosto he differente; **do terremoto para cá tudo ficou de tremer**, que he o que eu hoje ouço dizer a tudo: vê-se huma rapariga como huma cêra bella, diz logo hum taful: *he uma moça de tremer*; vê-se hum traste bom, diz logo outro: *he de tremer*; e emfim presentemente tudo anda a tremer, até de medo estes amigos, que se explicão assim (p. 143).

[...] Neste meu tempo estavam as modas muito apuradas nas senhoras, e vestia-se huma senhora com quasi nada: não andavão feitas cabides com seiscentas coisas em cima de si, em tendo hum vestidinho, meias e çapatos punhão-se na rua, e os que curavão pedião a Deos, que se não acabasse esta moda, porque trazia comsigo muitas doenças, e as constipações fervião, que acabavão em tísica, e *volaverunt*: tambem se não fossem estas doencinhas, o clima não era máo, e morreria muito pouca gente, e nesse caso morreríamos de fome: deixal-as ir; as que morrem destas molestias originadas por estas causas, tambem nos não fazem cá falta nenhuma. [...] o que a mim me admira he não tomarem emenda as que cá ficão (p. 146-147).

O meu alfaiate depois que se metteo a fazer obra para senhoras, estava muito melhor de dinheiro, mas de saude hia a menos; mas cada vez andava mais por funções, e por divertimentos [...]. Os freguezes e freguezas chovião, huns trazião os outros: a fama voava [...] mas o Mestre tinha-lhe dado o peco, cada vez mais engoiado, não sei que demo de doença tinha que estava cheio de dores, e tinha uma botica em casa, era raro o dia, que se não purgava, e a doenzazinha sempre o mesmo, parecia uma molestia de teima. Elle de tudo o que mais o affligia, era não poder entrar em huma comedia, em que elle fazia de primeiro galã, e já sabia o papel de cór como hum papagaio [...]. Com o gosto que estava nisto entrou a pedir ao Medico, que o pozesse no estado de poder concluir esta acção, inda que depois ficasse peor, não se lhe dava, por lhe fazerem o gosto, como o papel, que elle tinha que fazer, era muito agitado, derão-lhe hum pouco de azougue para que elle melhor desempenhasse [...].

O alfaiate hia-se aproximando á morte [...] eu, vendo as coisas nestes apertos, resolvi-me a passar para a cabeça do Médico [...] se ele for máo e charlatão, contar-lhe-

hei a vida para se livrarem dele: tambem Gil Blas¹²⁰ fallou do seu Doutor Sangrado, e ninguem lhe disse nada (p. 147-153).

CARAPUÇA LXV

Que infelicidade! o **Medico** era outro Doutor Sangrado, só com a differença da applicação dos remedios, eu bem me custa dizer mal; mas paciencia, não ha outro remedio: o homem merece-o; a verdade manda Deos que se diga [...] fosse melhor, se não queria que lhe dissessem as faltas, estudasse, não se dêsse á mandreisse. [...] vamos á Carapuça: juro a vv. mm., que he das que mais me custa fazer, que sempre he dizer mal de um homem, que traz a vida das gentes entre mãos; e que por dá cá aquella palha se póde vingar; basta que carregue a mão á doze para pôr huma pessoa com os olhos fechados por huma eternidade (p. 154-156).

[...] Não usava de agoa quente, como o Doutor Sangrado, mas a todos mandou beber vinho, e todos gostavão d'elle, e tinha que fazer, porque os seus remedios não erão máos de levar, e erão-lhe muito mais obrigados os taverneiros; com os seus doentes não usava de sangria, contentava-se em os sangrar na bolsa, e dizia muito contente: he mais facil criar dinheiro que sangue; sangue tira a vida e o dinheiro tira-lhe os vicios¹²¹, causa original de muitas doenças.

Nunca estudou por letra redonda, e até havia quem dissesse, que elle a não entendia; mas era mentira, porque eu ouvi muitas vezes ler a *Arte de amar*, de Ovidio, e *Orlando furioso*; e sabia de cor o *Ax, bu* [...]. No que elle enganava muito era na prosa (p. 158-159).

[...] Vê-lo entrar por huma casa dentro parecia hum Esculapio vestido de saúde. [...] Vê-lo desembrulhar huma doença desde o seu primeiro symptoma, com palavras proprias e movimentos de decidir sem ter para onde appellar; era huma consolação, parecia mesmo a doença em pessoa, que se estava accusando. Depois passava a expôr os perigos, e logo a receitar: parava no meio da receita, e tornava a observar o doente, perguntando-lhe: ha de sentir a bocca secca? doe-lhe alguma cousa a barriga das pernas? [...] a agoa não lhe sabe bem? amarga-lhe a bocca? etc.

[...] Sim senhor, ora pois console-se, que abaixo de Deos tem quem o possa remediar: esta qualidade de moléstias he o meu forte. Louve a Deos, que acertou: não he

¹²⁰ Na edição de 1837, p. 129: «Braz».

¹²¹ Na edição de 1837, p. 134: «tisar sangue he tirar vida, e **tisar o dinheiro he tirar os vicios**». Negrito meu.

para me gabar, mas para estas doencinhas tenho dedo; poucos me escapão, que os não cure. Este era o modo de fallar do meu Doutor [...] (p. 159-161).

[...] Farei os esforços, que poder: eu dezejo fazer bem a todo o mundo: não he o dinheiro, que me eleva, apesar de que sem elle se não póde passar, e hum homem, que só pensa na saude dos outros, he preciso que os outros cuidem na sua subsistencia, pois que a sua cabeça só póde, e deve estar sobre os livros: vamos ver o doente.

Chegava á cama, fazia huma cortezia a quem lhe chegava a cadeira, e perguntava ao doente: como está ? vejão para que era esta pergunta, como se elle estivesse bom havia de manda-lo chamar: que asno, que era o tal Doutor! O doente explicava-se do modo que podia; e elle entrava em ar de Mylord a perguntar e a mandar. Bote a lingua fóra? ponha-se de costas, respire agora, doe-lhe alguma cousa? venha o pulso, a natureza diariamente paga a sua pensão! Sente sêde? não apetece nada para comer? as noites passa-as em vigilia? sente pezadêlos? a cabeça doe-lhe toda ou metade? de que lado dorme melhor do esquerdo ou do direito? [...] os escarros são corpulentos ou de pequena estatura? tem reparado se trazem algum raio de sangue? dê-me outra vez o seu pulso! [...] diga-me cá, que côr tem as agoas? assim modo de chá pouco forte: ora diga-me mais, a respeito destas doencinhas pertencentes a Venus tem havido muitas? ha de ter havido, que eu bem o sei? que idade tem? teve já alguma maligna? dê cá outra vez o pulso! a febre tem crescido.

Vejão como não havia a febre estar grande só com o trabalho, que o pobre doente tinha tido a responder a tanta cousa. Depois de tudo isto sahia para fóra, pedia papel, e dizia por entre os dentes: está mais adiantada do que pensão. Isto já para se salvar, **no caso que o doente morresse, porque era esse o costume de quasi todos, a quem elle tinha a infelicidade de curar** (p. 162-165).

Tinha, então, chavões certos para as doenças [...] nada de ar novo na casa, porque dizia elle, e dizia com muita razão; o ar novo livra muitas vezes o doente, e salva a familia de se lhe pegar a doença, o que não tem o ar velho, que muitas vezes huma maligna agarra a familia toda, e leva a sua roda de sete ou oito em huma casa, que no fim dellas trasladarão-se os corpos para a Freguezia, e os bens para casa do Medico, e ninguém póde estranhar, que procure cada hum, que lhe renda o officio.

Para cezões não usava de Quina, nem de vomitórios [...] a experiencia lhe tinha mostrado, que as cezões erão como as crianças, quanto mais mimos lhes fazião, mais teimosas erão. Para tísicas tinha remedio especial, nada de fóra da terra, **tomar fumo de carvão de pedra**, andar muito, e que **o ar de Inglaterra era o melhor para esta**

molestia. Para molestias venereas, cabelo do mesmo cão, que era com que elle se tinha achado bom. Tiricia amarella curava-a em hum minuto com a despeza de dous vintens de carmim, que mandava pôr na cara aos doentes, e a Deos amarelidão. Banhos do mar isso então era a torto e a direito, e contava tantas virtudes da agoa salgada, que um scismatico que o ouvio nunca bebeo de outra, e morreo inchado dentro de dous mezes. Nunca receitou vomitorio a ninguem, dizia elle: tomára-lhes eu metter alguma cousa no estomago, quanto mais tirar-lho; nada, eu não quero fazer experiencias nos meus doentes, quero leva-los por caminho direito (p. 166-168).

[...] tinha o seu credito tão bem estabelecido, que em hum homem casado se querendo desfazer de sua mulher, ou esta de seu marido, ou algum herdeiro, que já lhe aborrecia o pai ou tinha tomado odio a algum tio, que lhe deixava chelpa, não chamavão outro, e o negócio era concluido. [...] Assim hia vivendo o meu Doutor Cortiça, que he assim que elle se appellidava: torno a dizer **assim hia vivendo, e assim hia matando; e o mais he, que do que matava, he do que vivia.**

[...] Se o doente melhorava era obra sua, se morria, era vontade do Senhor: destes assim ha poucos; isto era hum Medico, que tinha nascido feito, não precisava de estudar; não era como muitos, que para matar hum enfermo gastarão primeiro rios de dinheiro ao pai: cá este não, matava-os sem ter estudado para isso, tinha mesmo jeito para a cousa; em faltando a natureza de pouco ou nada serve a arte, este tinha hum privilegio exclusivo de dar cabo da especie humana (p. 168-170).

[...] No tempo, que eu lhe estive na cabeça, andava elle ensinando hum rapaz a medicina, e então he, que eu vim no conhecimento da qualidade de medicina, que elle sabia. [...] O Medico he como o carrasco, em elle dizendo comsigo: – perdoas-me a morte? – está absolvido, fez o seu officio.

Huma das regras que tambem debes tomar, dizia elle ao discipulo, he dizer poucas palavras, menear mais a cabeça, e os olhos que a lingua. [...] Outra cousa, nada de rir, sempre hum ar pensativo [...]. **Se o Pai for rico, e tiver filho, logo na cara se lhe vê se elle tem vontade que o Pai lhe morra; se a tem albarda-se o burro á vontade de seu dono,** dar com elle na cova, e daqui se tira grande conveniência: se o Pai melhorasse daria talvez quatro moedas, se as dêsse; e morrendo dá o filho dez, e mais, e faz-se bem a muita gente; ao Cerieiro, ao coche, ao que cuida no enterro, aos pobres etc. e fazer bem á pobreza, não ha cousa, que lhe chegue.

Outra cousa mais, ter sempre dous ou tres Boticarios amigos, e mandar para lá todas as receitas; porque assim quando hum homem põe na receita alguma asneira, que

nunca faltão, cala-se o Boticario, o que seria muito grande quebra para o estabelecimento de hum Medico ir parar ás mãos de hum, que lhe pozesse em pratos limpos as suas materialidades.

[...] Ter muito cuidado em fazer diário dos seus doentes, isto he, dos que pagão, e de quanto dão, para que se for outra vez chamado para alli, ver se deve ir lá ou não; porque o ser Medico, não he ser criado de ninguem. Para se matar um doente com pressa, basta que se lhe mande misturar em dous grãos de tártaro hum vintem de pós de Joannes; porque ha desculpa, que dar no caso que ralhem da morte, que he dizer que o doente tinha lombrigas; e assim como os pós de Joannes matão os bichos, sem matar quem os tem, muito melhor matarão¹²² as lombrigas, e que da má disposição dos **humores do doente** não tem o Medico culpa (p. 171-175).

[...] conforme o doente assim he o remedio, e não conforme a doença: Medico que anda a pé, tambem não cura ninguem. [...] Tambem será muito bom usar de annel, óculo e bengala. **Se for chamado a junta, estar sempre pelo voto do que tem mais fama; contradizer o mais novo se he pobre. Quanto menos gente houver no officio mais ha que fazer.**

[...] e demais não sejam os doentes tolos, saibão-se curar. [...] o ser Medico não he ser adivinhão, he indagar as mazélas de hum corpo alheio, o qual dono do corpo he tão tolo, que as não conhece; e eu sempre ouvi dizer: – **que quem he tolo pede a Deos, que o mate.** Estas, e outras maneiras eram a fôrma com que o meu Doutor Cortiça hia instruindo o seu educando [...]

Assim me demorei perto de tres mezes, e **o meu Doutor não tinha mãos a medir para mandar gente para o outro mundo, mas isto já vinha de traz, porque o Pai tinha o mesmo officio, e mais não era Medico, era coveiro** (p. 176-180).

CARAPUÇA LXVI

Era hum homem já de setenta annos, cabello cortado, sempre com a sua camiza de panno de linho, huma casaca com huns botões tamanhos, que não deixavão ver a côr do panno, sua vestia acertuada, seu chapéo grosso com a armação com que tinha sahido da primeira mão, huma bengala, que pelo seu pezo bastava deixa-la cahir de leve para quebrar huma cabeça por leve que fosse, dous rolos de tabaco nas ventas, e alguma cousa rameloso; mas tinha muita chelpa, cousa que afformosêa muito: no seu officio

¹²² Na edição de 1837, p. 148: «matarião».

sabia como aquelles, que sabem, em **botando o olho a hum porco, e dizendo o que pezava, não lhe errava hum arratel**; até dizia quantos chouriços havia de fazer o sangue [...] (p. 184-185).

CARAPUÇA LXVII

A Mulher tomou outro norte muito differente do marido. Vio-se com muito dinheiro, ella ainda não muito velha; alli no mesmo sitio havia hum rapaz, que tinha muito menos idade do que ella, mas tambem tinha muito menos dinheiro, **a cousa estava balanceada; o que hum tinha de mais, tinha outro de menos**, propozerão-se a casar: antes de o fazerem começárão a gastar o dinheiro; **ella pôz logo Dom**, e deo todas as saias, e roupinhas de panno e baeta, que tinha: vestio-se de branco; deo-lhe huma constipação, andou dous mezes em mãos de Cirurgião; e daqui podem vv. mm. suppôr, que tal ella ficaria, que foi doente para toda a sua vida. O dinheiro tambem adoeceo, e estava quasi ético, porque lhe tinhão dado grandes sangrias. A doença demorou o casamento, e o noivo foi recuando, de fôrma que ultimamente diz-lhe hum reverendo não quero, quando ella lhe fallou em matrimonio.

A mulher era mulher de porte, tinha sentado huma vez, que devia casar, não se queria desdizer, procurou outro sujeito; mas como ella já tinha menos dinheiro, custou-lhe bastante a achar, mas sempre ha hum testo para huma testa.

[...] Dentro de hum anno deo-se cabo do que havia; e tanto que não houve de comer, o marido não pôde tragar mais a mulher, despedio-se della em Francez, e como ella não sabia esta lingua não soube para onde elle tinha ido. Algumas diligencias fez por elle; e soube no fim de dous mezes, que andava guardando porcos em outro lugar. Ella tinha tomado tanta aversão a esta qualidade de animaes, que nunca mais quiz ouvir fallar nella¹²³.

Pouco tempo durou¹²⁴, tudo lhe faltou ao mesmo tempo. Homem, dinheiro, e saúde [...] antes que ella morresse, passei para a cabeça do filho [...] (p. 190-193).

CARAPUÇA LXVIII

O tal rapaz, **se o pai fosse vivo, mettia-o no montado com os porcos**, porque era hum destes brutos em toda a sua perfeição; até era doido por bolotas [...] era hum atarantado [...]. Tratou de casar para ver se achava quem o sustentasse, porque muitos

¹²³ Na edição de 1837, p. 162: «nelles».

¹²⁴ *Ibidem*: «durou mais».

homens de bem fazem o mesmo; e com effeito appareceo huma rapariga visinha, a quem o pai dava de dote dous porcos, e seis porcas fóra a filha, que era bastante enxovalhada, mas o rapaz não quiz, e respondeo que elle tinha outros fumos, e que não queria seguir a vida de seu pai. Assim foi vivendo até que se embrulhou alli com outra rapariga muito aninhada, que sendo elles dous no fim de nove mezes, apparecêrão tres: obrigárão-o para casar, elle arrumou os pés á parede [...] que [...] não devia nada a ninguém. A rapariga dizia que sim, que devia [...] por fim de contas foi sentenciado ou a casar, ou a ir degradado para Lisboa; e não se admirem vv. mm. desta qualidade de degredo, porque como esta história succedeo na India, assim como de Lisboa mandão os degradados para a India, assim os da India mandão-os para Lisboa.

Não houve outro remedio, casou, hum sujeito que alli havia, e que muitos dizião, que tambem era culpado da multiplicação, pôz-se a casa, e com muito aceio, que até leite tinha os pés de ferro para amor¹²⁵ dos persevejos; mas o tal fez-se persevejo, porque se lhe metteo em casa, e por fim pôz o noivo na rua.

Elle tambem não mostrou muita pena com isso; porque não era muito apaixonado da mulher; isto he, da sua: por encurtar razões, **acabou guardando carneiros só por levar a sua avante de não guardar porcos** (p. 194-197).

CARAPUÇA LXIX

Depois da cabeça do tendeiro, he esta huma das melhores em que tenho andado. **Elle era muito mais rico que o dono da quinta:** frutinha e hortalíça boa, que ela dêsse, não via outra barriga, senão a sua, e a da sua familia, e dizia elle, que não tinha de que se confessar, que para isso a trabalhava, e que todos neste mundo, quando nascêrão, lhes coube a sua porção de **terra**, e que ella **não pertencia a quem tinha dado ouro por ella; mas sim áquelle, que com o seu suor a regava**, e que muito favor fazia elle em dar alguma cousa ao dono; e ninguém o tirava deste cálculo.

Tudo repartia irmãmente, huma moeda que fizesse em nabos dava metade ao amo, e não queria no fim do mez mais que o seu ordenado, e algum fatinho velho, quando muito algumas botas; e já se sabe pelos tempos proprios a consoada, o pão por Deos, e as suas amendoas (p. 198-199).

[...] Naquelle sitio fazião muito mais caso do **caseiro** do que do dono, mas não he só nesta qualidade de criados, que se vê isto; quantos e quantos podem, e valem mais

¹²⁵ Na edição de 1837, p. 166: «Por causa».

do que os amos! Hum conheci eu, por signal que era elle casado com huma rapariga bem galante, que, quem quizesse conseguir alguma cousa do amo, havia primeiro dirigir-se ao criado, e se o intentava de outra fôrma perdia o tempo; mas que lhaneza lhe mostrava o amo, **hia muitas, e muitas noites passar com elle ao seu quarto**, jogarem, tomarem chá, não havia differença nenhuma entre hum e outro; e **se o criado alguma vez hia fóra da terra** a alguma cobrança, não lhe faltava nada em sua casa, que o **amo tinha tanto cuidado nella como na sua, ou mais se se póde dizer** (p. 203-204).

CARAPUÇA LXX

Nesta casa tudo cheirava a vinho, e não havia muita falta de dinheiro. [...] e então **este amigo sabia dos adubos, para fazer do vinho máo bom** que era hum pasmo, **he certo que lhe botava algumas michurufadas que não erão muito boas para a saude**, mas a isso respondia elle quando o mettião em escrupulos: e quem he que faz caso da saude? quantos ha por ahi que a andão perdendo por todos os modos, então vá mais este, que ao menos he com utilidade minha, e do proximo, que eu ao menos dou as minhas esmólas á porta (206-207).

[...] elle só o que recommendava aos seus caixeiros he que medissem mal, para o que tambem dava a sua razão, e era, como havia muito bebedo¹²⁶ quanto mais fosse mal medido, mais se demorava o toldarem-se; e ao menos já que elle não podia impedir, que se embebedassem, que fosse o mais tarde que fosse possivel (207-208).

[...] Era então curioso de garrafas, que tinha a pachorra de andar escolhendo grozas e grozas das mais pequenas, daquellas que não levassem bem meia canada, para engarrafar e pôr á venda.

Sabia fazer da agoa-ardente fraca forte, botando-lhe polvora. [...] Também outra cousa; de sua casa não sahia nada sem dinheiro, e dizia que tinha escrupulo nisso, porque como não era pão, quem não tivesse com que o comprar, podia muito bem passar sem elle. Que desalmado homem! Ora vejão vv. mm. quem he que póde passar sem vinho no tempo de hoje. [...] Elle a maior parte do tempo estava com a camueca, quero dizer, bebedo, para fallar mais claro (p. 208-211)

¹²⁶ Na edição de 1837, p. 175: «bebedo».

CARAPUÇA LXXI

Depois de cazeiro de quinta, tambem não he máo ser **arrendatario**; principalmente destes amigos que querem **gastar mais do que tem**, e que não lhes importão¹²⁷ irem-se empenhãdo¹²⁸, e atrazando no rendimento, com tanto que venha vindo dinheiro; porque quasi sempre vai a cousa pela terça parte do valor, isto he, se he hum anno adiantado, porque se quer¹²⁹ tres ou quatro, então nem a sexta¹³⁰, e se são seis annos então não se pilha nada ou quasi nada.

[...] A respeito de propinas, se elle ficava obrigado a dar trinta queijos ao dono, nunca as arrendava da sua mão sem lhes impôr noventa; de fôrma que elle de tudo havia de ter mais que o senhorio [...] e o geito que elle tinha tambem para usuras! era hum lince: negocio destes não lhe escapava; mas tambem mammou ópios de guarda debaixo, que he o que succede a estes, que querem ganhar muito.

Arrendou huma vez huma quinta a hum morgadete, destes que gastão o dinheiro assim a modo de quem queima estopa pelo entrudo, que foi hum gosto ver o ajuste. Sabem o que me pareceo? assim a modo de hum que o encontrão os ladrões, e que o vão despindo pouco a pouco; ora lhe tirão a casaca, ora os calções, depois a camiza, e acabão com a pancada da paz, dando-lhe huma facada: da mesma fôrma foi o miseravel (p. 214-216).

[...] Pois, senhor, respondia o morgado, faça v. m. lá os ajustes que quizer com tanto que eu haja este dinheiro á mão. A quinta tem andado de renda em cada hum anno por seiscentos mil réis, leve-a v. m. por quatrocentos mil réis, e por tres annos. Está brincando, senhor? lhe respondia o usurario: quem quer ter empatado o seu dinheiro tanto tempo? [...] Pois, senhor, em huma palavra, proponha v. m. como a quer de renda? Eu lhe digo, meu senhor. Visto o estado dos tempos, e o dinheiro andar tão encantado, que não he possivel a ninguem vê-lo, tomarei a quinta de V. Senhoria por nove anos [...]. Darei a V. Senhoria os tres mil cruzados, que sabe Deos se eu nesta occasião podia fazer este desembolço, e de mais a mais V. Senhoria me fará o arrendamento por dezoito annos; porque he muito natural, que V. Senhoria vá precisando dinheiro, e que me entre a importunar, e se ha de haver novos contratos, novas escrituras, e novas

¹²⁷ Na edição de 1837, p. 181: «importa».

¹²⁸ *Ibidem*: «empenhando».

¹²⁹ *Ibidem*: «se se quer».

¹³⁰ *Ibidem*: «parte».

despesas, já está tudo feito, isto he, querendo V. Senhoria, porque senão¹³¹ quizer, também isso me não dá muito incómodo; porque eu tinha este dinheiro determinado cá para outro negociosinho, que certamente me havia de dar muito mais, sem precisão de que faça Sol, e chuva a tempo competente.

O pobre homem não teve outro remedio, mais calças que lhe puzesse, estava por todas: fez-se o arrendamento [...] (p. 217-220).

Ora que lhes parecem a vv. mm. que tempo mediou para o meu usurario ficar senhor da quinta os outros nove annos? pois foi dahi a tres mezes, que teve outra vexação, e recebeu oitocentos mil réis em lugar dos tres mil cruzados, attendendo a ser muito antes de tempo a cobrança, e por cinco mil cruzados ficou¹³² com o valor de vinte e sete. Então que tal he o negociosinho? pois he a qualidade de negocios que fazia o meu usurario. [...] Assim fomos vivendo cada hum a chupar o sengue por sua fórmula, eu a chupar o sangue de hum rico, elle a esgotar o dos pobres, ou para melhor dizer o dos tolos (p. 220-222).

CARAPUÇA LXXII

Tudo pequeno he galante, á excepção dos piolhos, porque comem mais, e aborrecem mais; mas escapão melhor de serem apanhados. [...] **o rapaz andava doente de mimos**, que lhe fazião; e certamente nem mais mimoso, nem mais mal criado havia outro.

[...] Elle tinha sete annos e meio, dormia na cama com a mãe, e por gosto se podia dormir com o rapaz de verão, porque no discurso da noite mijava as suas tres ou quatro vezes; e por mais que o pai ralhasse com elle não se emendava, e a mãe e a avó não lhe querião dar, porque elle estava muito magrinho, e tinhão medo, que se o amofinassem morresse tisico, ora isto de inverno dava bastante incómodo, mas como era o menino que o fazia paciência. [...] A avó em o vendo chorar, todo o seu medo era que elle quebrasse; e só por que elle se calasse andava muitas vezes com elle ás cabritas, e o pequeno mettia-lhe hum alfinete, por hum hombro para que ella andasse mais depressa; mais¹³³ isto não he coisa que se estranhe por isso o conto, que avó he mãe duas vezes [...] e o pequeno era bonito, merecia tudo, e a tentação que elle tinha com louça inteira? em quanto a não via quebrada não descançava; e tudo fazia com tanta graça, que

¹³¹ Na edição de 1837, p. 186: «se não».

¹³² Na edição de 1837, p. 187: «ficou pois o meu usurário».

¹³³ Na edição de 1837, p. 194: «mas».

sempre dava vontade de rir as suas travessuras. A respeito de goloso isso era hum nunca acabar; mas a mãi respondia a isso, quando o pai ralhava com ella: deixa-lo, deixa-lo faltar, sabe Deos o tempo a que elle chegará, em quanto eu for viva, e podér deixa-lo viver á sua vontade¹³⁴, tempo virá, em que pague tudo, e passe bem amargurada a vida. O pequeno com estes amens continuava a missa, e cada vez se hia fazendo mais endiabrado, e a avó cada vez o achava mais esperto (p. 225-229).

O certo he que tudo anda confórme o uso. Os Leitores agora hão de me perdoar, que eu quero fazer a minha reflexão na fórmã do meu costume.

Eu não sei, que haja differença de pôr a mão na cabeça, ou a cabeça na mão; mas apezar disso vejo e ouço; que quando huma pessoa vai com a mão á cabeça, chamão-lhe porco, e mal criado, e se hum homem descança a cabeça na mão: não lhe dizem nada, **desenganemo-nos, senhores, que os tempos, e as circumstancias he quem faz tudo:** sabe Deos, se inda virá tempo, que se coma hum piolho assim como hoje se come huma perdiz; o caso está, que haja hum Medico que diga, que elle he substancial e saudavel, e huma personagem daquellas, que apenas diz¹³⁵ huma asneira todo o mundo se ri, e louva a sua discrição, e que diga, que gosta delles, e lhes acha sabor, **em huma palavra os seculos mudão tudo**, eu lembra-me muito bem do tempo que o chá só servia para dores, e hoje conheço pessoas, que he a sua cêa, e que na verdade he huma dôr vê-los cear chá. As laranjas da China forão veneno, e hoje são cordiaes. Hum passaro em huma gaiola no meio de huma casa he bonito. Huma aranha com huma grande teia ao canto da mesma, he feio. Sabem pelo que, porque desde que principiamos a ter uso da razão nos ensinão a ter medo de aranhas, e a gostar de passaros. [...] Vamos nós agora analysar a cousa: a aranha tem mais que admirar do que o passaro, e mesmo he mais util, e em chegando o tempo que ellas se usem, já não hão de parecer feios os passaros. [...] os homens só pelo gosto de opprimir, privão-se até do mesmo que gostão, e eu o próvo. Se tu, dono do passaro, gostas de ouvir cantar passaros, elles não andão á roda de ti a faze-lo? [...] Deixa-os na gaiola do mundo, que he a tua mesma. Dize-me cá, se te metterem na gaiola do limoeiro, tu cantarás tão bem como se estivesses na gaiola do mundo? pois então deixa os pobres passaros, e deixa as pobres aranhas; porque estas ultimas nenhum mal te fazem. Ellas sustentão-se com a sua industria, fazem a sua casa pelo seu trabalho, ensinão as mulheres a occupar o tempo nas suas teias [...] (p. 231-234).

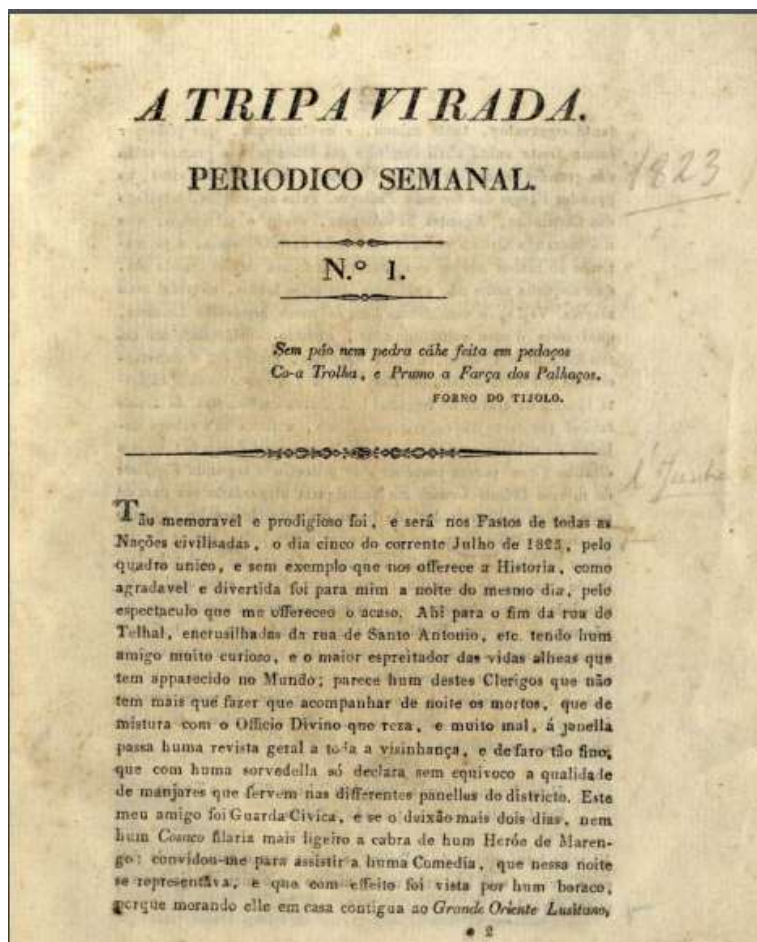
¹³⁴ *Ibidem*: «hei de satisfazê-lo».

¹³⁵ Na edição de 1837, p. 196: «solta».

He a minha balda, entrei a declamar, esqueceo-me a Carapuça de que tratava e meti-me com mil arengas, de que mesmo eu não saberei sahir, se não fôr de repente sem dar a razão, nem porque entrei, nem porque sahi: vamos ao fio, e ao começo, que não ha outro remedio; e **ainda haverá pedaço de asno, que diga que isto he traducção: isto pelos destemperos bem se deixa ver, que he original: mas elle há taes, que tanto entendem os originaes como as traducções, assim como ha tolos originaes e traduzidos:** eu hei de fallar destes taes em alguns dos meus folhetos; mas agora não quero perder tempo com eles: estes amigos tratão-se como se tratão os monos, que se lhe **dá huma pitada de tabaco para elles então fazerem as macaquices** [...] vamos à nossa criança e deixemos estas.

[...] entrou o pequeno a ter huma febresinha: huns dizião, que era sarampo, e outros bechigas, no fim de tudo era huma biliosa: ver agora o cuidado, com que o pai, mãe e avó matárão o pequeno á força de remedios e cuidados. Se o pequeno dormia acordavão-no, porque estava em somnolencia; se estava acordado affligião-se porque não socegava; se estava quente estava ardendo em febre; se frio estava muribundo, não havia meio termo, de fórmula que era de obrigação infallivel o rapaz morrer, inda que não fosse da molestia. Por acabar com elle morreu o rapaz; e a avó que era huma mulher de setenta annos, que nunca lhe deixou hum minuto a cabeceira, nem hum instante de tomar-lhe o pulso, foi a cabeça que eu escolhi para a seguinte Carapuça (p. 233-238).

8. A TRIPA VIRADA (excertos)¹³⁶



A TRIPA VIRADA.

PERIODICO SEMANAL.

Nº 1.

Sem pão nem pedra cáhe feita em pedaços/ Co-a Trolha, e Prumo a Farça dos Palhaços.

FORNO DO TIJOLO

Tão memoravel e prodigioso foi, e será nos Fastos de todas as Nações civilisadas, o dia cinco do corrente Junho de 1823, pelo quadro unico, e sem exemplo que nos offerece a Historia, como agradavel e divertida foi para mim a noite do mesmo dia, pelo espectáculo que me offereceo o acaso. Ahi para o fim da rua do Telhal,

¹³⁶ Mantiveram-se a ortografia e pontuação originais. Os negritos são meus.

encrusilhada da rua de Santo Antonio, etc. tenho hum amigo muito curioso, e o maior espreitador de vidas alheas que tem apparecido no Mundo [...]. Este meu amigo [...] convidou-me para assistir a huma Comedia, que nessa noite se representava, e que com effeito foi vista por hum buraco, porque morando elle em casa contigua ao *Grande Oriente Lusitano*, tanto esgravatou, tanto minou, e contraminou, pôde por huma fresta subtil abrir caminho aos olhos para o grande salão das grandes sessões do *Grande Oriente*, e ver, sem ser visto, as grandes Farças dos *Grandes Palhaços*. [...] Vejão, e considerem bem os meus benévolos Leitores, qual seria o meu contentamento, quando, considerando-me como sou, hum *Profano*, e hum *Profando*, me vi em circumstancias de ver hum bocado de *Luz*, que a nós os parvinhos cá deste Mundo de trevas he negada!! [...] depois de me haver fortallecido com algumas talhadas (e grossas) de lombo lardeado, pasteis de Marvilla, Carcavellos, Pico, e Setubal, etc. e pedido encarecidamente ao Ceo que me conservasse sisudo e sério, não soltasse alguma involuntaria gargalhada que me trahisse, aproximei-me á fresta donde muito a meu salvo descortinava todo o salão, ou apparatus estribaria [...] A armação era lugubre, as vellas amarellas, as cortinas, e os citiais bordados de caveirinhas, de trolhinhas, de compassinhos (p. 1-2).

Nunca me vi em maior perplexidade, porque, dizia eu comigo, a Inquisição acabou-se, e o que eu diviso he huma caterva de penitenciados pela Inquisição todos trazem corócha assim por modo de mitra, ou carapuça cornuda, todos trazem sambenito, e tão comprido, que parece assim por modo de avental de taverneira Ingleza; todos trazem luvas brancas, ou trapos de quem traz as mãos queimadas, isto será casa de esgrima? Para que he tanta espada velha? [...] eu [...] olhava para as carinhas dos que entravão, e conhecia-os como os meus dedos. O primeiro veio para debaixo de hum docel velho assim do feitio de barraca da feira da ladra [...] tinha ar de quem ainda dava Conselhos de Estado, e era com aquella figurinha de placart magro, e calvo, o *Grão Mestre do Grande Oriente*!¹³⁷ [...] vi o Pato¹³⁸ [...] no character de Grande Secretario [...]. Muito gostei de ver os dois Grandes Vigilantes! Hum Conego outro Abbade [...] sem egreja muito sabio na opinião, com a cara velha, e franzida como huma correa¹³⁹, e homem de tantos dias, que já tinha idade para ter juiso, e não se meter naquellas encamizadas (p. 3-4).

¹³⁷ João da Cunha de Sotto Maior, juiz e deputado.

¹³⁸ Nuno Álvares Pereira Pato Moniz.

¹³⁹ Abade Correia da Serra.

Os Profanos tomarão demasiadamente á letra aquella decisão do nosso irmão, o *Palhaço* Manel Borges¹⁴⁰ = *Desfaçamo-nos delles* = e em hum abrir, e fechar d'olhos fizerão de nós o que o intrépido Serpa Pinto queria ir fazer aos de Verona, derão-nos cabo do canastro. A grande obra da regeneração Portuguesa tantas vezes começada, e assoprada pelos nossos irmãos que hião para Inglaterra fazer *Portuguezes*¹⁴¹, e *Campeões*¹⁴² (hum se esgueirou agora para lá, outro inda cá ficou, mas até ao lavar dos cestos he vindima), e interrompida com o divertimento das fogueiras do Campo de Santa Anna, rebentou com vigor, e energia, entusiasmo, e denodo, no dia 24 de Agosto [...]. Nós quisemos demolir tudo, promettendo concertar tudo (p. 5).

[...] não ha hum só papelão que eu não conheça, até mesmo todo o corpo do Commercio embonecrado [...]. Apareceo em nosso horisonte politico o brejeiro do *Goibinhas*, o idolo da Caixeirada, o órgão dos Filósofos Bacalhoeiros, dos Publicistas Capelistas, dos Politicos de alguns Quarteirões da Rua Augusta [...] (p. 3-6).

[...] Outra ancora da nossa salvação erão os nossos Periodicos, quanto deveo a nossa santa causa para não se paralizar ao irmão, que presente está, o Grande Secretario do *Grande Oriente* o Senhor Pato! O seu *Portuguez Constitucional*, e depois o seu *Regenerado*, no qual por cada pagina, segundo a frase dos *Profanos*, merecia a forca, foi huma das mais firmes colunas da nossa veneranda ordem, atacou o Fanatismo, e a superstição, fez tremer nos seus vacilantes thronos os impios *Despotas de Verona*, insultou todos os Profanos, a quem o erro, e a mentira chamava homens de bem, atacou a Igreja, pulverisou o Creio em Deos Padre, filou-se no Patriarca, não deixou objecto sagrado, que não enxovalhasse com huma fraze de cão danado, que nos consolava esta alma. [...] Pois a obra de mão cheia do nosso Patriarca, o Fernandes¹⁴³, chamada o *Independente*! [...] Por hum triz não põe entre os Profanos a mixordia de todos os cultos com a sua decantada tollerancia, porque assim como se querião chamar os Mouros, e os Judeos de Berberia para tomarem posse da herança de que nossos Avós os esbulharão, era justo que com os bens de raiz, e moveis em que se devião encabeçar, tivessem a liberdade de adorarem o *Supremo Architecto* cada qual como lhes desse na cabeça, pois isso era das nossas Bazes – a liberdade do Cidadão [...] (p. 6-7).

Não forão Venerandos irmãos, não forão estes só os meios de que nos servimos para que a Regeneração progredisse, todos os empregados devião ser da Sucia, e da

¹⁴⁰ Manuel Borges Carneiro, deputado às Cortes Constituintes

¹⁴¹ João Bernardo da Rocha Loureiro, redactor de *O Portuguez*.

¹⁴² José Liberato Freire de Carvalho, redactor de *O Campeão Portuguez*.

¹⁴³ Manuel Fernandes Tomás.

Sucia grande, e apresentarem o sagrado documento de que a ella pertencião; todos elles serão escolhidos ao taboleiro [...] Tudo perdemos, e não podemos dizer, excepto a honra, porque essa nunca a tivemos, e por isso não a podíamos perder, assim como ninguem dá o que não tem: eu ainda digo que perdemos mais, porque até perdemos a esperança de fazermos outra como a de 24 de Agosto, não porque nos falte a vontade, e a lojas hão de trabalhar em quanto não as queimarem, e a nós com ellas [...] mas porque já não podemos enganar ninguem com as nossas palavras, emboias, e promessas, ninguem nos crê, isto de direitos Banaes, e Foraes, e Cereaes he huma risota para a populaça. Os nossos punhaes carbonarios? Se apparecesse algum apparecião logo dez mil cajados breados até ao meio, que nos fazião o espinhaço em estilhas. [...] Não sei como isto foi, o que sei he que não pomos mais pé em ramo verde, e vos confesso, venerandos irmãos, que vejo de todo = A TRIPA VIRADA [...]. Virá (este he dos males o maior) virá o Forno do Tijollo, todas as paz, todos os basculhos, todas as talhas, e meias talhas de pinho nos cahirão em cima do toitiço, e assim como nós quizemos esmagar o Infame, o Forno do Tijollo nos esmagará a nós....

[...] Ouvio-se o baque do *Macete*, e ao som do – O Arquitecto Supremo nos valha contra o Forno do Tijollo – tudo se esgueirou.

Basta, mas este gracejo com o fundamento da verdade serve de Prefacção ao Periodico, que vou offerecer á Nação Portugueza, com o titulo que lhe supponho dado pelo Orador – A TIPA VIRADA – e começamdo do primeiro acto da rebellião, começada desde o dia infausto de 24 de Agosto de 1820, até o dia faustissimo 5 de Junho de 1823, eu hirei seguindo em seus passos a obra da iniquidade [...] eu levantarei o véo que encobre ainda o abysmo de males , em que os malvados nos precipitarão. Talvez hum seculo não possa remediar de todo as desgraças de trez annos (p. 7-10).

Em quanto entre nós existirem *Lojas de Pedreiros livres e Bosques de Carbonarios*, teremos o fermento da rebellião, e o foco de todas as desventuras [...] Cáia o machado da Lei nas raizes desta arvore pestlente, cujos fructos são a destruição, e a morte. [...] Consolemos com a reproducção do nosso antigo, e nobillissimo character, a El Rei Nosso Senhor [...] e se queremos que elle viva, e nós vivamos,

Morra o Maçonismo (p.11-12).

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO.

Rua Formoza N° 42.

S. Miguel, e os Diabos.

*Houve no Ceo huma grande batalha: S. Miguel pelejou com o Dragão, e com os seus Anjos, e por fim atirou com todos os Diabos aos quintos infernos. Isto foi no Ceo, e aind e a imagem he muito alta, o mesmo succedeo com outro Miguel, que parece, e he hum Anjo cá na Terra; com a differença, que os Diabos de que o Miguel cá da Terra deo cabo, ainda erão peores que os Dianos que Miguel do Ceo mandou para as profundas. O diabo Lucifer por certo, até pelas pinturas que vemos, não era mais feio que Manoel Fernandes Thomaz. Belsabú não era peor que José da Silva Carvalho. Asmodeo tinha muito melhor cara, e melhor genio, que José Joaquim Ferreira de Moura. Moloc não era mais feio, nem mais Asno, que Drago Cabreira. Astaroth não era mais grulha, e arengueiro, que José Ferreira Borges. [...] Que fizerão os diabos no Ceo! Quizerão hombrear com a Soberania Divina justando-se em Cortes, para declararem o seu Patriarcha Manoel Fernandes Lucifer, semelhante ao Altissimo, *Similis ero Altissimos*, perturbarão a paz da Beamaventurança, e seduzirão huma terceira parte do Exercito celeste, que fizerão cumplice da sua revolta [...] E que fez S. Miguel? Pegou n'hum páo, e levou á bordoadada mestra toda aquella infame cambada [...] Que fez o Anjo Miguel cá na Terra? Disse comsigo = Pois esta canalha quer ser semelhante a meu Pai, e usurpando-lhe a Soberania, coarctar-lhe ou aniquilar-lhe o legitimo poder? [...] pois para estes iabos eu serei o S. Miguel, e já que tenho seu nome, e me pareço com elle na cara, eu farei o mesmo que elle fez, darei cabo da revolta, porque tenho Anjos fieis, e de mão cheia. O Esquadrão dos Anjos 4, as Legiões dos Arcanjos 23, e 18, e toda a mais Anjaria miúda [...]. S. Miguel do Ceo fez huma proclamação em trez palavras *Quis ut Deus?* e isso bastou para se precipitar no Inferno aquella Corja; eu farei outra em pouco mais de tres palavras, e ella bastaria para conservar fieis, e seguirem o melhor partido todos os coros dos bons Portuguezes, e para aniquillar com hum assopro toda a caterva dos Diabos conspiradores, e revoltosos (p. 13-14).*

[...] Para a victoria ser igual em tudo, eu desejava ver igualdade n'huma coisa. Com a victoria de S. Miguel, segundo se nos diz, e crê, ficarão muitos Diabos espalhados nos ares, em justo que o S. Miguel da Terra, deixasse alguns, e bastantes pendurados no ar, e como elles não são tão leves como os outros Diabos, eu lhe aconselhara, que mandasse uzar de hum atilho assim por modo de huma CORDA.

[...] a não se uzar do remedio efficacissimo da CORDA continuarão a maquinar da mesma sorte, a revolver, e a minar tudo como espiritos de rebellião e verdadeiros genios do mal [...] porque o *Maçonismo*, e o *Carbonarismo* continuão da mesma sorte, e se estes diabolicos ajuntamentos se não arrancão de raiz, os effeitos continuarão a ser os mesmos. Ó S. Miguel nosso defensor cá de telhas abaixo, CORDA, e mais CORDA, olhai que elles são teimosos como o Diabo.

[...] o nosso S. Miguel da terra se deve por á porta do Paraizo donde esperamos todos os bens, que he o Gabinete de seu Pai, e não deixar entrar lá diabos ministros dos outros, e peores que elles. [...] o Pai do nosso S. Miguel cá da Terra [...] para imitar a Deos Nosso Senhor, e Pai, deve pôr á porta do seu Paraizo o nosso S. Miguel, que he rapaz, e tem o olho vivo, e bem o provou no primeiro ensaio: lá nem devem entrar, nem lá estar Diabo a raça dos outros, porque são das mesmas manhas, leem pelo mesmo Breviario [...] aspirão anciosamente a outro dia 24 de Agosto, dia de S. Bartholomeu, e he bem sabido que nesse dia anda o diabo solto, e bem visivel se mostrou em a nossa Cidade regeneradora [...] e nosso S. Miguel não ha de deixar a obra imperfeita: bem o mostrou elle outro dia com hum diabo, e pobre diabo, ainda que metediço como piolho por costura, que o impôz por huma escada abaixo, e mais depressa do que elle subira!! (p. 14-16)

A Magdalena tinha sete Diabos no corpo (ha mulher que ainda tem mais) pois eu mostro ao nosso S. Miguel sete classes de Diabos onde tem muitos que lançar fora. Mercadores (fecharão as portinholas no dia do triunfo da justiça e da verdade), Capelistas, Fanqueiros, Bacalhoeiros, Ourives, Confeiteiros, e Chapeleiros, não digo, que todas estas sete classes sejam todas compostas de Diabos, porque em todas conheço muitos homens honrados, assim como na meia classe dos Retrozeiros, pios, religiosos, caritativos, e Portuguezes, mas os seus subalternos, e os seus Caixeiros! **Que monda, que monda**, não tem que fazer aqui o nosso S. Miguel! [...] O nosso S. Miguel com hum rol exacto tirado por estas sete claces e meia achará os peores Diabos [...] elle os pode exterminar com hum assopro, porque ainda que não causem próxima ruina, servem de enxovalho, e vergonha a homens encanecidos no estudo das Letras humanas, que tem revolido todos os Armasens da Politica, toda a Historia do mundo na elevação e na decadencia dos Imperios; tem profundado todas as Theorias, ou tenebrosas, ou claras dos Publicistas; sabem quaes sejam as molas, e as alavancas das Revoluções; e envergonhão-se, indignão-se de ouvirem caixeiros, e Patrões tão asnos como eles, porque com as mesmas cirollas, e tamancos vierão de *Vasto*, e de *Biana* a falarem no

Governo mixto, na Oligarquia dos cantões, e na confederação do Reno baixo, e do Reno alto, e não passa hum homem pela rua Augusta, que não oiça dizer ao Caixeiro *Mondim* para o Caixeiro *Cabeceiras* – **Tens lá o 3º volume do contracto social**, que quero ver huma coiza? [...] **Ó milagroso S. Miguel** da Terra, basculho, e mais basculho nestas classes, e livrai os homens de bem, e de juizo destes nojentos empecilhos, pegai, pegai nos seus mesmos covados, e nas suas mesmas varas, e não lhes deixeis osso em seu lugar por todo o seu vasto, e alarvado espinhaço (p. 17-18).

[...] **Ah. Sr. S. Miguel, Sr. S. Miguel**, olhai aqui por incidente huma coisa. O Pilatos de Jerusalem mandou pôr hum titulo na cruz de Jesus Christo, e o Pilatos da Regeneração José da Silva Carvalho, tirou-lho; mas porque o crucifixo das Commendadeiras de Santos tinha o titulo com brilhantes, elle mesmo lho tirou, e o metteo na algibeira do peito onde andava tambem o punhalsinho. Qual he o peor Pilatos? O de Jerusalem era de mãos lavadas, pois as lavou, e este Pilatos de cá era de mãos lavadas? (p. 19).

[...] Ó Anjo Tutelar do Reino, invencivel Miguel, vede se trazeis sempre na vossa carteirinha de algibeira estes sinco nomes, que vos não devem esquecer = Rebello – [Rocha] Loureiro – Rodrigues – Moraes – e Faria.

[...] Olhai para as doutrinas por elles espalhadas em tantos Livrinhos até vendidos pelas Lojas dos Capelistas. A cambada Maçonica fez-se a olho Cathecismos, Cartilhas, Constituições, tudo se acha á venda. [...] não ateis vós ao carrasco este tentador diabo Portelli, e entregai-o ao *Carrasco* elle vos dirá depois o que lhe fez; e nós com muita consolação o veremos. [...] O S. Miguel cá da Terra deve fazer o mesmo. E ainda mais ao diabo serpente chamado Pato [Moniz], que fez a *Indicação* aos Pais que se chamavam da Patria, que para darem de todo cabo della, e de si, se fizessem Deozes soberanos, atacando elles a soberania da Rainha. Fazei isto, e sereis como Deozes. O nosso S. Miguel afugentou os taes Deozes indicados, mas deve exterminar de todo o diabo indicante [...] mas se elle não póde pôr os diabos na mesma distancia em que os pôz S. Miguel do Ceo, isto he, quanto vai do Imperio ao inferno, que vem a ser quanto vai de Portugal a huma, e outra costa d’Africa oriental, e occidental, não temos nada feito [...] (p. 20-21).

Veneraveis Patifes, corja invergonhavel, a quem começarei agora a dar huma revista particular no primeiro acto de rebellião, que por quasi trez annos tantos males acarretou sobre a Nação Portugueza, e ficarão por isso todas as Nações certissimas, que onde quer que por boca de Pedreiros livres soar esta medonha e espantosa palavra –

Constituição – ha de haver desgraças, transtornos, misérias, destruição, sangue, e morte, como vai provando a experiencia deste, e do passado seculo.

O Acto primordial de toda a chamada Regeneração politica he a seguinte repentina, e inopinada proclamação de tres furiosos demagogos, ou rematados mentecaptos – *Gil*¹⁴⁴ – *Bernardo*¹⁴⁵ – com – *Cabreira*¹⁴⁶.

Este he o acto a que a impudencia personalizada se atreveo a chamar a deliberação espontanea de toda a Nação Portugueza, pela voz da suas Camaras. [...] Hum conselho Militar das tres mais esturradas, ou vazias cabeças que se conhecem no Reino, e a sua deliberação, lhes dá o legitimo poder de crearem hum novo Direito publico, e huma plenissima auctoridade de abolir o legitimo Governo, e de crear por escolha propria hum Governo Provisorio com a faculdade de convocar a seu modo humas Cortes, que nunca forão as Cortes da Nação, como depois se atreveo a dizer o Auctor do Manifesto, que julgo ser o Frade Bento intruso no Bispado de Coimbra¹⁴⁷, que erão as nossas Cortes. Que acto civil [...] precedeo a esta revolta militar [...] mais forjada por hum Club de facciosos estragados pelo Maçonismo, carregados de delapidações da Fazenda publica [...], e em estreita relação, e intimo contacto com os Revolucionarios da Hespanha, a quem em ultimo recurso tinham promettido entregar este Reino? [...] = *Os Portuguezes pedem o nosso auxilio.* = Quem são estes Portuguezes? Manoel Fernandes Thomaz, José Ferreira Borges, José da Silva Carvalho, Francisco Gomes da Silva, Fr. Francisco de S. Luiz, são estes todos os Portuguezes, ou são esses os legaes Procuradores de todos os Portuguezes? Sim são estes os que no alto da Lapa, sitio da mesma Cidade do Porto, tinham promptas cavalgaduras para fugirem tão cobardemente como agora fugirão, se abortase a manobra da combinada conspiração, que tão desgraçadamente prosperou para sua e nossa desgraça, e vergonha. Este he o grande titulo da Legitimidade da chamada Regeneração pelo monstruoso systema do Governo Representativo ao modo Maçonico, e conforme os impios, e anti-politicos Principios da Maçonaria. As suas côrtes são hum nome apparatuso, ou hum véo com que querem encobrir huma descarada, e tyranica Democracia, querendo prevalecer-se do que he impossível na pratica, a soberania do Povo, funesta ilusão com que se agrilhoa, e prende o mesmo Povo, que não vem a ser mais, como não foi, que hum rebanho de Escravos sacrificados ao soberbo capricho, e vistas ambiciosas de seus

¹⁴⁴ Gil de Figueiredo.

¹⁴⁵ Bernardo Sepúlveda.

¹⁴⁶ Sebastião Drago Cabreira.

¹⁴⁷ Frei Francisco de S. Luís, futuro cardeal patriarca de Lisboa (cardeal Saraiva).

mesmos illusores, e oppressores; porque os Mações sabem muito bem, que arrancando-se-lhe os votos pelo soborno, e pela intriga (como vimos) não se lhe deixa nem a liberdade de gemerem com o peso insupportavel de seus ferros; vindo estes ineptos os Regeneradores com o mais abjecto, e vergonhoso servilismo, o papel de **Plagiarios dos Castelhanos, como farei vêr á Nação em hum N. especial deste Jornal** (p. 22-24).

Saibão todos os Demagogos, e salteadores, seus agentes, seus órgãos, suas trombetas, seus miseraveis assoalhadores, que **nem hum só acto praticado por esta Cafila no espaço de trez annos foi, ou podia ser approved pelo meu coração**: eu não podia soltar a voz, porque era só minha, agora o farei expondo miudamente todos os passos que deo a obra da iniquidade. A Nação acorda, e acha-se coberta de vergonha por se ver representada em hum Pato, hum Liberato, hum Pretextato, hum Gato, e tres Frades Grillos, Fr. Joaquim de Jezus, Fr. Sá, e Fr. Palma, estes, e outros **Palhaços** apparecerão em huma Galaria aos olhos de **zombaria**, e do desprezo publico, e então se verá o justo retorno das injurias com que tão despreziveis insectos souberão responder ao

Forno do Tijolo (p. 24).

N.º 3.

Alimpem a mão á parede.

Para governar os homens he preciso conhecer como os homens são, e não como em theorias filosoficas elles podião ser. Tudo o que se não derivar deste principio, será hum erro, que acabará em desgraças. As leis com que por tantos seculos se governarão os Povos forão feitas com a previa observação até de suas mesmas inherentes imperfeições, a ellas se accommodavão, e dellas mesmas se prevalecião para buscarem, e conseguirem a felicidade geral, e particular dos mesmos Povos. Não se póde entender a idéa *sociedade*, que se não entenda hum corpo moral que suppõe logo governantes, e governados; como se não póde considerar o corpo humano organico, e perfeito sem membros, e cabeça, e sem se pressuporem leis físicas pelas quaes se harmonisem, e se governem. Estas leis são conformes não á idéa abstracta de huma perfeição hypothetica, mas ao estado real do mesmo composto humano; na mesma proporção devemos considerar o composto moral que se chama sociedade, por isso as Leis devem ser conformes ao estado actual, e não ao hypothetico (p. 25).

[...] Há quasi dois seculos, que o Inglez = *Hobbes* = concebeo o projecto do melhoramento das humanas sociedades com huma nova Constituição: este projecto foi concebido com boa fé; tratado, e expellido depois por outros Filósofos que seguirão seus passos abraçando, e explicando mais a sua doutrina, e em França, e pela Europa toda a estendeo, e assoalhou João Jaques, e tambem, como eu supponho, de boa fé. Os *Pedreiros livres*, e a pós elles os bons Primos Carbonarios, achárão aqui hum caminho, e hum poderoso instrumento para diabolicas vistas de ambição e de dominio, pois o primário intento, e fito da *Veneranda* he escravizar a Terra, roubar sem cerimonia nenhuma todos os bens deste Mundo, e reduzir a cinzas os Thronos, e os Altares. Para o conseguirem (e isto está demonstrado com evidencia no livro que se chama o *Espectador*), arbitrarão *Constituições*, ou complexos de principios Legislativos refalçados; e capciosos, que lisonjeassem, e beliscassem a paixão mais natural aos homens, a innata vaidade que se fomenta pela fantastica idéa de grandeza, de dignidade, de Soberania, e de Liberdade, tudo isto querem os homens, e contentando-se só com as palavras, sem lhe sondarem, e analysarem o sentido, se deixão cair nas pêas, e nos laços que os deixão depois escravos sem Liberdade, e sem camisa, e promettendo-lhes grandes bens, não vem a sentir por fim mais que grandesmales, e grandes desgraças, e os *Pedreiros livres* que os lograrão dando pasto á sua ambição, vem a sentir grandes venturas, e grandes opulencias, porque o fundamento da sua apurada moral he este = Nada importão os meios, com tanto que se consigão os fins = A escravidão, a pobreza, o exterminio, a miseria, o sangue, a morte, o transtorno, a desolação, as masmorras, os cadafalsos, as lagrimas, a orfandade, a viuvez, o luto, a tristeza, a confusão, a anarquia, tudo isso são bagatelas com tanto que a *Veneranda* venha a dominar, e a roubar todo os genero humano (p. 26).

Foi preciso todo este sério, para abrirmos o passo ao conhecimento do ridiculo character, e das obras dos irmãos *Pedreiros* [...]. A canalha maçonica he semelhante a huns Fradinhos de sabugo, que se vendem nas Belforinheiras da Feira, tem pegado hum bocadinho de chumbo nos pés; e por mais tombos, e trambulhões que lhes dêem, por mais que atirem com elles ao Diabo, por mais que os pizem aos pés, em os deixando por hum momento, ei-los tesos como hum alho, e direitos como hum fuso, e sem que lhes ponhão hum grande peso em cima, que os esmague, não se apêão da Burra. Tinha levado entre nós a Maçonaria montarias, e coças formidaveis, tinham-lhe dado tombos de lobo, crestas redondas; e nada de novo: Fradinho de sabugo, em se descuidando hum

momento dos Pedreiros, ei-los ahi de cólo levantado, e a fazer das suas, sem vergonha nenhuma (p. 26-27).

[...] deportados na Setembrisada, encafuados nas demolidas *cazinhas*, como se descuidáraõ delles, assim mesmo ganindo como cães apaleados se tornavão a ajuntar, e se tornavão á mesma teima, e levavão a sua por diante. Parece que se emendarião alguma coisa com a grande maquia, que levou o corpo Maçonico nas fogueirinhas do Campo de Santa Anna a que escapou o mais perverso de todos eles o Tenentinho; foi o mesmo que nada. Aquelles mentecaptos alli pendurados, e depois assados forão huma guarda avançada que o grande Exercito pedreiral quiz arriscar, e quiz perder na contingencia de lhe sair o gado mosqueiro. Continuarão com mais afinco, e invidarão o resto no infausto dia 24 de Agosto.

O Plano do Patriarca *Mirabeau* está de pé (veja-se por extenso no fim do Livro intitulado – *Refutação dos princípios Methafisicos e Moraes dos Pedreiros Livres Illuminados*) [...] (p. 27-28).

Alimpem a mão á parede. Que fizeram com isto? Horrorisa-se o animo de o lembrar!! a desgraça de huma Nação que o não merecia: primeiro enganada, depois roubada. Prometterão Liberdade, e isto queria dizer, escravidão; direitos inviolaveis de propriedade, e isto queria dizer, tosquia universal não só da lãa, mas da péle.

[...] quando a cafila opinante, preopinante, constituinte, e legislante se ajuntasse, para vergonha nossa, descarregarião inremediaveis golpes sobre tudo o que formava a nossa gloria, e contribuia para a nossa opulencia em ambos os Mundos [...] (p. 28-29).

Alimpem a mão á parede. Que fizerão os furiosos Pedreiros? Declararão a soberania do Povo, idéa monstruosa, e contradictoria; quer isto dizer, que o Povo não seria livre, nem no acto das eleições dos Palhaços. [...] Soberania do Povo! Quer isto dizer, que o Povo todo gemeria debaixo do jugo do mais desaforado Despotismo, espesinhado por hum mólho de gaiatos, que parecem tirados das caixas de assucar.

[...] (tenham paciencia, que a reacção he igual á compressão) e a desforra de tantas patifarias que tantos me disserão, e fizerão, ha de ser estrondosa. Diga-o a Magistratura ainda inficionada com as crias da Facção em tantos Titires, e Bonequinhos que occupão os lugares de Letras com opprobrio de tantos, e tão respeitaveis Magistrados recuados, e obscurecidos. Titires, e Bonequinhos denunciantes da supposta inconstitucionalidade de tantos homens de bem desterrados e proscriptos. Titires, e Bonequinhos além de perversos, ignorantissimos que **até põem letras grandes no meio**

das pequenas do seu nome, dignos de serem remetidos outra vez para a escola (p. 29-30).

Alimpem a mão á parede. Prometerão que farião florescer o commercio estancado, e parelisado. Isto quer dizer, que o reduzirão do pouco que era, ao nada que agora he, perdido o Brazil pela furiosa imprudencia dos Palhaços [...].

Alimpem a mão á parede. Prometerão no *Manifesto*, que a instrucção publica, seria o primeiro objecto, e o primeiro emprego do Regimen constitucional, arrancando os Povos da crassa ignorância em que os havia sepultado o Fanatismo, dando-lhe aquella instrucção que fosse conforme com as *Luzes do seculo* Ah! Pedreiros, Pedreiros! Ah! patifes, patifes! Quer isto dizer, que se procuraria com escandalosa pertinacia arrancar do coração da mocidade aquelles principios de Religiosa moral em que seus pais a havião educado, e que se lhe substituiria o germen de todos os vicios com a semente da incredulidade. Este he o peor mal que os malvados nos fizerão, porque tudo pende, ou depende da educação, como as tenras plantas da cultura [...].

Vão de passeio até ás margens do Mondego, oiçam alguns lentes, e vejão os progressos dos discipulos! Oh! miseria das miserias. Vejão os fructos da educação que dá a Athenas Portugueza [...] Se não podem hir tão longe, demorem-se hum pouco pelos Collegios de educação estabelecidos em Lisboa, praga desconhecida a nossos Avós. Eis-aqui o fructo: Os Pais roubados, e os filhos tolos: se de lá sahissem unicamente tollos, não era de todo máo, porém impios, corrompidos, e perfeitamente desmoralizados. Tal he a instrucção publica, o primeiro dos cuidados dos Pais da Patria!! (p. 30-32).

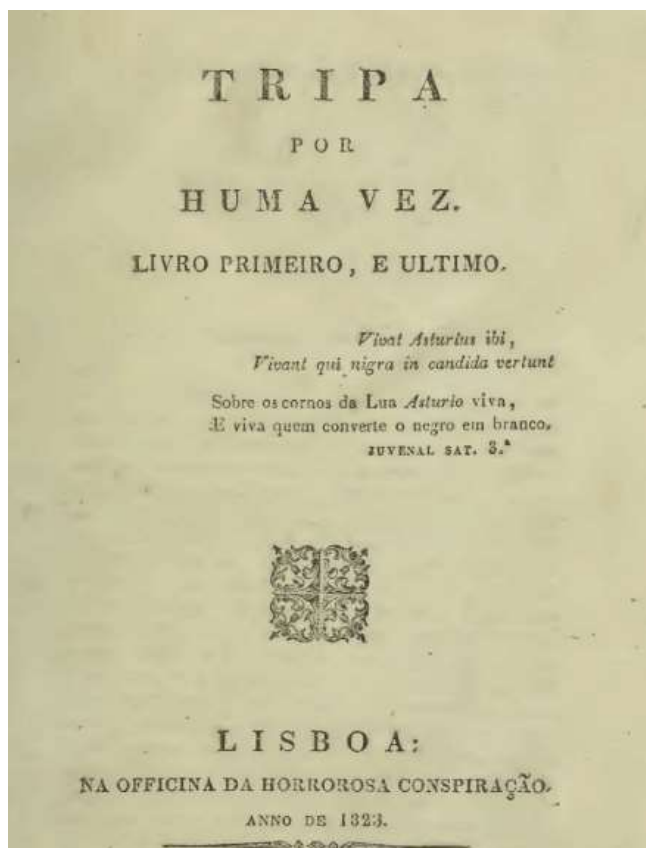
Alimpem a mão á parede. Miseraveis Patetas, que nem tiverão juizo para se conservarem a si, e nos enganarem a nós! Elles mesmos levantando o edificio em alicerces de arêa movediça, cavarão sua ruína, atrahirão sobre si a execração publica, serão detestados, abominados, malditos em quanto durar a memoria nos homens. Eu mesmo me compugia de magoa quando escutava esta terrivel expressão ao Povo – Antes mil vezes! os Francezes! – Esta exalação de dor, nascia da comparação que fazião todos dos males que cauzarão os Francezes em suas invasões com os males que estes causarão em suas regenerações. Ah! Filósofos *Pedreiros Livres*, eis-aqui os resultados das vossas theorias Legislativas: fartou-se a vossa ambição, e a vossa insaciavel e rapinante cobiça (p. 35).

Nobres, e Grandes, que vestidos de Saragoça, fosteis humildes, submissos, mudos, e doceis reconhecer por turno, e jurar vassalagem ao Cirio de Palhaços que aqui

apareceu no 1º de Outubro de 1820 com o modesto titulo de *Junta Provisoria do Supremo Governo do Reino*, vede e contemplai bem a cega profundidade do Abysmo em que vos lançarão, e de que milagrosamente tendes escapado; com o pretexto de vossos defeitos, de vossa mal fundada soberba, e até daquella affectada distracção com que escutaveis as palavras, e discursos de homens de bem e de juiso, que só têm a desgraça de não saber em o nome a tantos Avós como vós sabeis, se levantou aquella escoria da cana lha para vos insultar, pizar, e degradar. [...] Fazei que o Povo respeite as vossas virtudes, para respeitar a vossa jerarquia . Olhai que os malvados não falavão contra o Povo, falarão contra vós, como hireis vendo nestes escritos. Cerca i o Throno que vos engrandeceu, mas não formeis em roda delle hum muro de bronze innaccessivel aos ais, e ás supplicas dos miseraveis; querei muito para vós, mas tambem alguma coisa para os outros. Olhai que **se a fortuna vos deo dest incções, nem a todos deo merecimento a Natureza**. Equilibraivos, e não façais pender a balança só da vossa parte, e já que muitos de vós me deixárão impunemente insultar, eu não deixarei, até por caridade, de vos instruir.

FIM (p. 36).

9. *TRIPA POR HUMA VEZ* (excertos)



TRIP A

POR

HU M A VEZ.

LIVRO PRIMEIRO, E ULTIMO.

Vivat asturius ibi,

Vivant qui nigra in candida vertunt

Sobre os cornos da Lua *Asturio* viva,

E viva quem converte o negro em branco.

JUVENAL SAT. 3.^a

LISBOA:

NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO.

ANNO DE 1823.

Rua Formosa N.º 42.

Se quem se mette com rapazes amanhece borrado, como poderia eu ficar muito limpo mettendo-me com *Tripas*! E, que tirei eu a limpo de todos os meus combates? Livros, e Livros escritos, e escritos contra a Seita Pedreiral, hum denodo, huma valentia a toda a prova na época em que a *Veneranda* com as mãos de fora, com a faca, e queijo na mão, partia e repartia muito á sua vontade, ataquei esta vil canalha ou miserável cambada de gaiatos em frente [...] com os bicos de huma penna tão desditosa como laboriosa, e tão verdadeira como infatigável. Não deixei o mais escuso recanto nestes coviz da maroteira, que não basculhasse, nem os temi [...], e com arrojo tal, que não ha hum bom Porluguez, que quer dizer hum bom Realista, que não conhecesse que a minha vida andava em perigo, porque ousei ser o mais franco Campeão da Pátria, das Leis, da Religião, do Throno, da virtude, e da verdade. Com tudo isto dei bom burro a dizimo! (p. 3).

Acho-me com as mãos atadas. Boa recompensa! Ali Portugal, Portugal! Se eu me tivera lançado no partido infame dos Pedreiros Livres, teria em sua época chegado ás honras, e ao fastigio das coisas humanas, e menos pateta do que elles, ainda no mais eminente boléo eu me saberia conservar seguro, e teria cravado hum prego de galiota na roda da fortuna. Mas seja embora o meu jantar huma sardinha, ou sardinha nenhuma, nunca farei nada bom, e nada máo, por paga, ou recompensa humana. Tudo o que tinha escrito, e destinava escrever, nascia de hum movimento espontaneo de meu coração; nem o interesse, nem o espirito de partido, nem a auctoridade, nem a cobarde condescendencia, nem a vil assalarição me sustentarão, ou dirigirão nunca a penna nestes dedos. O odio entranhavel á impostura de charlatães Heroes da Pedreirada me dava calor ao estillo, e me parecia que o mais nobre serviço que podia fazer á Religião, ao Throno, á Pátria, era descobrir aos Povos os tenebrosos mysterios com que se procurava, e realisava sua verdadeira ruina, e escravidão (p. 3-4).

Dois sentimentos se despertarão em mim, oppostos entre si diametralmente, o de huma profunda melancolia, e o de huma desintéria de rizo, e gargalhada, e desintéria, e corrença tal, que nenhum doce de tijollo, ou goiabada poderia conter. Quando via o aviltamento, a miseria, a abjecção, o vilipendio a que se havia reduzido a Nação Portuguesa, Povo de Heroes até a milagrosa appareção do primeiro patife Pedreiro Livre neste Reino, estoirava de tristeza. Quando lançava aquelles olhos, aos quaes nenhum ridiculo he capaz de escapar, para a tropa de Salteadores, Arlequins, Saltimbancos, Palhaços, Bandarilheiros, Dentistas, e Capinhas que entrarão ahi por esse Arroios dentro no 1.º de Outubro de 1820 com tudo o de que nos serviços de Mestre P. se fez menção

honrosa, e se ouviu com especial agrado, quando vi que Jan-Alves, e Jan-Veiga de Bacalhãos e Páos falavão eloquentemente ao seu Povo, pondo Reis, tirando Reis, e gritavão — Meu Povo, *meus filhos quereis o Brancamp Velho, ou o Brancamp quasi?* Se não aperto as mãos nos vazios, eu estoirava de rizo por toda a parte. Apesar pois de ver, que esta cambada cómica, convertia a cousa em Tragedia, eu nunca pude conter a gargalhada, porque não vi mais que parvoíces [...] Para desabafo publico, eu pertendia pôr estas veneraveis, e lusidias calvas ao olho do Sol..... Não querem e hum nó tenham elles nas tripas como me atarão as minhas!! (p. 5).

[...] Quando o [...] Excellentissimo Sr. José Ferreira Borges sahia do Porto, lhe disse a mãe, e mais o pai – Filho vai, e ate Marquez, aceita, dahi para cima póde escandalizar [...] (p. 6).

Neste papel impresso diz rnui claramente como forão as primeiras rasões o Excellentissimo Sr. José Ferreira Borges, como se juntarão os primeiros capatazes no dia 22 de Fevereiro, e como se augmentou a quadrilha ate ao misterioso numero de treze, que he duzia de Frade, e como a cousa foi andando ate 24 de Agosto. [...] Neste papel só falta huma cousa, e vem a ser — *Por tanto, mandão que os Réos com baraço, e pregão sejam levados, indo elles pelo seu pé, até ao lugar da ... &c. &c.* e depois de feitos em quartos de marmello serão as cabeças postas em seus competentes postes altos, descobertos, e ventilados por amor das moscas &c. &c. Nada disto pode ser, eu fico sem o dizer, o Povo sem se fartar de rir, a razão sem dezagravo, a Justiça sem satisfação, e a Tripa sem se virar. Ao menos por descargo de consciência, se não arreberto, deixarei para os nossos netos, hum rol dos — *Ridiculos* —que observei marchando em ordem retrogada do rabo para a cabeça, ou do fim para a principio (p. 6-7).

1.º RIDICULO.

A ultima Deputação Palhaça aos Paços da Bemposta.

A cousa mais cómica que appareceo no Mundo, he a cara de hum Pedreiro livre quando se horroriza com a palavras Perjuro = Hum ladrão destes que no fundo de seu coração está mofando da existência de Deos!! Ah! pretexto, pretexto da patifaria? Não jura, ou falta ao juramento das Bazes o Patriarcha! Extermine-se. Não quer S. Magestade a Rainha jurar o Sagrado Codigo? Sofra a sua Real Pessoa o que nós vimos e lastimámos ... (p. 7-8).

[...] Mas não gastemos cera com roins defuntos, a cambada está bem conhecida; tornemos á Deputação ultima, porque vemos o Pato, o Gato, o Liberato , o Pretextato, o Gaiato metidos em seges de aluguel, e de veneranda antiguidade, com hum Esquadrão de Cavallaria a traz, e batedores adiante, he o maior Entremez que ainda se representou no Mundo, o seu desfecho ainda he mais comico!

[...] Isto se disse em muito silencio, porque não tinha apparecido, por estar occupado na Taberna, o homem que trazia o sacco com os patações de dois vintens para dar aos rapazes, que davão os vivas segundo o costume, chamando a estes vivas a opinião publica em que descansava o systema que felizmente nos regia.” (p. 9).

2.º RIDICULO (*do mesmo dia.*)

O Salão desamparado.

[...] Se aquelles Srs. erão os Representantes da Nação (Procura dores dos Povos) eleitos sem soborno, dolo, ou malicia, pela mesma Nação, em listas feitas pelos mesmos que as levavão, como claramente se vio em todo o Regimento 7, em que cada soldado levava a sua lista feita por elle, sem que o *Serva* lha desse com hum competente quartilho de vinho; que tinhão que temer os Augustos, e Soberanos Membros? O que pôde a consciencia do crime! Sabião muito bem o que tinhão feito, a legitimidade com que tinhão sido eleitos, os attentados que havião commettido contra a Soberania, e ainda quando no Salão Augusto se não tivessem praticado senão virtudes, bastavão todas as indicações, discursos, projectos, e indignidades do terceiro substituto por Coimbra o Sr. Manoel de Macedo, para atrahir sobre a inteira cáfila (com poucas excepções) toda a colera, e indignação dos verdadeiros Portuguezes, que só se satisfarião mettendo duzentos barris de pólvora debaixo do Augusto Salão, quando estivesse cheio como hum ovo, e em bem dirigido rastilho applicar-lhe huma bem acceza, e assoprada mécha (p. 9-10).

3.º RIDICULO.

Os pomposos titulos – Soberano, Supremo, e Augusto Congresso .

Quem são estes homens? São huns méros e simplicissimos Procuradores, com bastante procuração dos Povos para qua juntos cuidem nos interesses dos mesmos Povos seus constituintes, sem transgredirem os limites das suas bastantes procurações. Cuido eu que he isto, porque isto he o que dever. Eu o poderia saber de sciencia certa

porque tenho huma coisa chamada Diploma de Deputado por Portalegre, mas eu o conservo sem o abrir, da mesma sorte, e com o mesmo sello inteiro, desde odia 26 de Novembro de 1822. Tal he o caso que eu fiz do Augusto Diploma, e assim o conservo para que todos o vejão, e ficará para a curiosidade dos meus herdeiros que hão de ficar muito inchados com a grandeza a que eu subi neste Mundo; inda bem que me não quizerão no Augusto Salão , porque eu sentado entre Pato, Literato, Pretextato, e Gato, ou não sahia de lá vivo, ou tanta patifaria não se chegaria a ouvir, nem a executar.

[...] Os do Soberano, Supremo, e Augusto Congresso Demócratas pela Irmandade, e Aristocratas por tolice, sorvião Excellencias como alguns na terra a malga de caldo de unto, e Jan-Bernardo¹⁴⁸ o café caritativo na Taberna das parras. Convertèrão-se de Procuradores em Despotas descarados. Proclamárão a Soberania do Povo; mas este Povo não eramos nós, erão elles (p. 12-13).

[...] Mas o desfecho da peça foi digna do seu entrexo. Escamugirão-se como Ratos quando ao rapar os pratos da cozinha salta de huma prateleira o assanhado Gato, e se alarpadárão como cobardes Pintos, quando dos ares cahe de chofre o Milhano, aquelles mesmos que tanto alargavão as ventas aos incensos das felicitações, dos reconhecimentos, das protestações de adhesão ao Divinal Systema. Não sei que cunho cómico eu descobria naquella Farça. [...] Se lá fosse tinhamo-la travada, eu soltaria rizada equivalente á mais bem dirigida Pateada, como consta do Livro dellas. [...] Quem tomasse o trabalho de escrever os Annaes das Cortes Lusitanas, Augustas, e Soberanas, lhe devia pôr este titulo = *Historia Cómica da Caza dos Orates*. [...] Ahí verão huma falla do Pato sobre o luto que por muito tempo a Nação toda devia tomar pela alma de *Manoel Fernandes* , porque *Manoel Fernandes*, diz Pato, tirou como *Franklin* o sceptro aos Tyrannos, ainda que não tirasse o raio a *Jove*. Ha cousa mais cómica! Andem lá por onde andarem, em *Pato* falando, gargalhada temos.

Não me posso esquecer deste decretado luto! He a cousa mais cómica que, para fazer zombaria dos Portuguezes, podia vir ao Mundo! Ouvirmos hum bando da Camara Constitucional toda negra, vermos pelas esquinas o Caldas, e mais três Espiões Mestres com camizolas de Reis d'Armas quebrando os Escudos em que estivessem juntados **os symbolos da Realeza de Manoel Fernandes, que vinhão a ser, hum Cróque, hum Lambaz, e huma Vara em aspa, assim por modo de quem vem puchando hum barco da Figueira até a ponte de Coimbra**, e todos os quatro bebados como Odres: =

¹⁴⁸ Rocha Loureiro.

Chorai, Povos, que morreo Manoel Fernandes! Quem não estoiraria de rizo por baixo, e por cima? [...] E quem era esse Manoel Fernandes? Era o Patriarca.... De quem? Dos patifes. Sim dos patifes que conspirarão audaz, e sacrilegamente contra o Throno, e contra o Altar [...] (p. 14-15).

Não só se indicou este luto, mas se lhe determinou [...] huma Estatua [...] Lembrarão coroas de Carvalho, coroas de Louro, coroas de Oliveira; houve hum Corcunda das Galarias que lembrou coroas de c . . . (p. 17-18).

Depois de grandes debates, e discussões, eis-aqui o artigo do mais ridículo Projecto. “Incumbe-se outro sim ao Governo mandar erigir em sua memoria hum Monumento sepulcral simples, e modesto, sobre o qual se gravará esta Inscrição. – *A Manoel Fernandes as Cortes Ordinarias*. [...] o Monumento que se lhe devia levantar era enterrar tudo junto: o Caes de Manoel Ribeiro era hum local excellente. A inscrição he simples, e tão simples que parece demente. Eu sou curioso de inscrições, e se lá estivesse indicaria — *Aqui jaz Manoel Fernandes, que escapou de morte de Forca porque morreo de Diarréa: o que devia fazer o Carrasco, fez o Boticário. Isto he que tem o cunho do estillo Lapidar* (p. 18).

4.º RIDÍCULO.

Futilidade da maior parte das Questões tratadas.

Por lhe fazer favor me servi de restricção – da maior parte –; porque se consideramos com imparcialidade todas as cessões do Augusto Supremo, e Soberano Congresso, não veremos mais que puerilidades, frioleiras, armadilhas á prolongação dos taes 4800 reis, porque tudo quanto se tratou no espaço de annos e mezes se podia discutir, e resolver em oito dias (p. 18).

Cuidei quando ouvi fallar em convocação de Cortes, conforme as falazes promeças do Manifesto de 24 de Agosto architectado por três Bacharéis pedintes, e quatro Tabareos miseraveis, devião ser as Cortes da Nação = *Tenhamos as nossas Cortes* =; que estas Cortes convocadas legitimamente, e compostas dos Procuradores do Tres Estados, como sempre forão ate ás ultimas em 1697, dentro de hum mez ao mais tardar, sem o ordenado dos 4800, cuidassem em reformas uteis, e sem alterar o essencial da nossa diuturna Legislação por hum exame prudente, e claro, nella emendassem o que o Lapso dos seculos, a alteração dos costumes, a novidade das nossas relações exteriores, houvessem oblitado, ou corrompido, aproveitando , ou dando nova forma, o

que pela experiencia se houvesse conhecido útil, e vantajoso á mesma Nação que se pertendia melhorar em seu estado politico, pois não era para regeitar em sua totalidade o que por tantos seculos tinha podido conservar o Reino, e as Conquistas de Portugal em tanta gloria, em tanta abundancia, em tanta representação (p. 18-19).

As *Bazinhas* já vinhão feitas do Porto, talvez que encommendadas antes ao Grande Oriente; porque vendo nós a pressa com que apparecêrão, combinada com os vagares que lhes levavão as discussões sobre as mais insignificantes materias, verdadeiras questões de lã caprina, parece impossível que tão repentinamente apparecessem as *Bazinhas* [...] mas a chave deste enigma não he outra mais, que a previa traducção das Castelhanadas. Tudo estava feito, e traduzido, porque ainda na hypothese que elles fossem capazes de inventar ou crear cousa nova, não o farião em tão curto espaço, porque nenhum tempo mediou entre a apparição da cambadinha, e a publicação das *Bazinhas* e seus enjoativos juramentos (p. 19-20).

Nós estavamos a ponto de ver no Augusto Salão a par do Busto em lodo de *Benjamin Constant*, o Busto em gesso de *Jeremias Bentham*. Este carcaça Britannico, ou este Gebo Londrino, he o idelo dos Publicistas Regeneradores da *infeliz* Lusitania, e havia quem exigisse o Busto de corpo inteiro, só para ter a feliz occasião de lhe imprimir todos os dias ardentes beijos em sua parte posterior. Eu não sei que elles lião de *Jeremias Bentham*? Nada. Se elles lessem o seu mais supportavel tratado, que se intitula *Sofismas Politicos*, verião nelle impugnadas, pulverizadas, metidas a bulha as *Bazinhas*, porque são literal e verdadeiramente copiadas da *Constituição* Franceza de 1795 (p. 20).

Estas Cortes pois que desejaria ver convocadas como sempre o forão, e por quem devião ser, não devião ter outro emprego que não fosse o melhoramento da Nação, concertando, e não demolindo como ellas sempre fizerão. Nada fizerão, porque nada grande podião, ou sabião fazer. As mesmas formulas externas, a fraseologia, os termos, a marcha mecanica da Palhaça Assembleia, a distribuição das consumidoras Commissões, tudo, e tudo era puramente Castelhana (p. 20).

He huma rizota, huma tarde de Toiros, ou Arlequins a combinação de hum Diario das Cortes Castelhanas, com hum Diario das Cortes Lusitanas. Asneavão os Castelhanos, com os mesmos pinotes asneavão os Portuguezes; porque as molas Maçonicas tanto elatério tem em Castella, como em Portugal. A officina era a mesma, e as obras devião ser semelhantes. Na fachada ou porta do grande Salão se devia pôr esta Legenda: = *Aqui se fazem Cortes Castelhanas traduzidas em Portuguez.* = A unica

diferença essencial que se conhece he esta = Nas Cortes Castelhanas não se tratarão nunca objectos tão ridiculos como nas Cortes Lusitanas (p. 20-21).

[...] Nomeou-se huma Commissão que logo se retirou a huma Adega contigua. Neste intervallo teve lugar a segunda leitura do projecto para a extinctão da Inquisição, que o Sr. Gyrão, e tres Mações da Madeira interromperão com a não menos ponderavel questão da agoa-ardente. Donde hade ir agoa-ardente para a Ilha? Hade ser agoa-ardente da Ilha, ou agoa-ardente de França? Que tal he ella? disse hum honrado membro. V. Exc. he boa folha, disse hum Preopinante, e pôde decidir, aqui tem hum copinho, e vá a virar. Ora agora advirta V. Exc. que se se der a este Franchinote o exclusivo da importação da agoa-ardente na Ilha, e fora da Ilha, elle se obriga por hum cavalleirato lançado na Escriptura, a pôr de hoje em diante para todo o sempre todos os dias pela manhã sedo á porta deste Salão Augusto hum pipote da mesma agoa-ardente, para se distribuir hum caleço della a cada hum dos illustres opinantes, distribuido por pichel depois de assentados em suas cadeiras. A proposta foi recebida com muito especial agrado, e nunca retumbou pelos quatro angulos do Salão Augusto hum *apoiado* mais redondo!! [...] os debates, e gritarias, sobre agoa-ardente continuarão por muitas sessões, e por muitos mezes. Ora sem haver ainda fumos de *Constituição* (estava traduzida) moer sessões e sessões com quartilhos de vinho, e cópos de agoa-ardente, isto só se podia ver nas Cortes Constituintes da Nação Portugueza (p. 23).

5.º RIDICULO.

Mandar fazer Codigos a gente de fora, chamando-se Cortes Constituintes, e Legislativas.

Ah! mandriões! Bem digo eu que *Vossas Magestades* o que querem he tempo para tratar do quartilhame. Vóssês se querem vinho, ou agoa-ardente , não tem huma moeda de ouro para se atascarem nella, e nelle muito á sua vontade? Deixem-se das questões de quem hade vender os quartilhos, pôr por sua conta os ramos, estillar agoa-ardente, isto são objectos para a cazinha, e para os Almotaceis. São Legisladores, e encommendão as Leis a outros de fóra? tão abarrotados estão com obra da casa, que a dêem de encomenda a officiaes de fóra? Com que a Nação paga 4\$800 diarios a cada hum de vossês para fazerem Leis, e ainda em cima hade pagar áquelles a quem vossês as encommendão [...] (p. 24).

Cada hum dos discordantes associados sonhava, ou se lembrava de hum disparate depois de jantar, e o levava na ponta da lingua para no outro dia o escarrar, vazando-se no meio do Augusto Salão do Augusto Congresso. Tantas sentenças, tantas cabeças, ou tantas cabeças, tantas carapuças. O Presidente esmerava-se em dar para *Ordem do dia* em cada dia hum diverso destempero; de maneira que o destempero de hontem não tinha parentesco com o destempero de hoje, e o de hoje com o de amanhã, e isto em huma progressão de oratices infinita (p. 25).

[...] Eu gosto muito de imagens, e comparações porque são muito expressivas. Quem não terá visto huma escola de rapazes mijões, e ranhosos? Atraz de huma banca carunchosa, ensebada, e besuntada de tinta com o sceptro da palmatoria á direita, está o estúpido mestre com cara de Satanaz, eis-aqui o Presidente daquellas, ou destas Cortes [...] defronte, e á roda estão os rapazes em bancos com suas cartas, e materias nas mãos, eis-aqui os Deputados com as suas indicações. Daqui diz hum rapaz: = Sr. Mestre, dá-me licença para ir á rua, que quero fazer c. . [...] Sr. Mestre, diz outro menino, este menino deo-me hum coice. Eis aqui *Derramado* pedindo, como consta do Diário de Cortes, huma satisfação de hum socco que lhe deo *Rocha Loureiro*. Sr. Mestre, grita hum, este rapaz chamou-me filho da puta. Eis-aqui a Commissão tal queixando-se da injuria que lhe disse *Borges Carneiro*, e pedindo satisfação ao Sr. Presidente. E assim como cada rapaz leva hum escrito, huma carta, hum papel para ler, e todos diversos, pois os andão pedindo, aqui temos os Deputados cada hum com seu projecto, seu parecer, sua indicação todas diversas para lerem ao Sr. Presidente; e assim como os rapazes retiram da meza as matérias que não prestão, e com as quaes não podião ir á aposta, também os Deputados retiram as suas indicações, quando, peores que as materias dos rapazes, não prestão para coisa nenhuma. Os rapazes andão annos e annos na escola moendo o dinheiro dos pais, sem adiantarem nada; assim os Deputados estão annos, e annos nas Cortes sem fazerem coisa nenhuma, moendo, e comendo dinheiro da Nação. [...] Só acho huma differença essencial, e he, que os rapazes levão muita palmatoada, e até ao sahir da Escolla, e os Deputados não levão muita bordoadada ao sahir, e ao fechar das Cortes. [...]

E os Códigos! Ah! Mandriões, porque os não fizerão? Porque os não sabião fazer. Querião ainda em cima, que a Nação pagasse a quem os fizesse, cortando largo nas promessas de prémios, porque do pão de meu compadre, grande pedaço ao meu afilhado (p. 26-27).

[...] Quem quererá cooperar para ver reproduzido o Imperio da gaiatada, e de hum bando de Harpias, e Milhafres que não fizerão mais que comer, roubar, e fugir! Nestas solidas bases se levantou o edificio da Regeneração. Pobretões, e farrapões cahindo a pedaços, miseraveis pedintes, pichinceiros, ladrões, e caloteiros, eis-aqui os Arquitectores da grande obra! Que he o Maçonismo mais que huma pobre Franciscanada de papa-jantares, e papa-cêas? Acabou-se-lhes a mama, e vê-los-hão andar, como andavão, á de seis pelo Rocio. O que sendo da sucia tiver algum vintem já se hade fazer desentendido aos signaes que lhe faça o irmão da loja, que será deitar hum palmo de lingoa fora, para lhe dizer que está com lingua de palmo, ou com fome de palmo, fará com o dedo o antigo signal do c . . . para lhe dizer que lhe sahe hum frangalho [...] (pp. 28-29).

E os Códigos? Deixemo-nos disso. Nós viemos aqui para comer os 4800, e papaguearmos, á tóa, e á nossa vontade; disse hum delles muito papagueador, e que sempre cantou como hum *Grilo* [...] Dizem que ahi está hum mija Leis que veio da Ilha, que pode fazer a obra, pagando-lhe, posto que nenhuma das que começou ainda acabou; mas prospectos, planos, ensaios, primeiras linhas, projectos, bázes , ideas previas, arvores genealogicas de Direito e de torto, isso então quanto quizerem! [...] Bem haja S. Magestade que Deos guarde em exercitar o primeiro acto de Soberania, que devia exercitar já livre, e independente! Declarou tudo = *Nulla de Direito*. = Este he o verdadeiro exame que se deve fazer daquela palhada (p. 29-30).

[...] O primeiro acto desta obra, ou manobra *carbonaria* foi hum a manifesta Rebelião. Seja lá o que for das associações clandestinas desde 22 de Fevereiro de 1820 como chronologicamente o descreve *José Ferreira Borges* no impresso que gyra pelas mãos de todos para mostrar ao Cabreira Sebastião, e Sebastianista, que elle não fora hum dos primários agentes da Revolução, mas o primeiro dos secundários; com os conventiculos não me importa. O que se fez publico a 24 de Agosto foi o resultado do Conselho militar dos tres, e na sua Proclamação aos tres Regimentos, de Direito se decláram Réos de alta traição de primeira cabeça o Sepúlveda, o Gil, e o Cabreiro (p. 30).

[...] Arre, Srs. Theologos da Revolução *Maçonico-Carbonaria*, arre com tanto juramento! A Constituição jurada antes de feita? Isto nem as Furias da Guilhotina o apregoarão em França das guaritas do Salão da *Constituinte*! Apareça esse sacro-santo Codigo, esse parto atravessado das Angelicas Intelligencias , saibamos o que elle diz, e se nos convier, então o juraremos. [...] Fora impostores! O que vossês fizerão entre

debates, e gritarias arremedando os Castelhanos, não merece exame, merece desprezo, e apupada (p. 31).

6.º RIDICULO.

A Regência para o Brasil.

Esta palavra – *Brasil* – nos desperta as mais tristes, e lastimosas recordações. O Brasil era o ultimo apice da gloria, do valor, da sabedoria, da prudencia, e da Politica dos Portuguezes. Eu os considero ainda maiores no Brasil do que na Asia. Na Asia forão Conquistadores, no Brasil forão Creadores (p.32).

[...] Estas florentissimas conquistas, este Império espantoso ao antigo e ao novo Mundo. . . . (deixemo-nos de movimentos Oratórios) foi deitado a terra nas Cortes Soberanas, Supremas, Augustas, Extraordinarias, Legislativas, Constituintes, e Pedreiras, com hum piparote de Manoel Fernandes, como se fosse da virtude da pedra que tocou os pez de barro da Estatua da Nabuco. *Adeos Sr. Brasil, passe por lá muito bem!!* Levando comsigo, e em sua queda as outras possesões ultramarinas, com o piparote de nosso Fernandes, dentro em breves audiencias ficamos reduzidos aos tempos heroicos de Affonso 2.º o Gordo, isto he, a dispor nabos, e tubaras da terra por essas encostas; feijões, e beldruegas por essas varseas; e se não tivessemos agora sabido dos dias da Saragoça, bem podiamos cuidar em ovelhas, e carneiradas por esses oiteiros (p. 34).

[...] Perdeo-se em nossa existência Politica aquella tão grande, ou a parte maior do Monarquia Portuguesa, aquella manancial da nossa opulencia, aquella Padrão da nossa gloria. Meia dusia de Filosofistas Quixotes, e meio quarteirão de Palhaços, tratarão de couza nenhuma aquella Paiz que mereceo o coração, e o entendimento do Padre Antonio Vieira; o coração porque o amou deveras, como quem tanto o conhecia; o entendimento que se occupou em o fazer presar pelos Monarchas, e em defender a Liberdade natural dos tristes Indios seus indigenas , e seus possuidores. [...] E a dar-lhe com o tom serio: Tal he a gravidade da materia que para alli me leva!

Adeos Senhor Brazil, disse o Fernandes, e foi-se o Sr. Brazil, e peguem-lhe lá com hum trapo quente! Hora sempre devemos muito ao nosso Fernandes? Por isso elle foi o Patriarca! A cambada que o seguia, que o escutava como Oraculo, que acodia a elle, como ao toque do sino grande, com suas Theorias Maçonicas forão descarregando de dia em dia golpes mortaes. Parece que se não tratava nas sessões nocturnas na

esquina da calçada do moinho de vento, cousa mais acinte do que a desmembração, e a perda do Brasil [...] (p. 34-35).

Ficava-nos só este retalho de terra que se chama Portugal velho. E para que queremos nós isto, diria em breve a cambada, ou canalha Economista, communèra, carvoeira, radical, e Pedreira? Pois venda-se ahi á Hespanha ainda que seja a troco de Padre nossos, tudo he ganho para nós, e depois? Depois Paquete te valha, vamos aos Bifes, e ás batatas, e se o tio Wilson não quizer queixotar mais, e nos derem com huma taboa no America Ingleza. Qual he o velhaco que alli não tenha asylo se levar dinheiro? Estes, e outros que taes, como vemos agora pela experiencia, forão os projectos dos Pais da Patria. O que os Ladroes de estrada fazern em pequeno, fizeram elles em grande (p. 35).

Os Palhaços Regeneradores em grande fizeram o mesmo relativamente a este Reino, e seus domínios, encherão-se a si, fugirão depois com os Ladrões, e não lhes importou, que tudo ficasse desmembrado, demolido, arruinado, perdido, miserável, e tão pobre que a subsistencia politica da Nação já passa para a ordem dos milagres [...] mas venhão para cá com Compromissarios, Elleitores de Parroquia, Listas triplas, e outros desaforos semelhantes, e digão-lhe em cima – Viva a nossa Santa Religião, que o Povo a quem tanto enganárão, e desenganárão, já recebe essas *embofias* a facada, e por comutação de Sentença a bordoadada. O Povo discutio o Projecto, ou indicação do Sr. Soares Franco sobre a ordem dos Benemeritos, e diz que todos o forão e o são da Forca (p. 36).

[...] se no Mundo houve legitimidade de direitos esta só existio no Soberano Congresso: se querem cousa mais cómica, mandem-na fazer de barro á Panasqueira (p. 36).

7.º RIDICULO.

A escolha do meu parente Manoel de Macedo para grandes ratadas.

Nós descendemos de hum Braz, ou Ferrabraz de Macedo, que na batalha de Aljubarrota pegou do braço a hum Castelhana, que hia descarregando huma grande lambada com huma maça de ferro um cima da cabeça de El-Rei D. João I, deste nome, e em premio desta acção, não sei o que lhe deo, creio que foi o titulo de espadachim mór, officio que não sei em que Varonia existe, o certo he que Macedos sempre tem andado toda a sua vida em escaramuças, debates, e combates renhidos, e sanguinosos! (p. 38).

No Conselho Inquisitorial de Veneza antiga, ou no Conselho dos dez havia hum Esbirrão muito terrivel, como os irmãos terriveis das cabaninhas Maçonicas. Devia ser hum assassino negro, alto, mal olhado, e atravessado de mulato, Judeo, e Cafre, este monstro tinha o nome de = *Fante* [...]. Que *Fante* havião de escolher os do nosso Conselho dos dez para esta sacrilega operação? Ó Rei, e Bei, e Dei dos Quadrilheiros! Foste tu Manoel, foste tu o escolhido, para derramares mais essa luz de honra sobre a nossa parentella! (p. 41).

No trasito de Villa Franca, porque não achaste ó Manoel hum cajado das Lisirias que te medisse o espinhaço. Ó vara heroica, que faria mais justiça, que tu fazias com a vara de Malsim, de Beleguim, de Agarrador, de Filador, e Esbirrador! (p. 42).

De todos os Illustres Preopinantes tu foste o mais escandaloso, porque daz a tua Sentença na cauza da Rainha Nossa Senhora, e até lhe lanças também o = Portanto = com todas as formalidades em Direito necessarias para o Poder Judiciario. – Eisaqui as tuas palavras (sempre hes Manoel muito eloquente!

“Por tanto digo, que a Rainha pelo facto de não querer Jurar, perdeo a qualidade de Cidadão Portuguez, está comprehendida na disposição da citada Lei, e na do Decreto de 2 de Abril de 1821, e deve consequentemente sahir logo do território Portuguez. *Manel.*”

E foste Manoel para Verride, sem te faltar hum só osso em teu corpinho, sem te ranger huma só costella! Eis-aqui hum Fenomeno, inexplicavel, ou bem explicavel! O Illustrissimo preopinante, (eu não sei o que he preopinante, mas seja o que for) Pato nú, e crú, e depenado, opinou, preopinou, e indicou, e gritou ao Sr. Presidente que se mandassem Medicos, que fizessem *circulo* a S. Magestade a Rainha. Eu preopinaria, que se mandasse fazer hum *circulo*, de dusetos a tresentos rapazes, a todos os Opinantes, que ousarão naquelle covil da segunda Alcatéa macular o decoro, a Soberania, a Dignidade da Rainha, e responsaveis segundo o artigo tal da Constituição, da ommissão que se lhe descobrisse, ou em fortaleza, e agudeza de assobio, ou na igualdade da batuta de chinelada, ou mais espesso da nuvem da seixada, ou no incessante da gritaria = Fora patifes, e Pedreiros Livres; isto até a hora do Sol posto em que se recolhessem á Galé (p. 43-44).

[...] não era gravame para o Thesouro encher-lhes a vossês as barrigas com huma moeda de ouro cada dia !? Os Frades, e as Freiras comião o que era seu, e se pedião alguma cousa ao Thesouro, era que lhes pagasse o que lhes devia: o que o seu Thesouro publico de vossês nunca quiz fazer como Caloteiro; e tão Caloteiro como José

da Silva [Carvalho], o [ministro das] Justiças, que agora lhe mandarão os trastes para o Deposito [...] vens ó Manoel a pag. 959¹⁴⁹ com hum indicação cujo cabeçalho digno da tua cabeça he hum declaração dos direitos com que hum bando de salteadores ataca, e despe até a camisa do corpo aos miseraveis passageiros que lhe cahem nas rapinantes unhas, e eu não vejo neste instante no Soberano Augusto Congresso mais que hum Chavéco Argelino a dar cassa a huma Balandra de queijos de Roterdan. Manoel, querote muito, e para não dizerem que levanto testemunhos ao meu parente, eu traslado fielmente hum passagem do teu cabeçalho [...] (p. 44).

Roubar os Frades para enriquecer o Thesouro, e o Thesouro enriquecer ladrões, era hum digno emprego de taes Cortes, e digno de ter por orgão o meu Manoel. Foge-lhe o Burro, e vingão-se na albarda [...].

Fora Ladrões (p. 46-47).

8.º RIDICULO.

Indicação do Patola nas Cortes.

A sessão de 13 de Dezembro de 1822 foi tal, que eu cá de fora faria hum Indicação pedindo com urgencia se conduzisse huma boa Forca, bem para o meio do Augusto salão do Soberano Congresso, e que o Carrasco que esperava á porta da Sala com a alcofinha, e cutello debaixo do braço fosse introduzido com a etiqueta do costume pelos Senhores Secretarios Felgueiras Junior, e Felgueiras Senior, e mais Felgueirada do expediente. Com effeito Pato, e companhia, alli mesmo sem formalidade de alva, Santo Christo entre os dedos, sem campainha, sem marmelada, fosse alli mesmo bem e fielmente pendurado, e feitas depois de seu corpo quatro partes iguaes ficassem em competentes escáfulas penduradas nos quatro angulos do Augustissimo Salão (p. 48).

Com effeito ainda em Portugal senão cometeo hum delicto mais atroz, e mais ridículo, que a indicação feita por este mentecapto perversissimo. Não he em mim reixa velha, ou odio sedição, porque quantas parvoices Pato disse, e Pato escreveo, eu deixei sempre pulverisadas. Eu o personalizei dois anos continuos no *Espectador*, que passou pela mais escrupulosa censura que até agora os Livros tem soffrido em Portugal (p. 48).

[...] não se personaliza quando se diz, Pato fez tal indicação a 13 de Dezembro, porque abaixo della assignado está Pato no Diário das Cortes. Este Diário das Cortes,

¹⁴⁹ Do *Diário das Cortes*.

que eu nunca tinha visto, e que ao presente com maduro exame corro, e recorro, he com effeito a mina mais rica destes dois metaes, parvoice, e patifaria. Não ha huma unica sessão em que não appareçam grossas enchentes de huma e outra cousa, e leio alli o nome de dois homens, ou animaes, que parecem haver sido predestinados para estas duas coisas, para a parvoice Rocha Loureiro, para a patifaria Pato Moniz. Estes dois são o *Pylades*, e o *Prestes* de quem tanto resa a Historia escandalosa dos Jornaes de Inglaterra para cá, e de cá para Inglaterra (p. 49).

[...] intento compor hum livro de arrasoado volume, cuja materia em estyllo de D. Quixote será hum amplo comentario a todas as falas, discursos, indicações, e preopinações de Jan-Bernardo [Rocha Loureiro] copiando-as taes, e quaes estão estiradas no Diário de Cortes. [...] será também hum soccorro dado aos investigadores, e contempladores do animal Homem, ou expositores, e analistas dos progressos do Espirito humano, que em asneira ainda não chegou onde com ella chegou Jan-Bernardo. Nenhum circum-navegador se avançou tanto como elle a esta Terra austral da Parvoice! *Pato*, e *Loureiro* são dois claros nomes, que me transportão, e electrisão, em os pronunciando, ou escutando, já não sei de que Freguezia sou, e me desvio do trilho começado para engalfinhar nestes dois Aréos (p. 49).

Do Supremo Tribunal d'asneira ainda não sahio huma jumentada de mais alto bordo! S. Magestade devia ser punida com o exterminio, e fora de todos os dominios Portuguezes, por não prestar o juramento ao Sagrado Codigo, pois esta negação era, dizião elles, hum crime provado pelo facto da pena (p. 50).

Que fizemos nós, diria aquelle formidavel esquadrão da morte, para sermos degradados? O que fizerão foi não fazer a vontade ao Pato, e a espatifação de dez Médicos era a vingança de Pato. E chega a impudência, e a patifaria deste monstrosinho a dizer isto no meio da Nação, que chegou a tão sobido gráo de desventura que o tem por seu representante!! Vejão todos se eu me enganei com este Pato! E vive, e está alli defronte no Lavradio! Mas como ha de ser isto? (p. 51).

Este suplicio¹⁵⁰ tem tanto de bárbaro como de ridiculo; e assim como fará detestar Pato em todos os seculos, fará escarnecer Pato em todas as idades! Só encontro huma igual dose de ridiculo na innauguração do primeiro calhão triangular, que sahindo polido do tilheiro do Rocio, foi levado em triunfo para cima do alicerse da asneira. Á roda da Rainha dez Medicos; á roda do calhão dez mil Pedreiros, aquelles em circulo

¹⁵⁰ Refere-se à nomeação de dez médicos para vigiarem a rainha quando D. Carlota Joaquina se recusou a jurar a Constituição.

atirando para fóra, estes em fio puchando para dentro; aquelles com as mãos pegadas humas nas outras para não desfazer o circulo; estes com as mãos pegadas á corda para não desfazer á recua. Aquelles seguindo a sua bandeira da morte; estes atraz do Estandarte da patifaria. Aquelles mandados por Pato, estes remetidos pelo Grande Oriente. Aquelles feitos carrascos ; estes chamando por elle (p. 53).

9.º RIDICULO.

A marca da distincção dos tres Poderes.

Povos que gemestes, dizem os Legisladores, e os Caixeiros, debaixo do jugo do Despotismo [...] já sois felizes; agora fizerão as Cortes tres Poderes, muito bonitos; hum chama-se Legislativo, outro Executivo, outro Judiciário. Cá de telhas abaixo não pôde haver coisa mais linda. [...] Não ha coisa como os tres Poderes! Hum faz Leis, outro applica as Leis, outro executa as Leis. Esta he huma das mais atoleimadas theoricas dos Pedreiros Livres, e postas em pratica quando podem illudir, e attrahir a si tres como *Gil, Bernardo* com *Cabreira*. Mas que salgalhada he esta? (p. 55-56).

Huma acção da casinha, huma sultanica condemnação de Alrnotacé de limpessa, seria executada por El-Rei, quando daquelle enchamerdeado Tribunal Judiciario emanasse a decisão na conformidade das Leis dos agoas-vai, ou vão. Quando o Augusto, e Soberano Congresso decretava, e tinha decretado, dizia o Pretextato, o Gato, ou Galvão Grillo – Mande-se ao Executivo que cumpra como nelle se contem – Já neste caso ficava de fora o Poder Judiciario, porque o Legislativo, mandava directamente ao Executivo.

Mas não estejamos com nabos em sacos, ou arcas encoiradas! O unico Poder que a Pedreirada quiz foi o Legislativo para reunir em si, e exercitar por si todos os outros cumulativamente, daqui a alicantina da Deputação permanente, e eterna, porque em fim, Cortes eternas, e eternas moedas de ouro áquellas esfomeadas Arpias, não podia ser (p. 57).

No escandaloso procedimento com S. Magestade a Rainha, vemos nós este desaforo. A alcatéa de Milhafres chamada Cortes assumio, e reunio a si toda essa quimerica distincção dos Poderes, fizerão a Lei, applicarão a Lei, e executarão a Lei. Ainda fizerão mais, o Couteiro Margiochi a brogou as Leis das Coutadas, quiz queimar as Leis das Coutadas, e quiz assar as Perdizes com as Leis das Coutadas. Aqui o temos Legislador, applicador, e carrasco executor (p. 57).

[...] Oh ridiculos, e desaforados, onde está a divisão marcada quando ao Salão da maroteira, erão pela Facção revolucionaria, e influente erão avocados Autos findos, e sentenciados para vossês condemnarem, e absolverem a seu arbitrio os seus afilhados, ou os seus inimigos! (p. 57-58).

Ahl cambada, cambada, que nem ao menos souberão conservar a mascara da hypocrisia! Apenas tomarão assento no Augusto e Soberano Salão, juntarão estas duas honrosissimas qualidades, a de Ladrões de estradas, e a de Beys ou Deys de Argel: aquelle para roubar, esta para opprimir, e sempre com a papinha dos tres Poderes que implicão contradicção, e impossibilidade na sua existencia. Vossês merecião ser açoitados por aquelle Poder executivo que está n'huma gradinha á mão direita da escada do Limoeiro. [...] o Poder executivo do Limoeiro, que não tem nos seus actos mais que o ministério da solinha, e da cordinha, devia descarregar na omoplata, ou lombo de cada hum, duzia e meia de çapatadas fortes [...] (p. 58-59).

Venhão cá ridiculos inxentores dos trez Poderes, se a grandeza, brilho, e gloria de Portugal lhe provinha da Constituição do Estado, e se nós temos essa, sem ninguém á sete secullos lhe bolir, para que vem vossês cá com outra, que não he essa? Confissão que essa antiga Constituição fez o Povo feliz, pois deixem que o Povo goze essa Constituição, fez- se nas Cortes de Lamego, pois vivão as Cortes de Lamego [...] Pois quem nos tirou essa Constituição? Vossês que ja trazem n'algibeira a dos Castelhanos começada a traduzir por Borges¹⁵¹, Fernandes¹⁵², e Carvalho¹⁵³, desde 22 de Fevereiro de 1820. [...] *O Sr. D. João o VI tem deixado de a dar.* Ah! Patifes! Aqui ha duas cousas por que merecem [ser] enforcados sem remissão, e inutil amnistia; 1ª como podia elle dar o que estava dado desde 1143? 2ª Se ElRei deve dar aos Povos a constituição, para que o obrigarão a jurar a que vossês tinham feito, dando-a vossês ao Rei, e não o Rei aos Povos, como vossês mesmos confessão (p. 59).

Ah barbaros oppressores da Nação! Isto não praticarão os Francezes mandados por Bonaparte! Governarão-nos pelas nossas Leis [...] He louca e estouvada a clemencia de perdoar os nomes destes insignes traidores, e infames réos de primeira cabeça pois atacarão a Soberania do Rei, e infilicitarão a Nação! (p. 60).

[...] Ainda ha Boticarios, e Bacalhoeiros que prometem em quatro mezes a reintegração do *Divinal Systema*! Suponho que querem chamar de Inglaterra esses

¹⁵¹ Manuel Borges Carneiro.

¹⁵² Manuel Fernandes Tomás

¹⁵³ José da Silva Carvalho.

Aristides, e Marcellos injustamente desterrados. Venha *Pato* alli das *Pedras negras* do Lavradio chamar outra vez *Ex-Cidadã* á Rainha Nossa Senhora! O Deputado que puchou pelo lencinho no Congresso, devia puchar pelo Punhal, e enterralo no bandulho do *Pato*, e deixarlho lá, elle que o tirasse de seu vagar!

Eis-aqui a divisão marcada dos três Poderes.

“Nossos Avós forão felices, porque viverão nos seculos venturosos....”

Isto, meu rico Padre do Monte Cassino, não he *Synonimo*, isto he *pleonasm*o. Então queria que fossem infelizes nos seculos venturosos? (p. 60).

[...] E são tão materiaes, que mandarão imprimira Collecção das Cortes antigas! Sim mandarão torcer cordas para se enforcar, que era o que merecião esses Miquiletos, Esganarellos, e Palhaços que se atreverão a levantar hum guincho na presença de homens de bem, de homens doutissimos amigos do Rei, da Riligião, e da verdade, zelo[s]os do bem da Patria, e não Pedreiros Livres, que arquitetarão, e levarão ao fim a mais horrorosa traição, que os obrigou a fugir sem punhaes e com dinheiro, e que os leve o Diabo. Basta de Tripa (p. 61).

Post scriptum.

Ridiculo em separado; eu, e os da Sucia grande.

Não ha, nem pode haver scena mais ridicula, que ver-me a mim metido com elles no ultimo acto da Comedia Regeneradora! Se havia elementos hétero génios, e particulas antipaticas, éramos nós, eu, e os da Sucia grande da rua de S. Crispim, **porém ha circumstancias taes, e tão imperiosas que obrigão o homem mais constante a representar o que não he, e a identificar-se em aparentes sentimentos com seus mesmos inimigos, e perseguidores, escrevendo como elles escrevem, falando o que elles falão, louvando, e promovendo o que elles louvão, e promovem** (p. 62).

[...] Se eu sem allianças, e sem meios de subsistir fora de Lisboa, quizesse ir viver da mendicidade, e morrer de indigencia por longes, e estranhas Terras; eu não **prostituiria a minha pena aos vãos caprichos, e recursos de revolucionarios agonisantes**. Fui eu escolhido, e determinado com ameaças, depois com promeças até de primeiro Bibliotecario, para escrever a favor da *Sagrada Cauza* da Regeneração, isto dentro do circulo dos tres mezes do terror em que os degredos, os exterminios, as

prisões, erão mais que os momentos que decorriam, fui chamado alta noite, bozinando-me aos ouvidos os Despotas mais deshumanos, e violentos (p. 62-63).

A primeira, e mais teimosa proposta foi a de Diarista do Governo, para isto mandado por elles veio a minha caza Gregorio Gomes da Silva; para isto se fez huma Conferencia de officiaes Maiores das Secretarias; para isto se me prometião três mil crusados, afora huma pensão de seis centos mil reis pága aos mezes; mais hum apendiculo de quatro centos mil réis para amanuenses, se eu os quizesse. **Nestes terríveis apuros que faria nas minhas circunstancias o homem mais prudente? Fazer hum jogo de Politica que não lembraria ao Diabo.** Não me era desconhecido o fim proximo da ratada, que eu presumi não só pelos manifestos receios que elles davão a conhecer sobre os resultados da invasão do Exercito Francez na Hes panha, mas sobre as consequências do grito da liberdade que levantou o Marquez de Chaves [...] (p. 63).

Contemporizar com elles, prometter tudo e não fazer nada, entrar-lhes dentro do coração para lhes apanhar as disposições que fazião, e as resoluções que tomavão, mostrando-me tão identificado em sentimentos, que até diante de mim abrião, e lião os officios de Pego, e Rego, e as participações intimas que lhes fazia o mesmissimo *Rodrigo*. **Era hum verdadeiro jogo de Theatro** (p. 63).

A primeira couza que exigirão de mim foi que redegisse eu, amplificasse, e enfeitasse os Boletins do Exercito *Constitucional* [...] nada fiz, atravessando-lhes sempre novos projectos que os fazia = *pular de contentes* = me dizia o meu amigo *Preto*. Soarão por estas orelhas gritos – de zangados – porque eu nada do que dizia concluia, ou acabava, que tudo erão arbitrios, e nada de obra feita. He Constitucional no fundo d'alma, mas ainda teme os Corcundas, dizião elles [...] (p. 63).

As ameaças crescêrão a ponto de huma capitulação, e esta produzio o *Escudo*, que se elles o entendessem, nelle encontrarião principios diametralmente oppostos aos seus, porque eu me encaminhava a destruir o quimerico principio da Soberania do Povo, que era a grande mola de todo o systema Constitucional (p. 64).

Em fim eu andei nos cornos do Toiro, e me esborracharia o Toiro, se eu me não mostrasse entrado em suas vistas e projectos; **sem conhecerem em mim hum Espião** de outra espécie, que em vindo o pano abaixo na infernal comedia, lhe poria como tenho feito, e fazia na *Tripa Virada*, a calva á mostra (p. 64).

[...] e o que me fez rir, foi hum bilhete do Ministro, que conservo, em que abonava ao meu amigo a despeza de seges que se fizesse na minha conducção: insistindo sempre em que eu devia por algum escrito destruir o escandalo que causara ao

Congresso, e *á parte san* da Nação, a Defesa da Rainha, inserida na Gazeta Universal. **Este he o facto, que exposto com simplicidade bastará para minha Apologia, ou ao menos desculpa de haver annuido ás solicitações da Canalha, mostrando-me tambem canalha,** para lhe arrancar do fundo do coração aquelles misterios de iniquidade que alli estavam de chôco, o que se devião realizar nos ultimos parocismos da existencia em que os via, e conhecia entrados. Mas que grande ridiculo se encontra neste jogo de Scena Theatral!! (p. 64).

Que ridicula foi a confissão que elles me fizerão de procurarem por todos os modos a dissolução, e extinção do Exercito, substituindo-lhe as invenciveis Guardas civicas, aprendendo José da Silva a picaria para ser Major, e pró posto de acesso Major General! Que projecto mais rediculo sobre o qual me pedirão huma Memoria, e hum Plano de engrandecer com taes forças o Pará, e o Maranhão, que impoesse respeito não só ao resto dessidente do Brasil, mas aos mesmos Estados Unidos da America Ingleza! (p. 65).

Eis-aqui os recursos daquellas grandes cabeças politico – calculantes, para darem, como derão, com os Bodes na arêa; e procurando com **tanto afinco de promeças, e ameaças tirar-me a terreiro para escrever a favor da causa, até reprovando a conducta de seu Patriarca Fernandes em me não despachar Redactor do Diários das Cortes [...]** (p. 65).

Que cousa mais ridicula, que a sua cegueira a meu respeito, deixando-se embaçar pelo que eu lhe escrevia, e tão solemnemente lhe promettia! Com que imperceptivel dextridade, pretextando molestias, me eximi da Redação do Diário das mentiras chamado de Governo, quando sentado entre Carvalho, e Gonçalves, **mais moquenco que hum Padre da Companhia,** rebati o assalto, deixando-os ainda em cima satisfeitos, e contentes com a promessa de escritos Constitucionaes! Que couza mais ridicula, que querer fazer de hum jurado inimigo dos Pedreiros, hum Apologista da cauza Pedreiral! Que cousa mais ridicula, que não se lembrarem que eu com o conhecimento da cauza, que elles tão ingenuamente me davão, fazia hum farnel que ainda algum dia devia vir á luz do Mundo! (pp. 65-66).

A muita gente parece hum milagre a minha conservação não participando da sorte dos mais que gemerão em degredos; não foi causa sobrenatural, e milagrosa, foi **a Comedia em que eu entrei como Actor representando o papel de constitucional,** sendo-o com tanta verdade como hum comico he Tarmelão Rei da Persia, quando o representa [...] (p. 66).

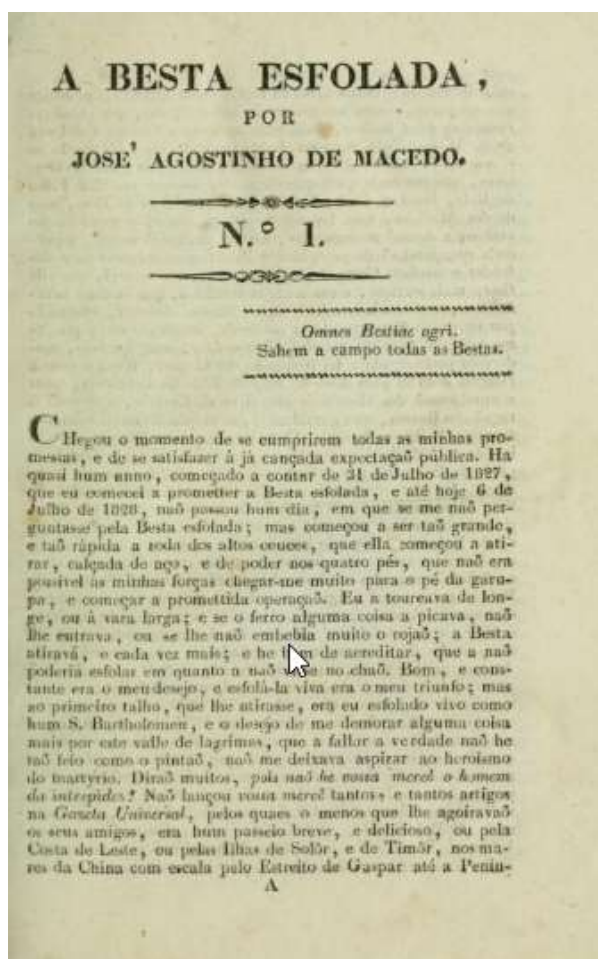
Não foi o Diploma de Deputado, que elles não respeitarião para saciar o seu odio, e raiva, foi a impazinação das promessas de escrever, **de dirigir a opinião publica**, de advogar a cauza, **persuadindo-se que o Povo hiria atraz de mim, e vai, (dizião elles) ainda mais, que atraz do Senhor dos Passos**. Faltava ainda mais este ridiculo a tantos ridiculos! (p. 66).

Quizera na minha situação muitos do que falão, e gritão, que escrevi, que apontei meios para prosperar o Systema, que fui com elles, que condescendi! . . De fora falla-se muito, de dentro farião cousas incríveis.” (p. 66).

Isto não he como costumão dizer *Cavaco dado*; mas como os meus inimigos se aproveitão de tudo, e de tudo me fazem crime sem attenderem ás circumstancias, que a tudo obrigão, e me amofinão com os supplementos, e correspondencias saibão a verdade, e convenção-se della, quando bem considerarem, e pezarem os motivos determinantes, e de conhecerem se o medo era de natureza tal, que cahisse até em rão constante.

Tenho concluido *Tripa*, e Escritos desta natureza, e he este o seu
FIM (p. 67).

10. *A BESTA ESFOLADA* (excertos)¹⁵⁴



A BESTA ESFOLADA,

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 1.

Omnes Bestiae agri.

Sahem a campo todas as Bestas.

Chegou o momento de se cumprirem todas as minhas promessas, e de se satisfazer á já cançada expectação pública. Ha quasi hum anno, começado a contar de 31 de Julho de 1827, que eu comecei a prometter a Besta esfolada, e até hoje 6 de Julho

¹⁵⁴ Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

de 1828, não passou hum dia, em que se não me perguntasse pela Besta esfolada; mas começou a ser tão grande, e tão rápida a roda dos altos couces, que ella começou a atirar, calçada de aço, e de poder nos quatro pés, que não era possível ás minhas forças chegar-me muito para o pé da garupa, e começar a promettida operação. Eu a toureava de longe, ou á vara larga; e se o ferro alguma coisa a picava, não lhe entrava, ou se lhe não embebia muito o rojaõ; a Besta atirava, e cada vez mais; e he bem de acreditar, que a não poderia esfolar em quanto a não visse no chaõ. Bom, e constante era o meu desejo, e esfolá-la viva era o meu triunfo; mas ao primeiro talho, que lhe atirasse, era eu esfolado vivo como hum S. Bartholomeu, e o desejo de me demorar alguma coisa mais por este valle de lagrimas, que a fallar a verdade não he tão feio como o pintaõ, não me deixava aspirar ao heroísmo do martyrio (p.1).

[...] Atrevo-me já a dizer [...] eu mostrarei com evidencia, que **as bestas de 1820 não eraõ tão bravas como se fizeraõ ellas, e outras em 1826**, ou porque esperassem metter-me na récuá, e caminhar como ellas ao som da guisalhada, ou porque temessem, que eu removido, fosse como a Estatua de Pasquino em Roma, que querendo hum Papa lançá-la no Tybre, lhe disseraõ, que temesse S. Santidade, não se transformasse em Arraã, que ainda fallasse, e gritasse mais (p. 2).

[...] Eu fustigava; os Jornalistas Trombeteiros daquelle tempo me descompunhaõ; mas eu não vi nem Timor, nem Solôr, nem Berlengas, e sem passar hum dia, em que eu não mettesse lenha, e mais lenha no Forno do Tijolo.

[...] desde o primeiro de Outubro de 1820, até 27 de Maio de 1823 eu nunca fui inquietado, nunca fui chamado, nunca fui ásperamente reprehendido, nunca fui terrivelmente ameaçado, até de me tirarem hum miseravel paõ da boca, que eu não pedi; o que me succedeo (com estes cabellos mais que brancos, e com estes dedos cançados de escrever coisas, que ou em versos, ou em prosa não envergonhaõ a Naçaõ,) a 27 de Setembro de 1827 sendo chamado a casa de hum Ministro de Estado alli pelas duas horas da tarde em ponto, soou em meus ouvidos velhos, e que tem ouvido tanta coisa, o estampído de hum raio [...]. Para dizer que me não assustei, isso seria basofiar de mais, os que por aqui passaõ a tomar áres na Torre de S. Juliaõ, vaõ amarellos como huma Cidra [...] porque o caso não he para menos. Eu ainda me estou benzendo da conferencia! Nunca se rallhou assim a huma pessoa de Comunhaõ, e que põe já huma navalha na cara! (p. 3).

Mas em fim não ha Porco, a quem não chegue o seu S. Martinho [...] a Besta aqui está, e a esfolação começa agora. Mas que Besta he esta? Me preguntaraõ vossas merces: He Cavallar, he Muar, he Burrical? Não Senhores.

A BESTA

He a Facção que começou a espinotar em Villa Franca a 3 de Junho de 1823, até 22 de Fevereiro de 1828. [...] Entaõ he **hum** Besta **symbolica** como aquellas que o Profeta Daniel vio sahir dos mares, em que se figuravaõ os quatro Imperios, que opprimíraõ, e devastáraõ a Terra. [...] Conhecemos agora a Besta, mas v. m. tambem fallava, e tambem nos promettia hum Caõ malhadiço, tambem será figurativo, e symbolico, como he a Besta? Sim Senhores he da mesma natureza.

O CAÕ MALHADIÇO

He o Porto, por dezasete vezes se tem amotinado, e revolucionado, **nunca se vio emendado: e se agora de todo não derrabaõ este Caõ, ainda que o malhem tornará a morder.**

Tenho explicado com clareza, e até com rigor mathematico, quem seja a Besta, quem seja o Caõ que tanto tem dado, que fallar, e tanto que esperar; mas o reinado da Besta, de que se falla no Apocalypse, teve menor duração, do que o da Besta pessima, que nos devorou; eu não podia escrever os seus Annaes com ella viva, acabou o Reinado, começa a Historia, eu lhe tirei a pelle, que a isso se chama esfolação, e teremos a Besta esfolada (p. 6-7).

Parece frivolo o titulo, e mais incompetente parece o estilo facêto, em que seraõ expostos os maiores horrores, que vio o Mundo, e as mais sanguinarias intrigas, e diabolicas maquinações, que nas Cortes do Oriente, e do Occidente foraõ causas de tantas desgraças nos que se chamaõ seculos do Baixo Imperio: quando for necessario carregar as cores, ou augmentar as sombras, eu o saberei fazer. Este quadro deve ser transmittido á Posteridade.

[...] Nem hum a só conjectura hei de arriscar, porque eu não direi da Besta, senaõ o que a mesma Besta fez público, e deixou em públicos monumentos da Imprensa. Destes Textos, ou monumentos públicos seraõ trasladados os factos com as mesmas palavras, com que lá se achaõ annunciados; e não farei mais que offerecer á nossa madura consideração o que os nossos olhos viraõ o que os nossos ouvidos escutáraõ, o que nos memoriaes do tempo estamos lendo. A Facção, que tem ha quarenta annos baralhado o Mundo, e a Colonia Lusitana, talvez a mais desafforada desta mesma Facção, não poderá negar aquillo mesmo que ella fez, e ella publicou. Os homens de

bem estão desenganados, e já não necessitam de provas, ou demonstrações, mas desgraçadamente nem todos os Portuguezes são homens de bem, eu encherei de confusão estes monstros de huma vez para sempre (p. 8).

Existe esta Besta???

SIM

A Besta appareceu na Terra quando rompeo a revolução Franceza, então a descobri, então vi, que á semelhança da Besta, descripta no Apocalypse, tinha escripto na frente hum nome de Blasfemia, que dizia – Abaixo os Thronos, e a terra os Altares – Deo-se o poder á Besta, e começou a vacillar huma, e outra coisa. [...] Sem Rei, e sem Deos começou o Povo Francez a sentir todos os coices, e todos os estragos da Besta [...]. Dentro da França se matavaõ Francezes a Francezes; fóra da França se matavaõ Francezes com estranhos, era preciso que o sangue, em que se affogava a França, tambem innundasse a Europa [...] (p. 11).

Quantos annos havia que em Portugal se dessiminavaõ doutrinas da Revolução, e se estabeleciaõ os princípios cardeaes da dominação da Besta? Huma alluviaõ de Livros, e mais que tudo **hum diluvio de infames, e infamissimos Periodicos**, (e entre estes levantaõ mais alto a frente o *Portuguez*, o *Amigo da Carta*, a *Gazeta Constitucional*, *Velhos Liberaes*, tudo impresso com licença da Commissão da Censura, creada para isto naquelle tempo, havendo Tribunal Regio, e o Ordinario) mas estes não serviaõ, porque não consentiriaõ taes horrores (p. 11-12).

A Besta já cá estava antes que suas forças cá estivessem, ou cá entrassem. No dia 30 de Novembro, vimos claramente o focinho á Besta. Sim no dia 30 de Novembro de 1807.... eu o vi na alegria do vidonho de seus Agentes, eu vi a medonha tromba do focinho da Besta: eu creio que ella veio, não tanto tocada da ambição de Bonaparte, como arreataada, e puchada pela malicia daquelles seus Ministros, ou Palanferneiros, que desconfiando de fazerem a Revolução politica com as próprias forças, acarretavaõ para cá as estranhas, e bem se vio dahi a pouco na alegria, e promptidaõ com que foraõ pedir hum Rei, ou hum pannal de palha, que com huma *celestial* tolerancia, ou nullidade absoluta, consentisse todo o desenfriamento de costumes, e o desprezo de todas as Leis Divinas, e humanas [...] a que farta manjadoura se prendeo logo gostosamente a chamada introduzida Besta!! Não houve Santo Antoninho com hum resplendorsinho de prata que não ficasse em cabello. Vejaõ que coices começou a prometter a Besta! O Reino sem Rei começou logo a ser roupa de Francezes. Eu andava pasmado, mas não andava nem temeroso nem desconfiado, olhava com frieza para os procedimentos das

Arpias, mas considerava com vivíssima attenção os sentimentos do Povo. O Povo collectivamente considerado, he a melhor cousa que ha no mundo. O Povo he o Povo, não he a Nação dos Esganarelos, de que com tanta enfasis nos fallaõ os nossos Filozofos, que por força nos querem regenerar. [...] Para deitar fóra de uma ceára huma Besta [...] bastaõ quatro rapazes, que saiaõ da Aldea, cada hum com seu **varapáo** na mão, em a Besta os vendo, dá-lhe a garupa, e põe-se ao fresco (p. 12-13).

Os mesmos, os mesmissimos que trouxeraõ pela arreata a Besta em 1807 que até ao dia de hoje tem figurado no estabelecimento, estabilidade, e conservação do Imperio da Besta, dando ás cousas diverso aspecto, mas levantando o véo, sempre apparece a Besta. Sentio-se em 1817 dez annos depois, que se atirava hum grande couce, foi-se olhar para o casco, era huma perna da Besta. Não pôde estar mais que tres annos fechada na Estribaria, e apezar de lhe pôrem na porta tres trancas, que eraõ os tres páos da Forca, em 1820 arrombou-se a porta, e appareceo a Besta com todas as suas volumosas ancas, roliços lombos, e formidaveis patas, e se tres annos escouceou fechada na estribeira, veio por tres annos atirar couces até ás estrellas em pleno ar, e no meio do Mundo. [...] Bons desejos tenho tido de formar hum Quadro Historico dos tres annos da Revolução Democratica de Portugal, e por certo neste Quadro se reconheceriaõ os pinceis de Tacito, de Machiavelli, e de Guicciardini, porém os mesmos Cesares Borgias, que entãõ nos tyrannizáraõ, foraõ os mesmos que o continuáraõ a fazer, servindo-se de diversa lingoagem até ao dia 22 de Fevereiro, em que Portugal recobrou a mesma gloria, e liberdade que lhe deo o dia 14 de Agosto em Aljubarrota, e o dia 1º de Dezembro no Terreiro do Paço em Lisboa. [...] Mas em fim o que se não faz no dia de Santa Maria, faz se no outro dia. Esta esfolação da Besta desde o dia 3 de Junho de 1823 até 22 de fevereiro deste anno bissexto, supprirá, superabundantemente aquella falta (p. 13-14).

Desde já eu deixo aplainada huma escabrosidade, ou removida huma difficuldade nesta esfolação, que vem a ser, a precisaõ de nomear sujeitos pelo seu proprio nome, sobre nome, e appellido. Ninguem se assuste; nenhum será nomeado, que não seja trasladado como lá está nas Gazetas públicas, até á dipersão de Israel, quero dizer, até ao momento, em que hum bando de Pardaes, que estava codeando huma ceára ouviu hum tiro de arcabuz, subio em grupo, desfez o macisso, e por diversas direcções se mirrou, e alapardou de tal guisa, que nenhum mais appareceo; e se alguns mais animosos se aventuráraõ a tornar á espiga, ainda não de todo esbulhada, se o seu Fado os não deixar na rede, que lhe fujaõ pela - malha - he de presumir que nunca mais

appareceraõ. He verdade que nos privaõ de huma boa fritada, porém nem tudo vai ao sacco, ainda que não cahio em sacco roto, tudo quanto elles fizeraõ, roubáraõ, e comêraõ. Estes malvados não tem já, nem devem ter, parentes, depois que a Gazeta juntou ao Substantivo - Saldanha, o Adjectivo - abominavel: assim acabaõ para a Pátria, e se alguma vida tem na memoria dos homens, he a vida do odio, e do desprezo em que são tidos (p. 14-15).

Quando eu considerava suas manobras pelo lado do ridiculo, sempre dizia comigo, nunca estes Histriões politicos põem em scena huma das suas Comedias, que não acabe com apupos, e pateadas! O mais melancolico dos homens, o Heraclito mais choraõ com as desgraças humanas, tendo hum bordaõ na mão, não se continha, se á porta do Augusto Salaõ, no dia em que El Rei sahio para Villa Franca, visse debandar os Pais da Pátria, e se o Povo se não destrahisse com as gargalhadas, impossivel seria que não tapasse os narizes quando os taes Pais por entre as alas do mesmo Povo hiaõ correndo; por certo **não levavaõ muito enchutas as pantalonas!!** No dia de hoje, esta ultima Farça acabou em Tragedia. [...] Quatro annos trabalháraõ, para que hum Homem não vivesse, e pôz Deos nas mãos deste mesmo Homem o poder da sua vida, e da sua morte... Ah! Pedreiros!...

Fim do 1.º N.º

Forno do Tijolo 7 de Julho de 1828 (p. 15).

N.º 2.º

AS MANHAS DA BESTA.

O preambulo, ou introducção ainda pede mais alguma cousa, porque eu desejo proceder com muito tento, e circumspecção, sem omittir circumstancia alguma, que possa mostrar em toda a sua luz a grandeza, e formosura deste nunca visto quadro, sobre o qual os seculos futuros devem fitar com pasmaceira os olhos. [...] Existe a Besta, mas he preciso conhecer de antemão, e com muita clareza, ou ordem lúcida as manhas, que tem, para que assim, quanto mais conhecida fôr, menos se compre, porque eu a heide mostrar não só em pello, mas sem pelle (p. 1).

[...] Nenhum Cigano trocador em feira prepararia hum Quadrupede, que mais agradasse aos curiosos, e amadores de quatro pés, nem mesmo as que se annuncião no fundo da Gazeta, formosas de Patria certa, idade conhecida, serviço universal, varas,

boleia, traquitana, seje, cavallaria, e até nora, e atafona, tudo, e para tudo! [...]. E mansa!! Nem hum cordeiro lhe iguala nesta virtude. [...] Isto era a Besta na primeira intuição; mas as manhas erão tantas, quanto vinhão bem cobertas, e disfarçadas, até ao ponto de se lhes manifestarem de tal arte, que para lhe tirar taes manhas foi preciso dar cabo da Besta; e ainda depois de morta cá ficárão grandes legados das mesmas manhas. Basta de Parábola, mas he tão clara, que todos a entendem. A Besta he a Revolução. A manha transcendente, e que todas abrange, desta Besta, he fazer sempre, e mais refinadamente, tudo aquillo que ella diz que vem destruir, e acabar para melhoramento, e felicidade dos Povos, e regeneração politica dos homens. Esta manha he a mais solapada de todas as manhas (p. 2).

Para enganar com mais segurança os mesmos Povos, era preciso lisongea-los, isto he, mette-los canto por dentro, mostrando-lhes que na especie humana não havia, nem podia haver desigualdade; e Jacques¹⁵⁵, grande arrieiro da Besta, sahio-se com o Tractadinho da origem da desigualdade entre os homens, que era a mesma Natureza em todas as condições, e que os homens quando prescindião para a formação das Sociedades de huma parte da sua innata authoridade, para a depositar nas mãos de hum só individuo, não era para se despojarem de todo da sua dignidade, igualdade, e liberdade; que os Reis, apenas se apanhárão com o poder imperativo, e legislativo, dado pela Nação, se fizeram logo Arbitros e Senhores da força armada, para se defenderem a si, e agrilhoarem as Nações [...] e que se desenganassem os Povos, e soubessem que hum Fanqueiro, ou hum Bacalhoeiro não erão menos que o Camarista, que está de semana, ou o primeiro Cidadão, que se assentava no Throno, donde sahe, e sôa a falla ao Corpo Legislativo; e que visto tudo isto, e o mais dos autos, era preciso para recobrar a dignidade natural do homem degenerado em a Sociedade, ou desfazerem-se dos Reis, porque erão Tyrannos, ou pôr hum cabresto ao seu sanguinario Despotismo, e que este cabresto não podia ser posto, nem os Tyrannos se podião albardar, senão por meio do Governo Representativo, em que todos os Cidadãos indistinctamente erão chamados, isto he, por listas, os irmãos da Confraria, para formarem estes Corpos, e fazerem elles só as Leis conformes, e adaptadas ás luzes do seculo, e aos progressos da civilização. Ora: qual he o passarinho arruamentado, que não acuda a este reclamo, e que não caia neste visco? Qual he o Macaco arremedador de outros Macacos, que não grimpe a esta Banana? Qual he o goloso, que não queira ao menos lamber esta marmelada? Qual he o

¹⁵⁵ Jean-Jacques Rousseau.

roto popular, que ouvindo hum Jan-Alves a dizer destas da Varanda abaixo, não engula Araras, e não procure governar-se com hum bom archote para huma revoluçãozinha? Vai para casa, e diz á mulher, e mais ás conhecidas, e conhecidos da mulher - Agora o Rei não ha de ter Corôa, ha de ter hum barrete vermelho, como aquelles dos Quinquilheiros da Ribeira velha. [...] agora o Rei não he Rei, he o primeiro Magistrado, que só tem huma faculdade sua, que vem a ser o poder, que se lhe confere de executar as Leis, que fizerem os Senhores Deputados, e para isto já os Reis não tem que metter prego, nem estopa: até aqui dizião elles que o seu poder vem de Deos, agora dizemos nós que o seu poder vem cá dos pobres, porque os pobres não se fizeram para elles, elles he que se fizeram para os pobres; acabou-se o Despotismo; rua com a arbitrariedade; isso era bom no tempo dos Affonsinhos. A Lei, e diante da Lei, que fizerem os nossos Representantes, todos são iguaes. O Logista com ferragens da terra, e o Camarista, que está de semana com sua chave dourada, são dous Cidadãos do mesmo tamanho; este chapeo, que parece huma tampa... fincado nesta cabeça cidadôa, não se tirou mais, não digo eu á Sancta Unção, mas nem ao primeiro Magistrado; acabou-se o Despotismo, Nação e mais Nação, e só a Nação governa a Nação.

Aqui temos a mais fina de todas as manhas da Besta, porque com ella se abre o passo para todas as mais. A canalha persuadida que os Reis são Despotas, e que a Soberania está no Povo, fica authorisada para dissolver todos os laços sociaes, e transtornar toda a harmonia do estado político, em que o mundo tranquillamente existia (p. 3-4).

[...] Em hum instante milhões de bôcas abertas, e milhões de gasnates empinados para o Throno, em que a Besta jaz mais repimpada que vilão o em casa de seu sogro, esperando o que dalli sahirá, visto o Despotismo ter já ido pernas ao ar, e cabeça abaixo pelo abysmo dentro, permanecem mudos, e quedos, como muitas vezes tem ficado nas praças, e nos theatros olhando para o Malabar, que engole espadas como quem sorve pasteis de Marvila, ou bôlos da Esperança, ou para hum Pineti Charlatão que tira da bôca espadanas de fôgo. De repente o Despotismo que sahio por huma porta, entrou por cento e tantas. Sem mais tira-te, nem guarda-te, a legislação primitiva de hum Reino, sem ponderação, sem consideração a referencia alguma, sem attenção a resultados, e consequencias, vem a terra: o fructo de muitos seculos, de muitas experiencias, as vertentes da pública felicidade [...] desvanecido tudo como o fumo na extensão dos ares; e, em lugar de tudo isto, como o remedio de Amaro da Lage, e **as Bichas dos actuaes Medicos, e Cirurgiões, que servem para tudo**, sem o consenso,

sem a consultação dos Povos, sem se ponderarem seus usos, seu character, seus mesmos costumes, e até seu clima, e seus particulares interesses, vem, e apparece huma coisa chamada **Divinal Constituiçãoinha**, a mesma em tudo, a mesma para todos, compaginada de palavrões sonóros, e ôccos, como v. g. a Nação Napolitana são todos os Cidadãos Napolitanos das duas Cicílias, e das Calabrias, que de diante para traz dizem o mesmo, os Cidadãos Napolitanos são a Nação Napolitana. Ninguém entrará no Limoeiro, sem merecer o Limoeiro, em quanto não apparece a Lei dos suspeitos; em Casa do Cidadão não entra ninguém, excepto nós, e os Ladrões. E porque appareceo tudo isto, que ninguém pedio, e ninguém quer? Porque nós o queremos, e he nossa vontade augusta, soberana, e absoluta. E que cousa he esta vontade absoluta, que se encontra opposição vai tudo com os Diabos em exterminios, prisões, remoções, e gallés? Isto chama-se Despotismo! Pois a Besta não veio destruir, e acabar o Despotismo? Ahi he que está a manha; enganar os Povos, dizendo-lhe que vem extinguir aquillo mesmo, que ella mais desaforadamente vem exercitar (p. 4-5).

[...] Se condemnavão á morte, condemnavão pelas Leis, e com as Leis; e o dia da execução era para elles hum dia de lucto; nunca jamais insultarão a desgraça, e os desgraçados. Ajoelhou em terra com ambos os joelhos D. João II, que não tinha o coração muito de manteiga, ou requeijão, quando o toque do sino de Sancto Antão lhe disse que acabava de ser degolado D. Fernando II Duque de Bragança. Rezemos, disse elle, pela alma do Duque de Bragança. E a Besta? Isso he huma Pomba. Com hum Sceptro de ferro, com hum furor mais despótico que o de Omar, ou Gengiskan . . . mata, fere, degola, degrada, extermina qualquer Clérigo velho, que nem pernas tinha já para ir a Sancto Antonio da Sé buscar a de seis, ou á Senhora da Rocha buscar a de doze, porque lá são mais graúdas. [...] Fiem-se lá da Besta sem lhe conhecer as manhas, ou **cheguem-se-lhe lá para a garupa sem apanharem dois coices!** E o Despotismo a medrar, podia dizer hum Deputado em suas despoticas preopinações! (p. 6).

[...] Huma **caterva, ou catrefa de Bacharéis Syncofantas, Saltimbancos, Esganarelos, e tira dentes**, apparecêo repentinamente entulhando Secretarias altas, e baixas. Ninguém contou nas Contadorias senão elles, que com tudo contarão, e tudo tiverão. Os Lugares de Fazenda forão occupados por quem nunca teve hum real de seu; delles sahirão Corregedores de ruas novas, e de ruas velhas. A força d'então armada, grande **madrinha destes salteadores**, teve para seu Commandante hum dos treze mais distinctos benemeritos; e como este Imperio da Lei, e da Justiça, levantado sobre as ruinas do Despotismo, e do Patronato, necessitava de huma Guarda Pretoriana, e

havendo benemeritos de sobejo, quem apresentava o melhor **attestado de patife**, era logo alistado debaixo das Bandeiras Cívicas: huma Jaqueta Saragoçana, e hum Espadão de Oliveiros, cobria logo o costado, e pesava nos quadrís de Veneráveis Ecclesiasticos, e Parochos exemplaríssimos [...] (p. 8).

Ora o Povo, que apenas ate áquelle memorando instante da Regeneração Bestial só podia no Senado aspirar aos lugares de Procuradores dos Mesteres, pulou de contente, e dizião os Taverneiros, e os Cabeças de Páo: isto he que he Gente! Fortes Homens! Nascêrão para felicidade da Nação! O Reino andava a dormir, e acordou de huma vez. Oh! Que manha da Besta! (p. 9).

[...] São precisas duas cousas para que a Besta estabeleça o seu Imperio, a primeira he o Povo, ou a multidão, que com força material sustente as opiniões; e, sem que a multidão seja lisongeada para ser illudida, nada se faz; a segunda he acommodar os filhos subalternos da mesma Besta. Os Morgados lá estão impando de fartos pelo Gabinete, pelas Secretarias, pelas altas Contadorias, pelas repartições pingues da Fazenda, e da Justiça. Capitães Generaes dos Colonias, Generaes das Provincias, Commandantes da Força Armada, Intendentes dos Arsenaes; e a Caterva mais saliente, e influente no Soberano Congresso, tudo isto he para os da Mesa travessa da Confraria da Besta, para os de Mitra bicornea, para os de Avental mais franjado, tudo isto he para os Irmãos do quarto gráo, ou quarto voto; mas como a Família he grande, e numerosa, ninguém deve ficar de fóra; e como o pão já era do Compadre, vão bons, e grandes pedaços para os afilhados, e afilhadinhos. Mestre Pedro, e Mestre Braz, este presida, aquelle procure. O Povo está logrado, tenha paciencia, não conhecia as manhas da Besta: não ha nenhuma, que não corra muito na Feira da Ladra [...] (p. 9-10).

Quando a Besta diz que tudo he para todos, he pôr em acção huma das suas mais astutas manhas: estes todos são unicamente os seus, porque nos seus exclusivamente está o talento, está o mérito, está a virtude, está a sciencia; e como os que não são os seus não tem nada disto, eis-aqui porque nos dourados dias da Constituição Bestial os filhos da Besta são os empregados; e **os que o não são morrem com fome, e bico calado; quem não for adicto ao Systema, vá morar para as Berlengas [...]. A Besta morde, e dá coices, e desde a ponta da orelha ate á ponta do rabo, toda he manha.** Que cousa tão bella, e tão conforme á razão, e á Natureza! (p. 10).

[...] o homem ainda he mais livre quando se tracta de propalar, e manifestar seus internos sentimentos, e concepções da sua alma por viva voz, e pela Impressão muito mais. O homem he livre, logo a Imprensa tambem he livre. Esta he, diz a Besta, a base

mais segura, e firme da Regeneração politica das Nações. Que temos nós cá com o Ordinario, Tribunal Ecclesiastico, e com o Desembargo do Paço, Tribunal Civil, para a manifestação dos nossos pensamentos para o bem geral da Nação, e illustração dos Povos? Nós devemos manifestar á Nação os caprichos, e arbitrariedades dos Reis, as prevaricações dos Ministros, a dilapidação da Fazenda Publica, os subornos da Justiça, os erros dos Generaes, os segredos das Familias, e os defeitos do homem. Hum Corcunda não deve ficar sem a merecida, e permanente descompostura. A **vingança**, diz Juvenal, he hum bem mais precioso, e agradavel do que a mesma vida; e como poderemos nós descobrir, e perpetuar o nosso odio, e a nossa desaforada malevolencia, e supplantar os nossos inimigos, se nos não servirmos da **arma invencivel da liberdade da Imprensa**? O homem, diz João Jaques, nasceu livre para viver com os Ursos livres, se he do Septentrião; e se he do Brasil com as Cobras de Capello, com as Giboias, e com as Onças; e **quem nos pode açaimar os nossos queixos para darmos as nossas dentadas**? Agora sim, já o Cidadão probo, e illustrado pode sustentar com dignidade a sua penna, fazendo gemer com seus escriptos em Paris os prelos de Didot, e em Parma os de Bedoni. Qual he o homem de talentos, que não deseje vêr-se livremente impresso, e encadernado? Vêr-se dourado por folhas, e vestido de marroquim? Oh que manha! E **talvez que a mais daninha de todas as manhas da Besta**. O **Vulgo irreflexivo** está persuadido que não se pode conceber verdadeira liberdade civil sem a absoluta liberdade da Imprensa, e fica **doido de gosto** quando se lhe manda jurar aos Sanctos Evangelhos, em que a Besta não crê, este Celestial Artigo das Bases Regenerativas. Julga n'aquelle instante ver o homem restituído á sua primitiva dignidade suplantada pelo Despotismo, e abafada pela Superstição. A **Nação legislando á Nação está junta no Salão**. O Artigo da Liberdade absoluta da Imprensa he huma Lei para illudir, e captivar, mas não he huma Lei para se executar. He manha (p. 11-12).

A melhor Lei, que ha, he a Lei de Deos, e nada ha mais simples, mais augusto, mais magestoso, e Divino — *Não levantarás falsos testemunhos* — Isto precisa acaso Lei regulamentar? Não senhor; não se levantão falsos testemunhos, e de huma vez para sempre está dicto tudo, não ha mais que expôr, e nada mais que regulamenlar. — He livre ao Cidadão publicar os seus pensamentos pela Imprensa. — Quer isto dizer: pode-se imprimir sem Censura previa: acabou-se. Oh que manha! Esta Base já vem com huma restricção mental. **He livre a Imprensa quando se tracta de duas cousas, dizer bem de nós os Bestas, e mal de todos os que não adorão a Besta** (p. 12).

Senhora Liberdade da Imprensa, estimarei que faça muito boa jornada. Pode dizer mal de Deos, e dos seus Sanctos, mas dizer mal da Besta, e das Bestinhas, isso não he liberdade, isso he abuso escandalosissimo, opposto ao Systema, e inimigo da Nação.

Diz, e imprime o Padre do Forno do Tijolo – Os Liberaes são Pedreiros (como se elles se injuriassem deste nome) Accusa de Bones, promove Filippe, eisaqui o Padre do Forno traduzido immediatamente diante do Areopago, ou Camara ardente; e vio a Deos pelos pés, quando lhe escapou das unhas (p. 12).

E he livre ao Cidadão manifestar pela Imprensa os seus sentimentos. Se dizem mal do Throno, se dizem mal do Altar, se descompõe o homem de bem, dos costumes, das Leis, das virtudes dos nossos Avoengos, se fascinão os Povos, se atacam a Moral, se fazem desvairar os homens, se chamão ao furto industria, ao adulterio galanteria, aa assassinio heroismo, á incredulidade genio sublime, á piedade superstição, á embriaguez galhofa, á fraude especulação do commercio, á usurpação justiça, á rebellião direitos do homem; então he livre ao Cidadão manifestar, e publicar pela Imprensa os seus pensamenlos; esta liberdade he o alicerce da regeneração [...] (p. 12-13).

Apparece a segunda Besta, ou a primeira disfarçando, ou escondendo as mataduras com mais franjados atafais, e albarda mais macia; parece que o freio he de ouro, e não de ferro. *Nimum ne crede colori* — Nada de crer em côres superficiais: nem tudo o que luz he oiro, he a mesma Besta, e a mesmissima, não perdeu as manhas de 1820, traz as manhas mais disfarçadas em 1826, e parece que vem capaz de enganar hum Sancto; porém as manhas são tanto mais temiveis, quanto mais subteis, e menos pronunciadas (p. 13).

As feições, com que se apresentou a Besta em 1826, erão a manha mais refinada, que a Besta como Trunfo guardava para o fim, no maldito jogo da nossa ruina. **Veio o mel pelos beijos, ou veio a papinha da liberdade da Imprensa** (p. 13).

[...] Quem menos quer a liberdade da Imprensa he a Besta, porque he a cousa que menos conta lhe faz; e vivo, ainda que doentissimo o Padre do Forno, pelo caminho da Imprensa, nunca consentiria que a Besta estivesse tão segura na farta mangedoura, ou que tão desaforadamente tomasse o freio nos dentes (p. 13).

[...] era preciso que a Besta se sustentasse conservando nos na escravidão, quando nos promettia liberdades, governando-nos com o Codigo d'Argel, quando nos impingia – Liberal Constituição – Ora os andaimes, e os esquejes do Edificio Constitucional, os mais fortes, e os mais seguros, já o sabemos, são os Periodicos, ou os

Papeis patifes. **Apparece Constituição, toldão-se os ares de Periodicos:** desaparece Constituição, amaina o vendaval (p. 13-14).

Como ha de isto ser, disse a Besta albardada de novo? Nós não queremos liberdade de Imprensa, porque então nos hão de pôr a calva á mostra.[...] nós **necessitamos como o pão da boca de Periodicos, sem honra, sem verdade, sem vergonha:** pois filhos, continuou a Besta , não percais animo, que eu ainda sou a vossa terna mãe, ainda se me não acabarão as manhas, o sortimento he para vender pelo grosso, e pelo miudo; ahi vai, como ficarão contentes os dous Tribunaes Censorios, vendo levantar-se no meio delles hum Commissão de Censura, para a qual eu escolhi alguns Membros , creados unicamente por mim! He minha filha dilecta, deixará apparecer Periodicos em tal abundancia, e desaforo como nunca se vio no Mundo! (p. 14).

Arma-se a Heroica Empresa do – *Portuguez* – e apparecem bahús de lençoes de tres ramos com mais patifarias, que pontos. Que injurias, que ataques a ElRei Nosso Senhor! Os auctores desaparecerão , mas os Censores, que privativamente os licenciarão ahi estão; e tanta culpa tem o ladrão como o consentidor (p. 14).

A quem deve a Besta o *Espreitador*? A quem deve os grandes luminares do *Velho Liberal do Tejo, e Douro*? A *Gazeta Constitucional*? O *Amigo da Carta*? O Amigo da Carta, auctor o despe Santos, o muda Freiras, o vende Christos? A quem se deve o detestável *Fiscal dos Abusos* [...]? (p. 14).

Todos estes monumentos da impiedade, da irreligião, da desmoralisação publica, todas estas sementes, e estes effeitos da mais sacrile ga rebellião, todos estes **vehiculos do veneno Liberal**, se devem a alguns dos Membros da Comissão da Censura, porque a Besta não a levantou para outra cousa (p. 15).

Não se diga que assim fallo porque me vingo a mim: não sou cobarde; nem papeis, nem Censores ficarão, nem ficarão sem resposta; verdade seja que não fiz jogar a Artilheria grossa, mas a terceira parallela ainda está levantada, e o murrão ainda está acceso. Nós fallaremos; por ora ainda mostrando as manhas da Besta ainda não atirei o primeiro talho á pelle da barriga, tudo se faz com tempo, se a morte me não pozer embargos (p. 15).

Tenhão paciencia, Senhores Leitores, e olhem que os bons Portuguezes são meus amigos ; se lhes parecem muito longos estes preliminares, e a Besta ainda com pelle em toda a sua integridade [...] sem hum pleno conhecimento das manhas não se póde proceder á esfolação [...] A Besta nos deixou em pelle, pois eu lhe tirei do corpo a

sua, apenas lhe pozer as manhas ao olho do Sol. Faltão muitas, e a principal he a manha com pes de lã [...] (p. 15).

O que não fizerão dez Imperadores Romanos com todo o poder do Império Romano [...] não faria meia duzia de Pechincheiros enfarinhados em Politica, que vivião no Porto de calotes, e vierão viver em Lisboa de impostura, e macacos de outros macacos; **vinhão representar** (e muito mal) a **Farça** do Liberalismo Hespanhol, Radicalismo Inglez, e Regeneração Franceza. Acabou-se a hum Conego mirrado o Filangieri, ca lou-se como hum rato; acabou-se Becaria, Bentham, e Constant, gaguejão todos. – Fora tolos!!!

FIM.

Forno do Tijolo 21
de Setembro de 1828.

N.º 3.

Muito me compungia eu de ternura, quando ouvia o mirrado Filangieri Beccaria de Bentham, dizer em tom de lamentação com a cabecinha, e gesto de Bento José Labre, Viva a nossa Sancta Religião!! Eu adorava, como devo, estas palavras sanctissimas, mas não sei que sentia cá dentro do meu coração; apenas dizia **em tom baixo, submisso, e não escutado pelos filhos da Besta – Até ao lavar dos cestos he vindima!** (p. 2).

Que homens tão sanctos! Sacrificarão o seu descanso, seus barcos, e suas redes para salvarem a Patria da influencia, não da gente de Guiné , mas da gente dos Guinéos, isto he, do ouro corruptor, como os seus aposentadores os Francezes nos tinham já dicto, quando nos vierão pôr no estado da innocencia, quero dizer, em pura nudez [...] (p. 2).

[...] organisando o Exercito, que parecia de Tabareos, ou Partasanas, tirando-lhe os rançosos Officiaes rutineiros, e pondo-lhe Tactiqueiros , que á Régoa, ao Compasso, ao Cordel, ao Prumo, e á Esquadria , nivelassem as novas evoluções inventadas para a consolidação do Systema regenerativo; **animando as Fabricas da impostura, e promovendo a industria da empalmação** [...] (pp. 2-3).

Com efeito, o Viva a Religião na bôca da Besta he a manha mais sagaz, e ardilosa, e ao mesmo passo mais sacrilega, e a mais impia de todas. O fim do imperio da Besta he o transtorno Universal de todas as Ordens Sociaes, ou no estado Civil, ou no

estado Religioso, persuadindo-se a Besta que desta confusão, ou deste **cáhos** póde tirar hum novo, e mais perfeito Mundo moral, mas ao seu modo. O projecto he gigantesco, e o mais capaz de exaltar, ou dessórar os taes, ou quaes miolos dos Filósofos niveladores (p. 3).

[...] a mesma Religião lhes ensina, que ha tres cousas essenciaes na composição da Sociedade, a primeira o Poder, a segunda o Ministro, a terceira o Sujeito, sobre quem pelo Ministro se exercita o Poder. Sem isto não ha Sociedade. Ora: quando a consciencia liga os homens, quando a esperança de hum premio, e o temor de hum castigo futuro os determina a fugir do mal, e a fazer o bem, a ordem se mantém na Sociedade, e não se perturba a harmonia civil, e politica das humanas Instituições; e tudo isto só he, e só póde ser obra da Religião Divina, e revelada aos homens (p. 3-4).

Caia a Religião de Deos, cahirá o Diadema da cabeça dos Monarchas; e quando o Povo arremessar o freio da Religião, nós á nossa vontade tomaremos o freio nos dentes, e irá tudo pelo pó do gato. E como se poderá conseguir isto? Burros, meus filhos, e meus amores, isto não he o conselho dos Ratos, que resolveo depois de discussões, e debates como os das Côrtes Constituintes, que se deitasse hum cascavel ao pescoço do gato, para que, sentindo-se-lhe o tinido, quando elle viesse, todos se escondessem; nenhum quiz ser o intrepido, que lho deitasse. Eu decretei, e tenho decretado que embrulhemos os cascos em boa estôpa, porque he preciso entrar com pés de lã [...] (p. 4).

Burros filhos, e Burros pais, vós sabeis que para che gar ao nosso fim he preciso sempre **dizer huma cousa, e fazer outra**; prometter abundancia, e matar de fome; prometter liberdade, e encher as cadêas; Leis luminosas, e entronisar o Arbitrio; fazenda regulada, e ladroeira pura; Viva a Religião, e dar cabo della e enfraquecer os Ministros he meio caminho andado, e para isto faremos de nosso vagar conselho de investigação. Assim veio entrando a Besta, e a manha a medrar (p. 4-5).

Muitas vezes os insultos caixeiraes não ficavão por agradecer; os Clérigos costumão trazer suas bengalas, que ás vezes são substituidas por **arrazoados cacetes**, ou volumosos bordões de madeira segura; o carrasco, e zambujo entrão nesta composição: **eu fallo com experiencia propria, e á vista tenho, e em uso**, duas vergonteas destas plantas, que não são exóticas; não castigarão poucas vezes o ar vazio; não poucos Caixeiros, e Patrões **alguns incomodos sentirão na espinha dorsal** [...] (p. 5).

Huma das maiores consolações, que tenho tido na minha desconsolada vida, foi a que me trouxe a scena, que vi aos dous dias do mez de Agosto do anno do Nascimento de N. S.J.C, de 1826 á entrada do Caes do Tojo, da banda de Sancta Apolonia. Vinha modestamente caminhando a pe hum verdadeiro filho de S. Francisco [...] trazia comsigo, já de longo caminho, dous que não erão Anjos da guarda, á direita hum, á esquerda outro, de Casaquinhas com cathegoria de Nisas: hum dizia ao ouvido direito do exemplarissimo Filho do Serafico Patriarcha – *Corcunda*: – outro dizia ao ouvido esquerdo – *Apostolico* – em voz alta [...] ... Oh Ceos! Que evolução tão rápida! [...] Parou... fez hum quarto á direita, e outro á esquerda, e simultaneamente soôu o éco de huma Pateada Real no Proscenio de S. Carlos; ou soôu o estampido da Columbrina de Diu, ou do Morteiro de Ormuz, que á voz de D. Alvaro de Noronha arrojava pelouros de cincoent a arrobas, dizem os nossos Historiadores com mentira, e t udo; e eu digo, porque o ouvi, **soôu o rebombo de duas bofetadas**, que ainda sem se acabar deixárão estirados no chão os dous Arlequins como dous cães mortos. Não se ouviu mais a palavra *Corcunda*, menos a palavra *Apostolico*: talvez se ouvisse **a minha gargalhada** e muito mais se ouviu o alarido de cem Carvoeiros, que allí estavam espectadores [...] Certo **Povo**, que he Juiz integerrimo, **dava Vivas ao Padre**, e as Sentinellas do Quiartel lhe apresentárão as Armas. A sorte dos Franchinotes foi muitas vezes a de muitos, e muito bem merecida. [...] A digressão foi longa, eu o conheço; mas julgo conveniente **amenisar esta espinhosa materia**; e pois a Besta dava, e dá tantos couces , bom he que se saiba tambem os que a Besta de vez em quando levava (p. 6-7).

[...] **em cheirando a pobre, já ninguem faz caso delle, porque o bafio, que exhala a pobreza, he capaz de pôr em fugida Serra de Cintra**, que se tiraria do seu lugar (p. 7).

[...] que veneração, que respeito teria o Culto na opinião da maior parte dos homens frivolos, e irreflexivos, e tocados já da contágio da incredulidade, vendo seus Ministros [...] esfarrapados, com huma Sotana, que pareça hum espantalho de Figueira, com huma Sobrepelliz mais suja, e mascarrada que huma toalha do *Mal Cosinhado*, ou de huma taberna de Galegos no Cães de Santarém, com humas botas indescalsaveis, com mais chapas de tombas que huma Caldeira velha, com huma cara mais pálida, e descarnada que a de huma convalescensa de Sezões; emfim **Mumias ambulantes embrulhadas em cueiros!** Humilhemos o Culto, dizia hum dos cinco Doutores do

Directorio Francez – *La Reviliere le Paux*¹⁵⁶, – nós acabaremos com o Christianismo (p. 7-8).

[...] o Padre Cura, a quem já falta huma das pás da Bateira, quero dizer, huma das mangas perdidas, e fluctuantes da Sotaninha, Granacha, ou o que quer que seja; meias de linha crua, e com mais pontos que huma Ária de Rossini, ou a Missa grande de Marcos¹⁵⁷; huns çapatos de vaqueta, abroxados com duas ferrugentas fivellas de ferro; huma camisa que, para a lavar, he preciso ficar sem ella até que a Lavandeira se resolva, ou o tempo dêr lugar. [...] Que tal será a magestade do Culto, quando os seus Ministros aparecem nesta lastima? (p. 8-9).

Como a manha da Besta he empurrar aos outros o que ella faz, e fazer o contrario do que promette, tambem as palavras da Besta correspondem á idéa contraria da sua accepção obvia. Viva na boca da Besta, e das Bestas, quer dizer — morra. — Entenda-se assim o — Viva a Religião; —e olhem que o Viva ElRei não queria dizer outra cousa. A huma d’aquellas Bestas **fugio-lhe o berro para a verdade**, quando berrou — desfaçamo-nos delles (p. 10-11).

[...] Sabendo, outro sim, que a Patria he devedora de auxilios aos Cidadãos benemeritos, e que a Juventude, como geração presente se prepara para ser o esteio **da mesma mãe que a pario**, que he a sobredicta Patria, quando **pela medra da Carta** chegar ao ultimo ápice da sua gloria, a que a França chegou no Imperio do terror, e da Guilhotina.... Peior está essa! Nós cá temos a **Forca**; e, **o que ella quer, he uso: morrão os patifes á nossa moda, hão queremos instrumentos estrangeiros** com todas as regras da mecânica. A Deos que nós temos que fazer... (p. 12).

[...] Oh Cidadãos! vêde se a dadiva outorgada vos falla a verdade... Ora graças a Deos! Vamos a ouvir essa empafia!... Titulo oitavo da Carta §. 30.

A Instrucção primária, e gratuita a todos os Cidadãos. Collegios e Universidades onde serão ensinados os elementos das Sciencias, Bellas Letras, e Artes!!

E tudo isto de graça! Somos felizes, **nossos filhos são Doutores em tres semanas**, e tudo — gratis — **Peruns pelos Sanctos, Lombos pelo Natal, Chouriços pelo Entrudo, Lampreas pela Semana Sancta, Cabritos pela Paschoa**, tudo isto querião os Mestres de Meninos, fora o dinheiro do mez [...] verdade seja, que gallinha

¹⁵⁶ Louis-Marie de la Réveillère Lépeaux (1753-1824).

¹⁵⁷ Marcos Portugal.

gorda por pouco dinheiro, parece que não pode ser: e que fará por nenhum dinheiro!! (p. 12-13).

[...] Dirão os da Besta, que eu **estou feito hum Wandallo**, e que procuro entronisar a ignorancia, que sou o inimigo da instrucção pública: isto he verdade, mas he da instrucção pública da Besta. Quando deixou em Portugal de haver estudos, e estudos regulados por Lei, estabelecidos com systema, e cultivados com proveito? Onde fomos aprender o que sabemos? Quando ElRei D. José reformou a Universidade, não apparecêrão d'entre nós homens para tudo? Apparecêrão homens de bem, Literatos consummados, e não os Esganarelos da instrucção pública. Tudo se ensinou, e tudo se aprendeo (p. 15).

[...] Ora: **fallemos de mim**; poucos livros tive sempre, agora não tenho nenhum, pois nunca em dias de minha vida tive hum Diccionario. Haja Escolas de primeiras letras, mas o primeiro Livro, que o Sr. Mestre deve mandar trazer aos rapazes, seja a Cartilha do Mestre Ignacio¹⁵⁸; e o primeiro preparatório, que se exija aos Senhores que vão para a Universidade, seja o Symbolo de Sancto Athanasio, bem sabido, bem repetido, e bem explicado, e depois de feita com elle, e sobre elle a profissão da Fé, então se lhes começará a explicar o Compendio de Martini. Ora: acabemos com isto, que são horas; e não digão que de Esfolador me transformei em Missionario.

FIM.

José Agostinho de Macedo.

Enfermaria de Pedroços

22 de Outubro de 1828.

Nº 4.

Os filhos da Besta, que tanto sahem á mãe, e della não degenerão, são os inimigos dos Reis da Terra: **dar cabo delles** he o primeiro, e principal artigo do compromisso da confraria. [...] Quando não trabalha o ferro, ou bocado para furar, ou chato para cortar, então outro instrumento, que se não fura as tripas por fora, desfaz as tripas por dentro; porque enfim os Reis são homens, e os homens vivem, e para viver neste valle de lagrimas he preciso comer, e beber, e se a muitos falta, aos Reis sobeja. A agua Tofana he de effeitos maravilhosos. He mais pura, e delgada, mais diluente, e

¹⁵⁸ Padre Inácio Martins, SJ (1531-1598).

diuretica que a do chafariz da praia, ou da Pimenteira, he de hum expediente milagroso, vai-se a vida como hum passarinho, só com o inconveniente de deixar ao defunto, que Deos tem em gloria, a lingua de fora, e as unhas rôxas. [...] Quantos Monarchas tem assim descido á sepultura! Quantos Papas tem amiudado assim os Conclaves para as eleições! (p. 1).

E não admira, porque são tres a trabalhar; o Medico, que dá a sentença, o Cirurgião, que a applica, e o Boticario, que a prepara. Oh! que tres inimigos! Eu tenho mais medo delles que dos tres inimigos d'alma! Mundo: ah! eu bem conheço esse sujeito, he malhado, e não me logra. Diabo: isso me tem a mim chamado muitas vezes, nem he tão feio como o pintão, mas ou feio, ou bonito, dirão delle a meu respeito que lobo não mata lobo. Carne: ah! carne, carne! Eu já não tenho senão ossos. O seu estímulo martyriza, e eu já não tenho senão dores; nem hum minuto me deixão. **Pobre carne! Quando ella tem mais de sessenta e tres annos de idade, já não he carne, he huma Quarta feira de Cinzas,** lembra-te homem que és pó (pp. 1-2).

[...] quando a voz = *Desfaçamo-nos delles* = não pode ser obedecida ao bico da faca, a Besta tem recursos, e tem manhas. Se não tirão a vida natural aos Reis, tirão-lhes a vida da Soberania, da Dignidade, da Representação, do Poder, e até a do Decoro, e Magestade; para conseguir tudo isto descobrio a Besta a manha mais subtil, e mais velhaca, que podia inventar o subtilissimo, e profundissimo, não digo eu Nicoláo Machiavelli, Secretário de Florença, mas o Reverendissimo Padre Claudio Aquaviva, meritissimo Geral da Companhia de Jesus (p. 2).

[...] Abri pois o *codigo immortal*, e no capitulo 3º artigo 80º leio estas memorandas palavras.

“As Cortes Geraes [...] logo que o Rei succeder no Reino, lhe assignarão, e á Rainha [...] huma Dotação correspondente ao Decoro da sua alta Dignidade.”

[...] manha subtilissima para sepultarem a Magestade Real, e entregarem o Rei ao juizo dos Orfãos com questões eternas de alimentos da maça do Casal [...]. Elle, sua mulher, e seus filhos hão de comer o que lhe quizerem dar: nem ao menos quiz fazer huma addição a este artigo, e vinha a ser, que pelas quatro festas do anno, e nos dias da abertura, e fechadura de Côrtes, teria mais alguma cousa para hum prato do meio, mais alguma sobre-mesa, e algum fato novo para o dia da desobriga; e para os pequenos, porque se rompem muito, algum tanto para çapatos novos de sobreceleste. Com effeito, quasi parece menos horroroso matar hum Rei, do que reduzi-lo a hum estado de tanto aviltamento, e miseria! (p. 2).

[...] quatro Bofarinheiros de politica, quatro **pedintes** [...] pelas ruas do Porto [...], virem a Lisboa na dianteira de hum exercito, como rapazes adiante do zabumba, feitos Licurgos, e Solons, Franklins, e **Joões Jaques Legisladores do Mundo**, e Mantenedores dos Direitos dos homens, hum com hum martelinho de Armador, outro com hum tenaz de Ferreiro, outro mais apessoado com hum croque de Barqueiro¹⁵⁹, e assentados, não em **hum barril de alcatrão, que merecião**, mas nas Cadeiras do Governo, nunca tão aviltado, assignando alimentos a hum pupilo, e ser este pupilo o Rei de Portugal [...] (p. 3).

Conquistassem-nos embora os Arabes Bedoinos, ou os **Pretos** Jalofo, seria sorte de guerra, ou superioridade de poder; mas tractarem assim o Rei de Portugal meia duzia de **Melquetrefes**, **escoria** incognita do genero humano, e isto com hum **papelinho** na mão, que nem elles fizerão, mas que mal traduzirão de **Castelhano**.... He o golpe mais pezado, que a Divina Justiça descarregou neste Reino. Dizem que **Luiz de Camões** se possuía de tão grande paixão, quando vio acabar a gloria de Portugal na infeliz batalha de Alcacerquibir, que embrulhado n'hum lençol roto o forão metter n'hum cova na Igreja de Sancta Anna, onde jaz. **Outro tanto esteve para me succeder a mim**, quando na redempção, e regeneração de 1820 vi a mesma determinação em hum dos seus artigos, com a differença que o meu lençol he novo, e são, e assim se guarda para esses assados (p. 3-4).

Os joelhos do Mordomo batem hum no outro como malhos de Ferreiro, quando da testada da mesa sôa hum voz harmoniosa como a de Vacani, ou Marchetti, ou de Manoel Fernandes Thomaz – O Senhor Cidadão que pertende deste Tribunal Nacional? Eis-aqui a lingua do pobre Mordomo a entramelar-se, e o Tenor Fernandes a urrar desta maneira. V. m. não diz a que vem? A Nação não espera por ninguem. V. m. **parece-me o Moura**¹⁶⁰ **a gaguejar!** Falle!! Não ha remedio. **Senhor Manoel , eu vinha buscar a Dotação d'ElRei...** Venha cá para a semana: esta semana paga-se a Folha do Soberano Congresso; não cabe ainda, nem tem lugar o primeiro Magistrado (p. 4-5).

Veados, e perdizes tudo foi apanhado, a assado pelo Margiochi¹⁶¹, e com as Leis das Coutadas, escapou por ligeiro algum coelho, isso veio dar comsigo ao bandulho de tantos, e tantos Podengos esfomeados, que ahi estão a ganir nessas Necessidades, **que**

¹⁵⁹ Manuel Fernandes Tomás.

¹⁶⁰ José Joaquim Ferreira de Moura.

¹⁶¹ Francisco Simões Margiochi.

bem necessidade tinha a força deles, mas em fim o que se não faz no dia de Sancta Maria faz-se no outro dia, e a cada porco chega o seu S. Martinho... (p. 5-6).

E V. Magestade tem hum filho!!! Aquillo he hum Brinco, he huma Joia, ainda he novinho, mas he hum homem ás direitas, e por algumas meias palavras soltas, que lhe tenho apanhado, porque aquillo até comigo conversa, he hum Anjo em carne, e valente como as armas, parece-me que em breves audiencias **dá cabo de toda aquella camara optica de Palhaços**. Elle he **sonso**, mas a cousa estoira de repente, e com mais graça [...] Elle anda a forjando. Parece que não cuida em nada, mas aquillo he menino, para os embolar parece que não tracta de mais nada que da caça, da pesca, da equitação, no manejo das armas, e no exercicio daquellas Artes liberaes, que não são constitucionaes, mas proprias de hum Jovem Real; e como successor de Vossa Magestade parece que já lhe está saltando a Coroa na cabeça: eu não sei o que cá me diz o coração: deixe-o andar, deixe-o correr, que daqui a nada ha de vê-lo correr com hum **vergalho na mão** como Dom Pedro crú, **atraz da cambada!** (p. 6).

Tudo he precario n'hum **Rei Constitucional**. **Não tem poder**, porque o poder essencial da soberania he o Legislativo; passando para o Povo representado, **já não he Monarchia, he Democracia purissima**, e extreme: aqui temos no corpo politico **os membros a mandar, e a cabeça a obedecer**, aqui temos **o Mundo ás avessas**, e o carro adiante dos Bois. [...] O Rei no estado de constituição he hum mero executor dos mandados do Povo soberano (p. 6).

Hum Rei Constitucional póde dizer aos architectos de Constituições: Vós me sustentais, vestis, e calçais, vós me concedeis casa para morar, vós sois os que me dais algum vintem para a algibeira, vós me fazeis executor de vossas ordens, e mandados, ora pois, já que até vos devo o pão para a boca, aqui estou ás vossas ordens, fazei de mim o que quizerdes. Me mélem, se o Senhor D. Pedro fez tal pouca vergonha da Constituição ou Carta, que o degrada, que o avilta, que o expõe á zombaria do Mundo, e ao desprezo dos Povos (p. 9).

[...] Banhos do mar!! Fóra peste! Para que he isto? Para o que eu disse; para manancial das doenças, que no Inverno sustentão tantos Médicos, e matão tantos vivos!! Promettem tantas curas, e trazem tantos enterros!! E a Constituição? Nisso he que eu vou fallar agora. A Constituição são os Banhos do mar dos Pedreiros Livres, regeneradores dos homens, e salvadores das Nações, renovadores do Mundo, promotores da civilisação, e derramadores das luzes do seculo (p. 13).

Que parentesco tem isso entre si, ou que tem Judas com a alma dos pobres? [...] Os *Banhos do mar* promettem hum remedio universal para todos os males, e enfermidades [...] e do remedio seguem-se os males, que levo expostos, e que a diaria experiencia nos descobre, e descobrirá se esta mania (o que eu não espero) continuar. Exaggerados os males politicos do genero humano, encarecidas as desgraças públicas, levantados que sejam os testemunhos falsos aos Reis, aos Frades, aos Clerigos, choradas por muito tempo as prepotencias dos Ministros, a soberba dos Grandes (pobre gente!), a dilapidação das Finanças, o peculato dos Funcionarios, a venalidade da Tropa (hum vintem que lhe prometta hum Pedreiro, ei-Ia no Campo de Sancto Ovidio, nós o vimos, elles querião toda, mas Deos acodio) [...] e todas essas surradas ladainhas de queixumes com que se pertendem emancipar os Povos, e arranca-los das garras do Absolutismo e Despotismo; disposta assim a Materia Medica, e feita a relação Pathologica, vamos ao remedio heroico: ei-lo ahi vem, *Banhos do mar*. Aqui está a Constituição. Os males são muitos; mas o remedio he hum só (p. 13-14).

[...] eu que supporto com igual animo os males fisicos, e os males moraes, e que com serenidade de animo, e mais que Estoica, estou escrevendo assim, atormentado de dores, que farião gritar de desesperação a Zeno, a Estilpon, e a Epicteto, descorçoei com hum ar de desmaio, vendo em huma rua de Lisboa huma avançada de Batedores adiante, e hum Esquadrão de Cavallaria atraz de quatro cangalhos de segas de aluguel, que levavão dentro Patos, Galvoens, Jooens Bernardos com huma mensagem para a Bemposta [...] (p. 14).

Se os Portuguezes olhassem para isto como Portuguezes, não ficarião vivos, mas tambem não ficaria hum só que não fosse morto de tantos salteadores, que com o invento dos *Banhos do mar* a Constituição nos apparecesse a offerecer, como charlatães de frasquinhos, o balsamo regenerativo, confortativo do corpo social, que vem a ser hum veneno corrosivo, que rasga, e despedaça todos os vinculos, que pelo mutuo interesse ligavão os homens na sociedade (p. 15).

Cama da Enfermaria de Pe-
droiços 3 de Dezembro de 1828 (p. 16).

Nº 5.

— COUCES — 1.º *Couce*.

Como se não bastassem tantas manhas, e que tanto dão a conhecer a ruindade da Besta, trabalhando tanto de dente para morder, também trabalha de lombo para atirar; começa em seu manhoso andamento, ou andadura, a dar couces, para que nós depois de soffrermos a queda, aturássemos o couce. [...] foge daqui a Besta, e leva comsigo seus mais escolhidos, e joeirados Arrieiros depois de furtarem palha, e grão para sustento seu, e da Besta. Ella, e elles dão comsigo na Grão-Bretanha. [...] Sem injúria de Newton, de Hume, de Milton, de Pope, e de Adisson, nenhum paiz da Terra será capaz de nos apresentar hum Rabão com huma alcatra, huma anca mais polpuda, e roliça do que nos apresentam as campinas Britanicas (p. 1).

[...] como a Besta, que parecia Mula de Fisico, dêo em atirar tanto de perto, como de longe, que não dá couces nas estrellas porque lhes não chega, determinei interromper a obra das manhas, para acudir á artilheria dos couces, e depois de lhe deitar humas maniotas, levar-lhe-hei couro, e cabello na projectada, e mui exequível esfolação (p. 2).

Não contente a Besta de nos metter os Bois na vinha pelo que fez dentro deste Reino, pois não temos sentido estragos, que não viessem de suas mãos, e de seus pés por pensamentos, palavras, e obras, e obras escriptas em tantos, e tantos **Periodicos, ou canos da Cidade que não levão, nem trazem senão immundicias**, origem, e vertentes de toda a corrupção moral, e politica dos homens, porque se não fossem elles, ainda com força, e vigor, existirião os antigos costumes, ou ao menos não existirião os Povos tão desmoralizados [...] (p. 2).

[...] tem atirado tantos couces, quantos são os Escriptos com que tem **enjoado** os homens de bem, e **feito rir** os hyponcondriacos, e doentes, e doentissimos como eu; assentei, vendo o primeiro, que devia tomar hum **alamiré sério**, e grave como fiz com a impugnação, e refutação do Escripto do banido, e facinoroso **Garret**: este mais que todos os outros escouceou, e sem figura, este he o mais atroz, o mais escandaloso, mais infame, mais ultrajante da Soberania do Nosso Augusto Monarcha, e Senhor Natural, e Legitimo (p. 3).

Eu sei que **allegoria** de Besta, manhas de Besta, couces de Besta, ancas, patas, garupas, são cousas **ridiculas** em objectos tão graves. Sim, se eu advogasse, ou me mandassem advogar a Causa da Nação, e comprovar os Direitos da Legitimidade no

Tribunal do Mundo, eu sei qual seja o tom de Arnobio, e de Lactancio; mas para tão ignorantes, e ridiculos Campiões como os foragidos em Inglaterra, **não ha senão a arma do ridiculo, e o estilo da zombaria**, e desprezo, votando a eterna infamia, os infames transfugas Mações pertinacissimos, verdadeiros inimigos de Portugal, e opprobrio do género humano. O ridiculo não os encherá de confusão, porque elles não tem vergonha; mas dará ao Mundo huma idea de quem elles sejam (p. 6).

A primeira bombarda, que se dispára, he o escripto do Rocha, e o seu titulo he huma Sentença, a quem só falta o — *Por tanto, mandão que seja levado ao lugar da Forca*. Eis-aqui o titulo — *Injusta Acclamação do Serenissimo Senhor Infante D. Miguel; ou exame e refutação Juridica do Assento dos chamados Tres Estados do Reino de Portugal de 11 de Julho de 1828 offerecida á Muito Alta, e Muito Poderosa Senhora D. Maria 2.^a Rainha Reinante de Portugal. Pelo Desem- [6-7] bargador António da Silva Lopes Rocha, Advogado da Casa da Supplicação de Lisboa – Londres 1828*.

Acabar de lêr este titulo, e **dar com elle, e com o Livro na impudentissima cara** do tal Rocha, devia ser hum tempo só, e huma só evolução. O titulo, e o Livro devião ser só para a cara; agora para o **espinhaço**, pousadeiras, e mais resto do torneado corpo gentil, huma chuva de **arrochadas**, que alli o deixassem, não por **morto**, mas bem, e verdadeiramente morto, porque a tal couce não se devia retorquir com huma chicotada: mas em fim **esta penna tambem he arrocho, e peor muitas vezes** (p. 6-7).

[...] Só hum juizo de Burro, e hum focinho de Cão, poderião dizer destas. Que era preciso para a justissima Acclamação do Nosso Adorado Soberano, nas circumstancias em que a Divina Providencia o conduzio a estes seus Reinos? (p. 7).

[...] porque razão ha de ser injusta a Acclamação de Sua Magestade o Senhor D. Miguel 1.^o? Porque assim o diz o paparroto do [Antonio da Silva Lopes da] Rocha, com os seus grandes óculos no chato nariz, porque he hum reo d’alta traição, porque pertence aos magotes, que andão pelas tavernas de Inglaterra pedindo huma malga de cerveja pela alma de João Santerre, auctor da Magna Carta, que Palmela para seus bens d’alma quer introduzir em Portugal, ou arremedo em nimiatura da mesma Magna Carta; que não ha pelos alqueives desses campos, e pelas fragas dessas montanhas hum Cabreiro em Portugal, que não queira antes ouvir fallar no Diabo, que em taes Cartões, e em taes Constituições. Ora, não me farão o favor de perguntar ao Rocha, se os **fumos da mijanceira da cerveja** lhe deixarem livre esse didal de miolos, se he que este mesmo didal tem na cabeça, se as decisões das Cortes de 1821 são justas, se declarão Direito, ou se o estabelecem? (p. 8).

[...] Canalha infame! Inda vossês achão as paredes deste Reino untadas, depois de tantas esfregações para chuparem, e codearem mais alguma cousa? Já nos deixarão em camisa, querem ainda vêr se nos deixão sem pelle, e sem polpa, e só com os ossos esbrugados, e sêcos! (p. 10).

[...] Por ventura he a successão ao Throno Portuguez a festa do Espirito Sancto em Cascaes , ou em Collares, que escolhão para Imperador huma **creança de mamma**, que vai ao colo para o Throno posto na Capella Mór? E o pai, e mais a mãi babando-se de gosto, por verem o filho naquelle fastigio de Grandeza humana, lançando ainda dos coeiros hum **fartum** intoleravel, **Não sei se isto faz rir, se faz chorar** (p. 12).

Eu não imaginaria huma scena semelhante em huma Comedia de baixo sóco se quizesse fazer rir o Mundo! Representou-se jámais scena semelhante? Huma Festa do Espirito Sancto na Capella da Legação Portugueza em Londres, só com a differença do sexo na pessoa Imperatoria. Rainha Reinante! Quando entrasse Palmela, Legislador guerreiro, que humildes, e curvadas lhe faria as tres zumbaias! [...] E, em quanto durou a cerimonia a **menina** Rainha Reinante estaria quieta sem bolir no Diadema, e depinicar nos Penachos? E as Aias, as Damas, as Donas de Honor, e sobre tudo a Camareira Mór, **de que côr serião? E terião os cabellos muito corridios?** Nada pode ser imputável a Sua Alteza Princeza do Grão Pará, todo o respeito he devido á Filha de hum Imperador, e á Sobrinha do nosso adorado Soberano. Todo recahe sobre os malvados rebeldes, e traidores, que só pertendem, e promovem a ruina deste Reino, insultando todas as Cortes da Europa, toda a dignidade dos Soberanos, toda a magestade dos Thronos, chamando Rainha Reinante de Portugal a huma Princeza **Estrangeira** com oito annos de idade, que não existe em Portugal, nem para cá vinha, e a quem **nem pelo sexo, nem pelo indigenato, nem pela ordem da Succesão que he de Varão em Varão**, podia pertencer o Reino (p. 12).

[...] **E devo eu com outra arma, que não seja a do ridiculo, combater tantas parvoices**, infamias, e até atrocidades? **Esta será a arma, o Povo entenderá o que se lhe diz**, e conhecerá o que este bandido, e outros que taes lhe querem fazer (p. 13).

[...] Enfermaria de Pedroços

10 de Dezembro de 1828 (p. 16).

Nº 6.

Couce 2º.

[...] deixar hum couce impune em Besta conhecidamente manhosa, he querer que a roda continue, e nunca pare em seu estrepitoso giro. Se apenas a Besta na sua entrada neste Reino se dêo a conhecer, arrebitando a orelha, pelo monosyllabo do seu primeiro — *Him!* — a derreassem do lombo, e a abaixassem d’agulha, nós não teríamos levado, não digo eu dous, mas hum milhão de couces na boca do estomago (p. 1).

[...] Os Pedreiros são como os Pélas de jogar; quanto mais forte he o tombo, que levão, maior he o salto, que depois dão. Vejão o tombo, que levárão em 1823, vejão o salto, que derão em 1826 (p. 3).

[...] **Eu arrebento por fallar**, mas como ateimão a dizer, sem quererem perceber a que idéa corresponda a palavra — Personalidades — tudo são personalidades, sejam personalidades, **fique-me o grande rolhão não só na boca, mas até nas guélas** (p. 3).

Se cá os apanhassemos, tinhamos quem lhe respondesse, que era o **Carrasco**; mas como andão a monte, pelo paiz classico da Liberdade, e os escriptos por cá apparecem, retorquimos com escriptos, e nos servimos da **arma do ridiculo**, para lhes mostrarmos a importancia, que dâmos aos seus desaforos. Não tenha a malicia que misturar; huma cousa são os Bretões, outra cousa são os Papelões, que andão pelo Mundo a dar que rir á gente, querendo á força tirar Portugal do abysmo, do absolutismo, e despotismo, quando nós só o queremos livrar do Saldanhismo, do Palmelismo, e **do Charlatanismo de alqueire, e meio de Bachareis estouvados**, que nas Aulas de Coimbra não sabião o Compendio, e nas **Lojas** do mysterio nocturno **governo o Mundo**, e illustrão os homens [...] (p. 5).

[...] se para mostrar, que não são mudos, dizem huma palavra , apenas escancarancão a boca, ainda que se tracte do Lunario perpetuo, e de seus cálculos Astronomicos, respondem — “O Governo representativo, com a responsabilidade dos Ministros, com o relatorio da Fazenda, no orçamento da consolidação da Divida Pública, na inviolabilidade do domicilio do Cidadão, tirado das garras do Servilismo, não se molestando por suas opiniões Religiosas, respeitando a do Paiz, com igualdade perante a Lei, na prepotencia dos Aulicos, convertendo-se em Bens Nacionaes a beneficio do Thesouro, para arraigamento do Systema, nos abusos da administração, no amalgamento dos bens dos Regulares, no fanatismo, e superstição dos nossos maiores,

com a dotação da família, na inspecção do Jury com o Juiz de facto, e de direito, e a força de mar, e terra”... Calem-se Diabos, que não dizem senão bafordas, e parvoices. [...] Ficão-lhes destacados estes palavrões nos miolos, sem atarem duas idéas seguidas em os mesmos Discursos das Lojas (p. 5).

[...] Hum Fanqueiro, hum Quinquilheiro, hum Bacalhoeiro, hum Capellisteiro, hum Ferrageiro, todos em geral, e cada hum delles em particular, todos dizem o mesmo. Hum Cascavel d’Alfandega, e hum Malsim do Tabaco fallão na Constituição do anno doze, e repetem a mesmissima enfiada dos palavrões. Desta **canalha nojenta, e desprezível** nos queremos nós vêr livres, mas he impossivel: deste mal nascêrão ainda peores males, que **tem tornado em furor a minha paciência**, e no que eu poder hão de ficar desafrontados, e vingados os verdadeiros Portuguezes; e se acaso se souber o lugar, em que me enterrarem, digão os homens de bem — *aqui jazem os ossos de hum Portuguez, que amou deveras os Portuguezes* (p. 6).

[...] ainda se não tinha achado, ou inventado **a Arte Typografica , Boceta de Pandora** donde se tem derramado no Mundo grandes bens , e **maiores males** (p. 7).

[...] Como as noites são grandes de mais em Inglaterra, depois de fazerem a Côrte á Senhora Princeza do Grão Pará, recolhem-se ás cafúas de seus respectivos Gabinetes; e os Sábios de maior polpa (se nós os não conhecessemos, agora os conheceríamos por suas obras, e no- mes, que nellas inscrevem) começam a compor o Feliz independente (**pendentes os queria eu vêr na forca!**) (p. 8).

[...] Não se queixa, nem barafusta o Senhor Imperador do Brasil, chorão os Pedreiros, por não poderem levar aqui a sua avante; e, **vendo que lhe foge o burro, vingão-se na albarda**. Apagárão-se os archotes, ficou a Republica ás escuras [...] (p. 12).

[...] Ó meus carissimos irmãos , já agora vá o jogo acima, não lhe deixemos tomar fôlego. **Coice de lá? Pois vergalho de cá**. A Senhora da Rocha primeiro que tudo, e depois o que dizião nossos Visavós Corcundas — Quem seu inimigo poupa nas mãos lhe morre.

FIM.

Cama, e Pedroiços

17 de Dezembro de 1828 (p. 16).

Nº 7.

Couce 3.º

[...] pois já que nos não podemos vingar do outra guisa, blasfememos, mintamos, calumniemos á nossa vontade; talvez digão os que não são nossos — *fora patifes* — não importa, sempre lá ficará alguma untara pelas paredes, e lá de vez em quando sempre se ouvirá por algum arruamento — *viva a Carta* – e alguns Gaiteiros bebedos agora que ainda vai durando a Festa do Natal, lá farão ouvir pelas tavernas o Hymno do Senhor D. Pedro (p. 9).

[...] Vejão que tal he o Monarcha : apenas toma as rédeas do Governo, sem mais appellação, nem agravo, manda enforcar nove matadores, e ladrões de estrada ? Tudo devia ser indulgencia, perdão, misericordia, esquecimento do passado, não se fallar mais em quem Deos tem; e tu Amnistia, celeste Amnistia, tu, que és a Ancora medicinal, a Cidade de refugio da Pedreirada, tu devias baixar das nuvens altas, donde tens o teu assento, devias logo, e logo peneirar-te sobre este Reino, dar-se a demissão ao Carrasco, conservando-lhe todas as suas honras, dando-se-lhe huma pensão, que o indemniasse da perda eventual dos benesses do seu Officio (p. 13).

[...] os mesmos homens do **povo**, (aos quaes **nada importão as mudanças**, e instituições **políticas**, e cuja sorte he uniforme em todos os estados, porque em todos trabalham, e **suão** em seus officios **para se sustentarem**) [...] (p. 13).

Que fazem estes Quichotes reunidos em corpos politicos, civis, e militares, e que a Grã-Bretanha, por hospitalidade, em si conserva, e não faz embarcar todos a eito para a Serra Leoa? (p. 14).

[...] O plano he este — Fugamos para Inglaterra, em Inglaterra nos armaremos, faremos logo hum desembarque em Portugal, levaremos adiante a Princeza do Grão Pará, que faremos Rainha [...]. Este he o plano, que já transpira; e senão digão-me o que querem estas enfiadas de **gaiatos com as calças na mão, e essa parte posterior, que se não escreve, á vela?** Que os Pedreiros erão huns Diabos vivos, sabiamos nós, mas que os Pedreiros erão tão tolos, nós o sabemos agora, e elles o pagão, e nunca os deixará sem a calva á mostra

José Agostinho de Macedo.

Cama em Pedroços

24 de Dezembro de 1828 (p. 16).

N.º 8.

A PATADA.

Sem me apartar, ou fugir pela tangente da órbita, ou roda dos altos couces, que a Besta tem atirado, e por nossos peccados vai atirando, como as patadas são obras dos mesmos cascos, ainda que não descubra com rigor mathematico identidade no acto, e nos resultados do couce, e da patada, e não seja o mesmo dar no chão, e na boca do estomago, comtudo he a mesma Besta, são as mesmas patas; e se não oscilla a garupa, dobrão-se os machinhos, estoirão as silhas, entorta-se a carga, levanta-se a agulha, e, ou sõe o campo batido com a cornea unha, ou silve o ar ferido em sua elasticidade, e vibrado pelo casquinho, sempre he a Besta [...] meditando profundamente a materia de tanta consequencia, ainda que Couce, e Patada sejam privativamente operações Bestiaes *simpliciter*; a parte rei não são o mesmo. Quando a Besta atira couce, vamos nós a terra; quando dá Patada, dá ella a si mesma com os bódes n'aréa, e com os focinhos n'hum sedeiro (p. 1).

[...] a Patada? Ah! vai. A Besta ate agora tem escaramuçado. O casco já está no ar, cahio, e soou. Quando eu vi os Fidalgos, de quem só fallo, e que de tanta vergonha tem coberto seus parentes, que legalmente se devem desparentar, mettidos com os Filósofos, salvadores do Mundo, e regeneradores dos Povos, logo disse comigo, fóra tolos, forte Patada dêrão vocês, ou sobre vocês todos assentou a ferocissima Besta! Vocês daqui ámanhã estão escriptos, e escarrados, feitos todos a oito *Filipes Egalitez*, e olhem que lho digo eu! (p. 5).

[...] sabendo que os primeiros golpes, e os mais decretorios, que se devião descarregar erão os que devião arrasar o Throno, e com o Throno a Nobreza, porque sem o Throno não ha Nobreza [...] não escarmentassem com a primeira Patada, que derão na primeira Constituição, quizessem dar Patada ainda maior na segunda Constituição; e sem estarem limpos do primeiro lodo, em que chafurdarão em 1820, quizessem ainda mais acravar os focinhos no lamaçal de 1826!! (p. 6).

[...] Portugal tinha Leis, mas tudo ia de pemas ao ar... E porque? Ah Filósofos, Filósofos!! Porque se fazia da **Forca** hum **traste de luxo**, e de cerimonia. Se não aproveitão Leis, onde faltão os costumes, a Forca tem virtude de os restabelecer n'hum instante (p. 7).

[...] Veio (depois de ter ido) a Carta; e sendo a outra huma rede de malha larga, que só apanhava peixe graúdo, esta foi rede de arrastar, que pescava peixe grosso, e

peixe miúdo, porque o Povo vendo hum Fantasma de antigas cousas, cavilosamente expostas, e annunciadas, vendo os Grandes, que estavam de fora, mettidos de dentro, e vendo o Rei com — *Veto* — sem saber o que era — *Veto* — porque tinha ouvido fallar em — *Veto* — tirado, e agora dado; assentou que lhe chegava a Náo dos Quintos, e que entravamos todos a habitar huma nova Palestina, huma terra, onde correrião rios de mel, e rios de leite, e onde apparecerião tanques de caldo de Gallinha, para os doentes, e para os sãos, sem ser preciso matar Gallinhas, nem compra-las, que he o que custa mais (p. 8).

[...] Chega hum homem ao Rio de Janeiro, e diz ao Senhor D. Pedro — Senhor D. Pedro, foi Nosso Senhor servido levar para si Seu Pai, dêo-lhe hum ataque apopletico, ou derão-lhe não sei que... dito, e feito, foi-se embora. Que me dizes? A verdade, Senhor! Ora pois: espera ahi huma migalha; ó Francisco Gomes, vai lá dentro ao armário, e traze-me cá huma Constituição, que seja boa. Aqui está huma, que trouxe outro dia hum Inglez. Tu já a leste? Eu não, Senhor. Não importa: Vai chamar o Capitão da Corveta! Ó homem da Corveta! Senhor! Aqui tens, e põe-te a andar, entrega em mão propria, e rua já, que isso he lá preciso [...].

Assim parece que isto acontecêo, porque entre a infausta nova da morte de Sua Magestade o Senhor Rei D. João Sexto, e a factura da Constituição, e sua assignatura sem huma só emenda, apenas medeirão quatro unicos dias (p. 9-10).

[...] Se não fosse a Providencia, que nos conduzio a salvamento o nosso Legitimo Rei, nós assim ficávamos; isto he, até que os Corcundas se cançassem de aturar o incessante insulto dos patifes. — **Hão de roêla** (p. 10).

[...] Foi pois a Constituição util aos Pedreiros, e por isso se fez tanto á pressa. Sim, a Constituição estava primeiro que tudo; e como poderião elles dar com o Reino em vazabarriz, senão fosse a Constituição? Vamos agora vêr como a mesma Constituição servio aos Pelleiros. [...] entenda-se que neste Artigo eu somente fallo d'aquelles Fidalgos que do mesmo ornato de Pelles se servião para atraiçoar a Patria [...] (p. 11).

Eu que nesse tempo ainda podia dar alguns passos, considerava com admiração, diariamente o Agio, e o Mercado, que são duas palavrinhas, engastadas em nossa lingua, que he muito pobre, e necessitava daquellas riquezas. O Agio andava acima, o Agio andava abaixo: o Mercado affluia e refluia; em pelles podiamos nós ir, porque **em pelle nos deixárão**, e em almoeda nos poserão (p. 11).

[...] para as distincções não havia mais que Pelles: mas em fim ellas sempre aproveitarão, então aos Pelleiros, e agora á Traça; e, senão fosse a Constituição, nem os Pelleiros terião que comer, nem a Traça que roer. Muitos forão os que destas Pelles salvarão a sua pelle (p. 12).

A Patada consiste em se unirem a humna enfiada de patifes, baixissimos por acções, infames por crimes, despresiveis por sentimentos, conspiradores por officio , velhacos, e ladrões antes de haver Pardaes; Diabos pobres, que não tinham que perder [...] Eu não insulto a pobreza do individuo, porque ser pobre não he ser criminoso; e quem poderia ir na cabeceira do rol dos pobres melhor do que eu? Estes pobretões, de que fallo, são os facinorosos, os que nós sabemos. A estes se unirão tantos Nobres, quantos em seu livro nos apresenta o criminoso Garrett! Que Patada! (p. 13).

[...] Se me lembro do que lhe enchia a voracíssima barriga, não me devo esquecer do que lhe enchia as algibeiras, que quasi sempre a Ronda aladroadada, ou duas de dez, servindo de chapa, lhes vasava. Onde estão as Commendas, os soldos, os ordenados, os cavalleiratos, as pensões, as tenças... **Ah! Parati, já não he para ti o que era para ti**, e o que não poucos da liberalidade de hum Rei tinham alcançado, e ás vezes extorquido (p. 14).

[...] pois eu sei hum Titulo, que ainda não lembrou a ninguem, muito o desejarião para si os Scipiões, os Marcellos, e os Marios, e só no Mundo hum Jovem o ganhou — Mata Cartas — Deos o guardou, Deos o conserva, Deos o conservará com o mesmo estomago; e a mim os restos da enferma, e decadente existencia, para o ajudar com este canudinho de penna a dar cabo da caterva infernalissima dos Carteiros!

FIM.

P. S. Novamente peço que me entendão, e que não confundão o que eu tão claramente distingo.

3 de Fevereiro de 1829 (p. 15).

COUCE DUPLEX.

A Patada de Pedro de Sousa¹⁶², algum dia o Calhariz, depois chamado o Palmella, e finalmente mandado por todos a esta mesma Villa, he tamanha, e tão estrondosa, que deve ser junta aos Autos em separado; e ainda que eu não tenha alçada, porque não sou Juiz, ao menos estou de mão alçada para bater [...] (p.1).

Este Pedro, que sem ser Dionysio, podemos chamar Exiguo, isto he, curto dos nós, ou na carreira Diplomática, ou nas funções ministeriaes de Gabinete, foi hum dos **intrigantes** mais emperrados, que tem existido no Mundo. A Anglomania tem em todas as repartições, estados, e condições invadido muitas cabeças! Nos vestidos, e modas, Anglomania. [...] Cosinha, e Bifes, Anglomania! [...] Camarões, ovos, e chá com leite para os almoços em lugar de nossas sopas da panella, e hum taçalho de chouriço do Crato! Anglomania. Pasmarmos pelas taboetas dos ourives, comendo laranjas pela rua, affectando ar de meditação, ou cuidados, que distrahem! Anglomania. [...] Ter em casa Mestra Ingleza para as meninas, que sabe tanto a lingua Portugueza, como sabe os Artigos da Fé! Anglomania. Tudo isto tem muitos, e tudo isto tinha Pedro, e Pedro ainda tinha muito mais, que todos estes juntos. Tinha, e tem naquella **alma de Chicharro a Anglomania Politica** (p. 2).

[...] A 20 de Outubro de 1807 na Povia do Sancta Iria, indo eu lá prégar da milagrosa Sancta, fallei com Pedro, que estava lá com o Alva, e Companhia [...]. Anglomania! E em Poesia!! Aqui cahio o Carmo em cima de mim, que fugi pela porta fora, e me fui esconder na Sacristia! Estava traduzindo Camões em versos Francezes! **Duas vezes morrêo Camões**, huma de fome na calçada do Jogo da Péla, outra nas mãos de Pedro, aleijado, estropeado; e se elle vivo ficou sem hum olho, **traduzido pelo Pedro ficou sem alma**. Estas erão as disposições do rapaz Calhariz. Entrou na carreira [diplomática], e se **não pôde ser Republicano, para lá se encaminhava com a Anglomania da Magna Carta, e das duas Camaras** (p. 2-3).

[...] Tantas fez, e tantas disse [...] tanto se oppoz ao reproduzido vigor da Lei primordial de Lameigo [...] declarada vigente pelo optimo Decreto de Villa Franca, que o Nosso Adorado Monarcha, então Infante, dêo com elle algumas horas a passear nas baterias da Torre de Belem na fresca manhã de 30 de Abril¹⁶³ (p. 3).

¹⁶² Pedro de Sousa Holstein, conde de Palmela.

¹⁶³ 30 de Abril de 1824: intentona miguelista «Abrilada».

[...] **Vingou-se** o Pedro. Nem moço Pedro, nem Burro negro. Vejão que **couces** tem dado o **jumentinho!** Daqui vem tudo. Quem inventou a Legitimidade pela primogenitura de Sua Magestade, o Imperador do Brasil? Pedro. Quem cooperou para se fazer cá, e se empurrar para lá, e depois para cá a Magna Cartinha? Pedro. Quem enganou os Gabinetes, e quem escreveu, e enviou a fatal Nota (que anda impressa) ao revolucionario, e cabeça de todos os descontentes do Universo, o radical, e radicalissimo Caning? Pedro. Quem foi buscar a Gibraltar a Menina Princeza do Pará? Pedro (p. 3).

[...] Tudo isto, e tudo o mais, que dos Autos consta, e deve constar, podendo nós chegar ao — Por tanto — se deve a Pedro; porque Pedro esteve algumas horas, até sem ser debaixo de chave, na Torre de Belem! E então **quererão os parentes de Pedro que o respeitemos** muito, quando tantos, e tão públicos crimes o tem tornado **o homem mais infame, e mais criminoso** do Universo? Este Pedro, e verdadeiramente Pedro de malas artes, teve dous seus segundos Tios, bem dignos do nosso respeito [...] estes quizerão a gloria do Reino pela sua immensa Literatura [...] o sobrinho, promovendo, quanto pode, as rebelliões, procura seu exterminio, e sua ruina com huma pertinacia, que parece irmão de Satanaz em seu odio contra o Omnipotente. Ora, entre tantos couces, que esta Besta, ou este **Garrano** biforme, tem atirado, a Patada, que dêo, foi só contra elle mesmo. Poucos Portuguezes avançarão tão rapidamente pela vereda da Diplomacia: poucos forão encarregados de Missões mais importantes [...] (p. 4-5).

Adeos companheiros d'armas, e das velhacadas. Aqui me tendes como Alexandre Magno, que antes de espichar fez do seu Imperio quatro Monarchias, nomeando para cada huma hum dos seus mais acreditados Generaes. Anda cá Antonio Hypolito, tu serás Rei do Reino dos Panças; anda cá Cidadão Manoel, tu és General, pois ficas Monarcha do Reino dos Cemiterios. Anda cá Taipa, tu foste comedor da Caixa Regimental, pois eu te faço Rei do Reino dos Milhafres; e tu João de Saldanha, já que tens tamanhos bigodes, eu te faço Rei de Capadocia. E vós Bachareis Carretes, Bachareis Sãos Paios, Bachareis Rochas, Bachareis Magalhães, e Bachareis Sarmentos, eu vos faço Intendentes, e Cardadores das Provincias, comei tudo, cardai tudo, varrei Cofres, basculhai Depositos, mettei tudo no bucho, e se vos doêr o cabelo, ponde-vos a andar: assim reparto o meu Imperio, e adeos, que são horas: não morro na Babylonia de

Londres, mas vou fazer Cartas em Boston da Pensilvania¹⁶⁴; o meu Imperio não foi para mim, foi para vós, e não ficais mal servidos (p. 6).

[...] A morte de **Caning**¹⁶⁵ foi para nós hum rasgo da Providencia: a influencia deste pessimo Inglez em todos os Gabinetes teria retardado a vinda do nosso suspirado Monarcha; Portugal seria inundado, opprimido, e tyranisado por exércitos Inglezes, não faltando nunca o pretexto especiosissimo do *caso de aliança* [...] Fallei neste malvado para a natural transição á segunda parte do duplicado Couce, e **continuar na esfolação até deixar-lhe os ossos á mostra** (p. 6-7).

[...] Nunca vi tanto Sal Ático junto: tem sal ás pilhas! Com que todos os Governos, que ha, mesmo os Berberescos de Tunes, Tripoli, Argel, e os mais subalternos da Costa d’Africa, banhada pelo Mediterraneo, são os Reinados Patriarchaes da Palestina, quando se comparão com o actual Governo *de facto*, que está regendo Portugal? (p. 7).

[...] Era justo o **Governo Oclocratico, ou dos Gaiatos**, que acabárão com a Monarchia, que abolirão as suas Leis, que redusirão a hum autómatos o Monarcha, e que comettêrão mais atrocidades, violências, roubos, e vexações, que os Romanos soffrêrão com o jugo do Triumvirato? (p. 8).

[...] O terremoto de 1755 deixou em minas a baixa da Cidade; o terremoto de 1826 deixou sepultada em asneira a mesma baixa, mas na mesma sepultura ainda está viva; tomara qualquer Caixeirote hum bocadinho mais de Constituição; poucas horas existiria dentro do balcão, vinha logo para a porta deitar a cabecinha de fora, a vêr se passava Carcunda, chamar o Patrão, e dizer aos visinhos —*Mata, que he Carcunda*. — (p. 14).

[...] Eu espero que a minha voz não seja a voz do que clama no deserto. Entre dores, que se não suspendem, me vai fugindo a vida, que não pára; a alma perde a mais viva energia, porque o corpo, seu instrumento, tem perdido gradativamente a força; não importa, eu espero que esta Candêa espalhe, no momento de se apagar, ainda maior clarão. A Europa está ameaçada de huma **revolução geral; a Junta central, e directiva existe em Paris, e marca para o ultimatum desta grande obra o anno de 1830: pouco resta; mas em quanto o páo vai, e vem folgão as costas** (p.16).

¹⁶⁴ José Agostinho de Macedo confunde aqui a localização da cidade norte-americana de Boston, que se situa no estado de Massachusetts e não de Pensilvânia.

¹⁶⁵ George Canning, primeiro-ministro britânico (1770-1827).

[...] **Peor peste**, e mais assoladora que hum Pedreiro Livre, ainda não appareceo no Mundo; e se se apressa a morte aos atacados da hydrophobia, **atire-se aos Pedreiros, como a cães damnados, elles ficarão em eterno descanso; e nós sem elles o ficaremos também.** E assim seja.

José Agostinho de Macedo.

Fora da Cama, e em Pedroços

7 de Fevereiro de 1829 (p. 16).

N.º 10.

COUCE GERAL.

Vejão o que fez desde 24 de Agosto a ferradura do pé direito! Hum latrocínio geral, que daqui vem a generalidade do couce. O mesmo Porto, que he a pousada mimosa, e a **estrebaria** deliciosa da Besta, já que se fez tão Besta, começou logo a ser esfolado. O dinheiro mal arrecadado nos Cofres foi logo basculhado, dizendo-se que para perto se havia mudado, pois passara de Burras para Bestas maiores. A Tropa revolucionaria, e perjura tem huma decidida, e notavel predilecção por dinheiro; por elle não só faz, o que os outros fazem, mas faz muito mais, que todos os outros fazem, e por preços cómmodos, como as casas de pasto, quando mudão de localidades, e offerecem ao respeitavel meias iscas com semana e meia de idade, por preços cómmodos (p. 2-3).

Não he necessario muito para militares tão honrados; hum vintem para o Soldado, e hum tostão para o Official, temos **galhofa** no Porto. Ah! Porto, Porto! eu tirava de ti tudo, o que fosse Tripa chêa de dinheiro, e officialsinho que fosse Pedreiro. O Tripa chêa engóda o Soldado, e o Soldado com dinheiro faz revoluções. Ora; não só as Burras do Estado forão roubadas, e sacudidas das têas de Aranha pelos mimosos filhos da Besta apenas apparecêo assacudida a ferradura da primeira Constituição, os Burros do Porto também ficarão logo tosquiados, porque os Burros do Porto são mais Burros, quando se tracta de **revoluções**; acreditão promessas como Jumentos [...] (p. 3).

[...] até que no arremeço da segunda ferradura¹⁶⁶ apparecêo ahi hum esguio, espigado, e grelado filho da Grã-Bretanha¹⁶⁷, nomeado não sei por quem, nosso Juiz Curador, e Promotor de nós orfãos, mas não orfãos de zambujos, e carrascos por essas

¹⁶⁶ Refere-se à Carta Constitucional.

¹⁶⁷ Canning.

charnecas, e asinhagas, com que lhe devíamos pagar as espórtulas, que fez á sua vontade, e da Besta, nomeando no melhor e maior Praso de alem-mar¹⁶⁸ hum, que a si mesmo se riscou de filho da folha¹⁶⁹, tendo delle passado o Morgado para quem pertencia¹⁷⁰, na conformidade da Lei, em disposições testamentarias, sem nenhum direito salvo para se metter de posse da herança dos mais, ainda que os filhos da Besta lhe queirão metter nas mãos a herança por inteiro, e a fazenda que nem a uso fructo já lhe pertencia. **Quando os Tutores são ladrões, os tristes pupilos, ou vão ao caldo, ou vão pedir esmola** (p. 4).

[...] O espirito deste, e dos mais filhos da Besta era o espirito de latrocinio, e a ferradura do pé direito não respirava outra cousa; os taes açougados, ou açougues¹⁷¹ sympaticamente corrião a se abraçarem com o ouro, estivesse elle **mettido até no orificio de Judas, posto ao poente**; até pelo olfato lá ião metter-se os filhos do Grande Oriente, que para isto sempre elles estavam bem orientados. Para nossa regeneração aquelles Filósofos erão todos Cartesianos, servirão-se do seu methodo de filosofar. Despojar todos de tudo, o que se havião possuido, e depois de ficar sem cousa nenhuma, para começarem a adquirir cousas novas, reaes, e verdadeiras, livres de preocupações, para atinar com a ventura social; bem como aquelle Filosofo queria que nos despojassemos das antigas ideas, para adquirirmos as verdadeiras, partindo deste principio — Eu penso, logo existo — podia chegar ao mesmo resultado, dizendo — Eu **embebedo-me, logo existo** — Para sermos homens á Pedreira, isto he, **homens de Jan-Jaques**, era preciso que ficassemos em a natureza pura, sem cousa nenhuma, e depois de existirmos sem camisa, então fazermos o nosso **Contracto Social**, que do **pé da Besta** tinha pulado com a **ferradura**, isto he, a **Constituição** (p. 5).

[...] O latrocinio chegou a tanto, que sem vergonha de Deos , nem do Mundo, mesmo no meio da grande **espelunca das Necessidades**, no eloquente relatório do Ministro da Fazenda, se annunciou no Orçamento huma verba, Verba bem capaz de honrar a Nação, e bem digna dos transcendentales talentos da Besta — *Dez contos para os Espiões* — Que me dizem desta obra pia? He verdade, que ficava mais de ametade nas mãos, de quem lhes pagava [...] (p. 6).

¹⁶⁸ Brasil.

¹⁶⁹ D. Pedro.

¹⁷⁰ D. Miguel.

¹⁷¹ No número seguinte do periódico, José Agostinho de Macedo aditou uma corrigenda relativa ao que aqui se lê, devendo ler-se «azougados» e «azougues».

[...] He verdade que fugirão muitos¹⁷², e se alapardarão não poucos dos Ciganos, que nos impingirão a Besta, e que a tinham arreatado a tão farta manjadoura; mas entre os Ciganos mais trocas, apparecêrão logo alli alguns, que erão do Conselho Supremo, e não só Trocas, mas Troquissimos; e eu passados menos de quinze dias, mamado, e agourando ainda peor daquelle borborinho, do que havia agourado da balburdia de 1820. Vi, he verdade, hum General muito grande, mas **entre hum General muito grande, e hum Grande General**, ha huma distancia infinita [...] (p. 8).

[...] em quanto a cousa estava fresca, apanhar tudo o que se conhecesse por filho legitimo da Besta, mette-los no tronco, e depois com boas maniotas [algemas], mandalos pastar para as margens fertilissimas do Cuama, e **torra-los bem ao Sol**; já que nos tinham queimado o sangue, ficava elha por elha, e nós livres da Besta [...] mas não foi assim, e quando eu vi a Lista de alguns Ministros novos, como os Cégos apregoão, logo eu disse comigo; isto he o mesmo, que depois de queda couce; e **o couce ainda he peor do que a queda**; e não seria sem algum fundamento, que os cento, e tantos Procuradores de tudo quanto lhes fazia conta, podião dizer comsigo, e com os outros — **atraz de mim virá, quem bem me fará** (p. 8).

[...] Deixemo-nos agora dos preceitos da Arte Equitatoria, bem cavalgados temos sido; vamos saber quem foi o rapazinho que logo de Villa Franca veio escanchado na Besta. Foi o Cordeleiro Renduffe¹⁷³: nenhum mais azado para as funções do tal ministerio do Cordel, nem mais devoto, não digo eu dos Anjos, mas dos Anjinhos, tanto negros, como amarellos (p. 9).

[...] nenhum homem neste Reino estava seguro de si¹⁷⁴, nem tinha a certeza, nem ao menos moral, da sua liberdade, ainda que fosse mais calado que S. Bruno, e mais penitente, e escaveirado que o S. Francisco pintado em Xabregas. **Que haja Espiões, vamos andando, sem questionar a sua necessidade; a Politica tem seus princípios, seus meios, e seus fins; mas se eu escolhesse Espiões, estes serão tirados da classe de homens conhecidamente, e verdadeiramente honrados.** [...] haja olheiros honrados, e zelosos, e que saibão olhar bem, e não sejam tortos, ou zanagas, para o bem commum (p. 11).

[...] eu vou dar parte a Sua Magestade da nova conspiração; esta sim, que he horrorosa, e muito mais que a da Rua Formosa. [...] Na molestia rapida de Sua

¹⁷² Refere-se à Vilafrancada.

¹⁷³ Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro, barão de Rendufe, intendente da Polícia no governo Subterra, pós-Vilafrancada.

¹⁷⁴ Depois do fracasso da Abrilada.

Magestade parecia o Renduffe á porta da camara o mesmo Esfestião á entrada da Barraca de Alexandre, quando estava morrendo em Babylonia; ninguém lá entrava, todos tinham medo do Esfestião; e todos, em caso identico, tinham medo do sentinella Renduffe. Tudo aterrava com a estolida soberba de seu olhar, e de seu portamento. O malvado rapaz não se apeava da Besta, e as escaramuças erão cada vez mais fortes, e violentas. Entre tantos raios, que sobre nós desfechou a revolução de 1820, e a mais pestifera de 1826, nenhum mais estragos, e calamidades comsigo trouxe, que a tyrannia de Renduffe (p. 12).

[...] Com hum **bofetão** só se podião descartar daquelle Espinafre; pois nem meio bofetão lhe assentou naquella impudente cara: tinha o nome d'EIRei na boca, e ao nome de Rei todo o Portuguez obedece, respeita, e considera o Rei na pessoa do seu Ministro; seja elle hum barbas d'alho em sua pessoa, sejam suas letra gordas, ou sejam magras, possa servir de esqueleto para estudo de ossos na grande escola nova de Cirurgia Medica, seja mais obesso que Vitelio, ou elle seja hum Vitelo, ou seja Touro, nada disso importa, he Ministro, he Beleguim, he homem de pega, falla da parte d'EIRei [...] o maior sacrificio, e a maior prova de amor, de obediencia, e de fidelidade, que o Povo Portuguez podia dar a Sua Magestade o Senhor Rei D. João VI, e que ficará em memoria por largos seculos, foi a de aturar (ainda que fosse por huma semana só) a insolencia de Renduffe, e de o não despedaçar nos ultimos momentos da vida deste Monarcha (p. 13).

[...] a Nação fica de todo illustrada, e eu muito contente com huma descompostura mais. Assim eu não escrevesse isto doente.

Na Cama em Pedroiços
a 19 de Fevereiro de 1829 (p. 16).

N.º 11.

ESPOJOU-SE!!

Faltava esta! [...] Esta Bisarma, que só para se desaguar, sorvia os thesouros do Mundo velho, e do Mundo novo, tambem cançava, e sentindo a arreigada das orelhas humedecida de suor, fatigada de tantos couces, e preparando-se para maiores pinotes... Espojou-se — o Sol fugio, os Ceos toldarão-se, o ambiente turvou-se. O vento do meio dia quando levanta, sacode, e ventila as arêas do deserto, não, não forma tantos

redomoinhos, nem deixa tão cegos os filhos do Profeta, que marchão em caravana, escanchados nos Camellos, que tambem não são das Bestas menos volumosas, a adorarem na Meca o suspenso mausoleo de Mafamede, como os homens ficarão n'hum, e n'outro Hemispherio com **a poeirada, que a Besta levantou**. Os que de todo não ficarão cegos, gueços, e zanagas, ficarão vendo as cousas por huma peneira (p. 1).

[...] Vejão os effeitos que fez nos olhos, e na alma de D. Quixote a poeirada, que levantou em sua marcha o rebanho dos Carneiros! Logo se lhe representou hum exercito. E que faria a espessa, e dilatada nuvem de poeira, que a Besta levantou em seu espojamento, primeiro de hum lado, e depois do outro, e na terceira evolução, pondo o espinhaço em terra, e levantando ao ar as roliças, e membrudas patas? Parece-me, que a estou vendo! Ao menos a poeirada existe, nem se dissipará de todo; e tão fixa está por tantos olhos, que parece que vivemos na terra dos cegos. [...] e como ficarão os olhos de tantos Portuguezes, ou como ainda estão os de muitos com a nuvem, que a Besta dilatou por estes ares? Eu não via senão cegueira; salvo em alguns Carcundas, que se pegarão com Sancta Luzia. Eu fui hum delles, pedindo, á Sancta, que se lembrasse de tanto cego, e de tanto remeloso. Virão-se as cousas ás avessas, para ficarmos de candêas ás avessas. Vamos por partes, que isto tem muito, que examinar, e muitas cegueiras que vêr (p. 2).

[...] Que cegueira lhe esta, ou optalmia que dêo em algumas das sentinellas de Israel, que vendo argueiros nos olhos dos outros, nos seus não vião trancas, traves, e barrotes? He boa pergunta! He a poeira, que a Besta levantou, quando se espojara. Cegou olhos, que devião ser os mais vigilantes, e como se lhes cahisse pez derretido, ainda os conservão pegados, ainda querem mais Constituição, ainda não estão fartos de Constituição; e vendo as cadêas tão abarrotadas, nem isto mesmo os obriga a despejar a bola de taes jdéas, nem o coração de tal aferro. [...]

Ha huma classe de homens, com a qual parece que devia nascer tudo, porque nascem **nobres**, e eu o creio; mas com elles nem tudo nasce. **Juizo!!!** (p. 5).

[...] **Ora, não me dirá o respeitável Povo, para que estou eu com rodeios**, com o dizei-me vós Nora, entendei-me vós Sogra, quando me disponho a fallar dos que tão descaradamente se desmascararão? Guardar aguas a huns Réos de alta traição, transfugas, conspiradores, e rebeldes, que tem o corpo de delicto na fuga, e a Sentença nos factos, de que he testemunha o Mundo, Victima Portugal, e Theatro a Europa? **Eu! O homem de pão pão, queijo queijo; hum Esfolador da familia dos intrepidos?** [...] que vem a ser por boas contas estas invenciveis letrinhas, levantou na cara delles, cara

de cães, e cornos do Diabo (ainda ando embuxado, mas eu me desempanisarei) trinta e duas Batarias, ou trinta e dois Reductos mais formidáveis que os de Berodino, nas **trinta e duas Cartas**¹⁷⁵, que alguma duração hão de ter, deve agora calar-se, emmudecer [...]. Não estou para isso, e se eu mostrei que não era cobarde fallando na sua frente, ninguém me poderá dizer que agora he que fallo, porque já cá não estão, e já nos derão as costas (p. 7).

[...] A Camara alta era huma armadilha, era huma rede, era hum laço armado á Nobreza de Portugal, e que só olhos com poeira não verião. A matilha já estava impaciente, **a Besta estava prenhe, devia parir a Republica**, e não estavam para esperar o termo da prenhez de Burra, que he de anno, e mais; quando se accendêrão os **Archotes**¹⁷⁶ apparecem os primeiros signaes da **desóvação da Besta**. Não era o Saldanha com a Pasta, o que querião [...] o que elles querião era que viesse á luz, da pança da Besta, o Republicanismo (p. 8).

[...] E nada disto vião, nada disto entendião, . . . se a poeira era tanta! A mim nada disto me parece muito, nem muito me parece tudo quanto esta gente fez no anno de 26, e no anno de 27: o que de todo me aturde, e me confunde, he o que estes cegos fizerão, e asneárão no anno de 28, e ainda vão fazendo no de 29 (pp. 8-9).

[...] desde que os *Sabios* assentárão, que se devia dar Direito ao homem, e mais outro direito ao Cidadão, e republicanisar o Mundo, sabendo, que **razões não fazem sôpas**, e que não bastava nem Hobbes com o seu Cidadão, nem Jaques com seu Contracto, nem Payne com seus Direitos, assentárão que, para **reduzir as theorias á pratica**, era preciso **escrever os mesmos Tractados com humas pennas chamadas, pennas Baionetas**: ainda aqui ha tempos morrêrão cinco pessoas alli para o Cães do Sodré do hum ar máo , que lhes dêo, que nos provão esta verdade; de sorte que seria prégar no deserto, ou como n'outro tempo se dizia, prégar aos Hereges, todas essas caraminhólas filosoficas do Republicanismo regenerativo, fructo dos profundos estudos Pedreiros, e irião sempre caminhando os Sabios do delicioso socego de seu gabinete para hum lugar chamado o lugar da **Forca**, se os Commandantes de alguns Corpos não corrompessem estes, para ajuda da **obra de caridade**, que os Pedreiros assentárão de fazer ao *embrutecido, e escravizado genero humano* (p. 9).

¹⁷⁵ *Cartas de José Agostinho de Macedo a seu amigo J. J. P. L.* [Joaquim José Pedro Lopes]. Lisboa: Impressão Régia, 1827.

¹⁷⁶ «Archotadas», 24 a 27 de Julho de 1827: manifestações dos liberais em Lisboa, em protesto contra a demissão de Saldanha de ministro da Guerra, durante a regência da infanta D. Isabel Maria.

[...] Ora, daqui ámanhã que será feito desta **corja**, ou **cambada**? Poucas horas perco da lembrança, e da consideração a sorte, que espera, ou já tenha cahido sobre esta **récua de mentecatos, e cegos** (p. 10).

[...] sabião que elle¹⁷⁷ tinha, (e com razão) **jurado pela pelle** a tudo quanto cheirava a Pedreiro, alto, e malo; vião que **a tantos Porcos era chegado o S. Martinho**; conhecião, e tremião que cahindo-lhe nas mãos, mais dia, ou menos dia, ião cahir nas do **Carrasco**, e não se enganarião; porque o que elles tinhão feito não era para menos, e o que elles andão fazendo ainda he para mais. Que remédio? Tomar já, e quanto antes, as de Villa Diogo, ou o que vem a ser o mesmo, pôr os pés em polvorosa; e os que **no Campo ao inimigo sempre mostrarão os calcanhares**, tambem os mostrarão, e vão mostrando a este Reino [...] (p. 10).

Nós vimos fugindo do carrancudo aspeito da Usurpação [...] vimos aqui a esta Augusta Sede da Liberdade organisarmo-nos em corpos aguerridos [...] E como nós trazemos **dinheiro** bastante.... Dinheiro bastante!!! Então deixem-se estar, disserão os **Canninganes**. . . Isso agora são outros cantares, isso entendemos nós, nem he preciso mais Direito Patrio. Dinheiro bastante! Sirvão-se desta sua casa, e se nós servirmos para alguma coisa, como ha dinheiro bastante, ou chorado, ou raivado, ou **furtado**, isso são questões de nome, como ha dinheiro bastante, he dispor da nossa vontade.... O nosso Fiador he Pedro Palmella Deixemo-nos lá dessa coisa de Fiador, como ha dinheiro bastante, e á vista, está o **negocio** feito. ... E fez-se o negocio; appareceo a rebellião militar de 16 de Maio¹⁷⁸, veio o Barco de Vapor carregado de Generaes, e no porão quatro ou cinco fardos de Becas para o Ministerio, e Governança Civil; e cégos com a poeirada da Besta, mais Bestas do que ella fizerão a **bestialidade**, que vimos, e como era **guerra**.... não falemos mais nisso.... nós cá ficamos, e elles por lá andão. Mas em Inglaterra, prende-se por dividas, e do dinheiro roubado já não há fumos.... **Grandes reticencias tem sido estas minhas!** Cada hum dos meus curiosos Leitores pode accrescentar, o que quizer, que não ha de jr mui longe da verdade (p. 11).

Já vemos, que todos os horrorisados com a usurpação para nada servem; não servem para Soldados porque levam sempre nas ventas, e não apparecem em Campo, que não sejam apupados: não servem para Politicos, porque as não calção, que as não borrem: não servem para economistas, porque dão com tudo em Pantana: não servem para Comicos, porque não representam Farça alguma, que não leve huma pateada

¹⁷⁷ D. Miguel.

¹⁷⁸ 16 de Maio de 1828: Belfastada.

redonda, ou quadrada, que he hum que não appareceo no Livro dellas: pois já que para nada servem, não servirão ao menos para Musicos? Os cégos são cantadores, isso vemos nós todos os dias, os mesmos pregões de seus papeis veridicos, são outras tantas tonadilhas; muitas vezes formão orquestras, he então vocal a Musica, e he Instrumental; e antes de haver Constituições, cantavão namoradas Endeixas, que enternecião os penhascos, e amolecião os troncos (p. 11-12).

[...] Aqui vai agora o meu conselho. Vossês são cegos, são vagabundos, estão já na cathegoria de pedintes, e caloteiros mestres, porque se entre nós o erão quando alguma cousa tinhão, que será entre os estranhos, quando nada tem? *O bastante dinheiro acabou-se*, se intentarem vir buscar mais, cá lhes ficará a cabeça pelas custas; o homem deve comer o pão com o suor do seu rosto, e se lhes tem suado o topete, justo he que lhe trabalhem as guélas, para lhes entrar depois alguma cousa por ellas. Eia pois, mãos á obra, fação-se Musicos, dividão-se em bandas, e vão primeiro girando por todos os Condados de Inglaterra, nenhum he falto de Tabernas, os Inglezes estimão muito a Musica para desterro da sua habitual melancolia [...] (p. 12).

[...] mas os filhos da Harmonia tendo tão boas vozes, e tão sonoros instrumentos, não tem letra para a Musica; ora pois, eu me compadeço dos pobres, que não são ociosos, e querem ganhar sua vida, como me succede a mim, que vivendo ha 37 annos do Officio, que todos ouvião com aprasimento de parles, a enfermidade me poz em tal estado, que nem descer a minha escada ja posso; e para viver he preciso esfolar alguma Besta de dias a dias, porque passo alguns tão atribulados, que nem hum talho posso dar com presteza, que eu tinha adquirido nesta sublime arte. Ahi vai letra para a solfa.

Cançoneta.

Acode oh ! Bretanha/ A fome tamanha,/ Que a hum triste Pedreiro/ Sanfona, e Pandeiro,/ He quanto lhe resta:/ C'hum T. sobre a testa/ Sem sizo na bóla,/ Te pede hum esmola,/ Hum Bife, ou Pastel;/ Que o Grande Miguel,/ Se apanha hum Mação,/ A Deos trambulhão,/ No Cães do Sodré,/ Que alli acabou/ Sentado, ou de pé. //— Rei chegou,/ Rei chegou,/ E os malhados castigou...

Tóca Sabugal; toca tu Candido [...]. Ó Taipa, tira o chapeo, vai alli áquelle Senhor, que te chama. Dêo-te alguma coisa? Hum Pene. Está bom, deita lá na alcôfa, e tóma sentido, não haja desvio, como costumás (p. 13-14).

[...] Tratei só de duas classes, altas, e grandes, irei como poder tratando outras igualmente cegas com a poeira levantada, e como mais inculcada, e inculcadora, darei

aqui principio á veneranda classe, ou Corpo Commercial, que impa de farto [...] e se apparece alguma especulação, por exemplo, de huma arrematação, não de carnes verdes, mas de cousas seccas, se depois de se lhes dar o ramo, [...] se he preciso, que appareção alguns vintens, como em seus cofres só existe huma cousa que os Filósofos negão, que he o Vácuo, que em todos os Cofres se acha, depois que a Besta escoucêa, ei-Ios pegados ás paredes, mettendo agulhas por alfinetes; como não tem a quem saccar, e sobre quem saccar, saccão , e tornão a saccar sobre si mesmos com hum pequenino interesse de três e meio por cento ao mez [...] (p. 14).

[...] se as nevoas são grossas, mais palpaveis são as MALHAS. He onde se encontra maior malhadaria: nem as desgraças proprias os desenganão; nunca houve hum tão grande exercito de falidos, e nunca hum mais teimoso diluvio de calotes! (p. 15).

[...] Donde nasce esta lastima? Da poeira, e da cegueira. Quem lhes atirou este Couce, que os deitou pernas ao ar? A Besta. Eu não fallo com os Caixeiros, fallo com os Patrões grandes, e lhes pergunto como amigo — Em que estado se julgão sinceramente mais felizes, no estado do tempo Carteiro até hoje, ou no estado, em que estavam em 1806, e ainda mesmo até ao fatal Tractado de 1810? Que respondem? [...] A Carta, e mais a Carta. Ora ponhão a Carta ao lume, e em acabando do seu Escriptorio, em que nada tem que fazer, jantem Carta, e ao café, tomem Carta, verão como engordão.

Entrevado na Cama em Pedroços.

Hoje 26 de Março de 1829 (pp. 15-16).

N.º 12.

ESPOJOU-SE DE LOMBO.

[...] e, sem a picar a mosca, até de lombo se espojou; e se foi muita, e mui espessa a poeira, que levantou nas duas primeiras evoluções, muito maior foi a que espalhou pelos ares, e com que toldou a atmosfera, quando lombo em terra, e patas acima, com ellas ameaçou as nuvens, e com as pancadas do lombo fez tremer a terra.

[...] e assim como do Diluvio universal só escapárão da especie humana oito individuos, assim da cegueira universal da poeirada da Besta, escapei eu, e mais meia duzia de Carcundas, bons rapazes, moços genuinos, e completos, e que ainda vão calçando com o meu Çapateiro, e que sabem com hum coração, onde lhe cabe o Mundo,

pôr debaixo dos pés a roda da fortuna, e incapazes de antepôrem a vida á honra, e á fidelidade, que a Deos devem como homens, e ao Rei como vassallos (p. 2).

[...] Valha-as Deos! Pois sem saberem varrer huma casa, e cair huma parede, todas querem ser Miledy Morgham, e Madame Stael! Ora Deos ha de me dar saude para estas cousas não ficarem assim! Com huma hora cada dia, em que eu possa mover estes dedos, não fica Besta femêa por esfolar. [...]

Huma grande parle do Corpo Mercantil me offerece em si mesmo hum corpo de cegos empoeirados, huns pegados aos outros, e nada lhes falta para fazerem a cousa ao vivo (p. 3).

[...] Sem atacar em frente a classe, só tenho em vista os individuos, que se fizerão por obras, e por palavras, e ainda fazem, tão respeitaveis, e tão dignos, não quero dizer do Cães do Tojo, mas da casa das palhas.

[...] O mesmo que digo dos Mercadores do Norte, digo dos Mercadoresdo Sul. Isto são quando põe Loja, isto são quando vão empolando, quando vão ao Theatro, quando comprão Quintas, e isto mesmo são quando quebrão, ou vão á Mesa do Bem Commum. Os Caixeiros, que lhes succedem, e que fazem o mesmo, que elles fizerão, não mudão de condição, mudão de nome, chamão-se Patrões. A palavra — *Ordenação*, a palavra *Constituição* he indifferente para elles, e ambas vem a acabar no mesmo — ão. — Cuidem no seu trafico, sejam embora Pinetis, empurrem Gato por Lebre. Vistão á Mylord, sejam conhecidos, aplaudidos, reverenciados pelas Cocheiras de Seges de aluguel, pela escandalosa profusão das suas gorjetas, com que augmentão a insolencia insofrível dos Arreeiros, ou vistão como o antiquissimo, e memorando Manoel Neto de Cacilhas, que tendo Burras, e Burras, nunca passou de vestia curta de Saragoça, porque hão de querer mais o — ão — da Constituição, que o — ão — da Ordenação? [...] E que fazem estes estafermos á porta desde a outorgação da Carta de 1826 para cá? No seu officio, ou emprego nada fazem. Freguezes aos Lanifícios? Isso foi-se: **a não ser a Traça**, nos Lanifícios não ha quem pegue [...] (p. 4-5).

Os **caixeiros** dentro, ou quasi no banco da porta fazem emendas no Projecto de Lei sobre a **Liberdade da Imprensa**; hum segue as partes do Doutor Magalhães, outro a Política transcendente de Moraes Sarmento; porque **como he licito** ao Cidadão **publicar** pela imprensa quantos **despropositos, destemperos, e parvoices** lhes vem á testa, poucos ha que não queirão atirar comsigo ao meio do Mundo com hum Opusculosinho de vara, e sesma para darem esclarecimentos á Nação sobre o ramo

importantissimo da Economia Politica, que he o **novo, e desconhecido roteiro**, por onde, ha annos, se tem caminhado para o paiz da **fome**, da **indigencia**, e da **miseria**.

Algum dia, e ainda he do meu tempo, quando ao resar das Trindades [...] os Mercadores atarracavão as suas portas, e levantavão as pontes levadiças das suas espeluncas acastelladas, ião para cima com os assentos do dia, para os passarem ao Livro mestre; depois dos filhos lhe tomarem a benção, se resava o Terço, os rapazes estudavão a lição para o outro dia, e a doutrina pela cartilha, e as filhas, em roda do candieiro, com hum só bico acceso, fiavão na sua róca; elles tiravão a cabelleira, e a penduravão, e o resto ate á ceia ião descabeçando o seu Rosário. **Agora? Politica na loja, Politica á porta, Politica na rua, Politica lá em cima. A benção, o Terço, a lição, o candieiro, a róca he huma explicação mestra do contracto social, huns corolarios a hum artigo do Cathecismo de Wolney¹⁷⁹**, e hum consectorio luminoso de hum artigo da outorgada Carta = *O domicilio do Cidadão* (p. 6).

[...] Respeitaveis chapeleiros do lado oriental, e do lado occidental, de ambos os lados¹⁸⁰, e de ambas as testadas, he verdade que toda a caterva dos altos regeneradores, desde Manoel Fernandes até Manoel da Sola, não sei porque força atractiva, talvez que a publicidade, e o desafogo do sitio, e a sua *centralidade* (que palavrinha de venerando cunho!), os puchava para a comodidade dos vossos bancos; quando se procurava hum pai da Patria, em vossos gabinetes se encontrava; e com o tracto se pegão as manhas, e vós apparecestes todos **Políticos; o Limoeiro vos tem hospedado** [...] (p. 7).

[...] para que está este **Padre velho, rabugento, enfermo, e sôbre tudo atrabiliario, gastando cera com ruins defunctos?** Saia de seu elemento, ou de sua esphera huma vez, esqueça-se desse dizer **socratico, e ironico**, e dessa amarga dicção do **ridiculo**, que elle gasta com tanta profusão em pequenos, e insignificantes objectos [...] Nunca certa erudição he fóra de proposito: eu não fallo em Methaphisica aos Soldados, nem na Historia de Polibio ás mulheres; **sirvo-me de alguns exemplos para dizer o que quero** (p. 7-8).

[...] Fanqueiros, Capellistas, Bacalhoeiros, Ferrageiros, etc., etc., etc., feitos a granel Politicos, Estadistas, Publicistas, são entes **irrisorios**, e cousas **ridiculas**, ou quando muito desafião a compaixão sobre tanta miseria. Seja tudo isto assim; mas quem pode duvidar que todos estes Batalhões de **empecilhos** são de huma **impertinencia insupportavel**, e de huma zanga invencivel? A poeirada da Besta fez destas gentes, ou o

¹⁷⁹ Volney.

¹⁸⁰ Do Rossio.

que quer que sejam, hum tropel de **insolentes, e atrevidos**, perturbadores da ordem pública, porque estão em mais estreito contacto com as classes do **Povo miudo**, que formão huma grande maça no Estado, e esta **fermentada, e corrompida produz huma contaminação geral** (p. 8).

[...] Oh! porque nós sômos Cidadãos, sômos partes essencialissimas da Nação, e a forma do Governo he do nosso arbitrio, porque o Contracto Social tambem em Lamego se fez connosco. Para nós tambem escrevêo Montesquieu, tambem escrevêo Mably: **estão enganados. VV. m.ces são Capellistas , são Bacalhoeiros, Mercadores, Fanqueiros, Ferrageiros vendão, trampolinem nas suas lojas, mas estejam calados:** seus discursos, e seus atrevimentos são crimes na Policia, porque perturbão a ordem. **Ha muitos annos que eu embirrei com vossas mercês, porque os seus despropositos, alem de impacientarem o Mundo sensato, causão mil prejuizos no meio dos Povos** (p. 9).

[...] Eu tinha promettido no antecedente N.º da esfolação fazer huma particular visita de cumprimento ás Senhoras Malhadas, de quem accidentalmente já neste N.º fallei. **A reverencia devida ao sexo, isso não he para mim.** O sexo tem-se feito muito ridiculo, e muito despresivel. [...] Para **darem á lingua** não erão precisos remedios tópicos, disse as provêo de mais a Natureza; e não ha cousa mais facil de encontrar que o **moto contínuo**, que tanto tem dado que fazer aos Philosophos, se o buscassem na lingua das mulheres (p. 9).

[...] **Invadio-as a mania politica, puxarão-se os registos todos aos órgãos fallatorios;** poz-se azeite a todas as porcas do carrilhão de Mafra, sinos, e campainhas de todas as torres do Universo; ninguem mais dormio onde ellas estão, nem mesmo na visinhança. Os maridos fogem, os filhos abalão, os moços despedem-se, as criadas móscão, e a **desenteria lingueira** não acaba, he chronica, não acabará senão quando ellas acabarem [...] (p. 10).

Huma Malhada mandou a outra Malhada hum mimo, ou hum presente, e vinha a ser, hum Gallo pedrêz, muito bonito; levava pendentes das livres azas muitas, e fluctuantes fitas á Constituição, azul, e branco; na crista ia huma nova alcaxófra das mesmas fitas; porem os pés atados, e seguramente amarrados com huma fita Realista, para dar a conhecer a escravidão, e os ferros do Despotismo, e Realismo! Ah! o meu **bordão** ainda se não quebrou; e se eu tivesse relação com esta Malhada, eu lhe prometto que, **assentando-lho pela omoplata**, fizera com que outro Gallo lhe cantara! Dizem ellas que o Systema Representativo lhes dá mais liberdade na sua condição. E que lhes

faltava antes deste Systema celestial? **Já então andavão meias nuas pela rua, talvez queirão andar de todo!** (p. 11).

[...] Dou-lhe huma prova nestes mesmos escriptos, que á primeira intuição parecem futeis, e muito faceis de fazer. Nisto se enganão, os que assim julgão. He facil fazer hum livro de muitos livros já feitos; compaginar hum Todo, a que chamão proprio, de pedaços estranhos, dizer o que está dicto, ainda que os outros o dizessem de outra sorte, porque isto he ser a substancia a mesma, e os accidentes diversos. A diffculdade está em escrever hum papel, só com o tinteiro ao pé, e fazer passar tudo de huma imaginação, que se não estanca, para o canudo de huma penna, que se não demora, **sahindo tudo de hum só jacto, como se deve publicar**, e publica. Esta he huma diffculdade, que por poucos tem sido vencida (p. 11-12).

[...] Vamos agora á sua apparente futilidade: nem he fútil a obra em si como obra, nem o pode ser por seu relevantissimo objecto [...] e senão mostrem-me hum exemplar nos passados, ou tentem agora fazer outro semelhante, e **que apanhe todo o ridiculo em qualquer objecto, que se queira redicularisar**. [...] Com este **estilo ludrico, ou gracejador** se misturão, e insinuão os documentos da Moral mais pura, do amor da Pátria o mais acrisolado, se **inspira hum odio perfeito, e huma aversão invencivel ás revoluções**, e transtornos políticos, que de tantos males tem povoado, e enchido a Terra. **Com estes gracejos se persuade o mais fino, e apurado respeito á Religião, e ao Rei**. Com estes gracejos não se divertem, mas se consolão os verdadeiros Portuguezes [...] (p. 12).

[...] e, quando nada disto produzissem, ao menos dão a conhecer hum **homem intrepido**, que curvado com o pezo de quasi 64 annos , e cortado da mais **dolorosa , e terrível enfermidade**, varado, ou transido de **dores vivissimas**, e interminaveis, sem se perturbar **atacou sempre**, e quando mais se empoleiravão os mais acirrados inimigos de Deos, dos homens, dos Thronos, e do Mundo. [...] **Isto não he gabar a Noiva, nem ser o pai, que a quer casar**, isto he a voz da verdade sustentada no testemunho publico (p. 12).

[...] Sabem porque existem estas **monstruosidades** no Mundo? Porque no Mundo existem Pedreiros Livres! E o Mundo os atura, vendo, e conhecendo que elles estão **judiando** com o genero humano: Ha muito tempo que não vejo n'elles senão estas três cousas — 1.^a Judiar — 2.^a Roubar — 3.^a Fugir. Pelo meu voto, em quantos se apanhassem, eu accrescentaria mais huma cousa, que fazião 4.^a — **Pernear**. — **Acaba hum de pernear! Em baixo: este em baixo, outro em cima!** E isto agora nos dias de

Maio, que dão para tudo! **Oh que safra!** Deos a traga. Já que o anno ameaça escacez, **dê-se ao Povo hum alegrão diario com carne fresca! Oh que sanguinario velho!** Dirão alguns. E o que nos farião elles, se o Diabo os pozesse de cima? Pois abaixo.

FIM.

Pedroiços, na cama, e em
cima de hum joelho, 23 de
Abril de 1829 (p. 15).

N.º 13.

DENTADA.

[...] A manha transmittida pela Besta a seus filhos, e que mais a estes pôde agradar, foi entre tantas, e entre todas, a manha de morder. A **dentada** foi a peça mais preciosa deste morgado. [...] Escreve Garrett? Dentada. Escreve Rocha? Dentada. Escreve Magalhães? Dentada. Escreve finalmente Pizarro? Dentada. Pois o Pizarro escreve? Eu cuidei que não tinha mão para huma penna, cuidei que só tinha **costado para hum arrocho** [...] (p.2).

[...] (perdoai se vos chamar agora valentes tôlas, **feias não, isso não fazia eu;** sei quanto vos custa, porque **de outros nomes, sejam quaes forem, não fazeis caso**) [...]. Vós sabeis muito bem que **a vossa influencia não vem da Politica.** [...] Que influencia teria no Mundo hum focinho com mais pregas, que os dous roquetes de hum Conego, huns olhos mais encovados que dous Hermitães em duas covas, hum queixo, ou mandibula inferior, que tremesse mais que hum Clerigo mandado para Rilhafóles, com dous timbales do Inferno [...] feitos dous figos passados. [...] Huma mulher muito rica, tendo duas relevantissimas qualidades, sendo muda, e surda, e se fôr tambem cega, que he ouro sobre azul, he hum tesouro, he huma bemaventurança. A vossa influencia, acabemos com isto, a vossa influencia tem duas bases, primeira, huns bons bigodes, segunda a nossa toleima (p. 6-7).

[...] A Malhadice tem para vós outro attractivo. **O vosso Imperio no Mundo** [...] he hum Astro, que **faz a sua revolução á ródá do Sol em vinte cinco até trinta cinco annos (muito lhe alargó a orbita!)** Vós quereis as maximas da nova Politica, porque em si, e comsigo trazem as maximas de huma nova moral... **Desterrão o pudor do sexo, convertem a natural timidez em desenvoltura, o recolhimento em**

impudencia, a sujeição em licença [...]. Abrem o passo a hum luxo immoderado, ou sem limites, que deixando no vestido apenas coberta a metade do corpo, deixa inteiramente núa, e vasia a bolça dos Maridos. Facilita-lhes a frequencia daquellas escandalosas orgias nocturnas, em que, o menos que se perde he o dinheiro ao jogo; não me atrevo a dizer qual seja o mais que alli se perde [...]. Seja qual fôr a fôrma do Governo, a **Malhadice destas Malhadas corre de outra fonte**, e he a que eu aponto; **querem moral sem freio, por isso se metem a Politicas** [...]. Não he a Politica, he a Moral quem as faz Malhadas. João Jaques queria ir viver com os Ursos, **ellas o que querem he viver á larga, porque Ursas já ellas o parecem com os seus caracões** (p. 7-8).

[...] Este Escripto chama-se a Carta que Rodrigo Pinto Pizarro escrevêo ao Pedro Cotó, *olim* o Marquez de Palmella, e atrás Pedro Holstein. Quem seguir com a imaginação, e com a reminiscencia a cambada **dos Judeos errantes**, que daqui abalárão depois de **terem feito tantas** para fazerem ainda mais por esses Reinos estranhos, dirá, e com razão, quando os contemplar aos magotes pelas Tabernas, Casas de Pasto, e Hospedarias, — Isto he **bando** de ladrões combinados, isto são **Ciganos sem Patria, e sem Lei** [...]. Dirão outros, isto certamente he banda de **Comicos ambulantes**, andão pelas Feiras com **Titeres e Bonecos, que não trazem de páo, porque são elles mesmos as Marionetes**. Quem será o **Palhaço**? Certamente, he aquelle velho, e gordo (e apontão para António Hippolyto), e aquelle de nariz dimidiado, com pés geometricos (designão com o dedo o Candido) aquelle he o Cruz Diabo da funcção. Olha a **choca da manada**.... o Pedro Cotó (p. 8).

[...] Houve hum Poeta em Falmouth, que olhando para elles, e inspirado pelos Manes de Camões, gritou para elles da porta de huma Tasca.

A corja de ladrões assignalados/ Fugindo vem da praia Lusitana,/ Que, em crimes nunca d'antes praticados,/ Tem já muito excedido a audácia humana: Que, em caurins, e **calótes** esforçados,/ Vão demandando o **Imperio da Banana**;/ Tão **infame relé, corja tão porca**./ *Eu sempre a cantarei digna da Forca* (p. 8-9).

[...] Vamos ao motivo da Carta escripta á tal figurinha Palmellôa. A Senhora D. Maria da Gloria, por seu Diploma por ella dictado, e assignado em Londres no seu Quarto da Hospedaria tal.... nomeou seu Ministro assistente, e seu primeiro Secretario de Estado o inquietissimo Pedro Sarilho, ou Pedro Cotó; zangou-se o Pizarro, ou o pisado, com esta exaltação do Pedro, e escreve cousas, que eu, confesso a minha rudez, não podia entender ao principio, porque he incomprehensivel a situação, o estado, e o

fim desta **salsada**, ou deste o mais **ridículo** de todos os **Entremezes**, que se tem representado no Mundo. [...] Que **ridícula Farça** he esta, que entre tantas **apupadas** vierão de tão longe **representar** na Europa? (p. 9-10).

[...] Ella¹⁸¹ no Throno, e nós com ella , porque a Constituição só lhe dá o exercicio aos dezoito annos; ella tem nove, e por isto huma Regencia feita por nós, e de nós, acabará de huma vez para sempre, e assentará em eternas bases a Celestial Democracia. Este projecto concebido na vida de nosso Irmão Satanaz Canning, com sua morte alguma cousa se suspendêo em sua execução, nós o levaremos ao seu complemento, e seremos o assombro do Universo; supponhamos nós, que nos apanhão com a boca na botija, e que **nos pendurão, e que depois de pendurados nos põe ao fumeiro?** Isso que importa? Quando se tracta de grandes cousas, intenta-las he o que basta. Quizemos livrar o Mundo do Servilismo, e o genero humano do Fanatismo: e que gloria para nós! **Perneemos, ou não perneemos!** [...] Cá por fora ninguem nos auxilia, lá dentro do Reino **enforcão em nós, e cahimos como Tordos em olival no anno de safra**. Dinheiro! Evaporou-se, o que havia, já lá vai, e não podemos furtar mais, porque furtámos tudo (p. 11-12).

[...] Pedroços 8 de Maio de 1829.

José Agostinho de Macedo.

P. S. As Malhadas não se affogirão no Tinteiro, lá estão, mal sahirão. Estão seguras, descancem; vou-me ao Pizarro, que vai fugindo muito; depois faremos contas de nosso vagar (p. 16).

N.º 14.

DENTADA.

Malhar em Malhados, malhar em Malhadas, he malhar em ferro frio, porque nem elles, nem ellas tem **migalha de vergonha** nas estanhadas caras: seja embora esta a sua condição; o meu dever he malhar nelles, e nellas como quem malha em centeio verde; assim o tenho feito, e nunca o deixarei de fazer (p. 1).

[...] Vós nos toureastes, nós vos toureamos. Vós, Malhados, colheis agora o que semeastes então, e não deixais ainda passar hum dia, em que, ou seja de perto, ou seja

¹⁸¹ D. Maria II.

de longe, deixeis de apurar a nossa paciencia, ou deixeis de desafiar a nossa vingança. Vós nos fazeis guerra offensiva, e nos dais o direito de vos fazermos guerra deffensiva. Vós, Malhados, como patifes; nós, Carcundas, como homens de bem.

[...] sendo tantas, e tão **peçonhentas** as dentadas, que a Besta ferocissima, e **desencabrestada** nos tem dado, desde que os filhos da mesma Besta nos começarão a roubar, tyrannisar, e escarnecer, eu não considero outra, que seja mais sensivel, e mais pungente, mais atroz, e mais insupportavel, que os infames Escriptos, que de continuo nos envião, ora de França, e muito mais da Grã-Bretanha. [...] sempre achão vehiculos, por onde introduzão estes generos de **contrabando**, que, peor que a **febre amarella**, tem **contagiado**, e contaminado o Reino inteiro [...] (p. 2).

[...] a canalha está omnimodamente louca de pedras, e varrida. [...] são outros tantos andantes, e marchantes Cavalleiros, que por ella quebrão a lança, e a nós a cabeça, **moendo-nos a paciencia** com tantas, e tão inquietadoras **parvoices**, quantas **dos Prelos Britannicos** tem chovido sobre este Reino! — *Esta Princeza na primavera da vida, formosa, e Soberana; esta lança quebrada* — he hum traço mestre de pincel magistral, que nos apresenta hum quadro inteiro, e acabado do mais **ridiculo dos Entremezes**, e dos mais **tresloucados Histriões**, que tem apparecido no Mundo. Parece que o Pizarro, com tantas parvoices, nos quiz preparar para ouvirmos ainda a maior, e tão destampada, e futil, que não merecia respostas, mas **risadas**; e creio que os mesmos Inglezes, apesar de sua maquinal melancolia, não deixarão de as dar, e até de as converter em **gargalhadas**! (p. 10).

[...] Que homem he este Pizarro! Com muita razão João de Saldanha, besta, que estava nas varas, quiz o Pizarro para a bolêa, fazendo-o em sua Secretaria *Chefe da primeira Direcção*! **Elles lá se entenderão bem**. [...] Quem poderá ser mais **asno** que o Pizarro? O remedio, que elle vai dar a tantos males, e a tão diversas enfermidades, parece-me huma cousa assim por modo das Bichas, que, na sublime theoria, e prática dos mais campanudos Facultativos, servem para quantos achaques, e mazellas pode padecer o humano corpo! (p. 11).

[...] **saltou-me huma dôr aguda no baixo ventre, que me poz em hum grande aperto. Inda me faltava mais esta dôr!** Mas em fim, eu conheço que era muito natural! Nunca a estes Diabos inquietadores serve o Governo, que está! Sempre ha de ser hum Governo novo, formado por elles, e composto delles. [...] A tranquillidade de hum Reino innocente, sempre perturbada por hum **magote de mentecaptos**, que

sabendo que **hão de cahir nas mãos de hum Algoz, que os pendure na Forca**, ainda não acharão, nem dentro, nem fora de si, quem os livre della! (p. 12).

[...] Quem chamou, e convocou as Côrtes de 1820? Fôrão ellas a si mesmas, sendo **como as Pescadas, que antes de o serem já o são**. As que estão em Inglaterra, as que estão em França, as que estão em Hollanda, devião acudir chamadas com o Buzio de Tritão, que sôa, e re-sôa por todos os mares, e ventos, *para se ajuntarem nesta, ou naquella Sala* (p. 12).

[...] O Presidente da Regencia seria o Gerardo Rua formosa! E Portugal que faria á vista desta Regencia, e de seus Decretos? **Se pilhasse a Regencia, enforcava a Regencia; e os Decretos? ... A gente gosta de trazer o seu corpo asseado**. Estou completamente **enjoado** com tanto desaforo, com tanta **parvoice**, e tantas ruínas, inquietações, e misérias. [...] Não ha paz, não ha abundancia, não ha união, desde o momento, em que **esta récu de mentecaptos** começou, pelos caminhos das atrocidades, e dos attentados, a dizer aos homens que os vinha regenerar, e fazer ditosos (p. 13).

[...] Já fez hum anno a 23 de Fevereiro, que eu espero huma cousa, que ainda não vi, nem me consta que se executasse, convem a saber: — huma **Assembléa dos Grandes** todos no espaçoso terreiro do Palácio de Queluz, cada hum delles com o seu respectivo **Diploma de Par** na palma da mão, e **fazendo circulo a hum bom barril de alcatrão, assoprando-o bem, ao levantar da lavareda lhos mergulhassem no meio, e a fatiota das pelles, plumas, e atavios**. Senhores meus, **acreditem o Padre do Forno do Tijolo**, que sabe mais das suas Genealogias, que Vossas Excellencias mesmos; peguem nos Annaes da India, e nos Annaes da Africa, e vejão **se os Netos, e Descendentes daquelles Heroes, dignos de viverem na Grecia, com os Temistocles, Leonidas, Aristides, e Epaminondas; e em Roma com os Scipiões, Favios, Paulos Emilios, e Flaminius, necessitavão daquella mascarada revolucionaria para serem Grandes**, e para nelles se respeitarem, e remunerarem ainda os grandes feitos d'armas de maiores, e ascendentes, que enchêrão o Mundo de assombro, e a Historia de huma Galeria de Quadros immortaes (p. 16).

Senhoras Malhadas, minhas Joias, minhas formosas, creio que hão de ter muitas saudades minhas, e que hão de estar queixosas do meu ingrato silencio. Estão enganadas [...] Esta penna está consagrada á immortalisação do seu nome; eu ainda a sustento nestes dedos. [...] eu **exporei, e porei ao olho do Sol o Ridiculismo, ou Liberalismo das Senhoras**; e sem mais cerimonia, A Deos até ao N.º 15.

Entrevado em Pedroços

13 de Maio de 1829 (p. 16).

N.º 15.

AINDA MORDE.

A morde? Morde, e morderá (p. 1).

[...] Ora deixem-me alargar nesta matéria hum pouco, que **sempre me dêo no goto esta Liberdade da Imprensa**, que todas as vezes que se tractar della sempre virá a proposito. Sabem para que se iniciou, e projectou aquella Lei? Foi para não haver tal Liberdade; porque com ella sem restricções todos aquelles Palhaços ião pelos ares. Saibão, e de huma vez, que a Liberdade da Imprensa he impossivel, huma vez que se estabeleça em Paiz, onde haja Leis, que declarem que a injuria, e a blasfemia são outros tantos crimes. Nos Paizes, onde ha esta Liberdade, tendo aquellas Leis, que acima lembro, só ha huma differença, que a Censura não he previa, he posterior. Se ha Censura, ou seja antes, ou seja depois, **sempre he Censura, e eu antes a quero previa, que posterior; se o crime se pode prevenir he melhor isto, que castiga-lo depois** (p. 3-4).

[...] Toquei nisto para destruir este **sofisma da Liberdade**. Que cousa he o Juiz de Facto, o Juiz de Direito, e a corja que compõe o Juri? São outros tantos Censores, que determinão, e classificação, e punem o abuso, que fiz da Imprensa. A este ponto me trouxe a matéria. Nenhum Codigo, nenhuma primeira Linhas tinham classificado na cathegoria dos crimes esta simplicissima frase — *Os Liberaes são Pedreiros* — Não seria melhor para mim que hum Censor me dissesse antes de imprimir esta blasfemia em 1822 — Olhai vós que os Liberaes são Pedreiros, mas não querem que lho chamem; e se vós imprimis isto, ficais réo, o Promotor Medeiros virá com hum Libello contra vós, sereis chamado ao Juri, e Lisboa se amotinará nesse dia; e ainda que o vosso coração não esteja — tefe, tefe — sempre tereis algum incommodo. — Vejão que tal era a Liberdade concedida, que se não podia dizer que erão Pedreiros, apanhados com a bôca na botija, patifes de Mitra, e Gaita, de Avental, e Luvas, de Trolha, e Argamassa (p. 4).

[...] **Eu queria ver creado hum Tribunal Inquisitorio... (esperem, não se assustem antes de tempo)** huma Inquisição Politica, como a de Veneza, que tivesse hum único objecto, ou emprego, e sem ingerencia em outro qualquer emprego, ou

repartição. [...] O seu primeiro passo devia ser huma revista, ou varejo geral de quantos **livros**, ou originaes, ou traduzidos, e aqui impressos na dominação pública da Besta; porque **esta foi a sua mais pestilenta, e venenosa dentada**, em que a Religião era atacada, e a Moral pública corrompida; a mocidade, e talvez que tambem a decrepitude, pervertida, e assim preparada para o Atheismo, e para a Democracia (p. 4).

[...] **gemião os prelos pelas Officinas**, e cada dia apparecião estes monumentos dos progressos da civilisação, e das luzes do seculo. Estes **escriptos impressos**, e vulgarisados resolvem com muita facilidade huma questão — O Povo Portuguez, e o **Povo miudo** com facilidade (sempre por convinção, e por educação religioso, sem quebra na perpetuidade da sua Fé) apparece repentinamente **desmoralizado, incredulo, impio** em suas palavras, e em suas acções, sem respeito ao Sanctuario, e ás augustas Ceremonias do Culto, insultando os Ministros, mofando dos Sacramentos: como pode comprehender-se semelhante transformação, e a tão raro procedimento assignalar-se huma Causa? Donde vem isto? **De tanto Livro**, e de tanto papel, **que fez em hum instante de hum aleijador de Relogios**, de hum empresilhador de Chapeos, de hum arredondador de Confeitos, **hum Doutor da Sorbona**. [...] **Caixeiros** com as mãos, com a cara, com o toutiço besuntado de azeite, de manteiga, de toucinho, trascaIando a bacalháo, e a carne do Norte, fallando na Chronologia dos Papas, nas doações de Constantino, e de Pipino, erão na verdade huma caricatura ridicula, mas offerecia huma **caterva de impios materiaes mais brutos, que o bruto Polifemo** (p. 4-5).

[...] Eu via por essas esquinas annuncios impressos de Cathecismos, e de Ruinas de *Wolney*¹⁸², e isto com mais descôco na segunda invasão Carteira de 1826, do que o havião feito na primeira de 1820. [...] O **Caixeirote**, e o Patrãosinho com seis tostões, que davão pelo folhetinho, que se offerecia pelas portas, sem ninguem vêr, ficavão logo huns Franklins, que tiravão *O raio aos Ceos, aos Désotas o Sceptro*. Em quanto se não extirparem estes vehiculos da incredulidade não se cicatrisão as **feridas das dentadas da Besta, que tanto em carne viva ainda se conservão** (p. 5).

[...] Eis-aqui os **fructos colhidos da leitura dos pestilentos Livros**, aqui impressos, vulgarisados, espalhados, e embutidos. Querem sarar das dentadas da Besta? Pois he preciso começar pela abolição destas producções das trevas; e depois desta Lei

¹⁸² Constantin François de Chasseboeuf, conde de Volney (1757-1820). Ver VOLNEY – *Les Ruines, ou Méditation sur les Révolutions des Empires*. Paris : Chez Desenne, 1791; *Idem – La Loi Naturelle, ou Catéchisme du Citoyen Français*. Paris : Imprimerie de Didot Jeune, 1793.

de extermínio, e desta **basculhação Inquisitorio-Politica, se na mão de algum se achar Livrinho desta natureza, fogueira com o Livro, e Forca com o dono** (p. 6).

Depois desta, terrível dentada na ordem da Religião [...], veio outra dentada igualmente peçonhenta na ordem Politica, com que **de todo ficou o caldo entornado** em nosso estado civil, ou social: quero dizer, o **diluvio universal de Brochuras politicas, de Periodicos, verdadeira praga de Gafanhotos**, que roêrão, e estragarão tudo (p. 6).

[...] Os Periodicos de dentro, e os Periodicos de fóra, se queremos melhorar das mataduras da Besta, não só devem ficar prohibidos, para não apparecerem mais para o futuro, mas **fazer a Lei pela primeira vez retroactiva** para se fazer hum miudo, escrupuloso, e circunstanciado exame de quantos (bem sei que seria trabalho para cem homens, e para cem anos) se imprimirão, desde que a Besta metteo a cabeça pelas cancellas de Arroios no dia 1º de Outubro de 1820, até 22 de Fevereiro de 1828, **mandando-se, com penas gravissimas**, a todas as pessoas de qualquer estado, e condição que fossem, que tivessem em seu poder os taes Periodicos, **que os fossem levar, ou mandassem pôr no Campo Pequeno** (se o local dêsse para isso) em pilhas regulares, mas contiguas, permanecendo alli a Tropa em armas, fazendo hum circulo com tres de fundo; e como não era em linha de Batalha, a Artilheria se devia postar onde melhor conviesse, para os casos fortuitos, e não previstos; vir o Executor da alta Justiça com seu fuzil, e pedra de petiscar, e competente archote, ou **archotes, mechas**, e mais utensilios, e **largar, como Omár Califa, á immensa Bibliotheca de Alexandria**, deposito da sciencia, e da insipiencia moderna, **fogo** a todos aquelles Castellos, e Torreões de papeis volantes, e **reduzi-los a cinzas, para voarem mais. Concluida a queima, e apagadas todas as fagulhas, levantar o Carrasco a voz, e dizer como o Presidente mensal das Côrtes dizia — Está acabada a Sessão — Meus Senhores, está concluido o assado; e assim levou o Diabo os Periodicos**. Em todas as Terras do Reino, grandes, e pequenas, no mesmo dia, á mesma hora [...] executar-se pontual, e rigorosamente a mesma Lei [...]. Os que sonegassem qualquer destas preciosidades, fosse embora o mais apressado, e mentiroso Supplemento, especialmente hum, que appareceu com ourellas negras, e que, servindo-se do laconismo da dor, tinha em cima esta palavra unica para deixar a alma suspensa — **Morreo — devendo accrescentar — na Forca** (p. 6-7).

[...] Foi concebida no delirio de alguns, que a si mesmos se chamárão Filósofos; e ao justo se marca a Época, em que teve principio este **flagello** devastador do genero

humano; e, para se conseguir mais facilmente este fim, convinha que os projectos não ficassem sepultados nos gabinetes, ou **pucilgas** dos Filosofantes; convinha que o seu conhecimento chegasse a todas as Classes da Sociedade; **convinha que o Povo se contaminasse**, como estavam contaminados os principaes Auctores desta **Diabolica invenção**, ou Constructores desta machina infernal; eis-aqui o principio, e o motivo do **Diluvio Periodical**, que submergio a Europa, e até a America, ha muito pouco tempo civilisada (p. 8).

[...] Em todos os Reinos, em que os Periodicos se multiplicarão muito, se tornou inevitavel a Revolução. Estes **venenos** custavão pouco a preparar, e menos a distribuir; **pelo seu preço chegavão a todas as Classes**, á Classe agrícola, á **Classe operaria**; a mesma **canalha sem classe**, e sem mister algum se occupava na Leitura dos Periodicos; e, como pouco reflexiva, não conhecia a **peçonha**, que se lhes propinava; **desta maneira se contaminou em geral a maça da População** de hum Reino, e tão vasto como o de França. [...] Em França não tinham calções, na Hespanha não tinham camisa; e em Portugal muitos nem camisa, nem calças tinham. A estas **corjas plebêas** costumão os Pais das revoluções chamar Nação, e a seus assoprados furores, a seus desentoados, e ensinados gritos costumão chamar a expressão da vontade geral dos Povos. [...] Donde nascêrão tantas desgraças, donde provierão tantas jnquietações, e de que fonte corrêrão tantas lagrimas, e tanto sangue? Dos instrumentos, que se convertêrão em causas efficientes, e impulsivas dos **Periodicos**. [...] Os tempos das Constituições, e das Cartas são os tempos dos Periodicos (p. 8).

[...] O Povo, que devia obedecer, erige-se em Soberano, que quer mandar. As Leis, que devião emanar da Cabeça, que governa, são dictadas pela multidão, que delira fora da sua orbita. A Monarchia torna-se em huma Delegação do mesmo Povo, que confere ao Monarcha hum exercicio passivo, só com a faculdade de executar. O centro da unidade governativa passa para os desenfreados caprichos da **Ochlocracia, ou Governo tumultuario da populaça**. D'onde nascem, ou d'onde vem estes males politicos, de que o Povo apparece repentinamente atacado, e ferido? Para se saber he preciso considerar o mesmo Povo antes, e depois da **alluvião dos Periodicos** (p. 9).

[...] o Povo acreditou estes dictos soltos, livres, e que são o verdadeiro **jargon** dos revolucionarios: não passam d'aqui os malditos [...] Quem mudou, e transfigurou este Povo Portuguez [...]? [...] Por mais que se cancem, por mais que investiguem, e indaguem, não acharão outra causa, ou proxima, ou remota, que não sejam os Periodicos. Que vierão fazer a este Mundo os **papeis periodicos, impressos em Inglaterra** antes

da tratada impudentissima de 1820? Papeis de proposito escriptos, papeis **pagos pelos inimigos internos** deste Reino? Para que se escreveo hum **Correio** Brasiliense? Hum **Investigador**? Hum **Portuguez**? Não tiverão outro fim estes **Emissarios da Confraria Trolha**, mandados d'aqui muito de proposito, senão disporem os Portuguezes para abraçarem contentes, mas cegos, a Revolução já de muito tempo preparada; e que rompesse, como rompeo, quando os animos estivessem dispostos; e que a desejassem, pelas **exageradas, e encarecidas pinturas das nossas suppostas desgraças, e de seus necessarios remedios, naquelles Periodicos** feitos fora, e **clandestinamente aqui introduzidos** (p. 10).

[...] Tivemos hum segundo **diluvio**, não de agua, mas **de papeis**: para o primeiro abrirão-se as cataractas do Ceo; para o segundo pozerão-se cataractas nos olhos, e abrirão-se as portas do grande **abysmo da parvoice, e da perversidade**. Não foi só por quarenta dias, e quarenta noites, foi pelo espaço de trinta e tres mezes continuos que **cahio sobre este Reino o diluvio dos Periodicos**, de tal natureza, como todos vimos, que souberão pôr a Nação em estado de **violento** frenesi, mudar os costumes, **perverter** os sentimentos, dar nova tempera ao character Portuguez, romper os vinculos da fraternidade, e armar como Tigres indomitos huns **Portuguezes contra os outros Portuguezes**. [...] todos os Portuguezes irreflexivos, superficiaes, e pervertidos adoecêrão logo da **febre amarela da Política** (p. 11).

[...] quando insisto, que os males procedidos das dentadas da Besta se devem reparar, lembro que **talvez o maior mal, que tenhâmos padecido, he o contagio universal dos Periodicos**; e que sem a sua total abolição não poderá haver paz, e concordia entre os homens, que vivem em Sociedade politica, e civil. **Não querem revoluções? Pois não haja Periodicos** (p. 11).

[...] me dirão alguns Senhores: V. m. não faz senão esfolar, esfolar, esfolar? Sim, Senhores, esfolar, esfolar, e isso farei: tomara eu já chegar ao rabo que, ainda que seja o peor de esfolar, a navalhinha não he má; e, se as Bestas lhe fogem, ella as procurará. O remédio tambem he de corte, e esta navalha serve, porque sempre anda afiada, e desafiada por tantos patifes, e por tantas patifarias: eu farei mensão honrosa de muitos, que do Bairro proximo aqui vinhão, embuçados no honrado capote de Carcundas, para me atraçoar, e descompôr; são esses os que se doem da esfolação [...] **Desmascarar taes melquetrefes tambem he hum remedio das dentadas da Besta** (p. 12).

Se a **mocidade** se perverte por falta de educação christã no domicilio paterno, muito mais **pervertida** fica na sua destinação aos maiores estudos na **Universidade** [...] depois que a contágio Maçonica se derramou por aquelle Alcaçar, que devia ser da sabedoria, e da virtude. [...] ha presentemente Aldêa em Portugal que tem dentro do âmbito de seus curraes tres Doutores em Filosofia, oito Bachareis em Leis, quatro Medicos, que, faltando-lhes a gente, para não perderem o exercicio, matão Lebres, Perdizes, e Coelhos; e para a mattança ser mais geral em apanhando freguezes matão o bichinho do ouvido com Politicas, e reformas economicas, e militares (p. 12-13).

[...] A Sciencia Medica he a Arte maxima de Raymundo Lulo, que tudo abrange, e ninguem entende. Para mostrar no dedo annular hum desmarcado brilhante, tactêa hum pulso com escandalosa distracção; com a mesma contempla o liquido no Ourinol, receita Bichas, e vai para a Traquitana com o pé leve, e com a mão pendente; eis-aqui hum Medico de truz, e isto os habilita para regularem em Politica os destinos do Globo, e os interesses das Nações? [...] o estudo da Medicina, cujo exercicio deveria ser **condicional: se cura, paga-se; se não cura, rua**. Não basta que o Mestre Çapateiro me tome a medida para huns çapatos, he preciso que mos faça para eu lhe pagar. Isto entende-se. Ha de hum Medico enterrar-me, e os que cá ficão hão de vender os meus lençoes, e as minhas cuecas para lhes pagar, dizem elles, que as visilas? Quaes visitas? Antes elles mas não fizessem, eu morreria de meu vagar, e na paz do Senhor. Insisto nisto, porque **todos sabem que sou doentissimo, e victima de interminaveis dôres**; porém se o remedio unico, e universal para todas as molestias são as **Bichas**, como está demonstrado, para isto bastão os Barbeiros, que as vendem, e que as deitão (p. 13-14).

[...] Quantos exemplares de ambos os triunfos Maçonicos¹⁸³, que por pesquisas rigorosissimas da Policia se podessem apanhar, condemnando os sonegadores a pena de açoutes, não dados por cerimonia, nem comprados ao Carrasco, se devião condemnar ao fogo em Cadafalço levantado no Rocio [...] (p. 14).

[...] **O Esfolador não se cala ainda que o esfolem.**

Pedroços 17 de Maio de 1829 (p. 16).

¹⁸³ Constituição de 1822 e Carta Constitucional de 1826.

N.º 16.

RINCHA!

Ecce iterum Crispinus, et est mihi soepe vocandus/ In partes....

Venha Pizarro novamente á balha,/ E, depois do Pizarro, outra Canalha!

Juvenal.

Trabalhar o cacete, desandar o bordão, descarregar o arrocho, são axiomas eternos, e invariáveis regras de Justiça, quando se tracta de amansar, ou de tirar manhas ás Bestas [...] torna aqui Besta, e chó Besta, isso não faz nada, he perder tempo; e **com Bestas não ha contemplação**; perde-se a obra, perde-se o trabalho, **se o páo não trabalha**, e trabalha deveras. Hoje 24 de Maio, aqui mesmo nesta cama, me vi rodeado, segundo o costume, de respeitaveis Carcundas [...] tinham o veneravel rosto mais alegre que de ordinario trazem [...] Eu me espantei, e lhes disse: Vossas mercês virão algum Passarinho novo? [...] vimos, e ouvimos **muita pancada, e não erão de enxotar moscas, erão de crear bicho**. Pois Senhores, se ellas forão bem merecidas, então forão bem assentadas, e **nunca as mãos doão a quem as assentou**. Mas digão-me quem as dêo, e quem as levou; quem as dêo forão os homens de bem, quem as levou forão os patifes. **Então forão bem dadas, e bem levadas** [...] Tudo isto he bem de presumir, e de inferir que não ha hum Carcunda, digno deste nome honradissimo, que seja capaz de obrar huma acção injusta, hum acto criminoso, ou de assentar com energia, e vigor huma **lambada**, que o Ceo, e a Terra não estejam pedindo [...] (p. 1).

Todos os actos carcundaes, que tiverão lugar em 1823, todos os actos carcundaes, que se virão em 1828, trouxerão em si o cunho da justiça, da honra, e da probidade; e julgando agora huns pelos outros, o que se me diz da **pancadaria, e bordoada de 1829, hão de ter o mesmo character de virtuosos**, grandes, sublimes, dignos da Trombeta Epica, e do mais bem apontado Buril da Historia. [...] **eu estou intimamente persuadido que a Justiça pública tem que agradecer aos Carcundas esta mesma estrondosa pancadaria, e bordoada**; porque estas mesmas latadas em costellas, estas mesmas fracturas de craneos, estes mesmos braços deitados abaixo, bambaleando como mangas perdidas de sotana de Clerigo, que são duas linhas, onde se empatão anzoes, que alguma cousa pescão etc., he ajudar a mesma Justiça em seus sagrados trabalhos [...] (p. 2).

Que pena, e sempiterna magoa! Poder eu ainda usar das mãos, e não poder usar dos pés tolhido pela **enfermidade! Mas esta penna he hum arrocho: pois ahi vai huma arrochada**. Ninguém diga que he de cego, porque não ha quem veja melhor, nem conheça melhor a causa (p. 3).

[...] Porque se tem feito tantas Senhoras malhadas? Eu o digo, e esta he a minha opinião, fôrão para a malhadice porque tinham **vontade de dar á lingua. Badalar, badalar, e mais badalar** (p.16).

Em **Pedroços 28 de Maio de 1829** (p.16).

N.º 17.

PEGOU-SE.

[...] Esta imagem da Besta muito explica, mas tambem **huma figura, ou methaphora demasiadamente extensa, muito enfada** (p. 1).

[...] Chega a noticia veridica, fidedigna, e inquestionavel, a entrar pelos ferros do Limoeiro: os de baixo não se alegrão tanto ao entoar da — Salve Rainha — na presença dos mui adubados caldeirões , como se alegrarão s de cima, não com a nossa — Salve Rainha — mas com o viva de outra Rainha, que não he nossa: querem elles, que seja delles, e pelos grandes serviços, que lhe querem fazer, e já tem feito, ali **estão de aposentadoria naquelle Palacio, e para merecerem delle a aposentadoria perpetua, porque dalli para a forca**, e para a cóva, romperão em vivas de fieis vassallos, e obedientes subditos [...] (p. 2-3).

Ralha-se do Fanatismo Musulmano, porque Mafoma, levando na mão esquerda o Alcorão, e na direita a Cimitarra, ou o Alfange, assim dêo principio á sua missão, annunciando seus tresloucados dogmas, e extravagantes delirios á frente de exercitos poderosos; vem os **Mafomas do Porto com o Alcorãosinho da Constituição na mão**, e na boca, e atraz de si hum exercito de furiosos ladrões de uniforme; e desgraçado quem não queria, nem jurava o Alcorãosinho de origem Franceza, e atavios Hespanhoes; os que o não querião erão facciosos, e rebeldes á soberana, e geral vontade da Nação, representada pelos seus mais ferozes, e implacaveis inimigos com tal furor propagandista, **com tão cego Fanatismo revolucionario, que nem nos mesmos Arabes, que corrião atraz de Mafoma , se descobrio nunca** (p. 7).

[...] Se elles chamão Fanaticos aos Martyres do Christianismo, **tambem eu chamarei Fanaticos aos que elles chamão Martyres da Patria, aos enforcados, e queimados no Campo de Sancta Anna, e na esplanada da Torre de S. Julião.** Tudo isto tenho dicto sem perder de vista os levantados, e furiosos na Cadêa do Limoeiro. **Á vista das forcas levantadas no Porto, e da que está em sessão permanente no Cães do Tojo em Lisboa, e da que se acabou de apeiar no Cães do Sodré, com inaudita pertinacia, o Fanatismo Constitucional de tal maneira os endurece,** que até os obriga a fechar os olhos aos reverberos da Espada da Justiça, que lhes está vertical á cabeça (p. 7).

[...] Os que não o querião então, porque o querem tanto agora¹⁸⁴? Por certo esta mudança não he da dextra do Excelso! Então era o anathematisado, e o excluido do Throno, hoje he o legitimo Herdeiro: então era o rapazinho, que carecia de viagens, e de instrucção, e hoje, sem se tirar do meio dos seus Cariocas, nem da sombra, e frescura das suas Bananeiras, he o Genio Creador de Imperios, he aquelle Legislador admiravel, de cuja alta sabedoria he parto aquelle Codigo immortal, que mette n'hum chinelo todos os Códigos, e Pandectas dos Solons, e dos Licurgos. [...] Justiniano, com todos os trabalhos de seu longo Imperio, juntando mais Leis que dias teve de governo, fundindo, e refundindo todas, não chegaria a felicitar os homens com huma Carta, e com hum **Hymno**, como o do Senhor D. Pedro, não tendo ao pe de si nem livro, nem homem mais que Francisco Gomes, o novo João das Regras daquelle **paiz de Jacarandá.** Quando havemos acreditar tamanhos Impostores? N'hum instante deixou de ser o rapazinho, e se transformou n'hum homemzarrão; e o que **agora lhe chamão — ão — então lhe chamavão — inho.** — Então não era Principe para herdar, hoje he Monarcha para governar, e Monarcha para abdicar. Então **era nada, agora he tudo** [...]. Que lhes tinha feito o Senhor **D. Pedro** para lhe terem tanto **odio**, e agora que lhe faz o Senhor D. Pedro para lhe terem tanto **amor**? (p. 8-9).

[...] Tenho tractado, quanto posso, destes Martyres do Diabo, ou destes materiaes instrumentos Maçonicos, de que a Alta Camara Maçonica dispõe generosamente, porque ainda que encontrem a maquia da forca, bom será, diz a Alta Camara, que se excite o descontentamento, e se torne odioso o que a Alta Camara mais aborrece que a mesma forca. Sempre se ganha alguma cousa; ainda que se percão quatro

¹⁸⁴ D. Pedro.

cabeças d'alhos, isto são fracções infinitissimas, que nenhuma falta fazem na maça indefinita da veneranda dominadora da Terra (p. 9).

[...] Este exercito de embrexados, cada Soldado com seu farrapo de côr diversa, sem saber para onde ha de ir, sabendo menos para onde o ha de levar o seu General Candido, o **narigudo**, são medidas tão **tresloucadas**, que **farão rir** o Genero humano, em quanto o Mundo for Mundo. Todos estes recursos da desesperada **parvoice**, porque nellas eu vejo ainda **asnear** mais do que se asneava em primeiras, e segundas Cortes, tem sido infructuosos, e só produzem huma abertura de boca extraordinaria de cá, e de lá: nelles lá, de pasmaceira, em nós de cá, de **gargalhada** [...] (p. 9).

Ha por ahí Veneraveis, que não abrem as sessões cavernaes, senão por este eloquente discurso — [...] O Pedreiro, que não for hum **mentiroso** de lei, não merece trazer pendurada do pescoço, **em quanto o não pendurão pelo pescoço**, a celestial Esquadria, e a divina Trolha, como aqui appareceo pintado **hum dos nossos mais sanctos, e respeitáveis Patriarchas, o Senhor Hypolito**¹⁸⁵. Só huma verdade deveis dizer, e he esta = somos **os maiores patifes, e os mais famosos ladrões** do Universo. [...] Menti sempre; sempre deveis mentir, e **ainda que mais depressa se apanha hum mentiroso que hum coxo**, não importa; menti sempre. A calumnia tem por base a mentira, e sem mentira não se pode calumniar ninguém, nem levantar-lhe hum falso testemunho, e sem isto não se suplanta o homem virtuoso. [...] O Grande Architecto vos bafeje, vos assista, esteja comvosco sempre, e vos faça huns bem apontados, e **perfeitissimos mentirosos**. — Este he o **Discurso de chavão**, e o que está **lançado na Acta** para não esquecer (p. 10).

[...] Eu nunca encontrei a **mentira**, que a não encontrasse **a cavallo nas** [10-11] **Gazetas, e nos Periodicos** (p.10-11).

[...] Como se não bastassem os Periodicos escriptos na lingua do paiz (que sendo estrangeiro, **falla Portuguez, posto que algum tanto mascavado**) tambem ha hum Periodico escripto em Francez, que se intitula — Folha Politica, Commercial, e Literaria, ou Correio do Brasil. – Muito bem se sabe quanto seja vulgar a **Lingua Franceza, que se póde chamar a lingua geral**; e para chegar a todos os Povos da Terra a malquistação, para os indispor, e prevenir contra o mais justo, e paternal Governo, contra a mais respeitavel das frentes croadas, escreva-se em Francez; e **mentindo nesta lingua** [...] (p. 12).

¹⁸⁵ Hipólito José da Costa, redactor do *Correio Braziliense* e alto dignitário da Maçonaria em Inglaterra.

[...] Se eu podéra dormir **com dores**, não faria já senão dormir, que he melhor que matar-me de impaciencia, e indignação á vista de miolos tão duros, e de corações tão perversos! Tantos, e tantos, grandes, meões, e pequenos, que não tem, nem achão no meio de apuros, e privações, **a ponta de hum chavelho** para roer, querem **Carta**, querem **pélles**, querem **Camaras** [...] querem Galerias para vêr, e **Palhaços** para escutar [...] (p. 14).

Não cuidei que a Besta pegada acabasse com tanta seriedade na esfolação deste N.º; mas apparecem objectos de sua natureza tão sérios, tão graves, tão dignos de nossa attenção, que he preciso, eu o confesso, proporcionar-lhes o estilo, **por que eu posso fazer mais alguma cousa que gracejar. Rindo, também se diz a verdade.**

P.S.

E N.B. A paginas 16 do precedente N. 15 ha hum erro, que eu não empurro a ninguém, nem mesmo aos costumados despropósitos dos Compositores da imprensa; he meu proprio, e a ninguern pertence senão a mim. Ou por estar despichando canastras de vinagre quando escrevo, ou por aturdido, e confundido com a vozeria dos pios visitantes, ou afflictissimo com hum dos maiores tormentos, que fizerão ao nosso Salvador, que foi fazerem-lhe muitas perguntas [...]. O Censor, que, revendo o ms., encontrar destas jumentices, sem me confundir com a Besta, porque essa he d'outra especie, me fará o verdadeiro favor de emendar, e por isso lhe ficará muito obrigado, e reconhecido

Pedroiços 3 de Junho de 1829 (p. 16).

N.º 18.

Os dous focinhos da Besta.

“[...] Oh! Dirão muitos, o Padre está velho, e enfermo, **para Setembro faz sessenta e quatro annos**, e o vigor da alma segue sempre a condição do corpo; já não sabe o que diz, e os seus bons desejos o cegão muito! Meus Senhores, a minha alma tem sempre a mesma idade, apesar do caruncho, que vão tendo os órgãos (p. 5).

[...] Deixámos as nossas mulheres, e não mulheres, **alguns filhos deixámos na Roda**, porque, ainda que nos nascessem no curral, quizemos imitar nisto o nosso *mui sancto* Patriarcha o Sr. João Jaques Rosseau, pois quantos teve, lá os **aposentou**: deixámos os nossos officios, e beneficios, porque como erão *in solidum* da

apresentação da Confraria, sempre nós levavamos os mais pingues, que muito asnos seríamos nós, se, tendo a faca, e o queijo na mão, não partissemos grande talhada para os nossos afilhados: deixámos a commodidade das nossas Lojas, bem situadas, e ricamente guarnecidas (p. 7).

[...] Pedro Sul em hum instante levou a tocar na ultima linha da Civilização a Nação Brasileira, desmentindo a Europa inteira, que para motejar, e sacrilegamente , dizia que os **Brasileiros são como os jumentinhos**, em pequeninos muito vivos, muito expertos, pulão, saltão, brincão, correm, emfim são a mesma viveza; quanto mais crescem , mais se lhes diminue a vivacidade, começam a se lhes dobrarem, e cahirem as orelhas, nenhum arrocho, por mais vibrado, e sacudido que venha, os faz andar, não tomão geito, **pirguiçosos**, e indolentes. Este retrato he **exagerado**, e carregado; e eu estou persuadido que esta regra, ainda que tão geral, terá de tempos em tempos suas **excepções**. [...] Mas prescindindo desta comparação dos jumentinhos, e attribuindo tudo ao Clima, como fez o summo Publicista Montesquieu, porque hum Clima ardentissimo enerva os corpos, e torna languidas as mesmas faculdades intellectuaes, porque **se o corpo se não meche, o espirito não se bóle**. Se os Brasileiros pouco devem á Natureza, devem tudo á politica actividade do Sr. D. Pedro. [...] O Genio Creador de Imperios, o Genio Legislador do Sr. D. Pedro junta aos talentos de Licurgo nas Artes da Paz os talentos de Temistocles, e de Epaminondas nas Artes da Guerra [...] (p. 8-9).

[...] e se **hum arrocho nos espera ao menos em quanto o pão vai, e vem, folgão as costas**. [...] Não me digão que eu invento cousas de minha cabeça; que sou como o Penteeiro de Coimbra, que **fazendo caixas de corno muito bonitas, e torneadas, dizendo-se-lhe huma vez — Ó Mestre donde foi vossê aprender isto? — Respondêo — Em parte nenhuma: são cousas cá tiradas da minha cabeça**. Não Senhores, estas cornodagens não tiro eu da minha cabeça, acho tudo **nos papeis publica-rasamente impressos**. Ouvirão o que dizia o **Diario das Cortes**? (p. 15).

[...] P.S. E as Malhadas? Isso são contos largos, pedem tempo: nós fallaremos, o caso vai trazendo comsigo muitos abanicos!

Pedroiços 19 de Junho de 1829 (p. 16).

Dêo-lhe a Mosca.

[...] Com a Mosca qualquer Gato he hum Tigre, qualquer Burro he hum Leão. Emfim, ou homem, ou bruto, (e ha muitos homens, que o são) ninguem pára com a Mosca. [...] Emfim o atrevimento das Moscas chega desde a Tiara Pontificia até esta minha propria Carapuça, desde a fechada Coroa Imperial até á mais aberta, fendida, e arruinada choupana; e na classe bruta desde o Elefante até ao Carrapato (p. 1-2).

[...] **O maior crime, que se tem comettido neste Reino desde a sua fundação até agora, foi a revolução de 1820**, pois menos culpa tem quem a inventou que o Exercito, que com a força fez executar. [...] A primeira investida da Besta, esporeada da maldita, e excommungada Mosca, vendo-se no campo largo do Rocio, foi embocar pelo Palacio do Governo; e eu ri bastante, porque conhecia o sujeito, que era hum Arrieiro forçado da Besta, homem gordo, e apessoado, chamado o Alves; só a Besta com o frenesi da ferroadada da Mosca podia inspirar este homem, porque, deitando a barriga para fora do parapeito da Varanda, começou de apostrofar o Povo como seu meritissimo Juiz; e quando esperava que se tractassem os negocios da Casa, e das habilitações legaes para as Capatazias, como proprio, e legitimo órgão da vontade geral da Nação, por elle dignamente representada, lhe assentou hum discurso com redundancia Caningana, com que a fez desde aquelle dia perfeitamente Constitucional. Só a Besta no furor da ferroadada podia ter esta lembrança; e se a Besta com effeito não fosse tão ladra, e parasse só nisto, muito nos faria rir. **Trema embora a Casa dos Vinte e quatro á vista, e apparecimento d'aquelles estirados Bacalhãos**; e da grossura enorme d'aquella vermelha tranca; fique dentro d'aquellas paredes, e debaixo d'aquelles tectos aquella municipal authoridade, aquelle páo, e aquella capa curta; mas fallar á Nação, annunciar-lhe o estabelecimento de nova forma de Governo, a abolição do antigo, a proscripção da Monarchia absoluta, e tudo isto **pela voz do Juiz do Povo, sem haver no Rocio lama, com que se atirasse á cara, não do Mestre Alves, mas da canalha criminosissima, que lá estava dentro, e que empurrou o Alves para a Varanda, assoprando-lhe por detrás** o que que devia dizer por diante... não sei o que admire mais, se o embrutecimento, ou desmoralisação, em que tinham posto a Nação, se o medo, e frôxidão, por não dizer outra cousa, de alguns Grandes, que não trepárão aquellas escadas, e fizerão n'aquella mais que **plebêa pandilha**, no dia 1.º de Outubro de 1820, o

mesmo que tinham feito no 1.º de Dezembro de 1640 em Miguel de Vasconcellos, que, se não foi no Palacio do Rocio , foi no do Terreiro do Paço (p. 4-5).

[...] Não apparecêo Alferes Mor, nem hum Alferes dos **Chuços**, que á sahida d'aquellas portas lho fosse enterrando **na barriga** a cada hum delles. Tanto medo da Besta, que vinha com a Mosca! Eu não via mais que o aspecto da obstupecção em todas as Classes. Os mesmos **Arrelequins** da Canda¹⁸⁶ Histriôa se devião admirar, e dentro em sua alma ou huns com os outros o devião fazer, vendo o aviltamento de huma População de trezentas mil almas, como **estupida, e embaçada** vendo dissolver hum Governo legitimo, e estabelecido pela absoluta Soberania do Legitimo Monarcha, levantando-se de suas Cadeiras para nellas tomar assento meia duzia de **Bachareis de Salamanca**, ou **Peralvilhos de Cordova**, trazidos pelo **Gil Blas da Figueira**, chamado **Manoel Fernandes** (p. 5-6).

[...] Elles não podião vomitar pela boca estas palavras, sem que a corda do Carrasco lhes apertasse a garganta; mas elles as disserão na prática, porque as provas, ou demonstrações destes seus axiomas erão feitas pelas baionetas, que atraz delles vinhão, e com as quaes entulhárão a Capital. Com ellas esbulhárão os Governadores da sua tão legitima authoridade, porque os Governadores representavão o Soberano, que em seu lugar os havia deixado. Os Portuguezes de facto ficarão sem Rei; a Soberania passou para as mãos de huns poucos de **caloteiros do Porto**: as Pastas dos seus Secretarios passarão para os sóvacos de outros tantos **piolhosos**. O Nobilissimo Senado da Camara se compoz dahi a nada de Taberneiros, e de Marcineiros; e se faltasse o Presidente na já começada Democracia, o Vice-Presidente era o Cabreira!!! (p. 9).

[...] O Exercito Portuguez. Em se **embebedando** tres, ou quatro Commandantes de Corpos, tínhamos logo a mesma **galhofa**; e, se a não temos, podemos, sem muita offensa da caridade, espera-la a cada instante; porque são tão seguidos os factos, tão uniforme, e tão constante a experiencia, que já se pode affirmar sem temeridade; e se muitos senhores se estimularem muito, quem lhes tem mandado vestir a pelle de lobo para o serem? Estão huns poucos de Regimentos de guarnição no Porto? Levantão-se; vai hum Batalhão para guardar, e defender huma Ilha? Levanta-se. **De maneira que onde estão os Senhores Soldados he preciso pôr outros Soldados, que os guardem**, para que se não levantem; e ter outros muitos de sobreselente, para que estes tambem se não revoltem; assim podem ir nesta cautela em hum progresso infinito, destes

¹⁸⁶ Gralha corrigida no nº 20, p. 16: deve ler-se «Banda».

guardarem aquelles, e aquelles serão guardados por outros. Ora, para que estes, e estoutros, aquelles, e aquelloutros se não **amotinem**, nem conservem o Reino em interminavel sobresalto, não haja nenhuns (p. 11-12).

[...] Quem havia guardar o Reino, e defende-lo? Se mo perguntarem, eu o direi, e todo o meu plano levará hum oitavo de papel, quando muito. [...] E o socego interno das Povoações com que se ha de manter? **Quem a fizer que a pague, e pague logo**. E os ladrões? Isso he nada. Os Povos que os apanhem, e a **força** que os acabe. Isto entra na regra geral de que — quem a fizer que a pague, e pague logo — Nas povoações pequenas bastão duas cousas, hum Ministro bom Christão, e com hum coração recto e justo, e hum Quadrilheiro com huma cara de Satanaz, e huns figados de Beelzebub. [...] E as povoações grandes? Eu lho digo: ha huma cousa chamada Policia, que quer dizer — Boa Ordem — esta conserva-se com a força, e esta força não he hum Exercito de vinte e quatro Regimentos de Infanteria, doze de Cavallaria, quatro de Artilheria, doze Batalhões de Caçadores, cincoenta e dous Regimentos de Milicias [...]. E então que se ha de fazer de tantos mil Soldados? Causa nenhuma. Cada hum delles não tem huma **espingarda**? Pois **tenha cada hum delles huma enchada**; escusa-se então de ouvirmos continuadas lamurias sobre o desprezo, em que está a Agricultura! (p. 12).

Deixemo-nos disto, que a isto se chama governar o mundo em sêcco; mas dê-me o coração, vendo absorver as rendas do Estado, que muitas provêm do **suor dos Cultivadores**, em pães de munição, em soldos, e gratificações a bôcas abertas, que, por mais hum vintem, estão promptos para gritarem hoje — viva este — amanhã — viva aquelle, e fazer-nos **recear** a cada instante a **creação de hum Conselho Militar**.

[...] O Imperio do Brasil sempre foi muito farto de Minas; estancarão, ou desaparecerão as de ouro; as de diamantes sumirão-se mais para debaixo da terra, porque em fim os diamantes, e os brilhantes tambem se enfadárão, ou de enfeitar cabeças ôcas, lá cobertas de **carapinha**, e aqui enterradas em **caracões** [...] (p. 13).

Não ha ouro, diamantes, brilhantes, rubins, opálos, e esmeraldas mais preciosos, nem mercadorias de mais prompta importação, nem nos Reinos estrangeiros de mais lucrativa exportação, que são os **Periodicos**; **peste** que com effeito rompeo do Levante, porque em Veneza se começou a ouvir primeiro a **aterradora**, e sempre espantosa palavra — **Gazeta** — diante da qual a **verdade treme** como varas verdes. Ora: da Mãe Patria, e opulentissima Metropole do Quinto Imperio do Mundo, composto de **gentes de varias côres**, em que a Natureza parece andar brincando, como hum habil Tintureiro, entre o branco, e entre o preto carregado, porque até na côr amelaçada se divisão mais

ou menos **grãos do preto, e pardo; são tantos os Periodicos, que se crião, e exportão, que até nós chegão em cardumes**; e como se lá não houvessem mãos a medir, forão de cá, para **dar mais aviamento**, apurados Artistas para aquellas **fabricas da impostura, do embuste, e do desaforo** (p. 13-14).

[...] Se estes Senhores **di lá** são patifes, os **di cá** fazem justiça, pois não queremos que os Estrangeiros venhão dar Leis, e mudar Leis dentro em nossa casa, como nós não vamos dar Leis, nem mudar o Governo da sua. O Seu Monarcha tem lá hum Throno; o nosso cá tem o que só a elle pertence. Que não ha de acabar este **fedor de catinga**, com que nos vem inficionar o ambiente, que respiramos!! [...] Sêjão embora Consules do Sofi da Persia, se elles cá vem **assoprar revoluções**, nós cá temos muito boas, e seguras **Forças** para os hospedar, e muito habeis Carrascos para lhes arranjarem as guelas, e mais as cabeças. A Alçada, que o pronunciou, e prendeo, **em grande ratada o apanhou** (p. 15).

[...] Assentemos de huma vez que **muito pode o gallo no seu poleiro**; nós aqui estamos empoleirados vai por setecentos annos, e talvez que mais; não queremos cá quem nos venha aqui dar os dias sanctos , sob pena de lhe batermos as trevas, e trevas sempiternas. **O peor he a gente agachar-se**, porque se nos achão moles, carregão sobre nós; e se nós malharmos em nossos inimigos internos, e externos, **como quem malha em centeio verde, não lhes morreremos nas mãos**, que he a maior de todas as parvoices (p. 16).

[...] E as malhadas! Já me disserão que eu tinha medo dellas. He verdade, porque ha por lá **velhas** com caras taes, que o proprio Satanaz terá medo dellas, quando começo no **fallatorio a bater hum no outro os desdentados queixos**; deixem-me passar este medo, que não será preciso esperar pela Quaresma para ficarem todas serradas. [...]

Pedroiços em a noite do S. João (p. 16).

N.º 20.

Não despega a Mosca.

[...] E as malhadas? Eu quero-me encher de razão; e a cousa estoura por instantes; e, quanto mais se demorar, mais estrondosa será; isso ha de dar brado! A cousa he de muita ponderação, requer prudencia, mas esta tem seus limites; e, em estes

se excedendo, então a cousa vai de esbarronto, e está por dias, porque isto assim não pode ser; **estou cheio até aqui . . . mas he de dôres hoje 4 de Julho de 1829** (p.16).

N.º 21.

Passeio militar da Besta.

Muitas pessoas circumspectas, doudas, grandes servidores da Augusta Causa do Carcundismo [...] me tem enviado a dizer que lhes parece, e julgão muito bastante, o que até aqui tenho dicto, e escripto dos estragos, e males de toda a qualidade, causados pela Besta [...] e que por isto seria mais conveniente agora que eu [...] apontasse os remedios efficazes, e convenientes, se não para destruir aquelles males, ao menos para obviar seus progressos, e cicatrizar algumas de tantas, e tão pestilentas chagas. [...] permitão-me tão respeitaveis membros do corpo carcundal que eu lhes diga que ao Vigario não se ensina o Padre nosso; e que por ora vão elles continuando no seu exercicio do **cacete activo**, todas as vezes que o respeito dos Altares, e a estabilidade dos Thronos com a tranquillidade dos Povos assim o pedirem, guardando sempre os termos da **moderação**, e da justiça; e que me deixem cá com o meu officio, que bom he fazer jornadas com Arrieiro velho, e navegar com Piloto pratico, e experimentado. [...]

Dirão que isto he muito gabar de Noiva, e que eu não deixo o meu credito em mãos alheias: digão lá tudo quanto lhe vier á testa. Supponhamos nós que eu gabo a Noiva; pois saibão que a Noiva he para isso, e talvez que nunca torne a apparecer outra com tão bons bigodes. **Debaixo da capa de hum gracejo** se apresentão os mais sólidos, e proveitosos documentos para a conservação, e independencia deste Reino, e **se escondem as armas mais poderosas para combater, e derrotar os mais poderosos inimigos;** o que parece mera **diversão ás dores do hum enfermo**, he hum trabalho, que pede a maior contenção de espirito, e o maior esforço da imaginação (p. 1).

[...] Isto não he a superficialidade, com que o P. do Forno do Tijolo compõe as esfolações da Besta, que são cousa nenhuma; qualquer que quizesse perder huma hora, ou hora e meia, fazia outro tanto, e melhor; porque **não he mais que fazer rir a gente**, sem utilidade nenhuma; *isto tem dicto muitos grandes, e outros mais pequenos*. Sim, Senhores, porem mostrem-me onde estejam os papelinhos, e os livrinhos, onde exista em todo, ou em parte o que eu tenho escripto!! Esta he a primeira vez que me queixo da injustiça, depois que neste tom comecei a fazer algum serviço aos homens de bem,

declarando que he hum puro **parto de imaginação**, e não hum aggregado de idéas heterogeneas, colhidas aqui, e alli em livros, ou papeis [...] (p. 2).

[...] Seja embora fraca a comparação, ou confrontação dos Romanos; mas nós não temos outra. Muito se parecem, até nas cousas, que são menos significantes, e salientes. Dizem que os dous pais da Gente Romana forão em pequenos alimentados com o leite de huma Loba; e **porque não seriam os pais da Nação Brasileira**, não digo eu alimentados com o leite de huma Macaca, mas **filhos naturaes da mesma Macaca**? Pelos domingos se tirão os dias sanctos; olhem-lhe bem para **aquellas carinhas...** me melem, se ainda se lhes não descobrem vestigios pouco confusos da **origem macacal**! E as **fallinhas** não parecem ainda **guinchos** da ternura materna? Eu quero bater-me peito a peito, ainda que me não possa nem mexer, nem levantar só desta cama, e desta cadeira, com qualquer campião da melaçada **di lá**, para lhe provar que naquelles **chatos focinhos, rombos narizes, flexiveis orelhas, roliços, e derrubados beiços** não ha alguma cousa só, hum só ar do venerando rosto Portuguez. Vejão-se os retratos antigos, e conhecer-se-ha que a Nação Portugueza, **sem mistura**, he na verdade a **Aristocracia da Natureza** [...]. Mas não nos vamos perder nas sombras dos seculos: as raças conservão-se, fallem ellas, e calemo-nos nós, que o peor he descozer fiados, e querer ver os fios á teia, e o fundo á canastra. Se dizem as más linguas que não ha geração sem meretriz, e ladrão, que muito he que vamos achar, no que se diz puramente Nação Brasileira, alguma cousa de rabo comprido! Deos me livre! E ha Portuguezes, que se queirão naturalisar Brasileiros? Isto he indispor aquella Nação contra mim! **Disso gosto eu muito**, e tanto está contra mim que até n'hum Periodico, como veremos, me chama Pedreiro Livre!!! Ao P. do Forno! Grão Major da Brigada Carcundal!! Verá o Mundo daqui ávante qual he **o meu agradecimento a tamanho favor** (p. 3).

[...] os Brasileiros, para dizerem em seu Augusto Salão mil parvoices, que fizerão a risota do Mundo, mandarão que fallasse José Bonifacio, Antonio Carlos, Lino Coutinho, e Manoel Barata!

[...] E a Burra a fugir! Vai na enviada, e he preciso segui-la em seu passeio militar. [...] Levantou-se perpendicular á **Torre de S. Julião**, saudou com a traquinada das orelhas os seus amantes, e queridos filhos alli **residentes** muito contra sua vontade, promettendo-lhes huma cuia de Bananas; e de hum pincho se foi peneirar sobre a Ilha

Terceira [...] não quiz deixar de ver, ao menos de longe quiz ver, as do Cabo Verde; **mas a sua pena foi grande por ter morrido o Pato** ¹⁸⁷ [...] (p. 4).

[...] beijando os pés ao Pão de Assucar, balisa pregada no meio da barra da Capital do Quinto Imperio do Mundo prometido pelo P. Vieira a ElRei D. João IV, e tirado por seu filho a ElRei D. João VI. [...] As Pretas, e os Moleques, que **ião para a praia vazar certos Boiões** cilindricos, e vidrados, tornárão para traz, não tropicasse, ou esbarrasse a Besta, porque **a materia era escorregadia** [...] Se ella por lá não tivesse apparecido, a Nação Brasileira, vestida unicamente da sua pelle natural, trazendo em sua cintura hum saiotinho de pennas de Papagaio [...] seria a **Nação Cabouca**, e a Nação Gamella. Os Portuguezes tinham feito destes semi-homens huma Colonia de **escravos**; e lembrem-se elles que, depois de domesticados, quem advogou com heroico valor a causa justa da sua natural liberdade, foi o Jesuita eloquentissimo Vieira, e o mais castigado, e polido de quantos em Portuguez escrevêrão. **Quem fez daquillo huma Nação forão os Portuguezes; quem fez daquillo hum Imperio foi a Besta** (p. 5-6).

[...] Desde a assignatura do **fatal** Tractado da Independencia, eu deixei de ser subdito, e vassallo d'ElRei de Portugal, fiquei **estrangeiro**, e independente, e neste estado não posso ser seu herdeiro; a herança ficou a quem até á morte de meu Pai ficou sendo seu subdito, seu vassallo, seu filho; e contra razão tão clara eu nada tenho que allegar, e responder. **A verdade he como o azeite**, vem ao de cima d'agua.

[...] contemplando de huma, e outra parte o longo fio de tantos Palacios, e tantas Praças, que rivalisavão com a Praça Navona da moderna Roma, que vinhão a ser as Quitangas da Alcomonia, e de Burrié das seminuas Pretas, entrou com magestade, e ufania para seus sumptuosos alojamentos: e aonde? Na rua de Quitanda [...] (p. 6).

Não pôde no Tejo fazer medrar Carta, deixando tão publicamente mentiroso Manoel Borges, que com tanta segurança gritava no Augusto Salão: — E a Carta a medrar. — Não pôde fazer arraigar a Arvore da Liberdade, que vem a ser ainda menos que a Liberdade dos forçados das galés; não pôde erguer o Throno de Astrêa, que seria o da Senhora Princeza do Grão Pará, que segundo as nossas Leis não podia reinar sobre nós, porque he Princeza Estrangeira, salvo se o Pará he parte do Reino de Portugal, posto que haja quem diga que bem o deseja ser; parte do Reino de Portugal não só he o Pará, mas todo o Brasil, porque onde quer que a cousa esteja he de seu dono; e a maldita

¹⁸⁷ Nuno Álvares Pereira de Pato Moniz, adversário de José Agostinho de Macedo em controvérsias literárias e políticas frequentes, era um alvo constante das diatribes do padre. Na sequência da Vilafrancada, foi desterrado para a ilha do Fogo, em Cabo Verde, onde morreu, em Setembro de 1826.

da Carta a gritar sempre com o Direito da propriedade, sagrado Direito da propriedade, e sahio-se com hum roubo daquelles! (p. 7).

[...] **que eu como bom, e verdadeiro Carcunda que sou pela Graça de Deos, desde o mastro da mesena, até aos castellos da prôa, levava a Molecada toda a Cacete.** [...]

Terão razão os meus Leitores, e até os meus soletradores, de me perguntarem que tenêta he esta agora minha com o Brasil, e com os Brasileiros? Ah! mal sabem elles o que vai; mas hão de saber, porque eu hei de pôr tudo em pratos limpos. Aqui está ao pé de mim hum mólho de Gazetas, e papeis do Rio; nunca as mãos dão a quem me mandou este inapreciavel presente. Estão cheios a deitar por fora de improperios contra o nosso adorado Monarcha; e como em hum delles se diz, e em huma inteira folha, que eu sou o seu *Corifêo*, eu o defenderei, e com usura (p. 8).

[...] Pelo que posso colligir dos impressos do Rio de Janeiro, não duvido affirmar que mui de proposito foi mandado para a Corte Imperial o bem conhecido Marcineiro, ou cabeça de páo, Mestre Pedro Carvoé, homem verdadeiramente revolucionario, inquieto, e contumaz; e que debaixo da figura de hum **trambolho estupido**, roliço, e succulento, escondia os figados de Robespierre, e os bofes de Marat. [...] Mestre Pedro, diz elle mesmo, declarando-se de grande Patente neste Exercito Periodical, foi neste Reino Redactor da Menemósine Lusitana, e, o que eu não sabia ainda, Redactor do — *Constitucional* — de 1820, e 1821. Forão ensaios para abrir Loja de fazenda Periodical no Rio de Janeiro, e alli se foi chamar o — *Analista* — para preencher os deveres da sua missão, que vem a ser, revolucionar, e trabalhar na conclusão da obra immortal, a Democracia. [...] este papel que escrevo, e que só o meu coração me dicta, he de algum interesse; porque **no vehiculo do divertimento** com o **gracejo** vai o util, e muito **util** conhecimento da **verdade**, já que a condição humana pede que esta mesma verdade, para ser **gostada**, seja **adubada**. **Sêccas dissertações são para poucos; e se convencem pouco divertem menos.** Nunca me metti a Taralhão: o homem, que se inculca, he o homem **ridiculo**: nem o Ministerio necessita de ser illustrado, nem a Nação de ser instruida sobre a grande Causa da mesma Nação; está sentenceada (p. 9).

[...] E á noite para pôr ás Senhoras? Merendem de tarde salada com rodas de paio, e ovos cozidos; e **á noite que rezem o Terço, e que vão fiar n'huma roca. E se ellas forem Malhadas, e quizerem fallar em Politica? Deita-se-lhes pimentão na lingua, que logo se calão** (p. 12).

[...] soccorros de toda a natureza forão promptamenle, não offerecidos por etiqueta, mas effectivamente mandados pelos dous dignos Caixas dos designados **Contractadores** do Real Contracto do **Tabaco**, e Saboarias; isto os caracteriza de homens Christãos, e a isto se chama a verdadeira filantropia [...] não pode o Ceo deixar de abençoar os progressos de hum Contracto o mais vantajoso para o Estado, vendo que d'antemão assim se empregão lucros não recebidos, e do que pode ser contingente fazer-se já hum beneficio tão certo, tão fixo, e tão indisputável. [...] A primeira qualidade, que nelles querem, e nelles buscão, he a de huma acrisolada adhesão á Realeza: nenhum suspeito de Liberalismo he admitido [...]

Pedroços 21 de Julho de 1829.

FIM.

P. S. Por amor desta participação não vem hoje as **Malhadas** para o **degoladouro**. Hoje era o dia. O ar está pardo, a trovoadas era infinita; mas peor, porque com a demora cresce! **Ah Cadellas!** Não tarda o dia do pagamento! Não cuidem que eu sou daquelles, que dizem: — *Venha cá para a semana.* — A folha está assignada; e, senão, leião (p. 16).

N.º 22.

A Besta em serviço.

[...] **Creou Deos as Bestas para o serviço do homem, e ao homem concedêo o imperio absoluto sobre as Bestas**, imperio absoluto independente de Corpos Legislativos, das duas Camaras, dos Senadores, e dos Augustos Salões: **para o exercicio deste absolutissimo imperio outorgou ao homem duas cousas, a primeira hum arrox, a segunda huma albarda**, ficando livre ao homem fazê-las trabalhar em osso, não ficando livre ao homem fazê-las trabalhar sem páo; assim mesmo lhe deixou livre a escolha, pode ser zambujo, pode ser carrasco, pode ser marmello: a cerejeira brava poderá supprir em taes, e taes casos, com tanto que vergue, mas nunca quebre. [...] Tal he o imperio do homem sobre as bestas, e tal he o sceptro, com que as governa, e faz trabalhar: **hum páo, e huma albarda são os signaes da sua dominação desde aquelle momento da criação**, em que disse o Senhor a nosso bom pai Adão, a quem somos muito obrigados em razão, não de huma canastra, mas de huma unica maçã,

talvez bichosa, e sorvada, com que nos deitou a perder, recebendo-a das mãos da mulher, que talvez fosse malhada. [...] **E quem dissera que a Filosofia, o Seculo das luzes, e os progressos da civilização devião transtornar esta immudavel ordem, e suspender estas invariaveis Leis da mesma Natureza!!** Aparecêo o imperio, não do homem sobre a Besta, mas da Besta sobre o homem: os páos, e as albardas das mãos do homem passárão para as patas da Besta. **Os homens fôrão os albardados; e devendo cahir os páos sobre os lombos da Besta, cahirão, com que força!! sobre o espinhaço do homem !** (p. 1).

[...] Se o Povo, e **Povo miudo** não se resolve a pegar n'hum tranca, e **desancar a Besta**, então manifestamente introduzida neste Reino, ainda lhe estariamos gemendo debaixo das patas. **Os honrados Algarvios, e Pescadores de Olhão** não tinham outras armas mais do que os croques, físgas, e bicheiros, alguns não terião mais que o páo da voga; não importa, se estes croques, se estas físgas, se estes bicheiros, se estes lambazes, se estes páos da voga são bem sustentados, e manejados por braços Algarvios, e dirigidos por corações tão honrados, e intrepidos como elles sempre tiverão, Gena¹⁸⁸, e Marengo he hum lambisco, como na realidade fôrão. Com mais vagar lhes fogem os parades das suas figueiras, do que delles fugirão os Marengistas, e os Genistas. E onde estavam muitos Grandes? A vêr os Touros, e de palanques bem altos, e bem seguros [...] (p. 4).

“[...] e vejo tantos, que enxovalharão os Titulos, que o Heroismo ganhou, e a perfidia, e a cobardia tem abolido. [...] Ah! dirão muitos, o Padre traz o espirito muito azedo com estas catastrofes do Reino, custa-lhe muito o vilipendio da Nação, a quem pertence, mas he porque tem a alma acanhada, e a não deixou jámais penetrar com hum raio de luz do Liberalismo. Ainda não dêo em sua vida huma só vista de olhos ao **Contracto Social**. Dei sim. Senhores, e muito que dei, e tanto dei, que até dei nelle com hum continuo, e solemne **Plagiato** de toda a segunda parte do Livro de Saxonio Ulberto Hulrico¹⁸⁹, intitulado — *De Jure Civitatis*,— ou do Direito do Cidadão, porque **João Jaques**, auctor **clássico dos nossos Caixeiros**, não fez em todas as suas Obras mais do que **empurrar gato por lebre. Vejão lá se eu sei alguma cousa do Liberalismo!** (p. 5).

[...] A Besta, Senhores, continua na profusão dos seus beneficios a este Reino, e de seus serviços á Nação Portuguesa, surdamente até á Epoca da regeneração em 1820, accumulando tantos favores ao mesmo Reino, que o Povo espantado, atonito, roubado, e

¹⁸⁸ Refere-se às vitórias dos exércitos napoleónicos nas batalhas de Jena (1806) e de Marengo (1800).

¹⁸⁹ Ulrik Uber (1636-1694).

escravizado, já dizia: = **antes, e mil vezes antes, os Francezes**. Aquelles erão tyrannos, mas estranhos; estes são mais tyrannos, mas são domesticos; aquelles erão finos ladrões, e estes são **ladrões superfinos** (p. 5-6).

[...] Quer querelar della¹⁹⁰? Pois queréle; quem lhe pega, ainda que **muito tinha elle na cabeça**, por onde se lhe pegar! Não se apanhão lá Touros bravos ao laço? Faça-a citar por Editos, affixem-se estes na porta do Curral, que he lugar competente [...]. O homem por certo quer chamar o caso para as **Varas**, em quanto elle se chama a si mesmo para a **Canga**. Perante que Juiz quererá este homem fazer citar a mulher? [...] Quantas difficuldades eu vejo neste caso! Aqui não ha disposições de Direito, tudo he **torto, e retorcido**, e se não he dos pés á cabeça, ao menos he na **cabeça** só. [...] O Senhor Francisco, tendo tantas pontas, não tem por onde se lhe pegue, todas as vezes que não querelasse com hum arrazoado Cipó na mão, não fazia nada, porque pelo artigo tal da Constituição do Imperio, nem o Cidadão, nem a Cidadôa podem ser presos sem culpa formada [...]. **Tenho pintado este lastimoso successo para rir, sendo elle verdadeiramente para chorar, vendo a que ponto tem chegado a desmoralização pública debaixo da dominação da Besta** (p. 8-9).

[...] **Tudo isto podia evitar o Senhor Francisco, se não pozesse no Jornal tal annuncio**, porque elle tinha na cabeça o que podia metter na boca; mas **pela boca morre o peixe**, e calado se podia consolar porque, **o que elle he, tambem o he, e tem sido muita gente** boa [...]. Se a Policia não quiz intervir com sua jurisdição, a Authoridade Ecclesiastica, devia entrar com seu zelo, e seu poder; isto não só foi hum escandalo, mas hum ataque directo á Moral pública. Huma mulher, que se faz pública, não se envergonha senão huma vez; mas hum marido, que assim se pronuncia, devia-se envergonhar sempre; **se elle se calasse, os outros homens por compaixão, e decencia, tambem se calarião; mas fallando elle desta sorte, se os outros o olharem com gargalhadas, elles terão razão, mas elle só terá a culpa** (p. 10).

[...] dizem os regeneradores, onde ha Constituição ha só virtude, huma Sociedade com Constituição he huma Sociedade sem vicios; ora ponhão huma Constituição, a mesma Brasileira [...] a par de huma desmoralisação tal, como a que tal artigo, ou annuncio nos descobre, e veção de que são capazes os homens da Constituição. Onde as não ha, e onde as não querem, tambem apparecem crimes, e apparecerão, digo, onde quer que appareção homens que sejam filhos de Adão, e em

¹⁹⁰ Refere-se a um brasileiro que pôs um anúncio no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, a 10 de Abril de 1829, tornado público que a mulher lhe fugira para se prostituir em parte incerta.

cujas veias não corra agua, mas sangue que as paixões inflammem, e atropellem; mas huma **devassidão** assim, eu ainda não encontrei em toda a historia das imperfeições humanas. Meus Senhores, os Constitucionaes, escutem hum **Caracunda**, que talvez seja o mais **indulgente** do todos os homens que tenham existido, existão, ou hajão de existir. A Lei, que lhes promette huma Liberdade, de que as paixões abusem com impunidade, não lhes traz a ventura social; acarreta-lhes a desgraça, estanha-lhes a cara, e apaga-lhes até a ultima idéa do justo, e do honesto (p. 10).

[...] No Brasil, cheio dos géneros Coloniaes, tão queridos, e tão buscados na Europa [...] no Brasil, onde cada seixo he hum diamante, e cada calhão hum topazio; no Brasil, onde cada saramago he huma maçaroca de milho; no Brasil, em cujos mares cada alforreca he huma balea; no Brasil, onde cada preta de ir vazar he huma capitalista com acções no Banco, onde se assenta [...].

Talvez seja em mim huma imprudencia ter eu mettido o meu bedelho no Brasil, e no que por lá vai, tendo cá tanto em Portugal com que me entertenha, e que por mim continuamente está chamando. Eu o fiz por dous motivos; primeiro, porque me abalou para lá a Besta, deixando-me a arreata na mão; [...] segundo, porque são tantas as injurias, que nos papeis Periodicos do Brasil se vomitão contra o nosso adorado, e legitimo Soberano, [...] que eu não posso deixar de escutar a voz da Justiça, e da Natureza, que me manda repellir a força com a força, ou combater os inimigos com as mesmas armas, com que nos combatem [...] (p. 11-12).

No Periodico — *Malagueta* N.º 86, 7 de Abril de 1829, sou eu coberto de baldões, sou chamado danado inimigo do Brasil, que estou insinuando de continuo ao Governo de S. Magestade o Senhor D. Miguel 1.º a reconquista do Brasil, como cousa muito facil [...] mas entre tantas affrontas, e vilipendios nunca me persuadi, nem mesmo veio aos miolos dos meus maiores, e bem pronunciados inimigos, a lembrança de me chamarem — Pedreiro Livre. — Para esta só eu estava guardado na honrada Malagueta! N.º 86, pag. 233 linha 5.ª — *O Ex-Frade Macedo, que eu conheço de Lisboa, he, e foi Maçon.* — Ora, bastantes tem Lisboa; mas entre tamanho exercito não haverá hum tão asno, e tão perverso, que se atreva a chamar-me filho da Luz Isto só poderia vir do Brasil em alguma carregação de couros (p. 12-13).

[...] Pedroços 2 de Agosto de 1829 (p. 16).

A Besta ao Verde.

[...] Antes desta Epoca fatalissima para a Besta, ella tinha escouceado, e escaramuçado tanto, com especialidade na primeira, e na segunda Legislatura desde 1820 até 1823, que chegou a diminuir de volume; chegou tambem a fatigar-se seu bestial espirito; estes bestiaes trabalhos diminuirão a plethóra, e a succulencia, sem lhe aproveitarem os cuidados de tantos Medicos, que atraz della andavão, como enxames de moscas atraz das mataduras de hum Burro lazarento. **Tão amigos são alguns Medicos da Besta**, que parece lhe sahirão da barriga. Os cuidados forão muitos; as visitas continuas, as receitas forão tantas, que parece querião deixar exhaustas as Boticas, com indisivel prazer dos **Boticarios**, que com os Medicos, e **Cirurgiões** intermedios fazem huma formidavel, e desgraçadamente indestructivel **Brigada** (p. 1).

[...] segundo os principios da Hygiene Bestial, o melhor era dar-lhe hum Verde sem a prévia sangria, e carregação, que promovendo-lhe as evacuações alvinas para os Medicos analysarem, e por ellas palparem o estado do canal intestinal, e o esfinter do recto, com outras cousas, que elles dizem, cousas que nem elles, que as dizem, nem a gente que lhas ouve entendem, ou perceberão jamais [...] porque os banhos do mar tem igual virtude para os homens, e para as Bestas; e tanto curão os estéricos de huma Senhora, como as mataduras de hum Burro [...]. **Filhos de Hyppocrates, e da Besta** [...] (p. 1-2).

Dê-se Verde á Besta, mas o Verde seja tal que o não saiba o **Padre do Forno do Tijolo**, porque está assentado entre nós, que aquelle diabo, o que sabe das nossas manobras para o dizer o quer; he **a lingua mais livre de papas**, que ainda até agora para badalar se tem mexido na boca humana. Que o não saiba o Padre do Forno do Tijolo! Pois o Padre do Forno do Tijolo não o sabe já tão bem, e ainda melhor que vossês todos? O Verde, que derão á Besta, foi a Commissão da Censura, creada logo em 1820 no apparecimento da mesmíssima Besta. Pois a Commissão da Censura he o Verde da Besta? Sim, Senhores, e hum Verde de anafa, e trevo tão nutritivo, que a poz no mais subido ponto de folgança, de gordura, e de bravesa. [...] O Verde, e o pasto mais mimoso, e appetitoso da Besta he huma **desmoralisação** geral, he huma **incredulidade** systematica, he hum indifferentismo absoluto em materias de Religião, he huma desorganisação total das instituições sociaes, he huma desunião, e divergência de sentimentos, em que tudo se baralha, e se confunde (p. 3).

[...] as saias erão lisas, e compridas, os bajús affogadinhos, e sobrepostos, todos os cabellos, que para traz alisavão, erão seus; alli não entrava fazenda alhêa, e sabe Deos de quem! Punhão-lhes sua pomada feita em casa, e com agua de flor; o pentem, com que os seguravão, não era hum ansinho de juntar palha nas eiras, ou de enfeixar escalracho para os burros; luzia com seus topazios, mas cabia n'algibeira: pelas gelosias das janellas fazião seus tregeitos com os dedos, e Deos nos livre, que as Mães pescassem esta evolução de pantomima; e se na Igreja, de manto, ou de mantilha, havia alguns signaes telegraficos com os leques, levavão cada beliscão, que ao recolher a casa os Facultativos de agora lhes deitarião bichas; as Mães tinham o remedio nas mãos, que era ainda em cima esbofetea-las, e tão devêras, que a roca ficava ao canto, e o corropio do fuso tinha seus dias de sueto. Já para o Domingo seguinte não havia telegrafo; nem pela pia d'agua benta lhes apparecião devotos, que quizessem ministrar-lha; e a moça, que indo no couce do fio, acceitava escripto, não comia mais em casa pão de vida. Quando casavão, primeiro se fallava aos pais, e depois a ellas. [...] **Esta criação**, que tinham, depois a **davão ás filhas, que havião de seus maridos próprios** (p. 4).

E elles os mancebos? [...] A quanto se davão, com gravidade o fazião; tinham os exercicios proprios da sua idade: se jogavão as armas, era com valor; se se apuravão na equitação, não davão cuadas no selim [...]. Se erão Soldados, erão Soldados, não erão Fogaças em leilão. [...] Se se davão ás letras, não matavão os Mestres, aproveitavão nas sciencias, porque, o que ainda temos, de lá nos veio (p. 4).

[...] Veio a Besta? Sim Senhor. E que he hum Mancebo Portuguez? Elles por ahi andão, e parece que não tem outra vida senão andar pela rua. Pois aquillo, que por ahi anda são titeres, ou bonecos? Não Senhor, são homens. He verdade, que custa a crer! O fráque anda por cima das nádegas, e a calçota anda-lhe abaixo das solas. A cabeça he hum môngo de lã como o da prôa de hum cahique; e por dentro? Cousa nenhuma. **Se falla, asnêa; se anda, escoucêa** (p. 6).

[...] A maior impulsão, que se dêo para a desgraça pública, e particular do Reino, foi dada pela mão da **Commissão da Censura**; e para que esta desgraça de desmoralisação, e frenética rebellião chegasse, e se estendesse até ás ultimas classes, com licença da Commissão da Censura, se imprimirão os diversos **Periodicos dos Pobres**, e para os Pobres, para venderem a dez réis, **veneno barato**, e a que todos chegavão para beberem a tragos a morte dos sentimentos moraes, e políticos [...] (p. 8).

Manoel Borges Carneiro tinha razão de gritar no Salão — *E a Carta a medrar!* Como não havia medrar, e florescer a arvore Constitucional, se ella tinha tal regadio? E se os cultivadores erão taes, e erão tantos! [...]

O delicto he o synonymo de hum Liberal a innocencia de hum alcatrusado. **Vós sabeis que eu não sou mexiriqueiro**, porque he hum grave defeito, que se equivoca com hum crime, nem sou capaz de vos metter a faquinha só para vos irritar, e acirrar contra esses desalmados filhos da Besta, que ella poz ao officio de Pedreiros Livres: mas a verdade manda Deos que se diga. [...] Quem he a valentona desta Besta, que se atreve a insultar os esquadrões da honra, como dizia David ao Gigantão Filistheo, que **vomitava postas de Pescada?** (p. 9-10).

[...] Judas achou huma Figueira, em que se enforcasse; e os nossos Judas não acharão huma **Força**, em que os pendurem? Ora consolemo-nos que, assim como a Figueira apparecêo a Judas, tambem a Força ha de apparecer a elles. [...] Fóra ladrões! Basta de ironia. . . (p. 12).

[...] E que hei de eu dizer aos Carcundas? Que, em encontrando Pedreiro, seja qual fôr, lhe torção irremissivelmente o pescoço? Não Senhor, hum Carcunda deve soffrer, e esperar, porque huma desordem não se remedêa com outra desordem: os Carcundas sabem que as Leis os devem defender, e que elles não são os executores das Leis; porem muitas vezes huma descarada provocação faz esquecer todos estes principios, que são as bases da conducta dos pacientissimos Carcundas. [...] Era huma cousa bem feita, porque com villão, villão, e meio, e os casos daquella natureza não se deixão em via ordinaria, ou como se começou a dizer nas polidas, e Portuguezas Côrtes, para seguirem os *tramites* Judiciaes; porque **dentada dada, arrochada levada, como se faz aos Cães**, e aquillo são letras pagas á vista; e se ha protestos devem ser unicamente de segundar a dóse (p. 12-13).

[...] No meio da desordem não se averigua, ou pergunta, quem sejam os provocados, ou os provocantes; huma vez que appareção **Carcundas, ou activos, ou passivos**, já se sabe quem ha de ficar com o **labéo**, ou com a culpa, os Carcundas; de huma desordem se vai a hum motim, de hum motim se caminha a huma sedição, e de huma sedição a huma revolução, que he o voto, e o fim principal da malhadaria; e começando, como elles querem, por quatro **lambadas** bem, e devidamente assentadas na omoplata, e no resto do arrabalde do espinhaço de hum Pedreiro, que he onde melhor neste Mundo ellas podem assentar, levantarem até ás estrellas fixas hum clamor de — Senhor Deos! isso não. Senhor. Architecto, isso sim. Senhor Architecto!

Misericórdia! Vede os vossos Architectinhos sem huma costella sã, ou conservada em seu lugar! [...] Hum Carcunda, supponhamos que he hum alcatruz , pois deixe-se estar na cathegoria de alcatruz; **mijão nelle, pois mije nos outros**, que assim fazem os alcatruzes; não ha Nora, que não páre, e não tardão tempos tranquillos. Nada de exaltações, que entornão o caldo, e deitão tudo a perder; **o cordeirinho manso mâma na sua teta, e mais na alhêa** (p. 14).

[...] Mas a moderação!! Ninguém mais do que eu deseja, e approva a moderação; esta porem nunca se deve separar da Justiça, porque sem ella não he Justiça, he crueldade, he vingança, he tyrannia; mas **nunca a moderação appareça em trages de pussillanimidade, de medo, e de cobardia**. Temos assim hum Rei justo, porque he moderado. [...] Quem de outra sorte fallar ao Rei, não he amigo do Rei, nem he amigo dos Portuguezes.

(Continuar-se-ha.)

Pedroiços 16 d'Agosto de 1829 (p. 16).

N.º 24.

A Besta com duas bôcas, bôca grande, e bôca pequena.

[...] — Viva o Sr. D. Pedro IV! Viva a Senhora D. Maria da Gloria: nosso Rei abdicante, e nossa legitima Rainha abdicada! Vivão! Vivão! Isto diz a Besta pela boca grande: e pela boca pequena? O que disse Manoel Borges Carneiro — Desfaçamo- nos delles. . . . Tem Vmcs. entendido? [...] Assim como ella he a mãe de todos os revolucionarios, tambem he a mãe de todos os hypocritas (p. 2-3).

[...] Sancto Ovidio te valha: reunão-se os corpos, isso he que são Cortes, porque são Cortes: venhão os Commandantes dos Corpos; senão ha Milicias chêas, venhão os cascos, que tambem são Corpos; e se algum maligno disser que são cascos de certo animal, não importa, cascos tambem são corpos, e quanto mais duros, e massiços, melhor para o caso. Tres Coroneis fazem hum Conselho, e hum Conselho de tres Coronéis dá Monarchas aos Thronos, ordem á Successão, forma aos Governos, luz ás Nações da Terra, Paz, ou Guerra aos homens todos. Hum Conselho de tres Coroneis cria Juntas Governativas, suspende Regencias, nomêa Ministerios, dá Patentes aos Generaes, escolhe Embaixadores, envia Legações, com muitos additos, e mais additos (p. 5).

[...] Assim a victoria sempre foi dos Carcundas: a novissima rebellião do Porto com tres Coroneis, a Junta governativa, o Barco do vapôr carregado de patifes, e de tôlos, o exercito que nos dêo a pôpa, tudo são outros tantos pregões da victoria Carcundal [...] Pega hum Carcunda, mais **espicaçado**, que hum touro no curro, no **arroxo** de hum páo, e deita os braços abaixo a hum Quarteirão de tarecos Liberaes, ou Pedreiros, que o insultarão, e provocarão no meio de huma rua, ou de huma praça. . . . Oh! attentado! Oh! attentado! [...] Ninguém provoca os Pedreiros para huma rebellião, elles provocão os Carcundas para as **proficuas evoluções do Cacete**; e se este **trabalha como deve**, se fogem vão gritando, que he infracção da Carta (p. 8).

[...] E os Magistradinhos hypocritas superfinos? Esses estão jogando o Cassino com as Senhoras, e o Voltarete com os Compadres [...] (p. 9).

[...] Hum Carcunda póde ser Pedreiro Livre, porque qual he o homem, que pela fragilidade da Natureza não possa perverter-se? Mas **hum Pedreiro Livre nunca poderá ser Carcunda**, observada simplesmente a Natureza, porque em taes materias não se tracta da efficacia da Divina Graça. **São pois irreconciliaveis** estes dous Entes, huma vez que cada hum delles permaneça na sua differente Orbita. He preciso, ou que o Pedreiro seja Carcunda, ou que o Carcunda seja Pedreiro. Para que desta opposição não nasça a desordem, são precisas duas cousas, huma para o Carcunda, outra para o Pedreiro; para conter a exaltação do Carcunda basta que elle veja fazer justiça direita; **para conter o Pedreiro he absolutamente necessaria a Força** (p. 11).

“Bom he estar preparado para as occasiões. Esperem lá sincera conciliação, ou reconciliação nos Pedreiros! Á vista da força, e da Força lá se cohibem alguma cousa exteriormente; mas vá qualquer curioso, que não tenha muito medo, nem do Irmão Terrivel, nem dos dous vigilantissimos Vigilantes, applicar o ouvido pelo buraco da fechadura da caverna, saberá o que se diz lá dentro a respeito do negocio da conciliação... Ouvirá o da bicornia mitra [...] – [...] e se nos empoleirarmos como espero, logo, sem mais cerimonia, palmatoadas, varadas, prisões, destertos, balasios, e venenos: **tudo o que não he dos nossos, he contra nós**; e com Carcundas, nem paz, nem treguas, tudo a eito morto [...] (p. 12).

[...] Como esta **materia he tão grave, seriamente a tractarei**. [...] Quero que os Carcundas não tenham odio aos seus implacaveis inimigos os Liberaes, ou Pedreiros, por motivos particulares, ou pessoas, mas pela causa pública da ruina, e divisão do Reino! Mas pela causa mais pública, e mais poderosa da Religião! (p. 13-14).

[...] Coimbra foi theatro, em que se representarão as mais impias, e escandalosas scenas; e como as mesmas **Aldêas estão inçadas da Bacharelada Medica, e Jurisconsulta**, ahi mesmo são mais sensiveis, porque são mais de perto vistos os desacatos, e as perseguições de hum e outro Clero, Secular, e Regular, dando por isto maior escandalo aos pequenos (p. 14).

[...] **Hum Carcunda tambem deseja que se lhe dê hum emprego**, ainda que seja Pregoeiro do Deposito, porque he Carcunda, porque advoga a boa causa, **por que por ella derramou o seu sangue, e o quer derramar, porque ama sinceramente a ElRei** [...] Vir-me-hão com as mãos á cara com duas cousas, a primeira, que se não attendem os Carcundas, porque são huns ineptos, huns hebetados, huns inactivos, huns ignorantes, que nada sabem.... alto lá! Ignorantes, ineptos, hebetados!? Mentem! Ha Carcunda que mais sabe que os Pedreiros todos; **e que sabem os Pedreiros? Meia duzia, ou huma duzia de frases bolorentas, com o cunho de Constitucionaes, que vomitão a todo o proposito, venhão ou não venhão para o caso**; e em se lhes acabando? *Dá capo*, tornão a principiar, e **tirados desta nora enfadonha, são huns solemnissimos Burros**. [...] A segunda, que eu peço indirectamente para mim. Mentem ainda mais; eu nada peço, e nada quero, porque de nada necessita quem de nada tem desejos, e **fiquem desde já desenganados, que hão de achar depois da minha morte com que me fação hum enterro decente**, unica cousa, que eu ambiciono; será isto fraqueza, mas não importa, morrendo eu com esta certeza; embora nada vejão, e nada oução meus ossos, e minhas cinzas. **Para que a minha bôca sempre comêsse, sempre suou a minha testa**. Passaria eu por homem sem as luzes do seculo, mas nunca fui hum importuno, hum lisongeiro, hum pertendente; a Filosofia, quando he Filosofia, despreza tudo, e nada lhe falta. **Muitos me tem offerecido esmólas: nunca passou pela vergonha de hum mendigo, quem nunca desprezou o recurso de hum trabalho**. Dirão muitos, v. m. falla muito de si.... Pois nem isso deixarão fazer a hum Carcunda? **Deixem que o Carcunda tenha algum desafogo, já que V. V. m. m. lhe forão origem de tantos pezares**. Se lhe não concedem nem luzes, nem virtudes, concedão-lhe hum desabáfo (p. 15).

[...] Que horrivel recordação he a do dia de hoje 24 de Agosto de 1829!!!

José Agostinho de Macedo (p. 16).

A Besta com môrmo, e arestins.

Dizem os praticos, e experimentados em bestialidades que muitas vezes o mormo, e polmoeira he huma consequencia, e hum effeito immediato do verde; a superabundante substancia nutritiva dos alimentos herbaceos, pytagoricos, ou vegetaes, carregão o estomago de humores frios, que enervão o movimento peristaltico, e os succos gastricos do ventriculo com ingurgitamento do pulmão. Assim fallão os Medicos.... V. V. m. m. entendem isto? Nós? Não Senhor. Nem eu tão pouco, nem quero entender, porque quando os Médicos fallão tapo os ouvidos, levanto o meu espirito aos Ceos, e peço a Nosso Senhor, que na linguagem Pedreiral he o Architecto, que se aquellas palavras são já o vehiculo da morte, ao sahir deste Mundo me acuda com a sua Misericordia (p. 1).

[...] **Eu mais entendo as Bestas pelo que vejo, que os Medicos pelo que ouço.** A Besta he hum composto organico, e semovente, (e tanto não queriamos nós que ella se tivesse movido) e por isto está sujeita a enfermidades, de que se lhe segue a morte: o meu desejo era que a **morte desta Besta, de que tracto**, e tractarei, lhe viesse unicamente da **doença chamada páo**, porque d'outra qualquer não vai e!la; Está na verdade carregada de **môrmo**, mas descarrega, e tem descarregado pelas ventas, e pela boca grandes Postêmas, com que tem apestado todo este Reino. Os **Medicos, (escapando hum até dous por cento) são crias da Besta**, e a Besta he cria dos Medicos, parentesco que se não entende, ou mais que se entende [...] (p. 1).

[...] Tornando á convocação dos Estados Medicaes: nelles se tractou seriamente da molestia da Besta, e nelles os dous Assistentes, como Relatores, o Doutor Pigmeo Carrapato, e o Doutor Espigado Longo, disserão maravilhas: o Doutor Gosma, e o Doutor Alho, Enthusiastas do remédio heroico = Bichas = impugnárão os ares do Calhariz, como muito fumos , e assentárão que os botões de fogo erão mais convenientes. [...] O môrmo a correr, e os Medicos a fallar causavão duas correnças na Besta, huma pelas ventas, outra por detraz. A corrença de diante tinha por causa a Natureza, a corrença posterior tinha por causa a gratidão, e o reconhecimento; e que devia ella offerecer aos Facultativos **preopinantes**, pelas suas receitas, e que mais se equiparasse pelas suas opiniões á importancia dos conselhos? As preopinações repetião-se, os debates continuavão, os pareceres dividião-se, e o caso indeciso, o môrmo a pingar, a chocalheira a ferver nos largos peitos da Besta (p. 2).

[...] Hypocrates queria banhos, Galeno queria sangue, e nestes dous liquidos está posta a Medicina = agua do mar, e bichas dos rios. Hypocrates quer mergulho, Galeno quer sangria; hum afóga, outro esfaqueia. Venha a Besta para Pedroços, biche-se a Besta, mergulhe-se a Besta (p. 3).

[...] Eu devo unicamente tractar das Postêmas, que depois do môrmo deitou a infernal Besta pela boca fora, tão pestilentas, que de todo **empestarão**, e corrompêrão este Reino. Estas Postêmas são de duas classes, Postêmas de cousas, e Postêmas de pessoas. Como todas **estas imagens, e figuras, de que me sirvo**, são documentos moraes, e desenganos politicos, exporei sempre com clareza as **verdades**, que, se não são para os miolos, e menos para o coração dos Pedreiros, que nem querem o bem, nem o sentem, servirão de preservativo ao Povo Portuguez, que ainda está em estado de fugir do mal, huma vez que o conheça.

Na ordem, ou na classe das cousas, a primeira Postêma, que da boca infernal lançou a Besta arrancada daquelles bofes, ou daquelles fígados de Satanaz, foi a Constituição, e serão sempre as Constituições, ainda que as crismem com o nome ambiguo de Cartas (p. 5).

[...] Esta maldita Postêma foi vomitada pela Besta, trazendo comsigo a propriedade do pus vaccinico, e quantos quizerão ser vaccinados!! Os Grandes (fatal cegueira!) [...] Com o coração nas mãos se quizerão vaccinar com o pus da Postêma tantos Magistrados de Beca com Capa, e de Beca sem Capa, tantos Deputados com Capa, e com espada, e outros sem cousa nenhuma destas [...]. Corrêrão a vaccinar-se no desejado pus tantos homens respeitados, e considerados por sua mercantil opulência [...] (p. 5-6).

Quem ha mais por vaccinar com o pus da Postêma! Oh! desgraça! A terça parte do Mundo Portuguez he vaccinada. Vaccinárão-se Frades, vaccinárão-se Clerigos, e alguma cousa mais acima de Clerigos, não em a Ordem, porque acima da de Presbytero não ha outra, mas em dignidade, e em poder de Jurisdicção, e muito contentes com aquella **peçonha nas tripas, ou, como se usa dizer, com aquelle veneno na maça do sangue**: eu creio que tambem entrou no systema nervoso, porque todos elles grandes, e pequenos ficarão convulsionarios. Eu não sei o que chame a esta gente, porque **se escapão de mentecaptos, não escapão de ímpios, e de incrédulos**. [...] Os bens dos Regulares, que como os outros homens tem dentes para mastigar, guelas para engulir, e estomago para digerir, serião reduzidos á categoria de bens Nacionaes. Os bens dos Bispos, e dos Cabidos entrarião na mesma classe; e **a Deos Cabidos, que nem terião**

hum cabide, em que pendurar os farrapos das sotanas, e das laivosas sobrepellizes [...] (p. 7).

Os homens de bem, isto he os Carcundas legitimos, puritanos, e sempre amigos do Rei, **tem notado huma cousa, e muito verdadeira, convém a saber, que os Ecclesiasticos** Regulares, e Seculares, **em quem dêo a epidemia da Malhadice**, isto he, que se vaccinárão com o pus da primeira Postêma, que a Besta deitou, que vem a ser, como já disse, a Constituição, **são peiores, mais descarados, mais pertinazes, insolentes, e descomedidos, que os mais emperrados Demagogos**. Isto não são raciocinios meus, são factos públicos (p. 8).

[...] As Leis da Censura não permitem que se personalize quando o individuo culpado não estiver assim publicamente notado, e declarado pela Lei, ou pelos procedimentos da Justiça; e quando, por exemplo, se conservão monumentos impressos da sua vaccinação, e malhadaria. Leião-se os Diários das Côrtes, e não Cortes, ver-se-ha com escândalo universal, o que disse hum Castello ou branco, ou negro, hum frenético Pretextato, bum levantadissimo Galvão Palma, hum arrebatado Annes de Carvalho, digno tio do precedente, hum tal Ignacio Prior Cintrão. Isto he de Salão a dentro; e de Salão a fóra ainda os acho mais bravios. [...] Hum Medrões, cujos miollos não excederão o volume de hum medronho [...] Hum Portelli, o digníssimo vulgarizador de Volney! E sobre tudo, e sobre todos, **tão digno de hum lugar bem alto, de que talvez não escape, como o Padre Caneca não escapou em Pernambuco**, o exemplarissimo e descaradissimo — *Velho Liberal do Douro*¹⁹¹ — que tanto gritava em seus arrebatamentos Politicos — *Valha-nos o Saldanha* — que lhe deixava imprimir com quinhentos mil absurdos Constitucionaes (*lhe deixava imprimir*) a tão respeitavel Commissão de Censura [...] (p. 8).

Neste edificante Ecclesiastico (Taberneiro na Bahia¹⁹²) chegou a vaccinação malhada ao seu maior auge, ou galarim. Ao talento mais eminentemente revolucionario (porque os Senhores malhados o trazião em incessantes Commissões) juntava hum descaramento tal, que no Domingo passado 30 de Agosto, chegou a scandalizar muitos dos seus irmãos em Pedroços, pois **levado a tomar ares livres, e delgados na Torre de S. Julião** não quiz que se lhe fechassem a sege; nella ia dissertando em Politica [...] não pôde prever a sorte, que o esperava na Terra, e talvez que o espere no ar, porque o

¹⁹¹ Padre Inácio José de Macedo (1774-1834).

¹⁹² O referido autor de *O Velho Liberal do Douro* foi também redactor do periódico *Idade d'Ouro do Brazil* (1811-1823), publicado na Bahia.

que elle fez, o que elle disse, ou que elle escreveo, não he para menos; agora ahi tem os resultados da sua reiterada vaccinação no pus de todas as Postêmas, **que a Besta tem arrojado das tripas!** Maior lástima, maior calamidade, e miseria não podia vir ao alto, e ao baixo Clero, Regular, e Secular! [...] Talvez me queirão dizer, que se estes meus Heroes mencionados, vaccinados, e iniciados nas Postêmas da Besta derão tão máos exemplos, e tão errados passos, outros houverão, que **trocando o Breviario, e o Missal pela espada, e pelo mosquete** defendêrão a boa Causa, **matando Francezes, e malhados como quem mata gafanhotos n'huma seara** (p. 9).

[...] E aquelles Senhores **vaccinados de farda**, e soldo determinado pelo Rei, e pago pela Decima de todos os haveres, e propriedades do Povo, não vírão que se cobrião de eterna infamia? [...] Nada disto, porque a vaccinação corrompe o coração, e cêga o entendimento; ainda faz mais, cêga -lhes o entendimento, e endurece-lhes o coração (p. 10).

[...] depois do reconhecimento das Nações Estrangeiras, que então não erão escrupulosas sobre legitimidades, e usurpações, e que approvárão, ou concordárão no Tractado de independencia, (**aqui quizera eu dizer, mas não me chega a lingua, qual fôra o motivo de interesse particular**, e futuras vistas de alguma Nação para esta sempre escandalosa desmembração) [...] (p. 11).

[...] E agora, ó fortes companheiros, **he preciso a mais vigorosa intriga**, para que o nosso destinado exterminador não ponha cá o pé. O Erario sempre coalhará algum vintem; nas Guarda-rôupas Reaes ainda luzem alguns brilhantes; a maça Alemã, que parece inerte, áquelle tinir, e áquelles revérberos também se poderá mover, que das fronteiras da Austria para dentro não metterá o nariz Portuguez algum, que possa fazer conhecer ao nosso assustador as tenebrosas manobras, com que [...] o procurâmos arredar do Throno, que de Direito incontrastavel lhe pertence. **Este he, ó Camaradas, o nosso plano**; com qualquer divergencia, que nelle haja, estamos perdidos. No caso que se baldem os nossos esforços, e o homem appareça, então como não aproveitarão as tramas tenebrosas, usaremos da força descoberta; perca-se embora tudo, **onde vai o ferrão vai o pião** (p. 13).

[...] Que diversa scena se representa, quando a mentira se desvanece, e a verdade mostra o contrario! Que gesto affavel, e como se roção pelos homens de bem! Emfim até vão á Missa! Tenhão com estes moderação, mas tenham a bondade estes das moderandices de apparecerem por aqui disfarçados ou a 15 do corrente Setembro, ou no 1.º do Outubro seguinte, observem, e depois verão o que vai; e depois das banquetolas

de assados no forno para sobre-mesa ponhão-lhes hum prato, ou huma travessa de moderação; e como hão de tomar caffè, venha mais moderação para o caffè; e como he de presumir que depois do caffè venha a etiqueta da genebra , venha mais moderação para a genebra; e tambem como de tarde o passeio do Bosque he do bom tom das Senhoras, no tronco de cada Loureiro, e de cada Faia, em lugar dos antigos Motes de Anarda, e de Marilia, ponha-se-lhe hum rotulo com a palavra Moderação, que as Malhadas tambem a querem!! (p. 17).

[...] Tamanhos despropósitos trazem o Mundo em confusão, sem que este infernal, ou **ridículo Entremez** tenha hum fim, levando de continuo tantas **pateadas**.

Pedroiços 5 de Setembro de 1829 (p. 18).

N.º 26.

As Mataduras.

[...] mas eu tinha hum gostinho (e não perco as esperanças de o conseguir), que vem a ser, que a Besta não morresse das molestias, que ella por suas patas adquirisse, mas sim de huma decisiva, e magistral tuna de cacete, que nós lhe déssemos. Não sei que barruntos tenho, que me bacoreja que a cousa já está menos distante do que tem estado; e os homens de bem, os verdadeiros amigos d'ElRei (porque os que o não são não podem ser homens de bem) já andão resmungando por entre os dentes que he muito apertar com os amigos. Os desaforos da Besta tem chegado ao ultimo excesso, e as Mataduras, que ella tem, parece-me que são mais para nós do que são para ella, porque nós padecemos; e ella folga com os nossos males. [...] tudo quanto pode servir de remedio para convalescermos de huma tão longa, e perigosa enfermidade, como tem sido aquella, de que fomos atacados desde 24 de Agosto de 1820, se tem posto em ordem, e em acção, nada tem geralmente aproveitado, que tal he a força do veneno das Mataduras da Besta. Não volvo os olhos, e a attenção para as Mataduras, que não descubra por toda a parte os seus estragos, e que me não obrigue a exclamar: *Huma grande parte de Portugal he huma chaga!* (p. 2).

[...] Se he licito a todos os **Jornaes Inglezes** fallar de nós, e tão indecentemente, como todos os dias estamos vendo, porque não nos será licito ao menos huma **queixa**? Retirão-se de Portugal alguns Regimentos de Soldados , que não devião, nem querião reconhecer outra Legitimidade que não fosse a do legitimo Successor da Coroa, o Senhor Rei D. Miguel I. Vem logo o Sr. D. Canning com o *Casus foederis* abafar

Portugal com hum Exercito, como se a fugida de alguns Soldados de Portugal para fóra fosse a invasão de muitos inimigos de Portugal para dentro! Oh! que deve haver, muito respeito, e muita humildade para com as Nações Estrangeiras, vista a nossa fraqueza, porque **nós sempre havemos ser o que os Estrangeiros quizerem que nós sejamos!** Isto só o podem dizer Pedreiros Livres, que tem a alma mais vil do que a lama. Nós não somos fracos, somos desgraçados, e somos desgraçados, não porque tenham muitas forças os Estrangeiros, mas porque até 22 de Fevereiro de 1828 nos governarão, e tyrannisarão Pedreiros Livres (p. 3).

[...] As nossas Armadas coalhavam os mares, as nossas Frotas trazião em si o commercio, não digo eu da Europa só, mas o do Globo inteiro, ou de ambos os Hemispherios. O que vinha á Europa pelo estreito de Babelmandel, e de lá ao Cairo, e Alexandria, veio á Europa pelo Cabo da Boa Esperança pelas mãos dos Portuguezes, dizendo aos Venezianos que cuidassem em fazer vidros, e aos Inglezes que pescassem Bacalháo (p. 3).

[...] Para termos a nossa Constituição, a nossa Carta: que gloria , e que grandeza para Portugal! S. Exc.^a o Sr. Presidente dêo a palavra. . . . e ficando duas Indicações sobre a Mesa, dêo S. Exc.^a para ordem do dia os Pareceres das Commissões; e, dando duas horas e hum quarto, disse S. Exc.^a —está fechada a Sessão. — Acaso podia Portugal avultar, e sobresahir mais entre as Nações da Terra? Isso era impossivel. As luzes do Seculo penetrarão por este Paiz das trevas, e da ignorancia. Os **homens não nascêrão para encher a barriga, e menos para ter dinheiro**, para adquirirem gloria pelas acções de honra, e de virtude: os homens nascêrão **unicamente para conhecerem os direitos do Cidadão**, e inviolabilidade do seu domicilio defendido pelos quatro Poderes Constitucionaes: estes direitos do Cidadão estão garantidos pela **Carta, que o Sr. D. Pedro nos outorgou na altura da sua sabedoria** (p. 3).

[...] E os Embaixadores do Rei da Persia? E a batalha de Lepanto? E a escalada de Arsila? E a entrada de Tunes? E os dous cercos de Diu? E Montes Claros? E as Linhas d'Elvas? Isso não he nada; **são effeitos da rudez , e não civilisação** dos Povos. Se então houvesse a Carta, que o Sr. D. Pedro nos outorgou, não haverião essas **barbaridades**. Houve tudo isso, porque então não se conhecia a responsabilidade dos Ministros, **nem nos Diccionarios d'então havia a palavra — Orçamento, — e menos o Relatório do estado do Thesouro. Oh, canalha! isso**, que vossês dizem, **he o que nos poz a pedir por portas**: esses desaforos são os que me abysmão em tristeza, quando desta cadeira alongo os olhos por aquelles mares, vendo nelles a grande

Matadura da Besta, e **os malhados pegados ao rabo, não sei se para lh'o beijarem**, e por isso muito contentes, e satisfeitos (p. 3-4).

[...] Desta confusão infernal de entradas, e sahidas de Navios, de trocas de fazendas, de giro das moedas, de compras das producções coloniaes, e de barafunda de tantos cabedaes nos livrou a Carta, que nos outorgou o Sr. D. Pedro, para felicitar os seus obedientes, e respeitosos subditos Europeos, ou para satisfazer as damnadas tenções da Malhadaria. Esta **Matadura da Besta dêo cabo do commercio, da navegação das Colonias, e da opulencia** [...]. Vou continuando na contemplação das Mataduras da Besta, que nos cobrirão a nós até da lepra da mendicidade (p. 4).

[...] não venha **mão Britanna, que faça tudo em cacos, e em astilhas**; porque assim como as creanças tanto brincão, que quebrão os bonitos, de que podem lançar mão, assim também os Bretões inocentes, que querem o exclusivo em tudo, como são humas creanças innocentes, **em vendo aqui humas bonita armadilha de Fabricas, tanto depinicação, tantas unhadas lhes dão, que reduzem tudo a cacaréos**. Isto já eu li em letra redonda de humas Fabrica de meias de seda, que aqui houve, chamada de S. Nicoláo; e contão-me agora brincadeiras deste genero feitas pelos taes Bretões pela Covilhã, por Alcobaça, Portalegre, Thomar, Cascaes, etc. Divertem-se com isso; deixa-los, coitados, porque são melancolicos; mas como tinham vinho, e bom vinho por essas terras, podião deixar as Fabricas, e desconcertar a da cabeça: eu creio que farião ambas as cousas (p. 4-5).

[...] ainda que a palavra não deva apparecer no papel, e peça a indulgência da Censura, (para peiores cousas a dava a Commissão de Censura, especialmente se lá estava o corrector de Balbi com o seu —Cujo — e a sua — Cuija — tirados do seu caso Genitivo), ahi vai, e eu a ouvia por essas Lojas de Capellistas — **Tem Cú Francez?** — Pois cá não se saberia fazer esta cousa? Quem fez os que por ahi andão? (p. 5).

[...] só digo por despedida, que **tirem do meio dos Portuguezes os Pedreiros Livres, não deixando nem hum só por enforcar**, verão como são logo o que sempre forão tanto nos actos Politicos, como nas acções militares; verão como apparecem logo os mesmos Portuguezes do Paço de Coulão, e dos baluartes de Diu. [...] Depois que a Maçonaria pôde influir em os negocios públicos, as Artes, as Sciencias, os estudos nas Universidades forão zero, o valôr Marcial foi cobardia; a Justiça foi venalidade; as Conquistas fumos que se evapórão; as virtudes superficies, ou hypocrisias; a honra Nacional sonho; o Commercio traficancias; a opulencia fome; **os Heroes são Arrelequins; os mancebos huns bonécos; as mulheres... o que nós vemos**, palhas, e

cristas na cabeça, **nos vestidos a nudez nos olhos a provocação, no tracto a perfidia, e nos discursos a toleima** (p. 12).

[...] ***Malhados com vida, Portugal na cova.*** Eu desejaria que esta breve frase entrasse no **Catalogo dos Adagios, ou Proloquios Portuguezes** (p. 13).

[...] Os três páos da **Forca** entrarão n'hum convulsão de alvoroço, cuidando a **demasiadamente esquecida** [...] Carcundas, sou convosco [...]. Vós não tendes protecção mais do que hum tinteiro, pequeno sim, mas recheado; ninguém se ha de rir de vós, que o tal tinteiro o não faça chorar; eu tenho guardado as Biscas para o fim deste **jogo da vida** (p. 14).

[...] **Carcundas meus irmãos, meus Camaradas,** meus honradissimos Carcundas, quando vos vejo, parece-me que estou vendo os Judeus pelas ruas de Larache, ou de Tetuão; andais como vendidos, ninguém olha para vós, que não seja para vos **insultar**; qualquer rapaz, que vos queira impunemente esbofetear, deveis aparar os pescoções, não abrir bico, e metter a viola no sacco, senão, sois rebeldes, e atizadores da guerra civil, e se vos ides queixar, ninguém vos attende; inda não houve Magistradinbo lá por essas terras fora, que acceitasse huma queixa vossa contra Malhado, que vos desaffrontasse, ou que vos dêsse huma satisfação. Se ainda houvesse a Commissão da Censura **com tantos Frades Malhados, todos os dias eu era insultado em letra redonda** (p. 15).

[...] E se as Malhadas me pucharem pela lingua, então apparece o que está no Cartorio, e ás vezes me dá huma inguinação, ou guinada, de pôr tudo em pratos limpos, olhem, olhem que eu começo pela que disse outro dia, que os da Ilha tem muito Juizo!... (p. 16).

[...] já peço venia para o seguinte Número, que não pode deixar de levar o seguinte Titulo —**Os Traques da Besta**— e com tal **arruido**, que desde o Rio se ouvem aqui; **a cousa he deveras para rir; assim eu não tivera tanto que gemer com dôres, e de pedra,** aqui em Pedroiços hoje 15 de Setembro de 1829 (p. 16).

(Numero inedito, que seu Auctor não chegou a concluir.)

PARIO A BESTA.

[...] pois esta Besta, que tem dente mais que de Coelho, de huma postura só enchêo Portugal inteiro de Malhados, e de Malhadas, para que a linha Bestial se não

interrompa, e tenha sempre a Força, ou quando isto não possa ser sempre, tenha ao menos o Cacete algum petisco nelles, e nellas, em que com curiosidade, e actividade vá debicando. Se o filho do Burro não pôde ser Cavallo, os filhos da Besta não o podem deixar de ser, nem podem desmentir, ou contradizer a sua nobilissima progénie (p. 1).

[...] Os Malhados obrão por pura malicia, e perversidade. O Lobo segue a natureza, e o Malhado abusa do livre arbitrio. O Lobo não pôde deixar de ser Lobo, e o Malhado não quer deixar de ser Malhado. Logo os Malhados são peiores que os Lobos; e que se faz aos Lobos? Montaria. E que se deve fazer aos Malhados? Cacetada. Os Inglezes ficarão sem Lobos; e porque não havemos nós ficar sem Malhados? [...] De hum Lobo sempre serve a pelle, e de hum Malhado, que se pôde aproveitar? Nada se pôde fazer da pelle do Diabo: só se servir para hum tambor, que toque a ajuntar Carcundas para sacudir Malhados... **Que he isto, senhor, que he isto? (ahi me vem já com duzentas mãos á cara) Que he isto? Cacetada! Os seus Escriptos são de ferro, e fogo; não respirão mais que sangue, e morte! Moderação, Moderação,** que he a primeira das virtudes (p. 2-3).

[...] Conheço que esta materia devia ser tractada com a mais rigorosa severidade, porque se trácta da inteira ruina de hum Reino innocente, causada unicamente pelos Malhados, que não são d'outros tantas desventuras; mas eu não me apartarei do **estilo adoptado**, porque não ha Lei, que prohiba **dizerem-se grandes verdades, rindo, e gracejando ao mesmo tempo**. Os Malhados em vinte, e vinte e seis me tourearão; pois **eu tourearei os Malhados** em vinte e nove [...] e como **ha asnos, para cuja bôca não he o mel, e não desistem jámais de arguições, que me atormentão os ouvidos, de que tracto as cousas, ou as combato com as armas do ridiculo, como se não fosse esta a arma mais difficultosa de manejar com sempre sustentada esgrima;** para satisfazer estes senhores, que ainda nos não disserão, o que tinham vindo fazer a este Mundo, ou que andarão fazendo tantos annos a pasto pelas apraziveis, e pictorescas margens do Mondêgo, a não ser tomarem o grão em Trolha, e em lugar da Borla Doutoral fincarem na cabeça a bicornia Mitra de Veneraveis, ahi vai hum retalho do empolado, e turgido, ou do conciso, e emphatico do seu Tacito, que elles entendem tanto, como eu a lingua Chineza, ou a Malaia (p. 3).

[...] Vamos adiante, *Arre Piloto*; dizia hum Ilhéu, que ia tocando hum Burro por huma das Ruas de Lisboa; e como ha horas mingoadas, naquella virava de huma esquina hum homem, que era de profissão Piloto, e ouvindo aquelle comprimento feito ao Burro, assentou huma tremenda bofetada no Ilhéu, a que este respondeo friamente —

Eu não cuidava que você tinha parentes nesta terra. **Tornemos á Revolução**; ella não anda muito embuçada, vai caminhando, porque a insolencia, e o descôco, a ousadia, com que tudo fazem, e tudo dizem os Malhados, a impunidade, com que por essas Províncias, secundados por alguns Ministrinhos, comettem os maiores crimes, e comsigo atirão aos maiores attentados, o arrojo, com que insultão os homens de bem, os verdadeiros Realistas, e tão independentes como eu, as festas, tangeres, e folgares, com que aqui (que o menos que fazem he metter-se no mar) andão de collo *levantado*; e ainda mais que **o varapáo, que trazem na mão**, os saltos de exultação, que lhes vejo dar quando se annuncião as desgraças do Reino [...] (p. 4).

Isto não he fallar nas vidas alheias, he calcular alguma cousa sobre os desaforos dos Malhados; e eu peço humildemente aos que o são, e mais ainda **aos que os protegem, que são ainda mais Malhados que os seus protegidos**, que me perdoem, se eu não atinar com os seguros caminhos da moderação, e se alguma vez me escorregar a palavra — **Cacete** — que he o mesmo que fallar no Diabo aos Malhados, não culpem senão, o pouco bestunto, de que me dotou a Natureza, que não he como a *Lei da Constituição, que era igual para todos* (p. 5).

[...] O primeiro thesouro, que os Malhados nos fizerão perder, foi o dos bons costumes. [...] Se em 1823 os Malhados se demórão mais, tinhamos infallivelmenle o Atheismo proclamado; e huma Prostituta crúa, e núa no velho Templo da Sé, adorada, e invocada como a Deosa da Razão, como o fizerão no Templo de Sancta Genoveva em Paris; e como tinha morrido Manoel Fernandes Thomaz, farião seu **Supremo Sacerdote Manoel Borges** ¹⁹³ (p. 5).

[...] Que sensível he a differença, ou infinita distancia entre Portuguezes antes da Constituição, e Portuguezes depois da Constituição! Que contraste o da actual desmoralisação com a modestia, circumspecção, e gravidade antiga em homens, e muito mais em mulheres! A quem se deve esta perda do primeiro bem do homem em Sociedade, á Moral? Aos Malhados? [...] Ora como póde o homem Carcunda olhar para a cara de hum ladrão destes, que depois de ser origem, e causa de seu mal, ainda em cima o insulta, e entre as ruínas da Patria escarnêce as desgraçadas victimas de seu mesmo furor? **Ah! Ladrão, diz o Carcunda, que eu não trago debalde este Cacete na mão!** Ah! Carcunda! Carcunda! Ao Magistrado, ao Magistrado, moderação, e mais moderação; he verdade que **o Cacete foi aferido em Pedrouços**, he da marca, não

¹⁹³ Manuel Borges Carneiro.

excede, nem em comprimento, nem em grossura; mas não use V. m. desse amalgamante, excluído pela moderação. Ao Magistrado, ao Magistrado... Ah senhores! Em quanto eu vou ao Magistrado, que quasi sempre mora lá em São Fóra, este Ladrão deste Malhado mette pernas ao Potro, eu fico injuriado, e elle gritando: Viva a Carta: Viva a Senhora D. Maria II. Pois para não gritar com tão boa vontade leve nas costas, com que faça ao Mestre Cirurgião, ou ao Doutor Arrebenta meia duzia de visitas. Não Senhor, Senhor Carcunda, não quero que V. m. tenha este procedimento, eu estou d'outro acordo; **ninguem se deve pagar por suas mãos [...]** Quando o Malhado por obra, palavra, gesto, ou careta os insultar, metta o seu Cacete debaixo do braço, e agarre-se a elle de geito e modo, que o segure bem; se for pelo pescoço, deixo á sua conhecida discrição apertar menos, ou mais; porque faze-lo deitar meio palmo de lingua fóra, isso não he nada; se os bugalhos dos olhos lhe sahirem alguma coisa fóra da sua cavidade, ou encaixe, isso he bagatella, e grite com toda a força que tiver — **Ó Senhor Magistrado, venha usar de toda a moderação** em Direito necessaria com este Patife, que na presença do Rei, e da Lei, me insulta, e me escarnece por eu seguir o partido da honra, e defender os Direitos d'ElRei Nosso Senhor o Senhor D. MIGUEL; e em quanto não lhe apparecer o moderado Magistrado, que talvez se demore por estar occupado, vá apertando as taes guelas o mais que poder, para o homem não fugir (p. 6-7).

[...] Esta calamidade he obra puramente de Malhados, e o punhal Democratico nunca se cravou mais profundamente no peito do miseravel Povo, e nunca as suas classes inferiores gemêrão debaixo de hum peso mais insopportavel, que o peso do insolentissimo rebote do Papel-Moeda. Hoje 12 de Outubro¹⁹⁴ se perde mais de huma quarta parte do seu valor representativo*¹⁹⁵ (p. 7).

[...] e segundo me affirmão alguns bons Genealogicos, que **por ser da Nação vem em linha recta de Judas Iscariotes**, o que eu não creio, porque a Judas he que foi feita por outro a Proposta [...] seja quem fôr, basta-me saber, que não só he da Tribu de Issachar, mas da familia daquelle, que sabendo que Judas andava em negociações, e ajustes com os Escribas e Farisêos sobre o preço da entrega e traição, e que convierão nos trinta dinheiros, que pela nossa moeda andava por dezoito tostões, (diz o Padre

¹⁹⁴ De 1829.

¹⁹⁵ Nota do editor, em rodapé: «* E hoje 14 de Dezembro de 1831 a perda anda quasi rastejando pela terça parte desse valor representativo!»

Bernardes) **lhos quiz rebater**, esperando algumas semanas pela assignatura da Folha (p. 8).

[...] eu só quero que me diga huma cousa ern consciência: Se o Papel-Moeda he genero, ou he dinheiro? Se he genero, porque não tem taxa? Se he dinheiro, quem lhes dêo a Vossas Senhorias authoridade para lhe alterar, ou diminuir o valor? Espero as suas ordens, e a sua **resposta até á chegada do seu Messias**. [...] Temos affluencia do genero Dinheiro no *Mercado* (**palavrinha estimadissima na pedantaria commercial**) no *Mercado*, ninguem lhe bole, nem lhe toca sem chegarem os Almotaceis para lhe determinarem o preço (p. 9).

[...] Eu tenho sessenta e quatro annos de idade, e **e quatro mil pedras na uretra**, pouco me resta de vida tão dolorosa; e como não tenho de que fazer testamento, **deixo verdades, e muito escarnadas**. [...] nos doentes são dous a tirar, as Bichas o sangue, os Medicos o dinheiro. [...] He genero o Papel-Moeda? Ponha-lhe a legitima Authoridade a taxa. He dinheiro o Papel-Moeda? Seja em tudo, e em toda a parte dinheiro como o outro. Oh! que então não poderia ir para fóra ! Nem o outro devia ir...

Até aqui escrevêo o Sabio Macedo, quando por circumstancias, que he escusado mencionar, suspendêo a penna; porem como sejão da maior utilidade todas as suas Obras, esta, ainda que incompleta, julgámos dever dá-la ao Publico, que por sua materia, fará della a estimação, que merece (p. 10).

11. *O DESENGANO* (excertos)¹⁹⁶



O DESENGANO

PERIODICO POLI TICO, E MORAL:

POR

JOSE AGOS TINHO DE MACEDO.

N.º 1.

Salus Populi suprema Lex esto.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.¹⁹⁷

1830.

*POR ORDEM SUPERIOR.*¹⁹⁸

¹⁹⁶ ¹⁹⁶ Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

¹⁹⁷ Nos nº 17e 18: «Impresso na Typografia de Bulhões»; no nº 19 voltou à Imprensa Régia.

Nº 1.

INTRODUÇÃO.

O que podia, e devia ser o canal da ventura dos homens no estado social, e politico, se tem tornado pela malicia dos falsos Politicos, e de perversos conspiradores, no meio, e no instrumento das suas maiores desgraças. Eis-aqui huma verdade da experiencia, e eis-aqui a idéa, que de si mesmo nos tem dado, ou a maior parte, ou todos os **Periodicos**. São **instrumentos da rebellião**, os que podião ser os laços da Concordia. **Derramão o veneno da corrupção**, os que devião desenvolver o germen de todas as virtudes moraes, e civis; **fazem os Povos odiosos aos Soberanos, e buscão fazer os Monarcas odiosos aos Povos**. São as **alavancas das innovações**, os que **devião defender, e manter as antigas, e primordiais Instituições das Monarquias**, cuja bondade, e justiça se firma na base da experiencia de muitos seculos, de grandeza, e independencia (p. 1).

[...] São estes Periodicos, huns de **summa ignorancia**, e quasi todos ou de aberta, ou de escondida **maldade**, os que **preparão, e depois sustentão todas as revoluções**, mofando, e escarnecendo dos Povos, quando imprudentemente lhes dizem que os querem ilustrar. [...] A obra foi premeditada, e architectada por poucos comparativamente á massa popular; mas a massa popular foi corrompida, e depois arrastada pela inundação dos Periodicos que alagou o Reino (p. 4-5).

[...] poucos momentos teve de duração a tão preconizada Republica Franceza, cahio nas mãos de hum furioso Usurpador, que não governou como Monarca, mas como hum Cabeça de bandidos, que devião, despovoando a França, assolar a Terra. **Os sustentaculos deste novo Imperio de ferro, e sangue, forão os Periodicos, que divinizando o Monstro illudião os Povos**, sustentando esta illusão com o medo da força, até que a Providencia Divina suspendeo esta torrente impetuosa, como põe hum limite intransgredivel ás ondas do Oceano (p. 6).

[...] Eu contemplo a **causa eficiente** de tantos males, e concluo que o instrumento mais poderoso tem sido os **escriptos periodicos**, em que se tem propinado aos Povos o **mortifero veneno em Politica, e em Moral**. **Se não fôrão estes impios escriptos, não teria n'estes dias rebentado em França o mais espantoso Volcão revolucionario**¹⁹⁹, voragem, que ameaça engolir em seu escuro seio todos os Povos, e

¹⁹⁸ Até ao nº 6. Nos números seguintes consta «Com Licença».

¹⁹⁹ Revolução de Julho de 1830.

todos os Monarcas, pois he este, e só este o seu infernal designio. Eu não posso esgrimir huma espada, enristar huma lança, ou bornear huma peça, mas posso oppôr hum Escripto a outros Escriptos, e combater com a razão, e com a verdade os sofismas da impiedade, e da rebellião, **desenganando os Povos** [...] o feroz Maçonismo não procura mais que cegar os homens com a apparencia, e com a promessa de bens, que são verdadeiros males, que lhes prepara ferros, quando lhes promette liberdade, offerecendo-lhes opulencia, quando os intenta despojar de tudo, constituindo a *Ochlocracia*, que he o governo da **canalha**, quando assegura conservar, e respeitar a Monarquia (p. 9-10).

[...] A causa he do Rei, a causa he do Povo, eu a defenderei; e se conseguir **desenganar os Portuguezes**, mostrando-lhes o que ha verdadeiro em Politica, e necessario em Moral contra os esforços Maçonicos, terá a nossa amada Patria, e o nosso adorado Soberano em torno de si hum muro de bronze: talvez que possa mais n'esta Causa a razão das Letras, que a força das Armas: escreverei pois hum Periodico Semanal, que não excederá talvez huma folha de impressão em miuda letra. Sahirá em hum dia da Semana, sem se determinar qual d'elles deva ser, porque as occorrencias o podem alterar alguma vez, mas logo se annunciará por esse Papel, que se chama Gazeta (p. 10).

[...] o *Desengano* fará as mais justas reflexões a beneficio dos Portuguezes, sem offensa de Corporação, ou de Indivíduo. Querer Assignaturas he, em quanto a mim, fazer huma violencia ao Povo: quem livremente quizer, que o compre, porque o preço será tão modico que pouco excederá a despeza do papel, e da Impressão. Sobre a materia proposta não se admittem nem Cartas, nem Memorias, nem Discursos estranhos, nem Communicações particulares; pela uniformidade, e character do estilo se conhecerá sempre quem seja o Auctor, que nada remette pelo Correio, nem pelo Correio aceita (p. 10).

[...] O maior, e mais implacavel inimigo dos Reis, e das Nações, da Religião, e das Leis he o Maçonismo, e tão **contumaz**, que até se obstina contra as **Forças**, e contra os Cutelos; não se pode usar contra elle seguramente da **Força armada**, porque a **corrompe**, e a transforma em instrumento do seu poder; e repetidos exemplos proximos a nós, e a nós agora presentes, comprovão esta verdade: a **única arma**, que pode debellar este novo Anteo da Fabula, que se levantava das suas quedas com mais vigor para combater, **he a opinião do Povo Portuguez** (p. 10).

[...] por **factos** tambem **públicos**, provados, e universalmente conhecidos, conservados na Historia, na Tradição, e no testemunho ocular, eu mostrarei sem equívoco, sem ambiguidade, eu mostrarei, que todos os males, que temos soffrido, soffrêmos, e receamos, nos tem vindo, e nos vem das mãos do Maçonismo, e só, e exclusivamente das mãos do Maçonismo. Chegando o **Povo** Portuguez ao ponto do **Desengano**, que lhe dará esta **verdade demonstrada**, o Throno estará seguro, a Religião vingada, a Patria defendida, e a obra das trevas anniquilada (p.11).

[...] **as nossas desgraças tem assignalado este circulo de tres annos**. Em 1817, 1.^a (entre nós) erupção do Vesuvio revolucionário. Em 1820, 2.^a; em 1823, 3.^a, estendendo-se até 1824. Em 1826 maior irrupção, e por todo o anno de 1827, 4.^a: **em 1830, o que estamos vendo, e contra quem nos devemos prevenir pelo Desengano, que vou offerecer aos Portuguezes** (p.12).

Pedroiços 6 de Setembro de 1830.

N.º 2.

Que cousa he Revolução?

A **definição** do annunciado nesta palavra — *revolução* — basta para dar aos Portuguezes o mais importante desengano em Politica, offerecendo-lhes ao mesmo tempo o mais efficaz antidoto contra o veneno das innovações de que os mesmos Portuguezes tem sido victimas pelo espaço de dez annos. — **Revolução** he huma **mudança desgraçada do bem para o mal**, na ordem Politica, de que resulta alguma vantagem para os **Scelerados**, que a fazem (p. 1).

[...] nesta ponderosa alternativa, — ou vêr os Thronos em cinzas, ou vêr a força usurpadora anniquilada, — **nisto não ha meio**. [...] A luta deve terminar pelo **exterminio dos monstros**. Esta he verdadeiramente a causa, ou a unica questão Europea, não ha outra. [...] Não aproveitar a primeira lição, e querer ser mais desgraçado ainda na segunda, he querer dar ao Mundo o espectaculo de hum Povo de **mentecaptos**, que afia os **cutelos**, e torce os cordeis com que seus proprios **algozes** os **martyrisão**, em quanto estes mesmos verdugos se applaudem na obra da sua mesma perversidade, e **escarnecem**, e **mofão** da simplicidade, e irreflexão dos Povos agrilhoados (p. 3).

Portugal nunca teve revoluções! Nunca, e foi aquella²⁰⁰ a primeira. Nunca! E aquella mesma, não era sua, era estranha, e com ella entrava na generalidade da revolução Européa. Era huma porção consumida pelo **fluido electrico**, que envolvia, e abraçava simultaneamente as outras Nações da Europa (pp. 3-4).

[...] Desenganem-se os Povos, a Revolução não pára; se parece extincta, enganão-se, está estacionaria, espera o momento, e apenas, segundo as suas vistas, se lhe proporcionão as circumstancias, rebenta com mais furor, para causar maiores estragos: para tão pérfido inimigo não deve haver armistício; não ha meio algum entre a victoria, e o extermínio. [...] tempo talvez virá, em que o viajante attonito diga, olhando para hum montão de ruinas aquillo mesmo, que diz, olhando para os restos dispersos de Babylonia, e de **Palmyra**: — **Aqui existio Paris**, assim o dizem esses montões de pedras. — Sem que eu escreva a Historia do Futuro, estes vaticinios são filhos do Presente. Pouca previsão he precisa para antever esta verdade (p. 8).

[...] Pedroços 13 de Setembro de 1830 (p. 11).

N.º 3.

Pretextos das Revoluções.

[...] Camaras, são os theatros da discordia, e os mananciaes da insolencia. Sobre isto eu não posso dar aos Portuguezes hum desengano tão claro, como lhe derão seus mesmos olhos, e a sua experiencia, na primeira Camara, verdadeira Olha podrida, ou misturada ridicula, e chamava-se Camara Soberana, e Constituinte, Corpo Legislativo, e o que tantos Demagogos se quizerão chamar (p. 7).

[...] 26 de Setembro de 1830 (p. 8).

N.º 4.

Os Revolucionarios mentem sempre.

[...] Vamos contemplando esta escandalosa enfiada de imposturas para que o Povo, que deveras quer o bem, fique de huma vez para sempre, desenganado. — *Definhar-se a nossa industria.* — Estas palavras, pedantescamente escolhidas, —

²⁰⁰ 1820.

definhar-se —, **precisavão de outra resposta, que não cabe na gravidade deste escripto**, ainda que não fosse muito alheia do fim a que se encaminha (p. 10).

Pedroiços 18 de Outubro de 1830 (p. 12).

N.º 5.

Consequencias da Revolução.

[...] o que he na Natureza hum terremoto, he em Politica huma revolução. He verdade que huma revolução não deita abaixo os edificios; mas fecha-os; não dispersa, ou afugenta as familias; mas separa os homens, fazendo-os contrarios, e inimigos; não traz comsigo a fome; mas he occasião d'ella; não traz comsigo os males fysicos; mas he o germe, e a origem dos males moraes, que são peiores que os da Natureza (p. 2).

[...] Se no commum estrago o terremoto mistura os Monarcas com os Vassallos, sem os confundir, a revolução lhes apaga, e amortece de tal arte a luz da Soberania, e lhe coarcta o poder, que a sublimidade do Diadema do Rei se transforma na vileza do grilhão do escravo, **porque hum Rei Constitucional he o mesmo que hum Rei pintado**. [...] Ou dê hum Rei a Constituição sem lha pedirem, ou assigne a Constituição quando lh'a levão feita, ou, degradando-se a si, vá jurar esta Constituição **quando lhe mandão que o faça**, entenda que **deixou de ser Rei**, e que fica subdito dos que até alli se dizião seus vassallos (p. 2-3).

[...] he mais justa, **mais santa** huma **Cruzada contra o Maçonismo**, que as que se formárão contra os Sarracenos, he preciso acabar de huma vez contra aquelle, que tantas vezes se levanta contra nós.

[...] Eu vi com os meus olhos, e li em alta voz o original da propria letra do Auctor, com sua propria assignatura, as Instrucções que o Mestre de meninos da Villa d'Arruda, Candido José Xavier, hoje banido, dava ao banido tambem hoje, e sempre Commandante do Exercito de Operações, para se constituir a si, e o mesmo Exercito debaixo das ordens de Guilherme Henrique Clinton, e operarem os exercitos combinados contra os Portuguezes: isto parece incrivel, mas eu sei onde pára este documento originalissimo; mas tal foi a consequencia da mais que todas maligna revolução de 1826 [...]. Estas manchas não se lavão senão com o sangue Maçonico. Aqui me gritaráõ os **Hypocritas da Realeza**; — **Moderação**, moderação. — Que he isto? **Mal conhecem a quem tanto gritão!!** (p. 6-7).

[...] Dizem-me que eu com estas verdades nascidas e assentadas em meu coração, multiplico os meus inimigos, e que a vingança que tiraráõ, será espantosa: eu nenhum temor tenho, e não sei que feições tenha o medo. **Quasi septuaginario, gotoso, e calculoso, e tão transido de dôres**, que o debil resto da minha vida já he metade da morte, que me podem tirar? Nem a vida, nem a liberdade; não a vida, porque he qual a retrato; não a liberdade, porque **os ferros não me prenderão tanto, como me tolhe a doença**; e se eu não tenho deixado de amar o Rei, e de amar os Portuguezes em tão longo espaço, não me hei de desmentir em tão rápido momento como he o da morte. **Foi-me preciso fallar dest'arte de mim mesmo**, porque assim devia responder ao que acabava de escutar. Torno ao quebrado fio (p. 9).

[...] E deixarão, indolentes, consolidar esta, a mais terrivel, e espantosa de todas as revoluções, que ameaça todos os Thronos, que se ramifica por todos os paizes, que se descobrio já em progressivas explosões em Hannover, em Saxonia, em Flandres, que virá do Norte ao Meio dia como hum incendio atizado pelo vento da architectada, e systematica **conspiração universal**, e que tem por fim, e por objecto a total destruição da Soberania, e estabelecimento do Republicanismo federativo? **Povos**, e Nações, o **conhecimento**, e o estudo do passado, vos deve obrigar a acautelar o presente, e antever o futuro (p. 10).

[...] A revolução he a pedra arrancada de cima da montanha, a sua aceleração não he como a dos outros corpos, aqui não ha, nem razão directa, nem inversa do quadrado da distancia, ha huma precipitação ruinosa, que leva comsigo tudo, se não se constituir na espada, e no canhão o unico meio da resistencia (p. 10).

[...] **A Nobreza, ou a classe alta despreza, ou desdenha muito a classe popular**. Ha Nobres tão intrataveis, e soberbos, que mostram não poderem supportar que os plebêos tenham como elles a figura humana, e por que estão em huma condição elevada, não querem conhecer nos outros a igualdade da Natureza. Para se communicarem hum grande, e hum plebêo são precisos dois instrumentos, dos quaes hum em Astronomia se chama **Telescopio**, outro em Fysica se chama **Microscopio**, hum aproxima, outro augmenta; para o plebêo fallar a hum destes Grandes precisa do Telescopio, que lho aproxime; tal he a **grandeza**, e a **distancia** em que o Nobre se considera, ou quer que o considerem! Para o Grande fallar, e tratar a hum plebêo, necessita do Microscopio, que lhe augmente a **invisivel pequenez** em que reputa, ou imagina. **Bom seria que estes tubos, e estas lentes se quebrassem de huma**

vez para sempre, e que se formasse huma adequada idéa do que seja a **igualdade moral**, e que se calculassem os males que acarreta esta arbitraria differença (p. 11).

Pedroços 30 de Outubro de 1830 (p. 12)

N.º 6.

Doutrinas da Revolução.

[...] Cabeças **volcanicas, esturradas** com as doutrinas dos Maniqueos, dos Valdenses, e sobre tudo do Inglez Wiclef²⁰¹, para dominarem sobre os homens os quizerão por principios reduzir em moral, e em politica ao simples estado da Natureza; começou-se a ouvir a palavra igualdade, e liberdade, e a falta de intelligencia destes dous termos, por Logica definição, tem feito a **desordem**, e a **desgraça** do Globo, que habitamos. O Scepticismo de Bayle, e o **adulterado**, e **mutilado** Livro do profundo **Espinosa**, traduzido em Francez com hum titulo **capcioso** – *Diversas idéas de hum Livre pensador* –, sendo elle no Original Latino – *De jure Ecclesiasticorum*, - acabárão de fazer andar a **cabeça á roda** aos **semi-doutos**, mas estremes, e acabados Pedreiros, fazendo igualmente levedar a massa das revoluções [...] (p. 2).

[...] quatro **Sofistas maximos** que accendêrão de todo os animos para se consumir a grande obra da perenne inquietação do Mundo, e o transtorno de todas as instituições dos homens; quero dizer, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, e Raynal. Eis-aqui o facho que se accendeo no altar sacrilego da corruptora Filosofia, que posto nas mãos das Furias deveria reduzir a cinza os Templos do Deos vivo, e os Thronos dos Monarcas (p. 3).

[...] Comecemos por Montesquieu [...] talvez que este mesmo Filosofo se **arrependesse** depois de não ter deixado os homens em sua natural ignorancia. Se elle vivesse até ao anno de 1789, por certo se **envergonharia** de vêr tantos aventureiros em Legislação, e tantos Flibusteiros em Politica, que se chamavão, pelo abuso de suas doutrinas, seus discipulos, e estes são os mesmos que fizerão, e sustentárão a revolução!!

João Jacques Rousseau, cuja **selvagem Filosofia** fez tantos proselytos, sendo elle hum declarado inimigo dos homens, fez derramar tanto **sangue**, e commetter tantos

²⁰¹ John Wycliffe (c. 1320-1385).

assassinatos, que devia **amaldiçoar** o dia em que deo á luz o **Evangelho dos facciosos**, quero dizer, o seu – *Contracto Social* [...] (p. 3).

Voltaire, seguindo outras pizadas, por todo o longo das suas fatigantes, ou fatigadoras obras, **declarou guerra á Religião**, atacando com as **armas do ridículo** seus Ministros, tornando-os odiosos. [...] Voltaire a preparou mais que os outros, e as doutrinas que elle assoalhou são as mesmas, e não outras as doutrinas da revolução, que elle ensina, e que os revolucionarios sustentão com a palavra, e com o exemplo.

Raynal tinha menos engenho, que os tres de quem acabo de falar, mas era dotado de huma **atrevidissima eloquencia**, e fascinava, e arrastrava com ella a totalidade, ou ao menos a maioria dos **semi-doutos**, dos faladores, e dos que professão o instituto de **Filosophos de Cafés** [...]

A chamada Arvore da Liberdade produzio estes venenosos fructos, que são peores ainda que os pomos de Sodôma; estes ao menos tinham a casca, ou apparencia lisonjeira á vista, ainda que interiormente não fossem mais do que cinza, e podridão: os fructos da revolução, no âmago, e na superficie, não são mais, que **asquerosa podridão**. He preciso que os Povos se desenganam (p. 4).

[...] A Escola geral do Reino, onde se vão preparar para o governo d'elle [...] de longo tempo se conheceo que era o **fóco da contaminação**, devendo acudir-se a isto, não pela reforma dos Compendios, mas pela expulsão dos sujeitos; he huma prova da calamidade pública que o Reino tem experimentado na introdução de Livros das doutrinas revolucionarias, e ímpias. [...] Quantos vi eu de Fisiologias, que erão na essencia o puro **Materialismo**? Vem obras do *Summo Medico* Cabaniz; entre **bichas**, entre **purgas**, entre **vomitorios** heroicos, vem a unica e infinita substancia de Espinosa, vem a Alma do Mundo, que quer dizer – O Pantheismo.

[...] parecerá mui longa esta digressão; mas eu julgo que para os desenganos que desejo dar ao Povo, convem lembrar-lhe quaes sejam as doutrinas da revolução, e os males que hajão causado estas doutrinas. Com ellas **vem preparados** os que dando-se ás Sciencias na **Escóla geral**, vem apparecer na Sociedade, e nella por seus empregos tem maior **influencia** na Politica, e na Moral (p. 5).

[...] Vacillão os Thronos em quanto não **pernearem nas Forças** os Pedreiros. Dir-me-hão, que sou hum homem de sangue, quando devia ser hum órgão de paz, ou hum Apostolo da Amnistia. Ah! Malvados [...]. Contumacia, e impenitencia, tudo he o mesmo; vós quereis morrer impenitentes, pois morrei (p. 6).

[...] Corra-se a Historia d'estas modernas revoluções, ou grandes, ou pequenas, ou geraes, ou particulares, sempre se encontrarão, sem excepção de huma só, duas classes como obrigadas, **Medicos**, [8-9] Jurisconsultos, alta, e baixa **Magistratura**; a **contagião politica** abrange com manifesta predilecção estas duas classes [...] (pp. 8-9).

[...] Se eu leio bem no meu Reportorio politico, e não me engano no juizo do anno de 1831, pareceque se não volverão muitasLuas, que não apareção Cossacos em Paris [...] (p. 10).

[...] admiro-me, e sobre maneira me confundo, quando me dizem, apontando com o dedo, aquelle Bispo he hum Liberal.... Que horror! Pois tanto podem as doutrinas da revolução, que até abalão as columnas do Sanctuario? Sim. [...] Achão-se exarados nos registos dos Pedreiros Livres nomes, por inteiro, dos successores dos Apostolos; e o Instituto Maçonico tem por primeira baze - *Esmagar o Infame* – De que he capaz o coração humano! (p. 11).

[...] Pedroços 12 de Novembro de 1830 (p. 12).

N.º 7.

Qual he o fim da Revolução.

[...] tudo em meu raciocinio se encaminha a mostrar que he falsissimo, e contradictorio, sofisticado, ou quimerico o Dogma revolucionario da Soberania do Povo. Este falso principio he, na Filosofia do Maçonismo, a base principal da revolução, com elle se engana o mesmo Povo, e com elle se prepara, e dispõe para soffrer o pezadissimo jugo de muitos Tyrannos juntos, cujo fim he a ruina, e captiveiro de todos os Povos (p. 5).

[...] Medicos gratuitos de enfermos que nem se queixão, nem existem, aqui nos apparecem, e nos annuncião huma radical mudança para melhor em nossas Instituições, Leis, e usos, tão abraçados, e tão antigos, como a mesma Monarquia, e vi eu os Portuguezes divididos descubertamente em duas classes, huma de cumplices, outra de pasmados, e obstupefactos [...] (p. 5-6).

[...] a gente mais **descarada**, e impudente que tem apparecido no Mundo, desde que elle he Mundo, mais **insolente**, e mais **sem vergonha**, são os Pedreiros Livres. Apanhados, e maniatados com todas as suas insignias, paramentos, e atavios Maçonicos, que, se os adoptarão como Symbolos significativos, **são a cousa mais**

ridícula que podia inventar hum Arlequim, ou para dançar n'hum corda, ou para bailar n'hum Theatro, com estes mesmos atavios, açoitados pelas ruas públicas, expostos ás apupadas, e á irrisão da canalha, e ás maldições dos homens de bem, levados por mão do algoz pelas escadas da **força** até á sua sumidade, com as faces da impudencia, e com os olhos da soberba, como se assim tivessem nascido, se apresentam. No supplicio de qualquer réo, muito duro, e empedernido será o coração do espectador, que alli não se esqueça do crime, para se lembrar do homem, porque em fim a Natureza não se desmente, e reclama sempre os seus direitos; mas não succede assim quando se trata de **esquartejar** hum Pedreiro: não excita a compaixão, aumenta a indignação: para a plebe he hum **galhofa**, para os homens honrados, sisudos, e pensadores, he hum satisfação da razão, e da justiça. Este attributo do Maçonismo, he communicado pela revolução; querem os Pedreiros, que todos sejam, como elles são = **descarados** (p. 6).

[...] mas o fim daquella revolução, como o era da primeira, era confundir tudo, e converter tudo em ruinas, fazendo do Reino hum cemiterio e sobre hum throno de ossos, e de caveiras empunhar o Sceptro a furia do Maçonismo. Não se fez, porque então o poder da Força suffocou a voz da razão, o clamor da justiça, e estimulo de honra, e fidelidade dos verdadeiros Portuguezes (p.8).

[...] Ha muitos annos que **neste sitio**²⁰² **me tem ligado a minha horriavel molestia, ainda nenhum delles fallou, nem fallará comigo**. Se paixão enviusão os olhos, e crescem-lhes as **espumas da colera nos cantos das praguentas bocas**. A raiva lhes faz tremer e abanar a cabeça, o movimento, ainda que convulsivo he o do ameaço; e **parece-me que lhes ouço dizer**: “deixa estar, **malvado, monstro sanguinario**, que o *Itabaiana* não anda por cá debalde!! Has de vêr as Camaras, e nós to diremos!!”

Se todos se mettem a dar conselhos em Politica, e em Policia correccional, eu tambem darei o meu conselho assim como o dão os outros sem lho pedirem. Todos estes, que com especioso pretexto de banhos vem juntar-se, e sempre os mesmos em Pedroços, devião primeiro ir dar na Intendencia hum segura fiança da sua conducta nos Clubs deste sitio e todos desde o Aposentador mór até o seu aguadeiro. Então he que eu diria que podiamos sem sobresalto dormir a somno solto, porque **elles bem sahem que daqui á Torre de S. Julião he meio caminho andado.**” (p. 9-10).

[...] Pedroços 22 de Novembro de 1830 (p. 12).

²⁰² Pedrouços.

N.º 8.

Salvo conducto das Revoluções.

[...] **se as revoluções são muitas, he porque tem enforcado poucos** (p. 2).

[...] ha nestes indomaveis Tigres, que por certo são a vergonha, e o insulto da especie humana, hum crime de tanta atrocidade, ou de tal natureza, onde não póde, nem deve chegar a amnistia [...]. Todos os crimes tem limites na sua duração, este não os tem. Não está no que elles conjuráráo, e conjuráo, não está no que elles disseráo, nem está no que elles fizeráo, e não deixáo de fazer; e para não suspender mais os Portuguezes, cujo desengano com tanta ancia busco, este **crime** está no que elles **escrevêráo, imprimiráo**, e por todo o Mundo **espalháráo**. E quem poderá assignalar os limites do tempo, e do lugar a este crime? Quem poderá sondar toda a profundidade do abysmo da sua malicia? Hum Garrett, hum Lopes Rocha, e sobre estes monstros, hum Magalhães, commettêráo hum crime infinito, ou ao menos indefinito, em suas consequências (p. 11).

[...] Estes golpes na vitalidade da Monarquia não tem perdão. Responde-se-lhes, he verdade, mas quem destroe a **primeira impressão**, e o apoio que offerecêráo aos **malvados**? Quando terá fim a sua **maligna influencia**? [...] **Queimar** aquelles **Livros** pela mão do **Algoz**, seria huma satisfação da Justiça, mas não era rigorosamente hum remedio de tantos damnos.

[...] Haja perdão, mas lembre-se a Clemencia, que as **palavras morrem**, e os **Livros vivem**: aquellas são criminosas, e acabáráo, estes são **criminosissimos**, e permanecem. A soberania atacada, e este crime impune na pessoa do amnistiado, he dizer a todos os Thronos que não estão seguros. Concluamos: **se a Amnistia he preço, a soberania não he genero** [...]. Se alguns mandão Leis a Bengala, **nós** ainda **mandamos** Leis a **Timor**, e a **Macáo**, que **ainda he para lá mais alguma cousa**. [...] do que com tanta efficacia os defende, e os defenderá nos poucos dias que restão de vida a

José Agostinho de Macedo.

Pedroiços 6 de Dezembro 1830 (p. 12).

N.º 9.

Pés de lã da Revolução.

[...] Com effeito, nós vimos nos **infaustos dias** da **regeneração**, que tudo era huma continuada **Orgia**, e para me explicar de hum modo mais inintelligivel, tudo era huma continuada infracção dos mais puros dictames do Evangelho. [...] A virtude que insinuavão ao Povo, ainda que nunca se calem com a palavra = filantropia =, he a satisfação das proprias paixões, e as miras do particular interesse: mais ainda fizerão, apianando a voz, e **afofando a lã** dos calcanhares, persuadirão o Povo, que a palavra *obediencia*, era huma degradação da dignidade humana, porque então não seria pròvida a Natureza em nos fazer a todos iguaes; livre o Povo deste jugo, nem obedece á Lei revelada pelo mesmo Deos, nem aos gritos da consciencia, nem á vontade expressa dos Soberanos; e temos neste caso feita a vontade ao **Sofista de Genebra**, que era constituir os homens no estado insocial, ou quando muito na **companhia dos Ursos, e das Pantheras** [...].

Se destes principios vagos tão arteiramente espalhados, insinuados, e introduzidos na indiscreta massa do Povo, vamos considerar os passos subtilissimos, que com seus mesmos **pés de lã** os revolucionários sabem dar em suas promessas, maior desengano podemos dar ao Povo sacrificado sempre á frenética ambição destes **monstros** (p. 3).

[...] Mas a sua hypocrisia não he tão embuçada, e funda, que não possamos lêr por baixo destas Inscriptões outros mais salientes letreiros, que vem a ser — Ladrões com pés de lã, e Salteadores sem vergonha, porque nós bem vimos bater na bigorna de hum Ferreiro o escudo de huma —Excellencia — convertendo-se a tenaz de huma immunda fragua em hum Sceptro de despotica dominação; e o punho do hum cróque na inflexivel vara da suprema Justiça (p. 4).

[...] E vós, que pareceis humas formigas da terra, huns átomos vivos, mas impalpaveis, quereis subir áquelle fastigio de altura, e de grandeza, a que hum mortal pode chegar no Mundo, pois tira Reis, e põe Reis, concedendo-lhe ao menos hum, ou dous dos quatro poderes, em que nós dividimos o unico que até agora se conhecia [...] o Povo vos pagará hum tributo diario , tereis as barrigas impando de alimento, e as cabeças de grandes fumaças, ainda que muitas vezes ao desmanchar da feira não sejam inviolaveis ás **pedradas**, nem os vossos ouvidos ás **apupadas**. — Tudo o que levo dito he embutido com taes pés de lã, com tanta doçura, e infantil ingenuidade, que dalli a

huma revolução não falta mais que repartir o **vinho**, para que **molhada** assim a **palavra**, que se ha de pedir, e dar, se levante o grito, como acabão de fazer em França dous Banqueiros, e vinte Sansculotes mais esfarrapados que a canalha, e mais descarados que hum Pedreiro, que já tenha sido amnistiado (p. 4-5).

[...] A estas alliciações, e a estas já tão rebatidas illusões chamo eu os **pés de lã da revolução**, e creio que me não aparto da verdade, se os Portuguezes, para seu desengano, se lembrarem do dia 24 de Agosto. E depois disto restará ainda mais algum vélo de lã, com que os revolucionarios calcem os pés para entrarem sem se sentir no sempre preparado labyrintho da revolução, que parece descançar aparentemente alguns momentos para depois correr com maior impeto, e velocidade? [...] O veneno he tanto mais para temer, quanto mais se propina disfarçado, e dissimulado (p. 5).

[...] Os mesmos **Periodicos, genero importantissimo, e da primeira, e indispensavel necessidade**, apparecem, porque **se não apparecessem ficaria sem luz o Mundo**; e as mesmas Gazetas, como costumão, sem chorume algum a que se possa pegar o mais imperceptivel **miasma**, se nos mostram de escabexe, golpeadas, e com molho de vinagre, como eu as tenho visto; e isto para que? Para que o contagio se não propague e communique. [...] Que resposta se poderia dar a isto, que não fosse **darmos nós completo cabo, com vigorosas arrochadas, do canastro** daquella negra, e agoureira ave, antes que a peste nos desse igual cabo do nosso? (p. 6-7).

[...] Que homem vos diz isto? He hum homem, que sendo feito Deputado ás Côrtes de 1822, ainda não abriu o seu Diploma, o qual ainda está com as mesmas obreas hoje 13 de Dezembro de 1830 (p. 12).

N.º 10.

Insolencia da Revolução.

Combater os Pedreiros Livres, isto he, os inimigos de Deos e do genero humano, he cousa muito necessaria, e ao mesmo tempo he cousa que se tem tornado por extremo difficultosa: **eu desejava que se exterminassem, como se exterminarão os Lobos em Inglaterra, isto he, que se matassem todos n'huma só montaria** [...] a seára he *immensa*! A idéa de montaria, he com effeito original! Veriamos cahir á bala, o que virão os Judeos no Deserto, nuvens, e nuvens de Codornizes cahir dos ares para saciar a sua fome, nuvens de Pedreiros em terra para satisfazer o nosso desejo, e saciar o nosso appetite (p. 1).

[...] Vem os Lobos voracissimos, isto he, sahem das embrenhadas Cavernas os Pedreiros; miseravel Reino! ficas Aldêa assaltada dos Lobos. Tudo o que eras se foi, nem podes ser aquillo mesmo que elles querem que tu sejas. [...]

A Nação assim captiva, escarnecida, e vituperada tem razão de levantar o grito d'Aldêa ao apparecimento de hum Lobo que só respira sangue, e morte. Pois **atirem-lhe**, como fazem os d'Aldêa, e não haja **arcabuz, fouce, páo, pedra**, olho de **enchada**, que lhes não vá **á cabeça como se costuma fazer a hum Lobo damnado**, e em quanto derem signal de vida, não os deixem: e se elles com tremenda voz, e intercadentes gemidos disserem: — Então isto he o Poder executivo! — V. mercês o fizerão. E o Direito do Cidadão! **He o rabo desta chuça**. E a inviolabilidade do Domicilio? Pois se nós não entramos, vá a sua alma dar hum passeio. E a Carta que nos foi outorgada? — Dê-lhe lá muitas saudades. — Amnistia, Amnistia!! — Isso morreo. — Os Inglezes dizem que sim. — Pois nós dizemos que não (p. 2).

Quando nós faziamos por essa Mauritania dobrar para a parte opposta as pontas das Luas Africanas diante das muralhas de Arzila, os eclipsadores destas Luas, accrescentarão depois aos seus appellidos o appellido de *Mata-Mouros* - tomara vêr hum dia em que tambem o tomassem de *Mata-Pedreiros*! — **Oh! que barbaridade! Oh! que animo tão ferino!** — Esperem, Senhores, eu não quero semelhante cousa. ... A escolha da Nação, os homens mais sabios e virtuosos! **Mate-os Deos que os toléra** (p. 2-3).

[...] Se para libertar o Sepulcro se armou a Europa, para libertar, defender, e sustentar a Religião de J. C., derrubar o Imperio do Atheismo, e repellir os esforços da incredulidade, trazer a paz ao Mundo, o socego aos homens, dar huma guarida á virtude affugentada, e desvalida, apreço aos costumes, educação á mocidade, segurar os Reis nos Thronos, e as Leis na força, purgar a Terra de salteadores, e de Usurpadores, fazer que a humana sociedade fosse de homens, e não de Tigres; não seria ainda mais necessaria, e mais justa huma geral Cruzada, ou guerra universal de exterminio contra os Pedreiros?. . . . Pois este homem, dirão os insolentes Pedreiros, atreve-se a escrever assim!! Escrevo como devo, ainda que não diga tudo quanto me deve ser permitido dizer [...] (p. 3).

[...] verão quem acarretou á humanidade maiores males, se os Barbaros da Scandinavia, se os Filósofos de Paris, ou os pobretões, e gulosos da regeneração Portugueza. Da necessidade da Cruzada exterminadora, isto he, da Liga Européa contra os Pedreiros estamos nós convencidos, e da escolha de hum Capitão Supremo, não

devemos nós hesitar, ou duvidar, porque entre nós existe: elle sabe como essa guerra começa, elle merece este Bastão, e dando-lhe principio com tanta justiça, elle a terminará com maior gloria. Na Cruzada da Palestina o Mancebo Rainaldo, da estirpe d'Éste, galgou primeiro as muralhas de Jerusalem; o das margens do Tejo, d'outra estirpe ainda mais nobre, porque dos Reis de Portugal, he muito mais valente, e mais formoso (p. 4).

[...] Nem estes textos merecem **os Pedreiros, eu digo o que elles são, para se entenderem melhor. São Burros de Nora por dentro, e por fóra: e ainda que haja alguns que sendo filhos de Burros possam ser cavallos, digo que são como os cavallos á guia**, andão em circulo cujo centro he o pilão. Ouvem estalar o açoute, barafustão, e escouceão, mas o circulo não he maior, nem he menor. [...] **Veio a caterva em 1820: desde 24 d'Agosto deste anno, até 27 de Maio de 1823** em tantos dias que lhes parecião poucos, porque o soldo não era pequeno! **(Que ladroeira!)** o que disserão no primeiro, estavam dizendo no ultimo, naquelle momento em que ouvirão o assovio do pão que rompia o ar, e lhe vinha ás costas sacodidamente. [...] **sentindo as costellas em imminente perigo, começarão de gritar, — moderação, moderação. — Divina attribuição do Poder Moderador! [...] Moderação tem havido com as prisões, podendo trabalhar bem despejadamente a Força!**

Nestes termos, combatidos os Pedreiros pelo raciocinio huma vez somente, escusado he entrar em campanha com elles, porque não poderemos ouvir mais do que temos ouvido, nem á centessima facada ouviremos daquellas bocas mais que os mesmos nomes, as mesmas frases, ou, para me explicar mais Portuguezmente, **as mesmas parvoices** (p. 5).

[...] Se houvesse hum paciente curioso, que emprehendesse huma jornada á **Fortaleza de S. Julião**, e de lá ao **Palacio em que falleceo o Conde Andeiro**²⁰³, e de lá como bom viajante fosse a **Peniche**, e visitasse os Fortes, e de lá fosse ao Douro regenerador, vêr o Palacio das sete Torres, ou da **Relação**; em fim, **fosse onde estivessem mais bem parados os Pedreiros, sem os estorvar da obra em que estão naquellas seguras e tão bem arejadas Officinas**, perguntasse a cada hum delles em particular, sem que hum ouvisse o outro, pelas cousas, e negocios, da Ordem, sem que hum discrepasse do outro em huma syllaba só, ouviria a todos o mesmo aranzel; e se

²⁰³ Ao tempo, a cadeia do Limoeiro; actual Centro de Estudos Judiciários, em Lisboa.

achasse alguma diferença ou accidental discrepância, seria em o número das Camaras, ou divisão dos Poderes (p. 5-6).

[...] Não Senhor, Mr. *Laffitte*²⁰⁴ não he Rebatedor, agora na França he o Senhor Manoel Fernandes Thomaz. As vinte e quatro Cartas do Hipolyto²⁰⁵ impugnadas, e refutadas no *Espectador*, dizem pontualmente o mesmo, que diz Garret, que diz Midosi, que diz Rocha Lopes, que diz Magalhães, que diz o Chaveco, que diz Palinuro, que diz o Paquete de Lisboa, que disse a primeira, que disse a segunda, e que arrebenta por dizer a terceira; mas eu firmemente creio, que huns brutos chamados Cossacos, que morão na Rua do *Norte*, não deixarão levantar os andaimes; e estejam os *Aquitectos* certissimos, que ainda mesmo alcançados como estamos, se por mal de peccados seus se atreverem a levantar o primeiro barrote, lhes serve logo para hum Garrote! Grande ornato para a sua Architectura! [...] dizendo sempre o mesmo, a tudo tenho respondido, ou elles estivessem no poleiro, ou estejam na enxovia [...] (p. 7).

[...] na frente destes Paladinos sem vergonha hum conhecido Orate mais embigodado que o Barão de Trencke, o coco das crianças, e o vilipendio do Algarve, com tanta sciencia militar, que podia perguntar, se hum Peça se carrega pela boca, ou pela culatra? Hum Aspirante á Napoleoa, hum Feld-Marechal²⁰⁶ da Força armada, que ainda sabia menos que hum Anspeçada; e sem se saber a que, e aonde se encaminhava aquelle Cirio de Taverna, trazia no seu couce tres Secretarios, cada hum delles com sua alcunha, que assim como a de hum, a dos outros dous tambem podia enfarruscar o papel [...] (p. 8-9).

[...] Que desgraça he o estado do Mundo Politico no momento em que isto escrevo! He o ultimo dia do anno de 1830; e me consta mais hum revolução, e na Polonia!!! E o calculo do retardamento, e diversão das columnas Moscovitas terá certo o resultado! Que querem as crianças da Escola militar de Varsovia? Não o sabem dizer, porque talvez nunca soubessem a lição. São as mechas do incendio, porque o que se quer he o incendio, comece onde começar (p. 9).

[...] Já sabemos que quatro Palhaços, e sete Belforinheiros são os escolhidos, sem se saber por quem, para vigiarem sobre os destinos dos Portuguezes, mudando-lhes a *Fórma do seu Governo*. Ouve Portugal tudo isto, e he tão magnanimo, e generoso, que

²⁰⁴ Jacques Laffitte (1767-184), banqueiro francês, presidente do Conselho de Ministros na sequência da revolução de Julho de 1830.

²⁰⁵ Ver COSTA, Hipólito da – *Cartas Sobre a Frmaçoneria*. 2ª edição. Paris: Na Officina de A. Bobée, 1821 [1805].

²⁰⁶ Gomes Freire de Andrade.

se não vinga nos seus continuadores! Mudar a Fórma do seu Governo! Insolentes ladrões dos Governos, e dos Povos! Pois hum Governo há setecentos anos [...] deve mudar em sua fôrma, ou vêr destruida, e anniquilada, como vio, a sua immovel Lei primordial, só porque assim o querem huns Pelotiqueiros desconhecidos até nas Aldêas, em que nascêrão, e nas canastras, onde embalárão alguns? (p. 10).

[...] He Portugal hum Reino em que a Instrucção pública está abandonada! Ignorancia, rudez, e barbaridade; eis-aqui como dous insolentes Franchinotes nos pintão á face do Universo. Tenho razão de dizer que esta insolencia da revolução tem sido para o meu coração o mais penetrante golpe. [...] Vierão os Oraculos da Sabedoria, abrirão-se os Gymnasios de Athenas, e se franqueárão as Escolas de Roma; e os chuveiros da sapiencia começárão de correr em tanta copia das eruditas bocas, que o Reino ficou logo inundado, e a indeficiente luz por toda a parte derramada, fugio a sombra da ignorância. Vião-se os Bacalhoeiros lendo, e explicando *Platão*, e os seus vizinhos Quinquilheiros, fazendo as mais profundas reflexões a *Ocillus Lucanus*, e a *Timco de Locres* sobre a eternidade do Mundo, e origem da Materia, em quanto vendião hum barrete de lã a hum Fragateiro. O que mais se estendêo, e profundou foi logo o estudo da Política, **chegou até ao sexo encantador**; rivalisando com os Quinquilheiros, andavão ás punhadas sobre a intelligencia de hum Texto de *Filippe de Comines* commentado por *Vitrian*. **Na época dos lutos da Europa não tem lugar os gracejos; mas que merecem os charlatães insolentes, que vierão insultar os Portuguezes** com a Instrucção pública por elles abandonada, e com a reforma dos costumes, que elles muito áciente vierão corromper? (p. 11).

[...] a mocidade ficou com esta instrucção pública, como era de esperar, ficou com a devisa do Estoico Justo Lipsio — *moribus antiquis* — huns austeros, e severissimos Catões, e ellas tambem ficárão humas Catoas, e cada huma dellas podia dizer com a energia de Metastasio — *Son Figlia de Catone, e son Romana*. — Só eu não posso aqui acrescentar o Verso, com que lhe rimára este hum Corcunda da Platêa! Fiquemos nisto, que a promettida Instrucção pública em letras produzio Burros, e em Moral patifes (p. 11-12).

[...] Pedroços 31 de Dezembro de 1830 (p. 12).

N.º 11.

A Escada voltada na revolução.

A celebridade do nome nunca se conseguirá, nem se tem conseguido pela publicação de hum Periodico, ou, em fraze, que não he Portugueza, mas que se entende, Folha volante. O Mundo geme debaixo do pezo deste diluvio incessante, diluvio, que teve principio; e quem poderá affirmar que ha de ter fim? É para que fim se escrevem? [...] **Quem tem fome, faz Periodicos**; quem quer **dinheiro**, para o que he, e para o que lhe não he preciso, faz Periodicos; quem quer promover, preparar, e depois sustentar, e dirigir hum revolução, faz Periodicos; quem quer doestar, **infamar**, e perseguir individuos, ou classes, **vingar-se** de seus inimigos, enredar familias, forjar **aleives**, faz Periodicos; quem com **descarada fôfice**, se pretende inculcar, ou **impingir** por grande homem, vasto em erudição, profundo em Politica, capaz de altas missões, e de andar pelos Reinos Estrangeiros adivinhando o que vai pelos Gabinetes, que ás vezes he cousa nenhuma, mentindo impunemente, como os que influem nos negocios do Mundo, faz Periodicos (p. 1).

[...] **quem quer fallar de si**, com a soberbissima fórmula de — *Nós em nosso Periodico* — louvando-se tôla, e desencadernadamente, faz Periodicos; quem se determina a enjoar o Genero Humano, impacientar os homens sensatos, e prudentes, desafiando a indignação dos verdadeiros amigos da sua Patria, que desejão dar hum descarga cerrada nesta matilha de gozos rabugentos, e esfomeados, para livrar a terra de latidos, e immundicies, faz Periodicos. **E que he preciso para fazer bum Periodico?** He preciso o que elles são, nada. Quem tem as *Folhas*, ou quem lhe lêa as *Folhas*, ou quem lhe empreste as *Folhas*, que vem a ser Periodicos como os que se querem fazer, está logo Periodiqueiro, e faz Periodicos. Tirem lá as *Folhas* ao *Amigo dos Portuguezes*, que eu não sei quem elle seja, e ainda que o soubesse, não punha o seu nome, tirem-lhe das mãos as *Folhas*, no mesmo instante se lhe acaba a periodica amizade aos tristes dos Portuguezes (p. 1-2).

[...] Respirava o Reino desassombrado do vendaval Periodiqueiro, tinham cessado estas pragas mais calamitosas que as do Egypto [...]. Eu tive a desatinada lembrança, visto que **todos os Periodicos do Mundo se tem feito para enganar**, de fazer hum Periodico para desenganar. Palavras não fôrão ditas, e ahi está o Reino cheio de Periodicos [...] (p. 2).

[...] Vejo os Periodicos, que hoje tomão hum nome, amanhã crismão-se, e tomão outro nome; e vejo que se não correm, nem peção de nos dizer que nos vão dar todas as noticias da revolução, e dos revolucionarios Francezes, trasladando os seus Papeis, e pintando com as mais vivas cores, como se faz a revolução, o pouco que custou a fazer, e até o **vinho**, que sobejou depois de distribuidas as vezes, ou tarraçadas, que se derão ao Proto, aos Officiaes, e aos Moços das Imprensas dos Periodicos, o dinheiro meudo, que contou o Rebatedor *Laffitte* com o seu competente premio, para se repartir pela sansculotada dos acclamadores, como entre nós se contou o *liberalizado* aos Patriotas da Archotada; as parvoices, que sahirão da bôca do decrepito *La Fayette*, como *Manoel Cidadão* na Camara baixa, etc. (p. 3).

[...] Senhor Padre, dizia eu a hum imprudente Missionario, que ouvia pela manhã, e publicava tudo de tarde, Senhor Padre **diga ao Povo o que elle deve fazer, e não o que elle faz**, porque isso sabe elle muito melhor que Vossa Reverendissima; e muitos com o que lhe ouvem de tarde, aprendem a fazer aquillo, que ao ouvido lhe disserão de manhã, e muito melhor, porque aos inventos he facil accrescentar (p. 3).

[...] Levantai-vos, ponde os vossos chapéos semi-derrubados na cabeça, desembainhai essas **espadas que parecem canivetes**, chegai a essas janellas, a essa varanda, gritai, contando com hum auditorio honrado: — “Abaixo, ó Portuguezes, abaixo com a Facção Maçonica. Nós não queremos Rei Estrangeiro; temos a Lei que o chama, e este he o Senhor D. Miguel I. Viva! E se nós vos não temos dado nada senão desgostos por nos deixarmos cavalgar de quantos **patifes plebeos** se tem levantado com o Reino, ao menos ahi tendes guardanapos, que senão são de Guimarães, são do Porto; **os punhados de papeis que nos vêdes nas mãos são as folhas da Constituição; se faltar alguma, he porque já cá servio em caso de necessidade. Portuguezes, dai-lhe o mesmo uso**, e sereis Portuguezes.” — Então he que eu diria que estava na Igreja de Almacave, ou na Sala dos Tudescos no 1.º de Dezembro de 1640, vendo espedaçar Miguel de Vasconcellos (pp. 8-9).

[...] Se tomão isto por invectiva, enganão-se; o meu zelo he honrado; se querem ser Grandes mereção sempre o nome. Hum **Grande mettido em revolução** he verdadeiramente **hum dos Sanscullores embriagados** com *Viva a Carta!*

[...] Para os Revolucionarios **furtarem**, se compozerão neste, e no passado seculo as **Economias Politicas**. Em nellas se tratando das riquezas das Nações, Balança mercantil para aqui, e para além; circulações do numerario, especies metalicas que vem ao gyro, Calculos dos Contingentes nas especulações.... a Deos, a Deos — tudo isto he

jargão revolucionario. Vem a revolução, as Casas quebrão como estôpa podre. Os fallidos deixão-se cahir das altas nuvens a que tinham subido, como hoje dez de Janeiro estão cahindo do ar os copos da neve (p. 9).

[...] Nesta **estagnação geral em que vemos estar o Commercio** do Hemisferio de cima, e o Hemisferio debaixo, descobrimos huma completa **evaporação** de tudo o que se chama **dinheiro**; he condão das **revoluções**, que sendo ellas todas **inimigas** Capitães **dos Frades**, vem **reduzir todos os homens a Franciscanos**. [...] e fallemos claro, **as rendas do Estado não se engrossarião, para chegarem, bem governadas, a alguma cousa, senão fossem os Contratos exclusivos**, que se permitem. Todos se estarão lembrando do **Contrato do Tabaco**, tambem eu desse me lembrava. Neste Artigo Tabaco em que a Fazenda Real, **sem metter prégo nem estôpa, recebe annualmenie mil e quatrocentos contos**, e do qual, tantos contos de bôcas comem á farta, e tantos milhares de indigentes recebem pensões, e esmolas, Portugal sobrepuja a todos os outros Reinos, porque nenhum tem hum Contrato que tanto renda, e que he para o Reino a verdadeira Pedra Filosofal, porque não **converte** metaes em ouro, mas **folhas seccas em milhões**. Se o Diabo, porque só o Diabo as faz, trouxesse huma revolução, que seria do Contrato, que logo os Regeneradores repartião por si, e seus queridos afilhados! O Contrato do Tabaco he, considerado politica, e economicamente, a Chave de hum Cofre nunca exausto depositada nas mãos do Governo, onde se encontra o prompto recurso de urgencias; e nas mãos de huma revolução, he hum manancial das suas escandalosas rapinas. Oh! que este Contrato exclusivo tem engrossado tantas casas. Sim, Senhores, e estas enchem tantas mil barrigas! Inda bem que algumas invadio a mania da Architectura para levantarem Porticos Gregos, com as Cornijas vindas das ruinas de **Palmyra**, e Bronzes da abrazada Corintho! Tanto melhor! Isto não se faz com assopros, para isto **empregão-se braços**, e os **sucos gastricos de tantos estomagos** se tem posto em movimento para tantas digestões! Vem a revolução, e dá volta á escada, começa a Nação a reclamar os seus bens, e a Patria a estar em perigo, alli vem os Porticos a terra, e os Bronzes convertidos em moeda Nacional (p. 10-11).

[...] Deos livre o Reino destes flagellos, e os Portuguezes desenganados com as verdades, que não eu, mas a experiencia tantas vezes lhes tem manifestado, se determinem até se esgotar todo o seu sangue, a se oppôrem ao **monstro revolução**; o Tabaco, por isso mesmo que he hum tão seguro nervo, ou esteio do Estado, he logo por ella fumado todo. He declarado propriedade Nacional, deixa de ser Contrato exclusivo,

e reverte á Nação, e com elle a sua administração; e dirão com o estanho que elles costumão ter na cara, que he para pagar mais depressa a divida pública. Isto que digo do Tabaco por occasião de exemplo, diria, e digo de todos os outros Contratos que se arrematão pelo canal ordinario da Fazenda Real. O que os **revolucionarios** fazem, e o que elles fizerão á divida pública, foi augmentalla o duplo com as suas malversações, ou **latrocinios**; e bastou para tudo isto dar huma volta á escada [...].

Qualquer homem empregado, que a si particular, e individualmente se considere, e examine em todas as suas relações, por seu proprio interesse, e pelo interesse da sua condição, e estado, deve detestar, abominar, e oppôr-se ao **flagello** da revolução. **Os ricos ficão pobres, e os pobres ficão mortos**; os homens de bem ficão em três lugares, nos cárceres, nos desterros, e nos patibulos; e os malvados nos mais eminentes degráos, rindo-se cá para baixo (p. 11).

[...] Pedreiro 11 de Janeiro de 1831 (p. 12).

N.º 12.

A Casa dos Orates na Revolução.

Pois huma Revolução he hum latrocinio? Sim, e he o maior de todos os latrocinios (p. 1).

[...] este Imperio he o da Loucura [...]. Com effeito, quando eu, com a attenção de que sou capaz, considero a dominação Maçonica, em cada Revolução feita por estes fundadores do Quinto Imperio, vejo huma perfektissima Casa de Orates, cuja demolição lhe hum sagrado, e necessario dever da espada dos Monarcas, porque o fim do Imperio dos Pedreiros he não querer no Throno, nem na vida, hum só Soberano na Terra (p. 2-3).

[...] Nós já vimos por duas vezes esta Casa com as portas de par em par aberta, e formigando dentro della os **Orates, e mentecaptos**, e se os não vemos agora juntos, nós os vemos dispersos, mas não menos furiosos. [...] Juntos, ou separados, em Synedrio, ou em dispersão, e em desterro, nas **cafúas** de S. Julião, ou pela platéa, e Camarotes de S. Carlos, nos Gabinetes de dia, ou na espelunca de noute, com os **calções do Carrasco no cachaço**, ou na cabeceira do Tribunal, são como os Judeos, não querem huma cousa, e esta cousa he o Messias, isto he, não querem Religião, que he a primeira cousa, que o homem deve querer. [...] que cousa he bum Pedreiro, que não só não tem Religião, mas

a persegue? He hum Orate, porque o Imperio Maçonico he hum Imperio de loucos. E que se faz na casa onde estão aos Orates? **Correada**, não só que deixe **vergão**, mas que **escorra sangue**, e só o sangue do **açoute cura** Orates, e cura Pedreiros.

Eu me constituo Inquiridor destes Orates, porque para tudo tenho paciencia, e nunca me desfallece o animo no meio das mais intoleraveis dores do corpo, (pedra, e gota!) quando se trata de salvar o Povo Portuguez [...] (p. 3).

[...] Sei o que seja o seu Manifesto, tiverão duas Musas que lho inspirarão, a **Ladroeira**, e a **Impostura** [...] **Para as palavras communs tem elles hum sentido contrario, o seu Diccionario, he o Diccionario dos inversos**, e a prova, está no seu Manifesto. [...] mas eu não venho aqui para ouvir pataratices, e imposturas de seus Manifestos, promessas, e arrazoados; venho para interrogar cada Orate em particular, e para me dizer o que quer, e o que espera da Revolução [...] (p. 4).

Venhão cá esses Orates de cabeças calculadoras, e especuladoras. Que grandes Brigadas delles encerra a vastissima Casa! Quasi a vejo cheia de taes inquilinos! Chamão-se estes Senhores os Senhores do Negocio; e se se queixão de o verem estacionario, de si se queixem. Conhecidos Capitalistas, (são mais as vozes que as nozes) Cidadãos tão Patriotas, que podendo aqui receber de seus fundos cinco, seis, e até dez por cento, querem antes tres, ou tres e meio por cento no Banco da fumosa Londres!.... Bem recahia sobre elles hum emprestimo forçado, porque a quem arrota milhões, não faz grande brécha hum empate, não infructuoso, de alguns mil cruzados. [...] Oh! que a Revolução, que só busca a prosperidade interna do Reino, porque era hum aforismo do Patriarca Fernandes — *Adeos, Senhor Brasil, passe por lá muito bem*, — vendo-nos quebrados, e feitos em cacos, nos fará logo Juizes de facto entre hum magote de Jurados, he verdade que sem ordenado, mas tambem he verdade que honra, e proveito não cabem n'hum saco (p. 7).

[...] o Commercio, a não ser o das mentiras, calotes, e trampolinas, ha muito que está enterrado, nós andamos tinindo, os protestos por serem tantos, e tão usuaes, já não metem medo, se os nossos credores protestão, nós tambem protestamos não lhes pagar, fica elha por elha, tudo he negocio [...] (p. 8).

[...] Na Camara infima, e na Camara summa ha só dous lotes de Camarentos, o primeiro lote he dos mudos, o segundo he dos falladores; e onde huns não dizem palavra, por mais que o Senhor Presidente lh'a dê, outros não ha quem os entenda nas palavras, que dizem, porque arengas descozidas nada querem dizer; na de cima

Linhares, na de baixo Magalhães, como hão de fazer o Código? Por isso querião chamar para a obra Pedreiros de fóra, e com tão farto Jornal, como era o prometido (p. 8).

[...] Pois se isto querem, ou intentão, então deixem-se estar onde estão, na Casa dos Orates. Querem Carta, e sabem acaso como ficarão, e todos aquelles, que quizerem Carta? Eu lh'o digo: ficarão sem Religião, sem Monarquia, sem Leis, sem ajustados costumes, sem Patria, sem representação, sem jantar, e sem cear, sem socêgo, e sem liberdade, obrigados a pedir, não a Carta politica, mas a Carta de Guia para irem por essas Misericordias, e se ainda existirem, por essas Portarias com huma escudella ao caldo (p. 9).

[...] Que **Catilinaria sobre os Contractos exclusivos**, e com especialidade, o do Tabaco, em que fallei por occasião de exemplo! He verdade que eu não sou Financeiro, e não sei fallar em Finanças; e onde estão as Finanças para eu as vêr, e fazer idéa do que isso seja, e fallar com o conhecimento de causa? Se dellas houvesse hum systema fixo, podia eu então dizer alguma cousa. Sou Macedo, he verdade, mas ha mais Marias na terra, e ha Sancto do meu nome, que tem feito, e não sei se ainda faz, grandes milagres! **Respondo** ao Senhor Anonymo, pelo que observo, que se o Contracto passasse para a immediata administração da Real Fazenda, começava logo, e logo a atenuar-se, e em lugar dos 1400 Contos, que entrão impreterivelmente no Erario, apparecerião mil e quatrocentos centos contos de **mãos**, que ficando todas **untadas**, como hum grande rio dividido todo em grandes, e pequenos canaes para regarem estas, e aquellas extensas campinas, o tributo de aguas, que devia levar ao Oceano, ficava reduzido a dez reis de mel coado. **Creio que me explico menos mal com esta imagem**, ou semelhança. A Decima, que foi decretada para manutenção, e conservação do Exercito, se o seu lançamento fosse feito como manda a Lei, e não pelo arbitrio, ou conveniencia de tantas Harpias, que jantando com os Proprietarios, deixão que as casas tenham inquilinos, e ao mesmo tempo escriptos, porque das que estão, ou parecem estar vagas, não se paga Decima, chegaria o producto, e chegaria para pagar a meio Exercito Russo, e até o faria andar mais depressa.... Reduza-se a Contracto Real, e venha á Praça a sua arrematação, não só a Decima, mas as Sizas, e Maneio, e deixe-se ir tudo a mãos fieis, e bem afamadas como são as dos Contractadores do Tabaco, porque tractarião a cousa como sua, e como quem não quer perder, verião como regorgitava o dinheiro no Erario, e mostrarião a tanto pusillanime esfomeado se o Reino tem, ou não tem recursos; e em cima de tudo isto faça o Banco o que a Lei de sua criação manda, e faça tremer os Cambistas, que para isso foi creado, permittindo-se-lhe que batesse moeda,

mas desta que leva o vento, em quanto a pezada vai cahindo muito para o fundo de certas burras, ou sorvedouros (p. 10).

[...] O que mais que tudo desejo he não vêr o Povo Portuguez mettido na Casa dos Orates na Revolução. Se alli cahe, será para sempre desgraçado. Na primeira cahe **todo** o homem, ahi tem 1820; na segunda o **pouco acautelado**, ahi tem 1826; na terceira o **tolo**; e para o não ser tem bastantes Desenganos; se para alguns são amargos, mais o são os da Botica, e tomão-se (excepto eu) para que a perdida saude se restaure, ou a molestia não vá por diante. [...] Pois eis-aqui a Revolução, e as promessas da Revolução. Faz perder ao Povo o pouco, que tem, porque lhe tira os meios de o adquirir, não lhe dá o que lhe offerece em suas insidiosas promessas, porque não he para dar o que unicamente para si os Ladrões vão roubar. Destes Ladrões, que com tão inchadas bochechas tudo, e de repente promettião, vem esta miseria pública, e universal; e das punhaladas, que dêrão no estado politico e economico do Reino, vem estes ais, estes gemidos, que sem remedio está dando a toda a hora a indigencia. Pozerão o Povo Portuguez naquella lastimosa situação, em que aos olhos do Papa o representarão as *verdadeiras* premissas da Bulla da Carne (p. 11).

[...] Que verdades! Mas eis-aqui verdadeiramente o estado, em que a Revolução põe, e deixa os Povos, huns na Casa dos Orates, e os outros nos Hospitais.

Pedroiços 1 de Fevereiro de 1831 (p. 12).

N.º 13.

Os Cães ladradores, e os Cães derramados na Revolução.

Considere-se bem qualquer Revolução Politica, descobrir-se-ha hum bando de Ladrões sem medo, nem vergonha, e quando se ouve a gritaria de ou — *tenhamos as nossas Cortes* — como em 1820, ou *Viva a Carta*, como em 1826, podemos dizer, ou empunhando a bolça, ou engatilhando a Espingarda, — estamos chegados ao Pinhal d’Azambuja, e aqui não ha meio entre estes dous extremos, — ou ficarmos como nossas mãis nos parirão, ou estendermos sobre esta arêa, e deixarmos aos Lobos que farão as honras sepulcraes a estes Cacos desalmados, que nos tirarão a vida, se nós não tivessemos a resolução de lha tirarmos a elles primeiro (p. 1).

[...] Eu, sem poder eximir os Ladrões da Forca, parece que não devo querer absolver os Revolucionarios do cadafalço. Comparados com estes os Ladrões vulgares,

me parece que se lhes podem chamar os Santos innocentes. Tal he a **atrocidade dos crimes** destes verdadeiros Demonios com apparencia humana. [...] Dos Ladrões vulgares, e dos não vulgares teve profundo conhecimento o Padre Antonio Vieira, em seu nunca assas estimado Livro — a *Arte de furtar*; mas esta nova extraordinaria especie de Ladrões, escapou á sua profunda perspicacia, e viveza, porque, Ladrões mais que Ladrões, nunca se virão no Mundo, senão depois que no Mundo se descobrião, e existem Pedreiros Livres (p. 2).

[...] De tal maneira nos tem estes Cães ladradores, e Cães derramados com seus latidos, e irremediáveis morderuras roubado este bem preciosissimo, que se chama socego individual, que não ha hora do dia, e muito mais da noute em que estes Cães desaçaimados deixem de ladrar, e deixem de morder [...] outro he o procedimento que se deve ter com os Cães; para os que ladrão, páo; para os que **marfados mordem, e damnados communicão a hydrofóbia**, tiro com balla, e tiro com zagalotes; e, ou viver inquieto com os latidos, e uivos, e esperar a morte na agonia do veneno, ou dar por huma vez cabo de toda está canzoada (p. 3).

[...] Que fogos fatuos são estes, que ondearão esta madrugada pelos ares? Partia acaso para a Peninha o Cirio das Forçureiras, que ao romper da grave marcha se cobrisse o ar de foguetes? Mas elles subirião só do largo da Dobrada, e do fedor; porém em tão diversos, e distantes pontos da Cidade, e simultaneamente! Se erão signaes, por alguém devião ser conhecidos; se erão chamada, por alguma cousa chamavão, e alguém devia acudir, e alguém que estivesse iniciado no mysterio. Que gente he esta, que quando se amotina traz sempre a Guarda avançada, ou de archotes, ou de foguetes? (p. 4).

[...] O nosso tão bem motivado, e justificado orgulho Nacional, e a consciencia da nossa mesma grandeza formada, e sustentada pelas nossas façanhas obradas na Europa, e na Asia, (**não fallo na America, porque isso foi huma fazenda achada ao acaso, e mandada depois cultivar, e povoar com os nossos escravos, e criminosos punidos, e degradados**) nos estão dizendo a todo o momento: se quereis sustentar o nome de honrados, e de grandes, não deixeis levantar cabeça ao Imperio das inovações. Pois sete seculos de magestosa existencia deixar-se-hão macular **pelos ôcos palavrões de huns pataratas**, que se divertem como Charlatães de Feira, fogem depois como Ciganos, ou Ladrões da Charneca? Já que os não espancastes em seu apparecimento, antes de tomarem força, não os deixeis viver agora, e tomai tento que elles são como os Polypos, que feitos em pedaços se reproduzem (p. 7).

[...] Muitos destes cães estão ladrando, e mordendo ao longe, procurando que aqui se oução os seus latidos, e vejão as suas mordeduras, esses ridiculos, e infames papeis, que clandestinamente se introduzem, e girão pelo Reino, são tão vergonhosos, e tão destampados, que o Povo, a quem elles vem seduzir, e indispor, merece algum desengano. Pelo character moral de seus auctores se pode ajuizar da sua perversidade. Huma Comedia de doudos, ou de bebados, teria por certo mais ordem, e mais juizo (p. 8).

[...] Dão Patentes de Generaes, armão Gabinetes a seu modo: o Ministro da Fazenda por força he honorario, ou fica esperando que a haja; e que grandes caloteiros tem elles no Taipa, no Linhares, no Villafior para hum lugar semelhante! O Pasta das Pastas, Pedro de Sousa, he o Presidente de tal Ministerio... E vemos isto, e lêmos estes Decretos, e trememos quando chegamos ao fim do Decreto, que nos determina as cores de que se deve compor o Laço Nacional; e elles estão lá, e nós aqui. O que sobre tudo deve fazer desesperar de raiva, ou **estoirar de riso**, he a chamada triple invasão, determinando-se os tres pontos do simultaneo desembarque. [...] Só para elle estão já a bordo dos Transportes oitenta mil Granadeiros, todos elles cor de café. Pionagem, Gastadores, Vivandeiros, ou Quitandeiros de hum, e outro sexo, he huma nuvem negra, cuja presença assustará mais com o **cheiro** que com as armas; tantos Catingas, ou **tanta Catinga corromperá os ares** (p. 9).

[...] Mais consideravel, e ponderoso julgo eu o ataque, que nos fazem os nossos descarados foragidos, verdadeiros cães ladradores, nesses miseraveis Periodicos, que como drogas sem sello aqui por mãos Britanicas, carregadoras de Laranjas, nos são introduzidos. [...] Se aquelles mesmos dos dous Medicos²⁰⁷, a quem se pagava para escreverem em Inglaterra o *Investigador*, nos embutião as malhadices, que convinhão ás intenções, e disposições da Veneranda; e tanto rombo fizerão no costado da Náo do Estado; que farão *Palinuros*, *Paquetes*, e *Chavecos*, dignos nomes, e genuinas producções de cabeças vazias, e bôcas esfomeadas, cuja inspiração he huma impotente raiva de cães damnados? Eu corro todas aquellas douradas paginas, porque **em poucas deixa de apparecer o meu nome**. Busco razões, que combatão outras razões, argumentos, que destruão outros argumentos, e não acho mais que insultos, aleives, e regateiraes descomposturas (p. 9).

²⁰⁷ Bernardo José de Abrantes e Castro e Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

[...] Pelo que me pertence só a mim nos taes cadernos, e caderninhos , ladrem quanto quizerem, e.... chama-lho antes que to ella chame... **Se querem que não escreva mais, não he preciso descompor-me**, eu estou nisso, e declaro que já basta; e se querem que lhes diga tudo, tenho a cabeça cançada, o vigor, que nella havia, está evaporado, e o resto do corpo morto, ou quasi immovel. **Levo comigo huma consolação, que he, vêr girar por este Reino hum papel intitulado — a *Contra-Mina*; o seu auctor se assigna – O Padre Mestre Doutor Fr. Fortunato de S. Boaventura**, Lente em a Universidade. – Neste papel lançou elle mão do meio mais conveniente, e mais capaz de illustrar a Nação, que vem a ser, propôr-lhe dous exemplos, hum para o seguir, outro para o fugir (p. 10-11).

[...] He pois este o meio mais seguro, e o mais proveitoso de desenganar o Povo; os factos, e não os discursos, são para elle o mais prompto desengano; a *Contra-Mina* seguiu esta vereda, e abraçou este methodo, e eu o julgo, e o proponho como hum objecto da séria consideração dos Portuguezes, e nas actuaes circumstancias, a leitura mais proveitosa. [...] Eu estou doentissimo, decrepito, e moribundo; sou o Priamo de Virgilio, que veste as armas para ir morrer [...].
Pedroços 17 de Fevereiro de 1831 (p. 12).

N.º 14.

O Frasquinho de Balsamo, ou os Charlatães da Revolução.

[...] Por oito tostões comprou hum amigo meu hum frasquinho destes do tamanho do diametro do canudo desta penna de escrever, com bum Balsamo tal, que huma só gota tomada em jejum curava radicalmente a Gota, a Pedra, a dôr de Dentes, e as Cefaleias, e Hemicraneas, que são os quatro teimosissimos Algozes que mais me atormentão; assim dizia a immensa folha impressa que acompanhava o frasquinho [...] Não passa huma Semana, sem que estes frasquinhos appareção, e sem que os Editaes promettedores não forrem as esquinas todas! Não ha Franchinote, que aqui appareça, que são aos milhares, que não traga frasquinho, e que não nos prometta não só a cura nas enfermidades, mas immortalidade na vida. Muitas vezes, para que a nossa simplicidade encha a barriga a muitos, (que conforme o meu voto devia ser de estocadas) sem nenhum delles deixar o frasquinho, que he a unica bagagem, que os acompanha, cada hum delles vem com faculdade do Banco de Montpellier, curar huma só enfermidade, sendo o Balsamo em todos o mesmo. Hum vem tirar dôres, e dentes,

Dentista aprovado; outro he Cirurgião Calista, tira os calos, e tambem os préga, e isto mais do que est'outro, hum he Medico Parteiro, põe as mulheres, em estado de sahir creança, e tripas, e a mãe para sempre deste Mundo (p. 2).

[...] Ora ahi vai, e accomodem-se; o frasquinho he a Revolução, e os Charlatães, são os seus auctores, assoalhadores, e promotores, que, ao que promettem, faltão, e no que dizem, mentem, e perfidamente enganão. Não se póde entre dous objectos achar huma identidade mais perfeita, do que a que eu encontro entre os mezinheiros Charlatães de frasquinhos de Balsamo, e os malvados architectores da Revolução. [...] Quem chamou cá os regeneradores revolucionarios, mezinheiros gratuitos do genero humano? Ninguem os chamou, nem convidou, vierão elles como verdadeiros Charlatães politicos, carregados de palavras, e sobrecarregados de mentiras. Os Charlatães de Balsamo promettem curar todas as feridas do corpo, e deixão chagas cancerosas, e pestilentes; os revolucionarios promettem curar os golpes que no corpo social tem aberto huma má politica, e pessima administração, como elles lhe vem chamando, e rasgão, e profundão de tal maneira as chagas, que só a morte as poderá cicatrizar (p. 4).

[...] Ora, quando entrou o frasquinho do Balsamo revolucionario, e os Charlatães seus portadores, e conductores, bem se sabe o que foi nesta Capital, no dia 1.º de Outubro; como éráo Balsamos, e mezinheiros nunca aqui vistos entre nós, tambem eu busquei o lugar que me competia, como Povo que sou, e cheguei-me quanto pude para lhes contemplar o que a Natureza primeiro, e depois o crime, tinham feito, quando fizerão aquellas caras. [...] mas que transformação foi a minha ao vêr a veneravel caterva? Cuidei de me esjoar de rizo, quando com tal vista se offereceo á minha vivacíssima imaginação a figura daquelles Medicos pintados á cabeceira dos doentes nos paineis de milagre nos muitos — *Ex voto* — pendurados na ante-Sacristia da Penha de França, que todos tem cara de quem tem mortes ás costas (p. 4).

[...] Nada me impacientava tanto, e por fim, nada me fazia **rir** tanto, como ouvir-lhes dizer em suas surradissimas arengas: — *Para quando se fizerem as Leis regulamentares.* — Fóra, impostores, com esta frase canora! [...] Serei eu injusto? Não, Senhores; lá²⁰⁸ estavam homens conspícuos, e de quem eu sou o sincero amigo, mas (fizerão muito bem) pozerão-se na prateleira dos mudos, e fizerão de tudo aquillo hum divertimento; **gozárão de hum espectáculo ridiculo**; aquecêrão alguma cousa a

²⁰⁸ Nas Cortes.

respectiva algibeira, e esperarão em magestoso silencio, que hum sopro de vento rijo, com hum repellão deitasse de pernas ao ar a tão mal cimentada Igrejinha, que o espirito de rapina, e a vaidade, e orgulho Pedreiral tinham momentaneamente levantado. Ah! Charlatães! [...] Porque não fizeram ao segundo dia da abertura daquelle ridiculo Areopago, o que fizeram no dia 27 de Maio de 1823? A hum tiro de mosquete não se dissolve mais depressa, mais rapidamente hum bando de Pardaes, que ande retouçado em huma esterqueira, mettendo-se cada hum em seu boraco nos telhados vizinhos, do que se dissipou aquella nuvem negra de Gralhas, que tanto nos inquietou com os grasnidos, como nos depennou com as unhas (p. 6).

[...] Tantos **Charlatães Constitucionaes!** Impostores! Nem a mesma Constituição souberão fazer, isto já era muito, nem ao menos as Bases della. E serei eu capaz de levantar hum aleive a estes mesmos **energumenos revolucionarios?** E não lhes bastava serem Plagiários infames em Politica, propalando ideas, que não erão suas, e que contavão mais de tres, ou quatro seculos de idade! [...] João de Padilha foi o seu Preceptor, em tudo o seguem, e se elle foi **enforcado**, também elles o devem ser, para ficarem em tudo semelhantes. Seria o derradeiro excesso da impudencia dizerem elles que tinham feito a Constituição; e o caso he que o disserão, e apregoarão de tantos modos, sem temerem a pública confrontação da Cópia com o Original, e este não estava escripto em lingua Malaia, ou Tonquinense, mas **em Castelhana** bem claro, e bem perceptivel. Porém estes Politicos, ou Pelotiqueiros, não só nos obrigarão a acreditar que elles erão os pais da creança, mas com vinte mil espingardas ás costas de vinte mil traidores com pena de morte, ou desterro, com fome, nos obrigarão a acceitar aquelle parto do Inferno como hum presente do Ceo (p. 7).

[...] Isto he pezado, e incommodo de trazer, e ha muito quem o queira, e he difficil de se esconder, salvo nas Burras dos Capitalistas, e nas unhas dos Usurarios. Pelo contrario **o dinheiro, que faz o Banco, e faz quanto quer, são humas tirinhas de papel**, com soes, com luas, com banquinhos, com flores, e só lhes falta o olho do Grande Vigilante (p. 8).

[...] Os sessenta e cinco para sessenta e seis annos do Padre, assim como lhe alvejarão os cabellos, também lhe dessorarão os miolos, não sabe o que diz, e blasfema quando diz aos Monarcas que não queirão outorgar Carta, porque enterrão a Soberania, e dividindo o poder, ficam sem nenhum. Se digo isto, digo a verdade, e **Cartas nem as do Correio**, e persuadão-se Vossas Excellencias que **panela mexida por muitos não tem chorume nenhum** (p. 11).

[...] A Monarquia he o Governo de hum só, e estar o Monarca no seu Palacio esperando com os braços encruzados, e esperando que lhe venha de baixo alguma Ordem para executar, isto não he ser Monarca, mais parece ser hum Commissario daqueles Senhores. Isto lhe diz o velho Padre; mas a sua mesma experiencia ainda lhes falla mais claro. [...] se os *amalgamentos* são impossiveis, nunca pode ser estavel, e sincera a união da Camara de cima com a Camara de baixo. Cá **pela rua se hum Grande me encontra a mim, que sou hum peão, ou hum plebêo**, e a maior parte da minha vida **hum Prégador de aluguel, arreda-se muito, não se contamine com o contacto**; são como os Naires no Malabar, que se desviam da casta plebéa, ou como os Judeos, que se tocavão n'hum Samaritano, hião-se logo lavar; só não achão **canalha** a Camara de baixo nas Commissões mixtas para se baralharem com ella (p. 11).

[...] para a **innata vaidade dos homens** não ha cousa maior que ser Grande. Venhão Camaras, porque não só queremos ser Grandes, porém Pares; pois venhão Camaras, e serão nullos; e desenganem-se que todas essas fórmulas com que os **Charlatães do Frasquinho** enfeitão a Revolução, mais cedo, ou mais tarde vem a parar no puro Republicanismo. [...] Eu não sou inimigo da Nobreza, porque nella vejo, e nella respeito o premio, e a recompensa da virtude de antigos Portuguezes; Supponhamos que os presentes não obrão grandes acções, nem se distinguem por assignaladas empresas, mas nelles ha a memoria dellas, e os presentes não são o que são senão pelo que seus avoengos, ou antepassados fôrão; mas lembrem-se que o devem ser, e **não degenerem**.

[...] 5 de Março de 1831 em Pedroços. (p. 12)

N.º 15.

Ensaio filosofico sobre as Malhas.

He muito difficultosa a arte de conhecer os homens. Entendem-se melhor as Sùmulas de Aristóteles, e os Principios de Newton, que esta arte, peor que a Cabalistica, ou a Logica de Raymundo Lullo [...] Assim como razões não fazem sôpas, as palavras não dão a conhecer os homens, porque quasi nunca correspondem aos interiores sentimentos. As **mulheres**, quando tem caras capazes de desmamar creanças, ou de fazerem sem máscara papeis de Furias n'hum Tragedia Grega, sabem com a arte do **rebôco**, fazer taes **pirraças á Natureza**, que fica a cara, virando desta sorte de crena,

em alguma distancia, que parece a Venus de Medicis, que está, ou estava na Galleria de Florença; mas deixem chegar a noute que **desapparelle** aquelle esqueleto vivo, quem o vio de dia, não o conhece de noute; porque **por baixo do rebôco** estão **gelhas, carquilhas, rugas**, em fim, a vera effigie da **Furia Megéra** (p. 1-2).

[...] Eu que vejo alguma cousa alem da superficie, penétro pela transparencia da impostura, e vejo que, da pelle para dentro, he hum revolucionario, hum malhado superfino, que está entre a Torre de S. Julião, e a Forca, e que sendo em 1820, e 26 hum gritador de Viva a Carta! he em 1831 hum incessante acclamador da Realeza para escapar da Torre, e depois, a bom livrar, da Forca. [...] *Lavater*, e *Gall*²⁰⁹ fôrão huns pataratas, quando disserão, e escrevêrão, que pelas feições do rosto, e, depois de a gente estar morta, pelas protuberancias, e cavidades da caveira se conhecião as interiores disposições da alma, e se ajuizava com segurança dos diversos, e tão encontrados caracteres, costumes, e intenções dos homens; mas tudo isto he mentira, os **homens são huns mysterios indecifreveis, não ha pinta porque se conheção** (p. 2).

[...] Hum Filosofo dizia a hum mancebo = falla para que te conheção; = **muitas parvoices tem dito os Filosofos**, e estão dizendo todos os dias! Outro podia tambem dizer: = falla para que te não conheção. = Tambem me podia dizer outro qualquer ou Filosofo, ou não Filosofo: = **E V. m. porque se não cala já**, e acaba a comprida **arenga, e corrença** de palavras com que nos tem querido mostrar, que os homens são incompreensiveis, e que pelos signaes externos não se póde ajuizar do que sejam dentro? (p. 3).

[...] Assenta em sua consciência o Grão Nicoláo, que a Pedreirada Polaca deve ser corrida a **vergalho**, e que depois desta **matilha** sacudida, a mesma geribanda deve fazer dançar os Belgas, e que elle virá cumprir a palavra que dera a Carlos X, já apparecem Medalhas, e Effigies, que entupem as ruas, e nesta alternativa dos medalhados, e desmedalhados, quaes são os Corcundas, e quaes são os Malhados? Hoje Corcundas, á manhã malhados, com Medalha, e sem Medalha; que confusão he esta? [...] Os signaes externos por onde nos governamos, nos estão a cada instante enganando, e illudindo (p. 3).

[...] Querem vêr Malhados aos centos? Do Largo do Limoeiro olhem para cima, olhem para aquellas grades, alli os verão como Gallinhas em capoeira na Praça com a cabeça e com o pescoço de fora. [...] O Ergástulo dos Clerigos, sendo só delles, e para

²⁰⁹ Johann Kaspar Lavater (1741-1801), fundador da fisiognomia, e Franz Joseph Gall (1758-1828), pioneiro da frenologia.

elles, porque nelles ha grandes Malhados, he tal nelle a **virtude da hospitalidade**, que ainda lá não rejeitarão hóspedes, e tantos, que já não tem lugar onde se deitem. Se **destes asylos filantropicos**, os considero em ar livre passeando despejada mente pelas ruas, para eu os conhecer não necessito documentos, bastão-me os olhos, e os ouvidos [...] (p. 4).

As rizadas, os dichotes, os ataques injuriosos, chovem sobre estas venerandas cãs; já me chamarão o Autócrata, ou **Czar de todos os Corcundas**, e com tentos mais comedidos, o **Patriarca de todos os Servis**. **Ainda que nada digão, bastão os olhos, que me revirão** [...]. Com estes Malhados tão visiveis, e comprehensíveis nada tem o Ensaio Filosofico, andão diante de nossos olhos, e muito mal atirá ao alvo, quem os errar com duas **ballas**, estes não são os mais perigosos, por isso mesmo, que são os mais pronunciados [...] (p. 4).

[...] basta que o homem observador vá movendo vagarosamente os passos pelo lagedo da rua dos Fanqueiros, que he das ruas das Classes a mais comprida, ou vá para baixo, ou venha para cima, em cada **estafermo empertigado** que enche a porta com o volume do corpo dando ordens aos Caixeiros por detraz, e por diante, olhando-lhe para a cara, vê logo **hum Presidente dos Estados-Unidos**. Bruto, e Cassio não forão mais Demócratas, nem Candido José Xavier mais Malhado (p. 4-5).

[...] De inimigos dissimulados nos livre Deos; e para que o Povo delles se livre, he preciso conhecellos, e por pintas, e signaes, para que pouco se tem até agora advertido; e preparado o Povo com estes, **não intempestivos gracejos**, attenda agora para as mais sérias, e importantes verdades.

A Seita revolucionaria [...] tem recrutado para seus Exercitos individuos de todas as classes, condições, e estados, e desgraçadamente os **homens de Letras** são, **para desgraça sua, e nossa**, os **Granadeiros** destes tão engrossados Batalhoes; as **Universidades**, cujos Mestres, e cujos alumnos tem por si a justa presumpção de **Literatos**, são como os depositos e escólas, em que se adéstrão estes guerreiros da impiedade, e perturbadores do universal socego dos Povos. [...] os auctores e promovedores das revoluções se encontrão nesta **allucinada Classe de Literatura**, ou de frequencia das Aulas, (ou seja o que fôr, porque para saber o que dizem se sabe, que eu creio ser quasi nada, não he preciso o curriculo de tantos annos de passeio nas terras em que ha as Universidades), basta que nos lembremos de Coimbra, do que de lá tem sahido, e do que lá se tem feito (p. 5).

[...] He desgraça, e bem fatal, que se haja convertido em hum **motivo de vaidade** orgulhosa o **alistamento nesta Seita**, porque *ipso facto* se julgão homens em tudo **superiores aos outros** homens, para quem olhão como para cegos, hebetados, e ignorantes, e eu para elles, como os maiores **papelões, e asneirões da Terra** (p. 5-6).

[...] Ora, depois que os **Paladinos de Condeixa subirão, no Cães do Tojo, as escadas do Capitolio para receberem a Corôa Civica de panno de linho, e o colar da mesma planta, toda aquella Mondegal Athenas deixou aparentemente de ser malhada, porque declarando-se tal depois da Ovação de seus Camaradas, temião que a Patria lhe tecesse as mesmas Corôas**; tudo tomou o ar, e o gesto de Corcundas [...] mas por acaso alli está tambem hum Literato Coimbrão, e conversando até alli **corcundalmente**; mas como se suppõe hum Oraculo de Jurisprudencia, e todos por tal o acreditão, e respeitão, (**quem o não conhecer, que o compre**) com hum ar mais **hypocrita** que a Beata d'Evora, e com cada **palavra mais dôce, e suave, que hum pastel de Marvilla**, com a cabeça torta, e a bôca semi-aberta, diz: = Não ha homem no Mundo mais amigo d'ElRei, e mais amante da justiça; só no Governo Monarquico absoluto se administra verdadeiramente esta justiça, Nosso Senhor nos livre de Governos Representativos [...] (p. 6).

[...] he melhor absolver mil criminosos que condemnar hum innocente. Nas Commissões ha muito perigo, porque he muita a precipitação; he necessario ir muito devagar com taes malhões. Sim Senhor, não Senhor; isso he confissão de rapazes, e ElRei Nosso Senhor, nosso legitimo, e verdadeiro Soberano, não deve querer Alçadas.... Ouvirão Vossas Mercês toda essa **eloquentissima arenga**? Pois digão agora todos comigo = **Fóra malhado, fóra malhado, e fóra malhado!** = Destes he que o Povo deve ter conhecimento, e desengano. Se os que hoje sobem ao elevado cume da Forca corressem os *tramites* forenses com as formalidades do Direito, e feriados dos Tribunaes, não conseguirião tão depressa esta honra (p. 7).

[...] Se o Doutor Demorador, **levado da curiosidade de monumentos magestosos, e antigos, vai tirar a Planta das Casamatas da Torre do S. Julião**, adeos Autos, e antes que elles appareçam, e se nomeie outro que tal, e quejando, vem as Férias do Natal, e fallaremos depois de dia de Reis, e por derradeiro as peças do Processo estão tão baralhadas, alteradas, confundidas, que o reo he absolvido por falta de provas. Eis-aqui porque os **malhados, e malhadões** andão tão cosidos, e enfeitichados com os Tribunaes, e em caso dos seus, quando são de Forca, tanto detestão, e abominão as Commissões (p. 8).

[...] E que mais prova queremos nós que aquelle afinco, com que ha tantos annos estão clamando pela creação, e estabelecimento dos Cemiterios longe, e mui longe, não só das Igrejas, e Adros, mas das Povoações? O Ensaio descobrio nesta disposição filantropica huma tal Malha, que vai espantar os Portuguezes, que por homens muito honrados, e bem intencionados se deixão enganar, mas em se desenganando, guardar delles; pois eu os desenganarei (p. 9).

[...] Eu depennei o Pato²¹⁰ por dous contínuos annos, sem faltar hum Sabbado só, em que o raio não cahisse em Pato: (veja-se o *Espectador*, 2 Vol. em 4.º) pois o Pato não me injuriou tanto no seu nauseante livreco como me injuria o Doutor Assumpção Brandão²¹¹ neste seu apontado de rodilhas [...] (p. 11).

Pedroiços 19 de Março de 1831 (p. 12).

N.º 16.

Confusão de sentimentos políticos, ou, o que querem os homens?

[...] O que vemos he caminharem de desgraças para maiores desgraças; e ha quasi meio seculo de effectivas revoluções ainda não assentárão, nem determinárão qual deva ser a fórma de Governo por que as Nações devão estar para conseguirem a sempre futura felicidade, que lhes promettem com Camara, com Camaras, com Cartas, e sem Cartas, com Reis, e sem Reis: e sem me demorar na contemplação do que tem ido, e vai por essa infeliz Europa, á vista do qual me parece mais vantajosa a sorte, e condição dos Povos Nômades, como os Tartaros, e Seithas de incerto domicilio, eu me fixarei unicamente sobre este nosso perseguido Reino. Infernal contradicção (p.3).

[...] eu vejo estes solemnissimos mentecaptos impando de Condecorações, e de Excellencias. No seu Congresso está o tratamento da Magestade, a mesma Casa em que se juntárão para escoucear, como se lhe chamassem sempre Octaviano, sempre lhe chamarão Augusto Salão: os Porteiros, e os Varredores erão Excellentissimos; os que gritavão nas altas Gallerias, e correspondião aos signaes convencionados, que he hum bem estranho modo de fazerem Leis, quererião ser chamados suas Altas Potencias. **A Scena mais comica que se tem apresentado a meus dous olhos velhos, foi vêr dous Republicanos** tão finos como Catão, e Labieno, isto he, **Manoel Gonçalves, e José da**

²¹⁰ O liberal Pato Moniz.

²¹¹ Frei Mateus da Assunção Brandão, miguelista adversário de José Agostinho de Macedo.

Silva, ás Excellencias hum ao outro como dous Donatos ás Reverendissimas; e o Contrato Social, e seu Auctor Jacques ás cuadas com a igualdade dos homens!! Que querem os homens com tão **contradictoria mixordia de palavras**, e de obras? Ora pois, elles querem a Soberania do Povo collectivamente, não he muito queirão Excellencia nos individuos particularmente.

[...] Serão huns grandes Regeneradores, do Mundo, mas tambem são huns pedaços d'asnos. (p. 4).

[...] **Aturem-nos lá**, e digão-me, que querem os homens?! Como se compadecem idéas, e palavras Republicanas, escriptos Democraticos com as **fofices pessoas da facticia nobreza** dos que entravão no Salão Augusto, e sahião do Salão por augustar?

[...] Que querem estes homens? Querem, porque as noites de Maio são mui pequenas, que dormâmos tambem de dia. Quaes são as barbas de visinhos nossos, que não estejam a arder? E as nossas hão de estar mui penteadas, e frisadas sem entrarem no salutifero remôlho? Pôrmo-nos em guarda, quando a necessidade o não estivesse mostrando, a prudencia politica, que he a primeira das cardeaes virtudes, o estaria pedindo. Huma falsa confiança he mais damnosa, ou prejudicial, que mil perigos conhecidos. [...] Grite embora quem quizer gritar, na crise em que nos vemos, e não he sonhada, devem os Reis, e os Povos, se querem a sua conservação, detestar, ou fazer calar **duas bosinas**, a bosina da moderação, e a bosina do adormecimento; eu não sei qual dellas he mais perigosa, mas ambas são tão parentas, que parecem gemeas. [...] Sôa a bosina da moderação: temos dous tons, hum muito alto, outro muito baixo; diz a bosina — *moderação*, não se prenda, nem se enforque, açaimem-se os Cães de fila, (*Qui potest capere, capiat*), entre o Algoz em Férias grandes.... moderação; diz a mesma bosina, mas á surdina, — Conspire-se affoutamente, mudem de fôrma as Lojas Maçonicas, mas não deixem de existir (p. 7).

[...] Isto he hum grande disfarce, mas não pode enganar em qualquer Governo huma Policia activa, nem illudir as Leis contra as Sociedades secretas, porque estas não deixão de o ser com a porta aberta, e são mais perigosas, porque menos suspeitas. A **bosina da moderação** sôa, he hum concerto aplanado, e melodioso, inimigo de estrondo, que arripia os ouvidos, e espanta muito; **o tòm desta bosina arremeda muito a voz humana, como o instrumento chamado Corno Inglez**, que não ha Orquestra onda não appareça, ou se não metta, ainda que poucos são os que o tóção, e elle precisa, e merece ser bem tocado, mas entre nós vai esquecendo, como esquecêo o Oboé. [...] A

impunidade he filha da frouxa tolerancia. [...] **A Clemencia de Tito he cousa muito boa, mas he para huma Opera de Metastasio** com a Musica de Vacái [...] (p. 8).

[...] **Eu sou formado pela natureza de hum modo tal, que em hum dia de execução de pena ultima, seja o réo qual for, porque o delicto não lhe faz perder a qualidade de homem, o coração me bate de outra sorte, e huma horriavel convulsão me sacode os membros todos, nem o necessario alimento posso tomar; mas he tal a maldade Maçonica, que no dia 30 de Abril²¹² desejei vêr na fachada do Palacio da Bemposta aquelles adornos de Architectura amovivel, que tantas vezes se descobrem nos Porticos do Palacio das Sete Torres em Constantinopla —quatro cabeças gotejando sangue** (p. 9).

[...] Oiçâmos a outra bosina, que tem hum suavissimo concerto de **adormecimento**, e para mim he o que mais me tem tirado o somno. O motivo da longa Synfonia he este: *Isso não he nada*. — O compasso a estes bosineiros Instrumentistas sei eu com que se devia fazer, e eu me encarregaria disso, errasse, ou não errasse a batuta, porque **nesta musica o caso está em não deixar de bater** (p. 9-10).

[...] **Os adormecedores são os mais temiveis traidores** [...] Quem me diria, que seria perversidade Maçónica, o que era algum dia simplicidade Sebastica? **Hum Sebastianista adormecia-se a si**, isso não importa, dormisse quanto quizesse, ou nunca acordasse; **o peor era querer adormecer os mais**, não querendo que se dêsse, ou buscasse remedio a cousa alguma; por mais imminente, e mais proximo que o mal estivesse, não tarda quem vem, dizia elle; a Ilha encoberta está a apparecer por instantes, o Encoberto não tarda huma semana [...] (p. 10).

Pedroiços 2 de Abril e 8 de Maio de 1831 (p. 11).

N.º 17.

Quem são os Architectores das Revoluções? Os Ladrões.

[...] O Ceo nos quiz pôr debaixo de hum meridiano tão ditoso, que para nos tornar a existencia suavissima, quiz em tudo lisongear os nossos sentidos. Os fructos são os mais saborosos, e deliciosos, as flores mais odoríferas, os horizontes mais matizados e agradaveis. Os animaes da terra, as aves dos ares, os peixes dos mares, e dos rios, são os mais delicados ao paladar, e os mais proficuos á saúde; em fim, fez Deos com os

²¹² De 1824, a Abrilada.

Portuguezes o mesmo que fez com o primeiro mortal, deo-lhe por morada hum Paraíso, que elle mesmo tinha plantado, para o cultivar, e para o guardar. Neste estado nos achou o anno de 1807, e a Revolução já tão arraigada em França, veio plantar esta arvore venenosa na tão bem fadada Lusitania, e já começamos a estar na mesma situação da casa roubada. O primeiro ataque de Ladrões nos veio da Revolução Franceza, porque no Diccionario actual da Politica Revolucionaria do Mundo, revolucionario, e ladraão são rigorosissimos synonymos. He verdade que a Corte com huma não insignificante parte da Nação fugirão de huns Salteadores para outros, e indo para lá com alguma cousa, veio de lá sem nada; como do Brazil fizeraõ hum Reino, este Reino se fez independente. Os Ladrões de cá mandarão dizer para os Ladrões de là — Roubai por lá tudo quanto poderdes, que nós já por cá começamos a fazer o mesmo, mettei o braço até ao cotovêlo, nós já o temos atolado até ao hombro, e como esses colonos por lá andaõ em pélle, se nós despimos, esfolai vós (p. 4).

[...] Ha no Reino **revolução**, pois ha no Reino hum **universal Ladraão**. **Filosofia, e casa vazia tudo he o mesmo**.

[...] Que mudança, e que transformação. Da condição de **pelintras**, e **pedinheiros** em menos de huma semana o que era Manoel Fernandes²¹³, se fez Ibrahim Bachá, e Manoel Borges²¹⁴, o estouvado, se julgou o Duque de Sully; Sepulveda²¹⁵ se chamou Turena; o Frade Bento²¹⁶, Ximenes de Cisneros; José da Silva²¹⁷ foi quanto quiz, os mais foraõ quanto quizerão, e roubarão quanto poderaõ, ou quanto havia, pois se mais houvera mais roubarão, e a estes mesmos indo já por onze annos, ainda se lhes não acabou o dinheiro (e Deos permitta que eu me engane), e talvez que nunca se lhe acabe a influencia, porque dentro, e fóra ainda se conjura contra Deos, e contra o Rei (p. 6-7).

APENDIX AO DESENGANO.

Buscar lã, e vir tosquiado.

[...] Cartas que conservo diziaõ, e os ditos annunciavaõ, que o Mestre Fr. Matheus²¹⁸, tinha escripto para as terras onde tem parentes, que por elle, ou por seus

²¹³ Manuel Fernandes Tomás.

²¹⁴ Manuel Borges Carneiro.

²¹⁵ Brigadeiro Bernardo Correia de Castro e Sepúlveda.

²¹⁶ Frei Francisco de S. Luís, futuro cardeal patriarca de Lisboa. Ficaria conhecido como cardeal Saraiva.

²¹⁷ José da Silva Carvalho.

²¹⁸ Frei Mateus da Assunção Brandão.

amigos estavaõ tomadas as medidas, e providencias para me fazer callar. [...] **Adeos, disse eu comigo; temos Provisão para metter a viola no sacco!** Não estranharei, porque não será a primeira vez. **Depois da Besta embargada**, venha a viola quebrada: a Besta com maniotas, e a Viola com os tampos dentro. Ora fóra de zombaria, se o contexto de taes Cartas fosse certo, não haveria cousa mais vil, mais infame, e mais vergonhosa! (pp. 8-9).

[...] Eu tenho pena da falta de reflexão do Padre Mestre Fr. Mattheus, porque ainda nem de vista o conheço, nem me importa conhecer, pois não tenho nada que exista, ou não exista hum Frade Bento²¹⁹ só como o que está na Serra d'Ossa, nem que sejaõ oito, ou nove os pronunciados na Devassa da Alçada, tenho pena do Mestre Fr. Mattheus, porque, coitado tem soffrido algumas mortificações, e pezadetas, hum irmão que tinha, e fora o Deputado Brandaõ, a quem íizeraõ Vigario Geral de Valença, foi ha pouco deposto por hum Ordem Régia, e isto he penoso a hum homem taõ sensível, e de tanto brio como o Padre Mestre Fr. Maltheus, dando-lhe assim, como diz o rifaõ, humas no cravo, e outras na ferradura (p. 9).

[...] A que vem na Defeza o elogio da Ordem Benedictina, que eu não ataquei, antes na Apologia dos Regulares foi a primeira que eu tanto louvei, e engrandeci, bem alheio de cuidar, que hum seu bento filho me atiraria hum chumbada, mas injuriosa, e affrontosa, deste calibre? (p. 10).

[...] que venha hum Frade Bento clamar, gritar, escrever Cartas, em que, além de me ameaçar, e talvez descompôr, ousa protestar, que estão tomadas as medidas para me *fazer callar* (sabendo eu que **as cousas se desfazem pelos mesmos meios porque se fazem; porque só quem me mandou escrever, me pôde mandar callar**) me chama mentiroso, e falsario em citações, **sendo elle neste passo hum calumniador, e aleivoso, como logo mostrarei**, he para me desconsolar verdadeiramente. E quem me trata assim? Hum Doutor, que he Frade Bento. **E que tem feito este Frade Bento?** Elle o diz, fiz **tres Folhetos contra os revolucionarios, e Pedreiros Livres. E quando? Quando existimos debaixo de hum Governo Legitimo**, e verdadeiro, com hum Ministerio Christaõ, e honrado, em que elle nada tem que temer de força violenta, e intrusa. **Pois eu escrevi duzentos Artigos, na Gazeta Universal, e avulsos, tendo nas mãos hum Sceptro de ferro a canalha vinda do Porto, dizendo-lhe o que ella era na sua mesma cara**, e na cara do Frade Bento que a dirigia e lhe redigia seus Manifestos.

²¹⁹ Ver acima nota 21.

Eu escrevi 32 Cartas, e bem compridas, quando hum forte Exercito Estrangeiro se atravessou no meio de Portugal, para auxiliar o dominante Partido Carteiro dos Pedreiros na manutenção d'essa Carta peregrina [...] Eu escrevi 27 longos Escriptos, em que combati todos os actos da Besta ferocissima, e damnada, e diga Portugal se não foi huma **vergonhosa Caballa** quem a fez parar!.... E tudo isto no meio das mais violentas opposições, não dando huma passada, que não fosse no meio de ciladas, e de laços, e isto combatendo eu só, sem alheio soccorro de hum só papel impresso, e o que mais he, **sem protecção, sem Padrinhos**, e o que mais ainda **admirará os futuros Seculos**, como he indifferente ao actual, em hum estado pobre, sempre enfermo, e desvalído. E nestas crises tão perigosas, nestes transes tão arriscados [...] que fez o Dr. Frade Bento, que agora [...] nos vem arrotando valentias como Campeão do Altar, e do Throno? **Esteve callado como hum Rato em sua toca** [...] (p. 11).

Ó Mestre Fr. Mattheus, olhe que lá deitaõ foguetes da Embarcação Franceza! Ó Mestre Fr. Mattheus, olhe que lá garrotaõ, e queimaõ no Cães do Sodré sete Revolucionarios contagiados do contagio Francez, para não contagiarem os mais. Quem mente mais, sou eu, ou o Mestre Fr. Mattheus? Ora mande dizer ao Senhor seu Mano, o Ex-Reverendo Vigario, que me ha de fazer callar que logo de cá lhe responde o Povo: — Temos aqui bem certo o dictado, quem assim vem buscar lã, vai tosquiado. Hoje 13 de Abril de 1831 (p. 12).

N.º 18.

Teima invencivel.

[...] O Inferno e huma Loja he tudo o mesmo, e se ha differença he para mais em contumacia, ou pertinacia (p. 2).

[...] **Chamava-se algum dia a hum rijo bordaõ de zambujo, ou de marmélo, hum — Tira teimas;** — agora nem huma corda, ou bamba, ou revirada as póde tirar, **mas não deixo de me animar com o antigo rifaõ, — Quem porfia mata Caça.** — Se os Pedreiros se servem d'elle para levarem a sua por diante, sirvamo-nos nós para acabarmos com elles, e sendo eu tão decidido partidario da indulgencia, dez annos de observação me tem mostrado, que de nada aproveita, só se for para fazerem zombaria das Leis, e da Soberania do Rei, para prosseguirem com mais audacia na reincidencia de seus attentados (p. 6).

[...] Eu li nos papeis públicos do differentes Estados naquelle tempo em que por cá hia outro tanto, achadas pela Policia, as innegaveis próvas desta correspondencia. Ella existia entre os Pedreiros mais zelosos do bem da humanidade dos três Reinos de França, de Portugal, e da Hespanha. Neste tempo, ou naquelle tempo, disse Manoel Fernandes ao Frade Bento — Levantemo-nos nós? — Vá de fúria, disse o Frade, nós tambem somos gente, e temos cinco dedos em cada maõ. A estas palavras sentirão hum grande aperto na garganta, que por hum prodigio, que bem se póde explicar, não degenerou em garrotilho, ou esquinencia maligna; mas o que se não fez em dia de Santa Maria, fez-se outro dia (p. 8).

[...] Hoje 25 de Abril de 1831 (p. 12).

N.º 19.

A desgraça universal.

[...] Mil vezes me pergunto a mim mesmo, ou procuro resolver este problema: — Porque razão, considerados os homens em seus dous estados, no estado da Natureza inculta, ou agreste, e no estado da Sociedade civilisada, haja mais delictos, e mais atrozes neste, do que ha naquelle? Ou porque he mais offendida a Natureza entre homens civilisados, do que seja entre homens incultos, e agrestes? A grandes discussões filosoficas tem dado lugar este problema, para se concluir qual dos dous estados he preferivel! Deixemos esta questão para o Sofista de Genebra, eu não me entendo com estas Filosofias [...] (p. 1).

He infeliz o Tapuia no meio de hum Sertão, he infeliz o Cortezão em marmoreos, e dourados Palacios, cada hum a seu modo. Huma Horda de Tapuias Gamélas ataca outra Horda do Tapuias Botecudos, como no meio da culta Europa huma Potencia ataca, e hostilisa outra Potencia; a diferença está nos meios. V. g. os Inglezes vão em Náos, e Fragatas, os Tapuias em Canôas, e os Negros de Zanguebar em Almadias, e Pangaio. A calamidade da guerra, e as que comsigo traz a guerra, são as mesmas: a peste, e a fome são muitas vezes naturaes consequencias da Guerra, e quando se trata destes três flagellos assoladores, eu sempre constituiria em primeiro lugar a guerra (1-2).

[...] A Hespanha, e Portugal. Nestes dous theatros tem a Revolução representado as mais horriveis, e espantosas Tragedias desde que levantou seus Estandartes. José o

Botelhas, tirado da estribaria de huma Estalagem de Marselha, vem sentar-se naquelle Throno [...] e não será em lugar de tudo huma geral desgraça vêr no Throno de Carlos V e de Filippe II sentado despachando botelhas de vinho, o moço incognito de huma estribaria, cujo Sceptro tinha sido até alli, huma Vassoura? (p.2-3).

[...] Por estes effeitos bem claramenle se conhece o que seja a Revolução; que não he só a passagem de hum estado para outro na Ordem Politica, he hum transtorno universal, ou mudança para peor em todas as cousas; mas eu **neste, talvez que ultimo N.º do Desengano, porque a paciência cansa de ouvir improperios do orgulho doutoral**, farei conhecer ao Povo que cousa seja Revolução com os traços de huma pintura feita pelo mais profundo de todos os Revolucionarios, o Duque de Otranto, *José Fouché* (p. 4-5).

[...] Está rasgado o véo, e aclarado o mysterio, e propalado o infernal arcano da Maçonaria, e a tudo isto he que se chama a Maçonaria; não são as carochas, que elles põem na Cabeça nos seus conventiculos, nem as visagens, e caretas que fazem, o malhete com que batem, o avental de Ferreiro com que se cingem, nem essa farrapagem com que se cobrem, com que tem sido apanhados, e até conduzidos á merecida forca; tudo isto são accidentes ridiculos com que entretem a credulidade dos adeptos até chegarem áquelle ponto de madura depravação em que se lhes mostre o que elles chamão a *Luz*, que vem a ser o fim da Maçonaria, que he tal, e qual o que acabo de manifestar ao Povo pela bôca do terrivel José Fouché de Nantes, Duque de Otranto, e antes Sacerdote da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri. A Revolução produzio estes monstros, por que ella he hum complexo de todas as iniquidades, por que todas se encerrão, e se derivão no geral transtorno da Sociedade humana, ou mudança no estado Social. Á vista disto, (**póde ser que a vez ultima, que escreva**) eu devo chamar a todos para que a si mesmos se vejão, e contemplem neste espelho do Desengano (p. 7-8).

[...] Eu, que **não tenho nada que perder, e menos que esperar**, porque, se os Revolucionarios me quizessem tirar alguma cousa, não achavão mais do que a vida, e essa **he tal a violencia de dôres, e molestias, que se algum dia não valia dous caracões, hoje não vale nem hum**, assim mesmo independente como hei de morrer, me aterrava, e compadecia dos Fidalgos, quando no meio da mui séria, e mui terrivel Revolução de 1820 os via andar de intima camaradagem, e nos braços da mais vergonhosa adulação com o Frade Bento, com Manoel Fernandes, com Pascoal Margiochi, o amigo das Coutadas, esperando delles Commendas, Governos,

Presidencias, estando elles já todos votados á indigencia, e zombaria pública, o que mui depressa se devia realizar. . . . Era cegueira de mais, ou estupidez de sobejo! (p. 8-9).

[...] se elles me podem tirar a vida, nenhum me póde tirar a morte, que a mais dolorosa enfermidade tanto me apressa, escoltada do pezo de quasi 66 annos; magoado de insultos na intitulada *Defeza* do Frade Bento, (ainda que eu não tenha medo do Frade Bento, nem de todos os Frades juntos, e por benzer, com tanto que eu possa e me deixem fallar) [...] (pp. 10-1).

[...] eu deixo o campo, mas não volto as costas; e se alguma pausa fizer a minha enfermidade, como ultima verba de testamento, publicarei alguns modellos da eloquencia do Pulpito, e se não forem meus, serão estranhos, mas naturalizados na Lingua Portugueza, por que são duas cousas que vejo ir expirando, e he bem de esperar que dentro em pouco ambas as cousas ficarião para sempre sepultadas. He tambem huma das desgraças da Revolução, fazerem-se esmorecer as boas Artes, **corrompendo-se a linguagem com a mania do Neologismo**, olheiros de que he mui difficil desatolar-se. Já que se acodio á Poesia, acuda-se também á prósa, porque tambem isto he hum serviço, se isto não desagradar, ou offender ao Doutor, que assim como affecta o Sultanismo em Politica, assim o quererá affectar nas Sciencias todas!

[...] Pedroços 16 de Maio de 1831 (p. 11).

N.º 20.

O Maçonismo com outra cara.

Isto a que eu chamo desengano, e que para muitos o tem sido, quero dizer, para aquelles em cuja alma a verdade ainda conserva algum imperio, e a Religião algum respeito, pelo apparatus das circumstancias terriveis, e diversas, que o Mundo todos os dias nos offerece, deveria mudar o nome, e, em lugar de Desengano, chamar-se **Despertador**: soar nos ouvidos de todos os homens, desde o Throno até á choupana, porque a todos prende, não digo hum pezado somno, mas hum profundo, e perfeitissimo lethargo (1).

[...] Pedreiros, Carvoeiros, Jardineiros, Illuminados, Mesmeristas, Calhiostrinos, etc., etc.; e para nos juntarmos em Sociedade, que nos veja Deos, e todo Mundo, appareça o titulo que nos cubra, para que nos não descubra o Algoz; Sociedade dos curiosos da Natureza, Sociedade de Agricultura pratica, para o melhoramento das balatas, e das aboboras. Sociedade Medico-Therapeutica, Cirurgico-Farmaceutica,

Anatomico-Pathologica; em todas estas Sociedades ha Socios correspondentes, porque assim todos os Socios, irmãos da grande Confraria, podem estar em contacto, e activissima união, e assim em pleno dia quando os que passam pela porta da Sociedade Hydraulica cuidão que se está tratando do encanamento de algum rio, ou da abertura de alguma valla; trata-se unicamente de fechar o refeitório aos Frades, os Templos ao Culto; e fechadas que sejam estas portas, abrir todas as outras ao latrocínio, á prostituição, e sem excepção alguma, a todos os crimes, como ao perjúrio, á rebelião, e a todos os delictos que mais offendão a humanidade, e a Natureza. [...] mas se hum Policia activa, zelosa, e perspicaz, deitar hum vez só, e detiver os olhos nesta innumeravel turba multa de Sociedades, de que nenhum bem tem resultado aos Povos, porque quasi todas são suppostos Maçonicos, e solemnes imposturas, acabarão naquelle instante todas as nossas filantropias, e pára no meio da sua carreira, a illustração do seculo [...] (p. 4-5).

[...] De dous milhões e meio de Portuguezes, que ainda conserva este Reino, bem se podem estremar ainda quatrocentos mil braços, e com hum tal Rei no meio delles, podiamos zombar bem dos taes Cavalleiros da Liberdade; mas, poder-me-hão dizer, se ha esses quatrocentos mil braços, elles não se mechem sem se encherem duzentas mil bôcas, e com que? Respondo: no Augusto Salão houve hum homem chamado Manoel Borges, que ainda que fosse doudo, e estouvado de sua pessoa, era comtudo o maior Financeiro que vio o Mundo; só por huma palavra, que se lhe ouviu no mesmo Augusto Salão — *Eu bem sei onde está o dinheiro*. — Os outros Financeiros dizem (e não sabem dizer outra cousa) — não ha dinheiro, não ha dinheiro.... (p. 6-7).

[...] Eu só queria que a Capitalistas, e Dinheiristas se fizesse hum pergunta, mas com a cara, e gesto de Ignacio Ferreira Souto, que foi o primeiro Intendente: — V.m. outro dia era hum Jan-Fernandes, que trazia o espinhaço dobrado, e calejado debaixo do pezo dos costaes, que acarretava alli pelo Cães do Sodré; hoje tem quatro milhões; donde lhe vierão? **Esta pergunta não quebrava osso, mas abria sacos**, e tudo isto não seria empréstimo, mas restituição. [...] Basta. Eu nao vejo nem ouço mais do que calculos de emprestimos para aqui, planos para alem, dividas consolidadas, especies metalicas para a circulação, Apolices averbadas em giro, agio abaixo, e agio acima; e depois de tantas, e tão discretas operações financeiras, a fome comnosco, e das portas para dentro. Eu sou hum triste idiota em tudo, e sobre tudo em Economias Politicas, e calculos financeiros, o meu dinheiro não tem que contar, com o dos outros não me importa; mas não tenho paciencia para vêr o Estado pobre, e sua divida a crescer

infinitamente pelas ladroeiras de tantos, e as más cabeças de muitos, e tantos particulares escandalosamente opulentíssimos! (p. 7).

[...] Esta gente cuida que Alcobaça he o Compendio da opulencia do Mundo. Quem quer Diamantes vai a Alcobaça, e acha na cerca as minas de Visapur; chega-se á rocha, e arranca quantos quizer. Quem quer a prata mais fina de onze dinheiros Vai a Alcobaça, lá está na cerca tambem a mina inexausta do Potosi, deita huma corda abaixo com huma cesta, e vem acima a trasbodar de prata. Quem quer Brocados da Persia, e os Pannos de Tunes, ou Tapetes de Cachemira, não tem mais que fallar ao Padre Celeireiro; abre-lhe as gavetas do Armazem, cada hum tira os que quer, e mede a sua vontade. Ora depois de tudo isto, como he preciso metter alguma cousa na boca, vão ao Refeitorio, hoje 28 de Maio, que são Temporas, e jejum, achão huns feijões rajados de mão cozer, e huma posta de bacalhão combalido, que não enche o prato, e que incessantes hospedes ajudam sempre a comer [...] Eu já alli fui duas vezes na minha vida, contemplando tudo com os olhos daquella Filosofia, com que o imparcial observador deve considerar semelhantes Institutos, e achei três cousas, trabalho, hospitalidade, e parcimonia (p. 8).

[...] Pedroços 28 de Maio de 1831 (p. 12).

N.º 21.

Continuação do Maçonismo com outra cara.

Em quanto ElRei não falla, e seus Ministros por elle mandados, se não annunciação, não he licito a particular algum, seja de que jerarquia fôr, intrometter-se a conhecer, e a querer explicar, e decidir negocio algum politico concernente ao Estado. [...] mas he manha incorrigivel de todos os Novellistas, Jornalistas, Folhetistas, e de toda essa mais que Egypciana [cigana] praga dos Gazeteiros, constituirem-se oraculos, e chaves de todos os Gabinetes, explicarem os seus arcanos, e mysterios, como se elles só os tratassem, e dirigissem. Quam fartos fomos nós aqui de aturar estes inexgotaveis póços do *Publicitismo*, e da mentira! Dignos objectos de huma Policia repressiva; mas nada os contêm, porque das mesmas cadêas em que os conservavão prezos, teimavão pelas malhas das grades em illustrar o Mundo com parvoices, e atrevimentos. Quando não podião mentir por si, e de sua propria lavra, empurravão isso para os seus correspondentes. Cartas, communicações, noticias, tudo lhe vinha do *Estrangeiro*, como

de cá para o *Estrangeiro* hia o dinheiro do Banco [...] Eu que tambem me atrellei na récuá dos Periodiqueiros, quizera ser tão atrevido, precipitado, e metidiço como eles [...] (p. 1).

[...] Quando julgávamos os **Francezes** contentes, e tranquillos no seu elemento das **frivolidades**, ou fatuidades, como **boliçosas Borboletas, gyrando de flor em flor**, ora aperfeiçoando, e introduzindo novos passos no Minuete de Dupré, dando mais ou menos tezoiradas nos cabellos tosquiados á Titus, mandando para aqui , e para toda a parte, Colonias, e Colonias de huma especie de *Forçureiras* chamadas *Modistas*, que por hum panno de palha feita em chapéos, nos acabassem de alimpar esse resto d'ouro, que para cá mandavão as minas de Catapreta, sem haver quem lhes dê com elles na cara, e por outras regiões com hum rabo de Arraia; enchendo os **armazens do Chiado** de huma palhada de Livros sem alma, e sem churume, que as mãis de familia destrribuão por suas filhas em lugar das Horas Marianas, ou Corôas Seraficas, para se fazerem a olho em materias de namoração, e os mancebos se fação incredulos sem saberem o que isso seja, e só pelo ouvirem dizer; apparecem repentinamente como sobre cousa mole , a carregar sobre nós de mão armada, querendo roubar, não com pretextos frivolos, mas com a força descoberta, pérfidos aggressores, os que se ufanão de illustradores do genero humano! Eu, em materias politicas, vou sempre como gato por brazas, não porque haja medo das reclamações da moda; manifestando o meu parecer, ainda que em geral, sobre os negocios da Europa na crise actual; mas porque a influencia Maçonica de tudo me fará hum crime, huma vez que lhe toque, ou vá contra as suas miras de destruição universal, comtudo sempre digo, e vá como fôr, que se os Francezes desbarbarisárão Argel, as Nações todas da Europa com franqueza, e com honra alliançadas, devião com a força desbarbarisar a França, e **para imperar sobre os Francezes, he preciso dividillos**, e fazer por huma illustrada Politica o mesmo que os chamados Selvagens do Norte fizerão em sua invasão por ferocidade (p. 3).

[...] Eu li n'hum Livro (quando cahia, e me mettia nessas fôfas) que se intitula: — Como, e de que modo se povoou a America de homens, e de mulheres, —que naquelle tempo estando huma ponta Septentrional da America, pegada por huma lingueta de terra á mais remota Ilha do Japão por esta ponta passárão os Judeos dispersos pelo Norte da Tartaria, pelos confins da China, e Ilhas do mesmo Japão; eu atenho-me muito a esta opinião, não pelo que diz Laffitau sobre a semelhança que se encontrou entre alguns costumes dos Mexicanos, e Peruvianos com os costumes dos

Judeos, mas pelas Judiarias que nos tem feito os taes Americanos Brasileiros em obras, e palavras (p. 3-4).

[...] Fôrão-se, convidados pelo seu Consul, todos os Francezes, que se quizerão ir, sem que de cá os mandassem; vem a l.ei do Orçamento Francez, e manda que demos a estes mesmos que se quizerão ir, milhares de Francos; sim Senhores, aqui estão, isso he de justiça. (E he este o Seculo XIX!!!) Manda outro sim o mesmo Decreto, sem se saber de quem, que huma cóta de Francos se apronte já, e fique depositada, para que no caso em que algum dos Francezes, que não quizerão ir para França, tenha por cá alguma ligeira indisposição, seja logo indemnizado com milhares do Francos. Succede que huma dessas sirzidoras de trapos, e consiliadoras de vontades, chamadas Modistas, que pela sua extrema delicadeza são penetraveis, pela irregularidade das Estações, ha qualquer ar frio, ou quente, ou outra qualquer cousa, além das **molestias, que consigo trazem, que tão communicaveis se fazem**, he atacada de algum pigarrinho nas goellas, na conformidade da Lei do Orçamento he aprontado hum conto de réis, moeda metalica Portugueza, para indemnisação da despeza, que a Senhora fez em rebuçados, que se carregará ao Thesoureiro das coimas Francezas, e da sua entrega receberá a Nação hum bilhete. Não pude deixar de reduzir esta inaudita Farça, ou Farçada a este ponto do **ridículo, que eu não quizera deixar apparecer neste papel!** Miseraveis Francezes! Nem sabem pedir, nem se lembrão que pedem á Nação Portugueza! (p. 4).

[...] Mudar contra vontade dos Povos, não só seus originaes, e antiquissimos Governos, mas a Religião, que bebêrão com o leite, e lhes transmittirão seus Maiores, e isto pelas maquinações de huma Seita, que se creou nas trevas, apanhando pelo fio dos Seculos, ora huma idea de Manes, ora outra de Wiclefe, outra de Jordão Bruno de Nóla, outra de Hobbes, porque todos esses contratos sociais, e todos esses Direitos do Cidadão, não são mais que miseraveis rapsodias dos escriptos dos que acabo de nomear; só estava guardado para estes nossos infaustos tempos (p. 5).

[...] Estamos inçados, e minados de Mações, a quem eu chamo com outra cara; he preciso que nos defendamos, e só o seu exterminio poderá ser a nossa defeza. Combine-se o que temos visto desde 1826 até hoje com o que vou declarar, e denunciar neste papel, sempre se conhecerá que o que digo he verdade, e o que desejo he o bem, sem querer outra recompensa mais dos homens de bem senão que me fação hum enterro decente (p. 6-7).

[...] Quer mais a Ordem para seus Cavalleiros pessoas, que se empregão nas Artes Liberaes, Letrados, e sobre tudo = Médicos. = Eis-aqui o que me faz desadorar, ou

enlouquecer!! Que tem Jalapa com Politica, Oleo de Mamona com Camaras altas, e baixas? Que tem hum Siringa com a Lei organica de hum Reino? Que tem hum Botica com hum Gabinete? Que tem Sinapismos com a marcha de hum Exercito? Será isto por não terem os Medicos nada que estudar, que observar, que experimentar, depois que em todos os Lyceos de Epidauro, officinas da Morte, se inventou a palavra — Bichas? — Todas as Sciencias Hipocraticas, e Galenicas estão mettidas dentro de hum Bicheiro. O Grande Medico-Bichat, era filho de hum Bicha, porque nelle este nome he Patronimico. O Tifo maligno, e o Calo importu- no tem o mesmo remedio — Bichas. — Seja isto o que for, mas esta determinação dos Estatutos sobre a escolha de Medicos, e mais Medicos para Cavalleiros da Ordem da Liberdade, deve ter alguma razão, e por ella, eu devo aventurar hum conjectura. Eu não temo, nem respeito os Medicos como Medicos; entre os desenganos que dou ao Povo ha hum para mim, que vem a ser, que não vivo muito tempo, porque hoje 10 de Junho deitei seis grandes pedras, e muito escabrosas, que ferindo-me a uretra me deixarão em extrema prostração; mas tambem desenganem-se os Medicos que nenhum delles me ha de matar, nem com suas parolas, nem com suas Bichas (pp. 10-11).

[...] Pedroços 10 de Junho de 1831 (p. 12).

N.º 22.

Continuação do Maçonismo com outra cara.

São muitas, muito admiraveis, sublimes, e profundas as especulações mercantis da nossa idade! [...] Os arcanos de cima são impenetraveis! Se de cima nos tivesse vindo mais juizo, e menos ouro, nós os Poruguezes teriamos outras relações commerciaes com os Povos do Norte, e com os Povos do Sul; dariamos o que a nossa terra dá, pelo que as mãos dos estrangeiros fazem: mas não fazemos tal, e desprezando commutações que são trocas-baldrocas, tudo deve ser a pezo de ouro, e segundo as contas que eu tenho feito, todo o ouro circulante, ou manente na Europa he Portuguez. Hum, ou outro surrãozinho que se coalhe nas minas da Hungria, ou essa bêta, ou filamento, que se descobrio agora nas Montanhas Ouraes da parte de lá da Siberia, he cousa tão ténue, e mesquinha, que logo desaparece. Isto de ouro para os do fóra he cousa de Portugal (p. 1).

[...] A Itália não tinha ouro, e se o quiz por Indulgencia, nós lho demos por prodigalidade. Em fim o nosso Commercio sempre foi de ouro para fóra, e nada para dentro. Quer hum dos nossos rapazes tocar Berimbáo, quer a criança ao cólo da mãe hum cavallinho de páo, huma gaitinha do mesmo, por essas feiras inuteis, o ouro Portuguez exporta estas preciosas drogas da bellicosa Alemanha. Eu que sou hum pasmado nunca exercitei tanto este meu natural officio, como á porta de huma Loja de Quinquilharia Alemã, e he para isso. Chitas efémeras, cujas cores tem a duração do relampago, e a diafanidade do ar, ou sejam da magestosa Albion, ou da discordante Gallia, com as ramagens de Perelle, e desenhos de huma imaginação mais vasta que a de Guido, ou Ticiano, aqui nos apparecem logo, mas a preço do pezado ouro.

[...] Abrir os Portos do Brasil a toda a Franchinotada Européa, foi o passo mais errado em politica, e economia, que se deo no Mundo, tudo devemos ao Roivides para nos pôr a roer palha, ou outra cousa mais dura, e igualmente ôca (p. 2).

[...] Que género de Commercio de exportação, que com tanto apparato tenho inculcado, he este? Senhores, não os devo conservar por mais tempo suspensos; este Commercio de hum genero de exportação, e tão lucrativo, para os que levarem este genero — são SATISFAÇÕES. — Quem as quer, aqui as vem buscar, ou tirar, e espera levar quantas quer, e com dinheiro em cima! Queira Deos que aos Agentes dos nossos negocios nos Paizes Estrangeiros senão fação para cá muitas encomendas deste nosso genero de exportação.

[...] A cousa que mais me tem feito bater o coração nesta inesperada crise, não he o descaramento Francez de nos fazerem guerra de Piratas nas embocaduras do Tejo, o que me põe mui perlo da sepultura; mas o vêr caras de alguns Portuguezes banhadas de alegria que lhes trasborda do coração pela continuação deste vilipendio que recahe sobre a Nação inteira, não só pela ruina que nos causa, mas pelo pejo de que nos cobre. [...] Eu sou hum triste homem do Povo, não sei senão o que vejo: não tenho Titulos, nem Habitos, nem Chapas, nem Commendas, nem Commandos; não tenho que perder senão a vida , mas não quero perder a honra (p. 3).

[...] só alguns Monges do Rastello, que em 1826 tanto de suas mesmas janellas insultavão os homens de bem, mostram huma inexplicavel alegria, como se já chegasse a hora (como no tal anno lhes chegou) de sahirem para a rua a passeio com gabinardos azues, saiotas de panninho, e botas de hum lustrosissimo verniz Britanico; e isto nas barbas de huma Companhia de Policia, que parece que não tem cartuchos. Isto não he deslocado, porque o escandalo não pode ser mais público, nem o Malhadismo mais

descarado. Mas deixemos as cousas áquelles a quem pertencem. Para os taes não edificárão Mosteiros os Reis de Portugal. Eu tenho desculpa, porque as apupadas, que me derão, deixárão eternos éccos nos meus ouvidos, e eu como estou com os pés para a cóva, gosto de pagar as minhas dividas, e não deixo cá quem depois da minha morte as pague nesta moeda (p. 9).

[...] O panno de veludo franjado de ouro, que cobria a canastra, em que se depositavão os restos mortaes de Manoel Fernandes, custou hum conto de réis; agora não ha quem dê hum real para cobrir de cobre o costado do huma Fragata. Apparece (cousa portentosa!) huma nuvem espessissima de empresltdores de dinheiro, sem nenhum limite, sobre penhores de ouro, prata, e bilhantes, e não ha quem preencha hum emprestimo tão vantajoio para os mutuantes, e isto na maior urgencia do Estado, com os inimigos á porta, e huma insaciavel rapina extinguindo o commercio, mingoando a importação dos generos necessarios, e augmentando a miseria pública, e particular com a ruina proxima de tantas casas, e de tantos individuos, e os meus ricos Monges com merendas na cerca, e sobre as lautas mesas pejadas de botelhas de Tokai, Moscatel, e Carcavellos, a festival alegria estendendo as niveas, e purpureas azas, e o murrão acceso para mandar á mais alta região dos ares a girandola annunciadora da chegada de Pedro Pastareiro na Esquadra da Republica Açoriana com os dous Consules Villa-flor, e Saldanha, já designados nas noutes da archotada, com os Lictores adiante, trazendo aos hombros as varas, e as segures para castigar os rebeldes, e n'hum Cofre marchetado de Tartaruga da terra, o Pergaminho original das Côrtes de Lamego, que com preferencia aos Varões na ordem da successão chamão ao Throno hereditario a Joven Viajante Senhora Princeza do Grão-Pará, conforme a interpretação, e intelligencia do Doutor José Ferreira Borges, com hum Decreto, que manda calar o bico aos Tres Estados do Reino. Não irão os taes Monges de madrugada a Matinas, mas aos Terrassos assestar os Telescopios, e saudar a invencivel. . . oh! (p. 11).

[...] Parece-me que estou ouvindo dizer a certas cabeças entre nós = O Padre, pela decrepitude, delira, não sabe o que diz: somos Grandes, e por tanto nada ignoramos; querer instruir-nos, e **desenganar-nos he punivel atrevimento. Se, a muito conceder-lhe, entende o Breviario, em lugar de escrever, reze. . . . Sim, Senhores, farei o que me ordenão, e ficarei calado.**

Pedroiços 17 de Junho de 1831 (p. 12).

Que cousa he hum Malhado?

A resposta a este simples quesito não he para ser dada por hum homem só, ainda que o supponhamos o mais sabio, prudente, e experimentado de todos os homens; nenhum daquelles, que vão de muitos Paizes, e diversas Nações a Londres aprender a pensar em oito dias, e cuja cabeça torna tão cheia de vento, e de sciencia, quanto o bandulho abarrotado de Cerveja [...] (p. 1).

Formem-se exactissimos Catálogos de todos os vicios, e delictos dos homens. Desde o principio até ao fim, a cada nome, devemos accrescentar — *Malhado* —: cada termo não ha de ficar só no positivo, ou comparativo, ha de subir sempre ao superlativo. Queremos dizer que hum Malhado não tem vergonha, não nos podemos limitar ao simples termo *desavergonhado*, havemos dizer *desavergonhadissimo*, aliás não fallamos correctamente. [...] Não se poderá dizer que he hum Diabo, porque este não he tão feio como o pintão; e hum Malhado ainda he mais feio, e horrendo do que o retratão. [...] Hum Malhado não he isto, nem aquillo, nem menos se pode dizer que he esta, ou aquella especie de mal, porque he todo o mal junto, seja qualquer que for a especie, debaixo da qual, ou na qual se considere (p. 1-2).

[...] O profundo *Kant*, que neste Seculo em Metafysica teve seus visos para poder ser chamado o Aristoteles do Norte, se o apertassem com huma definição de Malhado, **ficaria tão engasgado como eu, que sou hum pedaço de asno** nestas transcendentis abstracções, pois elle disse que hum páo quando o vemos, não existe fóra de nós, mas dentro em nós mesmos: assim se lê no Compendio, que em Francez nos dêo da Filosofia de *Kant*, Mr. *Villiers*: melhor fôra que este **páo**, que elle via dentro em si, elle o sentisse fóra de si, mas **nas costas**, com pouco tempo de folga na hida, e na vinda (p. 2).

[...] — Hum Malhado he hum patife. — Eu sou mais escrupuloso, eu quero cousas, e não me satisfaço com palavras, que não correspondem exactamente a huma idéa: sim, Senhores, he hum patife, mas que patife? Patifes ha muitos, huns confundem-se com os outros, e hum Malhado he inconfundivel. Com hum Malhado não ha quem se pareça senão outro Malhado. Concedo que he patife, mas he só patife? Ainda que se diga que he patife em tudo, não fica definido, porque ha acções n'hum Malhado, que são mais que patifarias. Eu não sinto confusão alguma em confessar a minha ignorancia, porque me consolo com os mais profundos pensadores, porque nesta infernal Materia

tanto ignoro eu, como ignorão eles. A sciencia, que eu posso adquirir, he saber que nada sei, quando devo fazer saber aos outros que cousa seja hum Malhado (p. 2).

[...] Eu chamo a juizo o Hemisferio de baixo, para vir definir com seu Continente, e Ilhas adjacentes que cousa he hum Malhado, e tão grande cousa he hum Malhado, que he preciso tudo isto para se saber quem, e o que seja neste Mundo. Venhão primeiro os seus Imperios, e não menos de quatro apparecem já, falta o quinto, porque não o acabou de fazer o Padre Antonio Vieira, porque o Imperador que havia de ser, deixou-se ficar em S. Vicente muito bem defunto, e enterrado; e ElRei D. Sebastião nunca mais houve fumos delle. O Mexico, o Perú, o Chili, e o que havia engolir estes tres como o Imperio Romano engolio o Assyrio, o Persa, e o Grego, que era o Imperio Brasileiro, foi engolido por José Bonifacio, José Egidio, e os mais engolidores, que por nome, e sobrenome não percão, porque **eu não quiz lêr similhante basbalhada, nem tão ridiculo desfecho do mais ridiculo Entremez** (p. 3).

[...] A pessoa de seu Chefe, e que se dizia ser o seu Perpetuo Defensor, he para mim Sagrada, e se cobre com huma sombra da Fraternidade, que, depois de DEOS, he para os verdadeiros Portuguezes o objecto de maior respeito na Terra. Elle deixou com tanta rapidez os confins deste Imperio em cueiros, que não mereceo o apódo de pés de chumbo, com que os seus amados, e fieis Brasileiros costumão designar os Portuguezes Europeos, sem se lembrarem, que, se muitos de seus pais, e avós fossem vivos, inda se lhes acharia na espadua direita impressa a fogo a memoravel, e expressiva letra = L.= (p. 3).

[...] Desde que Pedralves Cabral esbarrou naquella paiz incognito, logo alli se annunciou a má sorte de todos os que naquella quarta e nova parte do Mundo se chamassem Imperadores: Atabalipa, e Montezuma morrêrão no patibulo, o Asturiano Iturbide morreo fusilado. Ahi vão tres. O Senhor Imperador D. Pedro retirou-se sem gloria, e abdicou sem Magestade, porque deo o Imperio aos mesmos que lho tiravão, despede-se por escripto, e com vergonha, de bordo de huma Náo Ingleza, como a que tinha levado Bonaparte á Ilha de Santa Helena, e huma Corveta o vem trazer á Europa despido de todos os attributos da Soberania, como aquelle furioso, e imprudente Aventureiro [...] (p. 3).

Tudo quanto eu digo, com que muitos se arripião, está estampado em muito clara, e formosa letra redonda na Historia, e nas Memorias deste Reino; e se me arguiem, seja no que fôr, eu lhes citarei as paginas, e as linhas. Se os que se escamão me apertarem muito, então direi tudo sem violar, antes respeitando muito as Leis da

Censura. [...] Entre nós neste seculo não houve **animal tamanho como Manoel Borges Carneiro**. Desmarcado animal!! Pois assim mesmo foi Profeta no Salão delles; e se a Imprensa nos conserva a sua Profecia, o facto presente a ratifica, e a confirma. Quando se fazia muita zombaria das Cartas do Senhor D. Pedro para seu Augusto Pai (verdade seja que o Senhor D. Pedro não estava muito visto no estylo epistolar, como se vê agora na sua Carta de despedida) **Manoel Borges levantou hum zurro**, com o estrepito do trovão, e disse —*Que prófugo andaria elle pelos Reinos Estrangeiros, e que nem elle; nem seus fiçlhos reinarião, em castigo da desobediencia a seu Pai, e dos males que acarretava a esta Nação.* — (**Ora digão lá que as vozes de Burro não chegão ao Ceo!!**) (p. 4).

[...] e quando eu esperava vêr n'hum Throno mais rico que o de Salomão com hum docel de safiras, e rubis sentado S. Magestade Imperial o Senhor D. Pedro, prostradas em imagem em volta do mesmo solio as dezenove Provincias do mesmo Imperio, a cuja vista tremião, e vacillavão os Andes, e dobrava o erguido cocuruto o Chimborazo, acho-me com o Marquez de Caravellas, com Francisco Lima, n'ausência de Francisco Gomes, e com o Mestre Vergueiro com Fabrica de Cuias na rua do Ouvidor. Pasmei, e entre os quesitos que fiz á vista de tanta miseria, perguntei se sabião por lá que cousa era hum Malhado? Tanto o sabemos, que tudo que o Senhor di lá está vendo he obra de Malhados; só elles a fizerao, e he privativamente sua.

Ha seis dias que ate aqui tinha chegado com esta escripta, mas huma escabrosa pedra encalhada na uretra com insoffríveis dôres, me dêo, meu máo grado, todo este sueto, até hoje, onze horas do dia 4 de Julho, ficando-me o corpo em medonha intumescencia. Graças ao Ceo, a pedra sahio sem Medico, porque, se apparecesse, a pedra teimava, amuava-se, e não vinha á luz para fazer na caixinha companhia ás outras, que a vão enchendo! Neste intervallo não pude ser escriptor, fui pacientissimo ouvidor, e talvez que tão atormentado pelos ouvidos, como o era pelo calculo na fossa navicular: (termo enfatico com licença da Faculdade.) (p. 5).

[...] Huma de duas, ou esta cáfila conta com o bom exito, e com a victoria da sua causa, esperando reduzir os mesmos Povos a huma escravidão tal, que se faça delles o que se faz de hum rebanho de carneiros, ou então os da mesma cáfila são tão estupidos, e mentecaptos, que não prevêm, nem ao menos se lembrão, que incorrendo, como incorrem, no odio, ou aversão de todos os homens de bem, de quem he a maioria, ficão expostos ao que tem já recebido, levarem publicamente com hum páo á face do Ceo, e da Terra sem osso no corpo que são lhes fique; e se o páo, conforme a planta de

que fôr tirado, o carrasco, o zambujo, o marmeleiro, ou ainda mesmo a cerejeira brava, por alguma sua flexibilidade, moleza, ou elasticidade, natural, ou accidental, não produzir logo o seu desejado effeito, então tiro, não simples, mas com duas ballas, ou quatro zagalotes, que he o que elles merecem, e he, a meu vêr, a unica receita para acabar com os perfidos, e impudentes Malhados (p. 7-8).

[...] Vai hum Realista, ou corcunda, que He o mesmo, seu caminho mansamente pela rua dos mercadores da lã acima, ou abaixo, o mesmo digo da rua dos Fanqueiros, Ouro, Prata, Retroz, Capella, ou Bacalháo, vai ao Cães politico, ou assoma naquelle largo fatal, ou no largo Democratico, onde não ha senão Publicistas, e Legisladores, até Fragateiros; e para não parecer difuso, o largo de S. Paulo [...] (p. 8).

Os verdadeiros Realistas com seus bordões (e nada mais he preciso) formão a Falange Macedonica, a impenetravel, a invencivel. N'hum dos bordões mais compridos tragão (indo a cousa ás do cabo, o que o Ceo não permitta) huma Bandeira; já lhes fiz para ella hum Distico, **metade he meu, e a outra metade do meu Camarada Camões**; ei-lo:

Não hade o cóllo erguer Mestre Pedreiro;/ Nem ramo verde pizarão Malhados;/
“Em quanto do seguro Azambugeiro/ Nos Pastores do Luso houver cajados.”

Não he mal feito, nem mal achado. A Maça de Hercules (formidavel cacheira!) será o Timbre temeroso da tal Bandeira. Ella quebrou os colmilhos navalhados ao Porco de Erimantho; he verdade que a cabeça de hum Malhado tem mais dureza, e consistencia; mas na mão está o tempero, carrega-se (p. 9).

[...] **Os Portuguezes estão deixados a si mesmos, não tem mais que as proprias forças com que possam contar**, chegamos a ponto de nos considerarmos como huma **Nação isolada no meio do Globo**: os nossos recursos estão em nós mesmos, a nossa honra, a nossa fidelidade, a nossa adhesão a este unico, mas florecente ramo da Dynastia de Bragança, podem ainda segurar a nossa independencia. [...] Ha certa cousa inexplicavel em a Nação Portugueza, que a torna invencivel (p. 9).

[...] Ergão as mãos para o Ceo, porque aqui em Portugal são mais bem tratados que na Hespanha, nossa amiga, e companheira, até no nome; **lá chamão-se Negros, aqui Malhados**, que sempre presuppõe a mistura de outras cores, que determinem as malhas; estas cores podem ser agradaveis, e adoçarem o horror do negrume. Na Hespanha são todos Negros, negros n'alma, e negros no corpo. Inda **mais negros se**

fasem, quando os pendurão na Força, ou lhes apertão os gorgomilos no fatal barrote²²⁰ (p. 10).

[...] mas a revolução não pega, e **essa arvore, que dá fructos de morte, chamada da liberdade, nunca em Portugal criará raizes**. Virão fazer mil Quixotadas até com a Menina ao colo, irão sempre como vierem, e menos do que vierem.

[...] não deixarão cá nem saudades, nem Primos, nem cunhados, que por elles, não só orassem, mas intrigassem; não houve curiosos que se atrevessem a pedir *amnistias*, e a querellas com ameaços, porque então esta palavra *amnistia* era verdadeiramente Grega, e nós nem Gregos, nem Framengos quizemos nunca ouvir, nem conhecer, nem de dia, nem á meia noite. Grande Rei foi este! Não perdoou a traidores. Se fosse aqui occasião, nas angustias deste mesquinho papel, que he o que vale, quarenta réis, eu mostraria que aquelles traidores tinham muito mais desculpas que os actuaes (p. 11).

[...] Gritarem-nos muito lá de fora, e cá dentro; fazerem grandes féros, e ameaços, **isso he querer albardar o Dono á vontade dos Burros**. Nós não queremos outro Rei. Portuguezes, elle tem a idade de Alexandre Magno quando sahio de Macedonia para conquistar a Asia. Elle nos levará á victoria, os Lusitanos não são menos valorosos que os Macedonios; entre estes Macedonios valentes **não lhe faltará hum Velho Efestião, que lhe diga alguma cousa, consultado, e não entremetido...** Pedroços 7 de Julho de 1831(p. 12).

N.º 24

A força unida obra prodigios.

[...] estavam guardados para os nossos infelizes dias dous Actos, que engrandecem, e exaltão mais a Nação Portugueza, e que excedem, segundo o meu entender, tudo quanto os Portuguezes, ou juntos, ou separados, tinham até alli obrado na Europa, na Asia, na Africa, e infelizmente na America. O primeiro foi a 11 de Julho de 1828, o segundo foi a 11 de Julho de 1831²²¹ (p. 1).

²²⁰ Refere-se à execução dos condenados à morte por garrote.

²²¹ A 11 de Julho de 1831, uma esquadra francesa, comandada pelo almirante Albin Roussin, forçou a barra do Tejo, bombardeou o forte de Catalazete e ancorou no porto de Lisboa, onde apresou oito navios portugueses, em represália por vários incidentes ocorridos com súbditos franceses, maltratados pelas autoridades miguelistas. Na sequência deste ataque, o governo de Luís Filipe impôs a D. Miguel a aceitação de um tratado humilhante para Portugal, assinado a 14 de Julho de 1831.

[...] Não faltou a ElRei hum só voto a 11 de Julho de 1828. No dia 11 de Julho de 1831 não faltou hum só Portuguez que senão unisse a ElRei. Aqui me quererão dizer já alguma cousa, e eu que a entendo, lhe respondo tambem já, e digo, que hum alqueire de trigo por ter huns grãos de ervilhaca, não deixa de ser hum alqueire de trigo; parece que mui bem me explico (p. 2).

[...] Oh! prodigiosa virtude, e sobre humano poder de hum Cacete. Devêo Portugal a hum arroxio no dia 11 de Julho de 1831 a mais assignalada de todas as suas victorias alcançadas desde o berço da sua Monarquia, foi o Cacete o mesmo, segundo dizem as velhas, que he huma véla das Candêas accesa a tempo, dissipou a mais horrorosa trovoadas, que se havia armado sobre os nossos horisontes em nossas tempestades politicas para afugentar as partes adversas; o mais poderoso, e efficaz Exorcismo he o Cacete, e para animar ainda mais os Caceteiros, não para cacetar a torto, e a direito, mas na actualidade do delicto, e na demora, ou falta absoluta da vigilante, e distante Patrulha, lhes digo que eu vi huma vez na Portaria dos Capuchos de Evora deitar o Diabo fóra do corpo das mulheres, onde elle tem a mais cómmoda aposentadoria: o Exorcista de Estola era hum Religioso tamanho como hum Filistêo, e confiava mais no Cordão que no Breviario, e dava taes cordoadas, que á segunda já não havia fumos de Diabo no corpo da mulher, ficava ella só, que vem a ser o mesmo; eis-aqui a virtude natural do Cacete, e lhe podemos dar hum titulo pelos seus triunfos como a Scipião Africano — o Mata Revoluções —; e della livrou Portugal. [...] e não será hyperbole dizer que o pedaço de hum páo fôra agora hum dos mais seguros esteios do Throno, e me parece que até a cólera-morbus, que mata exércitos, e povos, terá medo de hum Cacete, e tem razão [...]. Huma harmonia conservada, huma tranquillidade permanente, e huma segurança pública valem hum osso quebrado, huma cabeça partida, e huma costella amolgada. Paciencia! (p. 5-6).

[...] O Senhor D. Pedro levantando-se [...] perdêo o direito, e o perdêo irremissivelmente para sempre á Corôa de Portugal, por elle deixado, desprezado, perseguido até com a espada na mão, protestando á face do Mundo, que nada queria deste Reino, negando a sua mesma Patria, e o nome de Portuguez, (cousa que mais me horrorizou no espaço de 66 annos da minha vida) (p. 6-7).

[...] Se os nossos inimigos internos, com suas ôcas theorias dos Representativos, e com sua quimerica divisão dos Poderes (com que se multiplica a tyrannia) se essa Fanqueirada, Capellistada, Bacalhoeirada, gritadoras de Galerias, fossem homens em que coubesse razão, que lhes não cabe nos cascos, cabendo-lhe tudo nas lojas, e já muito

pouco nas gavetas, quando se trata das verdadeiras urgencias do Estado, e não das galhofas constitucionaes, verião que o nosso feliz, e sempre feliz Governo Monarquico he o mais circunscripto, limitado, e aguarentado pelas immudaveis Leis da mesma Monarquia. Dizem os matreiros apostolos das revoluções á caterva dos gritadores mentecaptos, de que acima trato, que no systema representativo o Rei Constitucional só pode fazer todo o bem, e não pode fazer nenhum mal, porque a sua authoridade, e o seu poder são regulados pela Lei. Que ilusão, e que aleive!

[...] O nosso actual Soberano (e o será sempre, Portugal não quer outro, e eu nunca deixarei de clamar — Não queiramos outro) ainda em nenhum dos actos da sua Soberania deixou de querer a Lei, para si, e para nós. Não absolve malhados, nem condemna innocentes (p. 9).

[...] Este Monarca, o mais justo, o mais ligado á Lei, quando se trata de reconhecer a sua legitimidade [...] he o Monarca chamado o Tyranno, o Usurpador, o intruso pelos Senhores, e pelos Grandes, que estão na Ilha Terceira, e reunidos em Londres forão, mas com os pés quasi descalços, como quem promette ir á Penha de França em romaria, beijar a mão ao ex-Imperador o Senhor D. Pedro de Alcantara, indo só tres de sege adiante, porque os mais forão a pé, e pela sua muita fraqueza encostados huns aos outros; bambochata que fez espojar de riso os melancolicos Bretões, e não faltarão ahi caricaturas engenhosas, que os representem como huma matilha de mendigos, que correm ao caldo com huma tijella da Panasqueira debaixo do braço. Esta beijoca de mão foi aqui por alguns dos Grandes, e das Grandes com ternura invejada! [...] Em todas estas idas, e venidas eu não descubro mais que hum eterno ridiculo, e hum manancial de gargalhadas na mesma posteridade.

[...] Talvez que para lhe dar hum pão para o almoço... Talvez que espere que se levante o Senhor Casimiro Perrier para lhe dar hum alojamento, ou hum Boleto para hum Quartel (p. 10).

[...] **O pai, o mestre, e architector de todas as revoluções, he unicamente Montesquieu**, e só com elle aprendêrão quantos depois delle tem escrito sobre estas nauseantes materias de Constituições, e de Governos representativos, alli tem apanhado as suas doutrinas, naquelles **desligados pensamentos, em que (digão o que quizerem) se não acha hum fio seguido** (p. 11).

[...] Pedroços 8 de Agosto de 1831 (p. 12).

N.º 25.

Não foi desta, nem vai d'outra.

[...] S. Magestade Imperial o Senhor **D. Pedro foi sempre o ludibrio, e a zombaria daquelles mesmos de quem se dizia Perpetuo Defensor**, e não podemos deixar do notar a sua indolencia, inconsideração, e insufficiencia para notar, e conhecer o que em sua mesma Corte, e na sua presença se annunciava pelo abuso da Liberdade da Imprensa, sempre nociva, sempre perniciosa para os Povos, e muito mais para os Reis, porque por ella, e com ella se indispõe os Povos contra os Reis, e estes contra os Povos (p. 1).

[...] A abdicação do Senhor D. Pedro he de huma especie nova: chegaram junto ao Throno Imperial **tres homens, não affianço, nem digo, que erão de côr uniforme, n'hum mais fechada, n'outro mais aberta**; e para me explicar melhor, **erão de huma côr, que não he a do dia, nem he a da noute, ficava no meio; mas em fim, os Roxinoes são pardos, mas cantão bem**, e lhe disserão, olhando para o alto do Throno: — Ponha-se cá em baixo, porque ca em baixo he que o queremos; até agora era o primeiro Cidadão, agora he o ultimo.

[...] A esta vergonhosa nullidade o reduzio a perversidade Maçonica, mas nunca o despojará da Magestade, e da Grandeza de ser Irmão d'ElRei Nosso Senhor, isto o fará mais respeitavel, e venerando no Mundo do que o fazia o Imperio dos Macacos, e das Bananas; Victima da perfidia, e jogo, ou ludibrio da inconstante Fortuna (p. 2).

[...] A que reflexões nos obriga este tombo de gozo, e o mais estrepitoso do Mundo! O Senhor de hum vasto Imperio, ao mesmo tempo que rico sem dinheiro, e grande sem gente, repentinamente se vio como se vê o espargo no monte, desamparado, e solitario, mettido n'huma chácara, onde não apparecem senão duas cousas, elle, e Bananas. Não acha na sua Côrte, onde havia tantos Grandes como Mosquitos, hum só Grande, que lhe sirva de Camarista; no seu Exercito hum só Tambor, que o leve a toque de caixa; na sua Marinha, que enchia de espanto, e rasgava as ondas de ambos os Oceanos, Atlantico, e Pacifico, hum só boite, em que se acolha a bordo da Náo Ingleza, por cuja escada descera logo para huma pequena Corveta, onde se accomodará em hum Beliche de re, paredes meias com o Contra-mestre, comendo talvez mal, porque o pequeno ambito da meia laranja não davão lugar a capoeiras, sem que de tantos Diplomatas Embaixadores, Enviados, Encarregados dos Negocios houvesse hum só, que o acompanhasse no bota fóra, porque todos ficarão em casa do Senhor Nuncio a

comer Rabioles apimentados, em que a Cachaça trabalhou bastante, á saúde do menino órfão [...]. De tantos filhos pequenos nem hum só pôde trazer pela mão, como Eneas o menino Ascanio, quando Troia se estava abraçando; e, se não trouxe, como o mesmo Eneas o pai Anchises acavallo do cachaço, he porque por amor delle o tinhão mandado para hum outro Mundo, como era fama pública, e corria de plano. Mostrem-me em todas as Comedias antigas, e modernas hum desfecho como este, em que o Protagonista fique só na Scena, sem hum Comparsa, que lhe diga — boas noites. — Peiores dias se lhe preparão, porque, como pode existir quem traz o coração varado de duas setas as mais agudas, e penetrantes, a primeira chama-se saudade, a segunda amor, saudade da sua *Patria adoptiva*, como elle o diz, a segunda amor aos seus Brasileiros, amor tão forte, amor tão heroico, amor tão fino, que o obrigárão, por lhe fazer a vontade, a abdicar *para sempre* duas Coroas , e mais abdicára, se mais tivera, e se não fôra — *para tão grande amor tão curta a vida* — como do amor de Jacob nos diz Luiz de Camões (p. 3-4).

[...] Ainda quiz mais o Senhor D. Pedro em suas abdicações — Gloria para mim—isto já está dito, e feito; agora falta — *E felicidade para a minha Patria*. — Não podemos negar que elle nascera no Brasil, porque não vai atraz a sua Augusta Palavra — *para a minha Patria*. — Eu préguei na Real Capella de Queluz na Festa do seu nascimento, e tinha tão poucos dias de nascido, que me parece impossivel quie houvesse tempo, e Embarcação tão veleira, que o pudesse trazer do Brasil, mas talvez seja illusão minha, e muito principalmente estando cá seu Pai, e sua Mãe; mas elle o diz, e protesta que abdicara, e que abalava para felicidade da sua Patria; isto não se entende, aqui ha mysterio, cuja explicação nao he para mim. Permanecer na sua Patria como Soberano, para a fazer feliz, mas deixalla para que o fosse, isto he dizer que com sua presença a fazia desgraçada. Isto dão a conhecer os seus Patricios Brasileiros, pois com hum *Te Deum laudamus* dêrão graças ao Todo Poderoso pela sua ausencia, deixando vêr que della pendia a felicidade da sua Patria [...].

[...] Querendo todos o Botafôra, ninguém vai a elle, e, *a Deos Patria, a Deos amigos, a Deos para sempre*; e ninguem disse, (porque não apparecêo ninguem) — boa viagem!! (p. 4-5).

[...] Comecemos pelos Palhaços de París, mólho de hetereogeneos, ou quadrilha de todas as castas; poucos em numero, pequenos em corpo, tугidos de miolo, fortes como aboboras para a guerra, porque só a fazem de dente, e de penna, poucas esperanças dão ao partido do desamparado Senhor D. Pedro, mas pôde este Senhor

contar com elles para fazerem apparecer no Periodico — o *Constitucional* — alguma correspondencia fabricada em París, e datada de Lisboa, em que se affirme, e dê por certo, que S. Magestade o Senhor D. Miguel he hum monstro de huma nova especie, que em Lisboa ha cada mez huma revolução, e ás vezes duas, que os enforcados são aos milheiros, (**sendo Pedreiros, se lhe devia fazer o dito verdadeiro**, e em quanto se não fizer, não estaremos seguros, e viviremos sempre em sobresalto) com outras sandices desta natureza, que os mesmos papa-moscas de París já não engolem, porque são de mui difficil digestão (p. 5-6).

[...] Aqui chegava hoje 22 de Agosto ás seis horas da manhã, momento, e tempo, em que **os horriveis ataques de pedra me deixão ou meditar, ou escrever** alguma cousa, sendo a minha existencia hum quotidiano milagre. A zunida, e o estrago das balas aqui mesmo não só ouvidas, mas sentidas no dia 11 de Julho, não me atemorisarão tanto, como me atemorizou a infaustissima nova da sedição, ou rebellião militar, ou destampado frenesim de hum só Regimento. [...] Hum combate nocturno dentro em Lisboa! Cadaveres de Portuguezes, feitos por outros Portuguezes! [...] Para estes casos não são precisos Magistrados Togados, porque entre elles não faltaria algum, ou alguns que dissesse, ainda que aos Autos fossem por appenso os Cadaveres — Absolvidos por falta de prova. — Assim mesmo tremo que haja formalidades forenses, em que os Ulpianos, e Papinianos do Rocio nos venhão atormentar mais com seus ôcos palavrões, que os brutaes assassinos com suas macissas ballas (p. 6-7).

[...] Quem seria o da lembrança de espalhar pelos honradissimos, e fidelissimos Corpos do Exercito Portuguez, exemplares de valor, e de lealdade, a escoria dos patifes que seguirão a voz dos salteadores do Barco de Vapor? Não sabia que estas particulas do — *Colera-morbus* — irião inficionar o que era completamonle são? Eis-aqui os effeitos desta inconsideração, ou malhadisse!! **Não deixar hum só de taes réos vivo** he o mais sagrado dever da justiça (p.7).

[...] Isto fizerão no Brasil, isto querem fazer em Portugal, só com a diíferença que no Brasil deixarão-no vivo, porque elle lhe quiz mostrar que não era pé de chumbo, como no Brasil se chama aos Portuguezes, pois comsigo só trouxe duas cousas, trajes de frasqueira, e fato de coelho; aqui muito de seu vagar lhe darião cabo da vida, cousa que para elles não he nova, nem muito de costa acima. Dois pingos d'**agua Tofana** em hum cristallino copo fazem esse facil milagre, e o mais glorioso troféo do Maçonismo. Para isto estão mettendo nestas **fofas** o Senhor D. Pedro, e lhe levão a casa trabalhos que elle não estranha (p. 7-8).

[...] elle está cá na Europa por estalagens, e o Brasil estará a estas horas em mãos não sei de quem, e talvez que nem haja para lá huma caritativa mão que acuda com huma Cuia de Tapióca para fazer hum caldinho para as crianças que elle lá deixou em Casa do Mestre Bonifacio, que talvez tenham morrido á mingoa. [...] Estes emprestimos, estes exercitos, este salto retrógado que se faz dar ao Imperador da coroa fechada do Imperio para Commandante das Forças da sua Filha, tão ludibriada, que até a fazem n'hum collegio, ou casa de huma mestra de meninas, formão hum **Entremezão** tão destampado, que parece **de bebados em dia de S. Martinho**. No actual momento toda a Europa me parece hum Entremezão: os Russos sempre ao pé de Varsovia, e nunca em Varsovia! Gello, desgello, Colera-morbus, Lithuanos hoje, Lithuanos ámanhã; os Belgas sempre em scena, como os Hellenos algum dia: dous Cambistas occupando todo o Periodismo Europeo, Perrier, e La Fitte, e hum Ministerio, como já disse hum Francez, que se não pôde ver sem a gente se rir: hum Wellington fallando como hum Militar, valoroso, e franco; hum Grey ladeando como hum Caloteiro; hum Bill, que custa a passar, como beco de Alfama enlameado: ámanhã, ou qualquer dia, o exercito da Terceira faz o Seu desembarque no Caes da Forca (p. 8).

[...] e tudo isto porque? São muitas as fontes donde podemos receber a resposta, eu atenho-me a huma só, que abrange todas. A Seita he dominadora, dominar he o seu fim, e para elle põe em obra todos os meios, e se serve de todos os instrumentos; e o que parece que com hum assopro se desfaria, tem sido entre nós o mais poderoso. O Pigmeo Calhariz, perdido Ministro, Vassallo traidor, teimoso Anglomano, sacrilego Beleguim do mais honrado dos homens, do mais bem intencionado dos Príncipes em todas as suas acções, em todos os seus passos, o mais amante dos Portuguezes em todas as suas Soberanas Determinações, e isto manifestado sempre, como homem, como Infante, como Rei, tomou huma Justa, mas muito ligeira vingança do traidor, e preparado assassino de seu paiz, algumas horas de prizão, porque, prendendo Pedreiros, como poderia este Demonio inquietador ficar de fóra? Todo o Mundo, disse o malvado, será o instrumento da minha vingança. A sua parentella toda será como hum Estado maior da mais prosegulda, e contumaz conspiração... O resto he sabido, e já repizado enjôa... (p. 9).

[...] assim como não foi desta, não irá de qualquer outra que intentarem. Quando nos intervallos da mais dolorosa das enfermidades comecei a traçar algumas linhas neste papel, ainda não tinha rompido a parcial insurreição dos illusos Soldados do ex-n.º 4, que tão gloriosamente foi logo repellida, e supplantada pela verdadeira Guarda do Rei, e

do Povo, e pelo muro de bronze, que cerca a Capital, quero dizer, a Real Guarda da Policia, a cujo denodo, como hum toque electrico, acodio o invencivel Exercito da Guarnição [...] (p. 10).

[...] Vinde vós, foragidos n'hum rochedo no meio do Oceano, e trazei comvosco esses mesmos despreziveis Entes, que vierão, e fugirão logo n'hum Barco de Vapôr, e de quem diz hum Periodista em Inglaterra, que vos conhece, que observára em vós hujmas caras, que não erão de guerreiros, nem de Financeiros, e que todos erão — *Bananas*, — isto he, caras côr de chumbo [...] **as armas com que, ou muitos, ou poucos, sereis combatidos, serão os inflexiveis. . . eu o digo com plena satisfação, os inflexiveis Cacetes** [...] (p. 11).

Sejamos honrados, e fieis, ó Portuguezes, e seja a nossa unica, e contínua saudação

VIVA ELREI.

Pedroços 26 de Agosto de 1831 (p. 12).

N.º 26.

Origem do Mal.

O que se não fez, e o que se fez na morte de Sua Magestade o Senhor Rei D. João VI.

[...] Já fallei em o N.º 24 sobre o não encontrado Tratado de Alliança feito com a Grã-Bretanha em 1661 estipulando-se o dote da Rainha D. Catharina; o de 1827, esse appareceo, e veio logo ao de cima, porque, como se costuma dizer, o cão de busca era Mister Canning, (se sobre isto ha de vir coima, então vai barrado, porque **esta casa teve ballas, e ainda tem buracos**) (p. 2).

[...] Chame-se o Brasil o que quizer; se ha alguma cousa mais que Imperio, seja o Brasil esta mais alguma cousa; mas nunca se chame Portugal Colonia; isto seria fazer passar os Portuguezes de brancos para pretos (p. 7).

[...] Com effeito, parece que se fez em maquina de vapor, o que com tanta pressa se fez! N'hum abrir, e fechar de olhos abre-se hum cunho para se bater a moeda com a effigie de hum Rei, que não sabe ainda que se lembrarão d'elle, nem está acclamado, nem recebêo a homenagem, nem dêo o juramento: ouvir-se pelas Igrejas — *Regem nostrum Petrum* — sem ser o 1.º, nem o 2.º, nem o 3.º, e fazerem de lá écco os

Tapuias — *Imperatorem nostrum Petrum*: — governar huma Regência, que elle não nomeou; mandarem-lhe para lá huma Constituição, que elle não fez, nem lhe fizerão Pedreiros Cariócas, obrigando-o a mentir, e a dizer que era sua, referendada por Francisco Gomes, que assignava de cruz os papeis do Imperio, pagarem a hum Inglez para dizer que a trazia de lá, e mandar elle de lá péllas para Pares, que nascêrão depois delle lá estar, parecem cousas dignas dos contos de Trancoso, ou das **viagens de Gulliver**, fazendo com **tão descaradas imposturas**, escandalisar, e dividir a Nação Portuguesa, obrigando-a com o Exercito a emigrar huma boa parte, vendo illudida, e arrastrada huma alta inexperiência.... Andem lá por onde quizerem, nas revoluções, ou revoltas da Europa desde o anno de 1789, nenhuma houve, ou ainda hoje ha, mais systematicamente perversa, nem mais abominavel, que este enredo mais que infernal, que começou a manifestar-se com a morte, e pela morte do Senhor Rei D. João VI em 1826 (p. 8).

[...] Fiquei espantado quando ouvi fallar com muito enfase em hum Systema de Finanças para Portugal segundo as idéas de Smith, e do Economista Say, e disse comigo: Law, e Turgot em Portugal, e Necker, Cambista de Genebra conhecido em Portugal, que não conhecia mais que a Casa dos contos, e contos, e mais contos em moeda que tinha, e não em Assignados, e Notas, que só devião servir de buxas para carregarem pistolas, que mettessem sem conto balas no buxo aos inventores de taes embrechados volantes.... [...] Quando eu estudava sem livros, que he o melhor estudo, isto he, a observação do que vai por esse Mundo, tinha pés e pernas para andar [...] Que insolencia, e que ousadia! Se ha balas que assoviem, desce a vinte e sete; se acaba a zunida, sobe logo a trinta e hum! Os tentos para este trinta e hum devião ser cabeças espetadas nos parafusos da Forca (p. 9).

[...] O seu nome he hum grito de guerra para os malvados, e scelerados conspiradores. Oução-se os vivos dos Tigres desaçaimados do Quartel do Campo de Ourique no meio de continuas descargas de fusilaria! Que nome se profere? O do Senhor D. Pedro [...] tudo para arrumar aquella filha, que he a menina de seus olhos; os outros filhos arrumados estão, e entregues em boas mãos; o Bonifacio tertia cuidado no seu modo de vida, talvez quisesse ensinar o mais pequenino a achar minas de carvão, como elle fez em Buarcos, onde ficárão muitos contos de réis em dous lugares, na cova que abrio, e na algibeira que fechou (pp. 11-12).

[...] e agora por mandarmos dar quatro açoutes em hum incognito franchinote, sacrilego, e profanador, somos invadidos, e roubados. Sejamos outra vez Nação, pois

começámos mais pequenos do que agora estâmos. Respeitemos muito o Senhor D. Pedro, porque he irmão d'ElRei, mas não o temamos. Os Tapuias não o quizerão Imperador, nós não o queremos Rei, porque perdeu o direito a este Reino, sendo elle a causa unica de todos os nossos infortunios. Lembrai-vos sempre do dito desse Corsario que ahi tivemos: *A Nação Portuguesa póde ser bombeada, mas não póde ser pervertida, nem revolucionada*. E eu, sem ser Corsario, acrescento: – Sejamos amigos da gloria, mas não queiramos Maria da Gloria, que Deos nos dará a sua graça, e depois a Gloria eterna. Amen.

Pedroiços 9 de Setembro de 1831 (p. 12).

N.º 27.

A cegueira pertinaz.

[...] No Mundo só houve hum unico mentecapto, que voluntariamente quiz ficar cego para discorrer sem a distracção, que este sentido costuma dar ao entendimento. Este mentecapto foi hum Filosofo, porque as maiores parvoices são feitas por Filosofos, e o de que fallo, foi o Filosofo **Demócrito**, e bem asno, e bem parvo se mostrou, porque andava sempre em **gargalhadas**, á vista do que vai pelo Mundo (p.1).

[...] e tantas cegas voluntarias, que podendo vêr as cousas deste Mundo em ar livre, e pleno dia, talvez agora nem pelas miudas malhas de estreitas gelozias o possam lombrigar; ouvindo huma campã que impõe o silencio dos tumulos áquellas mesmas em cujas linguas o Moto contínuo, que os Filosofos não tem podido achar, tinha constituido o seu delicioso assento, e throno; porém favor foi do Ceo fazer-lhes ter as bôcas caladas, donde sem freio, e sem aziar se precipitava huma cascata de parvoices politicas, que se em voz alta as dissessem no meio do Rocio attrahião acima de suas ôcas cabeças huma espessa nuvem de solidos calhãos. Se o Senhor D. Pedro possuisse a arte de as fazer moças, bonitas, e discretas, *vade in pace*, quizessem embora, e levassem para o seu toucador o Senhor D. Pedro, ennastrassem-lhe louros na frente, e depositassem em suas mãos o Sceptro do Imperio de Cythera (p. 3).

[...] No fim de cada hum dos dias da Novena, hum Padre Nosso avulso, e supranumerario, para que os Exercitos de mar, e terra, que o Senhor D. Pedro commandará em pessoa, sejam tão numerosos, e aguerridos nas tres armas, que todos caibão no Barco de Vapôr, que varando em terra no Cáes de Manoel Ribeiro, nos fação

aqui dar hum par de risadas boas, como as que se dão aos Preopinantes das Camaras de França, e tanto merecião as de cá (p. 4).

[...] E hum tal Rei não he politicamente reconhecido? Luiz Filippe sim, e D. Miguel, não!!! Já não fallo com essas ôcas aboboras meninas, ou porqueiras, que agora nos Sanctuarios do Deos vivo estão dando ao Diabo a cardada, que isso fiz para amenisar a aspereza da politica [...] (p. 5).

[..] Este Rei²²² não gostava de traidores, em os apanhando, matava huns, desterrava outros, confiscava todos, e até tinha muita graça, e pilhéria, porque os bens confiscados aos rebeldes, e transfugas, erão por elle dados, e repartidos aos Vassallos fieis, que não levantarão armas contra elle (p. 6).

[...] Eu estou intimamente persuadido que esta especie de borracheira, que tantos, e tantas mostram na paixão que mostram pelo Senhor D. Pedro, porque com effeito parecem bebedos, e bebedas ás cabeçadas, couces, e boleos, que levão, e muito contentes, e que tanto merecem, tem o seu motivo nos sentimentos de gratidão aos nunca interrompidos beneficios, que a Monarquia Portugueza tem recebido das suas liberalissimas, e ex-imperatorias mãos (p. 9-10).

[...] e seu pai dahi a pouco, (pouco, porque foi logo a 6 de Março de 1826) falleceo da vida presente, ou o fizerão fallecer. Se elle esperasse, era logo herdeiro *in solidum* de todos os bens do Casal, sem tornas, nem alimentos dos mais herdeiros: mas tão grande era o ardor, e **tamanha a ancia que tinha de nos fazer hum beneficio**, que veio a deixar o Brasil, sem ser delle, e sem ser nosso. **Tem razão elles, e ellas em quererem para Rei** quem não soube, nem pôde conservar o Imperio. Quem não teve força para sopitar Tapuias, como terá Magestade para governar Portuguezes? Ora, este beneficio não he para esquecer nem hum instante sem huma **feia ingratidão!** Elle, **por beneficio nosso**, não só se metteo de posse da casa, mas quiz tambem herdar os móveis, e que erão do serviço immediato da casa de seu Pai, ou já defunto, ou que estava para o ser, o que dizem se fez de pé para a mão.

(Aqui hia o A. no dia 19 de Setembro, quando entrou a sentir grande frio, effeito da molestia das sezões, que então o atacou, e que o roubou á Patria no dia 2 de Outubro de 1831. Poucos dias tardou o reconhecimento do Nosso Santo Padre, Gregório XVI, que o Autor já previa, seguindo diverso, e mais acertado caminho nesta questão que os seus dois ultimos Predecessores.) (p. 10).

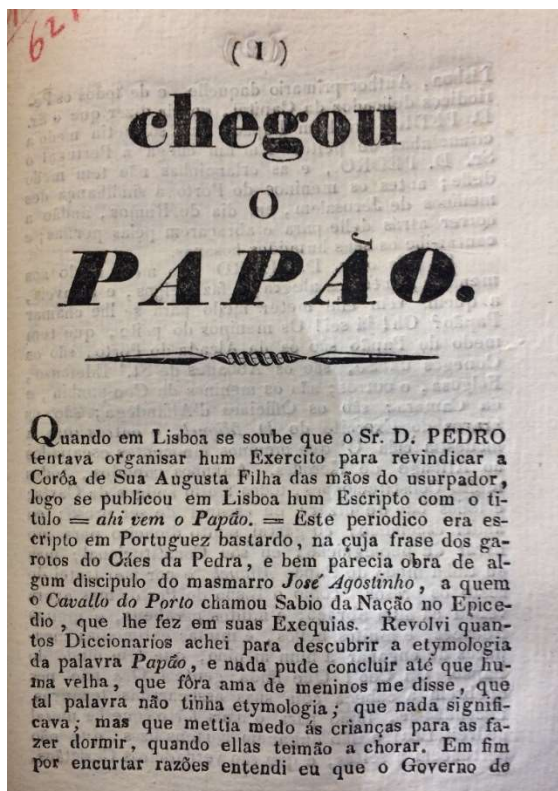
²²² Refere-se a D. João I.

ULTIMO DESENGANO,
OPUSCULO MORAL E POLITICO
EM ADDIÇÃO ÁS ULTIMAS PALAVRAS
DO GRANDE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO
EM O N.º 26 DOS SEUS DESENGANOS.

Dedicado aos verdadeiros Amigos da Legitimidade, e da Realeza.

[...] Taes forão as ultimas palavras, que no seu Desengano N.º 26 dirigio a todos os Portuguezes o Socrates, o Fenelon, o Sabio dos nossos dias José Agostinho de Macedo, este grande Escriptor, que em tão subido gráo amava o legitimo e excelso Monarcha, que felizmente nos rege, e a Patria e honrada Nação, a que pertencia, trabalhando sempre por conduzi-la suave, e **jocosamente** pela unica vereda, que pode levar os Povos á verdadeira prosperidade! (p. 1).

12. *CHEGOU O PAPÃO* (excertos)²²³



chegou

O

PAPÃO.

Quando em Lisboa se soube que o Sr. D. PEDRO tentava organizar hum Exercito para reivindicar a Corôa de Sua Augusta Filha das mãos do usurpador, logo se publicou em Lisboa hum Escripto com o titulo = *ahi vem o Papão*. = Este periodico era escripto em Portuguez bastardo, na cuja frase dos garotos do Caes da Pedra, e bem parecia obra de algum discipulo do masmarro *José Agostinho*, a quem o *Cavallo do Porto* chamou Sabio da Nação no Epicedio, que lhe fez em suas Exequias. Revolvi quantos Diccionarios achei para descobrir a etymologia da palavra *Papão* e nada pude concluir até que humma velha, que fôra ama de meninos me disse, que tal palavra não tinha etymologia; que nada significava; mas que mettia medo ás crianças para as fazer

²²³ Trata-se da publicação editada no Porto, na Imprensa do Gandra e Filhos e 1832. Para o mesmo título, publicado em Lisboa, na Imprensa Nacional, em 1833, ver o anexo seguinte. Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

dormir, quando ellas teimão a chorar. Em fim por encurtar razões entendi eu que o Governo de Lisboa, Author primario daquelle, e de todos os Periodicos delicados da Capital, queria dizer que o Sr. D. PEDRO era hum Papão, e que só metia medo a criancinhas de peito. Em fim chega a Portugal o Sr. D. PEDRO, e as criancinhas não tem medo d'elle; antes os meninos do Porto á similhaça dos meninos de Jerusalem, em dia de Ramos, andão a correr atrás d'elle para o abraçarem pelas pernas; e cantar-lhe os seus humildes hosanas.

Se pois o Sr. D. PEDRO não mete medo aos meninos, antes os alegra, e faz meigos, e amaveis, a quem vem elle meter medo para se lhe chamar Papão? Oh! já sei! Os meninos do peito, que tem medo do Papão são os da Alçada do Porto, são os Conegos da Sé, são os Abbades de St.^o Ildefonso, Folgosa, e outros; são os meninos da Companhia, e da Camara; são os Officiaes d'Alfandega; são os bravos do Exercito de *D. Miguel*, e outros que a modestia cála. Ó que meninos innocentes escapados ao Alfange de Herodes. Anjinhos papudos, todos muito Constitucionaes, todos muito amigos da Carta; e todos hão de dizer: eu escapei de ser preso; eu andei escondido: eu gastei muito dinheiro para me livrar da perseguição; eu sou Constitucional; mas eu tinha medo do Papão *Miguel*, e por isso tratei de resto os presos, como o Bispo do Porto; mas agora venha cá hum abraço; e muitos parabens, e muitas freirices, e muitos beijos, e muitas gatimonias incapazes de enganar a hum menino, que tem medo do Papão. Oh Ceo! Que linda gente! Ora não nos quebrem a cabeça com suas assucaradas ternuras. Escondão-se, fujão para o mais forte (que he moral pedreiratica) e não enganem homens lizos, que não pertencem a seitas, e que são verdadeiros Christãos, e amigos da Carta nas masmorras, e nos patibulos. Entendem?

Os Verdadeiros amigos da Legitimidade da Senhora D. MARIA II, e da Carta não são pedreiros, nem fanaticos. São como diz *S. Paulo*, gente nobre, séria, denodada, e inimiga da libertinagem dos Atheos, e das superstições fradesca. [...] Pois então que quer dizer este Papão de que fallavão os Sapientissimos borradores de papel pardo, e da Gazeta de Lisboa? Ahi está o misterio, que só com mais vagar se póde explicar. O Papão tem feito fugir o Exercito de *D. Miguel*. [...] O Papão espera denodadamente que essa chusma fardado-fradesca venha acometter o Porto. O Papão ha de papar os roubos, de que vive a fradaria, não para si, mas para livrar os Lavradores de Foraes, e ininitas pensões, que fazem a desgraça da Agricultura. [...] As Freiras de Villa do Conde não hão-de papar o suor do miseravel, que anda dia, e noite ao remo para lhes dar dinheiro com que ellas sustentem gente traidora contra o Throno. O Papão hade papar os abusos

da Companhia do Alto Douro, da Camara, e d'outros abusos, que escandalisão o Ceo, e a terra!

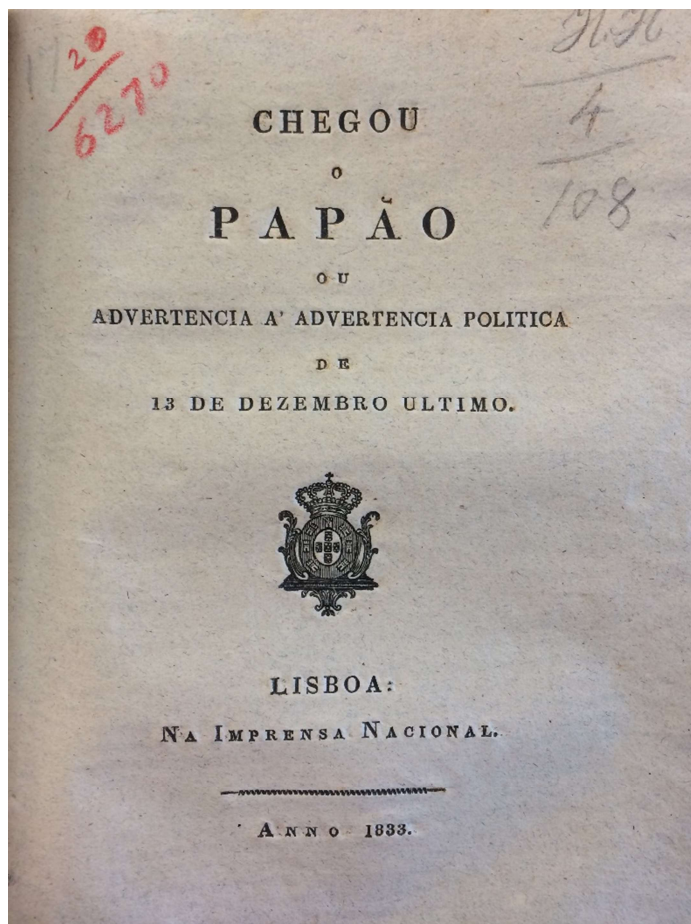
O Papão abolio os dizimos, que erão a gordura, e maldade dos Abbades, e Conegos traidores; e reduzio tudo á primitiva Instituição dos primeiros Concilios da Igreja, porque elles são o sustento dos miseraveis, e não devem servir para deshonestidades, e regalos. [...] Em fim o Papão hade pôr a maquina do Estado no seu equilibrio; e por dizer tudo de huma vez, **papado hade ser o papante.**

Apesar de tudo, **os meninos innocentes não fogem, nem tem medo do Papão. Fogem Frades, Officiaes de Injustiça, d'Alfandega, Camara. Ó Ceo que dôr! que papaduras. Fujão, fujão que chegou o Papão; e chegarão com elle as luzes do Seculo dezenove** (p. 1-4).

NA IMPRENSA DO GANDRA & FILHOS.

Anno de 1832.

13. ***CHEGOU O PAPÃO OU ADVERTENCIA Á
ADVERTENCIA POLITICA DE 13 DE DEZEMBRO
ULTIMO*** (excertos)²²⁴



CHEGOU
O
PAPÃO
OU
ADVERTENCIA Á ADVERTENCIA POLITICA
DE
13 DE DEZEMBRO ULTIMO.

LISBOA:
NA IMPRENSA NACIONAL.

²²⁴ Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

Publicando-se por uma gazeta de Dezembro passado, que o Escripto = Ahi vem o Papão = tivera tanta acceitação, que fôra reimpresso, bem que pelo titulo julgasse do seu valor, tive a não pequena paciencia de o ler, para mais cabal conhecimento do que tanta voga lhe havia dado; mas que encontrei?! o mais delambido apontado de ineptias, maldades, e despejo, uma obra propria dos miseraveis, piedosos Escriptores do tempo: bem quizera eu publicar logo a analyse, que delle fiz; mas isto não era possivel, porque o escrever era privilegio exclusivo da bregeirada, e arrieiros de lenço pescoço; agora pois o faço (acommodando-a ao tempo, em que a publico) visto que felizmente CHEGOU O PAPÃO.

§ 1.

“Ahi vem D. Pedro! fujão, meninos, que os mette no sacco.” Ora isto he sandice; não era melhor dizer = fuja, cambada, fuja, Carcundas, que nos mette no Inferno? = Eu, seguindo os auctores de melhor nota, assim o entendo; porque, dizem elles, se os que o não fizerão o fizessem, não estarião tão perto de lá ir bater com os ossos, salvo se a clemencia liberal se não extinguiu ainda, o que devêra ter acontecido [...] (p. 3).

§ 2.

“Com que prazer, e alegria não sería recebido pelos Portuguezes o seu maior flagello, e a causa única de todos os seus padecimentos?” Convem distinguir: se o Anonymo chama Portuguezes exclusivamente aos Carcundas, tinha razão, porque S. M. o Senhor D. Pedro vinha dar-lhe cabo da pelle, e ha de extinguir-lhe a raça: mas se por Portuguezes entende collectivamente todos os indivíduos da Nação, então disse patifaria; porque, quem deverá dizer-se que os flagellou? O Senhor D. PEDRO, que lhe dêo uma Carta, que ninguem mandou prender, confiscar, nem matar, e que entre as outras Nações, e Portugal conservou relações amigaveis? Ou o derrubado Tyranno, que dolosa, e traiçoadamente destruiu a Carta, e por consequência os foros da Nação? Que sem intervallo prendeo, confiscou, matou? Que, sem morrer de vergonha, porque a não tinha, comprometteo a honra da Nação a ponto de ser-lhe, pela primeira vez, forçada a Barra da Capital; de por tres vezes ser ameaçada por esquadras de Nações, com que mais allianças tivera, e de por umas poucas lhe serem esgotados os cofres publicos para indemnizarem-se os Estrangeiros dos desaforos, que o Tyranno contra elles praticára, e fizera praticar? [...] (p. 4).

[...] “Venhão embora.” Eis o que se diz = fazer das tripas coração = mas que repugnância! disse = venhão = porém ajuntou-lhe o = embora =. Quanto á profetica charada, ella he muito fina, mas de fina quebrou; voltárão-se os feitiços contra o ladrão do feiticeiro: e que dirá o Anonymo se o prognostico se cumprir agora com as guardas viradas? Cousa nenhuma, provavelmente fica-se com **cara d’asno** (p. 4).

[...] Mentio por tanto o Anonymo na sua asserção interrogatoria; porque não ha dúvida de que todos os Portuguezes alegre, e anciosamente esperavão o Senhor D. PEDRO; aquelles individuos, em que isto não acontecia, erão Carcundas, e **Carcundas não são Portuguezes, são bichos, e mais daninhos, e mais nojentos do que quantos ratos ha por essas dispensas, e osgas por esses pardieiros.**

[...] “Falta ainda, para cumular a medida, suppôr-nos todos tolos.” Nisto agora sim, senhor, teve razão; **o Senhor D. PEDRO, e não elle só, fazia essa justiça aos Carcundas, particularmente Miguelistas, mas não os julgava, ou suppunha tolos sómente, mas tolos máos;** e com tanta mais razão, quantas as infinitas, e evidentes provas, que disso derão, desde o primeiro governante até ao ultimo governado, e que são mui conhecidos, para que se enumerem.

[...] “Com que vislumbres de justiça poderia elle aspirar á posse de huma cousa, que nunca lhe pertenceo?” Este não he o lugar para semelhante questão, que de mais, por todas as razões, se torna ociosa; mas em fim tem tanta connexão com o que acabo de expender, que não posso calar-me; provará que he tão justo o juizo, que o Senhor D. PEDRO fôrma dos Carcundas, isto he, de que são todos tolos, que elles querem fazer crer que ignorão que **o mesmo Senhor fôra o primeiro (antes fosse o unico) filho do Senhor D. João 6.º;** que, por morte deste, foi proclamado Rei de Portugal, e reconhecido pelas Nações; e que o mesmo Tyranno tanto o reconheçêra, que prestou mais de um juramento de ser-lhe fiel, e como a seu Soberano obedecer-lhe; e que depois dando o dito por não dito, o enganára a elle, e a todo o Mundo, levantando-se com o sancto, e com a esmola; e disto estabeleceo um direito, que lhe dava o Throno, e excluio o Senhor D. PEDRO; d’onde se vê que **o direito dos Despotas, Usurpadores, e Carcundas he como o torto da outra gente** (p. 5).

[...] “As fortissimas razões, em que se funda esta asserção, são tão evidentes, e sabidas, que nem um momento gastarei em as [reproduzir.” As taes razões tem tanta força, como **tres barãos podres, e tão podres, quaes os que a dedo se fabricárão em 1828, e do mais corrupto linho,** que appareceo; em fim barãos tão podres como a moral, e o juizo dos seus fabricantes (p. 5-6).

[...] “Mas D. PEDRO não se embaraça com isso, e porque a todos nos considera mentecaptos, quer dos mesmos agravos, e hostilidades, que nos tem feito, deduzir o direito de nos tratar como um rebanho de cabras.” Eis-nos outra vez com os baraços; he boa! se elles, segundo o que deixo dito, erão incapazes de embaraçar uma criança, como embaraçariam o Senhor D. PEDRO? [...] e quanto ao direito de tratar os Carcundas como cabras, quem póde negar-lho? Barbas tinham elles quasi todos; cornos, quantos os terião? roer, nada lhe escapava, fosse seu, ou fosse alheio; marrar com meio Mundo; saltar despenhadeiros, até que se precipitirão; e então que injustiça lhe fez? Deve com tudo não utilizar-se de taes cabras; porque **em vez de leite só dão ronha**; e quanto ás pelles, deve mandar vende-las por junto, e por todo o preço. O resto, que neste Artigo se encontra de mais notavel, he tão falso, e destituído de circumstancias, e provas, que não merece menção sizada, e **para a chacota temos nós materia basta** (p. 6).

§ 3.

“He ou não preciso que passemos por tolos?” Parece-me que tanta repetição de tolos, e cabras, de que o tal Escripto abunda, he argumento da convicção do Anonymo, e prova de que tanto he verdade, que todos se chocão se lhe dão em balda certa. [...] quem tentára desthronar o pai presente, tentaria desthronar o irmão ausente, o que por isso mesmo lhe seria mais facil: fecundo genio para descobrir direitos! Achou-os para derrubar o Pai, encontrou-os para roubar o irmão, talvez os desencante ainda para desthronar o Diabo; mas he seu fado, a pezar de que esta tentativa seja de todas aquella, para que com mais direitos póde ser considerado, eu fico que não leve a cabo os seus desejos, ainda que por muito pouco, isto he, porque em fim o Diabo he mais velho do que elle (p. 7).

§ 5.

[...] “Temos brio, prezamos a honra nacional [...] e nada he capaz de nos arredar da fidelidade, que devemos ao legitimo, e grande Rei, que nos derão as Leis fundamentaes da Monarchia.” **Ora aonde se virão postas de pescada mais sedição, ou arrotos mais fedorentos?** Aonde maior contradicção? Brio aonde ha tão pouca vergonha, e tanta immoralidade? Prezar a honra nacional, quem despreza a individual! Tanta fidelidade em quem tantas vezes perjuro tem sido, e infiel! historia; ainda com toda essa indigestão de enthusiasmo [...] está de certo a estas horas, que não parece o mesmo: quantos alfaiates teria o Anonymo (já quando escreveo), e outros Anonymos consultado, para a difficil empreza de mais uma vez **virar a casaca, tão gasta já de**

tanta viradella! Em fim fallava com mais exactidão, dizendo = Temos pouca vergonha, ignoramos o que he honra nacional, como qualquer dos Povos, que mais o ignorão, e qualquer engodo ou ameaço he capaz de nos arredar da fidelidade, que promettemos ao corifeo, que nos derão as Leis fundamentaes da patifaria, ajuntando = do que temos dado sobejas provas (p. 9).

[...] “Onde quer que se reúnem tropas para a justa defeza d'El Rei, e do Reino, apparecem milhares, e milhares de paizanos armados.” Mui **falto de vista** estava o Anonymo! Soldados a desertar figurão-se-lhe paizanos a apparecer! Ora **use de óculos** para outra vez. (p. 10).

§ 6.

“Quatro annos de desasocego, que podião ter sido quatro annos de paz, e prosperidade, se de propósito se não tivesse procurado desviar o Soberano da possibilidade de se entregar ao desempenho de suas paternaes intenções.” Agora sim que puchou do juizo! que exactidão de idéas! Tinha propensão para Mathematico: a paz, e a prosperidade de um Nação protegidas por um individuo, que **passava uma parte da sua vida em caçadas, fazendo a despeza á custado Thesouro Publico, outra parte a jogar o chicote quente, e a cabra cega; outra parte em orgias, e outra parte em ridicularias, indignidades, e atrocidades de toda a especie!** Se elle assim gastava a sua vida, e os dinheiros nacionaes, como póde dizer-se que foi desviado de suas intenções? Quem tem tempo, e meios pecuniarios para fazer o mal, tem tempo, e meios para fazer o bem: não poder elle ser desviado dellas, porque o que o berço dá a cova o tira, foi o que fez que para sempre desse em terra comsigo, e com a **joldra carcundal**, que com elle fraternizava nas taes intenções (p. 10).

§ 7.

“Venha pois D. PEDRO quando quizer; mas saiba que o tempo, que tardar he o que só nos falta, para vermos coroados a nossa constancia, e os nossos esforços pelo mais decisivo triumpho da Causa do bem amado da Nação, o Senhor **D. Miguel I. (isto he, o Senhor Doutor Miguel no primeiro andar, traduzido ao pé da letra)** firmando-se por uma vez a paz, e a ventura de 750\$ familias, de que se compõe este Reino.” O que se não póde haver dá-se pelo amor de Deos: mas ainda assim póde o Anonymo ter a certeza de que o Senhor D. PEDRO lhe ficou muito obrigado pela licença, que lhe dêo, e que por não ser pedida he mais para agradecer. O prognosticado triumpho foi sal, como era de esperar de quem tão avezado estava a triumphos; tinham-nos cantado, quando

chegou a Esquadra, que mandarão á Terceira; cantarão-nos em S. Miguel; cantarão-nos quando aqui entrou a Esquadra Franceza, devião canta-los tambem agora: he cousa notavel! **Mente constantemente, ou conte factos, ou faça profecias!** Pois a tal paz, e ventura? Tambem era de esperar, não tem dúvida, *ex digito gigas*; prezo com tantas arreatas escoucinho tanto, que faria em completa liberdade! Nem as estrellas lhe escapavam (p. 10-11).

[...] “Saiba, se ainda o ignora, que as forças, de que **seu Augusto irmão (mentira, elle chamava-se Miguel, não se chamava Augusto)** póde dispôr contra esse punhado de rebeldes, são maiores proporcionalmente do que as que dispôz a Russia para castigar a Polonia, e eu farei a demonstração por pena, e tinta a quem o duvidar.” Que tal era o punhado, que fez pôr em movimento quanto havia de Tropa de Linha; quanto havia de Milicias, e quanto existia de Tropa fandanga, chamada = Realistas =, o que tudo tanto parecia pouco, que se passárão Portarias aos Regedores de Fabricas de Olaria, para darem um contingente! Ou os Liberaes erão mais do que punhado, o que he facto, porque elles sempre constituem maior numero de que os Carcundas, ou elles tinham Protecção Divina, ou **os Carcundas erão muito cagarolas**, que de tanto terror deixarão apossar-se; nós pensámos que tudo isto existia promiscuamente. A promptificação para demonstrar por penna, e tinta, não he menos notavel; quem he tão forte em theoria, que será em prática? Talvez entenda que uma demonstração por penna, e tinta se reduz a escrever muita asneira, e então tinha-a feita, era desnecessario fatigar-se mais: ainda assim, parece que está de acordo connosco, porque não indica a sua residencia, ou lugar, aonde devião dirigir-se os curiosos (p. 11).

[...] e he, que os Carcundas são por linha recta descendentes de Judas, o Iscareoth. [...] “Saiba finalmente que os gulosos, que o cercão, hão de comer-lhe o dinheiro, e deixa-lo na lama.” **Comer dinheiro, absolutamente fallando, he huma metaphora muito dura; mas a querer-se della fazer uso, só póde ser applicada aos Carcundas**, que se o não comem, pelo menos o roubão; **deixar na lama, he outra metaphora muito porca, e igualmente mal applicada: só ficção carrapatos pela curtez de suas pernas, e Carcundas pelo pezo da boça** (p. 12).

[...] “Já se me figura ouvir o susurro de certas críticas pharisaicas de alguns genios melindrosos, a quem muito afflige o estilo, em que fallo do ex-Imperador do Brasil, apontando-me a mui respeitavel qualidade de ser irmão d'ElRei.” Pois figurou-se-lhe uma asneira; **o seu estilo se não fosse arrieiral, deixava de ser carcundal**, pelo que a ninguem affligio: e quanto á tal qualidade, ha muito que o Senhor D. PEDRO de

todo, e com toda a justiça a desprezou; lembra-la seria um crime; a razão, e a virtude desatão em taes casos os laços, que a Natureza deo; portanto figurou-se-lhe outra asneira, e o peor he que não ha de ser a ultima (p. 12-13).

[...] “Fallo de um inimigo de Sua Magestade, e de um inimigo, que já não trama em nosso damno a 2:000 legoas de distancia.” Ora eis-ahi o busillis; eis o porque o Anonymo estava tão escandecido, a pezar de todos os milhares, e milhares de paizanos, a pezar de toda a sua valentia; e em fim a pezar de todos os pezares: ora pois, para ao menos n’uma cousa ser coherente, visto que, segundo diz, **a sua pouca vergonha cresce na razão da maior proximidade, em que se encontra o Senhor D. PEDRO**, devia o Anonymo fazer outra advertencia politica agora que o mesmo Senhor está o mais perto possivel; mas para que me canço, se elle de certo me não ouve? **Já quando o Senhor D. PEDRO ainda estava tão longe escondeo elle o nome, a estas horas tem sem dúvida escondido o corpo, pela modestia de se poupar á condecoração de collar, que bem conhece ter merecido** (p. 13).

[...] “He finalmente bom que a Europa toda entenda que se o grande Guilherme de Nassau ameaça inundar a Hollanda, em extremo caso, soltos os diques á nossa vingança, não será ella menos rapida em produzir um resultado equivalente.” A Europa não o entendeo, nem mesmo o ouvio, porque voz de burro não chega ao Ceo. Felizmente que assim como nasceo com a mania de profetizar; nasceo com o condão de mentiroso; olhem se assim não fosse, um a inundar por um lado, outros por outro, que diluvio! Do ultimo escapou Noé, deste quem escaparia? Nem as cotovias. Por mais que me digão, **não só tem raça de Judas, mas tem costela de Hespanhol** (p. 13).

[...] “O Senhor D. Miguel he, e será Rei dos Portuguezes, ou Portugal deixará de existir.” Aqui temos esta ultima profecia traduzida em linguagem vulgar; mas como todas as profecias do Anonymo são tão sujeitas a alteração, e esta he de muita transcendencia, convem que seja em linguagem tambem vulgar enunciada, feitos todos os descontos; eis o a que ella se reduz = O Senhor Doutor Miguel não foi, não he, nem será Rei dos Portuguezes, e Portugal continuará a existir = a differença he pequena; porém o Anonymo assim como tem costas de camelo, tem estomago de ema.

Tal he em summa **o famoso Escripto, que foi preciso reimprimir**, prova incontestavel do apurado talento, e fino gosto carcundal, que lhe deo tanta extracção; ainda assim, advirta-se que forão desprezadas outras quasi innumeraveis sandices por sua pequenhez tão despreziveis, como a cabeça de avelã, que as deo á luz. Todavia, por que sou verdadeiro, e amigo de que a cada um se dêo que he seu, farei uma reflexão,

que ao mesmo tempo que reforça a minha opinião, he a unica, que póde ter lugar, não em favor do Escripto, mas do Anonymo, e vem a ser; que elle tanto conheceo a insufficiencia, e extravagante deformidade de seu filho, que apresentando-o em público, escondeo o seu nome, para não ser conhecido por pai de um tal mostrengo; máo grado á gloria, que a cambada carcundal lhe dispensaria, pela espontaneidade da offerta, e até porque com ella se lisongearia muito, sendo que tal cambada sómente se affeiçoa, e só ama tudo o que he Monstro.

FIM.

N.B. Desculpe-me quem alguma cousa notar com menos ordem; ainda estou a suar: vi-me mais soçobrado neste pélagos de sandices, do que um batel se vê no Cabo Tormentoso; mas em fim que me vi salvo, bem posso dizer com Horacio = ... *Me tabula, sacer,/ Votiva paries indicat uvida/ Suspendisse potenti,/ Vestimenta maris Deo* (p. 14).

[2ª PARTE]

Julgava-me eu salvo do tal **pélagos de sandices**, de que o Anonymo he formidavel Neptuno; suppunha-me até já com o pé em terra, e he então que sou acomettido por outro vendaval de burricadas (o = Ahi vem o Papão, segunda Parte)! Para em tudo ser inscio, dividio o Anonymo aquella droga purgativa em doses [...] Eu o confesso, por enojado me sinto sem animo; já porém que, sem que o sermão me fosse encomendado, metti mãos á obra, analysando a primeira Parte, não sería airoso que sendo o Anonymo incançavel em produzir, em tom de Escriptor, insulsissimas pilherias, e burricaes ineptias, tão de pressa cançasse eu em lhas notar; além de que, tendo notado as primeiras, deixar, sem o ter prevenido, passar ás segundas, pareceria suppôr estas de algum valor: por tanto ahi vai a analyse á segunda Parte; mas debalde virá com terceira, porque não estou para o aturar: a tudo, quanto posteriormente zurrou, applico o rifão = A palavras loucas, orelhas moucas = ou antes o bem conhecido dicto = *Vox burri non est audienda.* = (p. 1).

SEGUNDA PARTE.

“Os Liberaes mais esturrados, que ainda por ahi apparecem = rari nantes in gurgite vasto = dizem uns aos outros (olhando primeiro em torno, e abaixando a voz, se alguém se aproxima) DOM PEDRO [no original Ahi... sem versaletes] tem 4 náos rasas

(nome que eu nunca ouvi até 11 de Julho) 9 corvetas, e 16 transportes.” **Esturrado he termo de cozinheiro**; muita gente pensou vendo o seu primeiro escripto, que tal era a profissão do Anonymo; se tal he, e não tem outra habilidade, cozinhando tão bem, como escreve, tem de morrer com fome, porque nem a cozinheiro de frades póde aspirar. Quanto ao = rari nantes = quem lhe faria a caridade? Em sua casa não tinha de certo semelhante traste. [...] Finalmente o recato, com que os Liberaes fallavão no Senhor DOM PEDRO, e seus negocios, nada tem de singular; primeiro porque **segredo em Carcunda he cebo em nariz de cão**; e em segundo lugar, porque **Carcunda, patife, e denunciante são synonymos**; e como os tão seguros déspotas dominantes se affligião tanto, ouvindo fallar do Senhor DOM PEDRO, que disso fazião um crime, receavão os Liberaes ver-se agarrados por uma meia duzia de Janizaros, commandados por outro Miguel, o Alcaide. Mas não importa, tudo isto são bagatelas em comparação da citação a proposito do dia 11 de Julho, isto he, daquelle dia, em que **huma Esquadra Franceza entrou no Tejo para obrigar o Rei dos Carcundas a cantar a mais vergonhosa palinodia, e a publicamente demittir do seu serviço os servis, infames executores de suas ordens**, e a praticar toda a especie de indignidades: com que sal faz o Anonymo citações! tem graça a montes. A isto accrescenta a idéa de que até então ignorára o que era não rasa; mas isso he mui natural a quem ainda hoje de certo ignora qual he a sua mão direita (p. 2).

§. 6.

“Perdão, Leitor benigno.” Sim, senhor, **está perdoado, com a condição porém de desistir da dispensa, que obrepticamente conseguiu para levantar as mãos do chão** (p. 3).

§ 8.

“Os Estrangeiros nada tem que fazer com a nossa questão.” Decidio o Anonymo, tanto bastou para o caso ser ás avessas: os outros homens fundão suas decisões em seus conhecimentos; o Anonymo funda-as na sua ignorancia invencível; por isso decide com tanto acerto.

“Portugal une-se cada vez mais com o Rei, que tem.” He mentira; **o tal Rei, ou antes Bei**, he que se queria unir com Portugal: parece-me que estou vendo a união de um lobo com um cordeiro (p. 4).

“Terão os outros homens liberdade para destruir, e não a teremos nós para conservar?” Que força de argumento! [...] Com effeito tem toda a razão! terem os

Liberaes das outras Nações liberdade para destruir os Tyrannos, que lhas assolavão, e não a terem os Carcundas de Portugal para conservar o Tyranno, que o abysmava, he durissimo. Mas **valha-me Deos, senhor Anonymo, que lapso de penna foi esse? um Carcunda fallar em = liberdade! = e até exige-la! ipso facto incorreo em excommunhão** maior, dê-lhe a volta que quizer: uma de duas, ou estava doudo, o que eu de boamente creio, e então transeat: ou os carcundas sentem, contra o que dizem, o que eu tambem acredito, e querem liberdade exclusiva, e em tal caso devia dar-lhe outro nome por ex-licensiozidade. Mas, prescindindo disto, que resposta daria á mesma questão, enunciada pelos Liberaes deste modo = Terão os Carcundas liberdade para conservar o monstro, que nos devora, e não a teremos nós para delle nos descartarmos? (p. 4).

§ 9.

[...] “Digão os Rebeldes, a que ponto se dirigem. =” A dúvida era de certo bem posta; mas a solução tem muita affinidade com as razões de Cabo d’esquadra. Medo não tinham os Carcundas, mas sempre desejavão saber (como quem tira a sardinha com a mão do gato) em que lugar desembarcarião os Liberaes: estavam muito valentes, mas sempre receavão ver-se com elles a braço, e por isso procuravão evitar-lhe a entrada. Pois, meu rico senhor Anonymo, **se era verdade tudo quanto zurrou**, isto he, por uma parte, que os Liberaes erão, quando muito, 7:200, que estavam mortos com fome (o que nada admirava, ainda que assim fosse, pois que os Carcundas lhe havião roubado tudo); que não tinham dinheiro, nem partido interior, com que podessem ajudar-se, etc. etc. [...], que cuidado devia dar-lhe o desembarque dos Liberaes? [...] Para que em tal caso tanta bala de differentes côres, ardentes, e frias, tantos canhões, e tantas fortificações antigas, e modernas? e em fim um preparo, e arreganho militar, qual mostraria o Rei dos Bujagós, ou dos Mandingas, para receber o Exercito do Imperador da China, que tambem teria de passar pelo Mar? Ora, **se Bocage com tanta razão disse a José Agostinho de Macedo = Trovejas, enrouqueces, não commoves = eu posso com a mesma propriedade dizer ao Anonymo = Escoucinhas, e zurras, não assustas.**= Resolve questões em politica militar como qualquer sacristão resolve questões de Theologia (p. 5).

§ 10.

[...] podia muito bem ser que o tal **des Governo** tivesse tenção de com aquelle estupendo Exercito mandar, por seu turno, pedir satisfação das satisfações á Inglaterra, e á França [...] e tomem o pinhão á unha! não tem resposta [...] Além de que, nem de

transportes, ou combois necessaria; viajaria pela Europa com a mesma facilidade, com que uma boa parte dos seus membros tinha viajado, e andará viajando pelo pinhal da Azambuja. A tal temeridade, ou receio de ser temerario he muito notavel! não o fôra para escrevinhar tantas, e tão diversas cartas de ridiculas patifarias, e receava se-lo em examinar os altos, mysteriosos juizos de uma mão cheia de malvados, estupidos Quixotes, que se arrogára o nome de Governo (p. 6).

§ 11.

“Se ha por lá muita luz, mais queremos as nossas trévas, as nossas queridas trévas”. Tambem lhe dou razão nisto; **uma das especies de animalejos mais ascorosos (os morcegos), e as mais infestas classes de homens (os ladrões, e assassinos) nunca quizerão senão trévas; por isso os Carcundas, e os Apostolicos não podem deixar de as querer;** mas a luz da Razão as vai espancando por toda a parte, e deixando estes descobertos com as suas abominaveis maximas, assim como a luz domestica ás vezes descobre aquelles, ainda com gazuas, e facas na mão (p. 7).

§ 12.

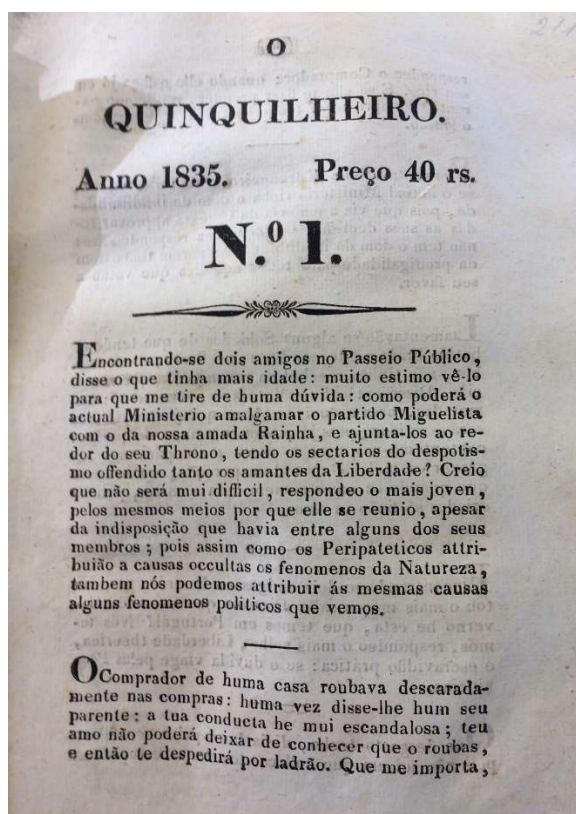
Que Escriptores teve tal partido! **um Redactor da *grizeta***, e um Anonymo com outros que taes, em Portugal, um Coitinho, e outros quejandos nos Paizes estrangeiros! que de burros deve ter dado ao dizimo!

[...] mas o que aqui ha de mais singular he a admiração, que causa o perdimento do Congresso das Necessidades, a quem he tão habil em demonstrações, e tão forte em predicções; porque em fim he mais difficil explicar o porvir, do que o passado: pois eu, sem me ter nessa conta, lhe dou em quatro palavras a razão sufficiente desse phenomeno, e as taes palavras são estas = Generosidade liberal, patifaria carcundal =; explicarei, para que melhor me entenda; **os Carcundas nunca cessarão de tramar, e os Liberaes nunca se resolvêrão a castigar;** e então devia o resultado ser infallivelmente contra estes, que ainda por segunda vez o experimentarão em 1828: **repetirão elles a mesma falta? Creio que não: porque já virão bem efficaamente que quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre.**

Ora adeos, senhor Anonymo, a alma lhe tenho eu analysado; bom será que por ahi haja hum curioso, que lhe analyse o corpo, que de certo vale a penna.

Lisboa: Na Imprensa Nacional. Anno 1833 (p. 8).

14. *O QUINQUILHEIRO* (excertos)²²⁵



O

QUINQUILHEIRO.

Anno 1835. Preço 40 rs.

N.º 1.

LISBOA: 1835

Na Imprensa de João Maria Rodrigues e Castro

Rua dos Fanqueiros N.º 129 B

N.º 1.

Encontrando-se dois amigos no Passeio Público, disse o que tinha mais idade: muito estimo vê-lo para que me tire huma dúvida: como poderá o actual Ministério amalgamar o partido Miguelista com o da nossa amada Rainha, e ajunta-los ao redor do seu Throno, tendo os sectarios do despotismo offendido tanto os amantes da Liberdade? Creio que não será mui difficil, respondeo o mais jovem, pelos mesmos meios por que

²²⁵ Manteve-se a ortografia e a pontuação originais. Os negritos são meus.

elle se reunio, apesar da indisposição que havia entre alguns dos seus membros; pois assim como os Peripateticos attribuião a **causas occultas** os phenomenos da Natureza, tambem nós podemos **attribuir ás mesmas causas alguns phenomenos politicos** que vemos (p. 1).

[...] Perguntava hum Estrangeiro a hum Portuguez, se o actual Ministerio tinha o dom da infallibilidade, pois que via a maioria da Camara approvar todas as suas decisões. O Portuguez respondeo-lhe: **não tem o dom da infallibilidade, porém tem o dom da prodigalidade para todos aquelles que votão a seu favor** (p. 2).

[...] Que desgosto tenho, dizia hum pai a seu filho; pois não sei em que collocar-te: tu es estúpido e mandrião; **se fosses sómente estúpido, eu te alcançaria algum emprego; para isso me serviria o ser rico**; mas como **tambem es mandrião** não te accomoda esse destino; porque os empregados agora bem ou mal sempre trabálhão. **Se não se tivessem supprimido as Ordens Religiosas, fazia-te Frade Bernardo**, e ahi estarias bem; mas por desgraça já não póde ser. Que importa, respondeo o Filho, que já não haja Frades, se **ainda ficárão Conegos, que he o melhor modo de vida para quem he estúpido, e mandrião** (p. 3).

[...] Perguntava hum Negociante novo a outro mais antigo, se sabía de algum genero de que houvesse escassez para o fazer vir. Então respondeo o outro: faça vir hum carregamento de **vergonha**, pois he cousa de que ha muita falta; mas advirto-lhe que póde ser não tenha sahida, por não ser genero de moda (p. 3).

[...] **Como poderei eu fazer fortuna em Portugal?** perguntava hum joven sahido ha pouco do Collegio a hum velho grande observador. **Fazendo quatro cousas, respondeo este, que são: adular, mentir, roubar, e repartir** (p. 4).

[...] Sempre estive persuadido que os Frades só devião dar conselhos no Confessionario em materias de consciência; porém agora vejo que tambem servem para da-los nos Conselhos d'Estado em assumptos politicos! (p. 5).

[...] Em huma Companhia brilhante **disse certo sugeito que muito se admirava de que houvessem tantos defensores do Poder, e tão poucos dos Povos**. Pois não deve admirar-se, respondeo huma Senhora, sabendo que **os Povos não dão empregos**.

[...] Disse huma Senhora velha a huma bella Joven sua amiga: não sei como já não está casada, sendo tão linda, e tão rica! He porque **estou resolvida a não me casar não sendo com hum verdadeiro Liberal, e por isso ainda não achei noivo** (p. 6).

[...] Encontrando-se hum sugeito, que ha pouco tinha vindo de Inglaterra com certo Deputado seu amigo, disse-lhe: eu **esperava vê-lo na opposição**. Pois esperava

mal, respondeo o Deputado, porque não **sou tão nescio que queira perder os meus empregos.**

[...] Sabe dizer-me quando sahirá a Lei prohibindo a accumulção de **empregos**? Essa Lei sahirá, quando se fizer hum Concilio, no qual os Padres se reformem a si mesmos.

Póde hum emprego/ Grande Portento/ Mudar os homens/ Em hum momento.//
Quantos ostentão Liberalismo,/ Sendo sectarios/ Do Servilismo.// A quantos d'estes/
Paga a Nação/ Que concorrêrão/ Para a traição.

Esse qu'altivo/ Lá vai correndo/ Na rica sege/ Bulha fazendo,// He hum Piloto/
De grão talento,/ **Qu'as velas muda/ Segundo o vento.**// Foi mesmo em Londres/
Qu'elle aprendeo/ A transformar-se/ Como Prothêo.

[...] Hum **emprego** faz os homens/ Mudarem d'opinião;/ Se isto faz hum só
emprego,/ **Muitos** juntos que farão? (p. 7).

N.º 2.

Muito me admira que tanto se falle, e escreva contra V. Ex.^a! dizia hum adulator a certa Personagem. Deixe-os, que se desafoguem; que em quanto elles me dão estocadas na sombra, eu lhas dou no corpo.

[...] Em huma **reunião de Voluntarios, que se alistárão nas Bandeiras da Liberdade, para destruir a usurpação, cheios de cicatrizes, e de miseria**, disse hum delles: He possivel que nos vejamos tão pobres, ao mesmo tempo que estão tão ricos alguns homens, que só obrárão por circumstancias! Nós, respondeo outro, **somos o retrato dos andaimes, que acabada a obra deitão-se ao chão, e pizão-se** (p. 1).

Passando duas Senhoras pelo Rocio disse huma: **olha, Mana, estão agora limpando o Thesouro por fóra!** He verdade, disse a outra; **mas o peor he que o tenham limpado tambem por dentro!** (p. 2-3).

Encontrando-se dois amigos na Ribeira-Nova, disse hum delles: como vai a nossa Liberdade? Alli tem o seu retrato, respondeo o outro, apontando para hum caranguejo (p. 3).

Perguntou hum amigo a outro: **como se observa a nossa Carta?** Ao que respondeo este: **do mesmo modo que os Frades observavam a Regra** (p. 3).

[...] Entre os Apostolos só houve hum máo, e esse enforcou-se; e entre os seus successores, que forão Pares na epocha de 1826, só houve hum bom; todos os mais imitarão Judas sendo traidores; porém nenhum o imitou enforcando-se! (p. 4).

[...] Em huma Sociedade disse hum Maganão de bom humor: como estamos na Quaresma, tempo de restituições, póde ser que alguns figurões restituão á Nação os empregos que indevidamente desfructão por não terem merecimentos, nem virtudes. Se affirma que não tem virtudes, respondeo huma Senhora, como quer que restituão? (p. 6).

[...] Qual he a maior das Tyrannias, perguntou hum filho a seu pai? he aquella, respondeo este, que se exerce disfarçada com a máscara Constitucional (p. 6).

[...] Encontrando-se dois Miguelistas, hum Paisano, outro Militar, perguntou o primeiro: como vão os seus negocios? Não tenho nenhuma esperança favoravel; pois bem sabe que andei ás ordens do Silveira em 1823, e por isso não serei despachado. Será, será, respondeo o Paisano, principalmente se requerer agora; não perca tempo, e achará protecção! (p. 6).

N.º 3.

Acaba de chegar de França hum grande sortimento de **adulação** da melhor qualidade; he da mesma que se usa no Palacio de Luiz Filippe; mas he util advertir que a nossa, de que ha abundancia, ainda que não he tão fina, produz os mesmos effeitos, e vende-se muito mais barata (p. 1).

[...] Com qual das Pastas ficará **o nosso Ministro da Marinha, e interino da Guerra**²²⁶? Com a da Marinha, por ser o ramo, em que tem maior instrucção, e a carreira, em que tem feito maiores progressos! (p. 1).

[...] Encontrando-se dois amigos, disse hum: comprei agora este traste, mostrando hum chapeo de sol; elle na verdade he mui util, pois de inverno serve para a chuva, de verão para o sol, e em todo o tempo para bengala. He certo, respondeo o outro, que he util, pois serve para tres cousas, e para todas serve bem; não he como alguns dos nossos Empregados, que, **tendo muitos empregos, não prestão para nenhum** (p. 2).

²²⁶ Na remodelação ministerial do governo presidido por Palmela, a 20 de Março de 1835, o conde de Vila Real passou acumular a pasta da Marinha, interinamente, com a da Guerra. Num debate parlamentar, travado a 24 de Março de 1835, Vila Real foi acusado pelo deputado oposicionista António Joaquim Barjona de ter servido às ordens dos Silveiras, em 1823. O deputado Rodrigo da Fonseca Magalhães saiu em defesa do ministro.

[...] Passando dois amigos pela rua dos Capellistas, disse hum delles apontando para o Escriptorio intitulado o **Tempo: passo aqui muitas vezes, e ainda não vi huma só pessoa comprando; muito devem perder os seus Redactores!** Engana-se, respondeo o outro, nada perdem, **antes ganhão bastante, porque trabálhão por conta de outros, que págão com generosidade a quem os serve.** (p. 3-4).

[...] Em outro tempo punhão-se os **Pasquins** de noite, e tiravão-se de dia; agora põem-se de dia, e só se tirão de noite: quanto póde a opinião pública!

Dizendo huma Senhora, que em sua casa se lião todos os **Periodicos**, perguntou-lhe hum Brasileiro: que tal he o *Tempo*? He de inverno, respondeo a Senhora! (p. 4).

[...] Amanhã hiremos visitar a tua Madrinha, disse huma Senhora a sua filha. Oh minha querida Mãi! evite-me esse desgosto! E porque temes ter desgosto visitando huma pessoa, que tanto te estima? Pois não se lembra (respondeo a filha) que na ultima vez que a visitámos **me fez ler a Revista, e o Periodico dos Pobres!** (p. 5).

[...] He hum princípio de Economia Politica, que quando o rendimento não chega para a despeza, he preciso, ou diminuir esta, ou augmentar aquelle; e ha circumstancias, nas quaes se necessita fazer huma, e outra cousa; porém **eu vejo que em Portugal tendo-se diminuido a receita, se tem augmentado a despeza. Qual será o resultado?** (p. 5).

[...] Nos Governos Representativos **o Poder Executivo he o braço do Corpo Politico, e por isso o Legislativo deve vigiar todas as suas operações** para ver se vão de acordo com a Constituição do Estado; e se não forem, usar dos meios que a Constituição lhe dá para evitar a ruina da Nação: **porém como se fará isto, quando a maioria da Camara Electiva he composta de homens dependentes do Governo?** Respondão os Eleitores! (p. 5).

[...] Vendo hum Pai que seu filho se hia acostumando a fazer com a mão esquerda, tudo que antes fazia com a direita, disse-lhe com enfado, **tu queres ser canhoto? Quero, sim, Senhor,** respondeo o Filho. E porque? **Porque vejo que a esquerda obra muito melhor que a direita** (p. 6).

[...] Hum honrado Voluntario, que defendendo a Liberdade tinha perdido huma perna, e recebido mais algumas feridas, disse a huns seus Camaradas, com quem estava conversando: **não posso ver sem indignação, que alguns homens, que nada fizerão, em tão pouco tempo tenham subido tanto,** e que eu me veja neste miseravel estado! Então rindo-se lhe respondeo hum dos seus amigos: **pois não sabe que quem tem duas pernas sobe mais depressa, que aquelle, que tem só huma!** (p. 6).

N.º 4.

Perguntando hum Provinciano onde se vendia o opio, respondeo-lhe hum pertendente: o opio fisico vende-se nas Boticas, e o opio politico dá-se nas Secretarias (p. 4).

[...] Se se attende ao estado miseravel da Nação, e ás grandes doações votadas pela maior parte dos nossos Representantes, facilmente se concederá que elles não só merecem o nome de Liberaes, mas até mesmo o de **prodigos!** (p. 4).

Juntando-se em hum Café varios amigos, disse hum delles, que acabava de chegar do Brazil: sabem dizer-me quando se principia a venda dos **Bens Nacionaes**? A dos Bens Nacionaes não sei (respondeo hum Voluntario); a da Nação já começou ha muito tempo!

[...] Em huma Sociedade disse hum amigo da Justiça, e inimigo dos aduladores: **muito honra o seu author o parecer do Sr. Luna²²⁷ na questão das doações²²⁸**, e deve sentir-se que não fosse aprovado; pois desse modo se faria justiça ao Exercito Libertador. **He certo que lhe dará muita honra (respondeo huma Senhora) mas não lhe dará proveito, e por isso teve tão poucos companheiros, que o seguissem** (p. 5).

[...] Chegado a Lisboa o Irmão de hum Deputado da Direita, disse-lhe muito enfadado: **não posso dissimular o meu sentimento por ver que tens defendido os interesses do Ministerio, e não os da Nação que te nomeou seu Representante.** Pois não sabe (respondeo o Irmão) que **eu sou empregado dependente do Governo, e que se obrasse de outro modo perderia os meus empregos! Os culpado forão os Eleitores**, que me puzerão na triste alternativa de ficar na miseria, ou de atraiçoar a minha Patria (p. 5).

Huma Senhora que tem hum filho no Pará disse a hum seu compadre, que desejava saber quaes erão os melhores **Periodicos** para os comprar, pois que seu filho lhos pedia. Ao que respondeo o compadre: **se elle gosta de adulação mande-lhe os Ministeriaes; porém se gosta da verdade mande-lhe os da Opposição** (p. 6).

[...] Entrando certo Negociante em hum Café, em que havia todos os **Periodicos**, disse ao criado, que o servia: traga-me o *Nacional*, ou a *Guarda Avançada*.

²²⁷ João Pedro Soares Luna (1792-1848), coronel do exército e deputado pelo Algarve. Figura respeitada da esquerda parlamentar, seria um destacado setembrista.

²²⁸ Em Abril de 1835, as Cortes aprovaram a doação de 100 contos de réis aos marechais Terceira e Saldanha e a Palmela, para serem realizados na compra de bens nacionais.

Ao que respondeo o criado: ambos se estão lendo; se quer eu lhe dou o *Tempo*. Não quero perder o meu, respondeo o Negociante.

[...] Em huma sociedade, disse hum homem dependente do Governo: **muito trabalharão os nossos Representantes agora no fim da Sessão**, e he certo que para fazer tantas cousas era preciso trabalhar depressa. **E tão depressa (respondeo huma Senhora) que a maior parte nem teve tempo para ver o que fazia!** (p. 7).

[...] Hum Medico furioso/ Á morte a Nação condemna;/ Se não bastar a catana,/ Acabará com a penna.//

Quem tem dez e gasta vinte/ A que estado ha de chegar?/ Ao de fazer banca rota,/ Quando não poder pagar.//

Para allívio das desgraças/ Do infeliz Portugal,/ Será remedio bastante/ A Moeda Decimal?//

Será de moda/ N'outras Nações/ Quando estão pobres/ Dar dotações? (p. 8).

N.º 5.

[...] Cedo sahirá á luz o **novo methodo de aprender a adular em poucas lições**: a grande utilidade desta preciosissima arte ninguem a póde ignorar em Portugal, vendo as brilhantes fortunas, que tem feito, e o papel que representam muitos figurões, sem terem outro merecimento, que o de possuirem esta arte (p. 2-3).

[...] Perguntando certo Tافل a huma Joven espirituosa, se nesta Quaresma tinha feito muitas penitencias: Bastantes (respondeo ella) pois minha Tia, que veio ser nossa hospeda, me pedia todos os dias, que lhe lesse os **Periodicos Ministeriaes** (p. 3).

O nosso Talleyrand Portuguez²²⁹ **he tão affeiçãoado aos Estrageiros, que nada quer Nacional, excepto os Bens!** (p. 3).

Perguntando huma Senhora a outra, a que se applicava o seu Filho, respondeo-lhe: de dia anda a cavallo, de noite vai ao Theatro. E a que carreira o destina? replicou a primeira. Á de **Empregado Público**, (disse a segunda), e para esse destino **não he preciso estudar; basta só ter protecção** (p. 4).

[...] Encontrando-se em hum Café certo sугeito com hum seu amigo Empregado dos antigos, perguntou-lhe se já tinha lido o *Nacional*, ou a *Guarda Avançada*. Eu não leio esses papeis, respondeo o amigo em voz alta, pizando-lhe o pé ao mesmo tempo.

²²⁹ Palmela, ministro dos Negócios Estrangeiros de Maio a Novembro de 1835, no governo presidido por Saldanha.

Sahirão juntos, e então disse o Empregado: **eu não me atrevo a ler esses interessantes Periodicos em público, porque temo que algum adulator o diga ao Ministro de quem dependo, e por isso me tire o emprego** (p. 4-5).

Chegando hum Senhora casada com hum Empregado (que desfructa quatro empregos) a casa de hum Modista Franceza, disse-lhe a sagaz Modista: ha já muito tempo, que não honra a minha casa; muitas saudades tinha de vê-la. Ao que respondeo a Senhora: em quanto durou a reunião das Cortes, asseguro-lhe que nem tinha alegria, nem me atrevia a fazer gastos superfluos, porque **temia que se fizesse a Lei prohibindo a accumulção de empregos, por que tanto instavão esses Senhores da esquerda** (p. 5).

[...] Os grandes homens d'Estado sempre julgárão que a enorme dívida de Inglaterra será a principal causa da sua ruina: os nossos querem fazer acreditar que a grande **dívida** de Portugal fará a sua grandeza! (p. 7).

Com a Musica hum Bomtempo/ Os seus ouvintes encanta;/ Com a penna hum *Tempo* máo/ Os seus Leitores espanta, //

Meu Mestre, não faça barbas,/ Metta-se a Periodiqueiro;/ Pois onde escreve a *Revista*,/ Póde escrever hum Barbeiro.

N.º 6.

[...] Porque motivo não se farão em Portugal **Figurinos**, como se fazem em França? He porque a mania em Portugal he de fazer **Figurões**, e se fazem com mais facilidade, que os Figurinos em França (p. 2).

[...] Passando dois amigos por hum taberna, e vendo a casa cheia de gente, disse hum delles: **aqui deve vender-se bom vinho, pois que tem tanto concurso! Ao que respondeo o outro: o motivo da grande venda não he a boa qualidade do genero, he a sua barateza.** Então (replicou o primeiro) **he como o Periodico dos Pobres, que se vende por ser barato** (p. 3-4).

[...] Fallando-se em hum sociedade da mudança do Ministerio, disse hum Senhora: he certo que acabou o *Tempo*? Ao que respondeo outra: he certo, e acabou variando (p. 4).

[...] Indo certo Tافل a casa do seu Alfaiate para que lhe fizesse humas **calças** com a maior brevidade, respondeo-lhe o Mestre: **isso agora he impossivel,**

porque todos os meus officiaes estão occupados em voltar casacas, depois que se mudou o Ministerio (p. 5).

[...] Visitando hum Negociante chegado do Brazil a outro seu antigo amigo, reparou que em todas as salas havia magnificos **retratos da Justiça**, e então disse-lhe: reparo que tenha tantos retratos desta admiravel virtude, sem a qual os homens não podem ser felizes. Eu penso do mesmo modo, (respondeo o amigo) e por isso já que por desgraça não tenho até agora podido ver o original, contento-me com admirar os seus retratos (p. 5).

[...] Encontrando-se a mulher de hum empregado com hum sua Prima disse-lhe muito afflicta: que mudança, minha Prima, que mudança! Pois muda-se de casa? respondeo a Prima; he certo que he coisa mui trabalhosa. **A mudança de que fallo (disse a primeira) he a do Ministerio; pois talvez por ella perca meu Marido o emprego.** Parece-me (disse a segunda) que **não deve temer; pois os novos Ministros tem boa reputação, e obrarão com justiça.** Eis ahi o que eu temo (replicou a primeira); pois **se se administrar justiça meu Marido e outros muitos, que forão empregados sómente por protecção, de certo perderão os seus emprego** (p. 5-6).

[...] Passando dois amigos pela rua nova do Almada virão huma Tableta, que dizia: Exposição de quadros vindos de Roma. Disse então hum delles: pode ser que a esta hora tambem se estejam mostrando em outros Paizes alguns dos que pertencião aos nossos antigos **Conventos!** (p. 6).

Em hum reunião de Senhoras, disse hum já idosa: **como se apresentarão diante dos Ministros que forão da opposição aquelles homens que tanto fallarão e escrevêrão contra elles?** Eu lho digo (respondeo outra de poucos annos) **apresentar-se-hão baixando a cabeça, dobrando o joelho, e estendendo a mão!** (p. 6).

Vendo hum cão ladrando á Lua,/ Disse hum Velho maganão:/ Alli temos a Revista/ Atacando a opposição!//

Hum bom murro dado a tempo,/ Em paga d'huma insolencia,/ Aproveita a quem o leva,/ Posto seja hum Excellencia.//

Pois em quanto se lembrar/ D'esta importante lição,/ Conhecerá que não deve/ Insultar hum Cidadão.//

Quiz retratar a Maldade/ Hum excellente Pintor,/ Não vacillou hum instante/ Pintou hum adulator (p. 7).

